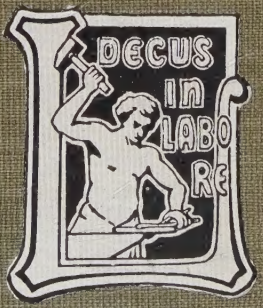
OBRAS PRIMAS da LITTERATURA PORTUGUEZA

SERMÕES

DO

Padre ANTONIO VIEIRA



OBRAS COMPLETAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

—

SERMÕES

SERMÕES

VOLUME XV

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira.
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.

ALMA COLLEGE
252
LIBRARY
V673
Alma, California

ALMA COLLEGE
LIBRARY
Alma, California

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
RUA DAS CARMELITAS, 144
1909

9117

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina americana
((MERGENTHALER))

SERMÃO

GRATULATORIO E PANEGYRICO*

PRÉGADO NA MANHÃ DE DIA DE REIS

Sendo presente com toda a Côrte o principe nosso senhor ao Te Deum Laudamus, que se cantou na Capella Real em acção de graças pelo felicissimo nascimento da princeza primogenita, de que Deus fez mercê a estes Reinos na madrugada do mesmo dia do anno de 1669.

Te Deum laudamus, te Dominum confitemur: te æternum Patrem omnis terra veneratur.

I

A dois coros de louvores divinos (muito alto, e muito poderoso principe, e neste dia felicissimo senhor nosso): a dois coros de louvores divinos, divididos em alternadas vozes, mas concordes em reciproca harmonia, cantam hoje a Deus este hymno de acção de graças, no céu os Anjos, e na terra os homens. A parte que toca ao côro dos homens, é o verso que propuz: a que pertence ao côro dos Anjos, é a que continúa no verso que se segue: *Tibi omnes angeli, tibi cœli, et universæ potestates.* Este côro celestial e angelico, que nós não podemos ouvir, nem acompanhar, ficará (pois Deus assim o quiz) para os nossos gloriosissimos reis D. João, e D. Luiza, que estão no céu; cuja gloria accidental considero eu hoje mui crescida no felicissimo nascimento da primogenita de seus netos, novas, e se-

---

* N'esta celebre oração gratulatoria, commenta Honorati, que seria quasi improvisada, temos o mais claro argumento da prodigiosa eloquencia do grande orador.

gundas primicias de sua real descendencia. Sendo certo (como piamente devemos crêr) que lá desde esse throno de maior magestade, onde reinam, estão nesta mesma hora lançando mil bençãos sobre a recem-nascida infante, melhores e mais efficazes que as de Jacob, sobre o primogenito de seus netos, o venturoso Efraïm. [1] No céu ainda não tenho averiguado se se consentem saudades: mas assim como a sepultura é a terra do esquecimento, assim o céu é a patria da memoria e das lembranças. A morte, ainda que esfria o sangue, não acaba os parentescos; nem a differença da vida faz mudança nas obrigações do amôr. Sonhou José em sua primeira edade, que o sol, a lua, e onze estrellas o adoravam: [2] o sol era seu pae Jacob, a lua era Rachel sua mãe, as onze estrellas de maior e menor grandeza, eram os seus onze irmãos, desde Ruben a Benjamin. Cumpriu-se a verdade da prophecia, quando reinando José no Egypto, o adoraram seus irmãos e seu pae; mas não o adorou sua mãe; porque já era morta Rachel. Pois se Rachel era morta, e não adorou a José com os demais; como viu José que sua mãe o adorava? [3] Porque ainda que o não adorou nesta vida, adorou-o na outra: ainda que o não adorou no Egypto onde José estava, adorou-o lá desde o seio de Abrahão (que era a bemaventurança daquelles tempos) aonde estava Rachel. Rachel tambem na outra vida é mãe; Jacob tambem na outra vida é pae. E como a morte não tem jurisdição nas almas, lá amam os paes, e de lá adoram aos filhos; lá se gosam de seus bens, lá se alegram com suas felicidades. Renovam-se mais em similhantes occasiões as saudades e memorias dos nossos bons reis; e dizemos com sentimento: Oh se viveram ainda hoje (como poderam ser vivos), que gloria seria a sua em tão formoso dia, vendo as felicidades do filho e neta, do reino e vassallos, que tanto amaram! Mas o engano piedoso desta nossa consideração, mais necessita de fé, que de allivio. Demos o parabem a nossos reis, não lhes tenhamos lastima. De

---

1 *Gen.*, XXVIII.

2 *Gen.*, XXVII.

3 Chrysol. Serm. 121. Vide Maldon. ad illud Luc. 23. *Hodie mecum eris in paradiso.*

lá estão vendo melhor o que nós vêmos: de lá estão gosando melhor o que nós gosamos: e lá estão louvando e dando graças a Deus, entre o côro do céu, muito melhor, e mais altamente, do que nós o saberemos fazer neste nosso da terra.

O verso que pertence a este côro, é o que propuz: *Te Deum laudamus, te Dominum confitemur: te æternum Patrem omnis terra veneratur.* As palavras são muito communs para dia tão particular; e para assumpto tão subido muito vulgares. Mas se o artifice não estivera tão esquecido do exercicio e da arte, sobre alicerces toscos, bem se póde levantar alto e lustroso edificio: sobre a pedra fundamental delle, que é: *Te Deum laudamus*, determino perguntar ou ponderar tres coisas: Quem louva? A quem louva? E porque louva? Quem louva, somos nós, e toda a terra: nós: *Laudamus:* toda a terra: *Omnis terra veneratur.* A quem louva, é Deus em quanto Deus, e em quanto Senhor: em quanto Deus: *Te Deum:* em quanto Senhor: *Te Dominum.* O porque louva, é, porque o Eterno Padre, em quanto Pae, fez hoje pae ao nosso principe; e em quanto Eterno, o começa tambem a fazer eterno: *Te Æternum Patrem.* Não diz mais o cantochão das palavras; nem eu sei dizer mais do que ellas dizem. O concurso do Evangelho e do mysterio, em dia tão singular, nada desdizem da presente acção de graças, antes a ajudam e acompanham. O Evangelho diz, que offereceram os reis ao Rei nascido, oiro, incenso, e myrha: *Obtulerunt ei aurum, thus, et myrrham.* [1] E o mysterio foi, que no incenso reconheciam a Christo como Deus; no oiro como Senhor; na myrrha como mortal: *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem*, diz S. Gregorio Papa. [2] Se offerecem adorações de incenso, como a Deus: *Te Deum laudamus:* se offerecem tributos de oiro, como a Senhor: *Te Dominum confitemur:* se offerecem myrrha de mortalidade, como a mortal, ao que é immortal e eterno: *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur.* Vamos ao que promettemos.

---

[1] *Math.*, II.
[2] Greg. Homil. 10 in Math.

II

Começando pela primeira pergunta: quem louva? Digo, ou torno a dizer, que louvamos nós, e toda a terra. E toda a terra? Parece que esta voz vem fóra do nosso côro: que louvemos nós: *Laudamus*, muita razão é; mas toda a terra: *Omnis terra veneratur*? Porque? Que obrigação tem toda a terra á primogenita de Portugal, para vir dar graças a Deus pelo seu nascimento? Se Portugal não conhece esta obrigação, não se conhece: toda a terra tem a mesma obrigação de Portugal, porque Portugal é toda a terra. Portugal quanto ao reino, é parte de uma parte da terra na Europa: mas Portugal quanto á monarchia, é um todo composto de todas as quatro partes da terra, na Europa, na Africa, na Asia, na America. Fazer esta demonstração com os compassos geometricos em um mappa, ou esphera do mundo, é muito facil: mas eu hei-a de fazer nas Escripturas Sagradas, porque parece difficultoso; e para que saibamos os portuguezes quantas obrigações devemos a Deus, e quão antigas.

Desafogado o mundo das aguas do diluvio: erma, e despovoada toda a terra, dividiu-a Noé em tres partes, e repartiu-as entre os tres filhos, que com elle se salvaram na arca: uma parte deu-a a Sem, que era o primogenito; outra a Cham, que era o segundo; e a terceira a Japhet, que era o ultimo: [1] grande é na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos: tem Deus por brazão e honra de sua justiça, fazer dos primeiros ultimos; e de sua grandeza, fazer dos ultimos primeiros. [2] Assim succedeu a Japhet: lançou-lhe a benção seu pae Noé, e disse desta maneira: *Dilatet Deus Japhet:* Filho meu Japhet, Deus te dê a ventura conforme o nome. O teu nome de Japhet, quer dizer: *Dilatatio*, dilatação; e tal será a tua benção: porque Deus te dilatará tão estendidamente por toda a terra, que não só lograrás a parte que coube na tua repar-

[1] Genes. IX. Vide S. Amb. de Noë et Arca. Cap. 33.
[2] Principe D. Pedro, filho ultimo d'el-rei D. João.

tição, senão tambem a de teus irmãos: dominarás as terras de Cham, e habitarás as de Sem: *Dilatet Deus Japhet, et habitet in tabernaculis Sem: sit servus ejus Chanaan.* Pois se Cham havia de possuir só a sua parte da terra, e não a de Japhet, nem a de Sem: e se assim mesmo Sem havia de possuir só a sua parte, e não a de Cham, nem a de Japhet; porque razão Japhet havia de possuir a sua, e mais habitar a de Sem, e dominar a de Cham, e por consequencia toda a terra? Porque o primeiro era repartição, o segundo foi benção: o primeiro era distribuição da justiça, o segundo foi favor e privilegio da Providencia. Olhou a Divina Providencia para Japhet com olhos tão benignos e liberaes, que limitando a seus irmãos certas e determinadas partes da terra, a elle só o quiz estender e dilatar por todas as partes della, sem termo nem limite: *Dilatet Deus Japhet.*

Bem está: mas sobre quem cahiu esta benção de Noé? Quem logrou esta promessa feita a Japhet? E em quem se cumpriu a grandeza de toda esta prophecia? Cumpriu-se no primeiro portuguez que houve no mundo, e na sua descendencia, que somos nós. [1] O primeiro portuguez que houve no mundo foi Tubal: sua memoria se conserva ainda hoje, não longe da foz do nosso Tejo, na povoação primeira, que fundou com nome de *Cætus Tubal*, e com pouca corrupção, Setubal. Este Tubal, este primeiro portuguez (como se lê no Cap. 10 do *Genesis*) foi filho quinto de Japhet (que tambem é boa a fortuna dos filhos quintos): *Filii Japhet, Gomer, et Magog, et Madai, et Javan, et Tubal.* [2] E finalmente neste filho quinto de Japhet, neste primeiro portuguez, neste Tubal, se verificou a benção de seu avô Noé, e se cumpriu a prophecia e promessas feitas a seu pae Japhet; porque só os portuguezes, filhos, descendentes e successores de Tubal, são e foram (sem controversia) aquelles que por meio de suas prodigiosas navegações e conquistas, com o astrolabio em uma mão, e a espada na outra, se estenderam e dilataram por todas as quatro partes do immenso globo da terra. Portuguezes na Europa, portuguezes na Afri-

---

[1] Faria, Epit. par. 1. cap. 1. Brito, et alii.
[2] Principe D. Pedro filho quinto.

ca, portuguezes na Asia, portuguezes na America: e em todas estas quatro partes do mundo, com portos, com fortalezas, com cidades, com provincias, com reinos, e com tantas nações e reis tributarios. Houve algum filho de Noé, houve alguma nação outra nas edades, por bellicosa e numerosa que fosse, e celebrada nas trombetas da fama, que se dilatasse e estendesse tanto por toda as quatro partes da terra? Nenhuma. Nem os Assyrios, nem os Persas, nem os Gregos, nem os Romanos. E porque? Porque esta benção, esta herança, este morgado, este patrimonio, era só devido aos Portuguezes, por legitima successão de paes e avós; derivado seu direito de Noé a Japhet, de Japhet a Tubal, de Tubal a nós, que somos seus descendentes e successores.

Não posso deixar de confirmar esta benção ou doação (porque me não ponham pleito) com uma escriptura publica, e tambem sagrada. Os Patriarchas antigos, como eram allumiados com espiritos de prophecia, punham a seus filhos taes nomes, que nelles significavam a boa ou má fortuna sua, e de seus descendentes. [1] Assim o fez Adão nos nomes de Caïn, e Abel: assim Jacob nos nomes de José, e Benjamin: assim José nos nomes de Ephraïn e Manassés. Seguindo este estylo Japhet, houve de pôr nome áquelle seu filho quinto, e chamou-lhe Tubal. Mas que quer dizer Tubal? Prodigioso caso! Tubal, como dizem todos os Interpretes daquella primeira lingua (que era a hebraica) quer dizer: *Orbis, et mundanus:* Homem de todo o mundo; homem de todo o orbe; homem de toda a redondeza da terra. Pois de todo o mundo, de todo o orbe, de toda a redondeza da terra um homem? Sim: porque este homem era o primeiro fundador de Portugal, era o primeiro portuguez, era o primeiro pae dos portuguezes: aquelles homens notaveis, que não haviam de ser habitadores de uma só terra, de um só reino, de uma só provincia, como os outros homens: senão de todo o mundo, de todo o orbe, de todas as quatro partes da terra. E assim como o romano se cha-

[1] Constat ex toto lib. Genesis. Ambr. Theod. et alii. De benedict. Patriarc. Euseb. 10. de præparat 2. Hieron. Damasc. August. Euch. Abul. Genebr. Belarm. Oleastr. Sanct. Pag, et alii.

ma romano, porque é de Roma; e o grego se chama grego, porque é de Grecia; e o allemão, porque é de Allemanha, assim o portuguez se chama *Mundanus*, porque é de todo o mundo, e se chama *Orbis*, porque é de toda a redondeza da terra. E como toda a terra é sinonymo de Portugal, e os portuguezes são parte dominadores, parte habitadores de toda a terra; por isso no dia felicissimo em que o principe e côrte de Portugal, em nome e representação de toda a monarchia, vêm louvar e agradecer a Deus solemnemente o feliz nascimento da sua primogenita, razão é, e obrigação, que á mesma acção de graças venha e concorra tambem toda a terra. Vimos nós, vimos todos os portuguezes louvar a Deus: *Laudamus?* Pois venha tambem comnosco toda a terra veneral-o: *Omnis terra veneratur.*

No nascimento de Christo, quando o vieram adorar hoje os Reis do Oriente, cada um dos reis representava uma parte do mundo. O mundo naquelle tempo constava só de tres partes; porque ainda os portuguezes lhe não tinham accrescentado e descoberto a quarta. Esse é o mysterio, porque os reis foram sómente tres. O primeiro sceptro representava a soberania da Asia, a segunda purpura a potencia da Africa, a terceira corôa a magestade da Europa: *Tres Magi tres partes mundi significant, Asiam, Africam, Europam*, disse o veneravel Beda, S. Thomaz e Ruperto. [1] De maneira, que no nascimento de Christo, quando o mundo o vem adorar, um rei representa uma parte do mundo: mas no nascimento da nossa primogenita, quando Portugal vem adorar ao mesmo Christo, um só principe representa todas as quatro partes. Mais tem hoje Christo a seus pés em um sceptro, do que teve naquelle dia em tres corôas. Se nesta madrugada houvesse de despachar Portugal correios de luz a levar a feliz nova por toda a monarchia, não havia de ir uma só estrella, senão quatro estrellas; uma estrella para o Oriente á Asia, outra estrella para o Occidente á America; outra estrella para o Septentrião á Europa, outra estrella para o Meio-Dia á Africa. Oh que formosas estrellas! Oh que alegres e festejadas novas para aquelles fidelissi-

[1] Bed. hic. Rupert. lib. 2. in Math. D. Th. in Catena.

mos vassallos, tão amantes do seu reino, e do seu rei, espalhados por toda a terra! Mas pois as estrellas não vão, nem elles podem vir tão depressa, vem em nome de todos elles, e como cabeça de todos, o nosso monarcha em presença, com toda a sua côrte, para que todos louvemos a Deus: *Laudamus:* e em representação, com toda a terra (em que tanta parte é sua), para que toda o venere: *Omnis terra veneratur.*

III

Temos satisfeito á primeira pergunta, e já sabemos quem louva. Segue-se a segunda: A quem louva? Digo, que louva Portugal, e louva toda a terra a Deus em quanto Deus, e a Deus em quanto Senhor: em quanto Deus, *Te Deum:* em quanto Senhor, *Te Dominum.* Deus, é nome de liberalidade; Senhor, é nome de poder: chama-se Senhor, porque póde; e chama-se Deus, porque dá. E por isso louvamos a Deus, em quanto Deus, e em quanto Senhor, neste dia em que deu successão a nossos principes; porque lhes deu Deus, o que só Deus póde dar.

Carecia Rachel de filhos, e era esta dôr para ella a maior de todas as dôres, como verdadeiramente e. [1] Todos os Prophetas nas suas comminações, quando querem encarecer muito uma grande dôr, chamam-lhe dôr de parto. David: *Ibi dolores ut parturientis.* [2] Isaias: *Quasi parturiens, dolebunt.* [3] Jeremias: *Dolores ut parturientem.* [4] Mas posto que a dôr do parto seja tão encarecida nas Sagradas Lettras, ainda ha outra dôr maior. E qual é? A dôr de não ter essa dôr; a dôr de não ter filhos. A dôr de parto é dôr da mãe; a dôr de não ter filhos, é dôr da mãe, e mais do pae, ou dos que o desejam ser, e não são. A dôr do parto, é dôr de uma hora; a dôr de não ter filhos, é dôr de toda a vida: antes na mesma morte é maior

---

1 *Gen.*, L.
2 *Psalm.* VIII.
3 *Isai.*, XIII.
4 *Jer.*, IX.

dôr; porque hão de deixar por força os bens, e não teem a quem os deixem. A dôr do parto, como ponderou Christo, é dôr que se converte em alegria: a dôr de não ter filhos, é dôr sem consolação, sem allivio, sem remedio. [1] Finalmente, a dôr do parto, é dôr com que póde a vida; a dôr de não ter filhos, é dôr que mata. Estes são os termos por onde Rachel explicou a sua dôr: *Da mihi liberos, alioquin moriar.* Jacob, dae-me filhos, senão hei de morrer. Que responderia Jacob? *Nunquid pro Deo ego sum?* [2] Rachel, sou eu por ventura Deus? Discreta resposta! De maneira que Rachel diz a Jacob, que lhe dê filhos; e Jacob responde a Rachel, que não é Deus. Como se dissera Jacob: Dizeis-me que vos dê filhos, porque desejaes ser mãe, e eu digo-vos, que não sou Deus, porque só Deus os póde dar: só Deus os póde dar, porque é Senhor; e só Deus os dá, quando é servido, porque é Deus. Para ter filhos, não basta só Jacob e Rachel; é necessario Jacob, Rachel, e mais Deus. E' verdade que Deus não dá filhos sem Jacob e Rachel; que por isso instituiu o vinculo sagrado do matrimonio; mas tambem é verdade, que Jacob e Rachel sem Deus, não podem ter filhos; porque reservou Deus só para si esse poder como Senhor: *Te Dominum;* e reservou só para si essa data, como Deus: *Te Deum.* E quando Deus concede hoje ao nosso principe, o que negou a Jacob; e á nossa princeza, o que negou a Rachel, razão e obrigação temos de lhe render infinitas graças, de o louvar como Deus, *Te Deum laudamus,* e de o confessar como Senhor, *Te Dominum confitemur.*

Grandes mercês de sua liberalidade, em quanto Deus, grandes e maravilhosos favores de seu poder, em quanto Senhor, tinha Deus feito aos nossos principes e ao nosso reino até este dia: mas é tanto maior mercê, e tanto mais relevante favor, o que hoje nos fez na successão que lhes deu, que em comparação deste soberano beneficio, em todas essas mercês, sem esta, nenhuma coisa lhes tinha dado; e em todos esses

---

[1] *Joan.*, XVI.

[2] *Gen.*, XXX. *Nunquid Deus ego sum, aut vice, et parte Dei fungor?* Cornel. hic.

favores, e outros ainda maiores, sem este, nenhuma coisa lhes podia dar. Parece que digo muito: se o não provar, não me cream.

Appareceu Deus a Abrahão, satisfeito do bem que o serviu, e disse-lhe: *Ego protector tuus, et merces tua magna nimis.* [1] Eu desde este dia te tomo debaixo de minha protecção e sabe que te hei de fazer grandes mercês. Mercês a mim? (respondeu Abrahão) *Domine Deus, quid dabis mihi?* Deus e Senhor meu, que tendes vós que me dar a mim, ou que podeis dar-me? Esta é a energia litteral das palavras. Porém eu hei de mostrar a Abrahão, que se implicou nellas. Nas primeiras palavras, *Domine Deus*, confessaes, que é Senhor e Deus: nas segundas, *Quid dabis mihi*, dizeis que não tem que vos poder dar? Se não tem que vos poder dar, não é Senhor e Deus; e se é Senhor e Deus, dar-vos-ha como Deus, o que póde como Senhor. Mas não argumentemos de possivel, senão *de facto*. Sabeis, Abrahão, o que vos póde dar Deus? Póde-vos dar tudo o que vos deu. Deus deu a Abrahão grandes riquezas, deu-lhe prodigiosas victorias, deu-lhe honra, deu-lhe fama, e sobre tudo, deu-lhe a Terra de Promissão, e a corôa de Israël, que era uma monarchia de doze reinos. Pois se Deus vos deu tanto, e vos póde dar muito mais, como dizeis a Deus: Senhor, que me haveis de dar? Ou, que podeis dar-me? O mesmo Abrahão se explicou, e me explicou: *Domine Deus, quid dabis mihi? Ego vado absque liberis.* [2] Deus e Senhor meu, que me haveis vós de dar? Ou, que me podeis dar, se eu não tenho filhos? Quando Deus fez aquella promessa a Abrahão, Abrahão não tinha filhos, nem esperanças de os ter, porque Sara era de noventa annos, e elle ainda mais velho: e por isso diz resolutamente a Deus, que não tem que lhe dar; porque tudo o que Deus dá, ou póde dar nesta vida, se não deu filhos, é como se o não dera. E porque? Porque o que se me dá a mim para outrem, não se me dá a mim. Esta é a emphase e alma daquelle *mihi;* conheço, que sois Senhor no poder, e que sois Deus na liberalidade; mas *mihi?* A mim, que não tenho filhos? *Mihi?* A

[1] *Gen.*, XV.
[2] *Ibid.*, XVII.

mim que nem esperança tenho de os ter? [1] Nenhuma coisa me póde dar vossa liberalidade; nenhuma coisa tem que me dar vosso poder; porque tudo quanto me derdes a mim, não é para mim, senão para os estranhos, que o hão de lograr: e isso é dal-o a elles, e não a mim. Se vós, Senhor, me tivereis dado filhos, podereis-me dar muito, mas como não me fizestes em seu tempo esta mercê, já agora por minha incapacidade, não tendes que me dar; porque nos filhos, que me negastes, me tendes já tirado quanto me derdes.

Eis aqui, Portugal, porque eu digo, que se Deus nos não dera successão, por mais mercês que nos tenha feito, nenhuma coisa nos tinha feito; nenhuma coisa nos tinha dado, nem tinha que nos dar. Seja prova desta pura verdade a memoria do tempo passado. Tirou-nos Deus o reino por tantos annos: tirou-nos o imperio, a soberania, a liberdade: o imperio trocou-se em sujeição, a soberania em vassallagem, a liberdade em captiveiro. E quando nos tirou Deus tudo isto? Quando nos deu um rei sem successão: se o rei naquella infeliz batalha tivera successor, perdera-se o rei, mas não se perdera o reino: mas porque Deus, por nossos peccados, queria tirar ao rei e ao reino tudo o que lhe tinha dado, por isso lhe não deu successão. Não podéra agora succeder o mesmo? Não podéra ser um irmão, como outro irmão? Sim podéra. E nesse caso, em todas as mercês que Deus nos fez, nenhuma coisa nos tinha feito; e em todas as felicidades que nos deu, nenhuma coisa nos tinha dado, antes poderamos dizer com Abrahão, que nem tinha que nos dar: *Domine Deus, quid dabis mihi? Ego vadò absque liberis.*

Alegremos o discurso, que parece ia sendo triste para dia tão de festa. Vêde o que digo agora. Assim como Deus, se não dera successão, não tinha que nos dar, assim hoje, que nos tem dado successão, já não temos que lhe pedir. O maior auge, que se póde imaginar de fortuna, é chegar um rei e um reino a taes circumstancias de felicidade, que não tenha mais que pedir a Deus: e tal é o ponto altissimo em que hoje se

---

[1] *Quid dabis mihi? quæ merces ista tua homini cui prolem denegas?* Ben. Terd. hic.

vê Portugal e seu principe. O fiador deste segundo pensamento é tão abonado, como o do primeiro.

Mandou Deus recontar a David, por bocca do propheta Nathan, as mercês que lhe tinha feito, e notificar-lhe tambem, as que de novo lhe determinava fazer: e todas se reduziam a estas tres. A primeira, que sendo filho ultimo da casa de seus paes, o puzera no throno real de Israël, de que tinha privado a El-rei Saül, e o confirmaria nelle: *Thronus tuus erit firmus jugiter: misericordiam autem meam non auferam ab illo, sicut abstuli à Saul.* [1] A segunda, que assim como lhe tinha dado maravilhosas victorias, lhe daria tambem paz universal com todos seus inimigos: *Omnes inimicos interfeci à facie tua; et requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis.* A terceira, que lhe daria filho herdeiro, que succedesse em sua casa, para que o mesmo sceptro se perpetuasse por longos annos na sua descendencia: *Suscitabo semen tuum post te, quod egredietur de utero tuo: et firmabo regnum ejus.* Ouvida, David, esta tão grandiosa relação, como principe tão pio e religioso que era, fez o que faz hoje o nosso principe. Vae-se á Capella Real (porque naquelle tempo, como notou Abulense, estava a Arca do Testamento em palacio, em um logar separado e consagrado a Deus), [2] prostrar-se diante do divino Propiciatorio, e depois de confessar com humilde reconhecimento as mercês que da mão de Deus tinha recebido, chegando á do filho successor, disse assim: *Sed et hoc parum visum est in conspectu tuo, nisi loquereris de domo servi tui in longinquum: ista est enim lex Adam, Domine Deus.* E como se foram poucas nos olhos de vossa divina liberalidade as mercês tantas e tão grandes que me tendes feito, Senhor, ainda sobre todas ellas, fostes servido de me dar successor e herdeiro, em que minha casa se conserve e perpetue: porque esta é a unica consolação daquella dura lei da mortalidade, com que os filhos de Adão nascemos. *Quid ergo* (ouvi agora a consequencia e conclusão de David), *quid ergo*

[1] 2.º Livr. dos Reis, VII.

[2] Abulens. hic. q. 11. *Ut daret gratiarum actiones Deo, introivit in domum, ubi erat Arca, quia illa erat in quodam loco segregato domus suæ.*

addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te? Depois desta ultima mercê que me fizestes, Senhor, já David não tem que vos pedir. Notavel dizer de um homem, rei e santo! E onde está, David, aquelle *Domine Deus*, que agora acabaste de confessar? E' Senhor; e já não tem que pedir o servo ao omnipotente Senhor? E' Deus; e já não tem que pedir a creatura ao infinito Deus? Nesta vida não, diz David. Não falla dos bens da graça como santo; falla dos bens da fortuna, como rei: e destes achou David, que já não tinha nesta vida que pedir a Deus: *Quasi diceret:* (commenta o mesmo Abulense) *cùm tanta bona mihi dederis atque promiseris, nihil manet, quod ego petere possim.* Tal era o summo da felicidade humana, em que aquelle grão rei se reconhecia, depois de se vêr com successão sobre tantas outras mercês do céu.

Antes desta ultima felicidade, em todas as outras suas, sempre David tinha alguma coisa que pedir a Deus: e senão, vamos subindo um pouco pelos degraus da sua fortuna, que são os mesmos da nossa. Antes de David ser rei, ainda que era o ultimo filho da casa de seus paes, animado do sangue real, que lhe pulsava nas veias, podia pedir a Deus que lhe désse o reino. Depois de David estar sublimado ao throno real, adorado, obedecido, e confirmado nelle: *Thronus tuus erit firmus jugiter;* vendo-se cercado por todas as partes de tantos e tão poderosos inimigos, podia pedir a Deus, que o livrasse do tumulto das armas e oppressões da guerra, e lhe désse paz e descanço. Depois de David possuir o reino quieto e pacifico, e se vêr reconhecido e respeitado de todos seus inimigos: *Requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis*, podia ainda pedir a Deus, que lhe désse successão, para que o reino, e essas mesmas felicidades se perpetuassem em sua casa, e na posteridade de seus descendentes. Mas depois de Deus lhe conceder esta ultima graça, e lhe dar successor á corôa para depois de seus dias: *Suscitabo semen tuum post te, quod egredietur de utero tuo:* vendo-se David com reino, com paz, e com successão, parou o desejo, fez alto a fortuna, e resolveu David com ella, e comsigo, que já não tinha nesta vida que pedir a Deus: *Quid addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te?*

Não fazia conta de applicar o caso, por ser tão simi-

lhante: mas quero que me entendam todos, porque não haja alguma ingratidão, que possa ter escusa com Deus, nem com os homens. O principe D. Pedro nosso senhor, que Deus guarde (como David em tudo), era o ultimo filho da real casa de seus paes: o primeiro degrau da sua fortuna foi, pôr-lhe Deus na mão o sceptro de Portugal, e assental-o no throno real, não depois da morte, senão em vida do rei, bem assim como David em vida d'El-rei Saül. Quando sua alteza tomou as redeas do governo, estava o reino opprimido e carregado de tributos, as provincias e campanhas fervendo em armas; os vassallos dentro e fóra, no mar, e na terra, padecendo os trabalhos e oppressões das guerras. Aqui subiu sua fortuna o segundo degrau. Vem uma paz e outra paz, não buscadas, senão trazidas a Portugal: cessam as armas, levantam-se os tributos, (como tambem os tirou David: *Tulit David frænum tributi de manu Philistim:)* [1] respira o reino, descançam os povos, colhem-se as novidades e fructos da terra em tanta abundancia, recolhem-se os commercios e riquezas do mar em tantas frotas, em tantos thesouros. Tens mais que desejar? Tens mais que pedir a Deus, reino de Portugal? Ainda tinhamos que desejar, ainda tinhamos que pedir: porque nos faltava a ultima, e maior felicidade de todas, que era a successão. Tinha-nos dado Deus o reino, tinha-nos dado a paz: mas paz sem successão, é guerra: reino sem successão, é despojo. Bem o experimentamos e bem lamentavelmnte, no caso d'El-rei D. Sebastião. Tinhamos naquelle tempo reino, tinhamos naquelle tempo paz: mas a paz, para ser maior guerra, foi guerra de poucos dias: e o reino, para ser maior despojo, foi despojo de sessenta annos. A paz foi guerra de poucos dias, porque em poucos dias nos vimos sujeitos, sem resistencia: o reino foi despojo de sessenta annos: porque sessenta annos estivemos captivos, sem liberdade, e sem honra. No mesmo perigo, na mesma contingencia, no mesmo receio estavamos até este dia, posto que tão assistidos de felicidades. A successão real, ainda que enthronisada, estava no ultimo fio: o baixel, ainda que tremulando victoriosas bandeiras, es-

[1] 2º *Livr. dos Reis*, VIII.

tava sobre uma só amarra. Faltava-nos segundo fiador para a vida, faltava-nos segunda ancora para a segurança: e tudo isto nos nasceu hoje. Já temos a successão em duas vidas: já têmos o galeão sobre duas amarras. Esta foi a altissima mercê que hoje nos fez o céu: este o ultimo auge, a que hoje vêmos subida nossa fortuna: por uma parte tão necessaria e por outra tão excessiva; que nem Deus sem ella (em sentença de Abrahão) tinha que nos dar; nem nós com ella (em sentença de David) temos que pedir.

A este Deus tão bom vimos louvar como Deus; e a este Senhor tão liberal, vimos confessar como Senhor: e vêm tambem comnosco os reis do Oriente, ou nós com elles. Canta a Igreja neste dia, como os reis haviam de offerecer a Christo seus dons, e accrescentando á harpa de David duas vozes suas, como se a lettra fôra composta para o nosso côro, diz assim: *Reges Arabum, et Saba dona Domino Deo adducent.* Virão os reis do Oriente, e offerecerão seus dons a Christo, como a Deus, e como a Senhor: *Domino Deo.* E que dons são, ou haviam de ser estes? Isaias, commentando a David, diz que haviam de ser oiro e incenso: o oiro em tributos, como a Senhor, o incenso em adorações, como a Deus: *Omnes de Saba venient, aurum, et thus deferentes.* [1] Os successores destes mesmos reis do Oriente, que hoje vieram ao Presepio de Christo, e os senhores do commercio destas mesmas drogas ricas, que lhe offereceram da Arabia, da Persia, da India, são os reis de Portugal. E pois herdamos as suas corôas, bem é que paguemos tambem a Deus os seus tributos. Assim o fazemos hoje, e muito melhor. Elles offereceram o incenso, e nós o cheiro: elles offereceram o oiro, e nós o preço. O mais precioso daquelle oiro, e o mais cheiroso daquelle incenso, eram os louvores, que juntamente deram a Deus, como acrescenta o mesmo Propheta: *Aurum, et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantes.* Tambem vieram com *Te Deum laudamus.* Assim que, em louvores lhe offerecemos o incenso, como a Deus, e em louvores lhe tributamos o oiro, como a Senhor; e assim o oiro, como o incenso trazidos tambem de Sabá. De Sabá, quer dizer, *De*

[1] *Isai.*, LX.

conversione, da conversão. E que é o que acabamos de vêr em todo este discurso, senão uma conversão admiravel de todas as coisas em Portugal ? O captiveiro, convertido em liberdade; a vassallagem, convertida em reino; a guerra convertida em paz: e sobretudo a esterilidade convertida em successão. Este é, pois, o poderosissimo Senhor, reparador de tantas ruinas, a quem vimos louvar como Deus: *Te Deum laudamus*. Este é o liberalissimo Deus, Auctor de tantas felicidades, a quem vimos confessar como Senhor: *Te Dominum confitemur*.

IV

Temos ponderado, quem louva, e a quem louva. Resta a ultima pergunta: porque louva ? Este *porque*, já está respondido em commum, mas não está dito nem ponderado em particular. Digo que louvamos em particular a Deus; porque o Eterno Padre, em quanto Pae, fez hoje pae ao nosso principe; e em quanto Eterno, começa hoje a o fazer eterno: *Te æternum Patrem*. Mas porque razão (começando pela primeira parte deste ponto), porque razão pertence mais este beneficio á Pessoa do Eterno Padre, que á do Filho, ou do Espirito Santo ? Eu o direi. Entre as tres Pessoas da Santissima Trindade, o Espirito Santo é Pessoa infecunda; não gera, nem produz: por isso não ha quarta pessoa. O Filho é Pessoa fecunda; produz, mas não gera: por isso o Espirito Santo é produzido, e não gerado. Só o Padre Eterno, por propriedade particular e nocional sua, tem fecundidade para produzir gerando: por isso só a Pessoa do Padre tem Filho. E porque só a Pessoa do Padre póde gerar e ter Filho, essa é a razão porque o beneficio da geração, da successão, e dos filhos, pertence por attribuição particular e propriissima, só á Pessoa do Eterno Padre. Texto expresso de S. Paulo: *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem, ex quo omnis Paternitas in cœlis, et in terra nominatur*. [1] Por esta causa, diz S. Paulo (como se fallára por nós, e comnosco neste dia) por esta causa

[1] *Ad Ephes.*, III.

me prostro de joelhos diante do Padre, porque delle procede toda a paternidade, assim no céu, como na terra. De maneira, que não ha paternidade, nem ser de pae, ou no céu, ou na terra, que não seja derivado do Eterno Padre. No céu; porque o Eterno Padre se faz Pae a si mesmo, e tem Filho Deus na terra; porque o Eterno Padre faz aos homens paes, e lhes dá filhos homens: *Paternitas in cœlo est generatio Filii: Paternitas in terra est generatio hominum: quæ omnis à Dei Paternitate manat; omnes enim ab eo habent vim generandi, ut sint, et nominentur Patres*, disse, commentando a S. Paulo, o Doutor Maximo S. Jeronymo. Assim que, ao Eterno Padre deve hoje o nosso principe o ser pae.

Mas porque este beneficio e graça, que nos outros paes é commum, na soberania de tal pae tivesse tambem prerogativas soberanas; que fez o Eterno Padre? Fez que não só lhe devesse o nosso principe a fecundidade da successão, senão tambem a similhança da fecundidade. Fez que fosse pae em tempo, ao modo (quanto póde ser) com que elle é Pae sem tempo. Uma das grandes differenças que ha entre a fecundidade divina, e a fecundidade humana; e entre uma e outra geração é esta: A fecundidade humana, ordinariamente obra com dilação de tempo, e com tanta dilação muitas vezes, que ainda quando ha geração e filhos, vem depois de muitos annos. Não assim a fecundidade divina: no mesmo ponto, em que a primeira Pessoa da Trindade *ab æterno* é constituida Pessoa, logo juntamente é Pae: logo juntamente tem filho, sem demora nem precedencia de tempo, só com prioridade de origem. Computemos agora pelo dia do nascimento da nossa primogenita, o dia de sua geração, e acharemos physicamente, que foi promptissimo, e que sem vagares de dilação, nem intervallos de tempo; logo, logo nos fez Deus a mercê que desejavamos. E porque tão promptamente? Por ventura, para nos livrar das suspensões da duvida, dos receios da incerteza, dos cuidados da esperança, e ainda de outros pensamentos? Essa só razão bastava; mas não foi só por essa, senão que quiz o Eterno Padre (quanto cabe na proporção do creado ao increado), que a fecundidade dos nossos principes, fosse mui similhante á sua fecundidade; e a geração da nossa primogenita, mui parecida á do seu

Unigenito. O seu Unigenito gerado sem prioridade de tempo; a nossa primogenita gerada sem dilações de tempo. Nem façam duvida os tres dias que contamos sobre os nove mezes; porque esse é o estylo particular que a natureza observa nos partos reaes e heroicos. [1] Na formação dos partos vulgares, gasta a natureza nove mezes, e menos muitas vezes: mas nos partos, não só reaes, mas heroicos (ou seja Providencia ou magestade), parece que põe a mesma natureza mais arte, e mais cuidado, e tarda na formação e perfeição delles, até entrar no mez decimo. Assim o disse de si mesmo El-rei Salomão: *Decem mensium tempore coagulatus sum.* Assim o principe dos poetas da mãe do seu Augusto: *Matri longa decem tulerunt fastidia menses.* [2] E assim (o que é mais) S. João Damasceno, contando os dias da geração, e nascimento temporal do Primogenito do mesmo Padre: *Novem menses complens, decimum attingens, nascitur.*

Mas, poderá replicar a curiosidade (por não dizer a ingratidão) de algum ouvinte mau de contentar, que para esta graça ser inteira, e propria do Eterno Padre, havia de ser primogenito, o de que nos fez mercê, e não primogenita; porque o mesmo Padre, *A quo omnis Paternitas in cœlis, et in terra*, assim no céu, como na terra, só tem Primogenito: Primogenito no céu o Verbo; Primogenito na terra Christo. Agradeço o reparo pela resposta; ou a ferida pelo reparo: ouvi o que a muitos parecerá novidade. Digo que foi graça propria e propriissima do Eterno Padre, dar-nos no primeiro nascimento primogenita, e não primogenito; porque em Deus, assim no céu como na terra; assim no divino, como no humano, primeiro é a primogenita, que o primogenito. Fallo pela bocca das Escripturas Sagradas, e pelos termos de que usam os Auctores canonicos de um e outro Testamento. Comecemos pelo céu. O Ecclesiastico, no Cap. 24.º: *Ego ex ore Altissimi prodivi Primogenita ante omnem creaturam.* [3] Eis

---

[1] *Sap.*, VII. *De decimo mense inchoato intelligit ortum* Salom. Bengus de numeris n. 45.

[2] Virg. Eclog., 4 *Accipiendum Poetam de decimo mense inchoante, ait* Lacerd. Damasc. liv. 4. de Fide c. 15.

[3] *Eccl*, XXIV. De Sapientia essentiali interpretantur S.

aqui a Primogenita. S. Paulo, no Cap. I aos Colossenses: *Qui est imago Dei invisibilis Primogenitus omnis creaturæ.* Eis aqui o Primogenito. De sorte que já temos em Deus Primogenita, e Primogenito. E qual é primeiro, o Primogenito, ou a Primogenita? Primeiro é a Primogenita. Porque a Primogenita, é a sabedoria essencial; o Primogenito, é o Verbo, sabedoria pessoal e nocional; e em Deus (como ensinam todos os Theologos) primeiro é o essencial, que o nocional. Por isso a Primogenita tem antes, e o Primogenito não tem antes. A Primogenita tem antes: *Primogenita ante omnem creaturam:* o Primogenito não tem antes: *Primogenitus omnis creaturæ.* Uma e outra sabedoria em Deus são *ab æterno*, antes de todo o creado, mas a sabedoria essencial com prioridade virtual antecedente, *ante*. Não me detenho em distinguir estas prioridades e virtualidades, porque falio entre doutos, e todos sabem que no Divino e Eterno, entre antes e depois, não cabe tempo. Passemos á terra. Na terra tambem Deus e o Padre tem Primogenito, e Primogenita; e ainda com mais rigoroso nome, Filho e Filha. O Filho é Christo: *Misit Deus Filium suum:* a Filha é Maria Santissima: *Audi Filia, et vide.* [1] E qual foi o primeiro, o Filho ou a Filha? Não ha duvida, quanto á humanidade, que a Filha foi primeiro, e o Filho depois.

E porque, ou para que foi primeiro a Filha, que o Filho? Para que quando viesse o Filho, achasse já quebrada a cabeça, e pizado o veneno da serpente: *Ipsa conteret caput tuum.* Coisa é vulgar na Historia Sagrada, e advertida commummente dos Padres, que os primogenitos, se são filhos, pela maior parte sahem mordidos ou abocanhados da fortuna, e tocados de seu

Greg. Naz Tert. Hier. Cornel. Jans. Corn. Alapid. Caiet Tirin. Menoch. Salaz. Oliveri. Bon. Gordon. et alii. Quam expositionem solum agnoscit litteralem Jansen. Salaz. vero litteralissimam appellat. Eam optime intelliges in sententia communissima PP. et TT. qui integram Dei essentiam constituunt in intellectivo radicali, à quâ tamquam à radice, et principio virtuali distincto emanat, et prodit sapientia essentialis, ut primum attributum. August. Cyril. Damas. Basilius, Vasq. Molin. Salas, Fonsec. et alii.

[1] *Ad. Gal* IV. Psalm. XLIV. Marian. Patris Primogenitam vocat. S. Laurent. Justin. Simon. Cass. et RR. passim. Gen. III.

veneno, e trazem comsigo não sei que dezar ou azar da natureza. Por isso geralmente lêmos delles, que foram reprovados, ou menos queridos de Deus, que é o maior azar de todos. O primogenito de Adão, Caïn, desgraçado: [1] o primogenito de Abrahão, Ismaël, desgraçado: [2] o primogenito de Isaac, Esaü, desgraçado: [3] o primogenito de Jacob, Ruben, desgraçado: [4] o primogenito de David, Amnon, desgraçado: [5] o primogenito de Job, não lhe sabemos o nome, mais que pela desgraça; a qual foi tanta, que de um golpe em sua casa, acabou elle, a casa, e todos seus irmãos. [6] E como este é o fado commum dos primogenitos, e costuma nascer com elles, ou seguil-os a desgraça; para desfazer este azar, e tirar este tropeço á má fortuna, sae hoje diante com particular providencia, a nossa primogenita, franqueando e deixando o passo livre ao venturoso irmão, que embora vier; para que sendo o segundo no logar, seja, sem estorvo, o primeiro na felicidade: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia principis!* [7] Oh que formosos são vossos passos, filha do principe! E porque formosos seus passos? Porque os soube adiantar ao perigo do irmão, quebrando-lhe o azar de primogenito. E por isso signaladamente, *in calceamentis;* porque com esses passos adiantados calcou, pizou, e metteu debaixo do pé toda a má fortuna. Com tão bom pé, e com tão airosos passos, entra hoje no theatro do mundo, a fazer o primeiro papel, a nossa galharda princeza: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia principis!*

Mas para que busco eu satisfações á nossa primogenita, se ella traz comsigo a satisfação? *Vidimus stellam ejus in Oriente, et venimus adorare eum.* [8] Tanto que os Magos viram a estrella no Oriente, logo, como sabios, vieram adorar o Rei nascido: *Ubi est,*

1 *Gen.*, IV.
2 *Ibid.*, XVI.
3 *Ibid.*, XXV.
4 *Ibid.*, XLIX.
5 *2.º Livr. dos Reis*, III.
6 *Job.*, I.
7 *Cant.*, VII.
8 *Math.*, II.

qui natus est Rex? Porque o nascimento da estrella era signal certo do nascimento do Rei. Quando a estrella appareceu no Oriente, ainda o Rei não era nascido, nem concebido ainda; mas do nascimento da estrella, que já nascêra, inferiram com evidencia o nascimento do Rei que havia de nascer. Nasceu a estrella? Pois após ella nascerá logo o rei. E' magestade do sol, trazer diante o luzeiro. S. Chrysostomo, e Santo Agostinho fundados no Texto: *A bimatu, et infra, secundum tempus, quod exquisierat à Magis*, dizem que nasceu a estrella dois annos antes. [1] Não é necessario tamanho intervallo. Hoje vêmos a estrella no Oriente, d'aqui a um anno (fiquem todos avisados) viremos adorar ao rei nascido. Galante coisa é por certo, que quizessemos nós, contra todas as leis do céu e da terra, que o sol nascesse primeiro que a aurora; e o fructo primeiro que a flôr! Hoje amanheceu em purpuras a aurora; após ella sahirá o sol: hoje desabotoou em mantilhas a bellissima flôr; após ella se seguirá o fructo, que sempre o fructo vem pegado no pé da flôr. Nasceram á fecunda Rebecca dois partos de um ventre, e o segundo que era Jacob, sahiu pegado no pé do primeiro. [2] O primeiro parto é a flôr do segundo; e o segundo, como fructo, sae pegado no pé da flôr. Virá o segundo e felicissimo parto após o primeiro: antes digo, que no primeiro já tem começado a vir; porque a flôr é parto inchoado do fructo. Assim o entenderam aquelles discretos lavradores, bem ensinados da natureza, quando disseram: *Egrediamur in agrum, et videamus si flores fructus parturiunt.* [3]

Deixem nossos desejos fazer a Deus, que elle sabe melhor fazer, do que nós sabemos desejar. Lá diz o Evangelho dos nossos maiores: *Na casa de benção, primeiro é a filha, que o varão.* Filha era do infante D. Duarte, e não filho, a serenissima senhora D. Catharina, e nesta filha sustentou Deus a esperança, e depositou o remedio de Portugal. Em quanto não vier o primogenito, já temos herdeira: como o primogenito lhe tomar a vanguarda, batalhará Europa, sobre quem

1 Chrys. Homil. 7. in Math. August. Serm. 7. de Epiphan.
2 *Gen.*, XXV.
3 *Cant.*, VII.

a ha de levar por senhora. E' estrella deste dia, que andarão após ella não só um rei, senão muitos. E quanta razão terão todas as corôas do mundo, de a pretender para rainha, pois é princeza de tantas partes, como já hoje começamos a vêr! Muito benigna, muito discreta, muito vigilante, muito liberal, e sobretudo muito favorecida do céu. Tão benigna, e de tão real condição, que em nove mezes que esteve tão de portas a dentro com a rainha nossa senhora, nunca lhe deu a menor molestia. Tão discreta, e de tão alta eleição, que escolheu o melhor e maior dia do anno, e mais sem ninguem lh'o ensinar; porque nunca houve em Portugal exemplo similhante. Tão vigilante e diligente, que sendo hoje dia feriado, madrugou ás duas horas depois da meia noite, e despertou toda a casa. Tão liberal e grandiosa, que para fazer a maior mercê aos vassallos, sem esperar memoriaes, lhes deu de reis a si mesma. Finalmente, tão favorecida do céu, e da mesma Mãe de Deus, que fazendo a rainha, que Deus guarde, aquella tão devota novena pela felicidade de seu nascimento; porque o ultimo dia foi dedicado á Senhora da Estrella, nos deu esta estrella por Senhora: *Vidimus Stellam ejus.* [1] Esta é a primogenita que hoje nasceu a Portugal: esta é a princeza que hoje nasceu para o mundo: tão digna do pae, a quem se deu, como do Pae que a deu: *Te Æternum Patrem.*

V

Isto fez o Eterno Padre, em quanto Pae. E em quanto Eterno que fez? Fez que o nosso principe comece tambem hoje a ser eterno por beneficio da successão. Os paes homens, ainda que sejam principes, todos são mortaes; mas por meio da vida dos filhos se immortalisam, e por meio da posteridade da successão se fazem eternos. Falla El-rei David de si mesmo, e diz assim no Psalmo LX: *Dies super dies Regis adjicies: annos ejus usque in diem generationis, et genera-*

[1] Novena que fez a Rainha visitando nove Igrejas de Nossa Senhora.

tionis. Vós, Senhor, accrescentareis dias sobre os dias do rei, e por meio destes dias accrescentados, os seus annos durarão de seculo em seculo, e serão eternos. Difficultoso Texto. E' certo que Deus tem decretado a cada homem o numero dos dias da vida, com um termo e um limite tão preciso, que de nenhum modo pode crescer, nem passar adiante: *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.* [1] Pois se o numero dos dias decretados de nenhum modo póde passar adiante, nem crescer: como diz David a Deus, que accrescentará dias sobre os dias do rei: *Dies super dies regis adjicies?* Que dias accrescentados são estes? São os dias dos filhos, accrescentados sobre os dias do pae. E por meio deste accrescentamento de dias a dias, os annos dos paes, que pela mortalidade humana eram finitos, pela posteridade da successão veem a ser eternos: *Anno ejus usque in diem generationis, et generationis.* Ajunta-se uma geração com outra geração, e uma vida com outra vida: e desta união de vidas a vidas, successivamente continuadas, se tece o fio daquella eternidade, que faz os annos eternos. Sim: mas esses annos accrescentados, são dos filhos, e não são do pae. Sim são do pae: que assim o diz o Texto: *Dies super dies regis adjicies: annos ejus:* annos seus: porque assim os annos do pae, como os dos filhos, todos são do pae.

Mas esta composição de annos com annos, e esta união de dias a dias, como se faz, e quando? Faz-se no dia do nascimento do filho. Porque no dia em que nasceu o filho, torna o pae a renascer. Antes de o filho nascer, vae a vida do pae caminhando para o Occaso: mas no dia, em que nasce o filho, torna a vida do pae a nascer e pôr-se no Oriente. Prometteu Deus a El-rei Ezechias, que lhe accrescentaria os annos da vida: pediu Ezechias signal: e o signal foi este: Que o sol voltasse ao Oriente, e que a sombra subisse dez linhas no relogio d'El-rei Achaz. [2] A duração da nossa vida mede-se pelo curso do sol. Pois se o curso do sol é a medida da vida humana, e Deus queria accrescentar a

---

[1] *Job.*, XIV.

[2] *Isai.*, XXXVIII. S. Hier. Cyril. Procop. Aym. Lyran. Hugo Adam. Cornel. Sanch et alii.

vida ao rei; parece que o sol havia de ir adiante, e não tornar atraz; parece que havia de caminhar ao Occaso, e não voltar ao Oriente. Este é o mysterio e estremada pintura do que vou dizendo. O modo natural, com que Deus accrescenta os annos aos homens, é unindo a vida dos filhos á vida dos paes, e renascendo outra vez os paes no nascimento dos filhos; e por isso a vida dos paes, que seguindo o curso do sol vae caminhando ao Occaso; pelo milagre natural do nascimento dos filhos torna de repente atraz, e se põe outra vez no Oriente. A traça daquelle relogio de El-rei Achaz era uma escada fabricada com tal artificio, que a sombra do sol em cada hora ia descendo um degrau. Essa escada, ou a sombra della, é a nossa vida; de degrau em degrau vae descendo sempre e caminhando para o Occaso. Mas a vida dos paes, no dia do nascimento dos filhos, torna outra vez a subir a escada, e a se repôr de novo no primeiro degrau. Tal é, com natural maravilha, o estado em que neste venturoso dia se acha a vida, que Deus guarde, do nosso felicissimo principe. Hontem á tarde ia pondo sua alteza os pés nos degraus vinte e um da vida; hoje, com o nascimento da bellissima successora, está outra vez reposto no primeiro degrau della, para começar a viver de novo. Hontem ia subindo o nosso sol para o zenith dos annos com passo lento; hoje, com o nascimento da nova aurora, desfazendo subitamente as linhas, que tão felizmente tinha andado, amanhece segunda vez renascido em novo e reciproco Oriente. Demos logo o parabem nesta duplicada felicidade a nosso augustissimo monarcha, não só do nascimento da sua primogenita, senão tambem do seu nascimento; pois hoje nasce outra vez nella e com ella: hoje dá novo principio á vida com a sua vida: e hoje começa a contar aquelles felizes e continuados annos, que por meio de sua real successão hão de ser eternos.

Conta Moysés no livro do Genesis os annos das vidas dos antigos Patriarchas; e é muito digno de ponderação o estylo de contar, que segue, porque faz duas contas: uma dos annos que tinham quando lhes nasceu o primogenito; e outra dos annos que tinham quando morreram. Ponhamos o exemplo em Seth, filho de Adão: *Vixit Seth centum, et quinque annis, et*

genuit Enos. [1] Viveu Seth cento e cinco annos, e gerou o seu primogenito Enós. Esta é a primeira conta: *Et facti sunt dies Seth nongentorum duodecim annorum, et mortuus est.* E viveu Seth novecentos e doze annos, e morreu. Esta é a segunda conta. Pois se para ficarem em memoria, e sabermos os annos que viveram os Patriarchas, bastava só esta segunda conta, porque fez Moysés tambem a primeira? Porque faz uma conta dos annos em que morreram e outra dos annos em que lhes nasceram os filhos? Porque os homens, que são paes, teem duas vidas: uma vida que acaba; outra vida que continúa. A vida que acaba, conta-se no dia da morte do pae: a vida que continúa, conta-se do dia do nascimento do filho. Porque no dia do nascimento do filho, a vida do filho ata-se com a vida do pae; e destas duas vidas assim atadas (atando-se tambem entre si as que lhe succedem), de muitas vidas, que não são perpetuas, se vem a fazer uma vida perpetuada. S. Paulo chamou judiciosamente á morte, desatadura da vida: *Tempus resolutionis meæ.* [2] A morte é desatadura da vida; e o nascimento é atadura das vidas; porque na morte do pae desata-se uma vida; no nascimento do filho atam-se duas. Ata-se a vida do filho com a vida do pae, e destas, atadas uma na outra, seguindo-se vidas a vidas, e annos a annos, os annos do pae, que em si mesmos eram mortaes e finitos, na successão dos filhos, se fazem immortaes e eternos. Este é o attributo daquella eternidade, que o Eterno Padre por meio da real successão, começa a communicar hoje ao nosso renascente principe; fazendo-o sem interposição da morte, phenix de multiplicadas e mais felizes vidas: para que assim como em quanto Pae, o fez pae; assim em quanto Eterno, o faça eterno: *Te Æternum Patrem.*

A myrrha, que é o ultimo obsequio que hoje offereceram os reis a Christo, não significa simplesmente o mortal, senão o mortal immortalisado; porque a morte mata os corpos, e a myrrha depois de mortos, preservando-os da corrupção, os faz immortaes. Este foi o pensamento (diz S. Maximo) com que os Magos sa-

---

[1] *Gen.*, v.
[2] 2.º *Epist. ad Timoth.*, IV.

biamente dedicaram a Christo a myrrha, como a reparador da sua e nossa mortalidade, professando o mysterio no tributo: *In myrrha, qua exanima solent corpora conservari, præfiguratur carnis nostræ reparatio.* [1] Mas se a mortalidade se repara deste modo pela myrrha, muito melhor se repara pela successão: porque a myrrha immortalisa o mortal depois da morte; e a successão immortalisa e eternisa o mortal com novas e continuadas vidas. Razão é logo, que no dia em que teve principio esta felicidade, nós todos, e toda a terra comnosco, demos immortaes e eternas graças ao Eterno Padre, pela immortalidade e eternidade do nosso principe: pois com os primeiros penhores da felicissima successão, assim como em quanto Pae o fez pae; asim em quanto Eterno o começa a fazer eterno: *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur.* Acabou-se o verso do nosso côro, e eu tenho acabado.

VI

Estas são em breve summa (côrte, nobreza, e povo venturosissimo de Portugal) as mercês e felicidades, porque neste illustrissimo e real congresso nos ajuntamos todos em solemne acção de graças, a louvar e glorificar ao supremo Auctor de todos os bens neste ditosissimo e tão desejado dia, corôa de todos os que temos visto, tendo visto tantos e tão grandes. Tres dias notavelmente grandes teve Portugal neste seculo tão cheio de novidades, em annos a que todos quasi fomos presentes. O primeiro foi o dia da acclamação: o segundo, o dia das pazes: o terceiro, este dia sobre todos feliz, do nascimento da nossa primogenita. No dia da acclamação, deu-nos Deus o reino duvidoso: no dia das pazes, deu-nos o reino seguro: no dia de hoje, dá-nos o reino perpetuado. No primeiro dia, deu-nos o reino que foi: no segundo o reino que é: neste terceiro, o reino que ha de ser. No primeiro dia, deu-nos o reino de nossos paes: no segundo dia, deu-nos o reino para nós: neste terceiro, dá-nos o reino para nossos descendentes. Os passados já não podem gosar este bem, porque foram: os futuros ainda o não podem gosar, porque não são: nós somos só os que o gozamos, por-

[1] S. Maxim. Homil. 3. in Math.

que fomos tão venturosos, que vivemos nesta era. Não sejamos ingratos a um Deus tão bom, que sem merecimentos nossos, antes sobre tantas offensas, nos faz tão singulares favores. Já que nos ajuntamos a o louvar, louvemol-o muito de coração, e louvemol-o todos. Assim como o sol e a lua louvam a Deus: *Laudate eum sol, et luna;* [1] louvem a Deus hoje os nossos soberanos planetas, e reconheçam o fructo da successão, como benignidade das influencias divinas. Assim como as estrellas louvam a Deus: *Laudate eum omnes stellæ;* [2] louve a Deus o bellissimo luzeiro, que hoje amaneceu nos nossos horizontes, esclarecendo e alluminando com a mesma luz, a que sahe, este seu e nosso hemispherio. Assim como os reinos louvam a Deus: *Regna terræ cantate Deo:* [3] louve a Deus o reino de Portugal, pois entre todos os do mundo se vê delle tão amado, tão favorecido, tão sublimado. Assim como toda a terra louva a Deus: *Omnis terra adoret te, et psallat tibi;* [4] louvem a Deus todas as partes da terra de nossa monarchia, e lembrem-se, pois se não podem esquecer, dos trabalhos, das perdas, das oppressões, das ruinas que padeceram por falta de successão.

Mas porque todos os louvores humanos são limitados, e as mercês que nos fazeis, Senhor, são infinitas; louva-vos vós mesmos a vós, infinito Deus, e acceitae em acção de graças tambem infinitas, o infinito merecimento desse sacrificio sacrosanto, que hoje vos offerecemos: pois o instituistes para supprir os defeitos de nosso agradecimento com nome de sacrificio de louvor: *Sacrificium laudis honorificabit me.* [5] Nesse sacrificio de louvôr vos louvamos, em quanto creaturas vossas, como a nosso Deus: *Te Deum laudamus:* nesse sacrificio de louvor vos confessamos, em quanto servos vossos, como a nosso Senhor: *Te Dominum confitemur:* nesse sacrificio de louvôr vos reverenciamos, em quanto filhos vossos, e vos reverenciaremos eternamente como a nosso Pae: *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur.*

---

1 *Psalm.* CXLVIII.
2 *Ibid.*
3 *Psalm.*, LXVII.
4 *Psalm.*, LXV.
5 *Ibid.*, XLIX.

DISCURSO APOLOGETICO*

Offerecido secretamente á rainha nossa senhora para allivio das suas saudades, depois do fallecimento do principe D. João, primogenito de SS. Magestades

---

In ipsa attenuata ipse respiciet et videbit. Volo enim in te et in semine tuo Imperium mihi stabilire.

I

Basta, Senhor, (com que fallarei, senão com vossa divina Magestade, e com quem me queixarei, senão com vossa divina misericordia?) Basta, Senhor, que tambem os vossos olhos dão olhado! Promettestes que havieis do olhar, e vêr, desempenhastes a vossa palavra, mas empenhastes mais a nossa dôr. Desempenhastes a vossa palavra; porque déstes á prole attenuada dos nossos Reis o filho varão, que lhe tinheis promettido: e empenhastes mais a nossa dôr; porque quando começavamos a festejar a primeira, e tão suspirada nova de seu nascimento, sobreveiu a segunda, e nunca imaginada, que ainda se não atreve a lingua a pronunciar, de sua tão apressada sepultura. Vivo e morto! Dado e outra vez negado! E em espaço de dezoito dias! Menos disse Job quando mais encareceu a brevidade da vida: *Breves dies hominis sunt, numerus mensium ejus apud te est:* [1] Se os dias do homem são breves, e o numero de seus mezes está na vossa mão: que causa póde haver (não sendo ella abreviada) para que áquella innocente belleza lhe abreviasse tanto os dias, que não chegasse a contar um mez? Tudo quanto leio nas vossas Escripturas accrescenta

---

* Vem este Discurso no vol. 13. da 1.ª edição dos Sermões de Vieira, sob o titulo de *Palavra do Pregador Empenhada e Defendida*. Esta designação abrange este Discurso que é a *Palavra Defendida* e um outro em Acção de Graças pelo nascimento do mesmo Principe e que é a *Palavra Empenhada*. Publica-se este Sermão mais adiante.

[1] *Job.*, XIV, 5.

mais o pasmo, que nos tem attonitos e assombrados. Não diz o vosso Apostolo, que os vossos dons são sem arrependimento: *Sine pœnitentia enim sunt dona Dei?* [1] Porque vos arrependestes logo tão depressa do que nos concedestes tão tarde? Se assim nos havieis de tornar a tomar o que nos déstes, não fôra melhor não nol-o ter dado? Oh quanto melhor nos ia com o engano das nossas esperanças, que agora com o desengano das nossas saudades! Consolava-nos o vosso propheta Isaias com dizer que daes corôas por cinzas: e agora que trocastes em cinza a corôa que nos tinheis dado, quem ns poderá consolar na estranheza desta mudança? Dissestes, que olharieis e verieis, e parece que o aspecto do olhar, e vêr nesses dois divinos planetas se encontraram tanto em nossa desgraça, que a benignidade do vêr se rendeu á violencia do olhar, matando-nos o olhado a mesma vida, que nos tinha dado a vista. Podéra dar olhado ao nosso bellissimo infante a sua mesma formosura: podéra-lhe dar olhado a emulação e a inveja: podéra-lhe dar olhado, sobre tudo, o extremo de nosso amôr: e se tambem é especie de olhado o louvar muito o que muito agrada e se estima; tambem lhe poderam dar olhado os nossos panegyricos. Mas sendo o nascimento e o nascido effeito do olhar e vêr dos olhos de Deus, contra cujo poder nenhum outro prevalece, só os vossos olhos, Senhor, como eu dizia, lhe poderam dar olhado.

Os Romanos, como refere Plinio, adoravam a um Deus chamado Fascino, o qual, segundo a significação do seu nome, tinha por officio ou tutela guardar e defender do olhado: e a quem? Coisa maravilhosa! Não só aos meninos, senão tambem aos imperadores. *Fascinus imperatorum quoque, non solum infantium custos, qui Deus inter sacra romana à Vestalibus colitur:* são as palavras de Plinio. E verdadeiramente que se a superstição inventára este Deus para o nosso caso, nem ella o podéra fazer, nem nós desejar com maior propriedade. De maneira, que o cuidado daquelle Deus era guardar do olhado não só os meninos, senão tambem os imperadores: *Imperatorum quoque, non solum infantium, custos:* porque entenderam os romanos, que

[1] *Rom.*, XI, 29.

tão sujeitos estavam ao mal de olhado os imperadores pela grandeza de sua magestade, como os meninos pela fraqueza de sua edade. Agora não posso deixar de confessar a minha culpa. Eu fui o que metti neste segundo perigo o nosso principe, tambem nisto fatal; pois quando celebravamos o seu nascimento como menino, eu lhe acrescentei o titulo e prognostico de imperador, com que dei nova e maior materia ao olhado que lhe tirou a vida. Mas, se assim o seu nascimento, já cumprido, como o seu imperio, que estava por cumprir, eu o fundei nas palavras e promessas de Deus; como podia eu temer que os olhos do mesmo Deus, que lhe deram a vida, lhe houvessem de dar o olhado, pois só quem lhe deu o ser lh'o podia tirar? A força desta razão me obrigou, ou arrebatou no principio a cuidar que tambem os olhos de Deus podem dar olhado. Mas depois que dissipadas um pouco as nuvens da dôr e da tristeza, me deram logar a maior luz; neste caso (que todo é mysterios) descobri outro que nem eu imaginava, nem se podia imaginar facilmente. E qual é? Que não foi olhado de Deus o que tirou a vida ao nosso principe, mas que foi Deus o que lhe tirou a vida para que lhe não dessem olhado.

Ouvi agora um segredo da Sabedoria e Misericordia Divina, que não só nos póde consolar, mas alegrar na consideração desta perda, pela qual não são de menor obrigação as segundas graças que devemos dar a Deus, do que lhe foram devidas as primeiras. Falla a Sabedoria Divina de um sujeito singular, não só innocente, mas justo, e diz que lhe cortou Deus os fios da vida muito ante-tempo, levando-o para si arrebatadamente: *Raptus est.* [1] E porque, ou para que? Ambas as coisas diz o Texto, porque o amava Deus muito: *Placens Deo factus est dilectus:* [2] e para o livrar de que lhe dessem olhado: *Fascinatio enim nugacitatis obscurat bona.* Pois, Senhor meu, é bom remedio este para livrar do olhado? Para livrar do olhado uma flôr, cortal-a antes que os maus olhos a murchem? Para livrar do olhado uma vida que ainda não sabe o que é viver, sepultal-a para que os maus olhos a não vejam? Se vós mataes

[1] *Sapient*, IV, 10.
[2] *Ibid.*, 11, 12.

essa mesma vida, que mais lhe havia de fazer o olhado? Muito mais. Tudo aquillo que se encerra nos secretos da presciencia divina, os quaes só vêem os olhos de Deus, e não podem alcançar os humanos. Oh quantas lagrimas choram erradamente os olhos dos homens, porque não vêem os futuros! A quantos faltou a fortuna, porque lhes sobejou a vida! E a quantos fez immortal em poucos dias a vida, porque se lhe antecipou a morte! *Fascinatio nugacitatis obscurat bona.* O olhado é um eclipse de todo o tempo, e um veneno de todos os bens, que os escurece, e mata: e porque só póde escapar deste eclipse, ainda que seja o mesmo sol, quem fôr estrella do firmamento, por isso Deus se antecipou a pôr no céu o innocente seu mimoso, a quem quiz livrar do olhado: *Propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum.* [1]

De sorte que quando Deus se apressa a tirar deste mundo os que delle são bem vistos, não é porque os seus olhos lhe dêem olhado, mas porque vêem, e prevêem o olhado de que os quer livrar. E esta foi a razão de nós não esperada, nem imaginada, porque a Providencia Divina nos deu e levou dentro em tão poucos dias o desejado de nossos olhos, e o promettido dos seus. Estes são os segundos effeitos do olhar e vêr de Deus, que não desfazem, mas aperfeiçoam os primeiros. Quiz que o nosso infante nascesse a esta vida, para que fosse viver á outra, não morto propriamente, mas trasladado. Assim o diz e celebra o mesmo Texto: *Placens Deo factus est dilectus, et vivens inter peccatores translatus est.* [2] O vulgo cego chamou morte a este successo, e como tal o chorou, porque não o entendeu: *Populi autem videntes, et non intelligentes, nec ponentes in præcordiis talia.* [3] Porém suas magestades, que no segundo effeito não desconheceram os mesmos olhos, e a mesma misericordia do primeiro, sendo os mais empenhados no desejo da vida, e no sentimento da morte do seu primogenito, a entenderam, e quizeram que nós entendessemos tão differentemente, que El-rei, que Deus guarde, prohibiu os

---

[1] *Sap.*, IV, 14.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Ibid.*, 14.

lutos, e a rainha nossa senhora desejou que se continuassem as festas. Assim havia de ser, e justissimamente: se as primeiras se fizeram ao dia de seu nascimento, façam-se as segundas, e maiores ao dia da sua trasladação: *Vivens translatus est.*

II

Defendidos assim os olhos de Deus, ou desaggravados da queixa que lhe imputava a nossa dôr, segue-se o principal intento do presente discurso, que é concordar a segunda nova da morte do principe que está no céu, com a primeira do seu nascimento, e sustentar a verdade de tudo o que preguei e prometti no panegyrico do mesmo nascimento, sem embargo de termos já morto o mesmo nascido. Ninguem chamará a esta empreza difficultosa, porque todos, e com razão, a terão por impossivel. Dividi aquelle sermão em duas partes: uma em que desempenhei a palavra de Deus, e outra em que empenhei a minha: e a ambos estes empenhos cortou o cumprimento, e a esperança a morte. O empenho da palavra de Deus era, que na prole attenuada da decima-sexta geração dos nossos reis havia elle de olhar, e vêr; isto é, lhe havia de dar um filho varão: mas como o deu e levou tão arrebatadamente, para nós o mesmo foi dal-o, como se o não déra; e para elle o mesmo foi ser, como se não fôra: *Fuissem, quasi non essem, de utero translatus ad tumulum.* [1] O empenho da minha palavra foi, que aquelle mesmo principe, que então festejavamos nascido, não só havia de ser rei, senão imperador, e não imperador de qualquer imperio particular, senão de toda a monarchia do mundo. E quem não chegou a possuir, e encher os sete pés de terra, que a todos concede na morte a natureza, porque se não estendia a tanto a sua estatura, como ha, ou póde dominar depois de morto, não só alguma parte, ainda menor, da mesma terra, quanto mais toda? Porque estou vendo que o assumpto mais merece riso, que attenção, só peço que não seja condemnado antes de ser ouvido.

---

[1] *Job.*, x, 19.

Viu S. João no Apocalypse uma mulher vestida do sol, e coroada de doze estrellas, com a lua debaixo dos pés: e diz que esta mulher pariu um filho varão, o qual havia de dominar todas as gentes do mundo: *Mulier amicta sole, et luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim: et peperit filium masculum, qui recturus erat omnes gentes in virga ferrea.* [1] Nestas duas clausulas ultimas temos o desempenho da palavra de Deus, e tambem o da minha. O desempenho da palavra de Deus, que era o parto de um filho varão: *Peperit filium masculum:* e o desempenho da minha, que era o imperio universal deste mesmo filho sobre todo o mundo: *Qui recturus erat omnes gentes.*

Isto é o que diz o Texto por palavras expressas. E a figura maravilhosa que viu S. João no céu, significava mais alguma coisa? Sim: duas. A primeira, que este filho varão nascido para imperador universal, havia de ser principe christão, e filho da Igreja Catholica. Assim o entendem litteralmente todos os Expositores do Texto: e que por isso a mesma mulher a quem se attribue o parto, estava vestida do sol, e coroada de doze estrellas. Vestida do sol, que é Christo, *amicta sole;* porque a divisa e caracter proprio da Igreja e Religião christã é o Baptismo: e todos os que se baptizam, se vestem de Christo, como diz S. Paulo: *Quicumque in Christo baptizati estis, Christum induistis.* [2] E coroada de doze estrellas, que significam os doze Apostolos, *et in capite ejus corona stellarum duodecim:* porque a mesma Igreja não só é e se intitula Catholica, senão tambem Apostolica.

A segunda coisa que significava a mesma figura, é a circumstancia do tempo, em que havia de nascer á Igreja aquelle filho varão, e dominador do mundo. Esta questão já a excitei, e resolvi no ultimo discurso do sermão passado, [3] onde mostrei com o propheta Daniel, que a exaltação do imperio universal ha de concorrer no mesmo tempo com a ruina do imperio do turco; porque quando este cahir, então aquelle

---

[1] *Apoc.*, XII, 1 e 5.

[2] *Galat.*, III, 27.

[3] E' o Sermão sob o titulo de *Palavra do Pregador Empenhada.*

se ha de levantar. E porque não quero cançar a memoria dos que me ouviram, nem repetir o já dito, alega-nos David em poucas palavras, o que prophetisou Daniel em muitas: *Dominabitur à mari usque ad mare, et à flumine usque ad terminos orbis terrarum.* [1] Falla David deste mesmo imperio que é o de Christo, e diz, que dominará de mar a mar até os ultimos fins de toda a redondeza da terra. Mas quando? *Donec auferatur luna.* [2] Quando fôr tirada do mundo a lua. A lua ha de durar até o fim do mundo: *Erunt signa in sole, et luna:* [3] que lua é logo esta, que ha de ser tirada do mundo naquelle tempo? E' a lua que os mahometanos adoram, e trazem em suas bandeiras. Assim o declara o mesmo Texto na raiz hebrea: *Donec auferantur serri lunæ:* Até que sejam tirados do mundo os que servem á lua. E isto é o que significa no nascimento do principe dominador do mundo a lua debaixo dos pés da Igreja: *Et luna sub pedibus ejus.* Os prégadores, quando explicam este logar do Apocalypse, dizem que a mulher figura da Igreja estava coroada de estrellas, vestida do sol, e calçada da lua. Elegante modo de fallar, mas improprio e não ajustado ao Texto. O Texto não quer dizer calçada, senão calcada. Não quer dizer que a lua ha de calçar a mulher, senão que a mulher ha de calcar a lua, mettendo-a debaixo dos pés: *Luna sub pedibus ejus.* E esta tão notavel e não imaginada circumstancia é a que com admiração do mundo concorreu neste mesmo anno em que nasceu o nosso principe, como bem mostra a experiencia presente na torrente continuada de tantas e tão gloriosas victorias, com que a Igreja e as Cruzes christãs vão mettendo debaixo dos pés as Luas ottomanas.

De maneira que resumindo toda esta visão do Apocalypse (no qual quiz Deus que S. João visse e historiasse todos os successos da sua Igreja, principalmente os maiores) diz o mesmo S. João como propheta, como apostolo, e como evangelista, que a Igreja pariria, e lhe nasceria um filho varão: *Peperit filium masculum:* e que este filho havia de ser imperador de todo o mun-

[1] *Psalm.*, LXXI, 8.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Luc.*, XXI, 25.

do: *Qui recturus erat omnes gentes;* e que este nascimento succederia quando a mesma Igreja mettesse debaixo dos pés a lua, e os que a servem, que são os turcos: *Et luna sub pedibus ejus.* Póde haver propriedade mais propria, e mais ajustada com o nosso caso? Não. E não é isto pontualmente o que eu préguei? Sim. Vejo, porém, que os mesmos que me ouviram, estão respondendo todos, que verdadeiramente e com grande fundamento podéramos esperar uma tal felicidade, se Deus nos não cortára o fio a essa mesma esperança, levando tão arrebatadamente para si o mesmo filho varão, que já nos tinha dado. Assim o confesso eu tambem: e não póde haver instancia mais forte, nem mais evidente. Mas agora é que triumpha o famosissimo Texto. Vède as palavras que accrescenta o mesmo S. João: *Peperit filium masculum, qui recturus erat omnes gentes: et raptus est filius ejus ad Deum, et ad thronum ejus:* [1] Pariu o filho varão, que havia de imperar sobre todas as gentes, e Deus subitamente o levou para si, e ao seu throno. Pois se Deus levou e arrabatou subitamente para o céu esse filho varão tanto que nasceu, como é esse mesmo filho varão o que havia de ser imperador do mundo, e reinar sobre todas as gentes? Haverá agora quem responda, não digo a mim, senão a S. João Evangelista?

O doutissimo Ribera, da nossa Companhia, por confissão de Hespanha e do mundo, o maior escripturario della, commentando este logar do Apocalypse, reconhece nelle, que ha-de haver um principe christão, que seja imperador de todo o mundo, mas não assignala tempo, nação, nem pessoa. O Bispo, que depois foi d'Elvas, ministro d'El-rei D. João o IV em Roma, não duvidou allegar este mesmo Texto ao Summo Pontifice Innocencio X, em prova de que aos reis de Portugal pertence a primogenitura dos reinos, e o imperio universal do mundo. Mas a duvida ou implicação de haver de morrer, e ir para o céu em nascendo o mesmo filho varão que houvesse de dominar esse mesmo imperio, ninguem a desfez até hoje. Que diremos logo ao Texto de S. João, e ao successor do nosso principe?

---

[1] *Apoc.*, XII, 5.

III

Mal me atrevera eu a desatar este nó mais que gordiano, se a solução não estivera expressa na Escriptura Sagrada. Mas porque é da Escriptura, tambem não duvido affirmar que é a verdadeira. E qual é, ou póde ser a resolução, ou razão que concorde o haver de ser um menino imperador de todo o mundo, com morrer, e o levar Deus para o céu, tanto que nasceu? A razão clara e manifesta é, porque a posse deste imperio, com ser temporal e da terra, não se havia de tomar na terra, senão no céu. E como não se havia de tomar na terra, senão no céu, e o tempo determinado por Deus era chegado, não só foi conveniente, senão necessario e forçoso, que o menino que nasceu para primeiro possuidor deste imperio, o mesmo Deus o levasse logo para o céu, onde lhe désse a posse, e investidura delle. A razão não se póde negar, que é tão cabal e adequada, quanto, e mais do que se podia desejar: mas como ou d'onde se ha de provar, que a posse deste imperio universal não se havia de tomar na terra, senão no céu? Vae a prova admiravel, e conforme com tudo o mais. Já vimos no sermão passado [1] como se mostrou Deus ao Propheta Daniel em um throno de grande magestade, d'onde deu o imperio universal de todas as gentes a um chamado quasi filho do homem: *Quasi filius hominis veniebat, et ad antiquum dierum pervenit, et dedit ei potestatem, et honorem, et regnum, et omnes populi, tribus et linguæ ipsi servient.* E quem é o quasi filho do homem? Tambem isto dissemos. O filho do homem é Christo: o quasi filho do homem, é o quasi-Christo, ou vice-Christo. Em summa, que assim como Christo, em quanto supremo Senhor no espiritual, fez um vice-Christo com o poder universal da Igreja, que é o Summo Pontifice; assim em quanto Senhor no temporal, ha de fazer outro vice-Christo com o poder universal do mundo, que é o imperador de que fallamos. E este segundo quasi filho do homem, este segundo quasi-Christo, ou vice-Christo, com

[1] E' o Sermão *Palavra do Pregador Empenhada.*

o imperio temporal do universo, onde tomou ou havia de tomar a posse desse imperio? E' certo que não na terra, senão no céu. O mesmo Texto o diz expressamente: *Et ecce cum nubibus cœli* (notem-se muito as palavras), *et ecce cum nubibus cœli quasi filius hominis veniebat, et usque ad antiquum dierum pervenit, et in conspectu ejus obtulerunt eum, et dedit ei potestatem et honorem et regnum, et omnes populi, tribus, et linguæ ipsi servient.* E vi, diz o Propheta, que vinha arrebatado das nuvens do céu o quasi filho do homem, e que chegava até o throno de Deus, onde lh'o offereciam e presenteavam, e que o mesmo Deus lhe dava o poder, a honra, e o reino universal, para que todas as nações, todas as linguas, e todas as gentes lhe obedecessem, e o servissem. De sorte que sendo o *quasi filius hominis* o Vigario de Christo, e o vice-Christo na terra, e sendo o imperio em que se lhe deram as vezes do mesmo Christo, o imperio temporal e universal do mundo: o logar em que recebeu a posse deste supremo poder, foi nomeadamente o céu, onde o levaram e arrebataram as nuvens: *Ecce cum nubibus cœli veniebat.* E o logar do céu, onde Deus lhe deu a mesma posse, foi ante o throno de sua mesma Magestade onde o presentaram: *Et in conspectu ejus obtulerunt eum.*

E se alguem perguntar a razão desta razão, e a conveniencia ou propriedade porque sendo este imperio da terra, a posse delle não quiz Deus que se tomasse na terra, senão no céu? A verdadeira razão Deus a sabe, que assim o mostrou ao Propheta: mas a que nós mui verosimilmente podemos conjecturar é, porque assim como ao primeiro Vigario de Christo no espiritual se deu a posse das chaves do céu na terra, porque Christo então estava na terra, assim foi conveniente que ao segundo Vigario do mesmo Christo no temporal se désse a posse do imperio da terra no céu, porque Christo agora está no céu. Exemplo. Quando os vice-reis e governadores dão homenagem dos reinos e provincias que se lhes encommendam, não se faz esta solemnidade nos mesmos reinos e provincias onde elles hão de representar a pessoa, e exercitar os poderes do rei, senão no logar onde está o mesmo rei, ou seja na côrte, ou fóra della. A côrte de Christo é o céu; e porque Christo estava neste mundo, e fóra da

sua côrte quando o primeiro vice-Christo lhe deu a homenagem do primeiro imperio universal, que é o da sua Igreja; por isso ainda que as chaves deste imperio fossem do ceu, a homenagem dellas não lh'a deu no céu, senão na terra, porque Christo estava na terra: logo da mesma maneira estando Christo hoje, como está, na côrte do céu, quando o segundo vice-Christo lhe houve de dar a homenagem do segundo imperio, que é o do mundo, ainda que este imperio e as chaves, ou sceptro delle seja da terra, não lhe devia dar a homenagem delle na terra, senão no céu, porque Christo está no céu. E esta foi a razão e novo mysterio no nosso principe, tanto de morrer logo depois de nascido, como de não nascer morto, a que esteve mui arriscado.

Ao segundo dia do seu nascimento, para que eu, posto que de tão longe, concorresse tambem á celebridade da acção de graças, o reverendissimo padre Leopoldo Juess, confessor de sua magestade, me enviou um resumo das circumstancias particulares de que cá não podia haver noticia, entre as quaes são as duas que agora direi. Em dezenove de Janeiro, ao sahir da Capella, depois de ouvir duas Missas, como sua magestade costuma, tropeçando nos apparatos de inverno, de que estava coberto o pavimento, faltou pouco que não cahisse de costas, e com todo o pezo do corpo, se duas damas que a acompanhavam, não tomassem e sustentassem a queda nos braços. Em vinte e oito de Abril, indo sua magstade em liteira, escorregou e cahiu um dos machos, e com o abalo e susto que se deixa vêr, tendo o feto já animado os mezes bastantes para sentir o fracaço, e não tendo o vigor e forças necessarias, em composição tão de vidro, para o resistir. Em dezoito de Agosto, estando já tão proximo ao parto, sobreveiu de noite a sua magestade um paroxismo de febre vehementissima, a que se seguiram oppressões e ancias do coração, e outros symptomas, que puzeram em grandes temores de aborto os medicos, como tambem os haviam tido nos accidentes passados. Só a rainha, que Deus guardou, e guarde, como havemos mister, se portou em todos com tal socego, valor, e constancia, como se não fossem coisa de cuidado, dizendo sempre muito confiada e seguramente, que o seu Santo (é o nome com que significa a S. Francisco Xavier)

assim como lhe déra aquelle filho, assim lh'o havia de livrar de todo o perigo.

Esta foi a primeira circumstancia, uma, segunda, e terceira vez notada no discurso dos nove mezes. Mas como todo o possivel se deve temer, para maior cautella, em materia que importa mais que a vida, frequentemente fazia sua magestade esta oração: Que se houvesse de perigar a vida do filho, ou da mãe, lhe aceitasse Deus, e tirasse a sua, com tanto que elle não perdesse a eterna, morrendo sem a graça do Baptismo. Julguem outros qual fosse mais sobre a natureza neste sacrificio, se a fé e a christandade, ou o amôr. Eu digo, que nem Deus podia faltar á piedade de tal petição, nem o Santo á confiança de lhe sollicitar o despacho. Mas accrescento, que nem a nova indulgencia de Deus, nem a repetida diligencia do Santo era necessaria, sendo o filho qual era, e para o que nascia. Porque? Porque sendo elle o destinado para o imperio universal, e havendo de tomar a posse do mesmo imperio no céu, claro está que não podia morrer sem baptismo. Isso quer dizer no nosso Texto nascer o filho varão, não como filho de outra mãe, senão da Igreja: porque todo o homem antes do baptismo nasce filho de Eva, e da natureza, e só depois do baptismo nasce filho da Igreja, e da graça: e por isso foi logo arrebatado ao céu: *Raptus ad Deum, et ad thronum ejus.*

Constando, pois, não por discursos, ou conjecturas, senão por Textos expressos da Sagrada Escriptura, que a posse do imperio universal do mundo se não havia de tomar na terra, senão no céu, nenhuma implicação, ou contrariedade tem, antes se vê clara e manifestamente, que não podia succeder d'outra maneira, senão que o mesmo filho varão, que nascia para imperador do mundo, fosse logo levado ao céu, a tomar a posse do imperio para que Deus o tinha destinado. E isto é o que expressamente viu S. João, e o que nós vêmos cumprido no nascimento e arrebatada morte do nosso principe: *Peperit filium masculum*, eil-o aqui nascido filho varão: *Qui recturus erat omnes gentes*, eil-o aqui nascido para imperador do universo: *Et raptus est ad Deum, et ad thronum ejus*, eil-o aqui depois de nascido, subitamente arrebatado ao céu, para receber de Deus a posse do imperio. Onde muito se devem notar aquellas palavras, *ad Deum, et ad thronum ejus.*

Não diz, *ad thronum suum*, que fosse arrebatado ao céu para o seu throno, que havia, e ha de gosar como bemaventurado, senão *ad thronum ejus*, ao throno de Deus; porque ia apresentar-se ao throno de Deus, onde havia de receber a posse e investidura do imperio, como expressamente diz Daniel: *Donec throni positi sunt, et antiquus dierum sedit: et dedit ei potestatem, et honorem, et regnum: et omnes populi, tribus, et linguæ ipsi servient.* [1]

IV

Assentado e estabelecido com tão certos e authenticos fundamentos, que o primeiro possuidor do imperio universal havia de ir tomar a posse delle ao céu, como foi com effeito o nosso principe; saibamos agora depois da posse tomada no céu, quem ha de ser o que governe, administre, e exercite o mesmo imperio na terra. Por ventura o mesmo principe, que assim como tão depressa se despediu de nós, assim haja de tornar outra vez a este mundo? Não. Elle tomou a posse delle, e o irmão que ha de nascer depois delle, é o que ha de lograr a primogenitura, e o que ha de succeder no imperio. De sorte que o mesmo imperio ha de ser commum de ambos os irmãos: do primeiro, e morto, que foi tomar a posse delle ao céu: e do segundo, e vivo, que o ha de administrar na terra. Confesso que parece coisa nova e admiravel formar de dois irmãos um só herdeiro, e que seja o primeiro irmão o que tome a posse, e o segundo, que ha de vir depois, o possuidor. Mas para mim, ainda que seja maravilha, não é novidade: porque assim o costuma Deus nos reinos que elle fez, e de que elle é o Rei, quaes foram unicamente neste mundo, primeiro o reino de Judá, e depois o de Portugal. Descreve S. Matheus a descendencia de Judá, e fallando não só do primeiro, senão tambem do segundo filho, diz assim: *Judas autem genuit Phares, et Zaram:* [2] Judas gerou a Pharés, e a

---

[1] *Dan.*, VII, 9 e 14.
[2] *Math.*, I, 3.

Zara. O estylo do Evangelista em todo o catalogo da genealogia de Christo é passar do pae ao primogenito, sem fazer menção do filho segundo, ainda que ambos fossem nascidos de um só parto, como Jacob e Esaü: *Isaac autem genuit Jacob.* [1] Pois se nesta geração, e em todas as outras só se nomeia o filho primeiro, e o segundo se passa em silencio, com que razão ou mysterio na descendencia de Judá, pae e fundador da tribu real, não só diz o Evangelista que gerou a Pharés, senão tambem a Zara: *Judas autem genuit Phares, et Zaram?* Na historia maravilhosa do nascimento destes dois meninos temos a razão e o mysterio. Foi o caso: que ao tempo de nascer, um delles lançou fóra o braço, no qual atou a parteira um fio de purpura, dizendo: Este ha de ser o primogenito: *Iste egredietur prior.* Mas que fez o mesmo menino, que é o que se chamou Zara? Recolheu outra vez o braço, e dando logar ao irmão, que era o segundo, e se chamou Pharés, este foi o que herdou a primogenitura. Em effeito, que Zara sahindo diante só, tomou a posse da purpura, e Pharés, que nasceu depois, foi o que a vestiu e a logrou.

Este foi o caso maravilhoso com que Deus lançou os primeiros fundamentos á successão do reino de Judá, de que elle era o Rei: e tal é o que temos presente, ou começado, nos fundamentos tambem primeiros do imperio de Portugal, de que o mesmo Deus é o Imperador: *Imperium mihi.* O principe nascido, e que logo se retirou para o céu, foi como Zara, que só tomou a posse da purpura, e recolheu o braço: o principe que ha de nascer, será como Pharés, que succedeu no logar que lhe deixou o irmão, e logrará a mesma posse, e se vestirá da magestade da purpura, e estenderá o braço a empunhar o sceptro. Os mesmos nomes de um e outro declaram o nascimento do primeiro, e a parte que havia de ter o segundo nesta divisão do imperio: porque Zara quer dizer *oriens*, o que nasce; e Pharés, *divisio*, o que divide. E como ambos os irmãos (tão cortez o primeiro, como venturoso o segundo) repartiram entre si estes dois primeiros actos da primogenitura e morgado real, um to-

[1] *Math.*, 2.

mando a posse, e outro succedendo-lhe nella; por isso S. Matheus, assim como nas outras gerações nomeou um só descendente, e um só filho, do mesmo modo nesta com novidade singular nomeou dois: para que? Para reservar cada um a parte do direito que tinha á successão do sceptro, fazendo de dois irmãos um só filho, de dois filhos um só descendente, e de dois descendentes um só herdeiro: *Voluit Evangelista honorem illis quodammodo partiri, ita Phares in genealogia Christi enumerans, ut Zaram non penitus excluderet, sed suum illi quod habere videbatur jus, quo uno poterat modo declarando reservare*, disse depois dos outros Interpretes, com maior propriedade e elegancia, o doutissimo Maldonado.

Este é pois o estado em que de presente nos achamos entre os dois irmãos, o nascido e o que ha de nascer. Bem assim como entre Zara e Pharés ao tempo em que Zara com a purpura já na mão retirou o braço. Não se viu caso, nem fineza similhante, se bem se considera. Tendo já começado a nascer Zara, retirou outra vez o braço para tornar a desnascer, e com este retiro ceder ao nascimento do irmão segundo a prerogativa de primeiro. Verdadeiramente que nascer e morrer logo, como aconteceu ao nosso principe, é nascer e desnascer; e se de dois irmãos, o primeiro desnascido, para que o segundo nascesse, fez o Evangelista um só primogenito, muito mais admiravel caso é, ou será, o dos nossos dois principes, o já passado desta vida e o futuro; porque um com a posse da purpura no céu, e outro com o sceptro na terra, formarão ambos um imperador nunca visto, nem imaginado, composto de dois, um vivo e outro morto. Disse, nunca visto, nem imaginado; porque fóra de Portugal nunca se viu, nem imaginou tal coisa; mas em Portugal sim. Oiçamos agora uma antiguidade antiquissima do nosso reino, e tão notavel, como antiga.

Depois da morte d'El-rei Luso, de quem os portuguezes se chamaram Lusitanos, foram taes as saudades com que o choraram, e a estimação que fizeram daquella perda, que se resolveram todos, pois tinham perdido tal rei, de não admittir jámais outro. Chegou neste tempo a Hespanha Baccho, celebrando com jogos e festas, e com as lanças laureadas de parra os seus famosos triumphos: e como passasse o Guadiana, e en-

trasse em Portugal, contentou-se tanto da terra e da gente, que desejou fazer rei della um filho que tinha chamado Lysias. Sabendo porém o firme presuppostо em que os portuguezes estavam de não acceitar outro rei depois de Luso; que faria Baccho? A's outras nações volta-lhes Baccho o juizo com o licôr a que deu o nome: porém aos portuguezes (deixem-m'o dizer assim) com que vos parece que os podia embriagar, senão com as saudades de um rei muito amado e morto? Disse-lhes, que agradecido Luso ao amôr e fidelidade dos portuguezes, tão firme que nem a morte o podéra enfraquecer, se resolvêra a passar a sua alma e a introduzir em outro corpo, para tornar a viver entre elles e os governar; e que o sugeito que animava, e em que vivia a alma de Luso, era aquelle seu filho, por isso tambem chamado Lysias. Que não crerá o amôr, quando se lhe promette o que deseja muito! *Omnia credit.* [1] Creram os portuguezes, e com este engano, acceitaram por rei a Lysias, e assim como d'antes em memoria de Luso tomaram o nome de Lusitanos, assim d'alli por diante, não mudando, mas continuando a mesma memoria de Lysias, se chamaram tambem Lysiades, e a Lusitania Lysia. Em fim, que os portuguezes naquelle tempo, segundo a sua opinião, eram governados por um principe composto de dois, um vivo e outro morto: o morto, cuja alma vivia em Lysias, e o vivo, cujo corpo sómente morrêra em Luso.

Todos sabemos que aos triumphos de Baccho, pae de Lysias, na India succederam e excederam na mesma India as victorias dos portuguezes. Não será logo temeridade crêr que a mesma Providencia Divina, que tinha destinado fundar o seu imperio no mesmo reino de Luso e Lysias, neste caso de Portugal, que succedeu mil e quinhentos annos antes da vinda de Christo, já então quizesse historiar, ou pintar uma excellente figura do que havia de succeder em outros dois principes do mesmo reino mais de mil e seiscentos annos depois. Nem o fingimento de Baccho, e o engano dos portuguezes, desfaz ou enfraquece de algum modo a propriedade e verdade do figurado; porque é certo que em muitas figuras do direito Senhor do mesmo reino

[1] *1.ª ad Corinth.*, XIII, 7.

de Portugal, Christo, ainda que intervieram enganos, como na benção de Jacob, nas promessas de Labão e na venda de José, nem por isso deixou de ser verdadeira depois a significação das mesmas figuras. Já vimos pois como a alma do primeiro principe, que Deus nos deu, tomou a posse do seu imperio no céu: e se o segundo, que esperamos nos ha de dar o mesmo Deus, fôr o possuidor do mesmo imperio na terra, como tambem lhe está promettido; quem não vê, que assim como o engano da alma de Luso se fez verdadeiro na alma do primeiro irmão, assim a fortuna e reinado de Lysias se verificará no segundo, compondo-se no tal caso, e inteirando-se de ambos um prodigioso imperador? Um morto e outro vivo; mas um no poder, um no sceptro, e um na mão que o ha de governar. Tal foi a irmandade e imperio de Moysés e Arão, em que de dois irmãos se compunha um só e não dois imperadores: um no poder, porque Moysés e Arão ambos mandavam com uma só voz: um no sceptro, porque a vara, que era o sceptro, uma vez se chamava de Arão, outra de Moysés: um, finalmente, na mão, porque sendo Moysés e Arão dois principes, a mão com que obravam, como diz David, era uma só mão: *In manu Moysi, et Aaron.* [1]

Resta sómente para ultimo e admiravel complemento do nosso caso, que no primeiro irmão fosse a mão do morto, e no segundo que a meneasse fossem os impulsos de vivo. Mas tambem isto nos promettem as esperanças de Portugal em outro successo fatal do mesmo reino. Uma das maiores circumstancias de fatalidade, com que na batalha d'El-rei D. Sebastião em Africa se perdeu o rei e o reino, foi, que na mesma batalha morreram tres reis: Moley Mahomet, rei de Marrocos: Moley Abdemelech, que lhe tinha usurpado o reino e El-rei D. Sebastião, que lh'o ia restituir. Estes dois ultimos foram vencidos e mortos; mas vencidos e mortos pelo primeiro tambem já morto. E de que modo? Morto de uma bala Moley Abdemelech, sem que o seu exercito o soubesse, foi mettido assim morto em uma liteira, e com elle um dos seus capitães, o qual lhe meneava a mão morta, e com a voz viva dava de dentro

[1] *Psalm.*, LXXXI, 21.

as ordens: e deste modo se proseguiu sem alteração a batalha, e se conseguiu a estupenda victoria, sendo os fataes instrumentos della a mão de um morto, e o mando de um vivo.

Busquemos agora a proporção que tem, ou póde ter esta fatalidade de Portugal com a felicidade do mesmo reino, que lhe esperamos. E não se aggravarão os arcanos da Providencia de nós lhe investigarmos ou medirmos as proporções; pois ella, na permissão da fatalidade passada, e na promessa da felicidade futura, observa tal proporção e correspondencia, que a fatalidade foi permittida no decimo sexto rei; e a felicidade está promettida á decima sexta geração. Supposto, pois, como deixamos tão largamente provado, que o imperio universal do mundo se ha de introduzir nelle com a ultima ruina e destruição do imperio ottomano, parece que a elegante contraposição, que a Sabedoria e Providencia divina costuma observar na rhetorica de suas obras, quando nellas se quer ostentar mais maravilhosa, parece, digo, que está pedindo ou promettendo, que assim como as armas mahometanas com uma mão morta meneada por um vivo, destruiram naquella fatal batalha o rei e o reino de Portugal; assim o mesmo rei e reino, para se fazer imperio, com a mão do primeiro principe e morto, que tomou a posse, e com a voz e impulsos do segundo e vivo, que lhe ha de succeder, sejam a destruição e ruina do poder e exercitos ottomanos.

V

Este é o modo fatal e maravilhoso, pelo qual nos nossos dois principes (o já nascido e morto, e o que ha de nascer e viver) de dois irmãos, á similhança de Zara e Pharés, se ha de compôr um só herdeiro, e de um morto e um vivo, á similhança de Luso e Lysias, se ha de formar um só rei e imperador. E se alguem lhe parecer que toda esta fabrica tão extraordinaria mais parece uma idéa fingida só no desejo, que esperança segura e bem fundada; pois toda depende principalmente do nascimento do segundo irmão, que é contingente, e incerto (como já se experimentou no se-

guido parto do primeiro matrimonio, tão desejado e esperado, que nunca veiu á luz) digo, que quando eu não tivesse outros motivos que grandemente me confirmassem nesta esperança, bastava só aquelle acto tão heroico no amôr natural e paterno com que suas magestades, assim como se alegraram com o nascimento do filho, quando Deus lh'o deu, assim lhe deram graças e se conformaram com sua divina vontade, quando lh'o tirou. Bastava, torno a dizer, para que a soberana liberalidade do mesmo Senhor, depois de lhe tirar o primeiro, não haja de faltar em lhe dar o segundo. Cahindo a casa de Job, matou-lhe os filhos: sendo certo ás avessas, bastar que lhe morressem os filhos, para que cahisse a casa. E que fizeram Deus e Job neste notavel successo? Job deu graças a Deus, dizendo, Deus os deu, Deus os levou: *Dominus dedit, Dominus abstulit; sit nomen Domini benedictum:* [1] e Deus pagou-se tanto deste acto tão conforme com a sua divina vontade, que assim como lhe tinha dado e levado os primeiros filhos, assim lhe deu os segundos. Havendo porém tanta differença entre uns e outros, que assim como os primeiros perderam a vida entre os trabalhos da primeira fortuna de Job, assim os segundos a lograram e estenderam por muitos annos entre as felicidades da segunda.

Mas deixado este motivo, fortissimo em qualquer outro coração menor que o de Deus, ainda se reforça a minha esperança em tres razões, uma provavel, outra quasi certa, e a terceira infallivel. A provavel, fundada no exemplo do nosso Texto: a quasi certa, fundada nos primores de S. Francisco Xavier: a infallivel, fundada na palavra e promessa divina. Quanto ao exemplo do Texto, quando Anna orando, disse a Deus: *Si respiciens videris:* [2] Se olhando virdes; pediu um só filho varão, *Sexum virilem:* e se Deus, ouvindo sua oração, lhe não deu um só filho, senão depois delle muitos; por que não teremos nós a mesma confiança, principalmente tendo por fiadora a promessa do mesmo Deus, em que pelas mesmas palavras de Anna nos deu e empenhou a sua, de que olhando veria? Entre o vêr,

---

[1] *Job.*, I, 21.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, I, 11

olhando ou sem olhar, ha uma muito grande differença. O vêr é acção do sentido, o olhar é attenção do cuidado, e isto é o que Christo prometteu á prole attenuada: *In ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit.* Depois da morte do principe, que Deus nos deu e levou, tão attenuada ficou a prole, como d'antes estava: quando o deu, poz nella os olhos de sua misericordia: *Posuit in te, et in semine tuo oculos misericordiæ suæ:* e quando o levou, ainda que lhe tirou o filho, não tirou della os olhos; porque no tal acontecimento, se os olhos de Deus deixassem de olhar, succederia a desattenção e descuido, ao cuidado e attenção promettida. De sorte, que tendo-se cumprido o *videbit* no nascimento do primeiro filho, sempre fica o *respiciens* para se não descuidar do segundo.

Quando Anna pediu o filho varão a Deus, fez um voto muito notavel: e foi, que se Deus lhe désse o filho, ella o emprestaria a Deus. Esta foi a fórma do voto, uma e outra vez repetida: *Idcirco ego commodavi eum Domino cunctis diebus, quibus fuerit commodatus Domino.* [1] Quem é o que empresta os filhos nestes casos, não são os paes a Deus, senão Deus aos paes. Bem se viu no nosso principe, dado verdadeiramente por emprestimo, e por emprestimo de tão poucos dias, que mal passadas duas semanas, nol-o tornou Deus a tomar e recolher para si. Mas o que eu neste emprestimo de Anna reparo e pondero muito, é o genero, ou especie do mesmo emprestimo. O contracto do emprestimo, posto que a nossa lingua o não distingue, divide-se em duas especies, uma que se chama *commodato* e a outra *mutuo:* no emprestimo de *commodato* sois obrigado a tornar aquillo mesmo que recebestes: emprestaram-vos uma espada, haveis de tornar a mesma espada: no contracto de *mutuo*, não sois obrigado a tornar, ou pagar o mesmo, senão outro tanto: emprestaram-vos dez arrobas de assucar, não haveis de tornar o mesmo assucar, senão outro tanto peso. Vamos agora ao mesmo contracto entre Anna e Deus. Da parte de Anna foi emprestimo de *commodato: Commodavi eum Domino;* porém da parte de Deus, depois que lhe acceitou e tomou o filho para si, foi emprestimo de

[1] *1.º Livr. dos Reis,* I, 28.

mutuo; porque por um filho emprestado lhe deu outro e outros: *Donec sterilis peperit plurimos.* [1] E como a liberalidade divina é tão pontual na paga, ou restituição destes emprestimos; havendo-nos emprestado Deus e tomado outra vez, e levado para si o primeiro principe, assim como nos deu e levou o mesmo por *commodato*, não podemos duvidar que nos dará outro por *mutuo*.

Esta é a razão, posto que tão provada, a que só dei o nome de provavel. A que chamei e chamo quasi certa, é fundada na obrigação e primores de S. Francisco Xavier, que comparados ficarão melhor conhecidos. Eliseu, primogenito de Elias, como Xavier de Santo Ignacio (Patriarchas ambos de fogo), agradecido a uma matrona muito sua devota, chamada pela patria Sunamitis, disse desta maneira a Giezi, criado que era do mesmo Propheta: «Temos tantas obrigações como sabes, a esta Sunamitis; com que lhe pagaremos? Pergunta-lhe se tem algum requerimento com El-rei, ou quer algum privilegio do general das armas para sua casa, e dize-lhe, que eu lhe alcançarei logo tudo o que quizer.» Grande confiança, por certo, de um homem vestido de pelles, que tão seguramente promettesse as mercês e favores do rei, e dos seus maiores ministros! Mas era Eliseu prégador do mesmo rei, e assim costumavam os reis daquelle tempo estimar e deferir aos seus prégadores. Até de Herodes dizem os Evangelistas, que sem o Baptista lhe pedir nada, fazia muitas coisas só por serem dictames seus: *Audito eo multa faciebat.* [2] Mas tornando ao criado, respondeu Giezi, que não era necessario saber da Sunamitis o que queria, porque era casada e não tinha filho, e isto é o que sobre tudo devia desejar. Então a chamou Eliseu, e lhe prometteu um filho, o que ella, ainda depois de promettido, não podia acabar de crêr, e assim lhe disse com palavras cheias de confiança: Olhae, varão de Deus, não me enganeis: *Noli, vir Dei, noli mentiri ancillæ tuæ.* [3] Cumpriu-se porém (como não podia faltar) a palavra do Propheta, teve Sunamitis o filho pro-

---

1 *1.º Livr. dos Reis*, II, 5.
2 *Marc.*, VI, 20.
3 *4.º Livr. dos Reis*, IV, 16.

mettido, e no tempo signalado; mas durou-lhe poucos dias este gosto, porque morreu o menino. E que faria a mãe, que tanto o tinha desejado ser, e o logrou tão pouco? Vae-se buscar a Eliseu, que estava ausente, lança-se a seus pés, dizendo com lagrimas: *Nunquid non dixi tibi, ne illudas me?* [1] E bem, varão de Deus, não vos disse e protestei eu, que me não enganasseis? Se da vossa parte não houve engano, pois me déstes o filho que me promettestes, eu me acho muito enganada, porque melhor me fôra não o haver tido, para o perder tão depressa, disse a mulher, e o Propheta não respondeu palavra. Entregou a Giezi o seu baculo, e mandou-lhe que fosse muito depressa a casa da Sunamitis, e que o puzesse sobre o menino morto, para que o resuscitasse; mas como a morte estava obstinada a não se render a outro lenho que o da Cruz, o baculo, e quem o tinha levado, tornaram sem effeito. Então conheceu Eliseu quão bem fundada era a desconfiança da Sunamitis, quando lhe disse: *Noli mentiri ancillæ tuæ;* pois dar um filho a uma mãe para o não lograr, era como desmentir o que tinha promettido, e roubar o que tinha dado: e para acudir o Propheta pela verdade da sua palavra, não só orou fortissimamente a Deus, mas ajuntou á oração todos os meios naturaes, com que o cadaver frio, tornando a receber calor, se podia dispôr outra vez para se lhe introduzir a alma. Em fim resuscitou o menino, e Eliseu acabou de desempenhar a sua promessa, e dar de verdade á mãe o filho que lhe tinha dado, porque lh'o deu outra vez.

Se eu agora esperasse que S. Francisco Xavier nos resuscitasse o nosso infante, não seria esperança extraordinaria, senão muito vulgar nos seus poderes. Eliseu resuscitou um morto em vida, e depois da morte outro; Xavier resuscitou em vida vinte mortos, e depois da morte quarenta e seis (além dos que se não sabem): e sendo sessenta e seis estes resuscitados, teria o nosso principe o setimo logar, ainda depois dos sessenta. Entre estes foram os meninos que resuscitou perto de trinta, e alguns que os paes tinham alcançado por sua intercessão, com que o Santo lh'os deu duas vezes. Mas eu não quero que Xavier nos alcance a resurrei-

[1] *1.º Livr. dos Reis,* IV, 28.

ção do mesmo principe, senão o nascimento de outro, porque este é, como vimos, o modo mais proprio e natural do olhar e vêr dos olhos de Deus.

E certo que para alcançar Xavier do mesmo Deus uma segunda vida, não seriam necessarios tantos extremos de acções extraordinarias, como as que ajuntou Eliseu á sua oração; porque se uma reliquia de Eliseu (qual era o seu baculo) não pôde communicar segundo ser ao filho da Sunamitis, bastou uma reliquia de Xavier para influir o primeiro ao primogenito de sua magestade. O maior thesouro que veiu da India a Portugal, depois do braço de S. Francisco Xavier, que está em Roma, foi um barrete do mesmo Santo, com que desprezadas as outras riquezas do Oriente, veiu mais rico que todos o ultimo vice-rei. Foi pois o caso, que em vinte e um de novembro de mil seiscentos e oitenta e sete, dia da Apresentação da Virgem Maria, pondo na cabeça a rainha nossa senhora este barrete, subitamente lhe correram dos olhos copiosas lagrimas, e se lhe inflammou e mudou o rosto de tal sorte, que o seu confessor, que estava presente, ficou admirado. Inquirindo depois a causa, lhe revelou sua magestade que desde aquelle ponto ficou tão certificada de que o Santo lhe havia de alcançar de Deus o filho que por sua intercessão esperava, que nunca mais lhe viera ao pensamento podel-o duvidar. As palavras do mesmo padre confessor são: *Ut nihil amplius hæsitaret de impetrando quod petebat:* e o effeito foi o que se viu aos nove mezes seguintes.

Que diremos agora ao baculo de Eliseu comparando reliquia com reliquia? Não é o meu intento dizer que são mais poderosos para com Deus os barretes que os baculos. Sendo porém tal a profissão de S. Francisco Xavier, que fazem nella voto os barretes de não acceitar os baculos: não seria maravilha ser este voto tão grato a Deus que no concurso de uns e outros sejam menos milagrosos os baculos, que os barretes. E como ao primor e agradecimento de S. Francisco Xavier lhe não falta o poder, antes lhe seja tão facil qualifical-o com as obras; não sendo elle menos obrigado aos reis de Portugal, do que Eliseu aos de Israël, para os quaes offerecia valias: e sendo tanto maiores que os da Sanamitis, os obsequios com que a devoção da rainha nossa senhora tem empenhado o mesmo Santo,

não só em Portugal na sua imagem, senão em seu corpo na India; bem se conclue que se Eliseu alcançou a segunda vida ao filho da Sunamites, e o faria com egual e maior obrigação se fôra filho do rei; assim não faltará o primor e agradecimento de Xavier em alcançar a suas magestades o segundo filho. Já me arrependo de ter chamado a esta razão de confiança quasi certa, pois o mesmo Santo certificou della a rainha nossa senhora sem quasi, senão com toda a certeza.

Só resta a ultima razão, ou argumento, a que chamei infallivel, e é fundado na promessa e palavra divina. Quando Christo Senhor nosso appareceu a El-rei D. Affonso, as primeiras palavras com que deu principio ao que determinava fundar naquelle dia, foram: *Ego ædificator regnorum et imperiorum sum:* Que elle é o edificador dos reinos e dos imperios: e sobre este proemio, passando á promessa, pronunciou a segunda proposição, dizendo, que no mesmo rei, e na sua descendencia queria estabelecer o seu imperio: *Volo enim in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire.* Esta ultima palavra é de grandissimo pezo, e pede egual ponderação. Supposto que no proemio tinha dito o supremo Senhor, que elle é o edificador dos reinos e dos imperios, parece que havia de dizer, que em D. Affonso, e na sua descendencia queria edificar o seu imperio: pois porque não disse, *ædificare*, edificar, senão *stabilire*, estabelecer? Porque de edificar a estabelecer vae grande differença: o que se edifica, póde-se arruinar; o que se estabelece, não póde deixar de permanecer. Em quanto Esaü foi á caça, fingindo Jacob que era Esaü com as astucias que sabemos, alcançou de seu pae Isaac a benção e morgado, que pertencia ao mesmo Esaü, e a quem o pai o queria dar. Veiu em fim Esaü poucas horas depois, conheceu Isaac o engano, e comtudo não o desfez: omissão estupenda em um homem justo e santo! Pois se Esaü era o primogenito, e a Esaü pertencia a benção e o morgado, e o mesmo Esaü descobriu o engano, e ó allegou de sua justiça; porque não desfez Isaac, nem annullou a doação feita contra sua propria vontade? O mesmo Isaac o disse: *Frumento, et vino stabilivi eum, et tibi post hæc, fili mi, ultra quid faciam?* [1] Não disse que tinha

[1] *Genes.*, XXVII, 37.

dado a benção e o morgado a Jacob, senão que o tinha estabelecido nelle, *stabilivi eum:* e como a doação estava estabelecida, declarou que já não era possivel fazer outra cousa: *Et tibi post hæc ultra quid faciam?* Se a benção fôra só dada a Jacob, podera-lh'a tirar Isaac; mas como a Jacob estava dada, e em Jacob estabelecida, já não podia ser tirada, senão permanecer no mesmo Jacob. Tal é a energia e força daquelle *stabilire* no nosso caso. Se o imperio de Christo fôra só edificado na descendencia de D. Affonso, morto o primeiro descendente da geração attenuada, poderia cahir com a sua morte, e arruinar-se nelle o edificio: porém como o mesmo edificador dos reinos e dos imperios prometteu que havia de estabelecer o seu na mesma descendencia: *In te, et in semine tuo imperium mihi stabilire;* assim como deu o primeiro filho para a posse no céu, assim está obrigado a dar o segundo para o estabelecimento na terra.

VI

Parece-me (se me não engano) que o discurso desta apologia tem bastantemente consolado as nossas saudades, assegurado as nossas esperanças, e defendido a verdade das minhas promessas muito a pesar da morte, e a prazer do morto. Só restam ou podem restar os escrupulos de alguma incredulidade nossa, e muitas dos estranhos, a que devo satisfazer. E creio que não faltarei em dar justa satisfação a uns e a outros, se, cerrados os olhos a todo o affecto particular, abrirem os ouvidos livres ao que dictar e provar a razão.

Ainda eu não tinha acabado de prégar, quando já se queixavam alguns ouvintes de que eu dilatasse as felicidades que promettia, para quando podesse ser o auctor dellas um menino, de quem então se recebiam as novas de ser nascido; havendo de esperar as dilações da sua infancia, os vagares da sua puericia e adolescencia, e os prazos outra vez dobrados da edade de mancebo até de varão; pois este mesmo nome pedido em umas Escripturas, e repetido em outras, não só significava o sexo, senão tambem o juizo, o valor, a experiencia, e todas as outras qualidades, de que se com-

põe um heroe perfeito, e mais para conquistar e sustentar o peso da monarchia do mundo. Confesso, que a ninguem tocava mais de perto esta queixa, que aos meus annos, pois todos os velhos nos podiamos despedir de vêr aquella felicidade em nossos dias. E a esta razão, ou desesperação, podiam ajuntar os doutos as Escripturas; porque no Capitulo setimo tantas vezes allegado de Daniel, se diz que ao imperio ottomano tinha Deus promettido: *Tempus, et tempora, et dimidium temporis:* nas quaes palavras *tempus* significa um seculo, *tempora* dois seculos, *et dimidium temporis*, parte de outro seculo, que vem a fazer trezentos e cincoenta annos e meio precisamente, ou alguns mais, dentro porém no quarto seculo. D'onde se segue que havendo começado aquelle imperio no anno de Christo de mil e trezentos, não póde chegar ao de setecentos, em que o principe nascido só teria onze annos, edade ainda de nenhum modo sufficiente para as batalhas e victorias que necessariamente hão de preceder á total ruina e extincção de uma tão dilatada e formidavel potencia. Finalmente, a experiencia dos successos felicissimos das armas Catholicas nestes annos, e a conquista de cidades tão capitaes, com o rendimento de fortalezas que sempre se conservaram na reputação de inexpugnaveis, e com a rota de tantos e tão innumeraveis exercitos e mortandade de tanta infinidade de barbaros, parece que estão promettendo a breve e total destruição do imperio do turco, e que os prazos que a Providencia tem assignalado ao castigo da christandade na sua duração, com passos não apressados só, mas precipitados, se vão chegando ao fim, porque *adesse festinant tempora.* [1]

E se estas difficuldades concorriam com tanta evidencia na vida do principe, cujo nascimento festejavamos; quanto mais depois da nova de sua morte, com que se amorteceram tambem as esperanças, quando se não sepultassem de todo. E ainda depois de eu provar que o levou Deus por forçosa consequencia ao céu, onde necessariamente se havia de tomar a posse do imperio universal promettido: havendo de succeder á posse tomada no céu outro filho segundo, que receba

---

[1] *Deut.*, XXXII, 35.

o dominio e o exercite na terra: onde está este segundo principe? Não só esperado (como hoje é) senão ainda depois de nascido, por mais que os olhos divinos se apressem a nol-o dar, sempre concorrem nelle as mesmas difficuldades, pois se não podem concordar os muitos annos que ha mister para a sufficiencia do dominio, com os poucos que promette o imperio que ha de ser dominado.

Eu não posso negar que a solução deste argumento, e a concordia das contrariedades que nelle se representam, me puzeram em grande cuidado. Nesta suspensão estive até que o mesmo olhar e vêr dos olhos divinos, me abriram tambem os meus; e subindo com a vista quando eu descia com ella, me mostraram o modo facil e natural com que a posse tomada no céu se póde logo logo verificar na terra. E que modo é ou póde ser este? Não sendo o segundo irmão como successor do primeiro, o chamado para a introducção do imperio, senão o pae vivo, como herdeiro do filho morto. Não é herdeiro natural do principe D. João, que Deus nos deu e levou, El-rei D. Pedro nosso senhor, seu pai vivo, e que muitos annos viva? Sim. Pois este é logo logo o principe fatal, em cujas prerogativas e attributos reaes não só ficam desvanecidas todas essas difficuldades, mas sobre toda a imaginação satisfeitas e cheias as medidas de quanto neste promettido heroe póde fingir o desejo, e pedir a importancia da empreza. Que se póde desejar no conquistador do turco, e dominador do mundo? Edade? E que edade como a de quarenta annos cabaes, a propria e consummada de varão perfeito? Forças? E que braços e pulsos tão fortes e robustos como os que, esperando no corro a furia dos brutos mais bravos, com as mãos nuas e desarmadas lhes põe as duras cervices e as agudas pontas aos pés? Valor? E que animo mais intrepido, mais senhor dos perigos, e mais desprezador dos temores que o seu, não só quando conhecido, mas disfarçado; nem só na luz do dia, mas no mais escuro da noite, onde os homens todos são da mesma côr, nem distinguem ou valem aos reis os salvo-conductos da magestade? Guerreiro? E que espirito mais filho de Marte, que aquelle que de edade de tres annos o acalentavam para o somno com a sua espada, e nunca poderam acabar com elle que dormisse senão com ella ao lado?

Criado entre o estrondo das caixas e das trombetas, e crescido entre os repiques e vivas das victorias? Experiencia? Não só a das observações de toda a vida, mas de vinte e um annos de governo, em tantos accidentes prosperos e adversos, que são os que melhor ensinam, sendo mais difficultoso na paz repartir os premios entre os soldados vencedores, que vencer com elles os inimigos na guerra. Juizo e comprehensão dos negocios? Digam-no os embaixadores e ministros estrangeiros na admiração com que se veem respondidos de repente ás propostas que elles trazem mui estudadas, sem mais consultas, nem conselho, que a profunda penetração de todas as materias, cujas resoluções, na certeza dos proprios termos de cada uma, e estylo altiloquo, e verdadeiramente real, tanto persuadem o que dizem, quanto emmudecem a quem as ouve. Finalmente a fé para uma guerra contra infieis, e a piedade para a recuperação da Terra Santa? E quem é o rei daquelle povo, a quem o mesmo Christo chamou: *Fide purum, et pietate dilectum;* e o principe catholico, que com o cuidado, com as leis, com os dispendios da fazenda, e sobre tudo com a eleição de ministros, os mais idoneos e provados no zelo da conversão das almas, tanto como El-rei D. Pedro se empenhe e desvele na propagação da fé, e na piedade, culto, e augmento do serviço e gloria divina, exhortando por si mesmo aos seus enviados com espirito, e motivos mais de Apostolo, que recommendações de rei?

Assim que, para substituir desde logo, e entrar á posse do primogenito morto, não é necessario esperar pelo irmão segundo, como successor, senão recorrer ao pae como herdeiro do filho. E verdadeiramente, que se considerarmos ao filho tomando a posse no céu, e ao pae conquistando-lhe os subditos, e o imperio na terra, ninguem haverá que não reconheça neste imperio temporal de Christo uma excellente analogia e correspondencia do seu imperio espiritual. Morreu Christo, subiu ao céu, e depois que o Filho esteve no céu, que fez o Pae? O mesmo Pae, fallando com elle, o disse: *Sede à dextris meis, donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum:* [1] Deixae-vos estar no

[1] *Psalm.* CIX. 1.

céu, Filho meu, que eu tomo por minha conta sujeitar e metter debaixo dos vossos pés todos vossos inimigos. Os inimigos do Filho eram todas aquellas gentes, que o não adoravam por fé, nem reconheciam por obediencia, das quaes elle só tinha tomado a posse: *Postula à me, et dabo tibi hæreditatem tuam, et possessionem tuam terminos terræ;* mas essas mesmas gentes, rebeldes, contumazes, e inimigas ainda negavam ao mesmo Filho a sujeição e obediencia devida, não querendo acceitar o jugo de sua lei, posto que jugo leve e suave, unidos seus reis e principes na sua desobediencia e rebeldia, como diz o mesmo Propheta: *Astiterunt reges terræ, et principes convenerunt in unum adversus Dominum, et adversus Christum ejus: Dirumpamus vincula eorum, et projiciamus à nobis jugum ipsorum.* Neste estado, porém, o Pae, assim como tinha tomado por sua conta a conquista do imperio do Filho, assim o fez com maravilhosa efficacia, sujeitando a todos esses reis e principes rebeldes, e obrigando-os, e trazendo-os com uma não forçada, mas voluntaria violencia, a que viessem reconhecer e beijar o pé na terra ao Vigario do mesmo Filho, como elle mesmo disse: *Nemo venit ad me, nisi Pater meus traxerit eum.* E se a Providencia Divina, que sempre se parece comsigo mesma em todas suas acções, estabelecendo a posse do Filho com a conquista do Pae, poz as corôas do mundo aos pés do seu primeiro Vigario; porque não guardará o mesmo estylo com o segundo, sujeitando tambem o imperio ao filho pela conquista de seu pae, resultando nesta formosa architectura com egual proporção e graça, não só a correspondencia da obra em um e outro imperio, senão tambem a consonancia do nome em um e outro Pedro?

Quando Nabucodonosor viu aquella estatua dos quatro metaes, em que eram representados os quatro imperios do mundo, viu tambem, que uma pedra arrancada de um monte, sem mãos, dando nos pés da estatua, a derrubava, e convertia os metaes em cinzas, e ella crescia a tanta grandeza, que enchia toda a terra: *Lapis autem qui percusserat statuam, factus est mons magnus, et replevit universam terram.* [1] Que

[1] *Dan.*, II, 35.

esta pedra fosse, ou representasse a Christo, nenhum Expositor catholico o duvida: mas em que tempo alcançasse Christo, ou haja de alcançar esta victoria, em que derrube todos os imperios do mundo, e o seu se estenda, e encha o mesmo mundo, é uma difficuldade tão escura, e implicada com a experiencia, que depois de ter atormentado a todos os Commentadores, nenhum se aquieta na exposição alheia, nem ainda na propria. Uns teem para si, que a prophecia se ha de cumprir na segunda vinda de Christo; mas então já não ha de haver mundo, ao qual se haja de estender, e encher a pedra. Outros querem que já se tenha cumprido na primeira vinda de Christo; mas os pés de ferro e barro, com cujo golpe a pedra derrubou a estatua, significavam a ultima fraqueza do imperio romano, o qual no nascimento de Christo, e no edicto de Augusto Cesar se declarou por senhor universal do mundo: *Exiit edictum à Cæsare Augusto, ut describeretur universus orbis.* [1] E é certo, que no tempo e vida de Christo de nenhum modo cahiu e se desfez o imperio romano, antes cresceu a sua maior grandeza. Pois se esta prophecia se não cumpriu no primeiro advento de Christo, nem se póde cumprir no segundo: quando se ha de verificar que a pedra que significava, e representava Christo, ha de derrubar e desfazer a estatua de todos os outros imperios, e crescer e dominar o seu em todo o universo: *Replevit universam terram?* A solução verdadeira desta grande duvida é, que esta ultima e total victoria não a havia, nem ha de alcançar Christo neste mundo por sua propria Pessoa, nem a primeira vez que veiu, nem a segunda que ha de vir a elle, senão pela pessoa do seu Vigario, no ultimo e maior augmento da Igreja, que por isso se chama Catholica, quando todo o mundo e seus imperios professarem a fé e obediencia do mesmo Christo. E foi pedra e não raio, ou outro instrumento, a que derrubasse a estatua, porque não só Christo era pedra: *Petra autem erat Christus:* [2] senão tambem o seu Vigario é pedra: *Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* [3]

[1] *Luc.*, II, 1.
[2] *1.ª ad Cor.*, X, 4.
[3] *Math.*, XVI.

E porque aquelles imperios não só em quanto gentilicos e idolatras se oppunham ao imperio espiritual de Christo, senão tambem em quanto politicos ao temporal, o qual no mesmo tempo ha de ter segundo Vigario, como vimos; se este segundo Vigario se chamasse Pedro, então seria ainda maior a propriedade da pedra, não só pela proporção do imperio, senão pela consonancia do nome. Mas se o Texto exclue esta segunda pedra, maravilhosamente allude a ella. Diz o Texto, que aquella pedra que derrubou a estatua, se arrancou do monte, e fez o tiro sem mãos: *Lapis abscissus de monte sine manibus:* [1] e assim foi; porque o imperio espiritual de Christo assim como se começou a conquistar sem armas, assim ha de crescer, e conseguir a sua ultima e consummada grandeza sem ellas. Porém o imperio temporal, que primeiro ha de sujeitar a potencia do turco, e depois a contumacia de todos os outros inimigos do nome christão, e por fim não violenta, mas voluntariamente ha de render o resto do mundo, não póde ser *sine manibus*, senão com mãos, e muito fortes. David quer dizer, *manu fortis*, o forte de mãos: e esta segunda pedra ha de ser como a pedra de David. A outra pedra deu nos pés da estatua, esta ha de dar na cabeça do Gigante; porque as estatuas mortas teem os alicerces nos pés, as vivas na cabeça. Tudo o que se oppõe ao imperio espiritual de Christo, é morto, porque carece da vida sobrenatural; mas tudo o que se oppõe ao temporal, é vivo e muito vivo, porque vive na ambição, na soberba, e na cubiça, que são as tres potencias da alma do mundo. Para David vencer este Gigante ha de disparar a funda, e cortar com a espada: e se Christo, assim como a mandou embainhar a um Pedro, a mandar desembainhar a outro, eu fico que ninguem lhe aperte os punhos com melhores mãos, ainda que o partido contrario seja tão desegual, como a um só Pedro toda a cohorte romana.

VII

Com estas ultimas palavras acabo de satisfazer á primeira duvida, e tenho entrado na segunda, que não

[1] *Dan*, II, 34.

é só dos poucos que se não atrevem a esperar, mas dos muitos, ou de todos os que zombam de crèr. Dizem que, se ha de haver no mundo um imperio universal, outras corôas tem o mesmo mundo, cujo ambito seja mais capaz desta grandeza, que a de Portugal. E certo que eu sou tão amigo da verdade, e tão sem paixão, nem lisonja, que tambem me persuadira, e dissera o mesmo por parte de muitas outras nações e reinos catholicos, se não tivera uma só razão em contrario. Que querem ou podem querer os oppositores desta monarchia, que eu lhes conceda? Maior antiguidade? Maior grandeza? Maior poder? Maior politica? Maior arte militar? Maiores exercitos, e tudo o que póde fazer um ou muitos estados maiores? Tudo isso concedo sem disputa, nem controversia. Mas haverá algum reino, ou nação, que tenha seis palavras da bocca de Christo que digam: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire:* Eu quero etabelecer em ti, e na tua descendencia o meu imperio? Se ha algum reino ou rei, ao qual, ou do qual dissesse Christo similhantes palavras, funde nellas a sua fé, as suas esperanças e os seus desejos, e exclua a todos os outros. Mas se esta prerogativa é singular de Portugal: porque lhe hão de querer tirar o que Deus lhe prometteu? E porque hão de querer outra prova, ou segurança de haver de ser, que a mesma promessa? Quando os Prophetas promettiam outras coisas mais difficultosas: com que provavam a certeza infallivel de haverem de succeder? *Quia os Domini locutum est:* [1] Porque assim o disse Deus por sua sagrada bocca. E se elle com a mesma bocca e na mesma cruz, com que disse as outras sete palavras, disse tambem estas seis: que importa que o desdiga, ou negue todo o mundo? Isto baste por resposta aos que cortam o vestido ás suas esperanças pelas medidas da maior grandeza, ou do seu conceito, ou do seu corpo.

E quanto a ser menor o corpo de Portugal, e a primeira victoria por onde se ha de introduzir o imperio ser a do grande poder do turco que no mesmo Texto sagrado se chama por antonomasia a Potencia: *Ut auferatur Potentia, et dispereat usque in finem;* [2] não

[1] *Isaias*, I, 20.
[2] *Daniel*, VII, 26.

carece verdadeiramente de admiração, vista a materia com olhos humanos, que de um reino tão pequeno como Portugal, e tão dissipado e diminuto hoje nas suas Conquistas, possam sahir bastantes forças para effeitos tão grandes e estupendos! E posto que eu me podéra acolher a sagrado, e responder com o exemplo de David, o menor entre todos seus irmãos, e por isso mesmo escolhido por Deus para derrubar o gigante Golias, e humilhar a arrogancia e potencia dos Philisteus, só me contento com a metaphora daquella historia, e não quero della o exemplo. E se me perguntam porque? Porque me lembro do que outros parece se esquecem, e porque de casa temos outro exemplo maior e melhor para confirmar a esperança deste grande futuro na experiencia do passado. Não era por certo menos Golias o Oceano armado de tempestades e horrores: nem menor gigante o Oriente estendido em tantos e poderosos imperios: e comtudo para domar a braveza de um, e conquistar a potencia do outro, nem Deus escolheu entre os reinos outro reino, que o de Portugal: nem entre as nações outra nação que os portuguezes. Elles foram para pizar o orgulho do Oceano, nunca arado de outras quilhas, os argonautas: e elles (assim poucos) os que para deixar muito atraz as conquistas de Baccho e Alexandre no Oriente, os capitães e soldados. Mas porque o mesmo Deus tomou por sua conta responder a esta mesma objecção de ser o reino de Portugal tão pequeno, oiçamos o que diz por bocca de Esdras.

Conta Esdras no Capitulo onze e doze do seu quarto Livro, que viu levantar-se do mar uma aguja, a qual tinha tres cabeças e doze azas: *Vidi, et ecce ascendebat de mari aquila, cui erant duodecim alæ pennarum, et capita tria.* [1] Esta aguia sem outra interpretação demonstra claramente ser o imperio romano, que sempre teve por insignia e por armas a aguia. E se olharmos para o que foi antigamente, e hoje resta do mesmo imperio, manifestamente vemos que está dividido em tres cabeças, uma em Roma, que é o Pontifice, outra em Constantinopla, que é o turco, e a terceira em Vienna de Austria, que é o imperador de Allemanha. Mas dei-

[1] *4.º Livr. Esdr.*, XI, 1.

xada qualquer outra interpretação, vamos á do mesmo Deus: *Aquilam quam vidisti ascendentem de mari, hoc est regnum, quod visum est in visione Danieli fratri tuo.* Esta aguia que viste, diz Deus fallando com Esdras, é aquelle mesmo imperio que foi revelado a Daniel teu irmão. E porque a Daniel foram revelados quatro imperios em quatro feras, logo declarou o divino Oraculo, que fallava do quarto imperio, que é o romano, significado na quarta fera que tinha os dentes de ferro, e era a mais forte e mais terrivel de todas: *Ecce dies venient, et exurget regnum super terram, et erit timor acrior omnium regnorum, quæ fuerunt ante eum.*

As doze azas da aguia representavam o poder e grandeza do mesmo imperio romano estendido e dilatado por todo o mundo até então conhecido: e as pennas das azas são os reinos e nações sujeitas e dominadas, de que se compunha a grandeza e vestia a magestade do mesmo imperio. Destas pennas viu o Propheta muitos encontros e batalhas que tiveram entre si, e contra a mesma aguia com varios successos, cuja historia é mui intrincada e confusa, e não serve a nosso proposito. O que só se deve advertir para intelligencia do Texto, e de muitos outros da Escriptura Sagrada, é, que o corpo da aguia, em que se continuou o imperio romano, não é o de Roma nem o de Allemanha, senão o de Constantinopla e do turco. E isto pela grandeza sem comparação muito maior das terras, provincias e gentes que dominou e domina na Europa, na Asia e na Africa, sujeitas d'antes aos romanos. Neste mesmo sentido fallou o propheta Daniel, porque referindo á extincção do *cornu parvulum* (que é como vimos o imperio do Turco) expressamente diz que então morreu e acabou a quarta fera que representava o imperio romano: *Aspiciebam propter vocem sermonum, quos cornu illud loquebatur, et vidi quoniam interfecta esset bestia, et perisset corpus ejus.* [1] E diz nomeadamente *corpus ejus;* porque no imperio do turco se continuou o corpo do imperio romano, que em Daniel era a quarta fera, como em Esdras é a aguia de tres cabeças.

[1] *Daniel,* VII, 11.

Isto posto, vamos ao nosso ponto. Diz o mesmo Esdras, que contra esta aguia se levantou um leão, o qual com voz humana, e em nome de Deus começou a lhe falar desta maneira: *Nonne tu es qui superasti de quatuor animalibus, quæ feceram regnare in sæculo meo? etc.* [1] Não és tu o que só restastes dos quatro animaes que eu fiz reinar no meu mundo? (Aqui se confirma outra vez ser o imperio do turco aquelle em que se continuou o romano.) Não és tu (continua) o que sempre reinaste com dolo, e julgaste contra a verdade, e amaste a mentira? Não és tu o que debellaste os muros, e conquistaste as cidades, e destruiste as casas e roubaste e despojaste os pobres do fructo dos seus trabalhos? Não és o que attribulaste e affligiste os innocentes e tyrannisaste os que te tinham offendido, e sobretudo o que disseste injurias, affrontas e blasphemias contra o Altissimo? Sabe, pois, que as tuas soberbas e maldades subiram até o seu divino conspecto, e por ellas te tem condemnado a que tu, ó aguia, não appareças mais no mundo, nem as tuas azas horriveis, nem as tuas pennas pessimas, nem as tuas cabeças malignas, nem as tuas unhas carniceiras, nem o teu corpo todo vão. Assim acabou de dizer o leão executor desta justiça, e logo viu Esdras que a cabeça que só restava no corpo da aguia, e todo o mesmo corpo (como tambem tinha visto Daniel) foi queimado e convertido em cinzas, com horror e assombro de toda a terra: *Et vidi, et quod superaverat caput et omne corpus aquilæ incendebatur, et expavescebat terra valdè.* [2]

Já temos destruido totalmente o turco, e destruido por meio de um leão escolhido por Deus para em seu nome ser o famoso executor desta justiça, e obrador glorioso de tão estupenda façanha. Só resta saber quem seja, ou haja de ser este leão. Se é representado em leão, e se chama leão rei dos animaes, claro está que ha de ser rei: mas de que reino, ou de que nação? Por ventura de algum dos maiores reinos, ou de alguma nação das mais populosas? Não, senão de um reino muito pequeno, (que era a nossa objecção) e de

[1] *4.º Livr. Esdr.*, XI, 3.
[2] *Ibid.*, XII, 2 e 3.

uma nação não de muito numero de homens, senão poucos. Oiçamos agora o Texto, que é admiravel: e as palavras não são menos que do mesmo Deus, interpretando a Esdras o que lhe tinha mostrado em visão: *Quoniam vidisti duas subalares trajicentes super caput, quod est in dextera parte, hæc est interpretatio: Hi sunt quos conservavit Altissimus in finem suum, regnum exile, et turbationis plenum.* [1] Viste duas pennas debaixo das azas da aguia, as quaes se levantaram e passaram por cima da cabeça, que ella tinha da parte direita? Pois estes são os que conservou e guardou Deus para o seu fim, sendo um reino pequeno, attenuado, e cheio de perturbação. A cabeça da aguia, que estava da parte direita, *caput, quod est in dextera parte*, é Constantinopla, cabeça do imperio do turco, ou se considere desde Roma, que foi o principio do imperio romano, ou se considere desde Jérusalem, que foi o logar donde Esdras viu e escreveu a visão: porque vista Constantinopla desde Roma, está á parte direita de Roma, e vista desde Jérusalem, está á parte direita de Jérusalem. Sobre esta cabeça, pois, que só restava no corpo da aguia, e era Constantinopla, viu Esdras, que se levantavam duas pennas das que ella tinha debaixo das azas, e que passavam, ou passeavam por cima da dita cabeça, como pizando-a, e mettendo-a debaixo dos pés: *Quoniam vidisti duas subalares trajicentes super caput, quod est in dextera parte.* E o que Deus lhe declarou foi, que aquellas duas pennas eram duas partes de que constava um reino muito pequeno e attenuado, *Regnum exile*, cujos homens, porém, tinha Deus reservado e conservado para o seu fim: *Hi sunt quos conservavit Altissimus in finem suum.* E qual era este fim de Deus? Era que o rei do mesmo reino pequeno, representado no leão, destruisse a cabeça e corpo da mesma aguia, e com a pressa e violencia de um fortissimo vento derrubasse aquelle soberbo imperio, e libertasse o mundo de sua tyrannia: *Sicut vidisti et leonem rugientem, et loquentem ad aquilam, et arguentem eam, et injustitias ipsius. Hic est ventus quem servabit Altissimus in finem ad eos: statuet enim eos in judicio vivos:*

[1] *4.º Livr. Esdr.*, XII, 29.

et erit, cum arguerit eos, corripiet eos, nam residuum populum meum liberabit.

Em summa, que o mesmo Deus tomou por sua conta satisfazer e desfazer a objecção, que se podia oppôr a Portugal, de ser um reino pequeno e attenuado, e por isso desegual a uma empreza tão grande ou tão immensa. E de tal maneira definiu Deus este ponto, que o ser reino pequeno, não só não é impedimento, mas é condição necessaria para alcançar a victoria do turco: como pelo contrario o ser reino grande, não só não seria disposição, ou conveniencia para a mesma victoria, senão exclusiva della; porque havendo de ser o reino vencedor, reino pequeno, *regnum exile*, se fosse grande, ou dos grandes, a sua mesma grandeza o excluia claramente de ser o vencedor. E finalmente, que este reino assim pequeno, prophetisado e destinado por Deus para tão alto fim, seja Portugal, e não outro, as mesmas circumstancias e signaes que acabamos de ponderar, o demonstram.

Primeiramente representou Deus este reino pequeno em duas subalares da aguia, isto é, em duas pennas debaixo de suas azas. E porque não em uma só, ou em mais de duas? Porque já dissemos que as pennas de que se vestia e tinha debaixo de suas azas a aguia ou imperio romano, eram os reinos que elle dominava; e o nosso reino, como se vê no escudo de suas Armas, é composto de dois reinos, o de Portugal e o dos Algarves. Nem obsta, note-se muito esta advertencia e propriedade do Texto: nem obsta que o mesmo Portugal domine outros muitos reinos e nações na Africa, Asia e America, como da Ethiopia, India e Brazil; porque as taes nações e reinos conquistados pelos portuguezes, em nenhum tempo estiveram sujeitos ao imperio romano, nem foram subalares da aguia, senão só e unicamente os dois de Portugal e Algarves, quando os romanos dominaram toda Hespanha.

Tambem não podemos negar, que Portugal hoje não só é pequeno e debilitado, senão cheio de perturbação: *Regnum exile, et turbationis plenum;* porque toda a grandeza e opulencia que o fazia um dos mais poderosos do mundo, a invasão de quasi todas as nações de Europa, assim no mar, como na terra, se lh'a não tem tirado em muitas partes, lh'a tem perturbado em todas. E além deste genero de perturbação exter-

na, não menos se verifica o Texto em outra mais interior e mais natural dos portuguezes, os quaes, como diz o proverbio castelhano, não só são poucos, senão mal avindos: poucos, *regnum exile*, mal avindos, *et turbationis plenum*. Assim se viu tantas vezes em todas as guerras que Portugal teve contra christãos como nas de Castella, nas quaes perturbados e passados de uma parte para a outra castelhanos e portuguezes, quasi tantos portuguezes pelejavam por Castella contra Portugal, como castelhanos por Portugal contra Castella. Porém quando as guerras eram contra inimigos da fé e mahometanos, todos os portuguezes se achavam sempre tão unidos, como se foram um só homem. E isto é o que ponderou o mesmo Deus, quando depois de dizer, *regnum exile, et turbationis plenum* accrescentou, que sem embargo deste pouco numero, e desta muita perturbação, elles eram os que Deus tinha guardado e conservado para os seus fins: *Hi sunt quos conservavit Altissimus in finem suum*. Deixo outras perturbações que em um tempo e mundo tão perturbado como o presente, se podem tambem introduzir em Portugal, para que depois dessa tempestade se siga a bonança, e por maravilha singular do Altissimo, appareça o mesmo reino, depois de tão pequeno, o maior e o mais quieto e serenissimo, depois de tão perturbado: *Regnum exile, et turbationis plenum*.

VIII

Satisfeitas assim as duas objecções, ou escrupulos, que de algum modo podiam abalar nos entendimentos e discursos humanos a firmeza do nosso; porque não pareça só nosso, ou meu, nem aos naturaes, nem aos estranhos: em graça unicamente dos que se não cançaram de lêr o que atégora tenho dito, o quero estabelecer com testemunhos alheios, e sem suspeita. E estes de quem? De todos aquelles auctores e auctoridades, que a podem dar com fundamentos aos successos futuros. Ouviremos pois primeiro os historicos, logo os mathematicos, depois os politicos, após estes, e com maior veneração, os santos e varões allumiados por Deus, e por fim os mesmos mahometanos; e veremos como todos concordam em que a victoria final do

imperio do turco, e a universal de todo o mundo está destinada por Deus para Portugal.

Começando pelos historiadores, em todos os que escreveram a historia dos nossos reis desde seu principio, se não póde deixar de observar nos mesmos reis um instincto, e inclinação natural, ou sobrenatural contra todos os sequazes da seita de Mafoma. Vemos que a natureza desde a geração e nascimento infundiu aquella certa aversão e antipathia em uns animaes contra outros, como é nos que servem á caça da volateria contra as aves, e na da monteria contra as feras, e até nos domesticos que vigiam e limpam a casa, contra as sevandijas que a infestam e roubam. E tal é, e foi sempre desde o nascimento de Portugal em reino, a antipathia dos seus reis, e antes de terem este titulo, dos que Deus ia preparando para o serem; porque já então tinha semeado e infundido nelles esta natural aversão e sobrenaturaes espiritos contra mouros e turcos, não como de homens, mas como de christãos e professores da fé e lei divina, contra a canalha brutal dos infames seguidores da impia e blasphema cegueira mahometana.

Foi concebido o reino de Portugal, antes de o ser, no conde D. Henrique; e estando ainda em embryão, já estava animado com os espiritos da conquista de Jérusalem, para onde Henrique caminhava desde França, e para onde foi de Portugal por general do soccorro que El-rei D. Affonso de Leão, seu sogro, mandou ao papa Urbano II, pelo qual foi eleito em um dos doze capitães em que se repartiu o peso de todas as armas catholicas. Nasceu o mesmo reino nos Campos de Ourique entre os braços armados d'El-rei D. Affonso o primeiro, e alli com tantos impulsos dos mesmos espiritos, como se viu na prodigiosa victoria contra os immensos exercitos dos cinco reis mouros. Tornou Miramolim a inundar o reino com quatrocentos mil cavallos, e quinhentos mil infantes contra El-rei D. Sancho I, que tambem foram desbaratados, repartindo-se a victoria entre a espada de Deus e a de Sancho, o qual não contente de ter vencido a Mafoma em Portugal, o mandou vencer fóra do reino pelo seu Mestre de Aviz na batalha de Alarcos. Contra D. Affonso II se aquartelaram em Elvas com numerosos exercitos os dois reis mouros de Sevilha e Jaën; porém com os es-

piritos do primeiro Affonso, que viviam no valoroso neto, elle não só venceu em batalha campal aos dois reis mouros; mas entrando com as armas vencedoras por suas proprias terras, poz a ferro e a fogo toda Andaluzia.

El-rei D. Sancho II, posto que infamado de pouco cuidadoso, não se descuidou daquella obrigação, que nos reis portuguezes parece maior ainda que a de cuidar dos vassallos; e fez tal guerra aos moiros, que recuperou de sua tyrannia o reino dos Algarves. Tornaram sobre elle as armas da Moirama, e logo viram sobre si a El-rei D. Affonso III, que não só as desalojou d'alli, e das reliquias que ainda conservavam em alguns logares de Portugal, mas os foi conquistando nas suas fronteiras, em que lhes ganhou villas e castellos. El-rei D. Diniz, posto que occupado em pacificar as outras corôas de Hespanha, e tambem a sua, ajudou poderosamente a El-rei D. Fernando de Castella na intentada conquista contra os moiros de Granada. Em soccorro destes passou El-rei de Marrocos com as forças de toda Africa, reinando já em Portugal D. Affonso IV, o qual em pessoa marchou logo a Sevilha, onde duvidando-se da batalha pela multidão immensa dos barbaros, elle só a aconselhou, e foi o primeiro que a venceu. Em El-rei D. Pedro e D. Fernando parece que estiveram um pouco adormecidos estes espiritos, por não haver já moiros que conquistar ao perto; mas resuscitaram tão ardentes e generosos em El-rei D. João o I, que indo-os buscar a Africa, lhes tirou das mãos em um dia, e sujeitou á sua corôa a famosa cidade de Ceuta. Sustentou-a poderosamente El-rei D. Duarte; e logo El-rei D. Affonso V, chamado o Africano, tendo já tomado Alcacer aos moiros, com maior e mais arriscado empenho se fez senhor de Tanger.

Proseguiu as mesmas emprezas El-rei D. João o II por mar e por terra, ganhando praças interiores, e fundando fortalezas; e pondo já os pés sobre o mar para passar a Africa em pessoa, bastou a fama desta resolução para conseguir o fim della. El-rei D. Manuel conquistou muitas cidades africanas, e fez tributarias outras, mas com os olhos em Jérusalem, e na extincção total da seita mahometana, representou por seus embaixadores aos Summos Pontifices que se fizesse a guerra ao turco juntamente por ambos os mares, e que

elle tomaria á sua conta toda a do mar Roxo, e para a do Mediterraneo concorreria com trinta galeões. D. João o III ajudou a guerra de Tunis com a pessoa de seu irmão o infante D. Luiz, e competente armada: e posto que não continuou a conquista da Moirama visinha, foi para mais estender, e apertar a remota. El-rei D. Sebastião, sollicitado do Papa Pio V que casasse em França, prometteu que acceitaria o casamento, se El-rei christianissimo lhe désse por dote entrar com elle em liga contra o turco: e finalmente, só, e sem successor, se embarcou para Africa, onde provou com a vida, quanto maior era o seu zelo de conquistar aquelles inimigos da fé, que todos os outros respeitos.

Nesta morte se sepultaram com o reino as emprezas africanas: mas assim como o reino resuscitou na restituição d'El-rei D. João o IV, assim nelle renasceram tambem os mesmos espiritos; porque no meio de tantas guerras poupava e ia fazendo thesouro para ter (como communicou a um seu confidente) com que fabricar armada, e passar contra o turco. Com estes gloriosos intentos atravessados no peito acabou a vida aquelle memoravel rei, dos quaes porém deixou por herdeiro ao principe, hoje rei, D. Pedro II nosso senhor, que Deus guarde, tão ardentemente inclinado a esta guerra sagrada, como já se tem começado a vèr no soccorro que mandou contra o sitio de Oran, e nas duplicadas armadas a sitiar a barra de Argel, e correr e infestar aquellas costas, para que os seus marinheiros e soldados, tão praticos do Oceano, as reconheçam e sondem, e as pròas de seus galeões se ensinem a entrar as portas, e cortar as ondas do Mediterraneo, até o tempo meditado de chegar ao cabo delle, e apparecer formidavel lá com sua real presença. A mesma offereceu sua magestade para a presente guerra do turco ao santissimo e valorosissimo promotor della Innocencio XI nosso senhor, sendo o seu soccorro, posto que desegual á grandeza do seu animo, o primeiro e mais prompto que appareceu em Roma.

Assim que este natural e hereditario espirito dos reis portuguezes, tão singular entre todos os principes christãos, e tão constantemente continuado por mais de quinhentos annos em tantas batalhas contra mahometanos, e tão favorecido do céu em tantas victorias,

é um manifesto signal de serem elles os destinados por Deus para ultimos vingadores das injurias de sua Igreja, e que para sempre tirem do mundo, e acabem este maior perseguidor e tyranno da christandade. D'onde lhe veiu a Moysés aquella aversão natural contra os Egypcios, com que, não só depois de homem, vingava nelles com a morte as injurias que faziam aos hebreus, mas, menino ainda e innocente, mettia debaixo dos pés a corôa de Pharaó, senão porque já Deus ia lavrando nelle o cutello do Egypto, e a ruina fatal daquelle impio rei, e do seu imperio? E porque foi Samsão tão contrario dos Philisteus, e Gedeão dos Madianitas, senão porque aos cabellos de um, e aos fios da espada do outro tinha Deus vinculado o castigo daquellas duas grandes nações, tão poderosas como barbaras? E finalmente, entre os doze exploradores das doze Tribus, porque só Josuë com Caleb foi o que persuadiu e facilitou a guerra e conquista das terras de Canaam, que são as mesmas que hoje domina e possue o turco, e nellas os sagrados Logares da nossa Redempção; senão porque elle as havia de sujeitar com tão milagrosas victorias, e repartir aos seus exercitos, que eram os catholicos daquelle tempo? Com razão podemos logo inferir pelos Canones universaes da Justiça e Providencia Divina, que os portuguezes e os seus reis hão de ser os Moysés, os Gedeões, os Samsões, e finalmente os Josuës da potencia e tyrannia do turco, e os libertadores gloriosos da Terra e Casa santa.

IX

Das historias e historiadores passemos aos mathematicos e ás estrellas. Aquella estrella nova que nasceu no anno de 1604, no mesmo logar onde morreu e desappareceu o cometa do anno de 1580, já vimos como foi um signal do céu, que apontava para El-rei D. João primogenito de Bragança, o qual nasceu no mesmo anno de 1604, para succeder no logar a El-rei D. Henrique, morto no anno de 1580. Esta foi a significação da pessoa, e como nella se havia de restaurar o reino, e tornar a corôa aos reis portuguezes, o que tudo vimos cumprido no anno fatal de 1640. E significava

mais alguma coisa a mesma estrella nova? Duas coisas, e duas novidades as maiores que nunca viu, e ha muitos annos espera vèr o mundo. A primeira, que na christandade se levantaria uma nova monarchia, que dominaria e seria senhora de todo o universo. A segunda, que esta monarchia e o seu monarcha seria o que destruisse e extinguisse a seita e imperio mahometano. Assim o diz expressamente o já allegado Kepler, mathematico famoso deste seculo, que, com a mesma estrella diante dos olhos, observando todos os movimentos seus, e dos outros astros, compoz della um eruditissimo livro: no qual descendo á declaração e juizo de seus effeitos, ou influidos, o primeiro é este:

Novam ex hoc tempore rempublicam adolescere, cujus imperiò generali regna hodie valdè tumultuantia subjugantur olim: ut ita mundus nimium inquietus, et ferox aliquandiu sub hujus monarchæ tutela conquiescat. Quer dizer: que desde o anno de 1604, em que aquella estrella appareceu no céu, começava a nascer e se levantar na terra uma nova republica, a qual crescendo com a edade, viria a formar a seu tempo um imperio universal, debaixo de cuja obediencia todos os reinos do mundo, que ao presente tumultuavam ferozmente em guerras, deporiam as armas, e elle seria o jugo que os amansasse, e o freio que os contivesse em paz. E' o que antigamente se disse com maior lisonja que verdade, que o imperio de Roma, em quanto dominou o mundo, foi a ancora do genero humano. E em prova desta universal sujeição observou o mesmo Auctor, que em quanto se não escondeu á vista aquelle prodigioso signal, todos os planetas se vieram pôr debaixo delle, como reconheendo-se inferiores, e sujeitos á nova magestade d'outro poder mais alto, e supremo sobre todos. Bem assim como o tinha já dito Daniel fallando do mesmo imperio sem metaphora: *Et omnes reges servient ei, et obedient.* [1]

O segundo juizo ou significação da mesma estrella, é o que se contém nas palavras seguintes: *Circumferuntur passim vaticinia mahometanorum, ex quibus multi evincere volunt hoc esse tempus, quo sit interitura eorum religio. Quibus placebit Deum hoc ipsum*

[1] *Daniel*, VII, 27.

indicare voluisse incensa nova stella in Sagittario, quæ est triplicitas Solis, et Martis, cum Sol, et Jupiter Christianis favere dicatur ab astrologis (quorum conceptibus Deus uti ponitur) Mars verò Turcis. Et quidem stella magis cum Jove concordavit in latitudinis plaga, Mars verò fuit in maxima latitudine Australi, quæ hac vice esse potuit, depressus igitur. Hinc victoria religionis christianæ supra turcicam astrologicè concluditur. Vem a dizer em summa, que segundo os vaticinios que se leem a respeito da seita mahometana, é juizo e parecer de muitos, que o tempo e ultimo periodo de sua duração se vêm chegando. E como Deus, que por muitos modos costuma revelar os seus secretos, o póde tambem fazer usando com certeza das mesmas regras dos mathematicos, posto que incertas, considerado o sitio em que a estrella nova se achava com o sol, e Jupiter, que elles dizem favorecer aos christãos, e com Marte, que tambem dizem favorecer aos turcos, se conclue e convence astrologicamente a victoria total da Religião christã contra a seita mahometana: *Hinc victoria Religionis christianæ supra Turcicam astrologicè concluditur.* Esta é a interpretação com que Kepler concordou os astros com os vaticinios, e o seu juizo com o de muitos: inferindo festiva e discretamente, que accendeu Deus aquella nova tocha no signo de Sagitario, como pondo luminarias o ceu pela mesma victoria. Senão quizermos dizer mais solida e propriamente, que aquelle fogo estava já ameaçando e significando a fogueira em que ha de ser queimado Mafoma, como dizem em proprios termos Daniel e Esdras. E quanto a apparecer a estrella signaladamente no signo de Sagitario, e na parte do mesmo signo, que distingue a figura do Serpentario; já deixamos dito, que assim como o Sagitario astrologicamente domina sobre Hespanha, assim o Serpentario dentro da mesma Hespanha signala a Portugal, por ser a serpente o timbre de suas armas, e as suas armas as Chagas de Christo, a cujo poder e virtude attribuem a victoria, e triumpho de Mafoma os mesmos vaticinios.

Só faltou ao juizo deste insigne mathematico nomear a pessoa que havia de ser o glorioso instrumento de uma e outra felicidade. Mas esta individuação que não era tão facil de lêr ou solettrar nos caracteres do céu, suppriu pouco depois delle outro professor da

mesma sciencia na nossa terra, bem conhecido nella, e mais nas estranhas pelo nome de Bocarro. Além do livro intitulado *Fœtus Astrologicus*, na lingua latina, escreveu outro mais breve na portugueza, com o titulo de *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana*, á qual tambem promette seguramente, que será universal em todo o mundo, e tambem com victoria do turco, e total extincção do mahometismo. Vindo pois á individuação da pessoa, diz que a restauração da dita monarchia lusitana estava reservada para a casa e sangue real de Bragança, como descendente d'El-rei D. João o I; porém que a pessoa do restaurador não seria o duque D. Theodosio, que naquelle tempo era o senhor da casa, senão o seu primogenito D. João, duque de Barcellos: differença e distinção que então foi muito notada, e depois muito mais notavel. A narração é poetica e elegante. Descreve o Templo da honra, e nelle assentado o duque D. Theodosio sobre o globo da Fortuna: introduz uma nympha, a qual lhe offerece um escudo de bronze, obra de Vulcano, gravado com as Quinas de Portugal, que elle não quer acceitar: e logo passando do pae ao filho, como de Eneas a Julio Ascanio, em cuja cabeça uma chamma de fogo, que lhe não queimava os cabellos, foi prognostico do futuro imperio, prosegue assim:

Mas a nympha dos astros incitada
Apenas adiante um pé movia
Com o quinante escudo sobraçada
Para dal-o a quem só lhe competia:
Quando viu junto ao duque sublimada,
Cujo cabello sem queimar se ardia,
Imagem, coruscando a casa toda,
D'outro modo girar da sorte a roda.

Troou logo o grão Jove á parte esquerda
Aos Lusos abalou de toda a parte,
Da regia e ducal casa o sangue que herda,
O faz (se houve uma voz) piedoso Marte:
Este restaurará do reino a perda
Levantando por si novo estandarte,
Sendo maior que os paes sem vão receio,
Assim Achilles foi mais que Pelleu.

A nympha alvoroçada lhe apresenta
O reino em seu escudo debuxado,
O soberano principe o sustenta
Em seu braço fatal dependurado:
Cessar fez logo a misera tormenta,
E da patria fiel o adverso fado,
Amor é tudo já, tudo é bonança,
Com esta dos Lusos unica esperança.

Alvorota-se o templo, e num instante
Theatro se formou á magestade,
Que para tanto bem creou Tonante,
Applaude todo o povo a liberdade:
Mandou-me logo a nympha que ao diante
Publique o que alli vi, ditosa idade:
E eu feliz tambem (ó caso estranho!)
Servi de Precursor de um bem tamanho.

Eu o vi, Lusitanos, não me engano.
Já temos o monarcha descuberto,
Alviçaras me dae do soberano
Bem que aqui vos descubro firme e certo,
Eis restaurado o reino lusitano,
O tempo se accelera breve e perto.

Por estes versos, escriptos no anno de 1616, esteve prezo em Lisboa Bocarro e se lhe impediu a impressão. Mas elle passando-se a Roma lá os imprimiu, e no anno seguinte, os mandou a Portugal, com tão constante asseveração e venturoso successo, que d'alli a 24 annos, que foi o de 1640, offerecendo a nobreza (que era a nympha) o mesmo escudo ao duque D. João, promettendo de o acclamar e restituir á corôa, elle a acceitou: e não o pae, senão o filho, foi o felicissimo restaurador da monarchia lusitana. Até aqui as estrellas.

X

Do céu, desçamos á terra, e das observações dos mathematicos ás dos politicos, que as fazem de mais perto. Muitos poderá allegar, mas entre todos e por todos me contentarei com o juizo de um, que com as vozes e sentenças de todos professou felizmente ser

mestre de politica. Este é Justo Lypsio, varão incomparavel nas noticias do mundo antigo e moderno, e nenhum mais diligente observador das declinações e augmentos dos reinos e imperios, e das causas porque uns se levantam, outros cahem: uns dominam, outros servem: uns crescem, outros diminuem: uns nascem, outros morrem: e, quasi debaixo da sepultura, alguns talvez resuscitam.

No Capitulo dezeseis do primeiro Livro da Constancia, depois de mostrar este grande auctor com um largo e eloquentissimo discurso que nenhuma coisa ha no mundo que tenha firmeza, ou fosse já, ou pareça hoje grande, chegando á potencia dos turcos, e acabando com elles diz assim: *Adeste etiam pelliti vos Scythae oh turcas dico, qui ex illis, et potenti manu paulisper habenas temperate Asiae, atque Europae. Sed isti ipsi mox discedite, et sceptrum relinquite illi ad Occanum genti. Fallor enim? An solem nescio, quem novi imperii surgente video ab Occidente?* Entrae vós tambem neste numero, ó Scythas antigamente vestidos de pelles, que hoje com o nome de turcos dominaes com poderosa mão, e tendes nella as redeas da Asia e da Europa. Mas vós esses mesmos cedo perdereis o logar que tendes, e o largareis áquella gente habitadora lá do Occeano. Porventura engano-me eu? Ou estou vendo que do Occidente nasce e se levanta o sol de um novo imperio?

Não nomeia Lypsio nestas palavras a Portugal, mas é certo e evidente que falla delle. Bem vejo, porém, que não faltará quem diga, ou cuide que falla em geral de Hespanha, que não só em toda Europa, mas em todo o mundo, é a mais occidental. Mas o contrario se convence de todas as mesmas palavras: *Illi ad Occanum genti*, significa uma só nação, e essa a ultima, a qual esteja toda mettida e rodeada do Occeano, como está Portugal: sendo que Hespanha é composta de muitas nações, e por um lado, e o mais principal, com muitos reinos, pertence ao Mediterraneo. *Solem surgentem ab Occidente*, tambem demonstra o mesmo com a elegancia da contraposição em nascer e se levantar no Occaso o sol que se levanta e nasce no Oriente. E qual é o Occidente ou Occaso em que o sol se esconde e sepulta, senão as terras e mares de Portugal? A clausula *novi imperii* exclue claramente a Hespanha, cujo im-

perio não era novo, nem que de novo se havia de levantar, principalmente estando unida toda ella na sujeição de uma só cabeça, que foi Filippe II, para cuja fortuna, como pondéra o mesmo Lypsio, tendo El-rei D. Manuel vinte e dois herdeiros que o excluiam, foi necessario que morressem todos. Finalmente (para que o mesmo auctor seja o interprete deste seu pensamento) no quarto Livro de *Magnitude romana*, capitulo ultimo, alludindo a este imperio universal, com que lida em tantas partes dos seus escriptos, e indo a dizer que virá tempo e caso em que assim seja: o companheiro (com quem alli falla em dialogo) lhe foi á mão dizendo: *Per ignem sermones tui erunt, et vide ne amburare:* Repara, Lypsio, que estas tuas palavras se mettem pelo fogo, olha não te queimes. D'onde se segue manifestamente, que o fogo e perigo em que se mettia, era esperar e prometter outro imperio dentro em Hespanha, porque sendo elle vassallo seu, como flamengo natural dos estados catholicos de Flandres, ficaria suspeitoso e indiciado de menos devoto e affecto ás felicidades e grandeza daquella monarchia: o que de nenhum modo se podia temer, se elle lhe prognosticasse os accrescentamentos do imperio universal: antes seria o maior obsequio e lisonja que podia fazer aos mesmos reis. Em summa, que em todos estes logares falla Lypsio do futuro imperio universal que se ha de levantar como um novo sol na gente mais occidental do Occano (que são os portuguezes) e que a esta gente se ha de passar o sceptro, e sujeitar toda a potencia do turco. Torno a repetir como tão notaveis as mesmas palavras: *Ideste etiam pellit vos Scythæ (ob turcas dico, qui ex illis) et potenti manu paulisper habenas temperate Asiæ, atque Europæ. Sed isti ipsi mox discedite, et sceptrum relinquite illi ad Occanum genti. Fallor enim? An solem nescio, quem novi imperii surgentem video ab Occidente?*

E se alguem com razão perguntar de que principios se póde inferir politicamente, que este imperio universal, e ultimo, se haja de levantar nos ultimos fins, ou raias do Occidente? Respondo que da experiencia havida pelas historias, que são aquelle espelho inculcado por Salomão, em que olhando para o passado, se antevêem os futuros. E posto que estes dependam dos decretos divinos: pelos effeitos que os olhos

vêem dos mesmos decretos, não só conhece o discurso humano quaes elles fossem, mas infere quasi com certeza, quaes hajam de ser. Assim o notou em outro logar o mesmo Lypsio, advertindo (e pedindo se considere) que o poder e o dominio do mundo sempre veiu caminhando ou descendo do Oriente para o Occidente: *Nescio quo Providentiæ decreto res, et vigor ab Oriente (considera si voles) ad Occasum eunt.* O primeiro do mundo, que foi o dos Assyrios, e dominou toda a Asia, tambem foi o mais Oriental. D'alli passou aos Persas, mais occidentaes que os Assyrios: d'alli aos Gregos, mais occidentaes que os Persas: d'alli aos Romanos, mais occidentaes que os Gregos: e como já tem passado pelos Romanos, e vae levando seu curso para o Occidente, havendo de ser, como é de fé, o ultimo imperio, aonde póde ir parar, senão na gente mais occidental de todas?

Mas porque o mesmo auctor desta advertencia confessa ignorar a razão della, e a da Providencia Divina em um tal decreto, *Nescio quo Providentiæ decreto*, não será temeridade, nem consideração superflua dizer eu a razão que se me offerece: e é, que Deus em quanto governador do mundo, se conforma comsigo mesmo em quanto Creador delle. A sabedoria com que Deus governa o universo, é a mesma com que o creou. Que muito logo, que no modo do governo e da creação se pareça a mesma sabedoria e o mesmo Deus comsigo? Deus creou o mundo em sete dias, e vemos que no governo do mesmo mundo, nas edades, nas vidas, nas doenças, nos dias criticos, e nos annos climatericos, observa sempre os periodos do mesmo septeno. Pois assim como Deus no governo da natureza observa a proporção dos tempos, assim é de crêr que no governo dos imperios observe a proporção dos movimentos. O sol, os céus, as estrellas, os mares, todos se movem perpetuamente do Oriente para o Occidente: e porque a roda que os ignorantes chamam da fortuna, é propria e verdadeiramente a da Providencia Divina, correndo sempre os movimentos naturaes do universo desde o Oriente ao Occaso, pede a proporção e harmonia do mesmo universo, que tambem corram do Oriente para o Occaso os movimentos politicos. Assim que não é totalmente violenta a força que muda e desfaz os imperios antigos, e cria e levanta os novos; mas

nessa mesma violencia ou força tem muito de natural, pois segue os movimentos e peso de toda a natureza. No Oriente nasceu o primeiro imperio; no Occidente ha de parar o ultimo. O que eu logo podéra confirmar a Portugal com um famoso Texto da Escriptura; mas porque faço conta de acabar com elle, basta que fique aqui citado.

E certamente que não haverá juizo politico alheio de paixão, que medindo geometricamente o mundo, e suas partes, na supposição em que imos, de que Deus haja de levantar nelle imperio universal, não reconheça neste cabo ou rosto do Occidente assim lavado do Oceano, o sitio mais proporcionado e capaz que o supremo Architecto tenha destinado para a fabrica de tão alto edificio. Como o sangue nos corpos viventes e sensitivos é o humor e instrumento principal, sem o qual se não poderam sustentar nem viver; assim neste vastissimo corpo do universo, em que a terra, e os penhascos são a carne e os ossos: o mar, os portos, e os rios são o sangue e as veias por onde nas mais remotas distancias se póde unir o coração com os membros, e por meio delle lhes communicar a vida, e reparar as forças com aquella distribuição egual e contínua sem a qual se não póde conservar e muito menos ser um. As naus grandes e poderosas são as pontes do Oceano: as embarcações menores as dos rios caudalosos e navegaveis: com estas se unem as provincias, com aquellas o mundo se não divide em partes, e até as mesmas ilhas se fazem continente. E que outro logar ha no universo tão accommodado a receber elle como de uma só fonte todos estes beneficios vitaes mais breve e facilmente que Portugal, situado quasi na bocca do Mediterraneo, não longe das gargantas do Baltico, e para o Atlantico, e Ethiopico, para o Eritreu e o Indico o mais visinho? Alli se desagua o Tejo, esperando entre dois promontorios, como com os braços abertos, não os tributos de que o suave jugo daquelle imperio libertará todas as gentes, mas a voluntaria obediencia de todas que alli se conhecerão juntas, até as da terra hoje incognita, que então perderá a injuria deste nome.

Lava o celebradissimo Tejo, ou doura com as suas correntes as ribeiras, e faz espelho aos montes e torres de Lisboa aquella antiquissima cidade, que na prerogativa dos annos excede a todas as que os contam por

seculos. Em seu nascimento foi fundada por Elysa, filho de Javan, e irmão de Tubal, ambos netos de Noé, donde começou a ser conhecida pelo nome de Elysea: e depois tão amplificada por Ulysses, que não duvidou a grega ambição de lhe dar, como obra propria, o nome de Ulyssippo. Tanto pelo fundador, como pelo amplificador lhe compete a Lisboa a precedencia de todas as metropoles dos imperios do mundo; porque em quanto Elysea é duzentos e vinte e dois annos mais antiga que Ninive, cabeça do primeiro imperio, que foi o dos Assyrios: e em quanto Ulyssippo quatrocentos e vinte e cinco annos mais antiga que Roma, cabeça tambem do ultimo, em quanto o dominaram os Romanos. Ambas caminhando ao Occidente trouxeram das ruinas de Troya as pedras fundamentaes de sua grandeza: mas romana descendencia de Eneas, ou vencido, ou fugitivo, e Ulyssippo na pessoa do mesmo Ulysses, não só vencedor de Troya, mas o que a sujeitou a poder ser vencida com o despojo da imagem de Pallas, a cujo agradecimento edificou na mesma Lisboa o sumptuoso templo, que hoje se vê mudado, ou convertido no insigne convento de Chelas.

O céu, a terra, o mar, todos concorrem naquelle admiravel sitio, tanto para a grandeza universal do imperio, como para a conveniencia tambem universal dos subditos, posto que tão diversos. O céu na benignidade dos ares os mais puros e saudaveis; porque nenhum homem, de qualquer nação ou côr que seja, estranhará a differença do clima, para os do pólo mais frio com calor temperado, e para os da zona mais ardente com moderada frescura. A terra na fertilidade dos fructos e na amenidade dos montes e valles, em todas as estações do anno sempre floridos: por onde desde o nome de Elysia se chamaram Elysios os seus campos, dando occasião ás fabulosas bemaventuranças e paraiso dos heroes famosos. O mar finalmente na monstruosa fecundidade de suas aguas; porque naquella campina immensa, que nem secca o sol, nem regam as chuvas, assim como nos prados da terra pastam os rebanhos dos gados maiores e menores, assim alli se criam sem pastor os maritimos em innumeravel multidão e variedade, entrando pela barra da cidade em quotidianas frotas quasi vivos, tanto para a necessidade dos pequenos, como para o regalo dos grandes:

sendo tambem nesta singular abundancia Lisboa, não só a mais bem provida, senão a mais deliciosa do mundo.

XI

Subamos agora a outra atalaya mais alta, da qual com lume mais claro descobre Deus os futuros a quem é servido, e mais ordinariamente aos que melhor o servem. Deste numero foi insigne em uma e outra graça frei Bartholomeu Salutivo, ou de Saluccio, Religioso da Ordem Serafica, tão venerado em Roma, e toda Italia por suas grandes virtudes e zelo apostolico, como pelas luzes do céu que resplandecem em um pequeno volume, e grande livro de suas predições reputadas communmente por prophecias. O seu principal assumpto, são os castigos da christandade pelas armas e tyrannias do turco, como açoite de Deus: e no meio de grandes e lastimosas lamentações, que fazem horror, arrebatado do mesmo espirito, passa subitamente ao remedio que viu vir de longe, como repentino e não esperado, e rompe nestas palavras:

Má si volete odire una cansona,
Verra de Lisbonna
Chiara, e illustre personna,
Adorna di ogni opera buona,
La cui fama risona
In tutta parte elido
Nel mondo dá gran grido.

Quer dizer, que para remedio daquelles males e oppressões do turco irá de Lisboa uma clara e illustre pessoa, adornada de todas as boas obras, cuja fama soará por todas as partes do mar e da terra, e dará grande brado no mundo, que é o proprio termo, ou phrase, com que fallam os nossos vaticinios.

Cantou estas predições Salutivo na Igreja de *Ara Coeli* de Roma diante do Santissimo Sacramento no anno de 1606, e se tem provado com os effeitos, dos quaes referirei sómente dois, por tocarem a Portugal: o primeiro é:

Divisa sará la Hespagna,
Che adesso é tanto magna.

Nestas palavras prognosticou o que naquelle tempo, que era o de Filippe III, de nenhum modo se podia imaginar, e querem dizer, que a Hespanha, que então era tão grande, seria dividida, como verdadeiramente se cumpriu no anno de quarenta, dividindo-se della Portugal, e perdendo aquella monarchia em umas e outras Indias ametade da sua grandeza, e dentro da mesma Hespanha uma parte tão consideravel como estes reinos.

O segundo effeito das mesmas predições, posto que em menor materia, tambem tocante a Portugal, não é, nem foi em Roma menos admiravel; porque diz assim:

Para, para, amassa, amassa,
O tu che porta in capo una gran piassa,
Contro dité se grida amassa, amassa.
Dime, Bernardo Santo,
S'é vero questo che io canto.

Que em nosso vulgar vem a ser:

Pára, pára, mata, mata,
O' tu que trazes na cabeça uma grande praça,
Contra ti se grita, mata, mata,
Dize-me, Bernardo Santo,
Se é verdade isto que eu canto.

Foi o caso, que sendo mandado a Roma D. Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, para dar obediencia ao Papa Urbano VIII em nome d'El-rei D. João o quarto, no principio do seu reinado, o Marquez de los Veles, então embaixador de Castella na Curia, affrontando-se de que nella passeasse um portuguez com nome de embaixador de Portugal, quiz impedir e desfazer com mão armada este que tinha por aggravo. Para isso, encontrando-se de proposito com a carroça do Bispo, sahiu das suas muita gente, dizendo, mata, mata, e dis-

para' do muitas armas de fogo, em que houve de uma e outra parte mortos e feridos; mas o Bispo, que se portou com grande valor e segurança, não teve perigo. As circumstancias notaveis que teve esta predição, foram tres: A primeira, antevêr que aquelle portuguez, contra quem disseram, mata, mata, era ecclesiastico e Bispo, distinguindo-o pela grande praça que trazia na cabeça, isto é, pela grande corôa, porque as dos outros clerigos em Roma são do tamanho de um tostão. A segunda, que fallando em italiano, e havendo de dizer, *ferma, ferma*, disse, *pára, pára*, em lingua castelhana, quaes eram os aggressores desta assaltada. A terceira, que não só assignalou o dia deste caso, senão tambem o caminho que o Bispo fazia, e o fim delle; porque era dia de S. Bernardo, cuja Igreja ia visitar: e por isso tomou a este Santo por testemunho da sua verdade. D'onde se colhe com evidencia, que só por lume sobrenatural podia antevêr todo este successo, e suas circumstancias, quem as disse tantos annos antes, quando o rei que mandou, ou havia de mandar o embaixador, ainda não tinha dois. Nem é materia digna de menor consideração e consolação de Portugal, conhecer a singular providencia com que Deus o assiste e favorece, ainda em coisas tão miudas e particulares, e as revela a seus servos: aos quaes tambem consola com as noticias antecedentes do que tem determinado obrar pelos portuguezes e seus principes, em soccorro e remedio efficaz das calamidades, que padece sua Igreja: sendo a luz destes futuros o manifesto e certo motivo porque o mesmo Salutivo, com tantas demonstrações de jubilo e alegria diz, que de Lisboa ha de ir contra o turco aquella notavel pessoa, que no mundo por mar e terra dará grande brado.

A esta predição tão illustre ajuntarei agora outras duas tanto mais antigas no tempo, como menos distantes no logar, pois ambas quiz Deus que desde a mesma antiguidade ficassem depositadas não só por memoria e tradição, mas por escriptura de seus proprios auctores nos archivos de Portugal. A primeira é de Santo Egidio, vulgarmente S. Frei Gil, da sagrada Ordem dos Prégadores, conservada no real convento de Santa Cruz de Coimbra, na qual distinctos os vaticinios por numeros, desde o n.º 11.º até o 17.º, dizem desta maneira:

11.º *Lusitania sanguine orbata regio, diu ingemiscet, et multipliciter patietur, sed propitius tibi Deus, salus á longinquo veniet, et insperaté ab insperato redimeris.*
12.º *Africa debellabitur.*
13.º *Imperium Othomanum ruet.*
14.º *Ecclesia Martyribus coronabitur.*
15.º *Byzantium subvertetur.*
16.º *Domus Dei recuperabitur.*
17.º *Omnia mutabuntur.*

Cujo sentido mais facil do que costumam as Escripturas deste genero, é o que se segue:

Portugal, orphão do sangue real, gemerá por muito tempo, e padecerá por muitos modos. Mas Deus (fallo com o mesmo reino) te será propicio: virá a salvação de longe, e serás remido não esperadamente por um não esperado.

A primeira parte deste vaticinio se cumpriu na sujeição de Portugal a Castella, em que gemeu por espaço de sessenta annos, e padeceu por tantos modos, que não pôde mais soffrer. No fim dos ditos sessenta annos, que se cumpriram no de mil e seiscentos e quarenta, se cumpriu tambem a segunda parte do mesmo vaticinio, sendo Deus tão propicio a Portugal, que se viu restituido á sua corôa e liberdade em uma hora, tão pacifica e concordemente, como se D. João o quarto succedera a D. João o terceiro: e nota o Texto com admiravel advertencia, que seria o reino remido não esperadamente por um não esperado; porque o esperado era El-rei D. Sebastião, e não o duque de Bragança, o qual, e o mesmo reino, estava tão longe deste pensamento, como se Villa Viçosa estivesse no cabo do mundo: e isto quer dizer com energia portugueza: *Salus à longinquo veniet.*

Sobre este fundamento tão fidedigno por todas suas circumstancias e cumprimento dellas, prosegue o Santo portuguez as felicidades da sua patria, e as consequencias da corôa remida e restaurada, promettendo-lhe as victorias da Africa debellada, do imperio Ottomano cahido, de Bizancio (que é Constantinopla) destruida, da Casa Santa recuperada, e da Igreja, coroada não só de triumphos mas de martyrios, que não po-

dem faltar naquella conquista; em fim a mudança de tudo: *Omnia mutabuntur.*

A outra predição tambem domestica de Portugal, posto que de estranha origem (se assim se póde dizer) de pae e de mãe, foi achada no antigo e sempre religioso convento de Alemquer, e escripta (como é tradição) por seu fundador o santo Frei Zacharias, discipulo do Patriarcha S. Francisco; o qual de Guimarães, onde então estava, o mandou edificar aquelle convento: referindo-se pois a dois oraculos mais antigos, os declara por estas palavras:

Isidorus, et Cassandra, filia Priami regis Troianorum concordati in unum dixerunt: In ultimis diebus in Hispania maiori regnabit Rex bis piè datus: et regnabit per fœminam, cujus nomen inchoabitur per Y græcum, et terminabitur per L; et dictus rex ex partibus orientalibus veniet, et regnabit in juventute; ipse expurgabit spurcitias Hispaniarum, et quod ignis non devorabit, gladius vastabit: regnabit super domum Agar, et obtinebit Jerusalem, et super sanctum sepulchrum signum Crucifixi ponet, et erit Monarcha maximus. Até aqui a traducção latina tirada do grego. A portugueza, tirada do latim, diz ao pé da lettra: Isidoro, e Cassandra, filha de Priamo, rei dos troyanos, unidos no mesmo sentido, disseram: Nos ultimos dias na Hespanha maior reinará um rei duas vezes piamente dado: e reinará por uma mulher, cujo nome começará em *I*, e acabará em *L:* e o dito rei virá das partes orientaes. Reinará na sua mocidade, e alimpará a Hespanha dos vicios immundos, e o que não queimar o fogo, devastará a espada. Reinará sobre a casa de Agar, conquistará Jérusalem, fixará a imagem do Crucificado sobre o Santo Sepulchro, e será o maior de todos os monarchas.

São tantos e tão particulares, ou individuaes os mysterios destas palavras, que só commentadas se podem bem entender: e assim o farei clausula por clausula.

Isidoro, e Cassandra. Isidoro foi Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha, cujas prophecias são famosas em Hespanha, e o principal sugeito dellas, o rei que chama encoberto, e diz que ha de dominar o mundo. Cassandra, filha de Priamo, tambem foi egualmente famosa na certeza de seus vaticinios, como na fatalidade de não serem cridos: signal, neste caso e união de Cas-

sandra com Isidoro, que as coisas que ambos promettem, ou são incriveis, ou quasi, posto que sejam certas. Diz se unirão e concordarão no que ambos aqui affirmam: o que de nenhum modo deve fazer duvida, por Isidoro ser christão e santo, e Cassandra gentia; porque tambem as sybillas (entre as quaes alguns contam a mesma Cassandra) eram gentias, e muitas muito mais antigas que os Prophetas (como tambem Cassandra em comparação de Isidoro), e os seus oraculos são tão concordes com os dos mesmos Prophetas, como se póde vêr em Santo Agostinho, Lactancio Firmiano, e outros Doutores catholicos.

Disseram que nos ultimos dias. Ultimos dias não quer dizer o fim do mundo, senão depois de muitos annos. E' o termo de que usam as Escripturas fallando da vinda e mysterios de Christo, que ha mais de mil e seiscentos annos que veiu; e porque ainda faltavam muitos para vir, diziam que viria *in novissimis diebus.*

Na Hespanha maior. Hespanha divide-se em tres Hespanhas: Terraconense, Hispalense, e Lusitana, e esta antigamente era maior e mais estendida que hoje, como consta de todos os cosmographos e historiadores.

Reinára um rei duas vezes piamente dado. Do que acima deixamos dito, apparece facilmente quem será este rei dado duas vezes, porque já Deus nol-o deu uma vez no principe que levou para o céu a tomar a posse do imperio, e nol-o dará outra vez, como esperamos, no que está reservado para o dominio: e uma e outra vez piamente dado, porque dado por orações.

E reinará por uma mulher, cujo nome começará em I, e acabará em L. Claramente é o nome de Izabel, e não em outra lingua, senão na portugueza, qual é o da rainha nossa senhora. E se me perguntam a razão porque se nomeia a mãe, e não o pae; é porque foi e será duas vezes piamente dado, ambas pela piedade, devoção, e orações da mãe. Podendo-se dizer propriissimamente de sua magestade, o que S. João Chrysostomo disse de Anna, thema e figura de toda a nossa historia e esperança: *Nequaquam aberrabit qui hanc mulierem pueri simul et matrem, et patrem appellarit: quanquam enim et vir addiderit semen, hujus tamen deprecatio vim, efficaciamque præbuit, effecitque ut Samuel auspicioribus exordiis nasceretur.* De nenhum

modo errará (diz o mais eloquente Doutor da Igreja) quem chamar a esta matrona mãe e pae juntamente deste menino; porque ainda que o pae concorreu para a geração do filho, a virtude e efficacia da oração da mãe foi a que lh'o deu.

O dito rei virá das partes orientaes. Quem tal poderá entender antes de o mostrar o effeito? Porque se dado a primeira vez, veiu de Gôa na reliquia e barrete de S. Francisco Xavier, como já referimos; tambem dado a segunda vez virá da mesma parte oriental por intercessão do mesmo Santo, de cujo poder e favor tão experimentado o esperam as orações e novenas de sua magestade. Nos dias em que tiveram principio os nove mezes do primeiro parto, foi levada de S. Roque ao paço a imagem de S. Francisco Xavier, com a qual fallando a rainha nossa senhora, lhe disse com palavras muito portuguezas: Meu Santo, dae-me um filho se Deus quizer. Quiz Deus, e não só quiz que fosse dadiva sua, senão do mesmo Santo. Torne ao theatro a nossa figura. Referindo o Texto Sagrado como Deus deu a Anna o filho que lhe pedira, diz: *Visitavit Dominum Annam, et concepit:* [1] que visitou Deus a Anna, e concebeu. E não é isto o mesmo que fez a imagem de Xavier, indo visitar a sua magestade ao paço? Oh maravilha e favor mais que singular! De sorte que concebeu Anna, porque visitou Deus a Anna: e concebeu a rainha de Portugal, porque a imagem de Xavier visitou a mesma rainha.

Reinará na sua mocidade. Bom desengano, e bem necessaria advertencia para a imaginação vulgar dos que esperam o mesmo rei promettido, não só velho, mas depois da edade mais que decrepita.

Elle alimpará as Hespanhas dos vicios immundos, usando de fogo e ferro. No que se demonstra a justiça verdadeiramente real, e sorte deste grande principe, sem os respeitos e dissimulações que tanto a enfraquecem: e que na expurgação dos vicios seguirá o aphorismo de Hypocrates: *Quod medicamentum non curat, ferrum curat: quod ferrum non curat, ignis curat: quod ignis non curat, immedicabile censetur.* E note-se que dizendo acima Hespanha, agora diz Hes-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, II, 21.

panhas: differença que posto se não deva desejar como provavel, se infere não ser impossivel.

Finalmente, *que reinará sobre a casa de Agar* (que são os agarenos e turcos), *que conquistará Jerusalem, e porá a imagem do Crucificado sobre o Santo Sepulchro, e que será o maior monarcha do mundo.* O que tudo vem a ser uma breve e expressa confirmação de quanto tem procurado provar o discurso desta apologia.

XII

Prometteu ella por ultimo complemento (posto que não necessario), que depois dos oraculos dos Santos, ouviriamos tambem as tradições ou instinctos dos mesmos mahometanos, como são prognostico da victoria os medos dos inimigos. Assim foi: porque quando elles deviam estar mais soberbos com a maior victoria de Portugal, nos consta que não duvidavam confessar aos mesmos portuguezes vencidos esta volta fatal e futura, com que as nossas armas não só haviam de sujeitar aquella pequena parte da Africa; mas todo o poder mahometano. Francisco de Menezes, e Jorge de Albuquerque, que ficaram captivos em Berberia na perda d'El-rei D. Sebastião, contavam que um alcaide mouro, em cujo poder estiveram, lhes dissera por muitas vezes, que nos seus mosefos, ou livros de tradições, estava escripto que em Portugal havia de nascer uma cobra, a qual seria muito arrogante, e quereria tragar todo o mundo; e que depois de muito adelgaçada por varios acontecimentos, tornaria a engrossar como a nuvem que toma agua, e conquistaria a Africa, e seria senhora da maior parte do mundo.

Quatro coisas contém esta predição, ou uma e a mesma com quatro circumstancias. A cobra ou serpente, o adelgaçar-se, o tornar a engrossar, e o dominar os turcos. Neste ultimo estado se vê pintada a serpente nas tabellas ou paineis celebres de Georgio Jordão Veneto, tabella sexta, onde elle declara toda a pintura por estas palavras: *Imperatorum turcicorum capitibus imminet serpens sese in gyrum revolvens: supra hos verò novi imperatoris christiani conspiciuntur, qui extincta turcarum monarchia Constantinopoli, de-*

nuo rerum potientur. Isto é, que sobre as cabeças dos imperadores turcos está eminente e superior a serpente, enroscando-se, e dando muitas voltas: e que do mesmo modo se vêem pintados sobre elles os novos imperadores christãos, os quaes, extincta a monarchia mahometana, tornarão de novo a dominar em Constantinopla. E accrescenta o mesmo Auctor, que no sepulchro do mesmo Constantino, que fez imperial a cidade de Constantinopla, e lhe deu o seu nome, se achou o referido em uma lamina de prata. Onde o que mais se deve admirar, é, que assim estivesse já escripto ou esculpido perto de trezentos annos antes de sahir ao mundo Mafoma.

Vindo pois á cobra ou serpente, primeiro adelgaçada, e depois engrossada, e ultimamente dominadora dos turcos: a serpente, como se vê nas suas armas, é Portugal: o adelgaçar-se foi quando na decima sexta geração dos reis portuguezes se attenuou a prole: o tornar a engrossar foi na restituição dos mesmos reis naturaes á sua corôa, que começou em El-rei D. João o quarto. E esta mesma serpente, que os turcos e moiros dizem foi tão arrogante que quiz dominar o mundo, teem elles por tradição e coisa certa, que depois de engrossada os ha de conquistar, não só senhoreando toda a Africa, mas a maior parte do mesmo mundo. E d'aqui nasceu que no fim do anno de 1640, e principios do seguinte, quando se soube em Berberia a acclamação do novo rei portuguez, se renovou de tal sorte entre aquella gente a memoria e apprehensão destes seus fados, que já as mães começavam a chorar os filhos, e os velhos, os netos, de que tirou testemunhos authenticos Rui de Moura Telles, e os apresentou a sua magestade quando veiu do governo de Mazagão.

D'onde manassem estas tradições entre homens sem verdadeira fé daquella eterna Sabedoria, que só tem presentes e póde manifestar os futuros, nem elles o sabem com certeza. Mas o mesmo Deus, que dá instincto á garça para conhecer o falcão que a ha de tomar, tambem o terá dado a estes barbaros; quando não digamos que fosse revelação feita a algum dos grandes santos captivos, ou livres, que entre elles viveram e padeceram. Podendo tambem ser que a Divina Providencia concorresse para este juizo por meio da observação de seus astrologos, que, na Arabia principalmente, fo-

ram insignes nesta arte. Entre estes se acha o prognostico de um chamado Acan Burulei, que elle deixou escripto no anno de 1200 em lingua arabica, no qual depois de se professar grande zelador da lei do seu falso Propheta, lhe prognostica o fim, dizendo expressamente que será arruinada e destruida por um rei nascido «en los ultimos fines del poniente» que é o mesmo que se dissera, em Portugal. Este rei, diz, será «el castigo del pueblo de Mahoma, y açote del pueblo de Ismael, el qual con el fabor de su religion empeçará a perseguir los moros echandolos de sus tierras, y haziendo grandes armadas contra ellos, y será el estrago que en ellos hará tan grande, que se tendrá por bienaventurada la esteril, viendo perecer los hijos de otras con differentes muertes. La espada cortadora de la Morisma estará embotada de suerte, que no cortará en aquel tiempo. El cetro deste rey será la vara de Jupiter, y la espada de Marte: Jérusalem saldrá de la casa y poder de Ismael, y entrará en ella el Monte Calvario, y los estandartes de Poniente».

Isto diz e outras muitas coisas do mesmo genero o prognostico daquelle moiro, em que concorda com a opinião e temor de todos. E eu com esta ultima demonstração, creio que tenho descoberto bastantes fundamentos tanto á curiosidade dos que o quizessem saber, como á incredulidade dos que o duvidassem: confirmando, como prometti, e fazendo certa, ou quando menos, provavel, a contingencia da minha conclusão, com a fé dos historicos, com o juizo dos mathematicos, com o discurso dos politicos, com as prophecias dos santos, e até com as tradições dos mesmos mahometanos: concordes todos em que a exaltação da monarchia universal do mundo e extincção da potencia do turco a tem reservado a verdadeira fortuna, que é a Providencia Divina, para as victorias e triumphos de Portugal, e para o estabelecimento nelle do imperio de Christo: *In te, et in semine tuo imperium mihi stabilire.*

XIII

E para que fechemos esta apologia com aquella mesma chave, debaixo da qual tem Deus encerrado os segredos de suas maravilhas, e escriptos os nomes fa-

taes dos heroicos instrumentos que destinou para ellas, oiçamos o famoso Texto que reservei para este logar, tão temeroso nos horrores com que começa, como alegre e glorioso nas felicidades com que acaba. Nos vaticinios de Portugal se referem muitos ditos dos Prophetas canonicos, e entre todos se nota particularmente e se aponta um só Capitulo, que é o vinte e quatro de Isaias. Este Capitulo mandava recitar a Igreja na Escriptura corrente em dez de dezembro de 1688, dia da oitava de S. Francisco Xavier, para mim com notavel encontro, porque actualmente o estava lendo quando chegou, e se ouviu na Bahia a alegre nova de que tinha nascido a suas magestadeso filho primogenito. E que diz o oraculo de Isaias naquelle Capitulo? Na primeira, na segunda, e em parte da terceira Lição, com temerosissima eloquencia descreve e amplifica as horrendas calamidades e generos de mortes com que Deus quasi despovoará o mundo, em castigo e expiação de suas maldades, que encarece com o nome de doidices. Particularmente diz, que padecerá estes grandes detrimentos a cidade da vaidade: *Attrita est civitas vanitatis.* [1] Para que vejam as maiores e mais soberbas cidades do mundo, a qual dellas compete ou póde competir mais propriamente a antonomasia deste sobrenome tão alheio de toda a razão e juizo. Em summa affirma o Propheta, que serão poucos os homens que ficarão vivos: *Ideo insanient cultores ejus, et relinquentur homines pauci:* [2] e que estes serão tão poucos como depois de varejado o olival, e vindimada a vinha, são poucas as reliquias que escapam de uma e outra colheita: *Quo modo si paucæ olivæ, quæ remanserunt, excutiantur ex olea, et racemi, cum fuerit finita vindemia.* [3]

Oh Deus! Oh sabedoria, e omnipotencia do Altissimo, que differentes são os juizos humanos, dos segredos e decretos divinos! Oppunha-se contra o assumpto desta apologia serem poucos os portuguezes, e agora diz o Propheta, que ainda hão de ser menos aquelles para quem Deus tem reservado a mesma empreza. Note-se muito muito a consequencia do Texto. Porque depois de dizer que os homens que ficarem serão pou-

1 *Isai.*, XXIV, 10.
2 *Ibid.*, 6.
3 *Ibid.*, 13.

cos: *Relinquentur homines pauci*, e depois de declarar este pouco numero com a comparação e encarecimento do olival varejado, e da vinha vindimada depois da colheita: *Quo modo si paucæ olivæ, quæ remanserunt, excutiantur ex olea, et racemi, cum fuerit finita vindemia;* immediatamente prosegue dizendo: *Hi levabunt vocem suam, atque laudabunt: cum glorificatus fuerit Dominus, hinnient de mari: propter hoc in doctrinis glorificate Dominum, in insulis maris nomen Dei Israel. A finibus terræ laudes audivimus, gloriam justi.* Tudo isto sendo tanto, diz o Propheta que farão aquelles, ou estes poucos, *Hi*.

Hi, estes poucos são os que em louvor e honra de Deus levantarão a voz: *Hi levabunt vocem suam, atque laudabunt;* porque elles serão os soldados do principe que irá de Lisboa, dando grande brado em todas as partes do mundo. *Hi*, estes poucos são os que quando Deus fôr glorificado, rincharão do mar: *Cum glorificatus fuerit Dominus, hinnient de mari;* porque, como diz Santo Isidoro, o futuro imperador universal irá á sua conquista em cavallos de madeira, entendendo por cavallos de madeira as naus da sua armada: *Classique immittit habenas:* os rinchos dos quaes cavallos serão o estrondo da artilheria com que atroarão os mares e costas de Levante. *Hi*, estes poucos serão os que glorificarão a Deus, e seu nome nas ilhas do mar, não só com as armas, senão com a doutrina: *Propter hoc in doctrinis glorificate Dominum, in insulis maris nomen Dei Israel;* porque as ilhas do mar são as muitas do Archipelago de que está rodeada, e como murada a barra de Constantinopla, para onde levará sua derrota a armada christã; e a principal victoria que alli alcançará, será a da fé e doutrina, com que converterá a Christo os mesmos turcos. Assim se vê pintada entre as tabellas acima referidas, na tabella oitava, onde diz a declaração, que vencido o imperador turco pelo imperador catholico: *Divina clementia spiritus sui luce animum ejus illustrante, christianam religionem cum omnibus suis amplectetur.* E finalmente *Hi*, estes poucos serão manifestamente os portuguezes; porque os instrumentos deste louvor e gloria do Justo, que é Christo (não só justo na severidade dos castigos, senão na benignidade das misericordias), estes, conclue o Propheta, irão, e se ouvirão desde os ultimos fins da ter-

ra, que é Portugal: *A finibus terræ laudes audivimus, gloriam Justi.*

XIV

Isto diz o famoso Texto de Isaias, e este será o felicissimo fim das nossas esperanças, para que Deus nos habilitará com os antecedentes castigos, nos quaes perecerão os muitos que o mesmo Propheta chama doidos: *Insanient cultores ejus:* e ficarão só os poucos que tiverem juizo, e obrarem com juizo como homens: *Relinquentur homines pauci.*

Se este papel houvera de passar ás mãos dos mesmos portuguezes, dissera-lhes eu, que postos entre o perigo e esperança, em que actualmente nos põe esta prophecia, visse e considerasse bem cada um, se lhe estará melhor emendar as loucuras, e viver com os poucos, ou continuar nellas, e perecer com os muitos. Mas o intento desta Escriptura secreta, só foi apresentar nella á rainha, que Deus guarde, nossa senhora, posto que rudemente ideada, a grandeza universal da monarchia, e a sublimidade do novo throno imperial, destinado para o segundo e felicissimo principe successor do primeiro, que ha de dar a Portugal sua magestade.

A razão deste mesmo segredo me escusa de dar satisfação aos outros reinos, e nações catholicas (as quaes eu venero quanto devo) do excesso, ou singularidade desta minha esperança. Cada um sabe mais de sua casa, que das alheias. Escrevi da minha patria como portuguez sem lisonja, e ouvirei sem inveja quanto os outros escreverem da sua. Digo comtudo, que quando o presente discurso houvesse de passar dos olhos da rainha nossa senhora a outra mão menos portugueza; debaixo das palavras divinas tantas vezes repetidas, *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire*, leva este papel comsigo um salvo conducto tão seguro, que ninguem lh'o poderá contrariar. Porque, como disse com alta sentença Plinio fallando do imperador Trajano (posto que mal applicada a elle) nenhum juizo póde haver tão alheio da razão, que não admitta, reconheça, e confesse differença entre um imperador feito por Deus, e os que fazem os homens: *An fas erat nihil differre inter imperatorem, quem homines, et quem Dii fecissent?*

SERMÃO

DE

ACÇÃO DE GRAÇAS *

Pelo felicissimo nascimento do novo infante de que a Magestade Divina fez mercê ás de Portugal em 15 de Março de 1695

Ecce hæreditas Domini, filii; merces, fructus ventris. [1]

I

Quando as mercês e favores da Providencia e benignidade Divina são tão singulares, que os favorecidos se avantajam com grande excesso aos que o não são; para que as mesmas mercês se recebam com a estimação que merecem, quer a mesma Providencia, que nós consideremos nellas não só a quem as faz Deus, senão tambem a quem as não faz. Todo o Psalmo 147 gasta o Prophéta Rei em referir copiosamente os favores e privilegios particulares, com que Deus ennobreceu o povo que naquelle tempo chamava seu: e a clausula com que poz o sello á narração destas mercês, foi dizer, que as não fez taes a alguma outra nação: *Non fecit taliter omni nationi.* [2] Abel e Caïn ambos offereceram o sacrificio ao Creador, e a maioria e excesso do agrado com que os olhos divinos acceitaram o de Abel, consistiu na exclusiva de um *não*, com que os não poz no de Caïn: *Respexit Dominus ad Abel,*

* Este Sermão, commenta Honorati, ainda que o orador o dictasse nos achaques da edade de 88 annos, é um dos mais perfeitos e brilhantes.

[1] *Psalm.*, CXXVI.

[2] *Psalm.*, CXLVII, 20.

et ad munera ejus; ad Caim verò, et ad munera illius non respexit. [1] Assim elegeu a divina Magestade em Israël a tribu real de Judá, e a excellencia e soberania desta eleição, com que ficou mais acreditada e maior? Com outro *não* do mesmo Deus, que não elegeu a tribu de Ephraïm, posto que comprehendia dez tribus: *Elegit tribum Juda, tribu Ephraïm non elegit.* [2] Finalmente, S. Paulo querendo encarecer e subir de ponto a maior obra do amôr e omnipotencia divina, que foi a Encarnação do Verbo, diz que não resplandeceu só em Deus se fazer homem, mas sendo nove os coros dos Anjos, em não se fazer anjo; *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit.* [3] Assim pezou a balança, e assim avaliou o juizo de S. Paulo o que fez Deus a uns, pelo que não fez a outros: o que fez e concedeu aos filhos de Abrahão, pelo que não fez, e negou ás Gerarchias do céu.

Mas aonde caminha este meu discurso? E aonde o leva a verdade desta altissima Providencia? Debaixo della caminhava o meu pensamento em direitura a Lisboa, para me achar presente ás festas reaes da nossa côrte, pelo felicissimo nascimento do novo principe, que Deus nos deu e Deus nos guarde: e, como talvez succede aos navios que partem de cá, não sei que vento me derrotou a outro porto de Hespanha. Achei-me logo na côrte de Madrid, a qual com muito verdadeiro coração desejára eu tambem vêr divertida nos regosijos, que lá chamam, de similhante felicidade á nossa. Mas lastimado de vêr o seu silencio e orphandade, comecei a dizer dentro em mim: E' possivel que a Portugal dá Deus tão multiplicados filhos, e ao resto de Hespanha na união de tantos reinos, nem um só filho? Assim é, Bahia: assim é, Lisboa: assim é, Portugal: para que no espelho desta differença, e em uma monarchia tão grande, e tão visinha, considerando o que Deus nos faz a nós, e não faz a ella; considerando o que a nós nos sobeja e a ella falta; considerando o que Deus tão liberalmente nos concede, e o mesmo Deus por seus occultos juizos lhe nega; conheçamos na mercê pre-

1 *Gen.*, IV, 4 e 5.
2 *Psalm.*, LXXVII, 67 e 68.
3 *Heb.*, II, 16.

sente, sobre as passadas, quão devedores somos á Providencia e benignidade divina.

Ainda se não aquieta a minha admiração, e a minha confusão juntas. De todos esses reinos, tão fieis e catholicos, não estão continuamente subindo ao céu tantas orações e sacrificios? Todos elles não teem no mesmo céu tantos santos, tantos advogados e intercessores? Qual é logo a causa desta differença, ou preferencia, tão notavel, tão sensivel, e por suas consequencias tão dura? No meio desta suspensão abri o livro dos oraculos de David, e nas palavras que propuz, me mostrou elle com o dedo, não só uma, mas duas causas, ambas fundamentaes e certas de tão admiraveis effeitos: *Ecce hæreditas Domini, filii; merces, fructus ventris. Ecce*, [1] eis aqui, Portugal, de que fallamos: e este reino não é a herdade de Deus, *hæreditas Domini?* Sim. E a herança dessa herdade não é dos reis portuguezes? Tambem. Pois essa é a causa de Deus a confirmar e estabelecer com tantos filhos herdeiros: *Ecce hæreditas Domini, filii.* Mais. Não disse Deus, que na decima sexta geração do reino de Portugal attenuada, poria nelle os olhos de sua misericordia, e olharia e veria: *Respiciam, et videbo?* E eu não demonstrei na occasião passada, com o Texto de Anna, mãe de Samuel, que o olhar e vêr de Deus, é dar filho, e filho varão: *Si respiciens, videris, dederisque servæ tuæ sexum virilem?* [2] Pois estas são as vistas de Deus repetidas. Olhou Deus, e viu a primeira vez, e deu-nos o primeiro principe: olhou e viu a segunda, e deu-nos o segundo: tornou a olhar e vêr, e deu-nos o terceiro; e agora olhou, e viu finalmente, e deu-nos o quarto. E esta é a primeira causa dos filhos.

A segunda está tambem apontada com o dedo nas palavras seguintes: *Merces, fructus ventris:* que o fructo da fecundidade o dá Deus por premio e paga do merecimento dos mesmos paes. Assim o entendem litteralmente todos os Expositores: *Fructus ventris, id est fœcunditas prolium, est merces, et præmium justitiæ ipsorum.* De sorte que a fecundidade dos filhos da parte de Deus é a promessa hereditaria, com que

---

[1] *Psalm.*, CXXVI. 3.
[2] *I.º Livr. dos Reis*, I, 11.

Deus se obrigou aos reis de Portugal, a qual pertence tanto aos passados, como aos futuros: e a mesma fecundidade da parte dos reis é o premio e a paga dos merecimentos, com que os mesmos reis servem e obrigam a Deus; a qual só pertence aos presentes. Torno a dizer, só aos presentes; e não é lisonja. Porque? Porque de quantos pûzeram a corôa de Portugal sobre a cabeça, não houve um par, a que tão propriamente pertencesse esta paga, como ás duas magestades do rei e da rainha, que a Providencia Divina nesta era uniu, e nos deu por senhores. Oiçamos a Deus, quando nos deu a corôa. Disse Deus, que fundava o seu imperio em Portugal, por ser singular na fé, e na piedade, *fide purum, pietate dilectum*. E em que par, ou parelha dos nossos reis se viram tão concordes em grau sublime a fé e a piedade, como a fé no segundo Pedro, e a piedade na segunda Isabel? Quanto ao zelo da fé d'El-rei, que Deus guarde, diga-o o anno presente no mar, e na terra: no mar, nau para Guiné com um principe baptisado em Lisboa a conquistar novos reinos para a Igreja na Africa: nau para a China a unir á mesma Igreja já aberto o maior imperio da Asia: nau para o Maranhão e immenso rio das Amazonas, a converter a maior gentilidade da America: e todas estas naus não guarnecidas de soldados a dominar novas terras; mas cheias e carregadas de mestres e missionarios apostolicos para escalar o céu e o povoar de almas. E quando todos estes lenhos cortados das raizes da cruz vão sulcando as ondas, já na terra em varios noviciados e seminarios ficam plantados e crescendo outros discipulos, que succedam áquelles mestres, todos sustentados a grandes despezas do mesmo rei, abertos os seus thesouros, e sem limite, nos erarios reaes. Se este Pedro fôra o primeiro Pedro, a quem Christo disse, *Pasce oves meas;* não pudéra fazer mais, como verdadeiramente não fez, quanto á extensão do mundo. Jacob e Labão dividiam e marcavam as ovelhas pelas côres; e as ovelhas do nosso Pedro sem distincção, ou excepção de côr, são de todas aquellas côres, quantas pintaram os raios do sol no mappa universal do genero humano. E quando este zelosissimo e apostolico rei se emprega todo, e emprega tudo em accrescentar filhos e mais filhos á Igreja, como podia Deus faltar em lhe dar filhos?

Da fé do rei, *fide purum*, passemos á piedade da rainha, *pietate dilectum*. E' admiravel prerogativa neste singular composto de corpo e alma tanta piedade e santidade, junta com tanta fecundidade. Sára foi santa, mas esteril Sára: Isabel foi santa, mas esteril Isabel: Anna da Lei antiga, santa, mas esteril Anna: e a Anna precursora da lei da graça, mais que todas santa, mas egualmente esteril. Em todos estes exemplos, porém, como a esterilidade estava junta com a santidade, não podia a mesma santidade deixar de fazer a esterilidade fecunda. Assim foi em todas. Sára primeiro esteril, mas, como era santa, depois tão fecunda, que deu a Abrahão Isaac, e nelle a maior descendencia: Isabel primeiro esteril, mas depois, como era santa, tão fecunda, que deu a Zacharias o maior dos nascidos: Anna, a da lei antiga, esteril, mas como santa, tão fecunda que deu a Elcana Samuel, e tantos outros irmãos: Anna, finalmente, nas vesperas da lei da graça, santissima, e egualmente esteril, mas quanto mais santa que todas, assim excedeu tanto a todas em fecundidade, que deu a Deus não menos que aquella Mãe, de quem o mesmo Deus se fez filho. Sendo pois o rei tão singular no zelo da fé, e a rainha na devoção e piedade, já Deus em premio e paga destes reaes e divinos obsequios, lhe devia e tinha promettido, não um só filho, senão a successão de muitos: *Ecce hæreditas Domini, filii; merces, fructus ventris.*

A esta proposta do thema, mais larga do que eu quizera, segue-se fallar comnosco, e ponderar o que nestas mercês se encerra, para darmos a Deus as devidas graças. E porque nós não podemos dar graças sem Deus nos dar a sua, peçamol-a por intercessão daquella Senhora, que é Mãe do mesmo Deus, e da mesma graça. *Ave Maria.*

II

Ecce hæreditas Domini, filii; merces, fructus ventris. [1]

Platão, e antes delle Homero, ou consideraram, ou fingiram, que no mundo racional havia, ou devia ha-

[1] *Psalm.*, 126.

ver tres Graças. Elles e os outros gregos, e depois os romanos, as pintaram em figura de outras tantas donzellas formosas e risonhas, as quaes dando-se as mãos entre si, faziam um circulo perfeito. O officio da primeira Graça era fazer, ou dar as mercês: o da segunda, acceital-as: o da terceira, agradecel-as. Este mesmo numero e ordem determino seguir no que disser.

Começando pela primeira Graça, á qual dissemos que pertence fazer as mercês, e distribuil-as; na presente materia do nascimento dos filhos, em que estamos, parece que contra este privilegio da graça tem legitimos embargos a natureza. O nosso thema chama aos filhos *fructus ventris:* e quem póde negar á natureza serem estes fructos seus? Assim é; são os filhos fructos da natureza; mas não só da natureza, senão da natureza e da graça; e muito mais da graça, que da natureza. Toda a natureza sem a graça não póde gerar um só homem; e a graça sem homem, nem mulher creou o primeiro homem, de que nasceram todos. São a natureza e a graça como aquellas duas famosas matronas, Anna e Rachel. Ambas careciam de filhos, ambas os desejavam muito, e ambas os procuraram por differentes caminhos. A natureza, por bocca de Rachel, pediu os filhos a seu marido Jacob: *Da mihi liberos, alioquin moriar:* [1] Jacob, dae-me filhos, e senão morrerei de tristeza. Anna, pelo contrario, que quer dizer graça, foi-se ao Templo, fez oração a Deus, e pediu-lhe com grandes instancias lhe désse fructo de benção. E como responderam, Deus a Anna, e Jacob a Rachel? Deus a Anna concedeu-lhe logo o grande Samuel, e depois outros filhos: Jacob a Rachel respondeu, que não era Deus: *Num pro Deo ego sum?* [2] Por ventura sou eu Deus para vos dar filhos? Para ter filhos não bastam Jacob e Rachel; são necessarios Jacob, Rachel e Deus: Jacob e Rachel por parte da natureza, Deus por parte da graça. Os hebreus antigos tinham um proverbio muito discreto: diziam que Deus reservára para si tres chaves, a da geração, a do sustento, a da resurreição: a da geração no ventre, a do sustento na chuva, a da resurreição na sepultura. Porque ainda que Deus

[1] *Genes.*, xxx, 1.
[2] *Ibid.*, 2.

costuma resuscitar poucas vezes, tanto depende do seu poder e de sua vontade o nascer, como o resuscitar.

Este conhecimento geral, e esta differença da natureza e da graça, que é doutrina commum para todo o mundo; se repassarmos com a memoria o que os olhos viram e já não vêem, no espaço de tantos annos (os quaes contarei depois) acharemos que foram um desengano, ou pregão da Providencia divina aos portuguezes: para que? Para que o esquecimento das desconfianças passadas, e a alegria das glorias presentes não degenerem, como se póde temer, em ingratidão. Lembrem-se os que viviam então, e saibam os que não eram nascidos, quão duvidosa e vacilante esteve a successão da nossa corôa; e quão desesperadas, e quasi mortas as esperanças que hoje festejamos, tão copiosamente resuscitadas. Já vimos que o reino de Portugal é a herdade de Deus. As herdades dos homens para produzirem e darem fructo, esperam contingentemente, que as regue a chuva do céu; porém a herdade de Deus, diz o Propheta, tem tal dominio e imperio sobre a mesma chuva, que usa e se serve della todas as vezes que a ha mister, a arbitrio da sua vontade: *Pluviam voluntariam segregabis Deus hæreditati tuæ.* [1] Mas esta mesma herdade, em quanto nossa, para os fructos da successão, *filii, fructus ventris*, esteve em todo aquelle tempo tão secca e esteril, como se Deus se tivera esquecido de que era sua.

Assim trabalhavam por subir e chegar ao céu as nossas orações, os nossos suspiros e a nossa necessidade, debalde. Que mares não elegemos e emprehendemos, que logo se não desvanecessem? Que caminhos não accommettemos e abrimos, que logo se não fechassem? Pela terra, pelo mar, e pelo ar os buscámos; e todos esses elementos se armaram contra nós, como se a terra se convertesse em pedra, o mar em regelo, o ar em tempestade.

Dizia Salomão, que na terra, no mar, e no ar achára tres coisas muito difficultosas para elle: *Tria sunt difficilia mihi.* [2] Declarando logo que tres coisas fossem estas, continuou dizendo, que eram outros tantos ca-

---

1 *Psalm.* LXVII, 10.
2 *Proverb.*, XXX, 18.

minhos. Mas que caminhos são, ou podem ser estes para o mais sabio dos homens difficultosos? *Viam colubri super petram:* O caminho da serpente sobre a pedra, que não deixa rasto. *Viam navis in medio maris:* O caminho da nau no meio do mar, cuja esteira confundem logo e apagam as ondas. *Viam aquilæ in cœlo:* O caminho da aguia no ar, que ella rompe visivelmente, e elle invisivelmente se torna a unir e fechar. Taes foram os caminhos que intentamos para o reparo da successão do nosso reino. Primeiro apontarei os que todos viram, depois direi o que poucos sabem. O que todos viram, por onde começamos, foram as bodas d'El-rei D. Affonso, elle felicissimo, e ellas pouco felizes. Este foi o caminho da terra, como o da serpente, mais rasteiro e arrastado do que á magestade e soberania da corôa portugueza era devido. A este se seguiu o do mar na armada de Saboya, tão enfeitada, que para lhe dourar até os costados, fundiu o Tejo todas as suas areias. Mas já eu disse naquella occasião, que ainda voltou mais rica do que partira; porque não trouxe o que ia buscar. Atéqui o que todos viram. O que muitos não sabem, é o caminho da aguia no ar, de que eu fallarei, não só como testemunha de vista, mas como quem lhe seguiu os passos.

Pelos annos de cincoenta, como El-rei Filippe IV não tivesse mais que uma unica herdeira, a princeza Maria Thereza de Austria, entenderam os juizos mais sisudos, antevendo as consequencias que hoje dão tanto cuidado, que devia casar dentro de Hespanha. E diziam livremente os que de nenhum modo queriam que casasse fóra: *Porque no tendremos un rey con unos vigotes negros?* Aos echos destas vozes, ajudadas de outras intelligencias secretas, intentou El-rei, que está no céu, sollicitar o casamento para o principe D. Theodosio. E a este fim, debaixo de outros pretextos, me enviou a Roma com as instrucções e poderes necessarios, para que lá introduzisse e promovesse esta pratica. Era embaixador na Curia o duque del Infantado, e assistente de Hespanha na Companhia o Padre Pedro Gonzalez de Mendoça, seu tio, bom e domestico interprete. O prologo desta negociação, sem o parecer, fazendo-me neutral, ou interessado (como verdadeiramente era) por ambas as partes, foi lamentar-me de Religioso a Religioso, do muito sangue hes-

panhol e catholico que se estava derramando nas nossas fronteiras, triumphando e fazendo-se mais poderosos os hereges com aquella diversão. E doía-me juntamente de que as campanhas de Flandres pouco antes pacificadas se haviam de passar a Hespanha, e que aquella guerra seria tanto mais perigosa, quanto mais das portas a dentro. Sobre esta primeira pedra do temor tão bem fundado, em outra conversação do mesmo Assistente, na qual se achavam dois grandes sugeitos tambem castelhanos da Companhia, Velasques, e Monte Mayor (os quaes já eram da minha opinião), vindo á pratica o casamento da princesa em Hespanha, disse eu: Se as coisas estiveram no estado antigo, pouca duvida podia haver na eleição do esposo. O sangue real da casa de Bragança é o mais unido á mesma princeza; porque ella e o duque de Barcellos são netos dos mesmos avós, e elle sobretudo, pelas virtudes e qualidades pessoaes, merecedor do maior imperio, como reconhecido e celebrado no mundo pelo principe mais perfeito de toda Europa. Todos assentiram com applauso a uma e outra preferencia do sangue e da pessoa, como ambas sem controversia. E eu então, concedida esta evidente premissa, tirei da bainha o meu argumento, e lhe apertei os punhos com todas as forças, dizendo assim: Pois se o primogenito de Bragança só como duque de Barcellos, e filho de seu pae, é o mais digno de toda a Hespanha, para que a princeza lhe dê a mão, quanto mais no estado presente, trazendo comsigo por dote a Portugal, e tudo o que Portugal possue em ametade do mundo? Dizer que tudo isto se ha de reconquistar, é pensamento fundado só no desejo; porque tendo mostrado os portuguezes que elles por si sós se podem defender, é certo que os emulos de Hespanha os hão de assistir e ajudar, como fizeram a Hollanda, invencivelmente. Mas quando a contraria apprehensão tivesse alguma probabilidade: quanto sangue se havia de derramar, quantos thesouros se haviam de despender, quantos annos se haviam de esperar os fins dessa contingencia? Não é melhor e mais seguro conselho, assim como tudo se perdeu em um dia, recuperar tudo em um dia sem golpe de espada? Por ventura foi mais decente a paz com os hollandezes, dando-lhes o dominio de sete provincias, do que será a paz com os portuguezes, não

lhes dando coisa alguma, mas recebendo de contado quanto possuem dentro e fóra do reino? Onde se deve muito notar, que o que é Portugal só dentro em si, são partes e membros da mesma Hespanha, com que ella e a monarchia se tornará a repôr na sua total inteireza. Finalmente, com esta reunião, e Portugal restituido, ficará Hespanha em muito mais poderoso e florente estado, que quando o tinha sujeito. Porque ella agora o tem cingido e sitiado com os seus exercitos, e elle se defende com os seus em um cerco de cento e cincoenta leguas, com soldados tão valentes, com capitães tão experimentados, com cabos tão famosos de uma e outra parte, e todas estas armas juntas, as suas e as nossas, no mesmo dia serão suas; e Hespanha ficará tão estabelecida, tão forte, e tão formidavel, que seja o amparo dos amigos, a reverencia dos neutraes, e o terror de todos seus inimigos. Até'qui ouv'am mudos os circumstantes, olhando uns para os outros. E murmurando-se a verdade destas razões até chegarem ás melhores cabeças da facção hespanhola, eram geralmente approvadas, e com muito particular empenho no voto do Cardeal de Lugo, em tudo eminentissimo. Mas como a questão se havia de decidir, não no juizo do Cap'tolio romano, senão em outro muito distante, onde a dôr e a ferida estava ainda fresca, e o progresso das nossas armas não tinha amadurecido as verduras do pundonor, que depois humanou a experiencia e a necessidade; não foi lá acceita a proposta. Assim ficou no ar a aguia, e no ar a negociação; mas os que então lhe negaram os ouvidos, depois torceram as orelhas.

Agora me consintam os portuguezes que lhes tire uma espinha da garganta. Porque vejo que estão notando a El-rei, de que quizesse neste contracto desfazer o que tinha feito, e tornar a unir o que tinha desunido. Mas é porque até'gora callei uma clausula do projecto, sem a qual eu tambem não havia de acceitar a commissão. A clausula é, que no tal caso a cabeça da monarchia havia de ser Lisboa: e deste modo se conseguia para o nosso partido a seguranca, e para o governo da monarchia a emenda. O erro que tem causado muitos em Hespanha, como ponderam os melhores politicos, é estar a Côrte em Madrid. Por isso El-rei Filippe o segundo, quando veiu e viu Lisboa,

logo a sua prudencia determinou e prometteu passar a côrte para ella. E a esse fim se começou a edificar aquella parte de Palacio, que chamam o Forte. Tendo Hespanha tanta parte dos seus dominios no mar Mediterraneo, tanta no mar Septentrional, e tantas e tão vastas em todo o mar Oceano, havia de ter a côrte onde as ondas lhe batessem nos muros: e dependendo todo o manejo da monarchia da navegação de frotas e armadas, e dos ventos que se mudam por instantes; que politica póde haver mais alheia da razão, que tel-a cem leguas pela terra dentro, onde os navios só se vêem pintados, e o mar só na agua, pouca e doce, que o inverno empresta ao Manzanares? Mas assim haviam de preceder todas estas violencias da razão, e da natureza, para que mais maravilhosamente se lograssem os fructos da graça. Vejamol-o, não com outros nomes, senão os proprios de ambas.

Communicou Deus ao propheta Samuel, que entre os filhos de Jessé tinha escolhido um rei, que muito o havia de servir: e não lhe revelando qual era, mandou que o fosse ungir. Para esta unicção encheu o Propheta uma redoma do oleo sagrado, conforme a cerimonia e rito da lei antiga, e na casa de Jessé fez vir diante de si um por um os filhos, segundo a ordem das suas edades. Veiu em primeiro logar Eliab, mancebo bizarro: inclinou-lhe o Propheta sobre a cabeça a redoma, mas o oleo não correu. Aqui havemos de ouvir agora o commento de S. Basilio de Seleucia, que é singular: *Cornu invergens propheta rejectaneum, ut ungeret cogebat, sed oleum fluere recusabat, ne cum errante propheta faceret, et flura natura sursum detinebatur gratiæ legibus obsequuta.* Quer dizer, que inclinando Samuel a redoma, o oleo, sendo liquido e pezado, não correu para baixo, contra o movimento da natureza, porque a graça o detinha, e suspendia para cima. E a causa desta suspensão era não ser Eliab o rei escolhido por Deus, nem ser decente que o oleo sagrado concorresse com o erro do Propheta, que não sabia, nem acertava qual fosse. Excluido com este milagre o primogenito, veiu o segundo filho Abinadab, e tambem o oleo não quiz correr sobre a cabeça deste: veiu o terceiro chamado Samma, e nelle e nos demais continuou o mesmo prodigio. Chegou, finalmente, David, que era o ultimo filho, e á primeira inclinação do Propheta

correu o oleo da uncção, e se derramou todo sobre a sua cabeça, até se esgottar a redoma.

Esta foi a famosa historia, na qual quem haverá que não esteja vendo a nossa, obrando a mão de Deus invisivelmente o que succedeu á de Samuel? Quiz El-rei D. João segurar a successão e união da corôa no casamento do seu primogenito D. Theodosio, como em Eliab, mas não correu o oleo sobre D. Theodosio. Quiz o reino segural-a no casamento d'El-rei D. Affonso, como em Abinadab, mas não correu o oleo sobre D. Affonso. Tomou-se por ultimo remedio o casamento de Saboya, como em Samma, mas não correu o oleo sobre aquelle principe. Assim se fecharam todos os caminhos que intentámos, pelo ar com a aguia voando, pela terra com a serpente arrastando, pelo mar com a nau navegando; mas na terra, no mar e no ar, suspendeu a graça o oleo, fechou a redoma e os caminhos, porque eram errados: *Ne cum errante propheta faceret.* Desde o anno de cincoenta até o de oitenta e sete, se verificou em nós a praga ou lamentação de David: *Erare fecit eos in invio, et non in via;* [1] porque tão longamente andamos errando como os filhos de Israël pelo deserto, sem acertar com a Terra de Promissão, onde Deus tinha depositado a nossa felicidade. Nós a buscavamos lá em Castella, em França e em Italia; e ella estava escondida em Allemanha. Uniu-se, emfim, Allemanha com Portugal; celebraram-se as felicissimas bodas; e em El-rei D. Pedro, o ultimo filho de El-rei D. João, como David de Jessé, derramou Deus a graça e o oleo da uncção, que haviamos mister, com tanta abundancia, e tantas vezes, como já estamos contando, e celebrando a quarta.

III

Depois da primeira graça, que faz as mercês, e reparte os beneficios, segue-se a segunda, que tem por officio recebel-os. Diz Aristoteles, que tudo o que se recebe, se recebe ao modo de quem o recebe. E ha mo-

[1] *Psalm.*, CVI, 40.

dos de receber, que diminuem e apoucam o mesmo que recebem: isto é receber com as mãos abertas, e com os olhos fechados. No caso em que estamos não se ha de dizer que nasceu a Portugal um infante, e aos seus reis um filho, e ao seu principe um irmão: pois como? Ha se de fazer tão particular menção do numero, como da pessoa. Na pessoa é um; mas no numero, sobre os que por mercê de Deus logramos, para suas magestades é o filho terceiro, e para sua alteza o irmão segundo. E dar Deus um segundo irmão ao principe de Portugal, é confirmar-lhe a herança mais em duas vidas porque os irmãos são os fiadores da sua. Anna, mãe de Samuel, pediu a Deus um filho, e Deus deu-lhe tres: *Visitavit Dominum Anaam, et concepit, et peperit tres filios.* [1] Pois tres, quando pede um? Sim. Não só foi excesso de liberalidade no dar, senão o seguro do que dava. O primeiro filho foi o despacho da petição; o segundo e o terceiro foi a confirmação da mercê em outras tantas vidas. A mesma vida humana, a sua fragilidade e inconstancia é a razão, e necessidade destes remedios. Coisa maravilhosa é, que o morgado de Abrahão se continuasse sem quebra até Christo, correndo neste intervallo dois mil e trezentos annos. Não morriam estes homens? Morriam; mas como cada um tinha outro que lhe succedesse, sendo os herdeiros mortaes, fizeram immortal a herança. Sem estes refens da mortalidade, se o herdeiro é um só, tão arriscada tem a herança, como a vida.

Na parabola da vinha, indo os criados do senhor della receber os fructos, rebellaram-se contra elles os cavadores, ferindo e matando. Então o Pae de Familias tomou por expediente mandar lá seu proprio filho, entendendo que lhe teriam differente respeito: *Verebuntur filium meum.* [2] Mas o uso da enxada assim como caleja as mãos, endurece tambem as testas. Foi tão contrario o discurso daquella vilania rebellada, que disseram assim: *Hic est hæres, venite, occidamus eum, et habebimus hæreditatem.* De maneira que quando o filho é unico, e um só, e não tem quem lhe succeda, nem á pessoa se lhe guarda respeito: *Verebuntur;* nem

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, II. 21.
[2] *Math.*, XXI. 37.

falta quem se lhe atreva á propria vida: *Occidamus eum;* e uns e outros querem para si a herdade: *et habebimus hæreditatem.* Por isso o nosso Texto, fallando desta mesma herdade, de que aos nossos reis pertence a herança, não só lhes promette filho, senão filhos: *Ecce hæreditas Domini, filii.* E para que entenda a segunda graça, como recebedora, o muito que nesta ultima mercê de Deus tem recebido; considere que crescendo os filhos, cresce com elles a segurança.

Consolava Seneca a um anojado pela morte de um amigo (que é o maior parentesco), e dizia-lhe assim discretamente: Se o amigo que perdestes é um dos que tinheis, consolae a perda do que vos faltou com os que ficaram. Mas se elle era não só um, senão unico, não choreis só a vossa perda, senão a vossa culpa: *Quare tu ad unam anchoram stabas?* Porque estaveis vós sobre uma só ancora? Quando as coisas dependem do proprio alvedrio, estar sobre uma só ancora, não só é desgraça, mas culpa; porém quando dependem só da mão de Deus, é providencia muito para estimar e agradecer da mesma graça divina. Em quanto Deus, depois de nos levar o primeiro, nos deu só o segundo principe, estavamos sobre uma só ancora; mas depois que lhe succederam tão felizmente um e outro infante, já estamos sobre tres. Na antiga Lusitania reinou antigamente um principe chamado Gerion, o qual tinha dois irmãos do mesmo nome, tão unidos todos tres entre si, que deram occasião á fabula de viverem em uma só alma que informava os tres corpos. Diziam mais, que esta união os fazia tão fortes, que chegando a Hespanha o domador de todos os monstros do mundo, não deram menos trabalho a Hercules as tres cabeças destes irmãos, que as sete da famosa hydra.

Mas deixada esta fabula, em que parece prophetisou, ou pintou a passada Lusitania a fortuna que ella e nós haviamos de gosar presente; para que o nosso principe estime quanto deve o nascimento do novo irmão, e quanto importa ou póde importar a seu tempo um tal companheiro e fiador, não só para o reparo da vida, senão para a conservação do estado; oiçamos um famoso Oraculo da Sabedoria divina: *Frater, qui adjuvatur à fratre, quasi civitas firma.* [1] Os Setenta Inter-

[1] *Proverb.*, XVIII, 19.

pretes ainda mais expressamente: *Frater à fratre adjutus, quasi urbs munita, et excelsa:* Um irmão ajudado de outro irmão (diz o Espirito Santo) são como uma cidade no sitio levantada por natureza, e nos muros bem fortificada pela arte. Uma cidade sem fortificação, por qualquer parte póde ser invadida e entrada. Mas os muros que mais fortemente a cercam e a defendem, não são os que se fabricam de marmores ligados, senão de corações unidos. Perguntados os espartanos porque não muravam as suas cidades, respondiam: Sim, muramos, e os nossos muros (apontando para os peitos) são estes. E se este valor lhes infundia o serem moradores da mesma cidade, quanto mais se fossem filhos do mesmo pae e da mesma mãe, ajudado cada par um do outro: *Frater à fratre?*

Assim o entenderam tão politica como militarmente os que especularam o modo compendioso e facil com que acudir á restauração de Portugal e a desfazer e afogar nas mesma faxas do seu nascimento. Estava militando em Allemanha o infante D. Duarte, e antes de se tocar caixa contra os que chamavam rebellados, despacham-se correios secretos, com ordens, aonde se não podiam mandar, de que o infante seja logo preso. E porque, ou para que? Para que um irmão se não ajustasse com o outro irmão, e, divididos, se não podessem ajudar, nem defender, e conservar a empreza começada. Não se temeram tanto de toda a união do reino, como de que chegassem os dois irmãos a ser *frater, qui adjuvatur à fratre.* Entenderam que preso o infante, com os muros do castello de Milão tinham posto em cerco a Portugal, e que o novo rei desacompanhado de seu irmão, com todas as forças do reino se não podia defender. Mas quando elles, com uma divisão, os quizeram separar, elles, com outra divisão, se souberam unir.

Dizia discreta e fortemente Quintiliano, em uma declamação, que a irmandade é uma alma dividida pelo meio: *Quid est aliud fraternitas, quàm divisus spiritus?* E que fazia a alma dos dois irmãos assim partida em duas ametades? A ametade livre do rei estava preza em Milão com a do infante, e a ametade preza do infante estava livre em Portugal com a do rei. Tão livre, que succedendo no mesmo tempo suspirar a falta de Carthagena e a necessidade de Potossi por cavado-

res ethiopes, houve arbitrios em Madrid, que o infante se trocasse por Angola, e a sua liberdade por muitos captiveiros. Mas como esta noticia chegasse aos ouvidos do real prisioneiro, teve elle industria para minar os muros do castello, e por debaixo da terra escrever uma carta, que de Veneza veiu a Haya, côrte de Hollanda (onde eu a li), e da Haya passou a Lisboa. E que continha aquella carta? Dizer e protestar a sua magestade o generoso infante, que nem um torrão de terra conquistada com o sangue dos portuguezes se désse pela sua liberdade, nem pela sua vida. Assim estava desde a sua prisão defendendo as terras da Africa, e avaliando em tanto preço as gottas do sangue portuguez, duzentos annos antes derramado nellas! Que seria, se chegassemos a o vêr na testa dos nossos exercitos, e nas nossas restituidas campanhas, ganhadas tambem com o sangue não só dos soldados, senão dos reis seus avós, nas veias do irmão, e nas suas o mesmo?

Sem lograr este desejo acabou aquelle heroico principe a vida: e aos dois irmãos, que a distancia dos logares não pôde separar, separou finalmente a morte. Na ausencia de tão fiel companhia parece que se cumpriu então ficar El-rei verdadeiramente só. Assim o ponderei nas suas exequias, em que tomei por thema: *Mortuus est frater eius, et ipse remansit solus.* [1] Disse estas palavras Jacob, fallando dos dois irmãos José e Benjamin, filhos seus e de Rachel. Mas assim como era falso ser morto José, que no mesmo tempo vivia, e governava o Egypto, assim se não verificou em El-rei, como em Benjamin, o ficar só sem elle: porque? Porque voou de Milão ao céu o glorioso infante, não esquecido de quem era; e daquelle mais alto castello ajudou fortemente a seu irmão. Na batalha de Barac, diz a Escriptura Sagrada, que se pelejava da terra, e juntamente do céu: *De cœlo dimicatum est:* [2] sendo as estrellas de lá um bem ordenado exercito: *Stellæ manentes in ordine suo.* Assim succedeu d'alli por diante. Metteu a justiça da causa o bastão na mão ao bellicoso infante, e governando as estrellas, elle infundia nellas

[1] *Genes.*, XLII, 38.
[2] *Judic.*, V, 20.

os seus espiritos, e ellas os influiam tão efficazmente nos portuguezes que pelejavam na terra, que no mesmo tempo restauraram na Africa Angola, e na America Pernambuco, e em Portugal, já restaurado, o defendiam gloriosamente com maior e mais certo desengano das armas offensivas.

A' vista deste exemplo de irmandade me arrependo muito do que pouco ha disse, que Portugal se sustenta hoje sobre tres ancoras, sendo certo que são quatro, e a mais segura no céu, enchendo este perfeito numero o principe primogenito, que o mesmo céu nos deu e arrebatou tão brevemente. Grande prognostico de perpetuidade não só para a esperança, senão para a fé! Fundou Deus neste mundo duas republicas: a primeira em uma só nação, que foi a Synagoga; a segunda em todas as nações, que é a Igreja; e o fundamento sobre que assentou ambas, foi a irmandade. A Synagoga sobre Moysés e Arão, irmãos; a Igreja sobre Pedro e André, irmãos; e sobre João e Jacob, tambem irmãos. E porque razão a Synagoga em uma irmandade, e a Igreja em duas? A Synagoga em dois irmãos, e a Igreja em quatro? Porque a Synagoga havia de durar muito, a Igreja sempre, e a perpetuidade sempre nos promette a firmeza de uma base sobre o numero quadrado, o qual se aperfeiçoou, e encheu no nascimento felicissimo do ultimo infante, que celebramos.

Já eu aqui me despedira da segunda graça; mas sei que anda na bocca das gentes, e tambem na estampa dos livros, que quando reinar um rei de certo nome, lhe ha de succeder na corôa um infante de Portugal. Portugal é tão pouco ambicioso, e está tão cheio de si, que se contenta com o seu. Fiquem estes contos para as fadas, que os cantem ao nosso infante quando lhe embalarem o berço e animarem o somno. A verdade maravilhosa é (para que não sejamos ingratos a Deus), que ha poucos annos tinhamos a successão por um tio, por falta de um principe, e agora os podemos repartir, e dar reis a muitos reinos. Eu, porém, o que só quizera entretanto, é que os nossos deram nelles ás duas magestades de suas augustissimas irmãs, não só afilhados, mas filhos. Na morte dos Innocentes de Belem allega o Evangelista S. Matheus o Texto do Propheta, em que Rachel chorava os seus filhos: *Rachæl*

plorans filios suos: [1] sendo certo que os meninos de Belem não eram filhos de Rachel, senão de Lia sua irmã. Mas por isso mesmo lhes chama filhos seus, porque os filhos dos irmãos tambem são filhos proprios. Assim póde dar el-rei nosso senhor á magestade da senhora rainha da Grã-Bretanha, sua irmã, não só um afilhado, senão um filho. E a rainha nossa senhora á magestade da senhora rainha de Castella, tambem irmã sua, outro. E por este modo ambas as venturosas magestades, sem as dôres, que não padeceram, lograrão em logar de dôr, com summa alegria o fructo desta gloriosa fecundidade de Portugal e sua: *Filii, fructus ventris.*

IV

Somos chegados, finalmente, á terceira e ultima graça, á qual pertence agradecer as mercês e beneficios recebidos; mas o nosso agradecimento se antecipou de maneira a esta terceira graça, que as nossas se teem já muito desempenhado, ou começado a desempenhar na segunda. Já tinha dito Seneca elegantemente, e disse depois com maior elegancia S. Bernardo, que a primeira parte do agradecimento, e as primicias que mais agradam e satisfazem a quem faz o beneficio, é o gosto, a alegria, e a estimação com que o mesmo beneficio se abraça, aceita e recebe. As palavras do Santo são estas: *Danti rependi quidquam gratius ab accipiente non potest, quàm si gratum habuerit, quod gratis accepit.* Isto é o que fizeram já as nossas publicas e naturaes demonstrações naquelle sollicito e cuidadoso repente com que na Bahia se ouviu a nova do felicissimo parto, em que a Divina liberalidade tinha acrescentado á prosapia real mais um penhor de firmeza no repetido nascimento do novo infante. Os applausos de grandes e pequenos: os parabens que todos se davam: as alviçaras com que se premiaram as primeiras noticias: o cuidado e receio interior de que se despiram os corações; e as galas de que se vestiram por fóra: as luminarias, os repiques, as salvas das fortalezas e artilheria, com que até as pedras e os bronzes, ou sentiam ou mostravam a ale-

[1] *Math.*, II, 18.

gria: emfim as festas geraes decretadas para maior apparato e credito do mesmo contentamento: tudo isto, e o mais que se não póde explicar, junto, foram um descomposto tumulto, e uña concertada harmonia dos corações, com o agradecimento sahindo fóra de si pelas portas de todos os sentidos, com todos se encontrava e manifestava em todos.

Mas isto aonde e quando? A circumstancia do logar e do tempo acredita muito este novo modo de gratificar. Deu o Anjo a nova do nascimento do Salvador aos Pastores; e elles que fizeram? Foram a Belem, viram o que tinham ouvido, e então tornando para o seu gado, vinham cantando louvores, e dando graças a Deus: *Reversi sunt pastores glorificantes, et laudantes Deum.* [1] Se nós puderamos tambem ir a Belem, quero dizer, á nossa côrte, e ser testemunhas da sua alegria, não lhe daria vantagem a nossa, como nem ao que ella obrou nos Pastores. Mas nota nelles o Evangelista duas propriedades, que em nós são grandes differenças. A primeira, que elles estavam na mesma região: *Pastores erant in regionem eadem.* [2] A segunda, que receberam a nova do nascimento no mesmo dia: *Quia natus est vobis hodie.* [3] Porém que nós, estando n'outra região tão distante, e recebendo a nova tanto tempo depois, nem por isso glorifiquemos, e louvemos menos a Deus? Ninguem diga que a terra do Brazil é ingrata. O agradecimento é filho do amôr, e o amôr ordinariamente o tempo o esfria, e a distancia o apaga: porém o nosso agradecimento, como filho de amôr mais nobre, qual deve ser o dos reis e da patria; nem o tempo, com tantos mares em meio, bastou a lhe esfriar o contentamento, nem as distancias, tão remontadas, para não vêr e festejar as causas delle, quanto merecem.

Assim, sem sahir da segunda Graça, nem entrar na terceira, a quem pertence o agradecer, só com o agrado e estimação da mercê recebida temos já pago e respondido aos echos só da boa nova, com o melhor e mais sincero tributo do agradecimento. E para que este passe finalmente á terceira Graça, resta só que

---

1 *Luc.*, II, 20.
2 *Ibid.*, 8.
3 *Ibid.*, 11.

as nossas graças, com humilde e fiel reconhecimento ao primeiro e sobrenatural principio d'onde nasceram, se refiram todas a Deus. Este é aquelle perfeito circulo, que as tres Graças, como diziamos, fazem, dando-se as mãos entre si: querendo significar, que todas nascem da primeira, e todas tornam a ella. Nascem della, porque della as recebe a segunda; e tornam a ella, porque a ella as refere e agradece a terceira. Todos os rios quantos regam o mundo, ou mais ou menos caudalosos, ou mais ou menos distantes, sempre estão correndo ao mar, sendo que nelle se afogam e perdem o nome. E porque correm todos ao mar? Porque todos naturalmente tornam, e vão buscar o principio d'onde nasceram: *Ad locum unde exeunt, flumina revertuntur:* diz Salomão. [1] E qual é a theologia, que nesta natural philosophia encerra, e está sempre ensinando a natureza de dia e de noite? Santo Thomaz: *Redeunt flumina, id est, beneficia per gratitudinem ad suum principium, unde exierunt, puta, ad datorem Deum:* Os rios, diz o Doutor Angelico, são os beneficios divinos, os quaes vão buscar o seu principio, que é Deus; e donde sahiram por origem, tornam por agradecimento: *Redeunt per gratitudinem.* Aqui temos o circulo das tres Graças em uma só agua, e a mesma. Sáe a agua do mar, penetra por baixo da terra até ás fontes: das fontes rebenta aos rios, e nos rios correndo torna a buscar o mar. A primeira carreira é secreta, e não se vê donde sáe; e assim são os beneficios divinos: a segunda é manifesta e publica; e assim devem ser, e são, as graças que damos a Deus.

E tem algum interesse este tributo de agradecimento, que os rios vão pagar ao mar? Sim, e muito grande. E' de graças, mas não de graça. O mesmo Salomão o disse: *Revertuntur, ut iterum fluant.* [2] Tornam os rios agradecidos ao mar, para tornar a correr. Não param para correr, correm para não parar. E que nos quer Deus ensinar neste mesmo espelho? Diga-o o mesmo Commentador, como tão excellente interprete dos segredos divinos: *Ut iterum fluant: quia gratitudo de datis provocat liberalitatem Dei ad nova danda.*

[1] *Eccl*, I, 7.
[2] *Ibid.*, I, 7.

Correm os rios para tornar a correr, porque é tão grato a Deus o nosso agradecimento dos seus beneficios, que provoca sua divina liberalidade a que nos dê outro de novo. De maneira, que as mercês de Deus antes do agradecimento são dadivas, depois do agradecimento são dividas: antes do agradecimento nós somos devedores a Deus das mercês que nos faz; depois do agradecimento as mesmas graças que damos a Deus, fazem a Deus devedor nosso, e devedor de novas mercês; porque fica obrigada a sua liberalidade a nol-as fazer de novo, multiplicando-as. D'aqui se entenderá o mysterio com que Christo Senhor nosso no banquete do deserto trocou a ordem das graças: *Accepit panes, et cum gratias egisset, distribuit discumbentibus:* [1] Tomou o Senhor os pães nas mãos, e dando primeiro as graças a Deus, então os distribuiu aos convidados. Parece que as graças se haviam de dar depois de comer, e não antes. Mas assim convinha e importava que fosse. Os pães eram cinco, e cinco mil os que haviam de comer delles: e para multiplicarem tanto, era necessario que precedessem as graças, e que o mesmo agradecimento os augmentasse. Tão fecunda é a gratidão nos beneficios divinos!

E supposto que todo o nosso discurso é fundado em uma fecundidade, que com razão chamamos prodigiosa; razão terá tambem alguem de perguntar, ou por curiosidade, ou por receio, se póde ou poderá haver alguma acção ou omissão da nossa parte, que faça esteril a beneficencia divina. Respondo que sim, e é consequencia do que acabamos de dizer. Porque assim como a gratidão tem efficacia para fecundar a mesma beneficencia em Deus, assim a tem egualmente a ingratidão para a esterilisar. Até esta notavel advertencia não passou por alto a David: *Retribuebant mihi mala pro bonis: sterilitatem animæ meæ:* [2] Eu (diz David), semeei beneficios, e colhi ingratidões: esterilidade da minha alma. A primeira parte desta sentença não tem dfficuldade; mas a segunda muito grande. Semear beneficios, e colher ingratidões, é monstruosidade da agricultura, que cada dia experimen-

[1] *Joan.*, VI, 11.
[2] *Psalm.* XXXIV, 12.

tam os que semeiam ou plantam em tão má terra como a de Adão, e seus filhos. Até Deus disse da sua vinha: *Expectavi ut faceret uvas, et fecit labruscas.* [1] Porém, que ponha David esta esterilidade em si: *Sterilitatem animæ meæ!* esta é a maravilha. Se puzera a esterilidade nas almas, e más almas dos ingratos, bem estava; mas na sua, que fazia os beneficios? Muito notavel coisa é, mas certa. E porque? Porque o ingrato não só esterilisa os beneficios, senão tambem o bemfeitor: esterilisa os beneficios, porque os paga com ingratidões: e esterilisa o bemfeitor; porque vendo o bemfeitor que se pagam com ingratidões os seus beneficios, cessa, e não os quer continuar. Isto que David diz de si, é o que faz Deus. Antes propria e verdadeiramente de Deus é que o disse o Propheta, e não de si. Estas palavras são do Psalmo 34, o qual todo é de fé que falla de Christo. E da sua alma diz o mesmo Christo: *Sterilitatem animæ meæ;* porque o ingrato (commenta Hugo Cardeal) quanto é da sua parte faz esteril a alma do mesmo Christo: *Animam Christi, quantum est in se, sterilem facit.* Note-se o *quantum in se;* porque a alma de Christo ainda neste caso não é esteril, mas é esterilisada: da sua parte não é esteril, porque sempre está prompta para fazer bem; mas da nossa é esterilisada, porque a nossa ingratidão a esterilisa: *Sterilem facit.*

Neste admiravel exemplo nos ensina a terceira e ultima Graça como devemos conservar, ou podemos perder: como devemos augmentar, ou podemos esterilisar a mesma fecundidade que celebramos. E porque não pareça caso singular, saibamos que assim o tem Deus estabelecido por lei universal desde o principio do mundo. Toda a successão e gerações do genero humano, primeiro creado, e depois restaurado, fundou Deus sobre dois grandes homens, Adão, quando o creou, e depois se perdeu: e Noé, quando depois de perdido o restaurou. E porque o perdeu Adão e o restaurou Noé? Leiam-se no Texto sagrado os procedimentos de um e outro. Adão nem por obra, nem por palavra, nem por offerecer sacrificio a Deus, ou lhe dobrar o joelho, nem por movimento, inclinação, ou si-

[1] *Isaias*, v, 4.

gual algum se lhe mostrou agradecido; mas sempre e em tudo duro, desconhecido, ingrato. E como castigou Deus esta ingratidão? Com o diluvio, em que todos os filhos de Adão ficaram sepultados. Noé, pelo contrario, tanto que desembarcou da Arca com os animaes, a primeira coisa que fez, foi levantar altar a Deus, e sacrificar-lhe as victimas que já trazia separadas, e sem parelha, em acção de graças por todos. E como premiou Deus este engrandecimento de Noé? Com a perpetua conservação de seus descendentes, e promessa de não haver mais diluvio, confirmada com o arco que ordinariamente vemos nas nuvens, quando começam os primeiros orvalhos da chuva. De sorte que nas Escripturas e nas nuvens deixou Deus dois perpetuos monumentos, um do castigo da ingratidão, outro do premio do agradecimento: nas Escripturas o diluvio, como sepultura de todos os filhos de Adão, e por epitaphio nella: *Delebo hominem, quem creavi;* [1] nas nuvens a conservação e seguro de todos os filhos de Noé, como arco triumphal do agradecimento, e nelle por inscripção: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines.* [2] Não houve jámais, nem póde haver tal triumpho, como o daquella inscripção em um arco levantado entre o céu e a terra, porque nelle triumphou e está sempre triumphando o agradecimento: de quem? Não só da Omnipotencia, senão tambem do alvedrio divino. Da Omnipotencia; porque não póde Deus fazer o contrario: e do alvedrio; porque nem o póde querer, ainda que tenha grandes razões para isso.

Em summa, que os thesouros da beneficencia Divina teem duas chaves, uma de oiro, que os abre, outra de ferro, que os fecha. A de oiro, que os abre, é o agradecimento que os alcança, augmenta e conserva: a de ferro, que os fecha, é a ingratidão, que depois de recebidos, os corrompe, destroe e perde. Assim perdeu Adão, por ingrato, e afogou no diluvio a geração de todos seus descendentes: e assim conservou Noé, por agradecido, a sua, e a conserva, e ha de conservar para sempre. Não quizera agora fazer re-

---

[1] *Genes.*, VI, 7.
[2] *Ibid.*, VIII, 21.

flexão sobre nós; mas é obrigação de todo este discurso. Lembremo-nos do agradecimento do segundo pae do mundo, e não nos esqueçamos da ingratidão do primeiro. Estas mercês, de que damos as graças á Divina misericordia, já sabemos como as havemos de conservar. Mas temamos tambem como se podem perder. Faz horror á imaginação, e treme de o pronunciar a lingua. No primeiro principe que Deus nos concedeu, e tão brevemente levou para si, nos antecipou o exemplo do que elle não permitta, e póde succeder a todos os que nos tem dado e póde dar, ainda que sejam muitos mais. Justo Lypsio, com advertencia singular entre todos os reinos e reis do mundo, põe diante dos olhos a todos, como tremendo espelho de desengano, o reino de Portugal, e o mais feliz de todos os seus reis El-rei D. Manuel. Refere os seus tres casamentos, e o grande numero de filhos e netos, com que deixou tão fundada (diz), e estabelecida a successão da corôa, que não só entrada, mas nem resquicio algum havia, por onde outra familia pudesse aspirar a ella; e comtudo conclue assim: *Viginti duo erant, qui Philippum regem anteibant, et successione legitimè arcebant; et tamen quò fata vocabant, venit, et successit. Præmortui omnes illi sunt: quid, nisi ut unum fierent totius Hispaniæ caput?* Tinha El-rei D. Manuel vinte e dois herdeiros, os quaes precediam a El-rei Filippe II de Castella, e o excluiam da successão; mas elle em fim succedeu; porque todos os vinte e dois morreram antes; e nelle vivo ficou toda Hespanha debaixo de uma só cabeça.

Ecce hæreditas Domini, filii; merces, fructus ventris. Dentro nestas mesmas palavras nos está dando vozes o desengano do que é a mortalidade humana, posto que fecunda. *Ecce:* eis-aqui, Portugal, em ti o maior exemplo. *Hæreditas:* esta é a herdade que se recuperou, porque se perdeu. *Domini:* Este é o mesmo Senhor que a tornou a dar, porque a tinha tirado. *Filii:* estes são os filhos do mesmo tronco, que sendo sete vezes mais do que hoje temos, a não puderam conservar. Mas bom animo; porque a conservação está na nossa mão, se a quizermos merecer. A nossa gratidão no presente, á nossa memoria do passado, e ás nossas vidas e obras para o futuro, tem Deus promettido por premio os fructos da mesma fecundidade: ***Merces, fructus ventris.***

SERMÃO GRATULATORIO

A

S. FRANCISCO XAVIER*

Pelo nascimento do quarto filho varão, que a devoção da rainha nossa senhora confessa dever a seu celestial patrocinio

Quartus frater. [1]

1

Estreito mappa para tão universal alegria! Pequeno thema para tão grande felicidade! Fel z e alegre a monarchia de Portugal com o novo nascimento do quarto infante: felizes e alegres suas magestades com o novo augmento do quarto filho: felizes e alegres suas altezas com a nova companhia do quarto irmão: *Quartus frater.* Toda esta significação se encerra nestas poucas palavras. E significa mais alguma outra felicidade e alegria (ou dentro ou fóra deste mundo) o mesmo numero, ou sobrenome de quarto? Sim; porque os numeros são os sobrenomes dos reis. E El-rei D. João o IV, de gloriosa e immortal memoria, que está no céu, já tinha o nome de D. João em um neto,

* Nestes Sermões genethliacos, commenta Honorati, mais que em qualquer outro genero de eloquencia, vê-se a prodigiosa fecundidade do engenho de Vieira; porque não podendo um recem-nascido ter feito coisa alguma digna do louvor e devendo-se fundar o Sermão em simples conjecturas do futuro, o grande orador achou ampla materia e propria de cada um. E' este o segundo que pregou sobre o mesmo recem-nascido; e tratando um thema tão arido, veja-se que pensamentos tão novos, bellos e instructivos o seu genio fez brotar em toda a parte.

[1] *Rom.*, XVI.

o principe nosso senhor, que Deus guarde; e agora com o novo nascimento do quarto infante se lhe inteirou vivamente em ambos o nome e sobrenome de D. João o IV.

Não requeria menos monte que dois Atlantes, o pezo de tão grande nome. Do pezo do nome de Maria, posto aos hombros da Magdalena, disse grave e elegantemente S. Pedro Chrysologo: *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula.* E se passarmos ás campanhas de Amalec, acharemos com maior exemplo no soberano filho desta mesma mãe repartido o seu nome e sobrenome entre os dois maiores heroes daquella edade, Josuë e Moysés. O nome e sobrenome do Redemptor do mundo, depois de o remir na cruz, foi Jesus Crucificado. Assim o nomearam os Anjos, assim S. Paulo. Estava pois na campanha de Amalec Josuë pelejando na testa do exercito, e Moysés no cume do monte com os braços abertos em fórma de cruz orando: e significavam um e outro, (como sentem commummente os Santos Padres) Josuë no seu nome, o nome de Jesus, e Moysés com os braços em cruz, o sobrenome de Crucificado. E porque não representavam ambas as figuras ou só Josuë, ou só Moysés? Porque nenhum delles, posto que tão grandes heroes, era sufficiente para sustentar só, senão divididos, o pezo de tal nome, e tal sobrenome: *Quia neuter eorum par erat utrique substituendo cognomini*, diz Origenes. Quasi me não atrevo a applicar a similhança, e passal-a do nome e sobrenome do Redemptor do mundo ao do redemptor e restaurador de Portugal. Mas para um rei, a quem o mesmo Jesus, e na mesma cruz, não duvidou trespassar a successão do seu proprio imperio, facilmente me perdoará a sua benignidade (na similhança sómente) a applicação e divisão de todo o seu nome.

Agora fallando com os leitores do primeiro sermão de acção de graças pelo mesmo nascimento do principe, cuja celebridade neste repito, duvido se me haverão perdoado passar nelle em perpetuo silencio, e não fazer menção alguma do intercessor, ou terceiro, que nos alcançou este quarto. E' certo que talvez se deve mais o agradecimento á diligencia de quem sollicita, intercede e alcança as mercês, que á liberalidade, posto que soberana, de quem as faz. *Egredimini, et videte*

filiæ Sion Regem Salomonen in diademate, quo coronavit illum, Mater sua: [1] Sahi ás janellas, filhas de Jérusalem, e vêde o rei Salomão coroado com o diadema, de que o coroou sua mãe. Quem coroou a Salomão, não ha duvida, como consta do Texto sagrado, que foi seu pae David, o qual privou da corôa a Adonias, filho seu mais velho, e a deu a Salomão. Pois se David foi o que lhe deu a corôa, porque diz o mesmo Salomão (cujas são estas palavras no Capitulo terceiro dos Canticos) que o coroou não seu pae, senão sua mãe: *In diademate, quo coronavit illum Mater sua?* Porque ainda que David foi o que coroou a Salomão, e lhe deu a investidura do reino; as diligencias, os empenhos, e a intercessão de Bersabé, sua mãe, como tão valida e amada do mesmo David, foi a que lhe impetrou e conseguiu a corôa. E julgou o juizo de Salomão no tal caso, que mais devia a corôa á intercessão de sua mãe, que á liberalidade de seu pae.

Toda esta demonstração não fere a outrem, senão a mim, pelo total silencio já confessado, com que no sermão de acção de graças pelo felicissimo nascimento do novo e quarto infante, nem uma só palavra fallei em S. Francisco Xavier. Em S. Francisco Xavier, torno a dizer, aquelle grande oraculo e patrono singular da rainha nossa senhora, a cuja poderosissima intercessão attribue sua magestade todas as suas e nossas felicidades, e muito particularmente na successão, d'antes tão suspirada, e agora tão multiplicada de principes naturaes. Pois se neste (que não quero chamar ultimo, senão quarto principe) com prodigiosa fecundidade de todos successivamente varões, devemos novas e maiores graças; como no sermão proprio dellas, e discorrendo por todas, em nenhuma achei logar em que pôr a Xavier? Não foi descuido, ou desattenção minha, senão grandeza sua. Uma personagem tão grande não cabe em partes. Por isso me resolvi a fazer novo sermão, que fosse todo seu: e é este.

Mas segundo a sentença que propuz de Salomão, della se segue uma terrivel consequencia. Salomão no seu caso julgou que mais devia a corôa á intercessão de sua mãe, que lh'a conseguiu, que á liberalidade de

[1] *Cant.*, III, 11.

seu pae, que lh'a deu: logo diremos nós no nosso caso, que as graças da presente mercê alcançada de Deus por S. Francisco Xavier, mais se devem ao mesmo Xavier, que a Deus? A resposta desta duvida demanda tanto fundo, que me não atrevo a embarcar nella, sem pedir primeiro a graça. *Ave Maria.*

II

Ha beneficios de Deus, em que todas as graças se devem a Deus, e nada aos homens. E ha beneficios, tambem divinos, em que parece que as graças mais se devem aos homens, que a Deus. Vamos por partes.

Os beneficios do primeiro genero são aquelles que Deus faz por amôr de si mesmo, como refere por bocca de Isaias: *Propter me, propter me faciam.* [1] E então faz Deus estes beneficios por amôr de si mesmo, diz S. Dionysio Areopagita, quando elle é o auctor, e elle o motivo, sem haver outrem fóra de si, que o mova, ou provoque a isso: *Quando ipse sui ipsius, et sibi ipsi provocator, et motor est.* Tal foi o beneficio da creação do mundo antes do qual não havia homem, nem anjo, que lhe pudesse pedir, ou mover a que o creasse. Assim que, todas as graças devidas a Deus por tão grande e universal beneficio, são pura e meramente suas, sem haver, nem poder haver quem tivesse parte nellas.

Os beneficios do segundo genero são aquelles que Deus faz por intercessão e rogos de outrem, principalmente quando o mesmo Deus está deliberado, e empenhada sua providencia ou justiça a fazer e executar o contrario. Pelo peccado da adoração do bezerro no deserto, provocado Deus da rebellião e idolatria daquelle ingrato povo, tão poucos dias depois de o ter libertado do captiveiro do Egypto com tantos prodigios, deliberou a sua justiça, a sua ira, e o seu furor, como diz o Texto, de o extinguir totalmente e sepultar no mesmo deserto. Em fim lhe perdoou Deus pelas orações e instancias de Moysés: e dependeu tanto destas orações, e da força dellas a conservação do povo,

[1] *Isai.*, XLVIII, 11.

diz David, que tendo Deus já aberta a brecha nas muralhas para assolação de todos, se a fortissima resistencia de Moysés se não oppuzera na mesma brecha á defeza, sem duvida seria todo assolado e destruido: *Et dixit, ut disperderet eos, si non Moyses electus ejus stetisset in confractione in conspectu ejus.* [1] E no preciso destas circumstancias parece que as graças desta absolvição mais se devem aos fortissimos embargos do advogado, que á sentença revogada do Juiz, tão justa e tão justificada na causa, que, se não fôra por elles, sem duvida e sem remedio se havia de executar: *Si non Moyses stetisset in confractione.* Note-se muito aquelle *si non*. De maneira que se Moysés não resistisse tão fortemente a Deus, sem duvida havia Deus de destruir o povo. Logo as graças de tamanho beneficio mais se devem á resistencia de Moysés, que á desistencia de Deus. A consequencia não é menos que de Aristoteles: *Propter quod unumquodque tale, et illud magis.* Quem foi aquelle, por amôr de quem perdoou Deus ao povo? Moysés. Moysés foi o *propter quod*, logo a elle lhe pertence o mais, *et illud magis.*

Já nesta consequencia forçosa, e não forçada, segundo a estimação humana, ninguem estranhará dizer-se que as presentes graças (como se inferia) sejam mais devidas a Xavier, que a Deus. Mas eu não me contento com esta resposta. E resolvendo a questão ao mesmo caso e nascimento do quarto irmão, novamente accrescentado aos nossos principes, mercê que a devoção da rainha nossa senhora, e o applauso de todo o reino reconhece recebida do poderoso patrocinio do Santo, por antonomasia seu, não duvido affirmar constantemente, que as graças deste tão repetido favor não só se devem a Xavier mais que a Deus, senão todas a Xavier. E porque? Porque dando todas as graças a Xavier, damos a Cesar o que é de Cesar, e não negamos, nem tiramos a Deus o que é de Deus. E senão vamos ao caso, e vejamos com que entrou nelle Deus, e com que entrou Xavier. Deus entrou com dar os poderes a Xavier; Xavier entrou com applicar a virtude dos mesmos poderes a nosso favor e beneficio. Logo a Deus, que é glorificado em seus Santos, *Gloriosus Deus in*

[1] *Psalm.* cv, 23.

sanctis suis, não se lhe nega, nem se lhe tira nada do que lhe pertence, que é toda a gloria da liberalidade e magnificencia com que deu ao seu Santo os seus poderes. Prova? Sim: e em um dos maiores milagres de Christo Redemptor nosso.

Estava o Senhor no concurso de uma provincia inteira, dentro em uma casa particular, e não podendo romper pela multidão, nem entrar pela porta quatro homens que levavam um paralytico no seu leito, subiram por cima dos telhados, e feita uma abertura capaz, por ella e por cordas desceram e puzeram diante do Divino Medico o enfermo, ou quasi morto, sem sentido, nem movimento: e o Senhor com duas palavras lhe restituiu a vida, a saude, e as forças tão inteiramente, que por seu pé o que tinha vindo em oito, e com o mesmo leito ás costas, foi admiração e pasmo aos que o viram, que eram todos. Mas esses assim admirados e pasmados, que disseram ou fizeram? *Glorificaverunt Deum, qui dedit potestatem talem hominibus.* [1] Glorificaram a Deus por haver dado tal poder aos homens. De sorte que glorificaram e deram a Deus a gloria, não da obra e beneficio milagroso, senão de ter dado os poderes ao homem, que a fez, tendo a Christo por puro homem, como a palavra *hominibus* significa. Assim que, tudo o que pertencia a Deus, era a gloria de ter dado os seus poderes e taes poderes: *Qui dedit potestatem talem hominibus.* E porque não deram tambem as graças a Deus? Porque essas pertenciam ao Homem obrador do milagre e beneficio, assim como nós as devemos dar todas a Xavier.

O nascer, como disse Salomão de si, é egual nos principes, e nos que o não são; e o nascimento não é só milagre, senão milagre similhante ao que acabamos de referir; porque ainda que tiveram parte nelle os homens, não o poderam conseguir senão das telhas acima. No nascimento pois do nosso principe, em que pleiteamos as graças entre Xavier e Deus, bastava a distincção de Deus ao homem, dos poderes á obra, e das graças á gloria, para que dando toda a gloria a Deus, e todas as graças a Xavier, Xavier pacificamente,

[1] *Math.*, IX, 8.

e sem questão, ficasse logrando a proeminencia deste grande e novo direito. Mas não é este ainda o fundo da resposta, a que eu disse no principio me temia arriscar. Qual é, pois, ou póde ser sobre toda a novidade do que está dito? E' que não só obrou Xavier na mercê que nos fez, com os poderes de Deus como de Deus, senão com os poderes e com o mesmo Deus, tudo como seu: e por isso com o mesmo Deus, tudo como seu: e por isso com maior e absoluto direito a todas as graças. Vamos á Escriptura, e abramos nella um novo e grande reparo.

Sitiado em Jérusalem El-rei Ezechias por um exercito dos Assyrios poderosissimo, recebeu uma embaixada do rei, que era Senaccherib, na qual lhe persuadia, ou mandava que se entregasse, offerecendo condições não só indecentes á magestade real, mas blasphemas contra a Divina. E como o estado, ou aperto da cidade era alheio de toda a esperança de a poder defender, mandou Ezechias as mesmas condições por escripto ao propheta Isaias com um recado, no qual lhe rogava muito orasse por elle ao Deus seu: *Si quomodo audiat Dominus Deus tuus.* [1] Esta palavra *Deus tuus*, Deus vosso, a qual duas vezes se repete no mesmo recado, é muito emphatica; porque Ezechias não era gentio, senão fiel, e muito pio, e adorava o mesmo Deus verdadeiro de Isaias, a quem tambem ficava fazendo orações. Pois se o Deus do Propheta, e o Deus do rei era o mesmo; porque não diz Ezechias, orae a Deus, ou orae ao nosso Deus, senão ao Deus vosso, *Deus tuus?* Porque Deus, ainda que o mesmo, por muito differente modo era Deus do Propheta, que Deus do rei. Do rei era seu Deus, do propheta era Deus seu. E que differença ha de Deus seu, a seu Deus? Muito grande. Santo Agostinho dizia: *O' Deus! utinam possem dicere meus!* O' Deus! e que ditoso seria eu, se ao nome de Deus pudesse accrescentar o possessivo *meus!* Meu Deus, quer dizer, que Deus me possue a mim: Deus meu, quer dizer, que eu o possuo a elle: meu Deus, quer dizer, que Deus me tem sujeito a seu mandar: Deus meu, quer dizer, que eu o tenho sujeito a meu querer. Quem isto póde dizer, verdadeiramente

[1] *Isaias*, XXXVII, 4.

possue tão inteiramente a Deus, que póde usar delle como de coisa sua. Por isso o rei chamou ao Deus de Isaias, Deus seu, *Deus tuus:* e por isso Isaias (em admiravel prova de Deus ser seu) sem fazer oração a Deus, respondeu de repente aos embaixadores do rei, que seria vencedor, e o modo com que o seria: *Venerunt servi regis ad Isaiam, et dixit ad eos Isaias.* [1] Entre a embaixada do rei, e a resposta do Propheta não houve meio: como que elle usasse da vontade e da omnipotencia de Deus, sem a consultar, como sua.

Deus é Deus de todos os homens, mas nem todos os homens são os seus, senão aquelles que muito intimamente ama e estima. Taes eram os Apostolos, dos quaes disse o Evangelista: *Cùm dilexisset suos.* [2] Do mesmo modo todos os homens são de Deus, mas Deus não é seu de todos, senão daquelles que subidos ao supremo gráu do amôr e da união são já possuidores nesta vida do mesmo Deus. Tal era Xavier, como elle mesmo confessava nos seus soliloquios com Deus. *Quid mihi est in cœlo, et à te quid volui super terram?* [3] Por ventura, Deus meu, ou na terra, ou no céu, quero eu, ou tenho outra coisa senão a vós? *Pars mea (id est, possessio mea) Deus in æternum.* [4] Todos os meus bens sois vós, nem possuo, ou tenho de meu outra coisa. Por esta alienação de tudo o mais possuia e dominava Xavier a Deus, e a tudo o que é de Deus, como sujeito a elle e propriamente seu. Por isso mandava os mares e os ventos: por isso resuscitava os mortos: por isso lhe eram presentes os futuros: por isso parava o sol, e os orbes celestes. E ninguem me estranhe a palavra, *dominava:* porque depois que Deus permittiu á penna dos seus Chronistas, que dissessem delle, *Obediente Domino voci hominis:* [5] o que Deus concedeu ao grande Josuë, não o podia negar ao maior jesuita. E porque Xavier em todas as mercês maravilhosas, que de sua mão recebe o mundo, não só obrava como intercessor, senão como Senhor, ou certamente

1 *Isaias*, XXXVII, 5 e 6.
2 *Joan.*, I, 13.
3 *Psalm.*, LXXII, 25.
4 *Ibid.*, 26.
5 *Jos.*, X, 14.

possuidor de tudo o que é de Deus, e do mesmo Deus mais seu, que tudo: não ha duvida que na gratificação da mercê presente, deixada a Deus toda a gloria, a elle se devam todas as graças.

III

Já sabemos como devemos gratificar a S. Francisco Xavier a mercê presente. Mas para que saibamos quão devidas lhe são todas as graças pelo nascimento do novo infante, é necessario que comecemos (o que por ventura se não considera) desde o nascimento do terceiro até chegar ao quarto: *Quartus frater.*

Segundo os termos, ou intervallos da Providencia Divina, é coisa notavel, e notada da Historia Sagrada, ou pararem os partos no terceiro filho, ou degenerarem depois delles as gerações, ou ser muito difficultosa a passagem para chegar ao quarto. Naquella Arca, em que Deus, afogado no diluvio o mundo, guardou para a conservação e continuação delle a propagação do genero humano, não houve mais que tres filhos, Sem, Cham, e Japhet. Na fecundidade de Anna, com quem Deus se mostrou tão liberal, posto que milagrosa, que diz o Texto sagrado? *Visitavit Dominus Annam, et concepit tres filios, et duas filias:* [1] Visitou Deus a Anna, e concebeu e pariu tres filhos e duas filhas. De maneira que os filhos varões foram sómente tres: e o sexo masculino, que ella tinha pedido, *Si dederis serva tuæ sexum virilem,* [2] logo parou no terceiro parto e degenerou ao feminino. E posto que a Providencia Divina vigia sobre os reinos e reis com maior cuidado, *Sunt maxima curæ regna Deo,* não deixa de se observar nelles esta mesma regra. De Judas, aquelle primeiro rei em que se continuou a serie dos que precederam a David, e depois delle até Christo, diz o Texto Sagrado, que lhe nasceram de sua mulher tres filhos: e nota que nascido o terceiro, parou nella a fecundidade, e não passou ao quarto: *Tertium quo-*

[1] *1.º Livr. dos Reis*, II, 21.
[2] *Ibid.*, I, 11.

que peperit, quo nato, parece ultra cessavit. [1] Até nos mesmos elementos, sendo elles quatro, deixou Deus como estabelecida a mesma lei. O primeiro, que é a terra, fecundo em todos os generos das vidas, tambem tres: vegetativa, sensitiva e racional; o segundo, que é a agua, fecundo nos peixes; o terceiro, que é o ar, fecundo nas aves, mas o quarto, que é o fogo, totalmente esteril e infecundo.

Só com o céu parece que dispensou o Creador, apparecendo no quarto dia da creação, e no céu tambem quarto, o sol fonte da luz, de quem a recebem os outros astros para o governo universal do mundo e dos tempos. Mas tão fóra esteve de ser isto dispensação daquella lei, ou excepção daquella regra, que antes foi a maior confirmação della. Porque? Porque precedendo no terceiro dia a maior de todas as fecundidades, que é a das plantas, tudo o que no seguinte appareceu no céu, não foi produzido por elle, ou parto seu, senão uns fragmentos, ou pedaços da luz creada no primeiro dia, os quaes foram postos no céu não como filhos proprios e naturaes, senão alheios e peregrinos: e por isso não disse Deus ao céu, *germinet*, ou *producat*; o que diz o Texto é: *Posuit in firmamento cœli:* [2] que poz no firmamento do céu, o que estava já produzido. Com que no mesmo firmamento ficou perpetuada a esterilidade natural, que aos terceiros partos se segue, nem com o céu dispensada.

E se quizermos inquirir curiosamente a razão fundamental deste limite posto por Deus á fecundidade do numero, ou parto terceiro, posto que não sempre observado senão em casos maiores: acharemos que a causa mais connatural de tão notavel providencia não está menos radicada que na essencia do supremo Exemplar, e efficiente de todas as coisas creadas, Deus em quanto Trino. Diz Aristoteles, e com elle Santo Thomaz, que o modo de obrar segue naturalmente o modo do ser. E qual é o modo de ser da virtude divina em si mesma, ou, como fallam os Theologos, *ad intra?* A primeira Pessoa, que é o Padre, é fecunda, e gera o Filho: a segunda, que é o Filho, é

[1] *Gen.*, XXXVIII, 5.
[2] *Gen.*, I, 17.

tambem fecunda, e juntamente com o Padre produz o Espirito Santo: mas no Espirito Santo, que é a terceira, pára e cessa de tal sorte a divina fecundidade, posto que infinita e immensa, que não póde gerar, nem produzir outra que seja a quarta. D'aqui se infere, que se a Providencia e Omnipotencia divina, obrando fóra de si, e *ad extra*, conservasse no modo de obrar a proporção do modo de ser, toda a natureza creada ficaria totalmente esteril no parto terceiro, sem jámais passar ao quarto: mas como á propagação do mundo era necessaria esta passagem, para que nella désse a necessidade alguma satisfação á natureza, ou lhe pagasse algum tributo, talvez entre um e outro extremo, não só estende a mesma Providencia os intervallos do tempo, mas os carrega de taes trabalhos e perigos, que só por mercê de Deus quasi milagrosa se póde escapar do meio delles, e depois do terceiro parto chegar ao quarto.

Dos tres filhos de Noé, que dissemos, o terceiro era Japhet, de quem nós descendemos. E como Deus os tinha guardados na Arca, e debaixo de chave, para a propagação do genero humano, seguro estava nos segredos da sua Providencia, que sendo elle o terceiro filho, lhe havia de succeder o quarto e os demais. Mas de que modo, e quando? Por meio dos trabalhos, perigos e horrores do diluvio, depois de fluctuar muitos mezes mettido vivo, e como morto, naquelle ataúde escuro: batido por todas as partes das montanhas das ondas, sem leme, sem pharol, sem piloto; até que, por mercê do céu, chegou a salvamento, e tomou porto em terra.

E quem á vista deste espelho se não lembra ainda agora com horror, do que padeceu a saude da rainha nossa senhora quasi naufragante no largo intervallo do terceiro ao quarto parto, na nova qualidade do mal: no rigor e frequencia dos symptomas: no descahimento das forças: no lento e habituado do calor, de cuja especie só se duvidava: e sobre tudo na desconfiança sempre mal declarada dos medicos, aonde o perigo ameaça as supremas cabeças? O amôr depois da perda vê-se na dôr, antes della no receio. E tal era a tristeza e desconsolação de todo o reino no receio daquella adorada e arriscada vida, em cuja respiração se sustentava a de todos. Do reino passavam estes las-

timosos echos ás mais remotas partes da monarchia, onde muito antes tinha levado ou trazido a fama a das virtudes pessoaes, reaes, e heroicas, com que todos estes vassallos se gloriavam de o ser de tão soberana senhora. E assim como na tempestade da Arca se aguardavam com suspensão as novas que traria o corvo, ou a pomba; assim suspensos nós entre temor e esperança, em apparecendo ao longe navio de Portugal, subidos ás torres mais altas com os instrumentos que accrescentam a vista, palpitando entretanto os corações, vigiavamos se trazia bandeira, e de que côr: o temor receiando que fosse da côr do corvo, para se cobrir de luto e de tristeza; e a esperança confiando em Deus, que fosse a de pomba, com o raminho verde da oliveira, para se vestir de gala e alegria.

Mas passando da tempestade da Arca á da barquinha dos Apostolos na tormenta do Lago de Genezareth, tambem aqui para maior propriedade era a passagem entre os dois ultimos quartos nauticos e militares, por outro nome vigias, isto é, entre o terceiro, e o quarto, *circa quartam vigiliam*, [1] diz S. Marcos. Estavam pois os Apostolos no summo da afflicção, como aquelles a quem mais doía o trabalho e o perigo; e porque a tempestade, por ser da sua mais particularmente Senhora, era tambem cordealmente mais sua. Oravam instantemente ao céu; mas cuidavam que Deus os não ouvia, e que passava de largo: *Volebat præterire eos*. [2] E sendo que nesta occasião até o maior de todos os Apostolos duvidou, e foi reprehendido de pouca fé: *Modicæ fidei, quare dubitasti?* [3] só a fé; que sua magestade tinha no seu Santo, nunca vacillou, e sempre esteve constante. E' verdade que tambem elle por algum tempo parece que se ausentou e escondeu; mas emfim a perseverança da mesma fé o descobriu e achou tão propicio, como se alegre e risonho lhe respondêra com aquellas palavras divinas, e por isso suas: *Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem*. [4] Duas coisas lhe trouxe o seu Santo,

[1] *Marc.*, VI, 48.
[2] *Ibid.*
[3] *Math.*, XIV, 31.
[4] *Proverb.*, VIII, 35.

quando, enferma, só parece que necessitava de uma, que era a saude: mas na saude qué lhe trouxe para si, lhe trouxe tambem a vida para o novo filho. A saude facil, como bebida, *haurìet salutem:* e a vida difficil, como achada, *inveniet vitam;* e tão difficil como até-gora ponderámos, havendo de ser esse filho o quarto: *Quartus frater.*

IV

Assim o provou o successo, em cujas circumstancias mostrou bem Xavier que elle era o que obrava, mas com os poderes não só de Deus, mas do Deus seu. E começando pela do felicissimo parto, foi coisa notavel, que primeiro se soube publicamente, que era nascido o novo principe, do que precedesse noticia alguma de que estava para nascer, e se offerecessem a Deus as orações tão necessarias naquella hora; signal manifesto de entrar alli o concurso dos poderes divinos. Conta ou revela Isaias, como quem nos segredos de Deus é o maior Propheta dos Maiores, que fallando uma vez o mesmo Deus comsigo, disse desta maneira: *Numquid ego, qui alios parere facio, ipse non pariam?* [1] Basta, que sendo eu o Auctor da fecundidade, e que faço sahir á luz todos os que nascem, não terei tambem um parto que seja propriamente meu? Ora não ha de ser assim. Primeira, ou ultimamente, o nascido do meu parto será um filho varão, e o parto tão apressado, tão facil e tão feliz, que se diga delle: «Antes de parturir pariu»: *Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum.* [2] A nossa lingua não tem palavra que responda ao *parturir;* e em dia tão festivo permitta-se-me *ludere in verbis*, e dizer que parturir, é rir no parto. Tal é o parto da aurora, mãe do sol, o qual nasce alegrando o mundo, e ella o pare rindo. E tal foi o do nosso bello infante ao rir não só de uma, mas de duas auroras, uma no céu, outra na terra, se não quizermos accres-

---

[1] *Isai.*, LXVI, 9.
[2] *Ibid.*, 7.

centar a terceira do Oriente, festejando as maravilhas do seu Apostolo. Não podia elle obrar senão como Deus, pois exercitava os seus poderes. Só o mundo mistura o riso com dôr: *Risus dolore miscebitur.* [1] As mercês de Deus são puras, e alheias de toda a tristeza, e mais em casos tão alegres como o de nascer. Nasceu Eva de Adão, e por tal modo, que parecia inevitavel a dôr, havendo elle de soffrer, que se lhe arrancasse uma costa do lado. Mas como a mão de Deus era a que obrava aquelle parto (que assim lhe chama Santo Agostinho), foi com tal tento e recato, que primeiro adormeceu a Adão com um somno tão profundo, que nem por sonhos podesse sentir dôr: *Immisit soporem in Adam: tulit unam de costis ejus.* [2]

Assim obra Deus parecendo-se comsigo, e assim Xavier parecendo-se com Deus: Deus no parto, que chamamos seu, evitando totalmente a dôr; e Xavier no que tambem attribuimos a seus poderes, tirando-lhe o tempo das dôres. Houve em um e outro parto dois privilegios notaveis. O primeiro na dispensação de uma lei, o segundo na moderação e reparo de outra. Na sentença da primeira mulher condemnou-a Deus a ella e a todas, a duas penas: uma, que parissem os filhos com dôr, *In dolore paries filios:* outra, que estivessem sujeitas ao varão, *Et sub viri potestate eris.* [3] E como dispensou Deus a primeira e moderou e reparou a segunda? A primeira dispensou-a, fazendo que o parto que chamou seu, fosse sem dôr: *Antequam parturiret, peperit.* A segunda moderou-a e reparou-a, fazendo que o filho fosse varão: *Peperit masculum;* porque no tal caso já o varão fica sujeito e debaixo do poder da mulher, tendo obrigação de a obedecer e reverenciar como mãe.

Além destes dois privilegios, houve no nascimento do nosso infante outro terceiro. E foi que as mães antes do parto não sabem se ha de ser filho ou filha: e a rainha nossa senhora, por instincto ou inspiração do seu Santo, soube certamente que havia de ser varão, *masculum.* Assim consta que o declarou sua ma-

---

1 *Proverb.*, XXIV, 13.
2 *Gen.*, II, 21.
3 *Ibid.*, III, 16.

gestade á serenissima rainha da Grã-Bretanha, affirmando que lhe havia de dar afilhado, e não afilhada. E para mim não foi menor prova desta presciencia o voto ou devoto proposito, com que sua magestade determinou, que tanto que o que trazia em suas entranhas se podesse pôr em pé, o havia de vestir do habito de S. Francisco Xavier. E d'aqui se infere que suppunha a rainha nossa senhora, que havia de ser filho, e não filha? Sim. Porque se o habito houvesse de ser de Santo Agostinho, S. Bernardo, S. Domingos, ou S. Francisco, bem o podia vestir filha, como o vestem as filhas destes Santos Patriarchas; mas havendo de ser de Xavier e da Companhia, não o podia vestir, senão sendo filho: *Peperit masculum.*

A outra circumstancia deste prodigioso nascimento foi ser no dia de quinze de março e na madrugada delle. Este dia, como consta do Capitulo vinte e tres do Levitico, era o da mais solemne festa, assim pela memoria e agradecimento da liberdade particular do captiveiro do Egypto, como pela significação da universal e futura do captiveiro do genero humano, e redempção do mundo. As palavras do Levitico são: *Mense primo quarta decima die mensis ad vesperum, Phase Domini est: et quinta decima die mensis hujus solemnitas azymorum Domini est.* [1] O primeiro mez, que se chamava *Nisan*, responde ao nosso março, e os dias naturaes naquelle tempo começavam ao pôr do sol no principio da noite, e acabavam ao pôr do sol outra vez no fim do dia, como Deus os tinha instituido no primeiro dia da creação: *Factum est vespere, et mane dies unus.* [2] D'aqui se segue, que o nosso infante nascendo pela madrugada, nasceu quasi ao meio dia daquelle dia. E segundo as duas figuras do Cordeiro Paschal, e pão asmo, sahiu á luz deste mundo entre os dois maiores prodigios e mysterios da Divindade Humanada, que foram a instituição do Santissimo Sacramento, e a morte de Christo na cruz. Porque o primeiro foi instituido á segunda hora da noite, que foi a da Ceia; e o segundo succedeu, conforme o nosso contar, ás tres da tarde do dia, que foi a da

---

[1] *Levit.*, XXIII, 5 e 6.
[2] *Gen.*, I, 5.

morte. Computando agora estas horas que passaram no intervallo de um mysterio a outro, consta pontualmente, que foram dezenove: as nove antecedentes ao nascimento do infante, e as dez seguintes a elle. Mas com que propriedade no mesmo computo? Verdadeiramente admiravel. Como se no numero das mesmas horas nos dissera S. Francisco Xavier, e nos apontára com o dedo, nas nove, os nove dias da sua novena, e na decima, os dez dias das suas sextas feiras: e em ambos a hora de cada um delles, em que sua magestade com tão constante e confiada devoçao e fé (inda contra o parecer dos medicos, nas mesmas vesperas do parto), mereceu ao seu Santo o felicissimo nascimento de tão estimada prenda.

Que figura nos parece agora que fará neste mundo um principe, que entra nelle acompanhado de um e outro lado daquellas mesmas insignias, com que no mesmo mez, e no mesmo dia se representou o mesmo Christo ao mundo antes de vir a elle, nos dois maiores tropheus da sua omnipotencia, o seu Sacramento e a sua Cruz? Tremo de considerar na materia; porque em qualquer applicação della quasi periga a reverencia de tão soberanos mysterios. No Presepio nasce Christo humilde entre dois animaes; porque vinha a fazer de animaes homens: e no Thabôr apparece glorioso entre Moysés e Elias, que forâm vistos em magestade: *Visi in majestate.* [1] Mas que magestade é a de Moysés comparada com a do Sacramento, e a de Elias com a Cruz? Se no nascimento do Baptista diziam comsigo os montanhezes: *Quis, putas, Puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo:* [2] que diremos nós do nascimento deste prodigioso Menino, assistido não só com a mão do Senhor, senão com o mesmo Senhor duas vezes todo?

V

Mas não quero prognosticar mais grandezas, que as que cabem no meu thema, posto que tão pequeno, *Quartus frater*. Atrever-me-hei a dizer deste quarto ir-

---

1 *Luc.*, IX, 31.
2 *Ibid.*, I, 66.

mão, o que disse Nabucodonosor, quando, além dos tres que não quizeram adorar a sua estatua, viu passeando na fornalha como em um jardim, e entre as labaredas como entre flôres, outro quarto que lhe pareceu similhante ao Filho de Deus: *Et species quarti similis Filio Dei?* [1] Mas Nabucodonosor era gentio, e parecerá especie de gentilidade dizer tanto. O que só farei é, que imitando os Santos Padres, os quaes fundados naquelle grande Texto: *Omnia in mensura, et numero, et pondere disposuisti.* [2] dos numeros em que a Sabedoria e Providencia divina dispoz todas as coisas, colligem as intelligencias e mysterios que nellas se encerram. Tomado pois o peso e a medida ao logar, e ao numero em que a mesma Providencia collocou o novo infante na ordem successiva de seus irmãos, *Quartus frater;* vejamos do mesmo logar, e do mesmo numero o que se póde e se deve conjecturar com fundamento.

O que mais estimam os principes em si, e o que mais estima e celebra nelles o mundo, para cujo governo nasceram, é serem sabios na paz, e valorosos na guerra. E destas duas virtudes tão excellentes e verdadeiramente reaes, nos offerece a Historia Sagrada dois famosos exemplos no mesmo nascimento de filhos, e no mesmo numero de quartos. Salomão foi rei pacifico, e o mais sabio de todos os homens: e o mesmo Salomão, filho de David, e quarto filho. Judas, tronco da Tribu real, foi elle, e a mesma tribu, o mais valoroso e bellicoso de todos: e o mesmo Judas, filho de Rubem, e filho quarto. Mas porque estas eminencias, posto que tão altas (como as do monte Appenino), se não levantam da terra, de nenhum modo se podem egualar ao que eu conjecturo e espero do nosso quarto principe, e do muito mais que S. Francisco Xavier nos promette nelle. Já não me fundo em exemplos das Sagradas Lettras, senão em lei expressa do mesmo Deus.

No Capitulo 19.º do Levitico mandava Deus que os fructos da primeira, segunda e terceira novidade das arvores se não tocassem, e que todos no quarto anno,

---

[1] *Dan.*, III, 92.
[2] *Sap.*, XI, 21.

e na quarta novidade se offerecessem e sacrificassem a elle: *Quarto autem anno omnis fructus sanctificabitur laudabilis Domino.* [1] A razão natural era, porque só na quarta novidade estão os fructos perfeitos e sazonados, e por isso dignos de se offerecerem e sacrificarem ao Creador. E se Deus queria que se observasse esta lei na geração das arvores, quanto com maior direito nas arvores da geração? Estava a portugueza no tronco real não só esteril mas quasi secca, e quando pelo peregrino enxerto, tão venturoso como augusto, depois do primeiro, segundo e terceiro fructo, se vê enriquecida do quarto, como póde deixar este de se consagrar todo a Deus? Ninguem cuide que prognostico ás faxas do novo infante a purpura ecclesiastica, antes me lembro, e lembrados devemos estar, que junta esta purpura com a real na nossa nação, lhe foi causa da sua mais lamentavel fatalidade. Tertulliano chegou a dizer que nem os christãos podiam ser Cesares, nem os Cesares christãos: *Si christiani Cæsares esse possent, aut Cæsares christiani.* Mas esse foi um dos erros em que cahiu aquelle profundo entendimento. O que eu quero dizer, é, que as virtudes do nosso novo principe serão tão christãmente reaes, e tão regiamente christãs, que não contente com a observancia dos preceitos da lei de Christo, remontando-se o seu espirito aos apices altissimos dos conselhos evangelicos, não só será um real e sublime exemplo da perfeição religiosa, mas consummadamente santo.

Estes foram os impulsos inspirados por S. Francisco Xavier, com que desde as entranhas maternas, á similhança do grande Precursor, o determinou sua magestade vestir, não da purpura em que eu fallava, mas do habito do mesmo Apostolo, para que com elle recebesse o mesmo espirito, e seja um Xavier segundo. Agora peço attenção. Pediu Eliseu a seu mestre Elias, que nelle se dobrasse o seu espirito: *Fiat in me duplex spiritus tuus:* [2] não porque pedisse ou desejasse que o espirito de Elias fosse dobradamente maior nelle Eliseu; mas para que multiplicado o mesmo espirito, sendo singular em cada um, fosse dobrado em

[1] *Lev.*, XIX, 24.
[2] *4.º Livr. dos Reis*, II, 9.

ambos. Respondeu Elias, que pedia uma coisa muito difficultosa: *Regem difficilem postulasti;* [1] mas emfim lh'a concedeu, e o modo deste trespasso, ou multiplicação do mesmo espirito, foi lançar Elias o seu habito sobre Eliseu, como mais expressamente declaram os Setenta Interpretes: *Et tulit melotem Eliæ, quæ ceciderat super eum.* E como o poder e vontade de Xavier está sempre certa para ouvir as orações e santos desejos da rainha nossa senhora, e nenhum podesse ser mais santo, que desejar ao filho o seu espirito; assim como Elias infundiu e dobrou o seu em Eliseu por meio dos seus vestidos, assim com similhante benção do céu, quando a seu tempo o bellissimo infante, por conselho e inspiração do mesmo Xavier, se lhe presentar vestido da roupeta e barretinho, que lhe vestirão nascendo, não ha duvida que o Santo (pagando tambem nisso a sua mãe) o enfeitará por dentro de todas as joias e graças do seu apostolico espirito.

Mas não pára aqui, e só nesta similhança, o meu pensamento; antes o que nelle parece difficultoso, *Rem difficilem postulasti*, se confirma admiravelmente pelo successo e escriptura seguinte. Assim como disse S. Paulo, *Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi, in carne mea*, [2] assim diz o Ecclesiastico no Cap. 48.º, que as coisas que o espirito e zelo de Elias tinha intentado, e não pôde conseguir e executar, porque foi arrebatado ao céu, essas acabou depois, e tiveram seu complemento em Eliseu: *Elias quidem in turbine tectus est, et in Eliseo completus est spiritus ejus.* [3] Isto posto, saibamos agora que intentou o zelo e espirito de Xavier, e não pôde levar ao cabo, porque o céu o arrebatou como a Elias. E' coisa certa e manifesta, que Xavier acabou a vida na ilha de Sancham ás portas da China, onde elle queria entrar, por ser a fonte das idolatrias do Oriente, e não pôde. O' segredos da Providencia Divina! Entre a conceição e nascimento do nosso infante chegam as novas a Portugal, de que as portas da China, fechadas a Xavier, se abriram de par em par á publica prégação do Evangelho. E

---

1 *4.º Livr. dos Reis*, II, 10.
2 *Coloss.*, I, 24.
3 *Eccl.*, XLVIII, 13.

quem poderá negar, que o concurso de taes e tão remotas circumstancias de tempo a tempo, e de pessoa a pessoa, seja um prodigioso argumento, de que este menino sendo herdeiro do espirito de Xavier, como do seu habito, será em maior edade o Eliseu, que dê glorioso fim e complemento áquella grande empreza, intentada e não conseguida pelo seu amado Elias: *In Eliseo completus est spiritus ejus?*

Ainda não está posta a corôa a esta famosa figura, que quasi se póde chamar prophetica. Affirma Santo Epiphanio, que no dia em que nasceu Eliseu, um dos bezerros de oiro que fabricou Jeroboão, mugiu lamentavelmente, e foi o mugido tão forte, como se fosse um trovão, que se ouviu em toda Jérusalem. Para intelligencia deste prodigio, devem suppor os que o não sabem, que Jeroboão, criado de Roboão, rei das doze Tribus, se levantou com a maior parte dellas, e com o titulo tambem de rei fez a sua côrte em Sichem: e para que os novos subditos vindo a Jérusalem, onde estava o Templo do verdadeiro Deus, se não unissem outra vez a seu legitimo senhor, fundiu dois bezerros de oiro como o do deserto, os quaes por seu mandado todos adoravam. E um destes bezerros é o que mugiu no nascimento de Eliseu, como adivinhando-o, e doendo-se lastimosamnte de que aquelle menino, então nascido, havia de ser o destruidor de toda a idolatria: *Qua voce significabatur illa die natum esse infantem, qui vitulos aureos, ceteraque idola everteret.* Eu lhe chamei menino, e a declaração do bruto oraculo (que é do Santo) lhe deu mais propriamente o nome de infante: *Natum infantem.* Mas se os idolos de oiro, e os bezerros eram dois, porque mugiu um só? Porque ao outro já a espada de Elias lhe tinha cortado a cabeça, e as vozes do seu zelo o tinham emmudecido: e o segundo, que elle ainda não pudéra vencer, ficava para triumpho de Eliseu. Póde haver caso mais proprio da nossa conjectura? Chamemos a Xavier Elias, e ao infante nascido (a quem ainda não sabemos o nome) demos-lhe o de Eliseu, e está declarado o mysterio de ser um só bezerro o que mugiu. O outro, ou a outra ametade da idolatria da Asia, já Xavier a tinha derrubado, emmudecido, e convertido á confissão da verdadeira fé. A da China, que é o outro bezerro já meio rendido, como é de tantos milhões de gente, guarda a sua ul-

tima victoria para o nosso infante, não mugindo tristemente no seu nascimento, mas berrando e chamando por ellê, como desejoso e faminto.

VI

E se a alguem lhe parecer demasiada esta minha esperança, e que tendo tanto de admiravel, ainda tem mais de difficultosa; é porque não tem lido as nossas Chronicas, ou se esquece dellas. Esta navegação, estas viagens, este caminho maritimo para a India, China, e toda a Asia, havia-o antigamente? Não; nem rasto ou pensamento humano de tal caminho; antes os mais doutos e sabios entendimentos o tinham por impossivel. Quem foi pois o que intentou e conseguiu esta tão notavel e nunca imaginada empreza? E' certo que o infante D. Henrique, filho d'El-rei D. João o primeiro de Portugal, e irmão d'El-rei D. Duarte. Desterrou-se da côrte na flôr da edade este heroico principe, foi-se viver entre o ruido das ondas nas praias mais remotas do reino: e d'alli por meio dos seus fortissimos argonautas, rompendo mares, vencendo promontorios, descobrindo novas terras, novos ceus, e novos climas, com immensos trabalhos, e horrendos perigos, e com egual constancia de quarenta annos, em fim, mostrou ao mundo o que o mesmo mundo não conhecia de si; e não possibilitou sómente, mas facilitou aquelle natural impossivel. Era governador da Ordem militar de Christo instituida por El-rei seu pae contra os infieis, e a estes fez novas guerras: era insigne cosmographo e mathematico, e a esta sciencia accrescentou a pratica do que só tinha escuras opiniões, ou não tinha chegado a ter suspeitas: era sobretudo varão de elevado espirito, vida santa, e pureza, como dizem as historias, virginal: e ao passo que ia descobrindo novas gentes barbaras e idolatras, o zelo ardentissimo de as converter á fé lhe ministrava novos espiritos: e Deus, a quem tanto servia e agradava, maiores impulsos lhe dava para proseguir a empreza. E se a Providencia Divina fiou e encarregou os principios desta celestial conquista a um infante de Portugal: os fins della já tão facilitados, porque os não fiará a outro?

Se um terceiro filho d'El-rei D. João o primeiro foi o que lançou a primeira pedra no edificio já tão levantado da Igreja oriental; o filho quarto d'El-rei D. Pedro o segundo, do mesmo sangue real, e de paes tão zelosos da propagação da fé, e piedade christã, porque não será aquelle para quem Deus tenha guardado o fechar as abobadas do mesmo edificio, e levantar nellas por remate o tropheu do Crucificado com as cinco triumphantes divisas, que o mesmo Senhor, e da mesma cruz nos mandou pintar nas nossas bandeiras?

Este é o quarto irmão dos nossos principes: *Quartus frater:* e este o quarto da arvore real, que Deus mandava lhe fosse consagrado nas outras arvores: *Omnis fructus quarto anno sanctificabitur Domino.* A palavra *sanctificabitur*, não declara quem ha de consagrar e offerecer a Deus este quarto fructo: mas bem se entende que deve ser o senhor do fructo e da arvore: acto em que grandemente resplandeceu, não só a real urbanidade, senão a sciencia, e sempre bem acordada attenção da rainha nossa senhora. Escrevem as cartas, que quando sua magestade quiz offerecer e consagrar a Deus o seu quarto fructo no habito de S. Francisco Xavier, pediu a El-rei, que Deus guarde, o seu consentimento: obsequio não só devido, mas em prudente theologia necessario, pelo dominio maior que o pae tem sobre o filho, ainda que seja alcançado por orações da mãe. Porque Samuel foi alcançado por orações de Anna, diz S. João Chrysostomo, que Anna se podia chamar não só mãe, senão mãe e pae de Samuel: *Nequaquam aberraverit, qui hanc mulierem pueri simul et matrem, et patrem appellarit, cujus deprecatio effecit, ut Samuel nasceretur.* [1] Mas ainda no tal caso o direito paterno precede ao materno, e no concurso de ambos, quando é filho o que se sacrifica, consiste a perfeição do offerecimento. Esta faltou no sacrificio de Isaac; porque Abrahão não se atreveu a pedir o consenso de Sara. E comtudo, não passando o sacrificio a outro effeito mais que o da vontade, sendo esta só de um dos paes, d'aqui se infere quão grato seria á divina acceitação o devoto e religioso offerecimento de suas magestades no quarto fructo da mãe, e no quarto

[1] Chrys. Hom. 1 de fide Annæ.

filho de ambos. Pelo offerecimento de Abrahão, sendo só seu: *Quia fecisti hanc rem*, [1] lhe prometteu Deus o augmento de sua casa, que foi a maior do mundo, a perpetuidade de sua descendencia, a victoria de todos seus inimigos, e sobretudo a benção de todas as gentes, que propriamente se cumpriu, e vae cumprindo na fé e conhecimento do verdadeiro Deus em todas as gentilidades. E assim como já prognosticámos, com tanto fundamento, a fé e conversão que resta das orientaes aos felicissimos auspicios do novo infante; assim podemos confiar, que pelo sacrificio e offerecimento que delle tem feito a Deus a piedade e voto de seus gloriosos paes, na real casa e prosapia de suas magestades se verifiquem todas as outras feitas á de Abrahão.

E para eu dizer uma palavra, posto que não ouvido, á prodigiosa infancia do mesmo principe, se a mesma palavra fôr tão venturosa, que sua Alteza a seu tempo a leia; o que só lhe protesto é, que quando se vir vestido do habito, e revestido do espirito de Xavier, todas as suas acções sejam referidas a elle, e não a si. Confiado Eliseu na virtude do vestido que tinha recebido de Elias, quiz que o Jordão se lhe abrisse, para que elle, como o mesmo Elias, o passasse a pé enxuto. Mas o rio não obedeceu. E que fez então Eliseu, quasi desconfiado? Exclamou com alta voz: *Ubi est Deus Eliæ?* [2] Onde está o Deus de Elias? E tanto que o Jordão ouviu o nome de Elias, logo se dividiu. Invoque pois o Discipulo ao mestre, o filho espiritual ao pae, o pequeno Xavier ao grande, que, como Deus que lhe deu os poderes, é seu: *Deus Eliæ:* assim quer que depois de se darem ao mesmo Deus todas as glorias, o mesmo principe, e todos, deem a Xavier todas as graças.

---

[1] *Gen.*, XXII, 16.
[2] *4.º Livr. dos Reis*, II, 14.

SERMÃO

DO

FELICISSIMO NASCIMENTO

DA SERENISSIMA INFANTA

THERESA FRANCISCA JOSEPHA *

Genuit filios, et filias. [1]

I

Esta é a vez primeira, que em toda a Escriptura Sagrada se lê o nome de filha. E este nome accrescentado á gloriosa descendencia dos nossos augustissimos monarchas no felicissimo e desejado nascimento da nova e serenissima infanta Thereza Francisca Josepha, é a votiva solemnidade de acção de graças, em que as vem render ao soberano Auctor do ser e da vida, com tão universal, luzido e festivo concurso, toda a côrte ecclesiastica e politica da nossa metropole.

Falla o Texto, que propuz, do pae e geração de todos os homens. E diz que depois de Adão gerar a Seth, gerou filhos e filhas: *Postquam Adam genuit Seth, genuit filios, et filias.* [2] Breve narração para tão grande assumpto! Nesta brevidade, porém, temos reduzida a compendio toda a historia do nosso caso, do nosso tempo, e dos nossos principes. Seth quer dizer o

---

* Este Sermão, commenta Honorati, ornado de imagens lindas e delicadas, como o pedia o seu mimoso assumpto, o dictou o auctor na edade de 89 annos, tendo levado uma grande queda e perdido quasi totalmente o uso da vista e ouvido; sendo elle, todavia, um dos mais perfeitos, exhalando um perfume como de primavera. Foi o canto do cysne, porque o auctor depois de alguns mezes morreu.

[1] *Gen.*, v, 8.

[2] *Ibid.*, v, 4.

substituido; porque quando nasceu, disse Eva: *Posuit mihi Deus semen aliud pro Abel, quem occidit Cain:* [1] Agora me substituiu Deus neste filho o meu Abel, que me roubou a morte. Pois se este filho era substituto de Abel, porque lhe chamastes Seth? Se Deus vos substituiu nelle o filho, tambem vós havieis de substituir nelle o nome, e chamar-lhe Abel. Assim o fez alta e discretamente aquelle real e soberano juizo, que em tudo emenda os erros de Eva. Chamava-se João o primeiro primogenito, que me levou a morte: pois chame-se tambem João o segundo primogenito, que muitos annos viva.

E' o nosso principe Seth, mas com o nome emendado e substituido. Depois de Seth não parou alli a geração. Continúa o Texto, dizendo, que nasceu ao mesmo pae não só um filho, mas filhos: *Genuit filios.* Assim se seguiu, uma apoz outra, a successão dos nossos dois bellissimos infantes, que já naquella edade temos com eleição de estado: o infante D. Francisco no habito de cavalleiro de Malta grão-prior do Crato; o infante D. Antonio, com a roupeta e barrete da Companhia de Jesus. Até aqui os filhos: *Genuit filios.* E agora que falta, ou que faltava? Faltava, para corôa deste formosissimo corpo, uma filha; mas não faltou. Pedia-a o desejo, promettia-a a esperança, e finalmente a trouxe e deu o céu: *Et filias.*

Esta é a substancia do thema, tão breve, que não contém mais que duas palavras. A materia ainda é mais breve; porque se reduz toda a um ponto, que é o de nascer. Mas a pessoa que nasce é tão grande, que para o discurso não sahir do ponto e do thema, necessito de muita graça. *Ave Maria.*

II

Genuit filios, et filias.

Não ha coisa neste mundo mais alegre para os paes, que o nascimento dos filhos, se são filhos. Este é o caracter da alegria. Jeremias: *Natus est tibi puer mas-*

[1] *Gen.*, IV, 25.

culus, et quasi gaudio lætificavit eum. [1] Isaias: *Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum.* [2] S. João no Apocalypse: *Cruciabatur ut pariat, et peperit filium masculum, qui regnaturus erat super omnes gentes.* [3] Até os Anjos, se o nascimento é de filho varão, folgam de o annunciar, e ganhar as alviçaras: assim annunciaram a Sara o nascimento de Isaac, assim a Manuë o nascimento de Samsão, assim a Zacharias o nascimento do maior dos nascidos. Mas se o nascimento é de filha, os oraculos não respondem, os Prophetas emmudecem, e até as Escripturas não fallam. Em summa, que no conceito geral do mundo, não está bem avaliado o nascimento de filha, e parece que com razão. Fallo confiadamente; porque bem sabem os ouvintes, que é artificio nosso affeiar a difficuldade, para fazer mais formosa a solução.

A familia mais abençoada de Deus com toda a mão de sua omnipotencia aberta, abençoada em Abrahão, abençoada em Isaac e abençoada em Jacob, foi a deste grande homem, que luctando com o mesmo Deus, sahiu vencedor da lucta. Teve Jacob doze filhos e uma só filha, e sendo tão egual, ou sem egual a fortuna dos filhos, que todos doze foram patriarchas de outras tantas e numerosas tribus, bastou a filha, sendo uma só (e sem culpa), para cobrir de luto as cãs do pae, para tingir de sangue as mãos dos irmãos, e para pôr a risco de se perder e perecer em um só dia toda a familia, sem ficar della mais que a triste memoria. Ainda foi mais lastimoso o caso de Jephtë. Tinha só uma filha unica, e sendo ella tão obediente a seu pae, que voluntariamente se lhe offereceu ao sacrificio: foi elle tão pouco ditoso em lograr esta immortal façanha da filha, que com as suas proprias mãos, e sem remedio, lhe tirou a vida.

E poderá haver exemplos em contrario, que desfaçam estes? Basta um, não só para desfazer e aniquilar esses, mas quantos são possiveis. Não tinha bem acabado de nascer o mundo, quando (quem tal imaginára!) estava já perdido e destruido. E desta tão su-

---

[1] *Jer.*, XX, 15.
[2] *Isai.*, LXVI, 7.
[3] *Apoc.*, XII, 2 e 5.

bita, tão universal, e tão immensa ruina foi por ventura causa alguma filha? Não: antes é caso notavel, posto que não notado, que a causadora de tantos males não fosse filha. E podia ser filha? Sim: porque Eva não teve pae, nem mãe. E foi tal a má fortuna desta não filha, que bastou ella só para destruir o mundo. Pelo contrario Joaquim e Anna tiveram uma filha, a qual entrou no mesmo mundo dotada de tanta graça, que ella por ser filha, e a titulo de filha o restaurou. Não é o pensamento meu, senão de toda a Igreja: *Benedicta filia tu à Domino, quia per te fructum vitæ communicavimus.* Cantava a Igreja os louvores da Mãe de Deus, e celebrando entre todos a gloria de restauradora do mundo, não a attribue ao poder de Mãe, senão á benção de filha: *Benedicta filia tu à Domino.* Quanto vae de Maria a Eva, tanto vae de filha a não filha: não filha para destruir, filha para restaurar.

Outro exemplo da mesma Senhora. Prophetisa-lhe seu pae David, que será rainha: *Astitit regina à dextris tuis.* Prophetisa-lhe, que sahirá da sua patria e da casa de seu pae: *Obliviscere populum tuum, et domum patris tui.* Prophetisa-lhe e declara-lhe, que o Esposo é o adorado de todo o mundo: *Concupiscet rex decorem tuum: quoniam ipse est Dominus Deus tuus, et adorabunt eum:* e tudo isto debaixo de que nome? Não de rainha, nem de esposa, senão de filha: *Audi filia, et vide.* Segue-se: *Et inclina aurem tuam:* palavras em que se encerra o encarecimento dos mais elevados e sublimes espiritos, que no heroico de uma filha se podem admirar. Tal filha e tão filha, que sendo as bodas prophetisadas não menos que do mesmo Deus, e pertendidas por elle, ella nem lhe deu ouvidos, nem admittiu no pensamento a menor inclinação, a acceitar tão soberano estado, senão... quando? depois de seu pae lhe mandar que ouvisse e se inclinasse: *Et inclina aurem tuam.* Busquem agora os paes em algum filho similhante fineza.

III

Limpa assim do engano do vulgo, e franqueada a estrada ao nosso thema, vejamos quão sabiamente o

interpreta nas circumstancias de seu felicissimo nascimento a nova e suspirada filha, que só faltava á casa real para ultima inveja do mundo, e satisfação, tambem ultima, de toda a monarchia: *Genuit filios, et filias.*

A primeira coisa que observam estas palavras, é que primeiro põe os filhos, e depois as filhas. E esta mesma foi a disposição e ordem que guardou a natureza, ou graça no successivo nascimento dos principes. Primeiro os filhos e os irmãos, depois a irmã e a filha. Se Sua Alteza, que Deus nos deu, e elle nos guarde, tivera em seu arbitrio a opportunidade de nascer, não o pudéra fazer com maior descripção, nem mais a tempo. Só o Senhor dos tempos póde tomar as medidas a estas conjecturas, ou a quem elle tratar como a seu proprio Filho. Nasceu o Filho de Deus neste mundo, e diz S. Paulo, que appareceu nelle, quando chegou a opportunidade do tempo: *At ubi venit plenitudo temporis.* [1] E qual foi a opportunidade do tempo? Tardar o mesmo tempo, crescerem na tardança os desejos, e nascer o Filho desejado, e desejado de todos: *Ven et desideratus cunctis gentibus.* [2] Se a nossa infanta nascera quando o nosso principe, não havia de ser tão applaudido o seu nascimento. Se quando nasceu o infante D. Francisco, ainda havia de ter a alegria sua mistura de receio. Mas depois de estabelecida e confirmada com tantos fiadores a successão, veiu desejada dos paes, veiu desejada dos irmãos, desejada do reino, e tambem recebida, applaudida e festejada de todos, como de todos desejada. Veiu tanto a tempo, que não podia tardar mais, nem apressar-se menos. Já a natureza tinha copiado a El-rei, que Deus guarde, em tres retratos; e não era razão que faltasse á rainha nossa senhora o seu dentro do mesmo quadro. Nos tres via-se e revia-se o pae; a mãe tambem se revia, mas não se podia vêr, porque faltava nelles (sem ser falta) aquella tão singular e prezada differença, que só a mesma natureza poz nas mães, e as mães só podem retratar nas filhas. Quando Estacio disse, *Multum de patre decoris, plus de matre*

---

[1] *Gal.*, IV, 4.
[2] *Agg.*, II, 8.

feras, [1] nem soube adular como cortezão, nem desejar como discreto. No homem a gentileza, que passa a ser formosura, é deformidade; por isso nos filhos se ha de vêr a gentileza dos paes, e nas filhas a formosura das mães. E para retratar a proporção e harmonia desta imagem, que em seu original foi divina, e na copia em que estamos é mais que humana, como tanta jurisdição tenha nella o tempo, não podia vir mais a tempo, nem mais em seu logar a discretissima menina. Finalmente a razão do mesmo tempo, e do mesmo logar, que elegeu para vir, se eu me não engano, toda consiste nesta disjunctiva: veiu depois, e deixou entrar d'antes os tres irmãos, ou reverente como menor, para lhe fazer cortezia, ou respeitosa como dama, para que lhe fizessem côrte: já dois o podem sustentar assim com a espada. E para estas cavallerias domesticas do gosto dos paes, não bastam só os filhos, se faltarem as filhas: *Filios, et filias.*

IV

Passando ao solido das considerações de estado para a satisfação do gosto e amôr paterno e materno, tanto importava que o felicissimo nascimento que celebramos, fosse de filho como de filha; porque nos olhos do amôr os meninos tambem são meninas. Mas para a conservação e augmento da casa real e da corôa, é necessaria a inseparavel união de ambos os sexos, como o pede e demonstra o thema. Não só filhos sem filhas, nem só filhas sem filhos, mas filhos e filhas na mesma geração: *Genuit filios, et filias.*

Neste privilegio da natureza, ou nesta graça do Author de ambas, se correspondem maravilhosamente as duas gerações successivas: a do senhor rei D. João o quarto, que Deus tem, de gloriosa memoria, e a d'El-rei nosso senhor D. Pedro II, que o mesmo Deus nos guarde por muitos annos. A geração d'El-rei D. João, multiplicada em filhos e filhas: a geração d'El-rei D. Pedro até agora fecunda só de filhos, e já

[1] *Stat. Syl.*, 2.

por esta nova mercê de Deus, fecunda de filhos e filha. E para que vejamos quanto devemos ao mesmo Deus por esta filha, e seu felicissimo nascimento, oiçamos com assombro, quão perigosa é a conservação dos reinos e do mundo, onde falta a união destes dois sexos. Desde o principio do mundo, como largamente descreve Santo Agostinho nos Livros de *Civitate Dei*, dividia-se todo o genero humano em duas gerações: pela via e descendencia de Seth uma; outra pela de Caïn. Os de Seth chamavam-se propriamente filhos de Deus; e os de Caïn, com a mesma propriedade, filhos dos homens; e pelos mesmos nomes os distingue o Texto Sagrado, quando diz: *Videntes filii Dei filias hominum*. Continuaram muitos annos havendo, de ambas as partes, filhos e filhas, até que finalmente, prevalecendo a malicia contra a natureza, na geração dos filhos de Deus só nasciam filhos, e na geração dos filhos dos homens só filhas, de que dão a causa, ainda natural, graves auctores. Mas em que vieram a parar estas duas fataes gerações, uma só com filhos, outra só com filhas? Por ventura na perdição de algum reino? E' nada. Na perdição de muitos reinos? E' pouco. Na perdição de toda a Europa, de toda a Africa, ou de toda a Asia? Não basta. O que se seguiu desta differença (fosse natural, ou castigo) foi a perdição, destruição, e assolação universal de todo o mundo, afogado e sepultado na inundação do diluvio.

E teve toda esta universal ruina e perdição algum remedio? Maior maravilha. Reduzidas ambas as gerações a uma só geração, que foi a de Noé, este só homem com tres filhos e tres filhas, mettidos em uma arca, e nadando por cima do diluvio, tiraram do fundo delle, e salvaram o mundo. Desembarquemos nós agora, não nos montes de Armenia, senão nas ribeiras do Tejo, e em Portugal restaurado depois de perdido, e saibamos quem o restaurou. Um filho d'El-rei D. João, ajudado e favorecido de uma filha do mesmo rei. E' observação acreditada entre os historiadores, que quando na roda da fortuna fecham os reinos o circulo da sua duração, costumam muitas vezes acabar debaixo do mesmo nome que lhe deu principio. Assim começou o imperio de Constantino em um Constantino e acabou em outro Constantino: e assim dizem tambem os nossos chronistas, começou o reino

de Portugal em um Henrique, o conde, e acabou em outro Henrique, o cardeal. Mas enganam-se duas vezes; a primeira, que o reino de Portugal não começou no conde D. Henrique, senão em seu filho El-rei D. Affonso o primeiro; a segunda, que não a fortuna, senão a providencia, que Deus tem do nosso reino, é que elle acabe a roda da sua duração debaixo do nome que o começou, senão que se acaso se perdeu, debaixo do mesmo nome se restaure. Assim se fechou a roda da sua fundação e restauração debaixo do mesmo nome de Affonso: El-rei D. Affonso o primeiro, que o fundou; e o invicto rei D. Affonso VI, que o repôz outra vez, e restituiu á sua inteira e pacifica liberdade. Isto quanto ao filho d'El-rei D. João: *Genuit filios.*

V

Quanto á filha do mesmo rei, *et filias*, é ponto que requer maior prefação. Restituiu Deus a seu antigo e felicissimo estado aquelle famoso rei dos Idumeus, exemplo de ambas as fortunas, Job: e diz o Texto sagrado, que entre os outros bens, ou sobre todos elles, lhe foram tambem restituidos os filhos, e as filhas, quasi pelas nossas mesmas palavras: *Et fuerunt ei septem filii, et tres filiæ.* [1] Mas para a conservação e firmeza das felicidades antigas, que Job tinha experimentado tão inconstantes, parece que era mais conveniente serem todos filhos varões, que cingissem a espada e embraçassem o escudo. Pois porque lhe dá Deus a Job, nesta universal restituição, tambem filhas? Origenes, que ordinariamente é allegorico, neste caso quiz ser politico, e fallou sabiamente: *Ob hoc et filios et filias dedit illi Deus; sic enim desiderant omnium mentes.* Deu Deus ao rei Job filhos e filhas, diz Origenes; porque assim o desejam todos os principes bem entendidos. E porque, outra vez, o entendem assim? Vae a razão de um barrete Theologo, qual a não dera mais cabal o Texto dos politicos, Tacito: *Sic enim et filias dant foras, et filii intus accipiunt uxores:*

---

[1] *Job.*, XLII, 13.

et per hoc et extrinsecus habent cognationem et intrinsecus hæreditatem. Os reinos e os imperios conservam-se e sustentam-se em duas raizes: das portas a dentro com a successão dos reis naturaes; das portas a fóra com a confederação dos reis estrangeiros. Pois por isso dá Deus áquelle rei tão favorecido seu, filhos, e mais filhas: os filhos, para que não faltassem reis ao reino proprio: e as filhas, para que pudesse dar rainhas aos reinos estranhos: os filhos, para que por meio da successão se conservasse o dominio dos vassallos: as filhas, para que por meio dos casamentos se conservasse a amizade dos alliados. Como nenhum reino se póde conservar sem reis amigos, e sem reis herdeiros, nos filhos lhe deu os herdeiros, e nas filhas lhe deu os amigos.

Assim deu Portugal ao serenissimo Carlos, rei da Gram-Bretanha, a serenissima infanta D. Catharina, além de outros grandes motivos, para que com a união destas reaes bodas, Portugal, posto então em campanha na terra e no mar, e o poderoso e bellicoso reino e nação ingleza se dessem tambem as mãos, como deram forte e felizmente nas ultimas batalhas, e com a mediação de embaixadores tambem inglezes, assim na victoria, como na paz, tivesse tanta parte El-rei Affonso, como a rainha Catharina; e tanto a rainha Catharina, como El-rei Affonso. E se neste caso, com nova consonancia e harmonia das coisas, das pessoas, e dos mesmos nomes: se neste caso, digo, um Affonso recuperou o direito de outro Affonso, tambem uma Catharina recuperou e de outra Catharina.

Quando El-rei D. Philippe segundo, naquella catastrophe universal da nossa monarchia, veiu a Portugal tomar posse della, e unil-a á sua, ouvindo sermão na Igreja da Companhia de Jesus de Evora em um dia de S. Philippe e Santiago, o prégador tomou o thema do Evangelho, e sem que a presença da magestade lhe impedisse a confiança, como se fallasse com o rei por seu proprio nome, disse: *Philippe, qui videt me, videt et Patrem meum:* [1] Philippe, quem me vê a mim, vê a meu Pae. As palavras eram de Christo, mas a allusão feria o direito da representação que estava vivo,

[1] *Joan.* XIV, 9.

mas violentado na serenissima pessoa da senhora D. Catharina (nome sempre fatal e propicio a nosso remedio) duqueza então de Bragança. Philippe, como varão (estando ambos no mesmo grau) dizia, que preferia a Catharina como mulher; e Catharina, posto que mulher, como filha do infante D. Duarte, dizia que preferia a Philippe. E assim era; porque sendo D. Duarte, e a imperatriz D. Isabel irmãos, Philippe, posto que varão, representava a imperatriz, que era mulher; e Catharina, posto que mulher, representava ao infante, que era varão. Na tragicomedia destas duas representações, prevaleceu então a de Philippe, porque pleiteou armada; mas quando chegou o tempo decretado por Deus, levantando-se desarmada a razão, sentenciaram as armas por Catharina. E assim como na restauração do reino concorreram dois Affonsos, o primeiro com o direito, como fundador, e o sexto com a posse, como successor; assim concorreram tambem duas Catharinas: Catharina, duqueza de Bragança, sustentando o direito; e Catharina, rainha de Gram-Bretanha, introduzindo a posse. Tal foi um dos filhos, e tal uma das filhas do mesmo pae: *Genuit filios et filias.*

VI

Mas quem dissera então o que hoje vêmos, ou o que viu Lisboa no grande dia da Encarnação deste feliz anno? Todas aquellas guerras convertidas em paz, todas aquellas demandas desfeitas em amizade e concordia, e todo aquelle sangue herdado dos mesmos avós, e derramado na mesma patria, vivo outra vez, e restituido ás suas veias naturaes. Estas são as felicidades que trouxe comsigo o felicissimo nascimento da nossa recem-nascida infanta, por isso tão festejado.

Era a primeira hora da tarde na vigilia de S. Mathias, quando deram signal as torres, como sentinellas mais visinhas ao céu, do felicissimo parto. Os repiques quebravam os bronzes, as salvas com os trovões da artilheria, as trombetas, caixas e atabales, os vivas e applausos publicos, tudo eram baterias de alvoroço e gosto, que os ouvidos davam aos corações. As lagri-

mas de alegria competiam com os risos da aurora; os parabens com as alleluias; as galas com a primavera; as luminarias com as estrellas, e quando El-rei, que Deus guarde, pelo nascimento desta filha fez que ardessem em palacio mil e seiscentas tochas, bem mostrou D. Pedro II, que não só era herdeiro da corôa senão tambem do amôr do primeiro.

Isto fazia Lisboa; mas que fazia em Lisboa Madrid e Vienna de Austria? Em ambas estas grandes côrtes as duas supremas cabeças da aguia imperial e austriaca, a cesarea e a catholica, festejavam por fé e de longe o mesmo nascimento. A catholica em El-rei Carlos II, cuja vida Deus guarde por muitos e felizes annos, como padrinho: e a cesarea na imperatriz Leonor Magdalena, que os mesmos annos logre tão excelsa dignidade, como madrinha. Destas duas magestades, pela via materna mais proxima, como de irmãs, e pela paterna mais remota, como de primos, é real e imperial sobrinha a nossa tambem nascida infanta. Mas o amôr, o agrado, a estimação e os soberanos applausos com que depois de regenerada pela sagrada fonte do baptismo, uma e outra magestade acceitaram e receberam o novo e sobrenatural parentesco, contrahido com sua alteza, quem os poderá exprimir? E porque a expressão destes affectos se não possa comprehender de longe; ao perto e para os olhos do mundo a commetteram toda á representação de seus embaixadores, ou, fallando mais ao certo, á excellentissima pessoa do magnifico marquez de Castel dos Rios, embaixador extraordinario, unico e duplicado, de ambas as magestades.

Antes que passe adiante, o concurso do dia e do mysterio me não permittem deixar em silencio o admiravel conselho desta duplicada eleição. O embaixador, que no dia da Encarnação trouxe a embaixada do céu a Nazareth, diz o Evangelista S. Lucas, que foi enviado por Deus: *Missus est angelus Gabriel a Deo.* [1] Mas como em Deus ha Deus Padre, Deus Filho, e Deus Espirito Santo; em que Pessoa destas fallou o Anjo, que foi embaixador? Fallou na pessoa do Pae: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi;* e fallou na Pessoa do

[1] *Luc.*, I, 26.

Espirito Santo: *Spiritus Sanctus superveniet in te.* Ao meu ponto agora: e vejamos como as deidades da terra imitaram neste caso a do céu. Assim como a magestade do Padre e a magestade do Espirito Santo, uniram e duplicaram as suas embaixadas em um só embaixador, que isso quer dizer, *angelus*, assim as duas magestades de Hespanha e Allemanha uniram e duplicaram as suas em um só embaixador e o mesmo, com extraordinaria auctoridade e poderes de ambas. E para maior energia e elegancia da similhança, vejam-se os motivos do céu e da terra. O motivo da embaixada do céu foi para annunciar o nascimento do Filho: *Quod nascetur ex te, vocabitur Filius Dei:* [1] e o motivo da embaixada da terra, prevenir, assistir e festejar o nascimento de filha: *Et filias.*

VII

Nas demonstrações de magnificencia, grandeza, riqueza e real ostentação de duplicados e multiplicados triumphos, que poderam competir com os romanos, não só desempenhou a magnificencia do duplicado embaixador a commissão de suas magestades, mas excedeu a expectação das nossas. Isto é o que cá trouxeram os echos da fama; mas ainda que ella toda seja ouvidos, e linguas: *Totidem ora sonant, tot porrigit aures;* o que eu considero é, o que ella nem lá póde ouvir, nem cá dizer. Na principal funcção da embaixada, quando o excellentissimo substituto dos padrinhos estendeu a mão para acceitar em seu nome a filha, ou afilhada, o que em phrase castelhana se chama, *sacar de pila;* então dando-lhe o parabem do novo e sobrenatural estado, a pôde saudar com as palavras do Anjo, e dizer com toda a verdade: *Ave gratia plena.* E a real menina assim cheia de graça, se podesse responder e fallar, que diria? Não ha duvida que daria muitas graças ao marquez embaixador pela liberalidade e grandeza, com que desde o dia de seu nascimento até aquelle, com tão extraordinarias de-

[1] *Luc.*, I, 35.

monstrações tinha assistido e festejado sua vinda á luz do mundo, e muito particularmente pelo affecto alheio de toda a estranheza, e tão portuguez sem o ser, com que tudo tinha obrado. Até aqui diria o agradecimento natural, que nasce com os animos reaes antes do uso de toda a outra razão.

Mas eu serei o interprete ou commentador do seu silencio, sem me sahir do dia, nem do mysterio. Elegeu Deus para a embaixada do altissimo mysterio da Encarnação ao Anjo Gabriel; e do mesmo nome Gabriel parece se argue, que devêra não ser Anjo. Gabriel, como declarou o Concilio Ephesino, significa *Deus homo*. Pois se Deus se vinha fazer homem, e não Anjo; homem, e não Anjo parece que devia ser o embaixador. Podia trazer a embaixada Adão, pois elle deu o motivo a Deus se fazer homem; podia vir por embaixador Abrahão, ou David, pois elles eram os paes de quem vinha ser filho. Podia ser com maior energia que todos, o propheta Isaias, e abrindo o seu Livro, mostrar á Senhora o famoso oraculo: *Ecce Virgo concipiet, et pariet Filium, et vocabitur nomen ejus Emmanuel;* e annunciar á mesma Virgem, que ella era a venturosa alli prophetisada. Pois se tantas conveniencias havia para ser o embaixador não Anjo, senão homem: porque foi Anjo? Porque era embaixador do mysterio da Encarnação. O mysterio da Encarnação era muito suspeitoso no céu: porque revelado por Deus a Lucifer, que se havia de fazer homem, e não anjo (o que depois ponderou S. Paulo: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit*) [1] esta desconfiança, e como desprezo, foi a occasião das batalhas do céu, e de se perderem tantos principes de todas as hierarchias, e de estarem ainda vagas tantas cadeiras. Pois para que conste ao mundo que já todas essas occasiões de desgosto e discordia se acabaram, e qualquer outra memoria ou suspeita de menos sincero e verdadeiro amôr estão totalmente mortas nos corações, e sepultadas no esquecimento, venha por embaixador um Anjo das maiores hierarchias, e mais empenhado nellas, o qual celébre, festeje, e assista, e efficazmente concorra para o mesmo mysterio da união

[1] *Ad Heb.*, II, 16.

de Deus com os homens, que causou a desunião dos Anjos com Deus. De maneira que o maior realce da embaixada da Encarnação foi não ter o embaixador carne, nem sangue. Se fôra homem, obrára sem louvor, como interessado; e sem merecimento, como devido: mas sendo Anjo, e de estranha natureza, o não ser homem lhe acreditava a verdade; e o obrar como se o fôra, lhe qualificava a fineza.

VIII

Isto é o que quiz dizer ao seu vice-padrinho e madrinha o agradecido silencio da nossa discretissima menina, sahindo da matricula da graça, e ficando a sua rubricada nos gloriosos nomes, que dissemos. Quando estes excedem o numero de dois, o primeiro e o segundo, distinguem e determinam a pessoa; e esta precedencia tem ao terceiro nome (que deixo e venero) o de Thereza e Francisca: e como um é de santo, outro de santa, elles nos tornam por outro modo a lembrar o *Genuit filios et filias*. Ia sem duvida o nascimento da nossa infanta fazendo-se com terra aos 3 de março, primeiro da Novena do seu Santo Xavier: mas porque é graça, e particular providencia, o que notou Isaias: *Antequam parturiret, peperit:* antecipando-se o felicissimo parto (outra Novena pontualmente) sahiu á luz na vigilia, como dissemos, de S. Mathias, substituindo um Apostolo a outro Apostolo, como um irmão a outro, Seth a Abel. Mas supposto que nasceu debaixo do predominio e influencia de uma das doze estrellas, de que se corôa a Igreja: *In capite ejus corona stellarum duodecim*, [1] que são os doze Apostolos; qual seria a providencia por que havendo de ser Apostolo, não foi dos da primeira eleição, senão da segunda? Os Apostolos da primeira eleição são os que Christo Senhor nosso elegeu por sua propria pessoa, como aos doze na terra, e a S. Paulo descendo do céu: os da segunda eleição são os que elege o Summo Pontifice, e a Igreja: e assim foi S. Mathias eleito por

[1] *Apoc.*, XII, 1.

S. Pedro, e pela Igreja de Jérusalem; e por similhante modo S. Francisco Xavier nomeado pelo Summo Pontifice Apostolo do Oriente, e antes disso pela Igreja de Lisboa absolutamente Apostolo, donde se derivou o mesmo nome, ganhado por elle, a todos os filhos de Santo Ignacio, chamados em Portugal Apostolos.

E poderei eu sobre este fundamento applicar ao nosso Santo Patriarcha o *Genuit filios et filias* do nosso thema? Parece que não: porque Santo Ignacio só instituiu religião de Religiosos, e não de Religiosas. Mas é necessario distinguir. Uma coisa é o instituto, outra o espirito: no instituto não tem Santo Ignacio filhas, senão filhos sómente; no espirito tem filhos, e filhas: *Genuit filios et filias*. Por signal que nos dois nomes da nossa duas vezes bem fadada infanta se uniram não acaso, senão com especial providencia, o primogenito dos filhos em S. Francisco Xavier, e a primogenita das filhas na Santa Madre Thereza. O primeiro não é necessario que eu o prove: o segundo repete muitas vezes em seus admiraveis livros a Santa Madre. E é esta filiação, e irmandade de espirito tão publica no mundo, que chamando em Castella, por equivocação, aos Padres da Companhia *Theatinos*, aos Religiosos de Santa Thereza, pela differença da côr do habito, chamam *Theatinos brancos*.

IX

Renascida pois sua alteza como Thereza e como Francisca, debaixo deste signo de Geminis; que lhe posso eu prognosticar ou desejar mais que uma felicidade em que estejam juntas todas? Posso mais? Não. E póde haver uma felicidade a que estejam resumidas todas as felicidades? Sim. Se fôr um privilegio de Deus, assignado em branco, de conceder tudo o que lhe pedirem. E este privilegio trouxe a nossa infanta da pia debaixo dos nomes de Thereza Francisca, por serem dois, e conformes, e santos. No Capitulo dezoito de S. Matheus, promette Christo Senhor nosso, que seu Padre dará tudo o que lhe pedirem, debaixo de tres condições: primeira, que quem pedir não ha de ser uma só pessoa, senão duas: segunda, que hão de

ser conformes, e não differentes no que pedirem: terceira, que hão de ser santas. Vae o Texto: *Si duo ex vobis consenserint super terram, de omni re quamcumque petierint, fiet illis à Patre meo, qui in cœlis est.* [1] Que haja de conceder Deus por este privilegio tudo o que lhe pedirem, as mesmas palavras o dizem sem excepção alguma: *De omni re, quamcumque petierint, fiet illis.* Que não haja de ser uma só pessoa, a que pedir, senão duas: *Si duo.* Que hão de ser concordes entre si na mesma petição: *Consenserint.* E onde está que hão de ser santos? *No.ex vobis. Si duo ex vobis consenserint.* Fallava Christo com os Apostolos, e disse: Se dois de vós (excluindo do privilegio os que não fossem delles). Expressamente Euthimio: *Non simpliciter dixit: Si duo consenserint; sed duo ex vobis, hoc est, similes vobis virtutem colentes.* E se hão de ser duas pessoas, e concordes, e do mesmo espirito, e esse apostolico, onde se poderam estas achar e ajuntar senão em Santa Thereza de Jesus, e em S. Francisco Xavier, tambem de Jesus?

Mas como Thereza e Xavier são dois tão grandes validos de Deus, que cada um sem o outro póde alcançar o que quizer; parece-me que os vejo ambos em grandes comprimentos, não sobre qual ha de levar a gloria do despacho, senão sobre qual a ha de renunciar, e dar toda um ao outro mais gloriosamente. Se buscarmos, porém, na Escriptura Sagrada uma figura deste caso, creio que a acharemos em Bersabée e Nathan. Tendo-se levantado Adonias, filho de David, mais velho que Salomão, com o reino; que remedio teria Bersabée, que era sua mãe, e o propheta Nathan, para que David nomeasse a corôa em Salomão? As palavras que o Propheta disse a Bersabée foram estas: *Ingredere ad regem David, et adhuc ibi te loquente ego veniam post te, et complebo sermones tuos.* [2] Entrae, senhora, a El-rei, propondo-lhe o vosso requerimento, e eu entrarei após vós, e conformando as minhas palavras e razões com as vossas, conseguiremos sem duvida o que pedimos. E assim foi. De sorte que nem Bersabée sem Nathan, nem Nathan sem Bersabée, se-

[1] *Math.*, XVIII, 19.
[2] *3.º Livr. dos Reis*, I, 13.

não Bersabée e Nathan juntos, conseguiram o que pertendiam. E quem é Bersabée mãe, senão Thereza a Santa Madre? E quem é o propheta Nathan, senão Francisco Xavier, tão grande propheta? Se Thereza e Xavier conformes fizerem a mesma petição, ainda que seja necessario não só fazer, senão desfazer reis e reinos, ao que ambos pedirem ha de pôr Deus o *fiat: In quacumque re fiet.*

E não só tem sua alteza em Santa Thereza, e S. Francisco Xavier quem lhe alcance de Deus o que pedirem, senão quem saiba eleger o que hão de pedir. Este é um laço em que cahem os juizos humanos, e com que atam as mãos á liberalidade de Deus, para que lhe não conceda o que pedem. Até a S. João, e a Santiago, sendo tão validos seus, negou Christo o que pediram, porque não souberam o que pediam: *Nescitis quid petatis.* [1] O bom despacho das petições em Deus não consiste só em pedir, senão em saber pedir. No famoso Templo de Jérusalem, dentro das cortinas do *Santa Sanctorum*, era o logar do Oraculo divino chamado Propiciatorio. A um e outro lado delle estavam dois Cherubins com as azas estendidas para diante, e olhando um para o outro tinham os rostos voltados para o mesmo Propiciatorio: *Respiciant quæ se mutuo versis vultibus in propitiatorium.* [2] E que significava a mysteriosa architectura deste antigo sacrario? O Propiciatorio era o throno onde a Magestade Divina despachava as petições de graça, respondendo, ou, mais propria e decentemente, annuindo ás supplicas dos que oravam, concedendo propicio o que pediam. Os dois Cherubins de um e outro lado, eram os santos validos de Deus, que pedem, não para si, senão para os que teem debaixo da sua protecção; que por isso tinham as azas estendidas, e olhavam para si, e para Deus, porque em tudo o que pediam, se conformavam com o divino beneplacito. Mas porque não eram Serafins, ou outros espiritos angelicos da suprema gerarchia, senão Cherubins? Porque os Cherubins entre todos são os mais eminentes na sabedoria; e o acerto de conseguir de Deus propicio o que se pede, não

[1] *Math.*, XX, 22.
[2] *Exod.*, XXV, 20.

está só no pedir, senão na sciencia de saber pedir. Da difficuldade desta eleição, e da contingencia deste acerto alliviam a innocencia da nossa infanta S. Francisco Xavier, e Santa Thereza, tomando á sua conta o pedir, e o que hão de pedir para sua alteza. Mas como isto é o que faziam os Cherubins para os que tinham debaixo da protecção das suas azas, parece que desfaz toda a harmonia da similhança, competir só o nome de Cherubim a Xavier, e não a Santa Thereza, pela differença do sexo feminino. Mas para que até aqui nos acompanhe o *genuit filios et filias*, sendo Thereza filha, e Xavier filho do Espirito de Santo Ignacio, é de saber o que nem todos sabem, que dos dois Cherubins do Propiciatorio, um tinha rosto de mulher, e outro rosto de homem: *Cherubim sexu fuisse distinctos, unum marem, alterum fœminam*, dizem Rabbi Salomão, e Arias Montano, eruditissimos interpretes do Testamento Velho.

X

Descance logo nas faxas e mantilhas reaes a nossa grande infantinha, e deixe-se embalar sem cuidado do que ha de pedir a Deus, porque isso pertence aos dois vigilantes Cherubins, que nos nomes que recebeu com a graça baptismal, tomaram tambem por sua conta, como se fossem outros Anjos da guarda, a sua protecção e tutela. Mas eu não vejo o que S. Francisco Xavier nem Santa Thereza hajam de pedir neste mundo para quem veiu a elle dotada de quanto o mesmo mundo póde dar. Como nasceu a infanta Thereza Francisca? Nasceu filha d'El-rei D. Pedro II de Portugal, e da rainha Maria Sophia Isabella, nossos senhores. Nasceu neta d'El-rei D. João o IV, e do serenissimo principe Filippe Vilhelmo, Eleitor palatino, ambos de immortal memoria. Nasceu sobrinha da senhora rainha de Inglaterra, da senhora rainha de Castella, da senhora rainha de Polonia, e da senhora imperatriz de Allemanha. Nasceu irmã dos principes D. João, D. Francisco, D. Antonio, galhardissimo ternario em que vem e crescem as tres graças disfarçadas em trajo varonil. E finalmente, com digna clausula de tal catalogo, nasceu ultima descendente da se-

renissima e real casa de Bragança, de que descendem todos os principes soberanos e potentados da christandade. Quando El-rei D. Filippe III veiu a Portugal, offereceu ao duque D. Theodosio de Bragança, que pedisse o que quizesse: e elle respondeu: Os reis nossos avós deixaram tão dotada a casa de Bragança, que não têm que pedir. O mesmo digo eu desta sua venturosa bisneta. S. Francisco Xavier, e Santa Thereza, não têm que lhe desejar, nem pedir neste mundo, e assim só lhe poderão pedir as felicidades do outro. A maior felicidade ou fortuna deste mundo, como elle lhe chama, é reinar; mas reinar neste mundo, e não reinar no outro, é a maior infelicidade e a maior desgraça. Pedirão, pois, e alcançarão de Deus com toda a dobrada força do seu patrocinio, que depois de lograr sua alteza neste mundo por muitos e felizes annos tudo o que com elle acaba, trocando uma corôa por outra, logre no céu, com grandes augmentos de gloria, o que ha de durar por toda a eternidade. Amen.

SERMÃO

DE

ACÇÃO DE GRAÇAS

Pelo nascimento do principe D. João, primogenito de SS. Magestades, que Deus guarde. Prégado na Igreja Cathedral da Cidade da Bahia, em 16 de Dezembro, anno de 1688.

Respexit, et vidit.

I

A vossos olhos, (todo poderoso, e todo misericordioso Senhor) a vossos olhos, posto que debaixo dessa cortina encobertos aos nossos: a vossos olhos vem hoje esta grande e nobilissima parte de Portugal render as devidas graças pelo fidelissimo desempenho de vossas promessas. Promettestes que havieis de olhar, e vêr: *Ipse respiciet, et videbit:* e já temos nova certa de que olhastes, e vistes: *Respexit, et vidit.*

Quatro annos, e mais, se contam hoje, em que prégando eu as exequias da rainha, que está no céu, fiz dois discursos muito encontrados, um de dôr, outro de consolação: um de sentimento, outro de allivio; um triste, outro alegre; um com os olhos no passado, outro com as esperanças no futuro. Aquelles dois varões que o propheta Samuel deu por signal a El-rei Saül, antes de o ser, que acharia junto ao sepulchro de Rachel, *Invenies duos viros juxta sepulchrum Rachel*, [1] um delles significava o pesar, outro o desen-

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, x, 2.

gano; porque estes são os dois affectos, que só acompanham depois da morte os que mais seguiu o amôr e applauso na vida. Assim eu (posto que com differente pensamento) tambem puz duas estatuas racionaes aos lados da sepultura da nossa defunta Rachel. De uma parte a estatua da dôr, triste e coberta de luto, que representava, e chorava a perda passada: da outra parte a estatua da consolação, contente e vestida de gala, que da mesma tristeza e da mesma morte presente tirava e prognosticava a felicidade futura. Lembra-me, que levantando os olhos para o tumulo e mausoleu real, agora tomára eu (disse) porque assim ha de ser, que em todo este grande theatro se mudasse e voltasse a scena. Que os lutos trocassem as côres: que as caveiras se revestissem de vida; que os cypreste se reproduzissem em palmas; que os epitaphios se convertessem em panegyricos; e que as luzes mortaes e funestas daquella pyramide se accendessem em luminarias de alegria, de parabens, de acção de graças.

E não é isto o que toda a Bahia fez tão estrondosamente allumiada nestas tres noites? E não é isto o que agora fazemos todos, vindo dar graças a Deus neste venturoso dia? Assim é. Corramos pois as cortinas aos segredos da Providencia Divina, e vejamos nós agora, o que só viam então os olhos de sua misericordia postos nos nossos reis: *Posuit enim in te, et in semine tuo post te oculos misericordiæ suæ.* Levou-nos Deus uma rainha, para nos poder dar outra: levou-nos a serenissima de Saboya, para nos poder dar a augustissima de Austria: levou-nos a esteril, para nos poder dar a fecunda: levou-nos a que depois de tantos annos de esperança e desengano, nos obrigou a ir buscar fóra da patria a sujeição e vassallagem de principe estrangeiro, para nos poder trazer de mais longe a que dentro do primeiro anno nos restituiu a baronia dos reis naturaes: e a que hoje tem alegrado a Portugal em todas as partes do mundo com a nova do felicissimo parto, que nesta cabeça da America festejamos, agradecidos eternamente á fidelissima piedade dos olhos divinos, que finalmente (como tinha promettido) olhou e viu: *Respexit, et vidit.*

II

Para intelligencia destas duas palavras, vamos ao Texto dellas, que é juramento d'El-rei D. Affonso Henriques, e tambem será o fundamento de quanto dissermos. No mesmo dia em que Christo Redemptor nosso desde o throno de sua cruz creou o reino de Portugal, com aquella mesma voz com que creou o mundo, annunciou ao rei em quem fundava o reino duas coisas notaveis: a primeira, revelando-lhe uma desgraça futura; a segunda, promettendo-lhe o remedio della, muito maior que a mesma desgraça. A desgraça revelada foi, que na sua decima sexta geração se attenuaria a prole: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles:* o remedio e felicidade foi, ou é, que nessa mesma prole attenuada elle olharia e veria: *Et in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit.* Vejamos agora quem foi a decima sexta geração d'El-rei D. Affonso I. e quem foi, ou é a prole attenuada da mesma geração decima sexta. A decima sexta geração d'El-rei D. Affonso o primeiro, ninguem duvida, que foi El-rei D. João o quarto de eterna memoria: e a prole attenuada d'El-rei D. João o quarto tambem se não póde duvidar, que é El-rei D. Pedro nosso senhor, que Deus guarde; porque depois do fallecimento de seus irmãos, nelle ficou a decima sexta geração em um só filho, e por um só fio. Segue-se logo com evidencia, que na pessoa d'El-rei D. Pedro se cumpriu a attenuação da prole, e que á mesma pessoa d'El-rei D. Pedro prometteu Deus o olhar e vêr de seus olhos: *Et in ipsa attenuata ipse respiciet, e videbit.*

Isto supposto com tanta evidencia, resta só saber, que significa e em que consiste o olhar e vêr de Deus, principalmente quando se falla de gerações e falta o supplemento dellas, como no nosso caso. Já respondi a esta questão, e a declarei no sermão allegado, quando empenhei esta mesma palavra de Deus; e agora é necessario que o repita, quando ella se desempenha. O olhar, e vêr de Deus, em linguagem do mesmo Deus, e phrase da Escriptura Sagrada, é fazer Deus mercê de dar successão a quem é servido, e não outra, senão de filho varão. Torne tambem a prova, porque é a

unica. Anna, mulher de Elcana, principe da tribu real e levitica, vivia muito desconsolada por se vêr esteril, e sem filho, e mais á vista de uma companheira, e emula sua, que tinha muitos, e por isso a desprezava. Com esta dôr que sempre a trazia triste, se foi Anna ao Templo, e orou a Deus desta maneira: *Si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ, dederisque servæ tuæ sexum virilem, dabo eum Domino omnibus diebus vitæ ejus:* [1] Se vós, Senhor, olhando virdes a esterilidade de vossa serva, e me derdes um filho varão, eu faço voto de o dedicar a vosso serviço por todos os dias de sua vida. Notae agora o que pediu Anna, e o que disse Deus. O que pediu foi, um filho varão, *Sexum virilem;* o que disse a Deus foi, se olhando virdes minha esterilidade: *Si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ.* E porque propoz o que pedia, e o que esperava de Deus com tão differente linguagem, como é, se me derdes um filho varão, e se olhardes, e virdes? Porque o olhar, e vêr de Deus, é dar filho varão. Assim foi. Olhou Deus e viu a afflicção de Anna, e logo sendo esteril teve um filho varão, e tal filho, qual foi Samuel, que sendo um, valia por muitos: *Donec steriles peperit plurimos.*

E que se segue de toda esta demonstração? Segue-se, que o nosso bellissimo infante, nosso em quanto primogenito de Portugal, e mais nosso em quanto principe do Brasil, cujo felicissimo nascimento hoje celebramos, elle, e unicamente elle, é o inteiro desempenho dos olhos de Deus: elle o esperado e suspirado parto do seu olhar e vêr: elle o revelado e promettido ao primeiro rei: e elle o glorioso e fatal reparador de sua descendencia. A fé desta estupenda conclusão é evidente. Porque se o effeito do olhar, e vêr de Deus é dar filho varão, tendo Deus promettido áquelle rei, que na prole attenuada de sua decima sexta geração olharia, e veria: e sendo a prole attenuada da mesma geração decima sexta, manifesta e evidentemente El-rei D. Pedro, nosso senhor: com a mesma evidencia se convence, que o filho varão, de que Deus fez mercê este anno a El-rei D. Pedro o segundo, é o que tantos annos, e seculos antes revelou, e prometteu o mes-

1. *1.º Livr. dos Reis,* I, 11.

mo Deus a El-rei D. Affonso o primeiro. Caso sobre toda a admiração admiravel, que em tão remotas distancias com o nascimento do reino se ajuntasse o nascimento deste soberano menino! Caso sobre toda a admiração admiravel, que quando Christo em Pessoa desde sua Cruz lançava a primeira pedra neste novo edificio, como elle mesmo disse: *Ut initia regni tui super firmam petram stabilirem;* juntamente com a pedra fundamental se não lançasse outra estampa, ou outra memoria, senão a deste futuro principe! Caso outra vez sobre toda a admiração admiravel, que havendo na posteridade de D. Affonso tantos reis, tantos principes, tantos infantes famosos, passando todos os outros em silencio, só deste unicamente fizessem menção as promessas divinas! Se Christo revelasse áquelle primeiro rei, que viria tempo em que um descendente seu, qual foi o felicissimo rei D. Manuel, accrescentando a Portugal tantas partes da Africa, da Asia, e da America, de reino o levantaria a monarchia; este amplificador della em todas as partes do mundo, digno objecto podia parecer de similhante revelação divina. Mas tudo isto callou Deus, e só lhe revelou e prometteu este unico parto de seus olhos; para que vejamos no meio de tantas razões de admiração, quão grandes esperanças deve conceber Portugal deste prodigioso e fatal nascimento, e quantas graças devemos dar a Deus, por em nosso tempo, e nesta edade, nos fazer uma tão inestimavel mercê, que em tantos annos e seculos, nossos antepassados só podiam lêr e esperar, mas não alcançaram, nem viram.

III

Dando graças a Deus o Propheta Isaias, e ensinando-nos o que muito devemos ponderar em similhantes casos ao nosso, diz assim: *Domine Deus meus es tu:* Vós, Senhor, verdadeiramente sois meu Deus: *Exaltabo te, et confitebor tibi:* Hei vos de exaltar, hei vos de louvar, hei vos de dar muitas graças: e porque? *Quoniam fecisti mirabilia:* Porque obrastes grandes maravilhas: e que maravilhas? *Cogitationes antiquas fideles*, fazendo que as vossas promessas, sendo tão an-

tigas, fossem fieis, e se cumprissem. E este seu dito fecha o Propheta com uma clausula extraordinaria, accrescentando, *Amen: Cogitationes antiquas fideles, Amen:* como se dissera: Assim o promettestes e dissestes tanto tempo antes, e assim o vêmos agora. De maneira, que a circumstancia que Isaias tanto pondera e encarece nas promessas antigas de Deus, é que a sua antiguidade não diminuisse, nem enfraquecesse a sua verdade: *Antiquas et fideles.* Mas esta circumstancia ou advertencia tão ponderada e encarecida, nem parece digna de ponderação, nem de encarecimento, nem ainda de reparo. A verdade infallivel das promessas de Deus nenhuma dependencia tem do tempo. Tanto importa que sejam antigas, como modernas; porque nem a brevidade lhes assegura a firmeza, nem a dilação lh'a póde fazer duvidosa. Na ultima noite de sua vida prometteu Christo a S. Pedro que o havia de negar tres vezes, e na mesma noite o negou: no principio do mundo prometteu Deus á serpente, que uma mulher lhe havia de quebrar a cabeça e d'ahi a quatro mil annos lh'a quebrou a Bemdita entre todas as mulheres. Pois se para a inteireza inviolavel da palavra divina tanto importa a brevidade de quatro horas, como a dilação de quatro mil annos; como pondera tanto o maior dos Prophetas Maiores, que a palavra de Deus nas suas promessas antigas seja fiel, e não falte ao cumprimento dellas: e que assim como elle antiga e antiquissimamente pronunciou as promessas, assim os effeitos depois lhes responderam com amens: *Cogitationes antiquas fideles, Amen?*

A razão natural e verdadeiramente admiravel desta circumstancia, que o não parece, é, porque nos tempos, nos annos, e muito mais nos muitos seculos, como a variedade e mudanças das coisas humanas são tantas como as voltas da roda da fortuna que nunca pára, é força que contra a firmeza e estabilidade dos successos futuros occorram muitos encontros, muitos impedimentos, muitos estorvos, muitas difficuldades, muitos embaraços, e grandissimas implicações. E quantas vezes Deus desvia esses encontros, desimpede esses impedimentos, estorva esses estorvos, facilita essas difficuldades, desembaraça esses embaraços, e desarma e desfaz essas implicações; tantas são as maravilhas que a Providencia, Sabedoria e Omnipotencia divina

obra, para manter a verdade de suas promessas contra a mesma antiguidade dellas: *Quoniam fecisti mirabilia, cogitationes antiquas fideles.* E senão, vamos ao nosso caso, e vejamos quanta foi a antiguidade da promessa divina, desde que prometteu pôr os olhos na decima sexta geração dos nossos reis, até que os poz: *Posuit in te, et in semine tuo post te oculos misericordiæ suæ, usque ad decimam sextam generationem.* O dia em que Christo appareceu a El-rei D. Affonso Henriques, e fundou o reino de Portugal, foi aos vinte e quatro de julho de mil cento e trinta e nove: e o dia em que a decima sexta geração restaurou o mesmo reino, foi ao primeiro de dezembro de mil seiscentos e quarenta: de sorte que entre o fundador e o restaurador, entre El-rei D. Affonso o primeiro, e El-rei D. João o quarto, entre o tronco da arvore dos reis portuguezes, e a decima sexta geração do mesmo tronco, passaram pontualmente quinhentos annos inteiros. E nesta compridissima antiguidade de quinhentos annos, qual seria o labyrintho de impedimentos e difficuldades, que os olhos divinos vigilantissimamente previam, e maravilhosamente venceram e desfizeram, para que o fio da decima sexta geração se não rompesse, ou quebrado se tornasse a atar na mesma successão continuada? Só quem não tem lido e comprehendido as nossas historias, não pasmará neste caso. Ponho um só exemplo.

Por morte d'El-rei Fernando, aquelle, como bem disse o nosso Homero, que todo o reino poz em grande aperto, viu-se a successão e corôa do primeiro Affonso em um dos maiores perigos e apertos, que se podem imaginar. O legitimo herdeiro, filho d'El-rei D. Pedro, preso em Castella; o rei, que o queria ser por força, poderosamente armado; o governo nas mãos de uma mulher, e sobre mulher offendida; os grandes divididos em parcialidades; as cidades duvidosas; as fortalezas, muitas entregues; a segunda nobreza seguindo a primeira; e só o povo favoravel, mas povo. Neste estado, porém, ou nesta confusão temerosa, em que tudo ameaçava a ultima e total ruina, que fariam os olhos de Deus sempre vigilantes sobre Portugal? Assim como Samsão para derrubar o Templo dos Philisteus abraçou duas columnas, assim Deus levantou outras duas, para que o edificio, que elle fundára, se

sustentasse, e não cahisse. Estas columnas foram o mestre de Aviz D. João o primeiro, e o condestavel D. Nuno Alvares, os quaes em tantas e tão deseguaes batalhas, e com tantas e tão vantajosas victorias defenderam gloriosamente a patria, e tiveram mão na corôa. Mas não parou aqui a perspicacia daquelles olhos, que não só vêem como nós o presente, e sempre se adiantam aos futuros. Para fazer immortaes na vida aquelles mesmos dois heroes, que já se tinham feito immortaes na fama, casa Deus um filho do rei com uma filha do condestavel, e funda nelles a real casa e ducado de Bragança, lançando, nesta segunda fundação, segundos e dobrados alicerces ao reino seu, e nosso: e para que? Para que no caso em que faltassem os reis, os podessem supprir e substituir os duques.

Ora vêde como nesta providencia mostrou Deus outra vez, e confirmou ser elle o fundador do reino de Portugal. Um só reino temos de fé que fundou neste mundo, que foi o reino de Judá no povo que o mesmo Deus naquelle tempo chamava seu. Oiçamos agora o que diz por bocca de Jacob o Texto Sagrado, fallando, ou fadando os successos futuros deste reino: *Non auferetur sceptrum de Juda, et dux de femore ejus, donec veniat qui mittendus est.* Note-se muito a palavra *sceptrum*, e a palavra *dux*: a palavra *sceptrum* significava os reis, a palavra *dux* significava os duques: e diz, que não faltariam os reis e os duques da mesma descendencia de Judá: *Sceptrum Juda, et dux de femore ejus*, em fé e prophecia certa de que os duques haviam de substituir aos reis em falta delles. Assim foi pontualmente, porque depois da transmigração de Babylonia ao ultimo dos reis, que foi Joaquim, succederam os duques, de que foi o primeiro Zorobabel, e depois delle os demais até os Macchabeus. Nos mesmos Macchabeus tem a real casa e ducado de Bragança uma admiravel confirmação e demonstração do que digo. Vendo alguns da mesma nação, mas não da mesma familia, as grandes victorias dos Macchabeus, emulos da mesma gloria, formaram um pé de exercito, e sahiram contra os inimigos (que naquella occasião eram os Jamniamitas). Mas ao primeiro encontro, mortos dois mil, que ficaram no campo, os demais o desampararam, fugindo com as mãos na cabeça. E

porque foi este successo tão diverso dos que logravam os Macchabeus? Dá a razão a Escriptura com um documento muito notavel: *Quia non erant de semine virorum illorum, per quos salus facta est in Israel:* Porque não eram do sangue e descendencia daquelles varões que Deus reservou para a salvação de Israël. De sorte que assim como o general não mette todo o poder em batalha, mas deixa sempre em reserva os que nos exercitos romanos se chamavam triarios, isto é, os mais escolhidos e valorosos soldados para acudir e soccorrer onde a necessidade o pedir; assim Deus quando quer conservar um reino, divide o sangue real delle como em duas linhas, para que na falta de uma se defenda e sustente na outra. E esta segunda não de qualquer geração indifferentemente, posto que da mesma nação; mas escolhida, e de sugeitos assignalados e heroicos, em que fique depositado e como vivo o valor de seus ascendentes. Isto é o que Deus fez na real casa de Bragança, fundada nos dois famosissimos heroes, D. João o primeiro, e D. Nuno Alvares, deixando nella reservado um como seminario, *de semine virorum illorum*, para que na falta dos reis, fossem os restauradores do reino, como verdadeiramente o foram no anno de quarenta, em que o mesmo que entre os duques era D. João o segundo, foi entre os reis D. João o quarto.

IV

Mas não debalde ponderava tanto Isaias nas mesmas promessas divinas a circumstancia da antiguidade; porque na comprida carreira dos muitos annos se encontram taes tropeços e precipicios, que não só cahem nelles os estados mais firmes, mas derrubam, e levam comsigo as mesmas columnas em que se haviam de sustentar. Este é o segundo e maior perigo em que não só esteve arriscada a decima sexta geração, mas quasi de todo perdida. Morreu El-rei D. Sebastião, com licença dos Sebastianistas, e sem licença sua morreu tambem El-rei D. Henrique, ambos sem successão. Aqui succedia natural e legitimamente a casa de Bragança no direito da senhora D. Catharina: mas como onde ha força, se perde o direito, aos reis

faltou-lhes a vida, aos duques, que lhes haviam de succeder, faltou-lhes o poder: lá vae o reino a Castella. E que direi eu agora, Senhor, aos vossos olhos? Não são elles os promettidos e não sois vós o que promettestes, que os haveis de pôr no reino do primeiro Affonso até á decima sexta geração. *Usque ad decimam sextam generationem?* E onde está esta geração? Nos reis não, que morreram: nos duques não, que estão opprimidos e avassallados, e nelles mais difficultosa a esperança, do que nos mesmos reis, porque se nos reis está morta, nos duques está sepultada: que diremos logo aos vossos olhos, ou que nos podem elles dizer? Eu o direi.

Andaram tão vigilantes e tão finos os olhos de Deus neste caso ao parecer tão desamparado, que se o direito da senhora D. Catharina se opprimiu na terra, elle no mesmo tempo o levantou e fixou no céu, e de lá ha de ver a decima sexta geração, que ainda se não conhece, porque ainda não é. Ouvi agora um dos maiores prodigios, que nunca se viu no mundo. No anno de mil quinhentos e oitenta, em que morreu o ultimo rei D. Henrique, e por força dominou o nosso reino Filippe, que depois se chamou o primeiro de Portugal, appareceu um cometa (que nunca o céu accende debalde) ou fosse outro, ou o mesmo que tinha apparecido e desapparecido dois annos antes, em que tambem faltou El-rei D. Sebastião. Observou este cometa um astrologo de não grande fama chamado Meslino, e imprimiu o juizo, que fez delle, em um tratado particular, no qual disse, que aquelle cometa de mil quinhentos e oitenta, apontava com o dedo para o anno de mil seiscentos e quatro, e que neste anno havia de apparecer no céu uma nova maravilha no mesmo logar, em que o mesmo cometa tinha desapparecido. Riram-se todos os outros mathematicos da audacia deste presagio; senão quando, passados vinte e quatro annos, no mesmo anno assignalado de mil e seiscentos e quatro apparece no dito logar uma estrella novamente nascida, e nunca vista no céu. Quero referir o caso pelas palavras do mesmo Meslino, o qual, triumphando com o seu presagio, e referindo-se ao seu primeiro tratado, de que era testemunha todo o mundo, pede ao mesmo mundo se lembre delle, e escrevendo no mesmo anno de mil seiscentos e quatro, á vista da prognosticada estrella, que brilhando no logar

sinalado, levava após si os olhos e admirações de todos, diz assim: *Rogo autem legas quæ in tractatu meo meteorastrologo physico de cometa anni millesimi quingentesimi, et octogesimi, scripserim: invenies (mirabile dictu!) Cometam dicti anni digitum intendisse in hanc novam stellam; disparuit enim in hoc loco, quo nunc stella fulget.*

Supposta a verdade prodigiosa deste successo, pede agora a razão e a curiosidade que examinemos como podia um mathematico dizer, ou predizer o que disse, e qual seja a significação da nova estrella, nascida no mesmo logar onde morreu o cometa, e não em outro anno, senão no de mil seiscentos e quatro? Heplero, um dos mais famosos mathematicos deste seculo, e que escreveu um doutissimo livro sobre a mesma estrella nova, diz, que Meslino por nenhuma arte, sciencia, ou razão natural podia arguir, e muito menos conhecer o que tanto antes escreveu; mas que foi impulso e instincto divino, que lhe moveu a penna, e que lhe arrebatou a imaginação áquelle pensamento. E quanto á significação da estrella, diz, que tanto que foi vista, e reconhecida pelos astrologos de Allemanha a novidade della, todos a uma voz diziam: *Stella nova, rex novus:* estrella nova, reino novo: estrella nova, rei novo. E accrescenta o mesmo auctor, que foi tal o alvoroço popular, com que esta mesma significação de rei novo se acceitou quasi tumultuosamente, que os magistrados mandaram armar as cidades, para que os povos nellas não levantassem, ou alguem se atrevesse a se chamar rei. Mas a astrologia allemã, acertando no nome e dignidade de rei, se enganou em tudo o mais; porque a mesma estrella estava dizendo e apontando que a provincia havia de ser Hespanha, o reino Portugal, e a pessoa El-rei D. João o quarto. A provincia Hespanha; porque a estrella appareceu no signo de Sagitario, que domina sobre Hespanha: o reino Portugal; porque appareceu no Serpentario que é o reino que tem por timbre a serpente: e a pessoa El-rei D. João o quarto, o qual nasceu no mesmo anno de mil seiscentos e quatro, em que nasceu a estrella. E assim como a estrella nasceu no logar onde morreu o cometa, assim elle nasceu para succeder ao logar em que morreu D. Henrique. E este foi o pensamento e bem entendida propriedade com que o mesmo rei,

tanto que succedeu no reino, tomou logo por empreza uma phenix coroada, porque das cinzas de D. Henrique resuscitou como phenix a corôa, que nelle morto se tinha sepultado.

Uma das finezas, ou galanterias, de que se preza a liberalidade divina, é dar corôas por cinzas. Lá o disse por bocca de Isaias: *Ut darem eis coronam pro cinere.* [1] Assim o fez com El-rei D. João, a quem pelas cinzas dos dois reis que morreram sem successão, deu a successão da corôa. Os dois ultimos reis que morreram sem successão, já dissemos que foi, primeiro, El-rei D. Sebastião, e depois El-rei D. Henrique: e ambos concorreram com as suas cinzas, um para o nascimento, outro para a vida do novo rei. D. Henrique concorreu com as cinzas para o nascimento d'El-rei D. João; porque das cinzas de D. Henrique, como phenix, nasceu D. João resuscitado; e D. Sebastião concorreu com as suas cinzas para a vida do mesmo rei; porque debaixo das cinzas d'El-rei D. Sebastião morto, se conservou D. João vivo. Notae uma admiravel subtileza da providencia e previdencia dos olhos divinos para conservar viva a decima sexta geração, em que os tinha postos. Sempre os portuguezes esperaram por um rei que os havia de restaurar. E em que esteve o acerto da sua esperança? Em errarem o esperado. Se esperaram acertadamente por El-rei D. João, elle, e nós eramos perdidos; porque os ciumes, e temor desta esperança, quando o não tirassem do mundo, o haviam de tirar de Portugal. E que fez a Providencia Divina para o conservar a elle, e nelle a nós? Fez que os portuguezes dessem em esperar por El-rei D. Sebastião: para que? Para que a esperança do rei morto, em que não havia que temer, conservasse sem perigo a successão do vivo. Assim se continuou este milagre por espaço não menos que de trinta e seis annos, cegando Deus tanto os que deviam esperar, como os que deviam temer; porque desde o anno de seiscentos e quatro, em que El-rei D. João nasceu, até o anno de seiscentos e quarenta, em que nos restaurou debaixo das cinzas do falsamente esperado, se conservou a vida do verdadeiramente pro-

[1] *Isai.*, LXI, 3.

mettido. Não se conserva a braza encoberta e viva debaixo das cinzas que a cobrem e escondem? Pois assim se conservou a decima sexta geração de D. Affonso debaixo das cinzas de D. Sebastião, sem ninguem esperar, nem imaginar tal coisa. Chegou o anno de quarenta, assoprou Deus as cinzas, e appareceu a braza viva: viva, para resuscitar o reino e os vassallos: e braza, para executar nos contrarios, ou contraditores o que nós vimos, e elles sentiram.

V

Segura já a decima sexta geração, e a promessa della, resta só a da prole, e prole attenuada. Aqui teem os olhos divinos mais que desfazer do que fazer. Porque a prole d'El-rei D. João o quarto não foi attenuada, senão multiplicada. Diz Salomão que o fio, ou cordão de tres ramaes difficultosamente se rompe: *Funiculus triplex difficilè rumpitur;* e tal foi a prole d'El-rei D. João, multiplicada ou triplicada em tres filhos: em D. Theodosio, em D. Affonso, em D. Pedro. Destes tres havia de desfazer a Providencia Divina dois delles, para que ficasse a prole attenuada em um só. E se Deus consultasse ao reino sobre quaes haviam de ser os dois que desfizesse, eram, cada um dos tres, tão digno, por suas qualidades verdadeiramente reaes, de que nós lhe desejassemos muito larga vida, que o mesmo reino havia de pedir a Deus nol-os conservasse todos. . . .

O primeiro era o principe D. Theodosio, aquella grande alma, na qual a perfeição das tres potencias, nem dava, nem admittia vantagem: a memoria felicissima, o entendimento agudissimo, a vontade humanissima: excellente em todas as graças da natureza, e egual em todos os dotes da graça: tão santo como sabio, e tão universal em todas as sciencias, que em edade de quatorze annos disputava com tal comprehensão em todas, que tendo-as adquirido sem mestre, admirava os mestres dellas. Na lição e eleição dos livros com tal estudo se applicava aos sagrados, que nem por isso desestimava os humanos: sempre trazia comsigo da parte direita a Biblia, e da esquerda Ho-

mero. Amenissimo nas virtudes de homem, severo, e gravissimo nas de principe. Parece que creou Deus aquelle prodigio só para o mostrar ao mundo, e logo o recolher: *Ostendet terris hunc tantum, fata neque ultra esse sinent.* Acabou na flôr da edade, e naquella flôr se seccaram as esperanças de Portugal, e as invejas da Europa. Era conforme o seu nome dado por Deus, que isso quer dizer Theodosio: Deus o deu, e Deus o levou: *Dominus dedit, Dominus abstulit.*

Aqui ficou a prole da decima sexta geração já começada a se attenuar, mas ainda em dois fios. Foi o segundo o infante D. Affonso, depois rei, o sexto do nome. Raro principe se achará nos annaes da fortuna, que em toda a sua vida a experimentasse tão varia; mas tambem se não achará outro que mais a sujeitasse no seu reinado, e a lograsse mais prospera, e mais constante. Em seu tempo se armaram com todo o poder as maiores forças contrarias: em seu tempo se guerrearam nas nossas campanhas as maiores batalhas: e em seu tempo, sem excepção, triumphou sempre Portugal com as maiores victorias. Era manco de um pé, era aleijado de um braço, e naquella parte da cabeça padecia o mesmo defeito, porque a força do mal, de que escapou quasi milagrosamente, como diziam os medicos, o partiu pelo meio: mas assim partido pelo meio, o vimos sempre victorioso; que parece quiz mostrar Deus a todas as nações, que bastava metade de um rei de Portugal, para resistir e vencer a maior monarchia do mundo. Morreu emfim o felicissimo Affonso, acompanhando no mesmo dia, e na mesma hora, o seu enterro e a sua fortuna, por terra o seu povo com lagrimas, por mar as suas frotas sem bandeiras.[1]

Assim cortou a Providencia Divina aquellas duas vidas, dignas de viverem immortalmente, para que em um só e unico filho ficasse attenuada a prole, em que Deus tinha promettido de olhar, e vêr: *Et in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit.* Assim ficou El-rei D. Pedro nosso senhor, desde o dia em que passou desta vida El-rei D. Affonso. Mas sendo elle a prole attenuada, tão longe esteve Deus então de olhar e vêr, que antes parece

[1] Quando foi a enterrar a Belem, entrava a frota do Brazil.

que cerrou totalmente os olhos: o olhar, e vêr de Deus, como vimos, consistia em dar á prole attenuada filho varão, e naquelle estado, posto que a prole já estivesse attenuada, nem Deus lhe deu filho varão, nem lh'o podia dar; porque? porque El-rei naquelle estado achava-se com filha, e com mulher, e nem a filha era filho, nem da mulher o podia ter. E porque da mulher não podia ter filho, e da filha podia ter neto, este foi o desengano, e o engano com que a prudencia humana, sem attender á fé da promessa divina, tratou de que o filho que a rainha não podia dar ao reino, ao menos lh'o desse o seu appellido, e assim o fomos buscar a Saboya.

Contratado o casamento com um tão grande principe, posto que estrangeiro, fez-se em Lisboa, onde eu me achava, uma solemnissima procissão em acção de graças, e como ao entrar do Rocio tropeçasse o cavallo de S. Jorge, e cahisse o Santo, caso nunca até então succedido, lembra-me que ouvi dizer a um sugeito bem conhecido na côrte: Só S. Jorge cahiu no que isto é: aquella procissão não é procissão, é um enterramento mal conhecido, em que Portugal, com festas e danças, vae sepultar a baronia dos seus reis naturaes: mas não havia Deus de permittir tal coisa, porque tinha promettido o contrario. E quando a armada partiu para Saboya, tão alcatroada de oiro por fóra, e tão carregada de diamantes e joias por dentro, disse o mesmo auctor: posto que a nossa armada sáe tão rica pela barra de Lisboa, ainda ha de tornar mais rica. E perguntado porque? Porque não ha de trazer o que vae buscar. Assim conhece os futuros, quem penetra as prophecias, e se fia nas promessas de Deus. Que disse Deus? Que na prole attenuada da decima sexta geração d'El-rei D. Affonso o primeiro, elle olharia, e veria. E quem foi a decima sexta geração de D. Affonso o primeiro? El-rei D. João o quarto: e quem é a prole attenuada d'El-rei D. João o quarto? El-rei D. Pedro nosso senhor. Logo ainda que o infante, que Deus guarde, tivesse filho, e El-rei de sua filha tivesse neto varão, de nenhum modo se cumpria nelle a promessa divina. Porque? Porque El-rei é geração decima setima, a senhora infanta é geração decima oitava, e a prole attenuada, a quem Deus prometteu dar o filho varão, não havia de ser

prole da geração decima oitava, nem da geração decima setima, senão da geração decima sexta: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, et in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit.*

Que remedio logo para que os olhos divinos podessem olhar e vêr? O que eu ha tantos annos ponderei, e diante destas mesmas testemunhas prometti a Portugal. O remedio era, que o matrimonio de que a prole attenuada não podia ter filho, o desfizesse a morte, para que tirando aquelle impedimento, podesse a mesma prole attenuada contrahir segundas e mais felizes bodas: e assim foi. Com a rainha que Deus tem, levou a morte a esterilidade ao tumulo: com a rainha, que Deus nos deu e elle guarde muitos annos, introduziu o mesmo Deus a fecundidade ao thalamo. E no mesmo ponto se abriram os olhos divinos, que parece estavam cerrados; porque dentro do mesmo anno a prole attenuada, que estava em um só fio, se viu fortalecida com outro fio, ou com outro fiador. E este filho varão, com cujo felicissimo nascimento nos alegramos, é o fructo, é o effeito, e é o desempenho promettido do olhar e vêr de Deus: *Ipse respexit, et vidit.*

VI

E porque não é justo que nesta grande mercê, de que damos graças a Deus, nos esqueçamos de S. Francisco Xavier, oiça tambem a Bahia a grande parte que nella teve o seu Santo Padroeiro. El-rei D. João o terceiro foi o que chamou de Roma a S. Francisco Xavier antes de o conhecer: e depois de conhecidas em Lisboa suas admiraveis virtudes, o mesmo rei foi o que não só encommendou a seu zelo a conversão das gentilidades da India, senão tambem a reforma dos portuguezes, e ainda as mesmas fortalezas e conquistas, e quanto a sua corôa dominava no Oriente. Que muito logo, que um Santo de tão nobre condição agradecesse as obrigações, que devia a D. João o terceiro, em D. João o quarto, decima sexta geração e pae da prole attenuada? Mas vamos ao nosso Texto. Quando Christo appareceu a El-rei D. Affonso, diz elle no seu juramento, que a primeira coisa que viu, antes de vêr

ao mesmo Senhor, foi um raio de luz, que diante delle vinha e sahia da parte do Oriente: *Vidi subito à parte dextra Orientem versus micantem radium.* E quem é o raio da luz do Oriente senão Xavier? Este raio foi o que vinha diante de Christo como seu precursor, quando o mesmo Senhor em Pessoa veiu annunciar ao primeiro rei as felicidades de sua descendencia.

Mais diz o mesmo Texto, e o mesmo Christo nelle em duas partes. Na primeira, que elle como fundador dos reinos, fundava o de Portugal, para que o seu nome fosse levado a nações e gentes estranhas: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes.* Na segunda, que para uma grande messe, que havia de colher em terras muito remotas, tinha escolhido por seus segadores os portuguezes: *Elegi eos in messores meos in terris longinquis.* De maneira, que na primeira revelação fallou Christo dos prégadores, e na segunda dos segadores: os segadores vão armados de ferro; os prégadores só levam por armas o nome de Deus e a sua palavra: e estes são os dois instrumentos com que os reis de Portugal conquistaram o Oriente, para Deus e para si: para Deus com a prégação do Evangelho; para si com as armas de seus soldados e capitães, entre os quaes o mais insigne de todos nossos conquistadores, foi o mesmo Xavier em ambas as milicias; na do céu com a prégação, convertendo tantos reis, tantos reinos, tantas nações de gentios; na da terra com a oração, tendo tanta parte, como lêmos em sua vida, nas mais difficultosas batalhas e famosas victorias dos portuguezes. Este foi o presagio com que Xavier nasceu no mesmo anno em que Vasco da Gama se partiu a descobrir a India: este foi o mysterio com que sonhava que trazia aos hombros um indio agigantado, cujo peso o fazia suar e gemer: esta foi a evidencia com que Deus revelou á soror Magdalena de Jasso, sua irmã, quando elle estudava em Pariz, que havia de ser um apostolo da India. Mas isto mesmo já muitos seculos antes estava revelado; porque assim como em S. Paulo se cumpriram as palavras de Christo ditas a Ananias: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus;* assim em Xavier se cumpriram as palavras do mesmo Christo ditas a El-rei D. Affonso: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes.*

Só tem este ponto uma duvida, e é, que tudo o que Christo revelou a El-rei D. Affonso a respeito da conversão das gentes e terras de muito longe, *In terris longinquis*, o mesmo Senhor disse, que havia de ser por meio dos portuguezes, *Per illos enim paravi mihi messem multam:* e o S. Xavier não era portuguez, senão Navarro. A isto se póde responder, que Santo Ignacio e El-rei D. João o terceiro o naturalizaram em portuguez; Santo Ignacio mandando-o a Portugal, e El-rei D. João á India. Mas não foi o Santo Patriarcha, nem El-rei os que fizeram a Xavier portuguez, senão Deus. O que Santo Ignacio tinha escolhido e nomeado para aquella missão, era outro de seus nove companheiros, chamado Nicolaz de Bovadilha, e a Xavier, que só estava então em Roma, tinha-o destinado para o ter sempre comsigo. E que fez Deus? A' vespera da partida deu uma tão forte enfermidade ao Bovadilha, que ficou totalmente impedido para a jornada: e arrancando Deus dos braços de Santo Ignacio a Xavier, lhe fez conhecer como por força, que elle era o que sua providencia tinha escolhido para esta grande empreza. Assim foi Xavier substituido para ir a Portugal e á India, e Deus o que o fez portuguez. Mas de que modo? Altissimo. Pelo mesmo modo com que Deus fez homem a seu Filho. Uma das coisas mais notaveis que escreveu o Apostolo S. Thiago, é, que enxertou Deus o Verbo Eterno no homem, para poder salvar as nossas almas. Este é o sentido definido pelo Concilio Vienense daquellas palavras: *Suscipite insitum verbum, quod potest salvare animas vestras.* De sorte, que das tres pessoas, ou dos tres garfos da Santissima Trindade separou Deus o segundo, que é o Verbo, e o enxertou no homem, para que desta maneira unidas em um supposto duas naturezas, uma do céu e divina, outra da terra e humana, podesse o mesmo Verbo prégar, padecer, morrer e salvar o mundo. Ao mesmo modo Xavier. Sendo Xavier navarro, enxertou-o Deus em portuguez, unindo ao mesmo sugeito duas naturezas, uma com que era natural de Navarra, e outra com que ficasse natural de Portugal; para que desta sorte podesse prégar, trabalhar e morrer na conversão do novo mundo, e salvar aquellas almas, para cuja salvação tinha Deus escolhido particularmente aos portuguezes: *Elegi eos in messores meos in terris longinquis.*

Em summa, que S. Francisco Xavier foi um navarro enxertado em portuguez. E quaes foram os fructos deste enxerto? Dois, e muito grandes. O primeiro, o reino para o avô; o segundo, o nascimento para o neto. El-rei D. João o quarto, avô do nosso principe, quando foi acclamado, e quando reconhecido rei? Acclamado em Lisboa na vespera de S. Francisco Xavier, e reconhecido em Villa Viçosa no dia do mesmo Santo. Cantava-se na capella do palacio de Villa Viçosa a Missa de S. Francisco Xavier, a que assistiam os duques, quando lá chegou pela posta Pedro de Mendonça, que em nome do reino beijou a mão de joelhos ao duque já rei, fallando-lhe por magestade; e com a mesma cerimonia como se presentasse á duqueza; que diria aquella grande princeza, como tão pia e tão discreta? O que disse foram estas palavras: Muitas graças sejam dadas a S. Francisco Xavier, que comecei a ouvir a sua Missa duqueza com excellencia, e acabal-a-hei rainha com magestade. Nesta fórma concorreu Xavier na sua vespera e no seu dia para o reino do avô. E para o nascimento do neto de que modo e quando? Ou na mesma vespera, ou no mesmo dia, se lançarmos bem as contas.

VII

Sabida coisa é, ainda tão longe de Lisboa como nós estamos, que a rainha, que Deus guarde, nossa senhora, todas as sextas-feiras ia a S. Roque pedir a S. Francisco Xavier este tão desejado filho, e depois que reconheceu tel-o alcançado por sua intercessão, não desistiu em continuar a pedir ao mesmo Santo lhe felicitasse o parto. Mas se este mesmo filho, e não outro, era o que mais de quinhentos annos antes estava promettido por Deus, parece que estas orações eram superfluas, e ainda encontradas com a fé da mesma promessa? Não eram senão muito necessarias, e muito bem entendidas. Porque? Porque quando Deus promette sem lhe pedirem, para conceder o mesmo que prometteu, quer que lhe peçam de novo: e se o promettido é filho, que lh'o peçam os mesmos paes. Notae agora todas estas circumstancias em uma

só prova. Tambem havia quinhentos e tantos annos pontualmente, que Deus tinha promettido o nascimento do Baptista pelo propheta Malachias: *Ecce ego mitto angelum meum, qui præparabit viam tuam ante te.* [1] Não é o Expositor deste Texto menos que o mesmo Christo. Depois de todo este tempo, fazendo sacrificios, e orando Zacharias no Templo, appareceu-lhe um Anjo, o qual lhe disse que Deus tinha ouvido sua oração: *Exaudita est oratio tua;* [2] e que Isabel sua mulher lhe pariria um filho: *Et uxor tua Elisabeth pariet tibi filium.* Vêde outra vez se póde haver retrato do nosso caso mais parecido. A promessa do filho feita quinhentos e tantos annos antes; o filho promettido, concedido nomeadamente pelas orações do pae; e a mãe do filho não outra, ou de outro nome senão Isabel: *Elisabeth pariet tibi filium.* Pois se o filho estava promettido tantos annos, e tantos seculos antes; por que não diz o Anjo a Zacharias que cumprira Deus a sua promessa, senão que ouvira a sua oração: *Exaudita est oratio tua?* Porque os filhos que Deus promette aos paes quando lh'os não pediram, nem podiam pedir, não lh'os concede effectivamente depois, senão por meio das orações, com que então lh'os pedem. E assim foi em um e outro caso, em um e outro filho, e em um e outro nascimento.

E se alguem notar que no nascimento, que nós celebramos, houve alguma disparidade, porque para ser egual e similhante em tudo havia-se de attribuir o filho ás orações de Isabel, e não ás de Zacharias, digo que não foi disparidade ou differença, senão muito maior propriedade; porque ainda que a rainha Isabel nossa senhora foi a que fazia as romarias, e as orações a S. Francisco Xavier, o mesmo Xavier foi o Zacharias, a cuja oração e intercessão confessou sempre sua magestade que devia aquelle filho. Assim o tive eu por duas cartas, em que de bocca de seu confessor, reconhecendo-se já mãe sua magestade, promettia que ao filho (que não duvidava ser filho) havia de pôr por sobrenome Xavier, porque S. Francisco Xavier lh'o dera. E para que o provemos com effeito,

[1] *Malach.*, III, 1.
[2] *Luc.*, I, 13.

lancemos as contas que eu dizia. Pelos dias do parto e do nascimento se inferem naturalmente os da conceição: e quando nasceu o nosso principe? Aos trinta de agosto. Logo bem se infere que foi concebido ou na vespera ou no dia de S. Francisco Xavier, que são o primeiro e o segundo de dezembro: contemos agora: dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto: eis aqui pontualmente os nove mezes. Digamos logo todos, dando as graças a S. Francisco Xavier: *Exaudita est oratio tua:* e dando o parabem a El-rei nosso senhor: *Uxor tua Elisabeth pariet tibi filium.*

Reparando porém nesta ultima palavra, filho; ainda que este fructo de benção, ou a benção deste fructo seja sempre effeito dos olhos de Deus, *Ipse respiciet, et videbit*, parece que havia de ser filha, e não filho o que Deus nos désse, pois sendo filha de taes paes, não podia deixar de ser tambem a menina dos olhos divinos, que este é o termo mais encarecido do amòr, do cuidado e da protecção divina, como David dizia a Deus: *Custodi me ut pupilam oculi;* [1] e Deus aos que mais ama, *Qui vos tangit, tangit pupillam oculi mei.* [2] Que melhor desempenho logo podia desejar a geração attenuada, ou que maior favor podia esperar do olhar e vêr de Deus, que dar-lhe Deus uma menina de seus olhos? Bem podéra ser assim, mas uma vez que S. Francisco Xavier foi o intercessor, não havia de ser filha, senão filho.

Difficultoso assumpto, se o mesmo Santo de antemão me não tivera dado a prova. Na costa de Comorim pediu um indio a S. Francisco Xavier, que lhe désse um filho. Passados não muitos dias, reconheceu a mulher que o Santo tinha ouvido a oração do marido, mas com effeito ainda duvidoso, e occulto. Emfim, sahiu a seu tempo o parto á luz e o que nasceu era uma menina. Desconsolado o pae levou a creaturinha á Igreja, pol-a sobre o altar do Santo, dizendo: aqui vos trago, Santo meu, o que me déstes, mas não é isto o que vos eu pedi: já que é filha, seja vossa; se me derdes um filho, então o terei por meu. Considero neste

---

[1] *Psalm.* XVI, 8.
[2] *Zach.* II, 8.

passo ao grande obrador dos milagres, como o official a quem engeitam a obra. E que faria Xavier? Resolveu-se o indio não a crear a menina como filha, mas a mandal-a sustentar como engeitada: senão quando indo a tiral-a outra vez do altar, viu subitamente que se tinha transformado em menino. Menino! Correm todos os que estavam na Igreja a ser testemunhas do milagre, dão em gritos as graças e louvores ao Santo, e não o parabem ao indio; que se o indio tinha sido pae da menina, o Santo o foi do menino. Razão tenho eu logo para dizer, que se o felicissimo parto que celebramos, por ser dos olhos de Deus, não houvera de ser filho, senão filha, bastava que fosse alcançado por intercessão de S. Francisco Xavier, para ser filho; filho por ser elle o que o pediu; e muito mais filho, por serem os olhos de Deus os que o deram; porque o effeito infallivel do olhar e vêr de Deus, é dar filho varão: *Si respiciens videris, et dederis mihi sexum virilem.* Assim o tinha promettido o mesmo Deus á prole attenuada: *Ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit:* e assim o vêmos cumprido na mesma prole: *Ipse respexit, et vidit.*

VIII

Até aqui tenho fallado sobre o que temos por novas do nosso principe, de quem nem o nome sabemos. Mas se não lhe sabemos o nome da pessoa, eu lhe darei o nome da dignidade, levantando agora figura ao seu nascimento. Digo que este principe fatal, tantos seculos antes prophetisado, e em nossos dias nascido, não só ha de ser rei, senão imperador. Dirá alguem, que rei pela geração real de seu pae, e imperador pelo sangue imperial de sua mãe. Mas não são estas as casas dos planetas em que se funda a minha figura. Tornemos ao nosso Texto, do qual me não hei de apartar, nem em uma virgula. Quando Christo Senhor nosso appareceu ao rei, ou ao principe D. Affonso Henriques, antes de ser rei, disse-lhe assim: *Ego ædificator, et dissipator imperiorum, et regnorum sum:* Eu sou o edificador e o dissipador; o que levanto e o que abato; o que faço e o que desfaço

os reinos e os imperios. Nesta palavra, Imperios, reparo muito. O fim deste milagroso apparecimento, como declarou o mesmo Christo, foi para lançar a primeira pedra na fundação do reino de Portugal: *Ut mitia regni tui supra firmam petram stabilirem:* foi mais para que o mesmo principe não duvidasse acceitar o titulo real, quando o seu exercito o acclamasse por rei antes da batalha: *Gentem tuam invenies petentem, ut sub regis nomine in hac pugna ingrediaris, nec dubites.* Pois se a fundação era sómente de reino, e o titulo sómente de rei, parece que bastava dizer o Senhor, que elle era o fundador e edificador dos reinos: porque disse logo e accrescentou, que não só era edificador dos reinos, senão dos reinos e dos imperios? Porque se de presente queria fundar um reino e fazer um rei, de futuro tratava de fundar um imperio, e fazer um imperador. Vamos ao Texto: *Posuit enim super te, et super semen tuum post te oculos misericordiæ suæ:* Poz Deus os olhos de sua misericordia sobre ti, e sobre a tua descendencia depois de ti. Note-se muito aquelle *super te*, e aquelle *post te*. De maneira, que no mesmo tempo tinha Deus posto os olhos em Affonso para então, e na sua descendencia para depois; em Affonso para o reino, e na sua descendencia para o imperio: em Affonso para o fazer rei, e em algum descendente seu para o fazer imperador. E quem era este descendente? Manifestamente é o principe prophetisado, que hoje temos nascido; porque delle e só delle, continúa fallando o mesmo Texto: *Posuit super te, et super semen tuum post te oculos misericordiæ suæ.* E até quando? *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, et in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit.* E como o objecto do olhar e vêr de Deus era o filho varão promettido á prole attenuada, e Deus então só tinha diante dos olhos a Affonso, e a este seu descendente, e só delles fallava: assim como ao rei pertencia de presente a fundação do reino, assim a este seu descendente de futuro a fundação do imperio: *Ego enim ædificator sum regnorum, et imperiorum.*

Tudo o que d'aqui por diante hei de dizer, confirma este mesmo pensamento. E para que o entendamos melhor, e façamos delle o conceito e estimação que merece, saibamos que imperio é este de que ha

de ser imperador aquelle fatal menino, que hoje se está embalando no berço. Agora ouvireis muito mais do que tenho dito. Digo que este imperio não será o de Allemanha, nem outro algum dos que até agora adquiriu o valor, ou repartiu a fortuna; mas um imperio novo, maior que todos os passados, não de uma só nação ou parte do mundo, mas universal e de todo elle. Que haja de haver este imperio, é certo, e consta de muitas Escripturas Sagradas. Nabucodonosor, aquelle grande monarcha, poz-se uma noite a considerar, se o seu imperio seria perpetuo, ou se depois delle succederiam outros no mundo; e adormecendo com estes pensamentos, viu aquella famosa estatua tantas vezes prégada nos pulpitos, cuja cabeça era de oiro, o peito de prata, o ventre de bronze, e d'ahi até os pés de ferro. Viu mais que uma pedra cahida do alto, dando nos pés da estatua, a derrubava e fazia em pó, e a mesma pedra crescendo se augmentava e dilatava em um monte de tanta grandeza que enchia toda a terra. Este foi o sonho de que Nabucodonosor totalmente se esqueceu, até que o propheta Daniel lhe trouxe outra vez á memoria, e lhe declarou a significação delle. A cabeça de oiro (diz Daniel) significa o primeiro imperio, que é o dos Assyrios, a que hão de succeder os Persas: o peito de prata significa o segundo imperio, que é o dos Persas, a que hão de succeder os Gregos: o ventre de bronze significa o terceiro imperio, que é o dos Gregos, a que hão de succeder os Romanos: o demais de ferro até os pés, significa o quarto imperio, que é o dos Romanos, a que ha de succeder o da pedra, que derrubou a estatua: e a mesma pedra significa o quinto imperio, a que nenhum outro ha de succeder, porque elle é o ultimo: e assim como a pedra se levantou á altura, e se estendeu á grandeza de um monte que encheu todo o mundo, assim este imperio dominará o mesmo mundo, e será reconhecido e obedecido de todo elle. Não vos parece que será grande monarcha, e muito superior a todos, e mais famoso e glorioso de quantos teem havido, o que fôr senhor e imperador deste novo e quinto imperio? Pois este é o que a Providencia Divina tem destinado para o empenho do olhar e vêr de seus olhos, que é aquelle grande menino, de quem podemos dizer: *Puer datus est nobis, et filius datus est nobis, cujus imperium super humerum ejus.*

Mas vejo que me estão replicando tantos doutos, quantos me ouvem, que assim como estas ultimas palavras se disseram litteralmente de Christo, assim o novo e quinto imperio tambem é o de Christo: logo não é, nem póde ser o do nosso principe. Nego a consequencia. E posto que o argumento parece forte, tão fóra está de fazer objecção ao que tenho dito, que antes o confirma mais. Torne o nosso Texto. Que disse Christo por sua sagrada bocca a El-rei D. Affonso? *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire:* Quero em ti e na tua descendencia fundar e estabelecer um imperio para mim. Primeiramente já não falla de reino, senão de imperio, *imperium;* e esse imperio em quem, e para quem? Em ti, e para mim, *in te, mihi.* Venham agora todos os doutores do mundo e todos os Interpretes, mais sabios, mais agudos, e mais escrupulosos, e casem-me este *te*, com este *mihi*, e este *mihi* com este *te*. Hei de fundar um imperio, diz Christo, em ti, *in te;* mas para mim, *mihi:* e que quer dizer em ti, e para mim? Quer dizer, que será imperio de Christo e do rei de Portugal juntamente. Porque é fundado para mim, *mihi*, é meu; porque é fundado em ti, *in te*, é teu: logo se o mesmo imperio é meu e teu, é de ambos; e estes ambos, ou estes dois, quaes são? Christo que disse, e o rei de Portugal a quem o disse.

E porque razão depois de dizer o mesmo Senhor *in te*, em ti, accrescentou, *et in semine tuo post te*, e na sua descendencia depois de ti? Porque era imperio em promessa e em prophecia: em promessa para o rei presente, em prophecia para o descendente futuro: fundado agora em ti, e depois levantado nelle. Mas em ti e na tua descendencia sempre imperio para mim, *in te, et in semine tuo imperium mihi;* porque assim como o piloto governa o leme, e o sol governa o piloto, e ambos governam a náu, assim eu desde o céu dominarei e governarei o imperio como meu, e tu neste mundo o dominarás e governarás como teu. Melhor exemplo ainda. Assim como o mesmo Christo fundou a sua Igreja em S. Pedro, e seus successores; assim fundou o seu imperio em D. Affonso e sua descendencia. Que disse Christo a S. Pedro? *Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo ecclesiam meam.* Do mesmo modo, pois, em logar de *ecclesiam*, ponde

imperium: em logar de *meam*, ponde *mihi:* em logar de *tu es Petrus*, *et super hanc petram*, ponde *in te*, *et in semine tuo:* e assim como a Igreja universal, por ser de Christo, não deixa de ser de Pedro, e por ser de Pedro, não deixa de ser de Christo, assim o imperio universal, sem deixar de ser de Christo, por ser de Portugal, e sem deixar de ser de Portugal, por ser de Christo, será imperio de Christo, e imperio do rei de Portugal juntamente.

Bem vejo que todos approvam a similhança, que não póde ser maior. E porque a ninguem fique o escrupulo de ser, ou parecer minha, oiçamol-a de bocca do propheta Zacharias na mesma Igreja e no mesmo imperio. Mostrou Deus a Zacharias quatro carroças, pelas quaes tiravam outros tantos cavallos, todos diversos nas côres, e que corriam para partes tambem diversas. Os da primeira carroça eram castanhos, os da segunda pombos, os da terceira murzellos, os da quarta remendados: e accrescenta o Texto, que fortes, *equi varii, et fortes.* Estas quatro carroças significavam os quatro imperios, que successivamente precederam ao quinto: symbolisando nas rodas sua perpetua revolução e inconstancia; e nos cavallos não serem governados de homens e por razão, mas sem uso delia, levados e arrebatados por brutos. Tal era a brutal ambição e soberba dos que as dominavam, cada um segundo a idéa das proprias paixões, que tambem se retratavam na diversidade das côres! A primeira carroça era o imperio dos Assyrios, a segunda o dos Persas, a terceira o dos Gregos, a quarta o dos Romanos. Restava sómente o quinto e ultimo imperio e este declarou Deus ao Propheta, ou mandou que o representasse na fórma seguinte: *Sumes aurum, et argentum, et facies coronas, et pones in capite Jesu filii Josedech:* Tomarás, Zacharias, ouro e prata, e destes dois reis dos metaes farás duas corôas, as quaes porás na cabeça de Jesus, filho de Josedech. Jesus, filho de Josedech, era figura de Jesus Christo, Senhor e Redemptor nosso, Filho do Eterno Padre: e as duas corôas figuravam tambem os dois poderes soberanos, que competem ao mesmo Senhor como Filho de tal Pae: a de oiro e mais preciosa, o poder espiritual, com que é Pontifice summo e universal da Igreja; a de prata e de segundo e menor preço, o poder temporal, com que é imperador supremo e universal do mundo.

Até aqui não ha controversia, nem duvida entre os Expositores sagrados. Nas palavras que se seguem, e muito notaveis, só parece que a póde haver. *Et sedebit*, diz Deus, *et dominabitur super solio suo, et erit sacerdos super solio suo, et consilium pacis erit super illos duos:* Assentar-se-ha e dominará sobre o seu solio, e o sacerdote tambem se assentará sobre o seu, e haverá grande paz e concordia entre estes dois. De maneira que diz Deus ao Propheta, que ha de haver dois solios, e que nos dois solios se hão de assentar dous, que nelles presidam; e que entre estes dois ha de haver grande união e concordia. Pois se Jesus, filho de Josedech, era um só, e Jesus, Filho de Deus, a quem elle representava, é tambem um só, como sendo um se ha de assentar em dois solios, e depois de se assentar em dois solios, elle tambem ha de ser dois, *et consilium pacis erit inter illos duos?* Não se podéra dizer, nem mais admiravelmente, nem com maior propriedade. Assim como Christo, sendo um só, tem duas corôas, assim ha de vir tempo em que tenha dois vigarios que o representem na terra: um coroado com a corôa de oiro, que é o poder e jurisdição espiritual, outro coroado com a corôa de prata, que é o poder e jurisdição temporal. O coroado com a corôa espiritual é o Summo Pontifice, que tem o poder e jurisdição universal sobre toda a Igreja: o coroado com a corôa temporal, ha de ser o novo imperador, que terá o poder e jurisdição universal sobre todo o mundo. Este é o sentido mais proprio e litteral deste grande Texto. E quanto ao imperio temporal e universal do mundo, que póde parecer novidade, tenho mais de trinta Auctores que fallam expressamente delle, uns antigos, outros modernos; uns por conhecido espirito de prophecia, outros por intelligencia das Sagradas Escripturas, outros por discurso historial e politico. Por signal, que boa parte dos mesmos Auctores, poem a cabeça deste imperio em Portugal, signalando os logares ou metropoles dos dois solios e dizendo, que assim como o solio e throno pontifical está em Roma, assim o solio e throno imperial ha de estar em Lisboa. (Vêde se terão melhor preço então os vossos assucares?)

IX

E se alguem me fizer a pergunta que os Discipulos lizeram a Christo: *Dic nobis quando hæc erunt?* Eu não direi com certeza o anno, mas não deixarei de dizer outra circumstancia certa e infallivel, d'onde o tempo se póde conhecer claramente. E que circumstancia é esta? Que quando Deus extinguir o imperio do turco, que tão precipitadamente vae caminhando á sua ruina, e que tantas terras domina nas tres partes do mundo, então ha de levantar este imperio universal, que domine em todas as quatro. Ouvi um famoso Texto tão antigo como o propheta Daniel e a intelligencia delle, que sei de certo não a ouvistes. Torna Deus a revelar terceira vez os quatro imperios do mundo, para declarar mais o quinto e ultimo, e mostrou a Daniel não já quatro metaes, nem quatro carroças, senão quatro bestas feras: *Et quatuor bestiæ grandes ascendebant de mari.* A primeira era similhante a uma leôa com azas de aguia: *Prima quasi leœna, et alas habebat aquilæ:* e esta significava o imperio dos Assyrios. A segunda era similhante a um urso com tres ordens de dentes: *Et ecce bestia alia similis urso: et tres ordines erant in ore ejus, et in dentibus ejus:* e esta significava o imperio dos Persas. A terceira era similhante a leopardo, com quatro azas de ave e quatro cabeças: *Et ecce alia quasi pardus: et alas habebat quasi avis, quatuor super se, et quatuor capita:* e esta significava o imperio dos Gregos. A quarta era tão extraordinaria e tão terrivel, que não se lhe achou similhante entre todas as feras, e só diz della o Propheta, que tinha os dentes de ferro muito grandes, com que tudo comia, e o que lhe sobejava pizava com os pés: e na testa tinha dez pontas: *Bestia quarta terribilis, atque mirabilis, et fortis nimis: dentes ferreos habebat magnos, etc. et cornua decem;* e esta era o imperio dos Romanos.

Pelas pontas, que são as armas dos animaes feros e bravos, se significam as forças e potencia romana; e pelo numero de dez, que é universal, se entende a multidão dos reinos e provincias, em que a mesma potencia armada e defendida das suas legiões estava

dividida na Europa, na Africa e na Asia. Diz pois o Propheta, que do meio destas dez pontas se levantou uma muito pequena (que elle chama *cornu parvulum)* a qual cresceu a tanto poder, e se fez tão forte, que arrancou tres das outras, e as sujeitou e ajuntou ao seu dominio. E que assim poderoso e soberbo se atreveu a pronunciar injurias e blasphemias contra Deus, e que perseguiu e fez grandes estragos nos que professavam a sua fé, e que entrou em pensamento de dar novas leis e novos tempos ao mundo. Tudo isto se refere no mesmo Capitulo de Daniel (que é o setimo) com grande pompa de palavras, que eu por brevidade resumi a estas poucas. O que supposto, é grave questão entre os Expositores, quem seja, ou haja de ser este tyranno, que o Propheta chama *cornu parvulum*. Os Expositores antigos (excepto Santo Agostinho, que em parte o duvida) todos concordam que havia de ser o Anti-Christo. Mas depois que veiu ao mundo Mafoma e a sua seita, que os antigos Padres não conheceram; porque teve seu principio seicentos annos depois da vinda de Christo; e muito menos conheceram o imperio ottomano, que o teve no anno de mil trezentos; o mais commum sentimento de gravissimos e eruditissimos Interpretes é, que aquelle *cornu parvulum*, significa a Mafoma, e a sua infame seita. Esta, como todos sabem, começou de baixissimos e vilissimos principios: ella na Africa, na Asia e na Europa conquistou e dominou tres partes tão consideraveis do que pertencia ao imperio romano: ella pronuncía, e ensina tantos erros e blasphemias contra a divindade de Christo: ella tem perseguido, e persegue tão cruelmente os que professam a sua lei, que é toda a christandade: ella, finalmente, trazendo por empreza na meia lua das suas bandeiras, *donec totum impleat orbem*, presume que senhoreando todo o mundo, ha de mudar nelle as leis e os tempos. As leis, extinguindo todas as outras, e introduzindo por força só a mahometana: e os tempos, porque medindo-os todas as outras nações pelo curso do sol, só elles os distinguem e contam pelo numero das luas.

Esta é a primeira parte da visão de Daniel, e os auctores, que com tanta propriedade a entendem de Mafoma e do imperio Ottomano, são, Vatablo, Clitoveu, João Æmnio, Fevardencio, Cantipratense, Heytor

Pinto, Sá, Hylarato, Salazar Benedictino e muitos outros. Aos quaes, e sobre todos elles, se ajunta a mesma narração do Texto maravilhosamente proporcionada com a experiencia das coisas, que é o melhor interprete das prophecias.

A segunda parte ainda é mais admiravel. Diz o Propheta, que viu formar no céu um tribunal de Juizo, em que presidia o Eterno Padre cercado de infinita multidão de ministros, que o assistiam. O throno, em que estava assentado, era de fogo, e da bocca lhe sahia um rio arrebatado tambem de fogo. Vieram, e abriram-se os livros, lêram-se as culpas, e o *cornu parvulum*, que era Mafoma e o imperio ottomano, e a parte mais poderosa que restava do romano, pelo que delle tinha usurpado, em pena de suas blasphemias, e por todas as outras maldades que tinha commettido, foi condemnado a que morresse queimado, e que elle e toda sua potencia se extinguisse para sempre. Assim o diz o Texto da visão: *Aspiciebam propter vocem sermonum grandium, quos cornu illud loquebatur, et vidi quoniam interfecta esset bestia, et perisset corpus ejus, et traditum esset ad comburendum igni.* E o Anjo que fallava com Daniel, explicando a mesma visão, declarou o mesmo: *Sermones contra Excelsum loquetur, et Sanctos Altissimi conteret, et putabit quòd possit mutare tempora, et leges: et judicium sedebit, ut auferatur potentia, et conteratur, et dispereat usque in finem.* Sentenciado assim Mafoma, e executada a sentença, e extincto para sempre o imperio ottomano, ainda se não acabou o juizo. E que se seguiu? Diz o Propheta, que no mesmo ponto appareceu diante do supremo Juiz o Filho do homem, e que o Eterno Padre lhe deu o supremo poder, a suprema honra, e o supremo reino do mundo, com tal soberania, que todas as nações e todas as linguas e gentes do universo lhe obedeçam e o sirvam: *Ecce in nubibus cœli quasi Filius hominis veniebat, et usque ad antiquum dierum pervenit: et dedit ei potestatem, et honorem, et regnum, et omnes populi, tribus, et linguæ ipsi servient.* E porque este reino ha de ser todo christão e do christianismo, assim o declarou tambem o Anjo com maior expressão, ainda da grandeza do novo imperio: *Regnum autem, et potestas, et magnitudo regni, quod est subter omne cœlum, detur populo sanctorum Altis-*

simi. De maneira, que o tempo que Deus tem destinado para levantar o imperio universal do mundo, e o signal certo por onde se póde conhecer este segredo da sua providencia, é quando se acabar e extinguir o imperio do turco, e a potencia mahometana,

Mas aqui se offerece uma grande duvida, em que antes quizera ouvir a resposta, que dal-a. Este imperio que succedeu aos quatro primeiros, é o quinto e ultimo, e por consequencia o imperio de Christo, como consta de todas as outras visões, e desta mesma em que o poder universal sobre todas as nações e reinos do mundo foi dado ao Filho do homem, que é o mesmo Christo. Christo, desde o instante de sua conceição, teve todo o dominio supremo espiritual e temporal do mundo, em quanto Filho de Deus: e em quanto Filho do homem teve o mesmo dominio, ao menos depois da Resurreição, como elle mesmo disse: *Data est mihi omnis potestas in cœlo, et in terra.* Pois se o Filho do homem teve todo este poder seiscentos annos antes de Mafoma, e mil e trezentos antes do imperio ottomano, e a mesma seita de Mafoma, e o mesmo imperio ottomano dura ainda hoje, mais de mil e seiscentos annos depois de Christo; como não deu, ou não ha de dar o Eterno Padre este imperio universal ao Filho do homem, senão depois da extincção do imperio do turco?

Grande duvida verdadeiramente. Mas a razão clara desta differença de tempos consiste na differença do mesmo imperio universal do mundo, o qual, posto que sempre foi de Christo, quanto á jurisdição e dominio do Senhor, nem foi, nem é ainda universalmente do mesmo Christo, quanto á sujeição e obediencia dos vassallos. Isto significam expressamente aquellas palavras: *Et omnes populi, et tribus, et linguæ ipsi servient.* Já todos são seus, mas ainda o não servem. Porém depois da extincção e total ruina do turco, será tal a fama, tal o terror, e taes os effeitos daquella victoria dos christãos, que não só todos os que na Europa, na Africa, e na Asia seguem a lei de Mafoma, mas todos os outros sectarios e infieis de todas as quatro partes do mundo se sujeitarão a Christo, e receberão a fé catholica. Isto querem dizer as outras palavras: *Regnum autem, et potestas, et magnitudo regni, quod est subter omne cœlum, detur populo san-*

ctorum; que o reino, poder e grandeza de tudo o que está debaixo do ceu, se dará ao povo dos Santos. E qual é o povo dos Santos? E' o povo christão e dos christãos, os quaes em phrase da Escriptura, e da primitiva Igreja, todos se chamavam Santos, como se vê nas Epistolas de S. Paulo, e nos Actos dos Apostolos. E esta é a primeira razão, ou a primeira parte desta differença.

A segunda é, porque todo este Texto de Daniel não se entende da pessoa propriamente de Christo, senão da pessoa do seu segundo Vigario no imperio temporal: o qual imperio se levantará depois de vencida a potencia do turco, com nome, com dignidade, com magestade, e com reconhecimento de imperador universal do mundo. A prova no mesmo Texto é milagrosa: *Ecce quasi Filius hominis veniebat, et ad antiquum dierum pervenit, et dedit ei potestatem et honorem.* E veiu (diz) o quasi Filho do homem, e se presentou diante do Eterno Padre, o qual lhe deu o reino, a honra e o imperio universal sobre todas as gentes. Note-se muito, o *quasi Filius hominis.* Quem é o *Filius hominis*, e quem é o *quasi Filius hominis?* O Filho do homem é Christo: o quasi Filho do homem, é o quasi Christo, ou vice-Christo. De sorte que assim como o primeiro Vigario de Christo, que é o Summo Pontifice, pela jurisdição universal que tem sobre toda a Igreja, se chama vice-Christo no imperio espiritual, assim o segundo Vigario do mesmo Christo, pelo dominio universal que terá sobre todo o mundo, se chamará tambem no imperio temporal vice-Christo: *Quasi Filius hominis.* E este é o imperio quinto e ultimo, que se ha de levantar depois da extineção do turco, não na Pessoa de Christo immediatamente, senão na de um principe seu Vigario.

X

Resta agora saber, que principe é, ou será este. E posto que pareça coisa difficultosa, e ainda impossivel de averiguar: a mesma Anna, que nos deu a materia a todo discurso, nos dará tambem a clausula delle. Em acção de graças pelo nascimento de Samuel

compoz Anna sua mãe um cantico a Deus, o qual contém duas partes, uma gratulatoria, outra prophetica, e no fim da prophetica conclue assim: *Dominus judicabit fines terræ, et dabit imperium regi suo.* O Senhor julgará os fins da terra, e dará o imperio ao seu rei. Alguns Auctores cuidaram que fallava aqui Anna do Juizo final: mas assim neste logar, como em outros, é pouca intelligencia das Escripturas. Todas as vezes que Deus muda reinos e imperios e o quer manifestar, representa-se na Escriptura fazendo juizo. Assim o viu o Propheta Micheas, quando Deus quiz tirar a vida e o reino a El-rei Achab: *Vidi Dominum sedentem super solium suum, et omnem exercitum cœli assistentem ei.* E assim o viu o propheta Daniel no nosso proprio caso, como acabamos de ponderar, quando condemnou a fogo o *cornu parvulum*, e deu o imperio universal ao quasi Filho do homem: *Aspiciebam donec throni positi sunt, et judicium sedit, et libri aperti sunt.* Prophetisando pois isto mesmo Anna mais de quinhentos annos antes de Daniel, diz, que fará Deus um Juizo, em que julgará todo o mundo: *Dominus judicabit fines terræ:* e que então dará o imperio ao seu rei. *Et dabit imperium regi suo.* E quem é o seu rei — pergunto eu agora? Claro está, que é o rei de Portugal e nenhum outro. Todos os reis são de Deus, mas os outros reis são de Deus feitos pelos homens: o rei de Portugal é de Deus, e feito por Deus, e por isso mais propriamente seu. E como Deus depois de dizer, que elle é o edificador dos reinos e dos imperios, *Ædificator regnorum, et imperiorum sum*, fez rei ao primeiro rei de Portugal e então lhe prometteu que nelle e na sua descendencia havia de estabelecer o seu imperio: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire;* evidentemente se segue, que o rei seu, a quem diz Anna que havia de dar o imperio, *Dabit imperium regi suo*, é o rei de Portugal. Mas qual rei de Portugal, que podem ser muitos, e este é o nosso ponto? Digo que é, e não póde ser outro, senão o que agora nasceu. Porque? Porque além dessa promessa universal, fez Deus outra particular ao mesmo rei, em que lhe prometteu, que na prole da sua decima sexta geração attenuada poria os olhos de sua misericordia, olhando e vendo: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, et in*

ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit. E como o effeito do olhar, e vêr de Deus é dar filho varão, e o filho varão da prole attenuada é evidentemente o principe que agora nasceu; com a mesma evidencia se conclue ser elle o desempenho da palavra de Deus, e o rei seu, a quem ha de dar o imperio, *Dabit imperium regi suo.*

Mas como o mesmo Deus, posto que não póde faltar á sua divina palavra, quer que nós lhe peçamos o mesmo que nos tem promettido; acabemos esta acção de graças com a petição, que já antigamente lhe fez David, como tão interessado no mesmo imperio: *Da imperium tuum puero tuo, et salvum fac filium ancillæ tuæ.* [1] Dae, Senhor, o vosso imperio ao vosso menino, (vosso, e de vossos olhos) e guardae o filho da vossa serva, *et salvum fac filium ancillæ tuæ:* filho da vossa serva, diz com grande propriedade, e particular energia; porque a rainha nossa senhora, como tão grande serva de Deus, é a que com suas orações alcançou o mesmo filho, para El-rei, para si, para nós, e para o mesmo Deus; porque no seu imperio, que é o de Christo, ficará sublimada a potencia do mesmo Christo, como diz a ultima clausula do mesmo Texto: *Et sublimabit cornu Christi sui.* [2] Onde se deve notar muito, que esta é a primeira vez, que na Escriptura se nomeia o nome de Christo, como se até o cumprimento desta prophecia o não fôra: porque atégora consistiu o seu imperio universal só na extensão do dominio, e então o será cabalmente na inteira sugeição e obediencia dos subditos. E este é o perfeito, perpetuo, e firme estabelecimento do seu imperio: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire.*

[1] *Psalm.* LXXXV, 16.
[2] *1.º Livr. dos Reis,* II, 10.

SERMÃO

NAS

EXEQUIAS DO SERENISSIMO INFANTE DE PORTUGAL

DOM DUARTE *

DE DOLOROSA MEMORIA

Morto no castello de Milão

Frater ejus mortuus est, et ipse remansit solus. [1]

Em fim, reino de Portugal, que tambem os nossos principes são mortaes! Em fim, côrte de Lisboa, Prelados, Religiões, Titulos, Nobreza, Povo, que tambem para nós se fizeram os lutos! E ninguem se espante de eu fallar com esta singularidade dos nossos principes, do nosso reino, e da nossa côrte; porque era um engano este, a que quasi nos tinha persuadido a morte, mas em fim, desenganou-nos. Se lançarmos os olhos por todos os reis do mundo, no espaço destes nove annos, depois que vimos resuscitados os nossos, acharemos que tendo dado tão repetidos exemplos da mortalidade todos os outros principes, só os nossos pareciam immortaes. Vimos neste tempo em França

---

* Eis aqui, um modelo d'outro genero de Sermões, commenta Honorati, no qual o nosso orador não se mostra menos admiravel que nos outros. Note-se a distribuição das suas partes. Tendo os Sermões funebres tres obrigações, que são: sentir a morte, louvar o defunto e consolar os vivos; e d'estas obrigações sendo a principal a segunda, é com muita arte e sabedoria que o orador desempenha mais resumidamente a primeira, com maior extensão a segunda e a modo de remate a terceira.

[1] *Gen.*, XLII.

a morte de Luiz XIII, em Inglaterra a infelicissima d'El-rei Carlos, em Dinamarca a de Segismundo, em Polonia a de Ladisláu IV, e antes delle a da rainha Cecilia Renata, e o primogenito Segismundo; em Allemanha a da imperatriz Maria de Austria, e dentro em tres annos a de outra imperatriz Maria; em Castella a da rainha D. Isabel de Bourbon, a do infante D. Fernando, e a do principe Balthasar. E no meio de tantas mortes reaes, de que se viu quasi em continuados lutos toda Europa, só a casa de Portugal, sendo a mais dilatada em numero de principes, que todas as outras, passava isenta o curso dos annos, sem pagar este tributo, como se tivera a vida de juro, e gosára privilegios de immortalidade. Mas, oh morte cruel, quem se fiará da dissimulada lisonja de teus enganos! Nove annos esteve duvidando a morte, e armando juntamente o arco para despedir a setta com maior força, e a empregar com maior golpe. Tropheu são desta façanha as columnas, os arcos, as luzes dessa pyramide triste, que levantou a dôr, o amôr, e a obrigação do nosso monarcha, que muitos annos viva, á morte, á ausencia, á memoria do serenissimo infante D. Duarte, irmão muito prezado seu, e gloria defunta nossa; principe digno de mais larga vida, e de melhor fortuna, cujo nome será sempre aos portuguezes amavel, á lembrança lastimosa, e eterna saudade.

Para fallar neste lastimoso caso sobre o fundamento da Escriptura, que se costuma, lancei os olhos por toda a Historia Sagrada: e sendo tão abundante de exemplares grandes, ou os busquemos nas virtudes, ou nas desgraças, nenhum achei em toda ella, que egualasse o presente: as idéas não teem exemplares. Pintou a natureza no nosso infante um principe original, e nenhum houve antes delle, de que podesse ser copia, nem haverá depois delle outro que o seja sua. Havendo pois de prégar com esta gloriosa impropriedade, escolhi entre todos a José, de quem se disseram as palavras do thema, não pelo mais parecido, mas pelo menos dessimilhante. José, o sabio, o generoso, o adorado principe, o bom irmão: José, o perseguido, o vendido, o desterrado, o encarcerado, o morto: *Mortuus est frater ejus, et ipse remansit solus.*

As obrigações desta acção, seguindo os exemplos dos Padres da Igreja e ainda dos oradores mais antigos

que elles, são tres: sentir a morte, louvar o defunto, consolar os vivos. Desta maneira occupamos toda a alma nesta ultima saudade dos que amamos: os affectos de sentimento pertencem á vontade: a narração dos louvores á memoria; e os motivos da consolação, que sempre são mais difficultosos de achar em quem devéras padece, correm por conta do entendimento. Para satisfazer a todas estas obrigações, viera eu de boa vontade em um partido, que era trocar as palavras em lagrimas, e que em logar de eu dizer e vós ouvirdes, choráramos todos. Se as obrigações deste dia são sentir, louvar e consolar, melhor fizeram tudo isto as lagrimas, que as vozes. As lagrimas são o mais vivo do sentimento, porque são o destillado da dôr; são o mais encarecido dos louvores, porque são o preço da estimação; são o mais effectivo da consolação, porque são o allivio da natureza. Ordenou a natureza que as lagrimas, assim como são effeito, fossem juntamente allivio da mesma dôr, para que se pudesse conservar o mundo: se assim não fôra, uma só morte como esta nos levára a todos. Deste conselho de chorar e calar usaram aquelles amigos de Job na sua calamidade: mas pois o costume ha de prevalecer á razão, e é forçoso o dizer, onde fôra mais facil o chorar, em seguimento destas tres obrigações, consideraremos tres vezes as palavras que propuz, nas quaes não me atrevo a prometter, nem ordem, nem discurso, nem concerto, porque em similhantes occasiões a desordem do discurso, o desconcerto das palavras, o desasseio das razões é a harmonia da dôr.

I

Frater ejus mortuus est, et ipse remansit solus.

Abrindo passo á nossa dôr, dêmos principio ás nossas lagrimas: mas por onde lhes daremos principio? Nesta mesma suspensão se achou o grande padre Santo Ambrosio, prégando as honras do imperador Valentiniano; e depois de duvidar por onde começaria a chorar: *Quid primum deflcamus?* Começou assim: *Conversi sunt dies nobis votorum nostrorum in lacry-*

mas, siquidem Valentinianus noster, sed non talis, qualis sperabatur, advenit. Bem mostram estas palavras serem escriptas em Milão, pois tão medidas vèem com as circumstancias da nossa dôr. Para estes mesmos dias em que estamos, esperava a nossa imaginação, que concluidos os tratados da paz geral na dieta de Munster, teriamos livre em Portugal o nosso desejado infante; mas *conversi sunt dies nobis votorum nostrorum in lacrymas:* os dias que imaginavamos nos haviam de amanhecer mais alegres, esses mesmos nos anoiteceram os mais tristes: *Siquidem Valentinianus* (digamos nós *Eduardus noster) sed non talis, qualis sperabatur, advenit.* Quantas vezes imaginavamos despovoar-se Lisboa, e corrermos todos a essas praias de Belem a receber o nosso captivo, ou o novo libertado infante, com o mais alegre, e com o mais formoso triumpho, que jámais se viu em Portugal? E que differente concurso é este que estão vendo os nossos olhos! Ajuntamo-nos tambem hoje, mas para chorar sua morte, para lamentar suas exequias. Certo, senhor, que não era este o recebimento que apparelhava a vossa alteza o nosso desejo e o nossos amôr; mas trocaram-se as nossas esperanças em lagrimas, os nossos alvoroços em tristezas, as nossas imaginações de festas em lutos, os nossos arcos triumphaes em tumulos, e os panegyricos, que já começavamos a estudar, em epitaphios. Esperavamos como Jacob a vinda do nosso suspirado José, e entrou-nos pelas portas, não José, mas a sua tunica despedaçada — a nova cruel da sua morte, escripta com o sangue da sua innocencia. Oh que contrarios effeitos tiveram nossas enganadas esperanças! *Non qualis sperabatur, advenit.* A consideração desta ultima palavra, *advenit*, faz ainda mais rigorosa a nossa dôr, que a que Santo Ambrosio ponderava nos seus milanezes: elles, quando esperavam vivo a Valentiniano, entrou-lhes pelas portas morto; nós esperavamos o nosso infante vivo, e nem morto o temos.

Esta foi uma circumstancia que muito ponderou e muito lastimou a Jacob na perda do seu José: *Fera pessima comedit eum: bestia devoravit Joseph:* [1] O'

[1] *Gen.*, XXXVII, 33.

filho meu (dizia Jacob) que uma fera cruel vos comeu, uma fera vos tragou! Notae: não disse que a fera o matára, senão que a fera o comêra: a fera que sómente mata, tira a vida e deixa o corpo: a fera que come e traga, tira a vida, e nem o corpo deixa. Foram tão feras para comnosco as feras que nos mataram o nosso José, que não só lhe tiraram a vida, mas nem o corpo, para nossa consolação, nos deixaram. Não quizeram que lhe levantassemos a alliviada dôr de um sepulchro, senão a dobrada desconsolação de um cenotaphio. Muito digno de reparo é, que fossem mais as lagrimas da Magdalena ás portas da sepultura de Christo, que ao pé da cruz: deu a razão da differença Origenes, com estas palavras: *Prius dolebat defunctum, modò dolebat sublatum; et hic dolor major erat.* Na cruz chorava a Christo defunto; no sepulchro chorava a Christo roubado; e esta segunda dôr era maior que a primeira; porque a primeira era dôr com algum allivio, a segunda era dôr sem nenhuma consolação: na cruz perdêra a Christo vivo, mas consolava-se com que o tinha morto; no sepulchro não lhe restava com que se consolar, porque nem vivo, nem morto o tinha. Uma differença, que desconsolava muito a Magdalena na sepultura de Christo, é a que eu considero nesta: nas outras sepulturas dizem os epitaphios por fóra: *Hic jacet:* Aqui jaz; na sepultura de Christo diziam as vozes de dentro: *Non est hic:* Não está aqui. Oh que cruel epitaphio! Tristissima palavra é *aqui jaz;* mas *non est hic:* não está aqui; ainda é mais triste: não termos a quem amavamos, nem ainda na sepultura; vêrmos a sepultura, e carecermos do sepultado, é o rigor mais lastimoso de todos.

Assim o considerava e o sentia Jacob; mas a causa da nossa dôr ainda é maior que a sua. Jacob carecia de José morto, mas lograra-o vivo por muitos annos; nós pelo contrario, ao nosso infante nem o temos morto, nem o lográmos vivo. Oh que genero de dôr tão inconsolavel! S. Bernardo na morte de seu irmão Gerardo; antes de S. Bernardo, Santo Ambrosio, na morte de seu irmão Satyro; antes de Santo Ambrosio, Seneca na morte de um irmão de Polibio; todos estes grandes entendimentos, buscando remedio á dôr, dizem que nos havemos de consolar na falta do bem que perdemos, com a memoria do tempo em que o lo-

grámos. Se esta é a consolação, bem nos podemos despedir de nos consolar: o bem que no melhor tempo perdemos, em nenhum tempo o lográmos. Diz Boecio, que o mais infeliz genero de infelicidade é o ter sido feliz: *Infelicissimum genus est infortunii fuisse felicem*. Foi tão avara comnosco a nossa fortuna, que nem nos concedeu a desgraça o ter sido felizes. Toda a ordem que costuma guardar nas mesmas infelicidades, trocou a fortuna comnosco: nas felicidades que se mallogram, ao esperar segue-se o possuir, e ao possuir segue-se o perder: em nós não foi assim; perdemos antes de possuir, e ajuntando um extremo com outro extremo, passámos da esperança á perda, e do desejo á saudade: hontem esperavamos, hoje choramos. A ultima coisa que se perde nas calamidades, é a esperança, e essa foi a primeira que nós perdemos, porque não tivemos outra.

Mas sobre todas as circumstancias, a que mais nos deve magoar é, que da mesma perda que choramos, se bem o considerarmos, nós fomos a causa. Assim foi, senhor, assim foi, que se Portugal se não vira coroado, nunca tão cedo vos chorará morto: porque nós fomos ditosos, fostes vós infeliz: esta é a consideração que mais vivamente nos magôa. Se buscarmos aos trabalhos de José a ultima disposição que tiveram, acharemos que foi a prosperidade da casa de seu pae. O recado que José levava quando o prenderam e venderam os irmãos, era este: *Vide, si cuncta prospera sunt:* [1] Vêde se vae tudo prospero. De sorte que o desejo que Jacob teve da prosperidade de sua casa, foi a occasião, sem o pretender, porque elle e mais a casa perderam a José. Na nossa prosperidade perdeu o infante a sua: da nossa bonança se levantou a sua tormenta: elle morreu, porque nós resuscitámos: quebrou o reino venturosamente as prizões do nosso captiveiro, e sem sabermos o que fazíamos, as cadeias que tirámos das nossas mãos, passamol-as ás vossas. Affim, achou a fortuna comnosco que nos fazer ingrata a liberdade.

[1] *Gen.*, XXXVII, 14.

II

Já é tempo que se suspendam um pouco as lagrimas, e que apartando-as da consideração da nossa perda, as detenhamos na admiração da mesma causa dellas. Impossivel assumpto fôra querer eu reduzir a este discurso as muitas virtudes verdadeiramente reaes, em que este grande principe, assim na paz, como na guerra, foi admiravel. Fique esta materia inteira para quem escrever ao mundo os exemplos da sua vida, que eu, seguindo as palavras que propuz, não quero para admiração e suspensão nossa, mais que os da sua morte: *Mortuus est.*

Esta morte de sua alteza ou a podemos considerar da parte do sugeito, ou da parte da causa, ou da parte da Providencia. Da parte do sugeito, considerando-a no infante que a padeceu: da parte da causa, considerando-a no inimigo que a executou: da parte da Providencia, considerando-a em Deus que a permittiu. Em todas estas considerações se descobrem admiravelmente as grandezas deste principe, em tudo admiravel, e em tudo grande. Comecemos pelo testemunho dos inimigos, que é sempre o menos suspeitoso, e o mais qualificado.

Quereis saber, portuguezes (já que vos não foi licito vêl-o) quereis saber quão grande principe era o vosso infante? Vêde os empenhos, vêde os extremos que fez Castella, para que vós o não lograsseis. Notavel politica foi a de Castella no caso da restituição de sua magestade. Chegam as novas a Madrid, faz-se conselho sobre Portugal: e que resultou? Que logo se despachem postas a Allemanha, que se prenda D. Duarte de Bragança a todo custar. As difficuldades que tinha a prizão de um principe livre, em uma côrte livre; o direito das gentes, a fé da hospitalidade, os beneficios passados com nome de serviços, para serem ainda mais relevantes; a innocencia do caso, provada com o tempo, com a distancia, e muito mais com a presença da pessoa; o escandalo da fama aos mesmos interessados injuriosa; todos estes respeitos, divinos e humanos, se atravessavam diante, a todos se haviam de fechar os olhos, todos se haviam de

vencer, e todos se arrastaram e venceram á força de diligencias, á força de instancias, á força de negociações publicas e secretas, e á força da maior de todas as forças, que, em seculo tão corrupto, é a do dinheiro. Vendido e prezo o infante, em nenhum logar o davam por seguro as cautelas dos que o guardavam. Do quartel de Lupen o passaram a Ratisbonna, de Ratisbonna a Passaw, de Passaw outra vez a Ratisbonna; de Ratisbonna outra vez a Passaw, de Passaw a Gratz, de Gratz, finalmente, a Milão. Em todos estes caminhos ia o infante cercado de grandes tropas de soldados, e no ultimo, para maior segurança, atado a cadeias: tão esquecidos estavam de quem era; hontem lembrados do que era. No fortissimo castello de Milão o metteram na casa mais forte, com guardas dobradas, e mudadas, com sentinella sempre á vista, com rondas, e sobre rondas que as vigiassem, com interdicto perpetuo de não vêr, de não ouvir, de não fallar, de não escrever.

Agora quizera eu perguntar a Castella, que conselho foi o seu em uma prisão tão cheia de tantos excessos. Se Portugal está todo levantado (como então se dizia) se não ha cidade, nem villa, nem logar, nem casa que não reconheça ao nosso rei: se em todas as fortalezas do reino, presidiadas por Castella, não ha uma só amêa por sua parte: que importa que Portugal tenha mais um homem? E ainda que importára muito, muito mais importava ao credito da mesma monarchia. Por um homem ha de fazer tantos extremos? Por um homem ha de chegar a tratos tão indecorosos uma monarchia como a de Hespanha? Aqui vereis quão grande homem era o infante D. Duarte: mas vamos primeiro a José, que nos servem muito as suas circumstancias para o vêrmos. Uma das coisas que muito se admira em José, é o muito caso que seus irmãos fizeram delle e dos seus sonhos. Os irmãos não eram onze, e todos homens? José não era um, e o menor de todos? Pois que importa que José sonhasse ou não sonhasse, para se fazerem tantos conselhos sobre elle: para uns dizerem que morra, outros que seja prezo, outros que seja vendido, e, finalmente, para concordarem todos, em que não torne mais a casa de seu pae? Por ventura temiam que viesse a ser verdade o que José sonhára? O que elles

temiam, elles o disseram: *Ecce somniator venit.* [1] Não se temiam dos sonhos, mas temiam-se do sonhador. O que José sonhára foi, que no dia da sega as paveias dos seus irmãos cahiam aos pés da sua: e ainda que os irmãos eram onze, e José o irmão menor, viam nelle tal saber, tal prudencia, tal generosidade, tal valor, em fim, uns espiritos tão grandes e tão superiores á fortuna em que estava, que para tudo o que significasse o sonho havia nelle capacidade, e que o faria melhor acordado, do que o sonhára dormindo. De maneira, que o conhecimento e conceito grande que tinham de José, era o que fazia a tantos temer a um só: elle sonhava com os irmãos, e os irmãos sonhavam-no a elle. E como não ha affecto mais cruel que o temôr, este temôr aconselhado foi, esquecido de todos os respeitos, o que o vendeu, que o prendeu, e o quiz matar e publicar por morto: *Mortuus est.*

Ah perseguido José nosso! Que o muito que conheceram em vós e de vós vossos emulos (sangue tambem vosso) foi o que a tanto preço e desprezo vos vendeu e comprou a liberdade, e o que a tão apertadas e dilatadas prisões vos martyrisou e tirou a vida. Conhecia Castella melhor que nós quanto havia que temer, no peito, na cabeça e no braço do infante: e este conhecimento, e este temôr foram as culpas que se provaram contra sua innocencia, e as que o condemnaram. Não me atrevêra eu a o affirmar (posto que sempre o entendesse assim) se a mesma Castella o não confessára e publicára ao mundo, em um manifesto que novamente mandou imprimir, e cedo andará nas mãos de todos. Refere-se alli uma consulta dos deputados que se deram á causa de sua alteza: e concordando todos em que se lhe não devia dar liberdade, ainda em caso em que estivesse innocente, dizem estas palavras: *El miedo es justo, el rezelo prudente, el remedio necessario.* Ha tal encarecer de temôr! Assim o confessam publicamente: e era tal a pessoa do infante, que não têm por menos credito o confessal-o. Mas vêde como lhe mudava as côres o medo! Parecia-lhe justiça: *El miedo es justo;* parecia-lhe pruden-

[1] *Gen.*, XXXVII, 19.

cia: *El rezelo prudente;* parecia-lhe necessidade: *El remedio necessario:* uma côr era de justiça, outra côr era de prudencia, outra côr era de necessidade: e tudo era medo. Oh cega razão de estado humana e muito cega, quando te guia a ambição: mas muito mais cega quando te precipita o temôr! De sorte, que ter em prisões o innocente era justiça; temer mais a um homem, que a Deus, era prudencia; comprar uma liberdade por um thesouro, era necessidade; e todos estes precipicios fazia faltar o temôr que tinham tantos homens a um homem.

III

Dizia David a Deus: *A timore inimici eripe animam meam:* [1] Senhor, livrae a minha vida do temôr de meu inimigo. Estas palavras podem ter dois sentidos, e ambos os explica Hugo Cardeal: Ou pedir David a Deus que o livre do temôr que elle tinha a seus inimigos; ou pedir que o livre do temôr que seus inimigos lhe tinham a elle. Este segundo sentido é mais conforme ao que soam as palavras; porque o temôr que eu tenho a meu inimigo, é temôr meu; e o temôr que meu inimigo me tem a mim, é temôr seu: *A timore inimici.* Mas como póde ser, que peça David a Deus que o livre do temôr de seu inimigo? Que o livre do seu poder, que o livre do seu valor, que o livre das suas traições, que o livre do seu odio, sim; mas que o livre do seu medo, que o livre do seu temôr? Com muito maior razão; porque não ha mais cruel inimigo, que o inimigo com medo. O inimigo sem medo muitas vezes é piedoso; o inimigo com medo é inimigo sem piedade; o inimigo sem medo satisfaz-se muitas vezes sem chegar á vida; o inimigo com medo só com a morte se dá por seguro: a razão e a experiencia é, porque o inimigo sem medo trata da sua satisfação; o inimigo com medo trata da sua segurança e odio. Assim lhe aconteceu ao nosso infante, que não socegou o medo de seus inimigos, até que o passou do carcere á sepultura: *Mortuus est.*

---

[1] *Psalm.* LXIII. 2.

Oh que cruel foi este temôr! Mas que glorioso para sua alteza! Muito glorioso fez a David a victoria do Goliath, mas muito mais glorioso o medo de Saül: muito gloriosas foram para Samsão as victorias dos Philisteus; mas muito mais glorioso o temôr que os mesmos Philisteus lhe tiveram. Que David, sendo um só homem, peregrino, fóra da sua patria, como então era, désse tanto cuidado a Saül; e que sendo um rei tão grande, tão poderoso, armasse tantos soldados, e fizesse tão extraordinarias diligencias para o prender! Grande argumento de quão grande pessoa era David. Mais o honrou Saül com a prisão, que não chegou a fazer, que com a inveja que lhe tinha. E que Samsão, sendo tambem um homem só, e desarmado, mettesse em tanto temôr e perturbação a tódo o senado e republica dos Philisteus; e que os Philisteus, sendo os que tanto dominavam naquelle tempo, multiplicassem guardas, cercassem cidades, armassem exercitos, buscassem tantos outros meios, ainda indecentes, para o prender! Grande prova de quão grande sugeito era Samsão: mais o honraram os Philisteus com o seu temôr, do que o honrara o leão que elle desqueixara, e não temêra. Muito glorioso fez a David e a Samsão o temôr de seus inimigos: e se a gloria se ha de medir pelo temôr, maiores circumstancias ainda de temôr se acham na prisão de sua alteza, que nas de Samsão e David.

Saül fez tantas diligencias por prender a David, mas sempre por meio das armas: soldados a sua casa, soldados a Ceila, soldados a Engadi, soldados a Ziph, soldados a toda a parte onde sabia que estava; mas ainda que tanto o procurou prender, nunca tratou de o comprar: preso sim, mas não vendido; não, que não se abatia a tanto o temôr de Saül. Para prender o infante não só se armaram soldados, mas armou-se o interesse, armou-se a infidelidade, armou-se a traição, e não houve trato feio e cruel, que se não armasse: tanto era o temôr que obrigava a tanto! A prisão e entrega de Samsão, é verdade que foi compra com o preço que se deu a Dalila: mas depois de os Philisteus o terem em suas mãos, contentaram-se com lhe tirar a vista; a lingua, e os ouvidos deixaram-lh'os livres, e ainda que nos cabellos tinha toda a fortaleza, tambem lhe deixaram crescer os cabellos. Ao infante, de-

pois de preso, tiraram-lhe o vêr, tiraram-lhe o ouvir, tiraram-lhe o fallar; e se os cabellos significam os pensamentos, até os pensamentos lhe prenderam, porque tambem os instrumentos de communicar, que era o escrever, lhe tiraram: tanto era o temôr que obrigava a tanto!

Ainda que seja com aggravo nosso, não hei de deixar de dizer onde chegava este temôr. Naquelle conselho, que já referi, em que se resolveu a prisão de sua alteza, houve voto (e grande voto) que se acceitasse aos catalães a sujeição que offereciam, e que o exercito de Catalunha, assim inteiro como estava, se passasse a Portugal, antes que tivesse tempo de mais prevenções. Respondeu-se a este voto, que Portugal não dava cuidado; que estava seguro. De maneira, que Portugal, em Portugal, não dava cuidado, e o infante em Allemanha, dava-lhe tanto cuidado! Por certo que esta pouca estimação de Portugal não sei em que a fundava Castella. Se os exemplos do valor portuguez estiveram só além do Cabo da Boa Esperança, não fôra muito que Castella os não visse por distantes; e se estiveram só nos tempos d'El-rei D. João o I, e do conde D. Nuno Alvares, não é muito os esquecesse por antigos; mas bem sabia Castella, pelos mesmos correios que lhe levaram a nova, que para lhe tirarem o nome em uma hora e o reino em oito dias, bastaram só quarenta portuguezes: quanto mais, que pelas reliquias delles, que lá tinha, podia julgar quaes eram os que cá ficavam. Todos os postos grandes que tem Castella, occuparam portuguezes nestes nove annos: a armada, as galés, a frota, a embaixada de Roma, e a de Allemanha, as armas de Flandres, e as de Catalunha, tudo nestes nove annos esteve a cargo dos poucos portuguezes que em Castella se acharam. Pois se Portugal é um reino tanto para dar cuidado, como o tinha Castella por tão seguro e todo o seu cuidado punha na prisão do infante? Para que não nos admire este pensamento de Castella, e delle infiramos melhor quem o infante era, oiçamos o que fez um tão grande soldado, e tão grande politico, como David, em similhante caso.

Acclamou-se Absalão rei de Israël em Hebron e foi logo acclamado e recebido em todas as cidades do reino, sem ficar uma só. Chegou a nova a David pelo

primeiro aviso, dizendo, que todo o reino, com todo o coração, seguia a Absalão por seu rei: *Venit nuntius ad David dicens, toto corde universus Israel sequitur Absalon.* [1] Chegou d'ahi a poucas horas segundo aviso, e accrescentou, que tambem Achitofel seguia as partes de Absalão: *Nuntiatum est autem David, quod et Achitophel esset cum Absalon.* [2] Tanto que David ouviu dizer que Achitofel seguia as partes de Absalão, no mesmo ponto levantou as mãos ao céu, e fez oração a Deus, pedindo que o livrasse do conselho de Achitofel: *Dixitque David, infatua, quæso, Domine, consilium Achitophel.* Notavel orar, e não orar de David! Quando lhe dizem que está levantado em rei Absalão, e que todo o reino unido em um coração o segue, não ora David a Deus, nem pede que o livre do rei, nem do reino; e tanto que lhe dizem, que tambem Achitofel tomou a voz de Absalão, então ora, então pede a Deus que o livre delle e do seu conselho! Sim: porque era homem Achitofel de tanta cabeça, de tanta auctoridade, de tanta industria, de tanto talento, que em ordem á recuperação do reino contrapezava mais aquelle homem só, que todo o reino junto. O reino, ainda que unido, sem Achitofel parecia-lhe a David que o poderia restaurar; mas unido, e Achitofel com elle, julgava-o por irrestauravel. Este é o conceito que de Achitofel fazia David; este o que do infante D. Duarte fazia Castella e seus conselhos. Se nós chegaramos a vêr aquelle grande irmão fóra daquelle castello, Castella nos respeitára mais: *Quis mihi det te fratrem meum, ut inveniam te foris, et jam me nemo despiciat!* [3] O respeitar menos Castella a Portugal, é pelo grande conceito que tem de si: e respeitar e temer tanto ao infante, é pelo grande conceito que tinha delle. Não podemos negar que na largueza das terras, e no numero da gente, excede Castella muito a Portugal: media-se pois Castella com Portugal sem o infante, e olhando para a sua grandeza, dava a Portugal por seguro: tornava-se a medir outra vez com Portugal junto com o infante, e olhando para o ta-

---

1 *2.º Livr. dos Reis*, XV, 13.
2 *Ibid.*, 31.
3 *Cant.*, VIII, 1.

lento do infante, dava a Portugal por perdido; por isso lhe dava menos cuidado Portugal, e o infante lhe dava tanto cuidado, e tantos cuidados. Se os emulos de José o sonhavam, mais sonhava Castella ao infante: aquelle desvelo, com que, dormindo e acordado, o velavam, que era, senão sonhal-o? Cuidavam que nelle nos tinham presos tambem a nós; cuidavam que com os muros de Milão, estavam sitiando a Portugal; cuidavam que Portugal sem o infante, era seu, e com o infante, nosso. Eu não sei que maior elogio se póde dizer do infante, que este temôr de Castella. Não digo mais. Se contarmos os reinos sujeitos a Castella, acharemos que são tantos como ha cidades em Portugal; e estando tão deseguaes as balanças, entendeu Castella que para se trocar a desegualdade, bastava que se puzesse da parte de Portugal a espada do seu infante. Não faz fim a Escriptura de encarecer o pezo das armas do gigante Goliath, e comtudo é certo, que não pezavam tanto da parte dos Philisteus as armas do Gigante, quanto da parte de Israël a funda de David. Os vassallos de David avaliavam a sua pessoa em dez mil homens: *Tu unus pro decem millibus computaris.* [1] E em quantos mil avaliava Castella o nosso infante, pois se persuadiu que com élle não podia vencer-nos? Nenhum principe alcançou jámais tão grande victoria de tão poderoso inimigo: não venceu o infante a Castella na campanha, venceu-a em seu proprio conceito; tirou-lhe por despojos o que nenhum vencedor tirou jámais ao vencido — a esperança de poder ser vencedora. Só uma coisa havia em Castella maior que o infante, que era o seu temôr e por isso esse só o pôde matar: *Mortuus est.*

IV

Mas passando da causa ao sugeito, e considerando esta morte da parte do mesmo senhor infante, não é menos de ponderar, e de admirar, que tambem concorresse para ella sua alteza. Quando chegaram á

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XVIII, 3.

côrte de Allemanha as primeiras noticias da restauração de Portugal, teve tempo sua alteza para logo passar-se a terras de outra jurisdição, e não se passou logo. Estando já para se partir, teve recado do imperador, em que o chamava, e foi, podendo não ir: nesta defença, posto que breve, se lhe embargou a liberdade, a que depois se seguiu declaradamente a prisão. Dava por razão sua alteza, depois do successo, que se fiára no seguro da palavra imperial, que tinha, de que em terras do imperio não consentiria fazer-se-lhe violencia. Mas dizem os politicos, que nem sua alteza havia de crêr tal palavra, nem se havia fiar de tal seguro. Na historia de José se vê retratada esta politica em uma bem notavel allegoria della. Estando Jacob para morrer no Egypto, chamou a seu filho José, que naquelle tempo era logar-tenente d'El-rei Pharaó, e tomando-lhe da mão a insignia real, ou o sceptro, que nella trazia, pediu-lhe que lhe promettesse e jurasse de fazer levar seus ossos á Terra de Promissão á sepultura de seus avós; e depois que assim o prometteu e jurou José, encostado Jacob sobre o sceptro, que lhe tirára da mão, adorou a Deus, e deu-lhe graças. Este é o sentido em que explica Santo Agostinho aquelle Texto difficultoso dos Setenta: *Adoravit Israel super cacumen virgæ ejus. Quid est* (Diz o grande Doutor) *adoravit super cacumen virgæ ejus, id est, Joseph? An fortè Jacob tulerat ab eo virgam, quando ei jurabat idem filius, et dum eam tenet post verba jurantis, nom dum illa reddita, mox adoravit Deum?* De maneira, que quando José houve de prometter e jurar, tirou-lhe Jacob da mão o sceptro e não lh'o deu senão depois de promettido e jurado. Oh que grande pintura da falta politica dos principes, que hoje mais que nunca se usa no mundo! Para que José prometta e jure o que lhe pede Jacob seu pae, tira-lhe primeiro da mão o sceptro, que trazia nella; porque as promessas, e ainda os juramentos que se fazem com o sceptro na mão, por mais que sejam jurados em grandes obrigações, nem costumam levar verdade, nem têm firmeza.

Que bem entendeu esta grande lição David! No dia em que David perdoou a vida a Saül, avistando-se ambos, conheceu Saül o grande beneficio que delle tinha recebido; chamou-lhe filho, chorou com elle,

disse-lhe que sabia de certo que havia de reinar, reconciliou-se e capitulou com elle debaixo de juramento, que não extinguiria sua casa: e acabados estes concertos, diz o Texto que: *Ascendit David ut tutiora loca:* [1] Que fugiu David de Saül, e que buscou logares ainda mais seguros para se pôr em salvo. Pois, David, quando Saül vos deve a vida, e o conhece; quando chega a chorar um rei; quando vos chama filho, quando faz concertos jurados comvosco, então fugis mais depressa, então temeis, e vos receiaes mais, e vos pondes outra vez em cobro? Sim; porque em materias de reis e reinos, não ha que fiar em lagrimas, nem em palavras, nem em promessas, nem em seguros, nem em juramentos. Um só seguro teem as palavras dos reis, em quem se teme, que é desapparecer a toda a pressa, e pôr-se em seguro, como fez David; e assim dizem os politicos, que o devêra fazer o infante de Portugal: mas não o fez, porque era o infante de Portugal D. Duarte. A verdade do seu trato, a generosidade do seu animo, a realeza do seu coração, a honra dos seus pensamentos, o entregaram a seus inimigos. Não fôra o infante quem era, se não crêra a palavra que lhe deram, e se presumira antes, ou lhe entrára no pensamento, o que aconteceu depois. Os pensamentos são os primogenitos da alma: sempre se parecem á origem d'onde nasceram: assim como ninguem é o que cuida de si, assim é certo que cada um é o que cuida dos outros. Ha uns pensamentos que nascem pelo que entra pelos sentidos; e ha outros que nascem do que se considera com o discurso: os que são filhos dos sentidos, parecem-se com os objectos: os que são filhos do discurso, parecem-se com o sugeito. cada um costuma discorrer como costuma obrar; e o que cuida o que os outros hão de fazer, é o que elle fizera: as obras e as imaginações dos homens não teem mais differença que serem umas por dentro, outras por fóra; as obras são imaginações por fóra, as imaginações são obras por dentro: e se são menos as obras que as imaginações, não é pela differença, senão pela difficuldade. Se o infante discorrêra com o coração dos que lhe faltaram á fé, elle antevira que lhe haviam de faltar: mas discorrendo

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXIV, 23.

com o seu coração, como podia tal presumir, e muito menos crêr?

Acuda pelo seu prisioneiro o grande Arcebispo de Milão: *Quis hoc apprehendat in Sanctis, qui alios de suo affectu æstimant? Et quia ipsis amica est veritas, mentiri neminem putant; fallere quid sit, ignorant; libenter credunt, quod ipsi sunt; nec possunt suspectum habere, quod non sunt.* Quem reprehenderá aos bons (diz Santo Ambrosio) porque avaliam aos outros por si mesmos? Como não sabem senão fallar verdade, cuidam que lhe não hão de mentir; e como nelles não tem logar o engano, não crêem o que são, e não podem suspeitar o que não são: *Libenter credunt, quod ipsi sunt; nec possunt suspectum habere, quod non sunt.* Queriam os politicos que o infante não crêsse o que lhe disseram, e que suspeitasse o que lhe não disseram; o que sua alteza creu, foi natural; o que queriam que suspeitasse, era impossivel: o que creu foi natural, porque creu o que elle era e o que elle fizera: *Libenter credunt, quod ipsi sunt;* o que queriam que suspeitasse era impossivel: porque havia de suspeitar o que era impossivel que elle fosse, e era impossivel que elle fizesse: *Nec possunt suspectum habere, quod non sunt.* Como havia de suspeitar infidelidade um animo tão sincero? Como havia de imaginar engano um coração tão verdadeiro? Como havia de receiar mudanças um peito tão constante? Como havia de presumir vileza uma condição tão generosa? Como havia de imaginar interesses um espirito tão magnanimo? Como havia de cuidar, e de entender, e de crêr, senão realezas, um animo, um espirito, um coração tão real? Fóra não ser o infante quem era, se tal crêra, se tal presumira, se tal imaginára. Cada um imagina com os seus pensamentos; e seriam pensamentos muito alheios do infante, os que taes imaginassem. E já que os politicos allegam com as historias de José, e de David, com os mesmos lhes quero responder, e com dobrados exemplos em cada um.

Mandou Jacob a José com um recado a seus irmãos. Foi, e não os achando onde cuidava, diz o Texto, que o encaminhou um homem, andando errado pelo campo: *Invenict eum vir errantem in agro:* [1] alfim enca-

[1] *Gen.*, XXXVII, 15.

minhado por este homem, que muitos querem que fosse anjo, chegou; e esta foi a occasião com que o prenderam e venderam. José sabia que lhe tinham grande odio seus irmãos, e lh'o mostravam nas palavras: *Oderant eum, nec poterant ei quidquam pacifice loqui.* [1] Sabia tambem que os tinha accusado gravemente diante do pae: *Accusavit fratres suos crimine pessimo.* [2] Sabia mais, que o sonho que lhes contára, fôra delles mal recebido, e peor interpretado: *Numquid rex noster eris, aut subjiciemur ditioni tuæ?* [3] Pois se José tinha tantas razões, e tantos indicios da sua parte, e da de seus irmãos, para cuidar que tomando-o fóra da casa do pae lhe fizessem algum aggravo, porque foi comtudo ao recado de Jacob? Porque não presumiu que o quereriam matar; porque não anteviu que o prenderiam, e que o venderiam, como succedeu. Tinha José uma agudeza de vista tão superior, que penetrava os futuros; e não previu nem imaginou que o poderiam matar, que o poderiam prender, que o poderiam vender seus irmãos? Não, que similhantes imaginações não entram em entendimento tão nobre, e tão generoso, como o de José: das estrellas do céu, e das palhas do campo, adivinhava José os futuros; mas taes futuros como esses, que envolvem uma maldade, e uma crueldade tão grande, não cabem no entendimento de José, nem entram em tão honrado pensamento, como o seu. Por isso foi ao recado de Jacob, e insistiu em ir, e o ir não foi erro, senão acerto. Quando tomou por outro caminho (como queriam os politicos que o infante tomasse) então é que ia errado, e errado a juizo dos homens, e dos Anjos: *Invenit eum vir errantem.* Se José crêra ou imaginára a traição que depois lhe fizeram os irmãos, não fôra José, fôra como elles; e senão, diga-o a experiencia. Tanto que morreu Jacob no Egypto, sendo passados mais de trinta annos, entraram em pensamento os irmãos, que José se queria vingar da injuria que lhe tinham feito; e não se atrevendo a apparecer diante delle, mandaram-lhe um memorial em

---

1 *Gen.*, XXXVII, 4.
2 *Ibid.*, 2.
3 *Ibid.*, 8.

morte do pae defunto, em que elle e elles lhe pediam, que se lhe quizesse lembrar daquelle seu erro: *Quo semel, tunendes fratres ejus et mutuo colloquentes: Ne forte memor sit injuriæ, quam passus est, et reddat nobis omne malum quod fecimus. Mandaverunt ei dicentes, etc.* [1] Ora notae a grande differença de animos entre José e seus irmãos. Estes, na mesma hora em que acaba de espirar o pae, em que não ha irmão algum de fera que deixe de estar enternecido e humano: e depois de passados tantos annos, em que o tempo vigora os maiores aggravos; e depois de ouvirem da sua bocca a José, que todo aquelle caso fôra ordenado por Deos, para remedio da casa de seu pae, e exaltação sua; e depois de os abraçar, e chorar com elles, e os pôr á sua meza, e os apresentar a Pharaó, e os honrar, e enriquecer, e se prezar muito de os ter por irmãos, sobre todos estes argumentos de verdade, amizade, e irmandade, ainda lhes entrou no pensamento, que José se queria vingar delles, e não se atreveram a apparecer em sua presença: e José, pelo contrario, sobre tantos motivos de odio, de inveja, de vingança, nem temeu ir-se entregar aos irmãos em um despovoado, nem lhe passou pela imaginação, nem por sonhos, que elles lhe fariam o que lhe fizeram. E d'onde nasceu esta differença de pensamentos? Das causas, não: porque eram totalmente contrarias. Pois se não nasceu das causas, d'onde nasceu? Nasceu dos sugeitos, e dos animos de cada um: que cada um como é, assim imagina. José, que tinha animo nobre, leal, generoso, imaginava lealdade, boa irmandade, e boas correspondencias: os irmãos, que eram rusticos, desleaes, vingativos, traidores, imaginavam traições, imaginavam vinganças, imaginavam deslealdades, imaginavam vilezas. E sendo isto assim verdade, que os pensamentos são espelhos dos corações, em um coração tão leal, tão generoso, qual era o do infante, como se haviam de representar tão baixos pensamentos? Estes pensamentos ou se haviam de conformar com os objectos, ou com os sugeitos: os objectos era um monarcha, uma palavra real dada, a fé e hospitalidade publica, e muitos beneficios recebidos: o sugeito

[1] *Gen.*, L, 15 e 16.

era o infante D. Duarte: pois de taes objectos, e por tal sugeito, como se podiam formar pensamentos, que não fossem de verdade, de generosidade, de fé, de firmeza, e de confiança, que foram os que entregaram ao infante?

V

Mas vamos a David. David é verdade que se não fiou das palavras de Saül; mas quando se não fiou? Depois de averiguado e declarado o odio, e tenção de Saül; e depois de ter repetidamente experimentado, que não valiam com elle nenhuns beneficios, nem tinham fé, nem firmeza suas promessas. Antes de todas estas experiencias, e anatomias do coração de Saül, vêde o que delle, e de sua palavra real presumia o mesmo David: é caso notavel. Desde o dia da victoria do Gigante, e em que as donzellas de Jérusalem cantaram aquella lettra fatal, logo David conheceu nos olhos de Saül o odio e inveja mortal que no seu coração ardia: tinha-lhe promettido sua filha Merob, e a seu despeito deu-a a Adriel: em todas as occasiões de guerra perigosa o mandava, para que lá morresse: deu-lhe a filha segunda, Michol, com condição que a havia de dotar com cem cabeças de Philisteus, para que uma dellas fosse a sua: descobertamente o mandou cercar e prender a sua casa, com ordem que fosse morto nella, como sem duvida fôra, se uma industria da mesma Michol o não livrára: sobretudo, duas vezes em differentes dias lhe atirou a David com a lança que tinha na mão, dentro em seu proprio paço; e por ser ainda maior a ira que o cegava, o não pregou juntamente com a parede. Podia haver maiores e mais multiplicadas demonstrações de odio? Podia haver mais qualificadas razões para um vassallo que tinha tanto que perder na vida, que não tratasse sómente de a pôr em salvo, e se não fiasse mais de um rei tão declaradamente inimigo? Pois lêde o Capitulo 15 do segundo livro dos Reis, e achareis que sobre tantas experiencias e demonstrações estava disposto David a se tornar a fiar de Saül sobre uma só palavra sua, que elle dissesse a Jonathas. Eu me ausentarei, diz David a Jonathas; se El-rei á meza perguntar por mim, di-

zei-lhe que fui sacrificar a Belem; e se responder: bem está, eu me dou por satisfeito: *Si dixerit: Benè, pax erit servo tuo.* [1] De sorte que era o coração de David tão generoso, e o conceito que fazia de uma palavra real, tão grande, que depois de tantos desenganos e experiencias, estava ainda persuadido a se fiar de Saül, e que bastava um *Benè est* da bocca de um rei, para lhe não poder vir mal nenhum da sua mão: diga o rei: *Benè est*, e não quero outro salvo conducto, que esta só palavra: *Si dixerit, pax erit servo tuo.* Eis aqui quão naturalmente crêem o bem, e quão difficultosamente se persuadem a presumir o mal, corações como o de David, que são feitos á medida do coração de Deus. David no seu caso, e o infante no seu, ambos imaginaram o que cada um delles fizera; e se ambos se enganaram no successo, não foi erro do entendimento, senão generosidade do coração: David em presumir que Saül obraria como rei, fez sua obrigação: e se Saül faltou á sua, porque ha de ser culpa, senão louvor de David? E quando na credulidade e confiança de David coubera alguma culpa ou demasia, na do infante nenhuma se podia considerar; porque a palavra do principe, em que se fiou, pela grandeza, pela fé, pela religião, pela amizade, pelas obrigações, pelos exemplos dos maiores, em fim, por tudo, promettia firmeza, segurança, e a confiança que delle se fez.

Razão e muitas razões tinha sua alteza para receiar que procurasse a fera pessima comer a José; mas muito maior razão e razões tinha para crêr que quando o quizesse comer o Leão, sahiria a o defender a Aguia. Para tragar um infante, filho daquella illustre Mulher do Apocalypse, sahiu em campo um dragão fero: e porque o não tragou a elle, nem a ella? Porque teve por si o amparo das azas de uma aguia grande: *Datæ sunt mulieri duæ alæ aquilæ magnæ, ut volaret in locum suum:* [2] Com o favor das duas azas de uma aguia grande teve logar para ir seguramente para a sua terra. Se esta é a obrigação das aguias grandes, ainda quando não devem obrigações, como

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XX, 7.
[2] *Apoc.*, XII, 14.

havia de presumir o contrario da grandeza de outra Aguia, e tão obrigada a um infante não menos illustremente nascido? Não digo eu de uma aguia, mas de outra ave menos real o deve presumir e esperar assim. Dentro em Portugal tinha o exemplo. Entregou-se o corpo de S. Vicente em confiança a um corvo, e sendo o deposito de tão grande tentação para a voracidade natural daquella ave, a mesma confiança que della se fez, a obrigou a tanto que se poz em campo aberto contra o lobo, e com as azas e as unhas o defendeu de seus dentes; e se este primor se acha nos corvos, porque se não havia de esperar das aguias? Uma dellas foi o grande imperador Carlos V, do qual se conta, que fazendo o ninho uma andorinha na tenda onde estava alojado, havendo de marchar para outra parte, mandou que se não desfizesse a tenda, até que a andorinha a não deixasse: tão sagrado lhe pareceu áquelle imperador o direito da hospitalidade, que até com uma avezinha de tão inferiores respeitos quiz que se guardasse. Sendo pois o sagrado das azas imperiaes tão sagrado, como havia de presumir, nem imaginar, e muito menos crêr, que devido por tantos titulos e ainda promettido, lhe faltasse? Para tal crêr, para tal presumir, para tal imaginar, havia de obrar com outro entendimento menos verdadeiro, e com outro coração menos generoso e não com o seu.

VI

O segundo exemplo que prometti de David, seja do segundo David, para que seja sem exemplo. Entraram pelo Horto de Gethsémani os soldados do imperio romano, capitaneados por Judas, para prender injuriosamente a Christo. Sáe-lhes o Senhor ao encontro, e pergunta: *Quem quæritis?* [1] A quem buscaes? Antes destas palavras nota immediatamente S. João, para os que não soubessem, que sabia o Senhor tudo que havia de vir sobre elle: *Jesus autem sciens omnia quæ ventura erant super eum.* [2] Pois se o Senhor sa-

---

[1] *Joan.*, XVIII, 4.
[2] *Ibid.*

bia tudo o que havia de vir sobre elle, como pergunta a quem buscavam? Ponderosamente Ruperto: *Non dixit: Ecce ego, quia me quæritis; sed: Quem quæritis inquit; quia re vera talem persecutionis modum veritas nescit:* Não se apresentou o Senhor aos que o vinham prender, dizendo, que bem sabia a quem buscavam; mas pergunta-lhes: A quem buscaes? como se o não soubera; porque tal modo de perseguição e de prisão, era tão alheio de todo o discurso e de todo o credito, que verdadeiramente, diz Ruperto, a mesma verdade de Deus, a quem nada se esconde, parece que a não podia acabar de crêr, e que a ignorava. Menos moderadamente fallam as palavras de Ruperto, mas assim se hão de entender. Christo, em quanto Deus, pela sciencia divina, e em quanto homem, pela sciencia sobrenatural, conhecia e estava vendo tudo o que lhe havia de acontecer; mas se postas estas duas sciencias á parte discorrera Christo naturalmente com todo o seu entendimento e saber, não crêra, nem se persuadira, que tal modo de perseguição lhe traçavam os homens, a quem elle tão differente tratamento tinha merecido. Christo foi preso sem culpa, e sobre muitos beneficios, e debaixo de falsa paz, e atado como malfeitor, e vendido por Judas, e desamparado dos que lhe tinham promettido fidelidade: e todas estas circumstancias (quanto a comparação o soffre) concorreram na prisão do infante. Pois se o entendimento e conceito do mesmo Christo se não pudera persuadir a tal modo de prisão, tão enganosa e tão desmerecida, como a havia de crêr, nem imaginar, um animo tão leal e tão verdadeiro como o do infante? *Talem persecutionis modum veritas nescit.* Christo foi vendido, e faltaram-lhe á promessa: a venda executou-a Judas; a promessa quebrou-a Pedro: e se estes defeitos se não acharam senão divididos em dois pescadores, como os havia de presumir o infante juntos em um principe? Mas o certo é (para que diga o que creio) que em tudo foi parecida uma prisão a outra: a prisão de Christo não foi mandada pelo imperador de Roma, senão executada por seus ministros, mandados por outros principes: *Missi à Principibus Sacerdotum, et Senioribus populi.* [1] Se não houvera maus ministros

[1] *Math.*, XXVI, 47.

ao lado dos principes, nunca a pureza de sua verdade, nem a fama de suas acções padecera eclipses. Mas o verdadeiramente eclipsado foi o nosso sol, que como sol correu por seus proprios passos ao seu occaso. Vendeu-o a cubiça, mas primeiro o vendeu a generosidade do seu animo; entregou-o o engano, mas primeiro o entregou a verdade do seu coração; prendeu-o a vileza e matou-o a crueldade, mas primeiro o prendeu e matou a nobreza da magnanimidade real de seus pensamentos. Dois conceitos concorreram á morte de sua alteza, ambos para elle mui gloriosos; porque ambos mostravam, quem era: o conceito que Castella tinha do infante, com que tanto o temeu; e o conceito que o infante teve dos que o entregaram, com que os não soube temer: morreu por muito temido; e morreu, porque não soube temer: o temôr alheio e o seu destemôr o mataram: *Mortuus est.*

VII

Estas foram as causas que houve da parte de Castella e da parte do infante. Nella para concorrer, e nelle para não divertir sua morte: mas da parte da Providencia, que é causa sobre todas as causas, que causa, ou que motivo haveria para não acudir, como costuma, pela innocencia, e deixar morrer n'um carcere um principe tão digno de vida? De José diz a Escriptura: *In vinculis non dereliquit illio:* [1] Que o não deixou Deus nas prisões; porque ainda que esteve preso dois annos o tirou della com tanta gloria. Pois se assim costuma Deus tratar a innocencia, se assim costuma acudir pela justiça, como neste caso trocou Deus o estylo ordinario de sua providencia, e não só negou á liberdade do infante os meios divinos, mas ainda lhe estorvou, como de proposito, todos os humanos? Se houve successo no mundo, que mereça nome de fatalidade, foi sem duvida o da prisão e morte do infante D. Duarte.

Dirá por ventura alguem, fundado na mesma his-

[1] *Sap.*, x, 14.

toria de José, que a demasiada diligencia que se pôz nos meios humanos, foi a que estorvou o effeito delles, porque assim lhe succedeu a José com a confiança que poz na valia do copeiro de Pharaõ. Não nego que as diligencias summas humanas foram todas as que costuma o grande amôr, quando se ajunta com o grande poder; mas é certo que os meios e diligencias divinas se applicaram dobradamente; porque se batia o castello por fóra, e mais por dentro; pela nossa parte, e mais pela do infante. Era o infante mui devoto daquelle santissimo Sacramento em que Christo se deixou preso com os homens nas cadeias de seu amôr; e se mostrava bem esta devoção nas offertas verdadeiramente de principe, com que enriquecia seus altares: não era menor a sua liberalidade, nem o seu affecto com a Mãe do mesmo Senhor e Senhora nossa a Virgem Maria: todos os dias lhe offerecia particular sacrificio de orações com grande piedade, e signaladamente se lhe tinha feito tributario na sua casa de Guadelupe, tão celebrada nos despojos de prisões, e cadeias rotas, que em testemunho de liberdades restituidas pendem de suas paredes. Offereceu este tributo sua alteza, quando estava livre em Hespanha, para que se veja, que foi affecto, e não necessidade. A esmola tão acreditada em romper carceres, e livrar captivos, foi sempre a maior inclinação deste principe. Em quanto esteve na côrte do duque seu pae, tomava á sua conta o despacho das petições dos pobres, e nelle folgava muito de empregar toda a sua valia, que era muita, porque era elle o José do seu Jacob: este mesmo amparo acharam sempre em sua alteza os pobres em todas as suas peregrinações: nas côrtes e nas campanhas, e ainda na prisão não tinha para elles as mãos atadas, posto que menos cheias do que quizera e podia, mas tambem para esta largueza lh'as estreitaram as prisões. Estes eram os instrumentos com que o infante por dentro batia e minava as muralhas do castello de Milão, e com que não cessava de limar os duros ferros do seu carcere, que de nada se deixavam penetrar. Por fóra, não se póde facilmente dizer, as orações, os sacrificios, as penitencias, as esmolas, os votos, que por ordem de suas magestades, e por affecto sempre de todo o reino, e mui particularmente nas communidades de

todos os Religiososo e Religiosas, continuamente se offerciam ao céu. Pois se tantas e tão efficazes intercessões, se tantas e tão poderosas valias se empenharam tanto com Deus, e perseveraram tantos tempos diante de sua divina piedade, que nos libertasse e désse o nosso infante; porque nos negou sempre Deus a sua liberdade, e por ultimo desengano, como para se livrar de nossas importunações, lhe tirou a vida? Ponderação é esta digna de todo o reparo: e se é licito entrar nos secretos dos juizos de Deus, e de umas acções suas julgar outras, eu entendo que o estorvar Deus tantas diligencias humanas, e não se render sua piedade a tantas divinas, foram ciumes que teve Deus de que o infante D. Duarte viesse a Portugal. De maneira, que, resumindo as causas que concorreram na prisão e morte de sua alteza, da parte de Castella foi temôr, da parte do infante foi generosidade, da parte de Deus foram ciumes.

Que a principal causa dos trabalhos de José fossem ciumes, é coisa manifesta. Duas vezes foi José preso, e de ambas o prenderam por ciumes. A primeira vez o prenderam os irmãos invejosos de que o pae amasse mais a elle, que a elles: e essa é a differença que tem o ciume das outras invejas, ser inveja nascida de amôr. A segunda vez foi preso José por accusação da falsa egypcia, que desordenadamente o amava: e quem o prendeu foi Putifar, a quem, como tocava a fé, tocavam tambem os ciumes. Para que se entenda, pois, que tambem o nosso José padeceu a mãos do ciume, e não de outros ciumes, senão os de Deus, supponho das Escripturas, que o nome de que muito se preza Deus é de cioso: *Deus tuus fortis, zelotes.* [1] Como Deus se sujeitou, não é muito que fizesse ostentação até dos vocabulos que parece não cabiam em tamanha magestade, senão com menos decencia. A materia principal dos ciumes de Deus é a sua gloria, que elle quer que seja sempre toda, e só sua: *Gloriam meam alteri non dabo:* [2] e como a maior ou a mais gloriosa, que ha no mundo, é a gloria das armas e das batalhas, porque nellas se mede o poder

[1] *Exod.*, XX, 5.
[2] *Isai.*, XLVIII, 11.

dos principes, e se ganham ou defendem os reinos e as cidades, nesta gloria particular das armas e das victorias é que são mais delicados e mais vivos os ciumes de Deus. Por esta causa, sendo Deus Senhor de todas as coisas, tomou por titulo particular o de Senhor dos exercitos: *Dominus exercituum*, [1] para que entendessem os homens, que elle é o que dá as victorias, e o que as tira. Por esta causa talvez desbaratava poderosos exercitos por meio de uma mulher, como Judith, como Debora, como Jaël, para que os capitães famosos de Israël se não levantassem com a gloria de terem vencido. Por esta causa promettia os successos prosperos, ou adversos, antes das batalhas, como a Moysés, a Samuel, a Micheas, e a todos os Prophetas que os annunciavam aos reis, para que se conhecesse claramente, que eram as victorias suas, pois tão seguramente dispunha os futuros dellas. Por esta causa ensinava outras vezes o modo, o tempo e o logar, em que se haviam de dar as batalhas, como a Josuë na primeira conquista da Terra de Promissão; e a David na segunda róta que deu aos Philisteus, para mostrar que a que se chama erradamente fortuna da guerra, é sómente a sua vontade, e que os que nas batalhas parecem acasos, são acenos de seu poder, e ordens secretas de sua providencia. Finalmente, permittia muitas vezes, que grandes exercitos sahissem vencidos, e que poucos homens, e mal disciplinados, fossem vencedores, como na guerra de Abrahão contra os cinco reis Amorreus, na de Judas Macchabeu contra os exercitos de Seron, [2] na de Achab contra Benadad, rei de Syria, e trinta e dois reis que o acompanhavam, [3] para que ninguem se atrevesse a attribuir a si a gloria da victoria, senão a Deus, cuja era. Este foi sempre o pensamento de Deus, como notam os Santos em todos estes logares: e antes da famosa victoria de Gedeão o declarou assim o mesmo Senhor por termos notaveis.

Estava Gedeão com trinta e dois mil homens em campo para sahir á defeza contra o exercito dos Ma-

1 *4.º Livr. dos Reis*, XV, 2.
2 *1.º Machab.*, 3.
3 *3.º Livr. dos Reis*, 20.

dianitas e Amalecitas, que com exercito innumeravel vinham devastando sem resistencia todas as terras do povo de Israël; e diz-lhe Deus a Gedeão: *Multus tecum est populus, nec tradetur Madian in manus ejus:* [1] Capitão, tendes muita gente comvosco, e assim não podereis vencer. Diminuiu Gedeão o exercito, ficaram só dez mil. Ainda são muitos, diz Deus: diminuiu mais, até que ficaram só trezentos. Com esses lhe disse Deus que venceria, e com esses venceu. Notaveis consequencias de Deus! Porque Gedeão tem muitos soldados não ha de vencer; e para que vença um exercito innumeravel, ha de desfazer o seu, e ficar com tão pouco! Sim, diz Deus, e deu a razão: *Ne glorietur Israel, et dicat, meis viribus liberatus sum.* Porque havendo-se de libertar Israël, como pede se liberte dos Madianitas, não cuide que deve a sua liberdade ás suas armas, e tome para si a gloria, que é só minha: *Ne glorietur Israel, et dicat, meis viribus liberatus sum.* Taes extremos, como todos estes, faz o Senhor dos exercitos, quando se pica de ciumes de sua gloria. Mas o maior de todos foi o do exercito de Senacherib, em que matou Deus uma noite cento e oitenta e cinco mil homens, só por estes ciumes: assim o diz a Escriptura expressamente em dois logares — no Capitulo 19 do quarto Livro dos Reis: *Zelus Domini exercituum tuum faciet hoc;* e no Capitulo 37 de Isaias: Os ciumes do Senhor dos exercitos foram os que fizeram uma coisa tão rara e tão notavel, como matar n'uma noite cento e oitenta e cinco mil homens: *Zelus Domini exercituum.* E se os ciumes de Deus matam tantos mil homens, que muito é que cuide eu que mataram um, e tão homem? Assim o cuido, assim o entendo, assim o torno a dizer, que a morte do infante, considerada da parte de Deus, foi ciumes.

VIII

Tão gloriosas foram para o infante as causas que concorreram em sua morte, e não o é menos para

[1] *Judic.*, VII, 2.

commigo a circumstancia do tempo, se bem se repara nella. Morreu sua alteza ao cabo de nove annos de prisão, e tal prisão: e é caso admiravel, que um principe do seu juizo, e dos seus pensamentos, durasse tanto nella, e morresse tão tarde. Pilatos admirava-se de que morresse tão cedo Christo: *Mirabatur, si jam obiisset:* [1] e eu pelas mesmas causas porque Christo morreu tão cedo, me admiro de que morresse o infante tão tarde. Ao lado de Christo estavam outros dois crucificados, que morreram mais tarde; mas em Christo havia tres grandes causas para morrer, como morreu, mais cedo: a affronta nelle era maior; era maior o seu entendimento; e além da cruz, que os outros padeciam, tinha demais a corôa de espinhos. Que cuidamos era para o infante a corôa de sua magestade, estando elle naquelle estado, senão uma perpetua corôa de espinhos, que continuamente lhe estava atormentando o pensamento com tudo o que em resolução tão grande e tão arriscada se podia imaginar e temer? Tambem a sua cruz, por sua, era differente. Crucificado estava Christo, e crucificados os ladrões; mas nos ladrões não havia mais que a pena da cruz; em Christo a pena da cruz, e a affronta da Pessoa. Não debalde ponderou o Senhor tanto esta circumstancia na sua prisão: *Tanquam ad latronem existis comprehendere me.* [2] Quando o infante passava preso pelos povos de Valtilina, tocavam-se os sinos a martello, como é uso naquellas partes nas prisões dos ladrões e malfeitores: e que tudo isto pezado em balança tão fiel, como era o juizo do infante, lhe não pasmasse o valor, e lhe não afogasse a alma, e lhe não tirasse muito brevemente a vida! Oh exemplo de fortaleza, e de constancia admiravel!

Aquelle grande homem, que dissemos, Achitofel, cujo juizo no conceito de David pezava mais que todo o reino, vendo que Absalão não tomava seus conselhos, retirou-se a sua casa, dispoz as coisas della, e matou-se com suas proprias mãos. Viu Achitofel que uma vez que Absalão não tomava os verdadeiros conselhos, não podia conservar-se; viu que não conser-

[1] *Marc.*, xv, 44.
[2] *Math.*, xxvi, 55.

vando-se, elle e todos os mais haviam de vir outra vez ás mãos de David: e considerando com aquelle grande juizo, que coisa era vêr-se um homem preso e affrontado em mãos de seus inimigos, preveniu a affronta com a morte, e não se atreveu a esperar vida. Grande caso, que mate a um homem seu proprio entendimento, e que morra de se não atrever a viver! Mas é que tinha Achitofel grande entendimento, e não tão grande coração. Se Achitofel tivera um coração do infante D. Duarte de Portugal, elle não abafára na consideração de se vêr injuriosamente preso nas mãos de seus inimigos, elle se não matára, por não chegar áquelle ingrato genero de vida, nem morrêra nelle; antes vivêra, e vivêra muitos annos, como viveu o infante. Mais costumado era á má vida, e mais profissão fazia de não temer a morte Elias: mas vêde o que lhe aconteceu em caso menor que o de sua alteza. Quiz Jesabel prender a Elias, foge Elias por esses desertos, que eram as partes de que elle era mais pratico, e assentando-se á sombra de uma arvore, começou a chamar pela morte, e a pedir a Deus que o tirasse de tal vida: *Petivit animæ suæ, ut moreretur.* Nota a Escriptura, que quando Elias isto disse, e pediu, não havia mais que um dia que andava fugindo da prisão e perseguição de Jesabel: *Et perrexit in desertum, viam unius diei.* [1] Pois se não havia mais que um dia que Elias padecia esta perseguição: se esse dia não era de prisão, senão de escapar della, estava solto, e em toda a sua liberdade: *Surgens abiit, quocumque eum ferebat voluntas;* [2] como se não atrevia Elias a viver mais? Aqui vereis quanto fez sua alteza em viver na sua prisão tantos annos. Se um dia de escapar das mãos dos inimigos affligo tanto, um dia de cahir nellas, e tantos dias de estar debaixo dellas, que tormento será? Elias era um anachoreta, e quiz morrer, por não supportar esta vida um só dia: Achitofel era um principe, e matou-se por não chegar a esta vida um só instante: e que aturasse a viver esta vida, quem era tão grande principe para o aggravo, e não era anachoreta para o soffrimento! Oh coração verda-

[1] *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 4.
[2] *Ibid.*, 3.

deiramente forte ! Oh heroe verdadeiramente grande ! Oh valor ! Oh constancia mais que humana !

Admirou-se Pilatos, de que Christo morresse tão cedo: mas de que se admirou, sendo os tormentos de Christo tanto para apoucar a vida, e apressar a morte ? A razão mais litteral de todas, é a que deu judiciosamente Euthimio: *Pilatos sperabat Christum tarde moriturum, tanquam divinum quendam hominem, qui cæteros excederet:* Admirou-se Pilatos de que Christo morresse tão depressa; porque como tinha ouvido delle tantas maravilhas, esperava que como um homem divino, e maior que os outros homens, morresse mais tarde. Assim o esperava Pilatos, e assim havia de ser, se a dilação da morte de Christo se medira com o seu coração, e não com a sua obediencia. Esta é a razão porque eu me admirava, e já me deixo de admirar, de que o nosso infante morresse tão tarde: comparando-o com os outros homens, admirava-me; comparando-o comsigo mesmo não me admiro, porque um homem a quem Deus fez tanto maior que os outros homens, que se havia de esperar do seu valor e constancia nos trabalhos, senão que morresse muito tarde ? *Sperabat tardè moriturum, tanquam divinum quendam hominem, qui cæteros excederet.* Como homem era divida natural que morresse; mas como homem que excedia aos outros homens, era obrigação de seu valor que morresse tarde: *Tardè moriturum.*

IX

Curto é o exemplo de José nesta circumstancia, porque os annos do seu carcere foram só dois; mas nesses dois annos, com ser tão grande homem José, vejo-o tão penetrado da dureza da prisão, que sem duvida, se durassem mais tempo as cadeias, não lhe poderia durar tambem a vida; porque os ferros gastavam mais a José, do que o tempo gastava os ferros. Quando os irmãos, depois das felicidades de José, o viram outra vez no Egypto, nenhum delles o conheceu, nem da primeira, nem da segunda vez; sendo que José os conheceu logo a todos: pois se o tempo da ausencia era o mesmo, como estavam os irmãos parecidos ao que

sempre foram, e José tão outro que ninguem o conhecia? Eis ahi o que lhe fizeram as suas prisões; tanto o penetraram, tanto o gastaram, tanto lhe adiantaram a edade, lhe mortificaram as côres, tanto lhe adelgaçaram os ossos, tanto lhe dobraram e inclinaram a estatura, tanto lhe descompuzeram a harmonia de todas as feições do rosto, tanto lhe quebraram os brios de todo o corpo, e ainda a viveza da mesma voz, que nem pelo fallar, nem pelo andar, nem por outro signal da presença o conheceram, nem ainda suspeitaram os mesmos que toda a vida se crearam com elle. Os irmãos que não tiveram mudança na liberdade da vida, posto que rustica, em tudo eram parecidos a si mesmos; porque não é o trabalho, senão os trabalhos, os que em pouco tempo mudam muito: mas José que tinha sido vendido, e captivo de dois senhores, e amansado em seus ossos a dureza de tão estreitas prisões, estava tão mudado, tão outro, e ainda tão entrado da mesma edade, como se o numero dos seus annos egualára o de seus trabalhos. Oh valoroso e fortissimo principe, quem puzera agora o vosso retrato junto a este de José! Dizem os que assistiram nos ultimos dias de sua alteza, que aquella sua gentileza, verdadeiramente real, que tão bizarro e tão formoso principe o fazia aos olhos dos homens, estava então, esteve, e se conservou sempre no mesmo vigor, e na mesma frescura com que entrára naquelle castello; e que se havia alguma differença no infante, era estar um pouco mais avultado de corpo, por lhe fallar o exercicio da campanha. Tão pouco o gastavam as prisões, que nem parece passavam por elle os annos. Alguns menos que os de sua alteza, tinha David no tempo das suas perseguições; e quando ao passar de algum ribeiro d'aquellas montanhas, por onde andava escondido, olhava para si, e se media comsigo, não se conhecia de velho ou de envelhecido; *Inveteravi inter omnes inimicos meos:* [1] Envelheci entre todos meus inimigos. David, sem chegar a quarenta annos, envelhece, por se vêr entre seus inimigos; e o infante D. Duarte, passando de quarenta annos, e estando mais entre seus inimigos que David, não envelhece:

[1] *Psalm.* VI, 8.

David andava de cova em cova, de brenha em brenha; andava de montanha em montanha, mas andava: a torre em que estava sua alteza, tinha poucos mais pés que uma sepultura. David andava entre seus inimigos, mas entre esses inimigos e David havia talvez muitas leguas de distancia; sua alteza estava tanto entre seus inimigos, que nunca lhe sahiam da vista. David ainda que andava entre todos seus inimigos: *Inter omnes inimicos meos*, seus inimigos não eram todos; porque quando menos Jonathas, filho do mesmo rei Saül, que o perseguia, amava a David, como a sua alma, e como a tal o defendia e avisava de tudo; sua alteza estava entre seus inimigos todos, porque nenhum tinha que fizesse as partes da sua innocencia, nem de quem podesse fazer a menor confiança. David trazia comsigo quinhentos companheiros, todos eguaes na desgraça e na fortuna: *Omnes, qui erant amaro animo;* [1] e tinha com quem consolar, ou quando menos, com quem chorar seus trabalhos, que é grande a sympathia de um triste com outro triste; sua alteza nem este desconsolado allivio tinha para suas tristezas: em si as consumia todas, porque só as communicava comsigo. Finalmente, David dizia por encarecimento, que neste tempo sempre trazia a sua vida nas suas mãos: *Anima mea in manibus meis semper;* [2] e sua alteza não trazia a sua vida nas suas mãos, porque a tinha sempre nas de seus inimigos, e por isso não lhe podia chamar sua, como David, nem ainda vida, porque o não era. De sorte que os trabalhos que padecia David entre seus inimigos, com serem tanto menores trabalhos, e tanto mais alliviados que os do infante, podiam mais que a força e vigor dos annos, e faziam velho a David, (a David, que entre os tres fortes de Israël era o fortissimo); mas a fortaleza do animo do infante era tão superior a toda a fortuna, que sendo os seus trabalhos tanto maiores que os de David, e desacompanhados de todo o allivio; e sendo os seus annos tambem maiores, os annos parece que estavam parados, e a edade parece que não corria; porque no meio de tantas tempestades, e tão furiosas,

---

[1] 2.º *Livr. dos Reis*, XVII.
[2] *Psalm.* CXVIII. 109.

conservava sempre a mesma primavera; nove primaveras, e nove outomnos se contaram sobre o infante (que assim falla a Escriptura, quando mede os trabalhos com os annos) nove mezes se mudou o tempo, e a mesma natureza, em quanto o infante esteve na sua prisão; e só nelle se não viu mudança, nem na parte superior do animo, nem na inferior e mortal. Gastava o tempo os ferros do carcere, mas nem os ferros, nem o carcere gastavam o infante. Confessava Job de si, que a sua fortaleza não era de pedra, ou a sua carne de bronze: *Nec fortitudo mea fortitudo lapidum, neque caro mea ænea est.* [1] A fortaleza do infante era mais forte que as pedras, e a sua carne mais forte que o bronze: dentro naquelle castello que o tinha preso, não só parece que desafiava as mesmas pedras e bronzes delle, mas que as vencia: nas pedras e bronzes daquelle castello viam-se rastos do tempo, no infante não se viam. Oh desafio estupendo! Oh batalha inaudita! Oh espectaculo verdadeiramente digno dos olhos de Deus!

Mas ainda naquelle estreito theatro havia outro maior, e mais digno de seus olhos, que era, não do infante com as pedras e com os bronzes, mas do infante com a sua fortuna. Pinta Seneca a idéa de um varão forte e constante, ou, por melhor dizer, pinta Seneca ao infante D. Duarte na edade de um varão forte e constante, e conclue assim: *Ecce spectaculum dignum, ad quod respiciat intentus operi suo Deus: ecce par dignum, vir fortis cum mala fortuna compositus:* [2] Este é o espectaculo digno de que Deus detenha nelle os olhos, como no maior de suas obras: esta é a parelha digna da vista de Deus, um varão forte, posto em campo com a sua fortuna, e composto nella. Um homem luctando com uma fera, era o espectaculo dos Cesares no amphytheatro de Roma; um homem luctando com a má fortuna, é o espectaculo de Deus no amphitheatro do mundo. Esta foi a ultima representação do infante no terceiro acto da sua vida; este foi o theatro de suas maiores batalhas, e de sua maior victoria. As victorias de Hercules, para se cha-

[1] *Job.*, VI, 12.
[2] Seneca lib. de Provid.

marem com nome maior, chamam-se trabalhos, não se chamam victorias. Cantem outros o que o infante D. Duarte venceu em Allemanha, que eu tenho por maiores victorias o que padeceu em Milão: nesta guerra os fossos eram mais altos, os muros mais fortes, os inimigos mais poderosos, as neves mais frias, o ferro mais duro e mais agudo, e até o fogo mais vivo e mais ardente. Com razão chama Seneca a este genero de batalha theatro, ou espectaculo digno de Deus, porque só Deus, que vê os homens por dentro, póde vêr o que passa nelle. Quem poderá dignamente comprehender o que passou na alma do infante, luctando naquella prisão, e andando sempre a braços com a sua fortuna? Mas sempre forte, sempre constante, sempre com o mesmo coração, e com o mesmo rosto, não mudando as côres com as da fortuna, senão fazendo a fortuna da sua côr: *Adversarum impetus rerum viri fortis non vertit animum: manet in statu, et quidquid evenit, in suum colorem trahit:* e como o infante fazia a fortuna da sua côr, que muito que ella lhe não mudasse as côres em tantos annos, nem lhe murchasse a gentileza, nem lhe adiantasse a velhice, nem lhe apressasse a morte! Morreu alfim, porque era mortal: e, ou fosse ás mãos da fortuna, ou da natureza, ou da malicia, ou de todas juntas, sempre é grande maravilha, que morresse tão tarde: nem da malicia se podia esperar tanta piedade, nem da natureza tanto vigor, nem contra a fortuna tanta resistencia: nunca tão resistida e tão vencida se viu a fortuna má: o que não pôde em nove annos a fortuna, pôde em um momento a morte: *Mortuus est.*

X

Morreu sua alteza como quem não temia a morte, nem amava a vida; e para acabar imitando aquelle Senhor, que tantas imitações lhe concedera de sua Paixão, e de sua paciencia, protestou antes de morrer, e declarou diante dos presentes, que elle perdoava aos auctores e executores de tudo o que tinha padecido; e que lhes não perdoava como a inimigos, porque não os tinha nem tivera nunca por taes. Oh principe ver-

dadeiramente christão, e digno de que seus proprios inimigos lhe desejassem mais larga vida! O ponto mais alto da caridade christã é o amôr dos inimigos: e o infante ainda o subiu mais de ponto: não só perdoou a seus inimigos o aggravo, mas tambem o nome; perdoou a seus inimigos, e não lhes quiz chamar inimigos. Pregado Christo na cruz, orou a seu Eterno Pae, dizendo: *Pater, dimitte illis:* [1] Pae meu, perdoae-lhes. *Dimitte illis?* Perdoae-lhes? A quem? A quem havia de perdoar o Padre, e por quem orava Christo? E' certo que orava Christo, e pedia perdão por seus inimigos, para nos dar exemplo na morte da doutrina que prégara em vida: *Diligite inimicos vestros, et orate pro calumniantibus, et persequentibus vos.* [2] Pois se Christo orava por seus inimigos, porque não diz: Perdoae a meus inimigos, senão: Perdoae-lhes? Porque quiz Christo perdoar a seus inimigos não só os aggravos, senão tambem o nome: era justo, que quando Christo dava exemplo de perdoar aos inimigos, o désse no ponto mais alto e mais subido da caridade; e a verdadeira e perfeita caridade não só perdôa os aggravos, senão tambem o nome de inimigos. Perdoar os aggravos, e não perdoar o nome, é dar só ametade do perdão: antes é perdoar uma injuria, e fazer outra, perdoar a injuria do aggravo, e vingal-a com a injuria do nome: só quem perdôa o aggravo, e mais o nome, perdôa inteiramente: e se bem se considera, mais é perdoar o nome que o aggravo: porque no aggravo perdôa-se a acção, e no nome de inimigo perdôa-se o odio. Assim perdoou Christo a seus inimigos na hora em que mais subida esteve sua caridade: e assim imitou a Christo o infante no perdão que deu aos seus, mostrando-se tão singular nas virtudes de Christo, como era excellente nas de principe.

Chamo singularidade a esta acção, porque difficultosamente se achará similhante exemplo de perdoar a inimigos. O mais celebrado perdoador de inimigos que se lê nas Escripturas, é David: todas as linguas dos Interpretes sagrados se desfazem em louvar nelle

---

[1] *Luc.*, XXIII, 34.
[2] *Math.*, V, 44.

a excellencia desta virtude. Comtudo eu acho, que perdoou a seus inimigos os aggravos, mas não lhes perdoou o nome. No Psalmo VII (v. 5): *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam meritò ab inimicis meis inanis.* No Psalmo XXIV (v. 19): *Respice inimicos meos, quoniam multiplicati sunt.* No psalmo LIII (v. 7): *Avertè mala inimicis meis, et in veritate tua disperde illos.* Em uma parte protesta que nunca se vingou de seus inimigos; em outra pede a Deus que ponha os olhos nelles; em outra pede que os livre e defenda de todo o mal; mas em todas lhes chama inimigos; e apenas ha Psalmo em todos os seus, em que lhes não dê este nome. Perdoava David a seus inimigos os aggravos, mas o nome de inimigos não lhes perdoava: ficou esta alta lição reservada para a cadeira da cruz, e, á imitação della, para o calvario de Milão. Só em José, como figura de Christo, e hoje do infante, se acha, posto que negativamente, este parallelo. Se lêrmos toda a historia de José, acharemos que nunca chamou inimigos a seus irmãos, sendo elles tão inimigos seus no affecto, nas obras e nas palavras, e ainda nos mesmos nomes com que o nomeavam: *Ecce somniator venit:* [1] Lá vem o sonhador. Notam os Interpretes, que nem irmão, nem ainda José lhe chamaram. Pois se os irmãos assim tratavam a José; se eram tão inimigos seus, que até o nome de irmão, e até o de José lhe negavam, porque lhes não dá José em tantas occasiões o nome que tanto mereciam; porque lhes não chama inimigos? Porque esta é a differença que ha entre o amar e o aborrecer; o odio tira os nomes do amôr, e o amôr cala os nomes do odio: elles tiraram ao irmão o nome de irmão, porque o aborreciam, e era nome de amôr; elle tirava aos inimigos o nome de inimigos, porque os amava, e era nome de odio. Tão inteiro, como isto, e tão plenario, foi o perdão que um e outro José deu aos que o venderam e o captivaram; não só lhes perdoou os aggravos mas tambem o nome de inimigos.

Porém se advertirmos bem nas palavras do christianissimo infante, havemos de achar, que ainda dizem e confessam mais. Não só não chamou inimigos

[1] *Gen.*, XXXVII, 19.

aos que obras de tão inimigos lhe tinham feito, mas diz que nunca os tivera por taes. Este ponto é muito diverso, e que quasi parece impossivel. Não chamar inimigos aos inimigos, está no imperio da vontade, e na obediencia da lingua; mas não ter os inimigos por inimigos, parece que está fóra da jurisdição do entendimento. Serem inimigos, e conhecel-os por inimigos, e não os ter por inimigos? Sim: a tanto chega a fineza da philosophia christã. Na virtude da caridade christã, tomada em toda a largueza de sua perfeição, ha tres graus: amar os amigos, como a amigos; amar os inimigos, como inimigos; amar os inimigos, como a amigos. Este é o grau altissimo de caridade, que nos deixou por ultimo exemplo de sua vida o infante. Não amou os inimigos, como inimigos; amou os inimigos, como a amigos, por isso os tinha por taes: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis:* [1] Que a maior caridade é dar a vida pelos amigos. A intelligencia desta proposição de Christo tem grande difficuldade. Porque primeiramente os Santos todos concordam em que o amôr dos inimigos é o mais alto, o mais sublime, o mais heroico, o mais divino acto da caridade. Assim o diz Santo Agostinho, S. João Chrysostomo, S. Gregorio Papa, e comummente todos os Padres, entre os quaes S. Bernardo, depois de repetir a sentença: *Maiorem dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*, accrescenta, fallando com o mesmo Senhor: *Tu maiorem habuisti Domine, ponens eam pro inimicis:* [2] Dizeis, Senhor, que a maior caridade é morrer pelos amigos; e a vossa foi ainda maior, porque morrestes pelos inimigos. Os Theologos que examinam os actos das virtudes em todo o rigor, teem neste ponto duas opiniões: mas os fundamentos dos que seguem que é maior caridade amar o inimigo, são muito mais fortes, muito mais solidos, e muito mais evidentes, e teem por sua parte a auctoridade de Santo Thomaz. Finalmente, o mesmo Christo fez tanta differença entre o amôr dos amigos e o dos inimigos, quanto vae de ser filho de Deus a não o ser: *Ut sitis fi-*

[1] *Joan.*, XV, 13.
[2] Divus. Bern.

lii Patris vestri. Quanta vae de ser christão a ser gentio: *Si enim diligitis eos, qui vos diligunt, nonne, et ethnici hoc faciunt?* [1] Pois se o amôr dos inimigos é o maior e mais heroico acto da caridade, como se ha de entender a sentença divina de Christo, em que dá esta mesma maioria ao amôr dos amigos? Digo, que de um e outro amôr se ha de entender; porque a um e outro compete, não em differentes actos, senão no mesmo. Ha um acto supremo de caridade, que é amôr de amigos, e amôr de inimigos juntamente; e como este acto é o supremo e o maior de todos, nelle se ajuntam as duas verdades que parecem encontradas, de ser maior o amôr dos amigos, e maior o dos inimigos. E que acto é este, em que se ajuntam estes dois extremos? E' o acto de caridade em que se amam os inimigos, não como inimigos, senão como amigos. Este acto, em quanto ama os inimigos, é amôr de inimigos; e em quanto os ama, como amigos, é amôr de amigos; e em ajuntar estes dois extremos consiste o sublime e o realçado deste supremo acto de caridade: *Maiorem dilectionem nemo habet.* O primeiro e menor acto de caridade é amar os amigos, como amigos; o segundo, e mais alto, é amar os inimigos, como inimigos; o terceiro, e altissimo, é amar os inimigos, como amigos; e este acto é a caridade, e estes são os amigos de que Christo fallava: *Ut animam ponat quis pro amicis suis.* E senão vamos á prova. Christo naquellas palavras falla de si mesmo e da sua caridade, a qual o obrigou a dar a vida até por seus inimigos: e como deu Christo a vida por seus inimigos? Deu por ventura Christo a vida por seus inimigos, como por inimigos? Não por certo, senão como por amigos. Vêde-o em Judas: *Amice, ad quid venisti?* [2] O maior inimigo de Christo era Judas, e a este maior de todos seus inimigos não tratou, nem morreu Christo por elle como por inimigo, senão como por amigo: *Amice;* logo aquelles amigos, de quem Christo fallava, eram amigos e inimigos juntamente; porque eram inimigos amados, como amigos. Expressamente o entendeu assim S. Gregorio Magno: *Mori pro ini-*

---

1 *Math.*, v, 46 e 47.
2 *Ibid.*, xxvi, 50.

micis Dominus venerat, et tamen positurum se animam pro amicis dicebat; [1] Veiu Christo morrer por seus inimigos, e diz que havia de morrer por seus amigos, porque tudo eram. Da parte do odio com que perseguiam a Christo, eram inimigos; da parte do amôr com que Christo os amava, eram amigos: e o affecto com que os tinha por amigos, sendo inimigos, é o acto de caridade, a que Christo chama o maior de todos: *Maiorem hac dilectionem nemo habet.* Esta foi a lição que Christo guardou para a sua morte, para acabar no ponto donde se não podia subir mais: na vida ensinou a amar os inimigos; na morte ensinou a amar os inimigos, como amigos: *Ut animam ponat quis pro amicis suis.* Com esta mesma lição na bocca espirou o religiosissimo infante D. Duarte, não só guardando a Lei de Christo, mas passando além dos preceitos, e imitando-o nos maiores exemplos. De outros principes seja morrer, como verdadeiros christãos; no infante D. Duarte foi pouco morrer como christão, porque morreu como Christo: *Mortuus est.*

XI

Frater ejus.

Se tão grande nos tem parecido o infante nas considerações de morto, eu fico, que não nos pareça menor nas de irmão: *Frater ejus.* Ficou a natureza tão desacreditada nos primeiros dois irmãos que houve no mundo, e ainda tão viciada, que vem hoje a ser como raro, e quasi sobre a mesma natureza, merecer nome de bom irmão. José chama-se irmão de Benjamin sómente, e dos outros dez irmãos não se chama irmão; porque os outros dez eram meios irmãos no sangue, e nas obras nem meios irmãos eram. Mas irmãos, ou irmãos de meias, alguns se acham no mundo, ainda que poucos: irmão inteiro, e verdadeiro irmão, que no amôr e nas obras encha a significação deste

[1] Greg. Hom. 27 in Evang.

grande nome, foi tão raro nas edades antigas, que em toda a Historia Sagrada não ha um exemplo de irmão perfeito: na de nossos tempos, com admiração dos vindouros, haverá o do irmão d'El-rei de Portugal. Acho-me neste ponto com grande cabedal de eloquencia: porque tenho para todo elle palavras do mesmo serenissimo infante, dignas de immortal memoria. Naquelle processo, que referi, jura uma das principaes testemunhas, que sua alteza se queixára muito, por lhe haverem tirado seu confessor; e que lhe ouvira dizer e repetir duas vezes, que se estivera em Berberia, fôra muito melhor tratado, como o duque seu pae e senhor o havia sido. (O que agora se segue hei de repetir pelas mesmas palavras da testemunha, que é um tenente do castello: *Pero que estos trabajos, ò otros mayores, tenian de consuelo la causa porque los padecia, que era por el rei su hermano, por su casa y por su patria; y que si tuviera cien mil vidas, las perdiera de buena gana por tal causa; y que si nò teniamos otras armas, con que hazer guerra al rei su hermano, lo dava por bien empleado.* Atéqui o testemunho pelo qual, e por outros do mesmo processo, é declarado nelle o infante por digno de morte). Quem me dera agora saber ponderar dignamente todas aquellas palavras, que, ponderadas como suas, e como ditas dentro em um castello e a seus proprios inimigos, provam admiravelmente, quão irmão e quão verdadeiro irmão era sua alteza de sua magestade: *Frater ejus.*

Primeiramente, começando pelas ultimas, bem conhecia o infante que todos os rigores que nelle se executavam eram guerra que Castella fazia a El-rei seu irmão, e dava por bem empregado que descarregassem nelle todos os tiros. Com verdade dizia eu logo, que era muro de sua magestade o infante; mas agora vejo que era muro de diamante, em que o fino eguala o forte. O muro e o soldado defendem-se reciprocamente: o muro defende o soldado, e o soldado defende o muro: aqui não era assim, tudo era fineza, porque não havia correspondencia: sua magestade com as suas armas não podia defender o infante; e o infante tinha por bem empregado, que se empregassem nelle todas as de Castella, e sem ser defendido, ser muro. Naquella batalha dos montes de Gelboë, diz a Historia Sagrada que todos deixavam de atirar ao exercito, por atirar a

Saül: *Totum pondus prœli versum est ad Saul.* [1] Era Saül mais alto que todos do hombro para cima: *Ab humero, et sursum eminebat super omnem populum.* [2] Esta sua eminencia é a que chamava contra elle as settas de todos. Porque a eminencia do infante era tão avultada, e tão conhecida; e porque Castella entendera que só daquella eminencia lhe podia resistir Portugal, por isso empregava nelle todos os tiros; e era sua alteza tão bom irmão, que porque assim os divertia de nós, e de sua magestade, os dava por bem empregados. Eram os trabalhos, que sua alteza padecia na sua prisão, tão grandes como temos ponderado, e ainda tinha feito o animo a outras maiores; signal certo, como tambem discorriamos, que padecia o infante os que padecia, e padecia tambem os que imaginava: os que padecia eram os grandes; os que imaginava os maiores. Em trabalhos tão sem remedio, e em prisão tão fechada, parece que não ficava porta por onde pudesse entrar a consolação: mas entrou, porque entrou com o mesmo infante que a levava comsigo: tinha a consolação na causa, e a causa levava-a na alma. Oh principe verdadeiramente principe, verdadeiramente irmão, e verdadeiramente portuguez! Muito vos deve, senhor, El-rei vosso irmão, que é o nome de que tanto se gloria vossa alteza; muito vos deve todo o reino de Portugal pela vossa morte; muito mais pela causa: e sendo tanto o que padecestes por ella, muito mais vos devemos pela vossa consolação, que pelos vossos trabalhos. Por El-rei seu irmão, por sua casa e por sua patria, diz o grande infante, que padecia: a patria, a casa e o rei irmão, parecem tres causas, e não era mais que uma só, porque no irmão tinha a casa, e no rei a patria; assim que tudo padecia sua alteza como irmão: *Frater ejus.* Por esta causa, tão generosa e tão unicamente presada, diz sua alteza que daria de boa vontade cem mil vidas, se as tivera: e com ser este termo de fallar tão encarecido, ainda sua alteza fez mais do que disse: disse que daria cem mil vidas, se as tivera; e deu-as, sem as ter. Uma só tinha sua alteza; mas essa

---

1 *1.º Livr. dos Reis*, XXXI, 3.
2 *Ibid.*, IX, 2.

deu-a por aquella sua amada causa mais de cem mil vezes. No Capitulo 23 dos Proverbios diz Salomão estas notaveis palavras: *Quando sederis, ut comedas cum principe, diligenter attendè, quæ apposita sunt ante faciem tuam: et statue cultrum in gutture tuo, sciens, quia te oportet similia præparare.* [1] Assim se lê esta ultima clausula no Texto dos Setenta: Quando vos assentardes á meza com o principe, reparae com advertencia no que se vos põe diante, e ponde um cutelo na garganta, para que façaes outro tanto. Para intelligencia deste grande e escuro Texto, é necessario saber de que principe falla aqui Salomão, e de que meza, e de que iguarias. Santo Agostinho diz que o principe é o Rei dos reis, Christo; e a meza e iguarias o Santissimo Sacramento do altar; e neste sentido diz Salomão, que quem houver de fazer o mesmo que Christo fez naquelle Sacramento, que não tem outro meio senão pôr um cutelo na garganta. Só Salomão podia dizer, e só Santo Agostinho interpretar tão agudo pensamento. Ora notae, que ainda ambos hão mister ser bem explicados. O amôr de Christo para com os homens foi tão grande, que não se contentava com dar uma só vida por elles, mas desejou dar muitos milhares de vidas: e como a vida de Christo era uma só, buscou traça o seu amôr para dar a mesma vida muitas e muitas vezes, que foi o Sacramento e Sacrificio do altar, onde Christo, sem morrer, está morrendo sempre. Este foi o meio que Christo inventou para com uma só vida dar muitas vidas. E os homens podem tambem ter algum meio para fazer o mesmo? Sim, diz Salomão: tenham o cutelo sempre posto na garganta, e por este modo estarão tambem morrendo sempre sem morrer, e darão em uma só vida muitos milhares de vidas: *Statue cultrum in gutture tuo, quia te oportet similia præparare.* A verdade desta philosophia já a deixamos provada: a praxe della, diz Santo Agostinho, que a exercitaram os Martyres: *Hoc Martyres fecerunt:* mas tambem este exemplo de Santo Agostinho ha mister distincção. Entre os Martyres, uns houve que deram logo a vida ao primeiro golpe da espada do tyranno; e destes não se póde entender

[1] *Prov.*, XXIII, 1 e 2.

o Texto de Salomão, porque deram uma só vida: houve outros Martyres que não perderam a vida senão depois de muitos annos; mas em todos elles andaram por carceres, por prisões e por desterros, esperando todos os dias e todas as horas a morte, e trazendo sempre, como na garganta, o fio do cutelo do tyranno. Estes são os que foram similhantes ao Sacramento e Sacrificio do altar, morrendo muitas vezes, sem morrer, e dando em uma só vida muitos milhares de vidas. Diga-o S. Paulo, que foi um delles: *Ut quid et nos periclitamur omni hora. Quotidie morior per vestram gloriam fratres:* [1] Meus irmãos, diz S. Paulo, todos os dias morro por vossa gloria; e não morro uma só vez cada dia senão todas as horas, porque taes são os perigos em que a minha vida se vê cada hora: *Periclitamur omni hora.* S. Paulo, que isto dizia, teve annos de preso, e depois annos de livre; e nos de livre estava quando escreveu aos Corinthios. Com quanta razão podia logo affirmar o mesmo de si o infante, que, depois que uma vez cahiu nas mãos de seus inimigos, nunca mais se viu livre dellas? Podia-o dizer com a mesma, e ainda com maior razão; e se fallasse com suas magestades, podia-o dizer com as mesmas, e não com melhores palavras: *Quotidie morior per vestram gloriam fratres:* Todos os dias dou a vida por vosssa gloria, irmãos: porque vós subistes á gloria do throno, e da corôa, padeço eu a morte todos os dias: *Quotidie morior;* mas não a padeço uma só vez cada dia, senão todas as horas, porque os perigos e receios são de cada hora: *Periclitamur omni hora.* E se sua alteza naquelle seu contínuo e incruento sacrificio deu tantas vezes a vida, bem digo eu que fez mais do que disse; porque disse que se tivera cem mil vidas, as dera, e deu-as, sem as ter; não tinha o infante mais que uma vida, mas essa deu-a em nove annos todos os dias: *Quotidie;* e todas as horas: *Omni hora.* Contae as horas que o infante esteve na sua prisão, e achareis que foram muito perto de cem mil horas: cem mil vidas deu logo, como desejava, quem dava a vida em todas as horas: e mais de cem mil vidas deu, porque não a dava uma só vez em cada hora, senão em todos os momentos della.

---

[1] *1.ª Epist. ad Cor.*, XV, 30 e 31.

XII

E porque a este glorioso genero de martyrio não faltasse a confissão e protestação do nome porque sua alteza dava a vida, e tantas vidas, duas vezes diz a testemunha que o repetiu: *Por el rey su hermano; al rey su hermano.* Bem pudéra sua alteza accommodar-se á fortuna do tempo, e calar o nome de rei; e a politica vulgar parece que o aconselhava assim naquellas circumstancias: mas a verdadeira fé não tem duas linguagens: houve-se sua alteza no respeito da fé real e humana, com os primores da divina, e ainda parece que mais escrupulosamente: a fé divina tambem no silencio se guarda: raro é o caso em que seja necessario crêr e confessar: crêr, e não negar, basta. Não assim o valorosissimo infante: desconfiou do silencio, e teve por caso de menos fidelidade não apregoar a vozes o que tinha no coração. Arriscada linguagem era dizer dentro das terras d'El-rei Herodes: *Ubi est, qui natus est rex Judæorum?* [1] Comtudo, assim o disseram a publicas vozes os tres Reis do oriente: porque a verdade e generosidade de corações reaes não sabe calar o nome do Rei verdadeiro, ainda que seja a pesar d'outro rei, e com risco da propria vida. Perdoe-me a resolução valorosa dos que em Lisboa acclamaram a sua magestade, que só do infante D. Duarte se póde dizer devéras, que o acclamou. No Cenaculo todos os Discipulos confessaram a Christo, e offereceram as vidas: *Si oportuerit me mori tecum;* [2] no Horto, á vista dos soldados e da prisão, todos calaram: confessar o nome de Deus de Israël em Jérusalem, todos os que teem profissão de fieis o fazem; confessal-o no lago dos leões é acção só de Daniel. Bem conhecia sua alteza que cada lettra no nome d'El-rei seu irmão que pronunciava, era um novo voto que escrevia e firmava contra sua vida; mas como havia de reparar em dar uma vida, quem desejava ter cem mil para as dar todas por aquella causa? Oh raro

---

1 *Math*, II, 1.
2 *Ibid.*, XXVI, 35.

irmão! Oh rara e inaudita irmandade! Com razão se disse deste rei, e deste irmão: Não se sabe a irmandade, porque tal irmandade não se sabe.

E senão discorramos por todos os irmãos da Escriptura em materia de vida e de corôa, e vejamos se ha algum que pela corôa de seu irmão expuzesse, como sua alteza, a vida. O morgado de Isaac era a corôa, não só do primeiro, senão do segundo David, que Deus tinha promettido a Abrahão seu pae: e levava tão pouco gosto Jacob, de que esta corôa viesse á casa de seu irmão Esaü, que ainda antes de nascer lh'a procurou tirar por força, e depois lh'a tirou por engano. Ungiu Samuel por mandado de Deus a David em rei de Israël diante de seus irmãos: e Eliab, que era o maior delles, levou tão mal esta fortuna de David, que depois de o affrontar de palavra, o quiz tirar da guerra outra vez para as ovelhas, e lhe estorvou quanto pôde a victoria do Gigante, que foi o primeiro degráu por onde David subiu á corôa. Adonias era irmão maior de Salomão, e Salomão sendo irmão, e menor, estimou tão pouco, ou sentiu tanto, vêr a Adonias herdeiro da corôa de seu pae, que estando já quasi coroado, lha procurou por sua mãe tirar da cabeça, e depois lhe tirou a mesma cabeça, só porque a quizera pôr nella: longe estava de dar a vida pela corôa de seu irmão, quem primeiro lhe tirou a corôa e depois a vida. De sorte, que, irmãos maiores como Eliab, e menores como Salomão, e eguaes como Jacob, nenhum houve que estimasse vêr a corôa na cabeça de seus irmãos, mas nem ainda que o soffresse: e tão fóra estiveram de dar a vida por elles, que talvez lh'a tiraram. O maior caso de todos é o de Abimelech. Tinha Abimelech setenta irmãos, filhos do mesmo pae Jerobaal, os quaes todos lhe estavam diante para a herança: e porque nenhum delles tivesse a corôa de Israël, os matou a todos: *Occidit septuaginta fratres suos;* [1] por não soffrer a corôa na cabeça de um irmão, tira um irmão setenta vidas a setenta irmãos. Comparae agora estes irmãos, e esta irmandade, com aquelle raro irmão, que só por vêr a corôa na cabeça de seu irmão, e só por nomear a seu irmão rei, não só dera de boa vontade uma vida, mas cem mil vidas.

---

[1] *Jud.*, IX, 5.

Não fiquem de fóra os irmãos de José. José não sonhou que havia de ser rei, como verdadeiramente o não foi: os irmãos foram os que, interpretando o sonho, suspeitaram que a significação delle era, que José havia de ser rei: *Nunquid rex noster eris?* [1] Mas que effeitos causou este bom agoiro dos irmãos de José? Deram-se por ventura os parabens a si, e a seu pae, e a elle? Tão longe estiveram de estimarem a fortuna de seu irmão; tão longe estiveram de o ajudarem nella; tão longe estiveram de elles serem os que o acclamassem em rei, que, só porque não chegasse a esta corôa sonhada e suspeitada, o prenderam, o venderam, e lhe quizeram tirar a vida: *Ecce somniator venit, venite occidamus eum, et tunc apparebit, quid illi prosint somnia sua.* [2] Um só irmão houve que não concorreu para esta resolução, posto que não teve outra em contrario, que foi Benjamin; e posto que foi mais omissão que virtude, elle só se chama irmão de José: *Frater ejus.* Oh irmãos de José, oh Jacob, oh Salomão, oh Abimelech! Vós, que esquecidos das leis do natural amôr, fostes invejosos das glorias de vossos mesmos irmãos, e tão crueis com elles, vinde vêr vossos indignos corações e vossas obras á luz deste clarissimo espelho de verdadeira irmandade, e tirae eterna confusão e affronta, de que pudesse tão pouco com vossa ambição e inveja, não a lealdade, não a honra, não a razão, senão o sangue, senão a mesma natureza! E vós, Benjamin, e os que na bocca da fama tendes o nome de verdadeiros irmãos, vinde tambem a este novo exemplar de irmandade perfeita, e aqui notareis e aprendereis os defeitos que em vós não reprehendeu a antiguidade: aqui vereis quão livre de toda a inveja é o amôr, quão delgado o fio da honra, quão escrupulosa a fidelidade, e quão puros os respeitos do sangue, quão sagrado o nome de rei, e quão menos para estimar, que qualquer destas obrigações, a vida, e cem mil vidas.

---

[1] *Gen.*, XXXVII, 8.
[2] *Ibid.*, 19 e 20.

XIII

Et ipse remansit solus.

Ficou sua magestade só, porque perdeu um irmão unico; e ficou só, porque perdeu um irmão, que, ainda que tivera muitos outros, sempre com a sua falta ficaria muito só. Notavel caso é o do nosso Texto: *Et ipse remansit solus.* Falla-se aqui de José em respeito de Benjamin; e Benjamin naquelle tempo tinha dez irmãos vivos: pois se tinha dez irmãos, como diz Jacob que com a morte de José ficava só? Porque era tal irmão José, que ainda onde havia dez irmãos, fazia falta; ainda onde havia dez irmãos, causava soledade: a presença dos outros irmãos, com serem dez, se José faltava, não bastava para fazer companhia; a ausencia de José, com ser um só, ainda que estivessem presentes todos os outros irmãos, bastava para causar soledade. Não teve tantos irmãos sua magestade, em que fazer a comparação; mas era tal irmão sua alteza, que sempre elle entre todos fôra o José. Alfim, José era um irmão entre dez; e assim como o amôr de Benjamin estava repartido, tambem a perda teve partes. Sua alteza era um irmão unico, e como o amôr de sua magestade não tinha onde se dividir, nem a perda teve que deixar: Benjamin ficou só, mas só impropriamente, porque lhe ficaram dez irmãos com que acompanhar a soledade; a morte de sua alteza não deixou a sua magestade outro irmão com que acompanhar, nem consolar a soledade do que perdêra, e assim ficou verdadeiramente só: *Et ipse solus remansit.*

Verdadeiramente ficou sua magestade só, e não porque lhe faltem muitos e prudentes conselheiros, não porque lhe faltem muitos e valorosos soldados, não porque lhe faltem muitos e mui experimentados capitães, não porque lhe faltem muitos e mui leaes vassallos; mas ficou só, porque lhe faltou um irmão egual, e similhante a si mesmo em tudo, que só quem póde fazer companhia causa soledade. Investido Adão no senhorio universal do mundo, estava assistido e

servido de todos os viventes, os quaes, em quanto durou aquelle estado, entendiam ou percebiam seus mandatos, e os executavam promptamente. Tinha Adão nesta primeira republica por seu modo tudo quanto hoje podem ter os grandes principes: tinha valentes e esforçados, porque tinha leões e tigres; tinha prudentes e astutos, porque tinha serpentes e elephantes; tinha agudos e perspicazes, porque tinha aguias e linces; tinha fieis e zelosos até dar o sangue, porque tinha os pelicanos; tinha uns que lhe fallavam, outros que lhe cantavam, outros que o divertiam; tinha outros de outras propriedades maiores, se lhes não quizermos chamar virtudes: uns insignes na lealdade, outros na providencia, outros na pureza, na astucia; outros na piedade, outros na vigilancia, outros no continuo e incançavel trabalho, e todos em sujeição e obediencia. Todos estes vassallos ou criados, que assim lhes chama Tertulliano, tinha Adão naquelle seu primeiro estado; estando sempre servido e assistido de todos, diz a Escriptura que estava só: *Non est bonum hominem esse solum*. [1] Que não seja bom estar só, isso mesmo é o que estamos lamentando: mas que Adão naquelle tempo em que estava servido, e assistido, e obedecido de todos os viventes do mundo, estivesse só? Sim. A mesma Escriptura deu a razão: *Adæ verò non inveniebatur adjutor similis ejus*. [2] Entre todos esses viventes dos tres elementos, nenhum se achava que fosse similhante a Adão para o ajudar, porque todos eram de differente especie; e os que não são similhantes, os que são de differente especie, ainda que sejam muitos, e de boas partes, fazem numero, não fazem companhia. Adão estava só, porque não tinha quem o ajudasse; estava só, porque não tinha quem o acompanhasse: tinha muitos que o servissem, sim; mas uma coisa é servir, outra ajudar: só quem é similhante ajuda: os que não são similhantes servem: tinha muitos que o assistissem, sim; mas uma coisa é assistir, outra acompanhar: os que são de differente especie assistem: só quem é da mesma especie acompanha. De maneira que Adão, porque não

---

1 *Gen.*, II, 18.
2 *Ibid.*, 20.

tinha um similhante a si, e da mesma especie; porque não tinha um que fosse como elle, depois dizia, osso dos seus ossos, e carne da sua carne: *Non inveniebatur adjutor similis ejus;* estando tão assistido, estava só, sem quem o acompanhasse: *Non est bonum hominem esse solum.*

Poderá parecer dura a applicação deste passo; mas a quem não tiver entendido que os reis são de differente especie que os outros homens. No nascer e no morrer são os reis da mesma especie, e da mesma natureza que os outros homens; mas aquelle espaço, ou curto ou largo da vida, em que teem o sceptro nas mãos, são ainda mais que de differente especie. Não é dito este meu formado na ambição dos principes, nem inventado na adulação dos vassallos, senão pronunciado pela mesma Verdade divina, menos da qual eu o não allegára para prova de materia tão grande: *Ego dixi, Dii estis, et filii excelsi omnes, vos autem sicut homines moriemini.* [1] Vós, ó reis, na morte sois como os homens; antes da morte não sois homens, sois deuses: e para que ninguem duvide desta verdade de fé, eu sou o que o digo: *Ego dixi, Dii estis.* Notae muito: não diz que os reis são homens como deuses, senão, que são deuses como homens: *Dii estis, vos autem sicut homines.* De sorte que no rei, em quanto rei, a deidade é natureza, a humanidade é propriedade. O homem definido por Aristoteles é animal racional mortal; os reis definidos por Deus são deuses mortaes: *Dii estis, sicut homines moriemini.* Assim que na propriedade de morrer são similhantes os reis e os homens; no demais differem, como homem e Deus, que é a maior de todas as differenças; e como entre os reis e os vassallos, quaesquer que sejam, ha tanta differença, bem se deixa vêr quão só deixou a morte de sua alteza ao nosso monarcha, posto que tão servido e tão assistido de tantos: servido de muito grandes e fieis vassallos; mas só, e sem quem o ajude, porque morreu quem era seu similhante, que só o pudéra ajuntar: *Non inveniebatur similis:* assistido de muito grandes e fieis ministros; mas só, e sem quem o acompanhe, porque morreu quem era da sua especie ou gerarchia, que só o pu-

[1] *Psalm.* LXXXI, 6 e 7.

déra acompanhar: *Non est bonum hominem esse solum. Et ipse remansit solus.*

XIV

Ficou só sua magestade, sem quem o ajude, e sem quem o acompanhe; mas esta segunda soledade tem o reparo que tinha a de José, se bem em differentes e maiores gráus de sangue: a primeira não tem nenhum reparo; porque para ajudar a sua magestade era sua alteza singular, e sem similhante; porque só era similhante a quem havia de ajudar: *Adjutor similis ejus.* Por mais que um rei, ou pretenda ou affecte, ser elle só o Atlante que sustente o pezo da monarchia; assim como o mesmo Atlante se houve de ajudar dos hombros de Hercules, é força que tenha o rei junto a si quem o ajude, e quem o descance, e em quem descance. Creou Deus, povoou e ordenou o governo do mundo em seis dias continuos; e ao dia setimo, diz o Texto sagrado, que descançou: *Requievit die septimo.* [1] E' certo, ainda em razão natural, que Deus ao dia setimo não deixou de obrar no mundo, como nem hoje desiste da mesma obra: *Usque modo operatur.* [2] Pois se Deus no dia setimo, e d'ahi por diante, obrou na conservação do mundo, como até alli tinha obrado na creação delle, porque diz o Texto que descançou Deus: *Requievit die septimo?* A razão é, porque até áquelle dia obrou Deus só por si mesmo, e d'alli por diante obrou juntamente com as causas segundas: e obrar a causa primeira junto com a causa segunda é descançar. Se Deus não chega a obrar só sete dias; e se Deus tem causas segundas com que obra e em quem descança; os deuses, que são mortaes e passiveis, como hão de imaginar que podem sós, o que Deus fez acompanhado? Em supposição, pois, que é força ter uma causa segunda que ajude, e em quem descance a primeira, que causa segunda, como um irmão segundo, e tão sem segundo?

---

[1] *Gen.*, II, 2.
[2] *Joan.*, V, 17.

Ajudava-se Moysés de seu irmão Arão; e era tão irmão e tão conforme o mesmo governo, que a vara de Moysés, que era o sceptro, umas vezes se chama vara de Moysés e outras vara de Arão. Libertaram ambos felizmente o povo de Israël, e conservaram a felicidade da empreza em tempos tão trabalhosos, e tão difficultosos como os quarenta annos do deserto; e fallando desta acção a Escriptura, diz assim: *Deduxisti sicut oves populum tuum in manu Moysi, et Aaron:* [1] Guiastes, Senhor, o vosso povo, como um rebanho de ovelhas, pela mão de Moysés e Arão. Notae aqui duas coisas: a primeira, que se chamem ovelhas as doze tribus de Israël no tempo deste governo. A tribu de Judá chama-se na mesma Escriptura leão: a de Ruben, serpente: a de Nephtali, lobo; e assim estas tres, como todas doze, constavam de seis centos mil homens de armas, bellicosos e vencedores: e comtudo, diz o Texto, que foram governadas, como um rebanho de ovelhas, pela mão de Moysés e Arão; porque quando dois irmãos se ajudam, quando dois irmãos se dão a mão, ninguem ha que se atreva, ninguem ha que não se sujeite; nem a serpente levanta o collo, nem o leão encrespa a juba, nem o lobo mostra o dente: o lobo, a serpente e o leão todos são ovelhas: *Deduxisti populum tuum sicut oves.* A outra coisa é, que a mão de Moysés e Arão não se chamam duas, senão uma só mão: *In manu Moysi, et Aaron.* Porque a mão do rei e a mão da pessoa de quem o rei se ajuda, ha de ser uma mão indivisivel, uma só e a mesma: só na subordinação ha de haver a differença: ha de ser mão de Moysés e Arão, e não mão de Arão e de Moysés: Moysés primeiro, Arão segundo: mas uma só mão a de ambos: e tanta mão não é bem que a tenha o criado: só irmão póde ter tanta mão: *In manu Moysi et Aaron.*

Frater, qui adjuvatur à fratre, quasi urbs munita, diz Salomão nos Proverbios: [2] Um irmão ajudado de outro irmão é uma cidade murada. A differença que faz uma cidade murada ou sem muros, é a que ha de um irmão com outro irmão, ou sem elle. Uma cidade

---

1 *Psalm.* LXXVI, 21.
2 *Prov.,* XVIII, 19.

murada é a defeza dos naturaes, é o respeito dos estranhos, é o terror dos inimigos: a mesma cidade sem muros, nem aos naturaes dá segurança, nem dos estranhos se faz respeitar, nem dos inimigos temer. Tal é, diz o Espirito Santo, um irmão com outro irmão, ou sem elle: irmão com irmão é cidade murada; irmão sem irmão é cidade sem muros. Ah, senhor, que vêmos por terra os fortes muros em que a corôa de vossa magestade havia de ter a mais firme e a mais segura defeza! Quando a Marcello lhe chegaram as novas da morte de Scipião Africano, sahiu de casa exclamando: *Concurrite, concurrite cives, mœnia urbis vestræ eversa sunt:* Acudi, acudi romanos, que cahiram os muros de Roma. Que direi eu com tanta occasião? Chorae, chorae portuguezes, que cahiram os muros de Portugal. Cahiram os muros da nossa patria, como os muros de Jericó: cercaram os Israelitas a cidade de Jericó, e sem baterem, nem applicarem instrumentos militares aos muros, ao setimo dia cahiram por si mesmos. O' muro fortissimo de Portugal, hoje lamentavel ruina! Não vimos applicar instrumentos de violencia á vossa vida, mas dentro em sete dias cahistes por terra. Aquella foi a primeira victoria que os Israelitas alcançaram da Terra de Promissão; e esta é a primeira victoria que os castelhanos, tantas vezes vencidos, alcançaram de Portugal: não entraram, nem entrarão nunca no reino, mas já nos arrazaram os muros. Caso é muito de notar, que nestes mesmos nove annos, em que tantos rigores se executavam no infante, empenhasse Castella tanta arte e tanto poder contra Portugal, e contra a pessoa de sua magestade, e que sempre se frustrassem seus intentos; mas é que estava Portugal murado por fóra (e tão por fóra), e todos os golpes de Castella descarregaram nos muros: cá se tiravam as balas, e em Milão se empregavam os tiros: ainda assim distante, assim cercado, assim sitiado e atalayado de sentinellas, era o nosso infante o nosso muro: e se quando este irmão parece que não ajudava, nem podia ajudar ao irmão, era muro tão firme seu, e lhe rebatia e recebia em si os golpes, que seria se chegasse a o assistir de mais perto? E que bem defendida teria sua magestade a corôa sobre a cabeça, se tivesse um tal muro diante do peito? *Frater, qui adjuvatur à fratre, quasi urbs munita.*

Elegeu Deus a Moysés por cabeça e restaurador do povo de Israël, e deu-lhe por adjunto a seu irmão Arão. O que eu agora reparo, e me parece digno de grande ponderação, é o titulo e o sceptro que Deus deu a este seu libertador. O titulo que Deus deu a Moysés, não foi de rei, senão de Deus de Pharaö: *Constitui te Deum Pharaonis;* [1] o sceptro que lhe deu, foi aquella vara maravilhosa em que delegou Deus as vezes de seu infinito poder. Pois se a Moysés (vêde se infiro bem), se a um principe que tem por titulo a divindade, e por sceptro a omnipotencia, põe Deus ao lado um irmão, para que o ajude, quando o fez restaurador de um povo; que grande falta fará um irmão, e tal irmão, como o infante D. Duarte, a um rei cujo titulo ainda que dado por Deus, é humano, e cujo sceptro, ainda que confirmado com tantos milagres, não é omnipotente? Não ha duvida que com a falta de tal irmão ficará muito mais alentada a emulação de nossos inimigos, e muito mais animadas suas armas, e suas esperanças. Assim lhe aconteceu a Moysés com a morte de seu irmão. Chega finalmente Moysés ao monte Or, morre alli Arão: e tendo noticia El-rei Arad, que os filhos de Israël se avisinhavam ás terras de Canaan, tomou logo as armas para lhes impedir o passo. Pois donde nasceu este animo aos Cananeus; donde concebeu esta ousadia El-rei Arad? Deu a razão Lyrano, como tão douto nas tradições dos Hebreus: *Audivitque chananæus, scilicet, mortem Aaron, et adventum filiorum Israel, et ex morte Aaron, quæ acciderat, fuit audacior ad invadendum filios Israel.* [2] Chegou a El-rei Arad a nova de que era morto Arão, e esta noticia da morte de Arão resuscitou os animos dos Cananeus, e foi a que accrescentou a ousadia ao rei Arad, para que respeitasse menos o poder de Moysés, e intentasse o que até alli se não atrevera. Tão depressa, e em materia tão importante, experimentou Moysés quanto tinha em seu irmão Arão, quanto perdera na sua morte, e quanta falta lhe fazia seu nome e sua presença. Mas quem era Arão? Era por ventura o general do exercito de Moysés? Era algum soldado

---

[1] *Exod.*, VII, 1.
[2] *Num.*, XXXIII, 40. Lyr. hic.

de grande fama e experiencia? Não. Era um homem ecclesiastico, que vestia umas roupas largas, e nunca tomara espada na mão. Oh grande argumento da nossa perda! Se a morte de Arão, se a morte de um irmão, que só podia ajudar a seu irmão com o conselho, fez tanta falta a Moysés, ainda no respeito de suas armas para com os estrangeiros, que differente peso e preço será o da perda de irmão de tanto valor, de tanto juizo, de tanta auctoridade, de tanta experiencia, e, sobre tudo, de tanta opinião, que é a que mais que as armas defende e conserva as monarchias? Tanto nos levou a morte em tirar a sua magestade um tal irmão: *Frater ejus mortuus est;* e tantas razões nos deixou de sentirmos a nossa, e muito mais a sua soledade: ***Et ipse remansit solus.***.

XV

Resta o terceiro e ultimo ponto, que é a consolação dos vivos: e dividindo-a conforme os tres respeitos com que ponderámos a dôr, digo, que nem da parte do infante nos deve desconsolar a morte, nem da parte d'El-rei a soledade, nem da nossa parte a perda; porque a morte foi descanço, a perda interesse, a soledade ha de ser companhia. Foi a morte para sua alteza descanço: e que bem figurado o temos no caso de José! José faziam-lhe as exequias, e choravam-no em Palestina; e no mesmo tempo estava elle reinando no Egypto com a maior grandeza e gloria a que subiu jámais a felicidade humana: o affecto com que se choravam as lagrimas, era verdadeiro; mas a causa porque se choravam, era falsa: porque se chorava como morto o que era vivo, e como infeliz, o que era ditoso. Para nos consolarmos no descanço de sua alteza, não é necessario recorrer ao que gosa, basta considerar o que deixou de padecer. Como vivia sua alteza? Desterrado da patria e preso. A ausencia é meia morte, o carcere é meia sepultura: e nove annos havia que sua alteza estava meio morto e meio sepultado. Se desta começada morte, se desta começada sepultura houvera esperanças que havia de resuscitar, razão tinhamos de consolar-nos; mas sendo certo,

como mostrou a experiencia, que o animo de nossos inimigos era, ou tirar-lhe a vida, ou perpetuar-lhe a morte, allivio foi seu, e o deve ser nosso, que acabasse de morrer, para que acabasse de penar. E' tanto isto assim, que me parece tiveram sido mais bem considerados os nossos lutos, se os puzeramos com a nova da sua prisão e os tiraramos com a da sua morte. Pregaram a Christo na cruz ao meio dia, e eclipsou-se o sol: morreu Christo ás tres horas da tarde; e em o mesmo ponto no céu acabou-se o eclipse; e na terra começaram as pedras a quebrar-se, os montes a tremer, os monumentos a se abrir. E' certo que assim as demonstrações da terra, como as do céu, foram sentimentos por amôr de Christo. Pois se o céu acaba o seu sentimento no ponto em que Christo morre, como a terra pelo contrario começa o seu sentimento tambem no ponto em que Christo morre ? O mesmo ponto da morte de Christo ha de ser fim do sentimento do céu e principio do sentimento da terra ? Sim, que cada um sente como entende. Christo na morte acabou o seu tormento, e começou o seu descanço; e começar-se o sentimento dos vivos, quando começa o descanço dos mortos, é grosseria da terra mal considerada: porém o céu, como mais entendido, não faz assim; poz os seus lutos, quando Christo começa a padecer, e tirou-os quando acabou de penar: conformemo-nos com o céu. Quando principiou a prisão de sua alteza, então deviamos sentir o seu trabalho; agora que o acabou a morte, devemo-nos consolar com o seu descanço. Sentil-o então, era sentir mais a sua pena; sentil-o agora, parece que é sentir mais a nossa perda.

Mas ainda que seja assim, nessa mesma perda temos egual razão de nos consolar; porque se foi grande para o sentimento, foi necessaria para o remedio: perdendo a sua assistencia, ganhámos o seu patrocinio. Em Milão, como estava ausente e preso, não nos podia acudir; no céu, como está livre e poderoso, póde-nos patrocinar. Jacob chorava muito a imaginada morte de José, e nesta perda, que tinha pela maior de sua casa, consistiu o remedio e conservação della: tão admiraveis são as traças da Providencia Divina ! Naquella calamidade, em que todos pereciam, perecêra tambem a casa de Jacob, se não tivera a José no

Egypto, que foi o seu remedio, e o seu sustento. De maneira, que foi necessario que a casa de Jacob perdesse a José, para que ella se não perdesse. O mesmo digo neste nosso caso. A calamidade não póde faltar; mas ter ao nosso infante no céu, é ter a José no Egypto: a perda foi grande, mas era necessaria esta perda para nossa conservação: atégora podia estar duvidosa, de hoje por diante eu a tenho por segura, e dou a razão. A conservação de Portugal tem dois perigos, ou dois contrarios: por fóra nossos inimigos, por dentro nossos peccados; e para ambos estes contrarios nos deixou defendidos o nosso infante: para expiação dos peccados com o sacrificio de sua morte; para a victoria dos inimigos com a vingança da sua innocencia. Permittir Deus a morte.....do nosso infante, grande argumento é de querer conservar Portugal; e acceitou aquelle sacrificio em satisfação de nossos peccados. Assim o considerou Santo Ambrosio na morte de Valentiniano, comparando-a nesta parte com a de Christo: *Occidit pro omnibus, quos diligebat, pro quo amici sui parum putabant, si omnes perirent.* [1] Morreu por todos, aquelle por quem todos dariam a vida. Esta foi a razão porque Deus quiz que o nosso infante fosse o sacrificio, porque era bem tocasse a todos a dôr, pois a todos havia de abranger o remedio: onde estavam todos os corações, alli quiz que se fizesse o sacrificio; elle foi o morto, e todos os sacrificados.

Tal foi o sacrificio da sua morte. Da vingança da sua innocencia só se poderá duvidar, porque sua alteza como tão religioso, perdoou na morte a todos, e não só lhes perdoou os aggravos, mas ainda o nome de inimigos. Assim foi; mas a vingança que não pediu vivo, é certo que pede morto: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra:* [2] O sangue de vosso irmão está pedindo vingança da terra. Depois que esteve na terra, então pediu vingança: em quanto o sangue esteve nas veias, governado daquella alma generosa, pedia perdão; depois que esteve fóra das veias, depois que esteve na terra, deixado a seu alvedrio, pediu vin-

---

1 Ambros. tom. 5 pag. 89 in obit. Valent.
2 *Gen.*, IV, 10.

gança. Assim ha de ser, e não póde faltar. Não quiz Castella ter contra si um infante vivo, e terá contra si um innocente morto: não quiz ter contra si um braço mortal armado, e terá contra si um braço immortal vingativo. Aquelles máus lavradores do Evangelho diziam: *Hic est hæres, venite, occidamus eum, et habebimus hæreditatem:* [1] Este é o herdeiro, matemol-o, e ficaremos senhores da herdade. Os nossos emulos ainda fizeram peor: para se fazerem senhores da herdade, mataram o que não era herdeiro; mas ha-lhes succeder como aos outros. Santo Agostinho: *Ut possiderent, occiderunt; et quia occiderunt, non possiderunt:* Mataram o innocente para possuir a herdade; e não possuiram a herdade, porque mataram o innocente. Vêde se temos com que consolar a perda.

XVI

E sua magestade com que ha de consolar a soledade: *Et ipse remansit solus?* Ha de consolar a soledade com a companhia: com a companhia que ha de ter do céu, e com a companhia que lhe ficou na terra. Foi tão grande homem José, que póde testar de Deus: *Post mortem meam Deus visitabit vos.* [2] Irmãos meus, não vos desconsoleis com minha morte; porque quando eu me ausentar de vós, Deus virá estar comvosco. Ditosa soledade, que se substitue com tal companhia! Só a companhia de Deus podia substituir a soledade do nosso José: não o digo só por accommodação; mas prometto que ha de ser assim, porque assim o tem Deus promettido: *Et in ipsa attenuata, ego respiciam, et videbo.* Prometteu Deus a El-rei D. Affonso Henriques, que quando a sua decima sexta geração estivesse attenuada, elle poria nella os olhos de misericordia. Ainda isto se não entendeu até agora. A decima sexta geração eram os filhos do serenissimo duque D. Theodosio; a linha desta geração era composta de tres fios: sua magestade, que Deus guarde, o se-

[1] *Math.*, XXI, 38.
[2] *Gen.*, L, 23.

nhor infante, e o senhor D. Alexandre. Morreu o senhor D. Alexandre, quebrou-se um fio; morreu o senhor infante, quebrou-se outro fio. Já temos a linha da geração só por um fio; e esse, segundo as leis da natureza, o mais delgado, que é o fio mais velho; e é chegado o tempo de Deus abrir os olhos de sua misericordia: *Post mortem meam Deus visitabit vos.* E' notem os Doutos, que segundo a phrase da Escriptura, o mesmo é *Visitare*, que *Respicere*, *et videre.* Disse Anna a Deus: *Si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ.* [1] Ouviu-a Deus, e diz o Texto: *Visitavit Dominus Anam. Post mortem meam Deus visitabit vos. Ego respiciam, et videbo.* [2]

E não só Deus ha de acompanhar a sua magestade mas o mesmo infante D. Duarte, se a necessidade o pedir, ha de descer do céu a assistir ao lado d'El-rei seu irmão, que assim o costumam fazer os principes portuguezes, ainda depois de mortos. No dia em que os portuguezes tomaram Ceuta, appareceram no côro de Santa Cruz de Coimbra El-rei D. Affonso Henriques, e El-rei D. Sancho I, que alimpando as espadas, se iam recolhendo para as suas sepulturas, e declararam que vinham de acompanhar a El-rei D. João o I, e ao principe D. Duarte na conquista daquella cidade. Diz S. Gregorio Nisseno, que o Anjo da guarda faz officio de irmão: *Frater quodam ministerio hominis angelus est.* A Judas Macchabeu acompanhava-o nas batalhas armado o seu Anjo, como se fôra seu irmão; a sua magestade ha-o de acompanhar armado nas batalhas seu irmão, como se fôra seu Anjo. Das palavras de Caïn ha de formar a sua empreza o nosso Abel: *Custos fratris mei sum ego:* [3] Eu sou o Custodio de meu irmão. Atégora tinha sua magestade dois Anjos da guarda, d'aqui por diante ha de ter tres: um em quanto homem, outro em quanto rei, outro em quanto irmão: *Custos fratris mei sum ego.* Diga embora Jacob de Benjamin: *Et ipse remansit solus*, que sua magestade, ainda que visivelmente sinta os affectos da soledade, invisivelmente ha de experimentar os effei-

1 *1.º Livr. dos Reis*, I, 11.
2 *Ibid.*, II, 21
3 *Genes.*, IV, 9.

tos da companhia. Esta é a companhia do céu: a da terra, é a que sua magestade tem ao lado do principe, que Deus guarde muitos annos. Parece que dilatou o infante a sua morte até o vêr naquella edade, como se dissera: Já agora não sou necessario. Só em um tão grande sobrinho se podia substituir um tão grande tio; e o logar de um tal Heitor só o podia encher um tal Ascanio: parece-me que o estou ouvindo desde aquelle tumulo dizer a sua alteza: *Disce puer virtutem ex me, verumque laborem, Fortunam ex aliis.* [1] Duas coisas pretendeu Castella: a primeira, por meio da traição que vimos, que sua magestade não ficasse: *Et ipse remansit;* a segunda, por meio da morte de sua alteza, que ao menos ficasse só: *Et ipse remansit solus.* Mas succedeu-lhe tanto pelo contrario, que Castella é a que deve lamentar a sua soledade: *Quomodo sedet sola?* [2] Hoje faz nove annos havia em Castella cinco pessoas reaes, e em Portugal outras cinco; hoje em Castella ha duas, e em Portugal sete. Oh que grande argumento da estabilidade de Portugal, e da ruina de Castella! Que Samsão, lançando os braços a duas columnas do templo dos Philisteus, as derrubasse, grande fortaleza foi; mas que derrubadas só duas columnas, viesse todo o templo a terra, como se póde isto entender? A razão é porque as abobadas de todo o templo vinham a se rematar no meio, e descançava sobre aquellas duas columnas o edificio: e edificio que está fundado só em duas columnas, basta um homem para o derrubar. Este é o estado em que está Castella; porém Portugal está firmissimo, porque está fundado sobre tantas columnas. Quiz a Sabedoria Divina fundar uma casa que fosse eterna; e que fez? Fundou-a sobre sete columnas: *Sapientia ædificavit sibi domum, excidit columnas septem.* [3] A casa que Deus fundou para si, é a casa de Portugal: *Imperium mihi stabilire;* e tem-no fundado hoje sobre sete columnas.

.....

[1] *Virgil.*
[2] *Jerem. Thren.*, I, 1.
[3] *Prov.*, IX, 1.

Este sermão é dos que se encontraram entre os manuscriptos do Auctor depois de sua morte, e sahiu publicado pelo Padre André de Barros. Estava todo em papeis soltos, e do restante apenas se achou o final, que é como se segue:—

Em fim, serenissimo infante D. Duarte, no céu estaes já; acabaram-se as nossas esperanças, e lograram-se, senhor, as vossas. Muito sentimos, principe grande, que Deus vos não fizesse para nós; mas consolamo-nos, com que vos fez para si. Já se acabou o desterro, gozae a patria; já se acabaram os trabalhos, gozae a corôa. Oh quanto gozareis os amores de Deus no céu, pois lhe soubestes dar ciumes na terra! Os homens vos temeram vivo, credito é do novo estado, que vos temam immortal: não vos lembreis de que vos apressaram a gloria, lembrae-vos de que vos tiraram a vida: se lhes perdoastes as vossas injurias, reparae, senhor, que não lhes podeis perdoar as nossas. Offerecei por nós o sacrificio de vosso sangue, e se se calar, como vosso, permitti-lhe que clame como innocente. Justiça, infante D. Duarte, justiça, principe de Portugal, justiça. Com estas vozes acabo, porque estas são as da patria, que vos ama: mostrae-lhe do céu quanto a amaes: experimente a terra quanto podeis: a que vos matou, na justiça, a que eternamente vos amará, na graça, etc.

SERMÃO

DAS

EXEQUIAS DO SERENISSIMO PRINCIPE DE PORTUGAL D. THEODOSIO

DE SAUDOSA MEMORIA

Prégado no Collegio da Companhia de Jesus de S. Luiz do Maranhão *

Dominus dedit, Dominus abstulit, sicut Domino placuit, ita factum est, sit nomen Domini benedictum. [1]

Hoje, principe Theodosio (não vos nomeio com apparatos de titulos magestosos, porque esse nome simplesmente pronunciado, é para mim, e será sempre para todos os que vos conheceram, o maior titulo, o maior elogio, a maior veneração e grandeza). Um

---

* Este pathetico e eloquente Sermão é um perfeito modelo n'este genero d'oratoria, commenta Honorati. Este Sermão é dos que se encontraram no cubiculo do padre Vieira depois da sua morte, junto com outros papeis, que por ordem regia foram mandados recolher a Lisboa, onde se imprimiram com o titulo;—"*Vozes saudosas do padre Antonio Vieira*".

Infelizmente estava apenas em apontamentos, faltando-lhe o muito que o Auctor deixava para desenvolver no pulpito. Qual fosse a extensão desta oração póde vêr-se do seguinte trecho de uma carta de Vieira ao bispo do Japão:

"Préguei as exequias do principe D. Theodosio, fazendo-lhe nesta casa um officio anniversario, que o estado e republica lhe não tinham feito. No Pará se fizeram exequias publicas; mas nem a mim, nem a nenhum da Companhia convidaram para o sermão. O meu sahiu tão grande, que faço conta de fazer delle sete ou oito: então os mandarei a suas magestades para que escolham o que menos lhes descontentar".

[1] *Job.*, I, 21.

anno faz hoje que o céu que vos tinha dado ao mundo, vos tornou a levar, e que deixastes em tanta tristeza e desolação o reino e os vassallos, para que nascestes. Digo que faz hoje um anno, porque assim o contam os que medem pelo tempo; mas para vós no céu, que medis os annos pela eternidade, e para nós na terra, que o medimos pela dôr, nem lá fazem numero, nem cá o tem. Oh que breve anno! Oh que dilatado anno! Que breve para a vossa gloria, que dilatado para as nossas saudades; julgae se é bastante a causa da differença: vós com Deus, e nós sem vós. Geraes são estas razões, senhor, em todos os vassallos que vos perderam; mas em nós, que choramos vossa morte de tão longe, ainda tem mais fortes circumstancias a nossa dôr, porque levamos a perda sobre a distancia. Que mal philosopharam da dôr e do amôr, os que lhe deram por defensivo a ausencia! Quem armou o amôr com arco e não com espada, quiz dizer que na distancia seria mais; o amôr não é união de logares, senão de corações; a dôr na presença reparte-se entre os sentidos, na ausencia recebe-se só na alma, e toda é alma; a dôr na presença tem o assistir, tem o servir, tem o vêr, tem a mesma presença por allivio; a dôr na ausencia toda é dôr. Os que estavam em Portugal á vista da vossa morte, principe meu, foram bebendo a sua parte a tragos, nós levamol-a de um golpe toda; para os de lá em um dia lhes adoecestes, em outro lhes peorastes, em outro os desconfiastes, em outro os deixastes; para nós não foi assim. A enfermidade, a peoria, a desconfiança, a morte, tudo foi n'um momento. Mas se por todas estas causas teve maiores circumstancias de dôr a dos vassallos desta Conquista, qual seria em particular a daquelles, cujo amôr era egual ás obrigações, e cujas obrigações por tantos titulos eram tanto maiores que as de vassallos? A todas as Religiões amava e estimava muito o nosso principe como tão pio; mas á Companhia de Jesus, sem fallar com encarecimento, mais que a todas. Se em alguma coisa se póde advertir excesso nos affectos daquelle animo tão egual e moderado em todos, era só este; e para que mais lhe devessemos, dizia que não era affecto, senão razão. Como o principe era tão favorecedor das lettras e da virtude, parecia-lhe que em ambas estas qualidades tinha muito que favorecer na

Companhia. Muitos exemplos pudera allegar de que fui testemunha; mas como são exemplos de comparação não quero offender com elles a modestia de uma Religião, que por se não comparar com nenhuma outra, e por reconhecer vantagens em todas desde seus principios, se chamou a Minima. Este foi o nome que lhe deu Santo Ignacio: *A Minima Companhia de Jesus*. Com os Religiosos da Companhia se confessava sua alteza; aos Religiosos da Companhia consultava; pelos livros dos Religiosos da Companhia lia; e se entre os menores ou maiores cuidados do estado ou de governo, havia de tomar uma hora de recreação, com os Religiosos da Companhia a tomava. Muito perderam os Religiosos da Companhia no principe D. Theodosio: mas nós os desta missão do Maranhão muito mais que todos. Como eramos instrumento dedicado mais de perto á conversão das almas, que sua alteza tanto zelava, vinhamos a ter no coração do principe o logar que este mesmo zelo tinha nelle. Eu em particular posso affirmar de mim que ao zelo que sua alteza tinha das almas, devo todo o bem que tenho, e é todo o que podia ter que é ser (posto que tão indigno) um dos missionarios desta missão. A vosso zelo a á vossa auctoridade devo, senhor, a vinda; mas a nova da vossa morte me tirou todo o merecimento della. Vir ao Maranhão quando vós ficaveis em Portugal, foi sacrificio; mas viver tão longe de Portugal quando vós já lá não estaes, antes é commodidade que merecimento. Em memoria e agradecimento deste antigo favor, vos fazemos hoje, principe Theodosio, estes officios anniversarios. Os apparatos exteriores não são como se nós os fizessemos, mas como se vós os mandareis fazer; mais parecidos são á nossa pobreza, mas muito mais á vossa modestia, e, o que poucas vezes se póde affirmar de principes, á vossa humildade. Mandou o principe no seu testamento, que em Estremoz, no logar onde morreu a Rainha Santa, se lhe edificasse um templo; e que em Coimbra, ao pé do sepulchro da mesma rainha, fosse enterrado seu corpo em uma sepultura rasa. Ah soberba e váidade humana! Quantos principes perpetuaram sua soberba depois da morte, na magestade e grandeza vã de portentosos sepulchros: acabou-se-lhe a vida porque se desfez em cinzas; mas a soberba não

acabou porque se perpetuou em marmores. Quantos annos ha que morreram os reis do Egypto, e a sua soberba ainda dura nas pyramides e obeliscos de seus sepulchros. Não assim o nosso principe: não deixou legados á vaidade na morte, porque não a conheceu na vida, em uma sepultura rasa se mandou enterrar; e se os cenotaphios merecem nome de sepultura, bem cumprida temos a manda de seu testamento, e bem desculpada a falta de maiores apparatos. Sepultura rasa e tão rasa, e senão aos pés da Rainha Santa, aos pés da Rainha Santissima.

Virgem Senhora, manda-nos o cerimonial, que vos não peçamos hoje a graça, e nunca eu a houve mister mais que hoje; mas foi tão devoto servo vosso aquelle glorioso espirito de quem hoje havemos de fallar, que sem vos offerecermos a costumada Ave Maria, confio nos haveis de dar a Graça de graça.

I

Dominus dedit, Dominus abstulit, sicut Domino placuit, ita factum est, sit nomen Domini benedictum.

Na causa do maior sentimento, e no sentimento em que maior conformidade teve com a vontade de Deus, disse estas palavras Job, e as accommodei ao sentimento presente, e á conformidade que nelle devemos ter com a vontade divina; mas quando venho a applicar o remedio ao mal; quando venho a applicar as sentenças de Job ao nosso caso, acho que nem ao sentimento, nem á conformidade nos servem. Ao sentimento não, porque tem na morte do nosso principe maior causa a nossa dôr; á conformidade não, porque tem na vida do nosso principe maior exemplo a nossa paciencia. Oh grande infelicidade a nossa! Oh grande virtude a do nosso principe! Grande infelicidade a nossa, porque em materia de sentimento excedemos a Job nas causas; grande virtude a do nosso principe, pois em materia de conformidade excede a Job nos exemplos. Suppostas estas verdades, que o discurso nos irá mostrando, menos nos servirão as palavras de Job do que eu imaginava quando as es-

colhi. Servir-nos-hão só de fundamento ao que havemos de dizer, e não de exemplo ao que havemos de ponderar. Até á vida e á morte do nosso principe era Job o maior exemplo da dôr e da conformidade com Deus; depois da sua vida será elle o maior exemplo da conformidade; depois da sua morte seria bem que nós fossemos o maior exemplo da dôr.

§

O certo é que Deus sabe as conjuncções, em que convém a cada um morrer: os homens neste mundo são como os pomos, colhe-os Deus quando estão mais sazonados. O fructo, quando está maduro, se se não colhe, cáe e apodrece. Não está a felicidade em viver muito, senão em viver bem. Caso notavel é que não digam os Evangelistas de que annos morreu Christo: todos se occuparam em dizer as suas obras, e nenhum em lhe contar os annos; porque não está a coisa em viver muito, senão em viver bem: viver pouco não importa nada; viver bem é o que importa. Se Deus a seu proprio filho não deu larga vida, que muito ao nosso principe a não désse?

Mas não é este o meu pensamento. Digo que sim teve o nosso principe, e que não o levou Deus moço, como cuidamos, senão muito bem logrado.

Para intelligencia desta verdade havemos de suppor, primeiramente, que as edades do homem são sete. Infancia, etc.

A segunda coisa que havemos de suppôr é que alguns homens não tomam esta edade pelo principio. Adão foi homem, sem nunca ser menino; não começou a vida pela edade da infancia, da puericia, da adolescencia, senão pela de varão perfeito. O mesmo aconteceu a Christo: *In laboribus à juventute mea.* [1] Como se Christo desde o Presepio, ou quando menos desde o desterro de Herodes, que era da edade de quarenta dias, começasse a ter trabalhos. Porque essa differença houve entre Christo e os outros homens; que os outros começam a vida pela edade de meninos, Christo pela edade de homem: para os outros a infancia é

1 *Psalm.* LXXXVII, 16.

infancia, para Christo a infancia foi juventude: *In laboribus à juventute mea.* D'aqui se seguiu, que Christo morrendo de trinta e tres annos, morreu muito velho: *Et antiquus dierum sedit... et capilli ejus quasi lana munda;* [1] porque quem de quarenta dias é mancebo: *A juventute mea*, de trinta e tres annos é mui velho.

Isto mesmo digo do nosso principe. Muitas vezes lhe ouvi dizer, que dos dezoito até os vinte annos tinha a sua vida o perigo; mas não morreu por isso moço.

Demos a sua alteza, que a sua infancia fosse infancia; a sua puericia não foi puericia, a sua adolescencia não foi adolescencia, anticipou as edades de maneira, que na puericia foi homem, na adolescencia foi velho. Aconteceu-lhe ao principe nas edades, o que aos grandes engenhos nas escolas. Os grandes engenhos saltam tres e quatro classes; sua alteza saltou da infancia á edade de varão, e da puericia á edade de velho. Ora vêde quão homem e quão velho era o nosso principe nesta edade.

Em doze annos. § (A historia de D. Pedro) Deixae, não os quero conhecer pelas gerações; conhecel-os-hei pelas obras. § Era menino quem dizia isto? Se houvera um rei que só conhecesse os homens pelas obras, ditoso rei. Porque é ditoso o céu? Porque ninguem lá é avaliado, senão pelas obras. S. João e Santiago quizeram ter os logares pelo sangue, e sendo o sangue não menos que o de Christo, não os alcançaram.

Que coisa mais propria de moço, que a bizarria e a vaidade das galas? A modestia e moderação de sua alteza nesta parte, quem o viu, que a não visse? Chegava-se o camareiro-mór a sua alteza, ainda antes de ter casa, perguntava-lhe de que seda e de que côr queria o vestido? Respondia, do que a vós vos parecer. Não era sua alteza dos principes que se governam pelo gosto e parecer alheio; mas na eleição destas coisas parecia-lhe que não eram dignas de subir a tribunal tão alto.

Que coisa mais de principes moços, que as festas, os saráus, os jogos? Nenhum jogo se viu jámais no

---

[1] *Dan.*, VII, 9.

quarto de sua alteza, que o das armas. Era o principe mui destro em todas, e particularmente com um montante nas duas mãos; como era tão alto de corpo, parecia um daquellas heróes da antiguidade, um Theseu, um Affonso, o Bravo, emfim um principe, dos que vêmos pintados, e não como alguns, dos que vêmos vivos. Mas contra a gadanha da morte não ha destreza, nem armas, que defendam: em agosto de 652 começou a lide, em 6 de fevereiro, no dia dos seus annos, o feriu, em 15 de maio o matou. Dez mezes durou a batalha.

Que coisa mais propria de um moço, e mais quando a edade se ajunta com o grande poder, que a precipitação nas acções, a colera, o agastamento, a ira? Tudo isto estava naquelles poucos annos, ou tão composto, ou tão vencido, que ninguem jámais viu ao principe D. Theodosio irado, ou ouviu da sua bocca uma palavra, não digo agastada, ou menos composta, mas nem ainda mais alta. Houve cortezão, que disse, que o principe era só composto de tres humores, porque lhe faltava a colera.

Que coisa mais propria de principes moços, que a companhia e a conversação de outros da mesma edade, como os que teve Roboão, e esses não os mais modestos, nem os mais melancolicos? O nosso principe só dois generos de amigos teve, com quem ordinariamente conversava, e esses os mais fieis, e os mais verdadeiros, que ha no mundo, que eram Deus e os livros. Os que entravam com liberdade no quarto de sua alteza, em o não achando, já sabiam, que ou estava no oratorio, ou na livraria. No oratorio gastava sua alteza nestes ultimos tempos da vida tres horas todos os dias em tres tempos differentes. De Daniel se diz, que em Babylonia adorava tres vezes cada dia a Deus, e se conta isto por grande maravilha. Quanto maior maravilha é, que na Babylonia de um paço de um principe, que governava as armas, tivesse elle tres horas todos os dias para gastar com Deus! Algumas vezes, estando o principe dando audiencia secreta, vi que á dissimulada mettia a mão na manga aberta, e corria por um cordão uma conta. Roguei a sua alteza me quizesse revelar o mysterio daquellas contas; e disse-me que tinha por devoção offerecer ao Eterno Pae seu Unigenito Filho um certo numero de

vezes, e que para a noite se pedir conta, se o tinha feito entre dia, ia passando a cada acto destes aquellas contas. Podera fazer mais um noviço de uma Religião mui fervoroso? Vêde se daria boas contas a Deus, quem assim as trazia ajustadas. E vêde o que o nosso principe dava a Deus: os outros principes dão marmores nos templos que mandam edificar; dão brocados nos altares que mandam ornar, dão oiro e prata nas alampadas que mandam arder. Isto dão os outros; o principe, que lhe dava? Dava a Deus o mesmo Deus. Oh amôr, que não te contentavas senão com dadiva infinita! Que muito que não coubésses no coração, e que fizesses estalar em sangue o peito em que te dilatavas?!

Que coisa mais propria de um principe, que o sahir a passear, o apparecer, o espairecer, o gostar de vêr e ser visto, o desempedrar as calçadas com os cavallos, com as carroças, o alvoroçar as ruas, o revolver as praças, o tirar todo o mundo ás portas, ás janellas, o ouvir os applausos, os vivas! E o principe que fazia? Ninguem o viu nunca fóra do paço, senão ou quando acompanhava a El-rei, ou agora ultimamente quando sahia a desenhar as fortificações da cidade: o demais tempo estava recolhido no paço, como um Capucho. Oh senhor, que bem vos estaria o traje, quando mandastes, que depois de morto vos vestissem o habito de S. Francisco! Muitos ha que depois da morte folgam de ser Capuchos no habito; vós o fostes depois da morte no habito, mas muito mais em vida nos habitos.

Finalmente, para que vejaes se era moço: em duas coisas se vê o maduro juizo: no casar e no morrer; no casar, porque é erro ou acerto que dura toda a vida; no morrer, porque é erro ou acerto que dura toda a eternidade.

Tratou-se por vezes no casamento do principe. E como se havia elle neste ponto? O mais desinteressado voto de quantos entravam neste conselho era o seu. Porque os outros procuravam de lhe saber a inclinação, e elle nunca jámais a mostrou, e assim discorria, como se lhe não tocára. Os outros principes consultam os casamentos com os retratos, o nosso consultava-o com as conveniencias do reino; e entre as princezas que se propunham, aquella que estava me-

lhor ao reino, essa lhe parecia melhor. Grande caso em um principe moço de dezoito annos, ou que não tivesse amôr ou que o dissimulasse! Se não tinha amôr, grande milagre; se o dissimulava, muito maior. Duas coisas podiam obrigar a sua alteza ao desejo das bodas: a inclinação e a consciencia. Mas que nem o affeiçoasse a inclinação, como moço, nem o obrigasse a consciencia christã, grande caso! Mas alfim, principe Theodosio, fez-vos para si, quem vos fez tão unico: as phenix não casam, porque não teem successão.

Mas como morreu esta phenix, que é o ultimo argumento do grande juizo?...

Não teve de que testar, porque todos os bens que possuia os levou comsigo. A sabedoria e a virtude não se deixam em testamento, porque se levam: e nós todos a matar-nos, pelo qué se ha de deixar!

§

Os seus amigos eram aquelles dois que só acompanham a um homem a toda a parte a que vá, que são Deus e os livros. São os livros conselheiros sem respeito e sem adulação; mas destes mesmos não tomava senão os livros que são amigos, que tambem ha outros que são os maiores inimigos que tem a alma, que são os livros profanos. Nunca lia livros profanos, senão philosophicos ou sagrados; dos poetas um Homero e a Virgilio; a este segundo chamava: *O meu Virgilio.*

§

Foi creado o principe no quarto da rainha nossa senhora, como Achilles entre as damas: alli esteve até á edade de quinze annos com tal exemplo de pureza e compostura, que, quando sua magestade lhe poz casa, foi mais obrigado da decencia que do perigo. Na liberdade da casa propria mostrou sua alteza que deviamos este exemplo não á clausura, nem ao respeito daquelle logar, senão ao amôr da virtude.

§

Com ser de tão grande engenho, não tinha ditos agudos, senão assentados e judiciosos: não gostava de ironias, amphibologias, nem ainda de pinturas: tudo o que é fingimento, lhe aborrecia. Só dos poetas gostava, porque quem mente por profissão, falla verdade e não engana. Não tinha repentes nem agudezas: o solido, o verdadeiro. Os prégadores tinham em sua alteza o maior fiscal, e quando diziam estas subtilezas do nosso tempo, que ou encontram a Escriptura, ou torcem, ou..... era grande o dissabor que tomava. O certo é que ninguem teve mais inteiro juizo nem discurso. Era grande admiração que n'um auditorio onde se ajunta o bom de todo um reino, se temesse mais a censura de um menino de quatorze annos. O prégador ha de saber tudo, ou quando menos ha de saber de tudo, e todo este apparato de sciencias junto só no principe de Portugal se achava.

§

O aposento em que sua alteza assistia, quando estava comsigo, pelo verão era como de um reformado Religioso, pelo inverno tinha de mais os tapizes. Havia alli uma cama, uns livros, uma meza em que escrevia, e uma imagem de Nossa Senhora. Só parece que sobejava um cravo ou realejo, que sua alteza tocava com muita destreza e graça; mas a harmonia que mais enlevava era a da sua vida. Dos trajes approvava o que mais se accommodava com a mesma architectura do corpo humano, para cujo ornato foi feito. O vestido foi feito para cobrir o corpo, e não para lhe mudar a proporção, e não para lhe emendar a natureza, e não para lhe impedir as acções: e assim lhe parecia mais accommodado o que julgava mais livre — o que deixava mais livre as acções humanas. Vestidos para cobrirem os homens, e não para os prenderem. De cheiros, e de todos os outros regalos menos varonis, era inimigo. De ornar a alma era o de que tratava, e raro era o dia em que lhe não vestisse al-

guma nova luz: *Amictus lumine, sicut vestimento:* [1] vestido de luzes. Ditosa alma! Como vos estou vendo vestido de sol, coroado de estrellas, e com a lua debaixo dos pés! Estas são as galas de que vos vestistes: na terra cobrir o corpo; as galas para a alma.

§

Aquelles animaes do carro de Ezechiel estavam cheios de olhos, e não levavam redeas: e quem ia no carro? Deus: onde ha muitos olhos sem redeas, só Deus póde governar o carro. Quaes foram os precipicios de Phaetonte? Pouco freio e muita luz. Sua alteza sabia a grammatica, a rhetorica, a poetica, a medicina; sabia as mathematicas, sabia a philosophia, a theologia, sabia a arte militar, sabia a nautica, sabia a cosmographia, sabia a optica, sabia a Escriptura, sabia as controversias, sabia a fortificação, sabia a arithmetica, sabia a astrologia e a astronomia: saber tudo isto, que o pudesse reduzir a pratica, era impossivel; conhecel-o era outro maior. *Non plus sapere, quam oportet sapere:* [1] saber só quanto importa: porque muitas vezes importa saber menos. Porque se perdeu Adão e o mundo? Porque quiz saber mais do que lhe importava. Estava Adão no estado da innocencia; a sabedoria é a tentação dos justos: *Sed sapere ad sobrietatem.* [2] Chamou ao saber com moderação sobriedade, porque o saber com demasia, é como o beber com demasia, que nunca deixa o juizo em seu logar. Não ha quem mais mal soffra o ser emendado que os principes, e mais os que mais sabem. De que cuidaes que morreu sua alteza? Eu o sei melhor que todos, porque lh'o adverti. Morreu sua alteza de se querer curar por si mesmo. Quiz curar-se de um estillicidio não só com abstinencia, mas com inedia, sustentando-se contra a fome e contra a sêde por mais de quarenta e oito horas: fazia sua alteza galanteria de não admittir os medicos, e de se curar por si mesmo, lendo por Hypocrates e Galeno; e como era de natural melancolico, alli teve

[1] *Psalm.* CIII, 2.
[2] *Ad Roman.*, XII, 3.

as primeiras raizes o mal que nol-o arrancou dos olhos. Não foi esta a primeira vez que os principes acabaram por querer curar as enfermidades com os seus remedios. Isto só lhe temia eu, se Deus o conservasse até sobre os annos de sua magestade: não lhe temia que não conhecesse as doenças, porque o seu juizo bem as alcançava; mas temia-lhe que as quizesse curar só com os seus remedios. Duas difficuldades tem o muito saber nos principes: a primeira parecer-lhe melhor a opinião que se conforma com a sua; a segunda conformarem-se com a sua opinião todos os que a podem ter nas materias: poucos ha que aconselhem com os olhos na utilidade, e não no gosto do principe. Quem haverá tão constante que se ponha contra o entendimento do rei, a risco de cahir de sua vontade? Onde o rei é lettrado, os conselhos são disputas: as batalhas do entendimento são perigosas aos reis quaes as de ferro: digam-no a terceira parte das estrellas, que morreram no céu em uma batalha destas.

§

Sahiu sua alteza a uma janella do seu quarto que cáe sobre a Ribeira; viu um daquelles forçados das galés que serviam nas obras do paço, atado á sua corrente, e com mais signaes de miseria que os outros. Chamou-me, e fez-me esta pergunta: não me direis que differença faço eu daquelle? Aquelle nasceu, vive, e ha de morrer; aquelle póde merecer, e póde peccar; só na cadèa nos differençamos, e em que eu tenho mais que agradecer e que dar conta a Deus.

§

Os principes sempre teem quem sirva mais depressa aos seus appetites que á sua honra. Estava El-rei Saül dentro das trincheiras á vista do exercito dos Philisteus. Sahia o Gigante todos os dias a desafial-o,

dizendo mil affrontas e injurias ao rei e aos esquadrões de Israël; e não havia um só homem que sahisse por sua honra, até que veiu David. Succedeu David a Saül na corôa, estava tambem em campanha sitiando a cidade de Belem, teve grande sêde e disse: *O siquis mihi daret potum aquæ de cisterna, quæ est in Bethlehem!* [1] As palavras não eram ditas quando tres valentes soldados arremeçam os cavallos por entre as lanças dos inimigos, chegam á cisterna, e trazem a agua ao rei. Bem vêdes a differença. Para sahir ao desafio do Gigante apenas houve um pastor, e no cabo de tantos dias; para buscar a agua de Belém, no mesmo ponto houve tres soldados, que foram por meio das lanças. Qual é a causa? Porque o desafio do Gigante era honra de Saül; a agua da cisterna de Belem era appetite de David. Para servirem ao appetite do rei ha muitos, para servirem á sua honra mui poucos. E qual é a razão? Porque os que servem ao appetite do rei teem mais seguro o premio, do que os que servem á sua honra. Bem se viu no caso presente. David, antes de sahir ao Gigante, perguntou: *Quid dabitur viro, qui percusserit philistæum hunc, et tulerit opprobrium de Israel?* [2] e não foi senão depois de contratado o premio; e os outros não trataram disso, porque David, como servia á honra do rei, tinha o premio duvidoso; os tres soldados, como serviam ao appetite, tinham-no seguro. David arriscou-se a matar o Gigante, mas os soldados arriscaram-se para matar a sêde a David; e os reis premeiam muito mais facilmente aos que lhes matam as sêdes, que aos que lhes matam os gigantes; e a causa disto ser assim, e terem mais seguro o premio nos reis os que servem a seus appetites, que os que servem á sua honra, é, porque o que serve á honra do rei, requere diante do rei, e o que serve ao appetite do rei, requere o rei diante delle.

Sendo isto assim, bem facil é de crêr que não faltariam muitos que lhe quizessem servir ao appetite, e que quizessm alcançar o seu valimento á custa da sua castidade: mas direi agora uma coisa grande, e seja

1 2.º *Livr. dos Reis*, XXXII, 15.
2 1.º *Livr. dos Reis*, XVII, 26.

da melhor parte que se póde saber, que nenhum houve nunca dos que andavam junto á pessoa do principe que se atrevesse a o tentar nesta parte. Oh gloria e milagre de um principe de dezoito annos! Não que fosse casto, que outros houve, ainda que raros, que o foram; mas que fosse tão casto, e que se tivesse tal conceito de sua castidade, que ninguem se atrevesse a o tentar nella!

Tentações de Christo, gula, soberba, cubiça. Christo permittiu que o tentasse o demonio para nosso exemplo. Pois porque não permittiu que o tentasse na castidade, sendo que aqui era mais necessario o exemplo de Christo? Não permittiu Christo que o tentassem, não por não nos deixar exemplo, mas para nol-o dar muito maior. Na gula quiz-nos dar exemplo que fossemos tão sobrios, na soberba que fossemos tão modestos, na cubiça que fossemos tão desinteressados, que não nos deixassemos vencer da tentação; mas no vicio contrario á castidade, que fossemos tão castos que não só não nos vencesse a tentação, mas não se atrevesse ninguem a nos tentar nelle. Na gula, na soberba, na cubiça soffreu Christo ser tentado, e contentou-se com não ser vencido; na castidade nem vencido nem tentado. E assim foi o nosso principe. Quem tenta presume vencer, e o verdadeiro casto não só o ha de ser nas obras, nas palavras, e nos pensamentos proprios, senão ainda na presumpção, e no pensamento alheio. José foi casto, mas houve quem se lhe atreveu a lhe tirar pela capa; ao nosso principe não se atreveram nunca a lhe tirar pela capa nem aquelles que lh'a punham e lh'a tiravam dos hombros. José portou-se galhardamente na tentação, mas não se livrou de atrevimentos alheios; não o venceram mas atreveram-se-lhe. A primeira victoria da castidade é que ninguem a vença; a ultima que ninguem se lhe atreva. Tal foi a castidade do nosso principe; mas estas victorias dá-as Deus a quem é dado por Deus: *Dominus dedit*. O que agora direi não sei se é ainda milagre maior n'outra egual ou maior tentação.

§

Quando lhe puzeram casa, ordenou sua magestade, que todos os mezes se lhe puzesse em uma gaveta

quantidade de dobrões, para que sua alteza pudesse gastar. Acabou-se o primeiro mez; veiu a pessoa a quem estava encommendado este provimento, e achou o dinheiro como o puzera. Passou o segundo mez, e o terceiro, e muitos, e sempre experimentou o mesmo: nem o guardava, nem o dava; e tudo nascia da mesma causa; nem era avarento nem liberal. Parece que se pudera dizer nesta caso de sua alteza o que disse Tacito do outro imperador: *Magis sine vitiis, quam cum virtutibus*, porque neste caso parece que nem era sua alteza avarento, nem liberal; porque nem como avarento guardava o dinheiro, nem como liberal o dava. Mas quem conhecesse o animo de sua alteza, entenderia que ambas estas omissões nasciam da mesma causa; nem o guardava, nem o dava, porque o não estimava; e dar eu o que na minha estimação não tem preço, não sei como póde ser liberalidade. Deus é muito rico e muito liberal, e comtudo vêmos que os seus maiores servos são ordinariamente os mais pobres do mundo: e porque? Porque não é acção de generosa liberalidade dar aos que ama, o que não estima. Pois que dá Deus a esses? Uma só coisa estima Deus sobre todas as deste mundo, que é a sua graça, e essa é a que dá Deus aos que ama, e só a elles; só essa diante de seus olhos tem preço: assim imitava a Deus o nosso principe. Aos que mais o serviam e o agradavam, pagava-lhe com a sua graça: era tão liberal sua alteza destes thesouros, que muitas vezes passava o favor a merecer nome de familiaridade. S. Pedro disse ao pobre do Templo, que não lhe dava oiro nem prata, porque a não tinha; sua alteza tinha oiro e prata, e não a dava, porque a não tinha por dadiva digna de um principe. Os reis offereceram a Christo os seus dons no Presepio: que se fizesse deste oiro, não se sabe; dizem que o não recebeu o Senhor. Os reis offereceram o oiro, porque o tinham por coisa digna de se dar; Christo não o acceitou, porque o tinha por coisa indigna de se receber: cada um obrou conforme a estimação que fazia do oiro: assim entendo que seria cá; que muitos o receberiam; mas ainda que elles o julgavam por coisa digna de se receber, o principe não o julgava por coisa digna de elle o dar.

Dominus abstulit.

Não nos queixamos, nem nos devemos queixar de que Deus nos levasse o principe, porque bem sabiamos que era mortal: de no levar tão depressa, parece deviamos ter a nossa queixa.

Dum adhuc ordirer, succidit me: [1] A urdidura da têa. Admiravel urdidura! Assim nas lettras, como nas armas, etc.

Os intentos de murar Lisboa.
Os intentos de fortificar o reino.
Os intentos da Escriptura commentada.
Os intentos da historia universal.
Os intentos da cosmographia.
Os intentos da conversão da gentilidade.
Quão de principe foram estes intentos!

§

Quão necessario é ao principe a historia, etc.

§

Quão necessario é ao principe, e mais a um principe de Portugal, a cosmographia; porque tem reinos em todo o mundo, para saberem as terras, as monções, os ventos, os mares, as dependencias, etc.

§

Quão necessario é ao principe a lição da Sagrada Escriptura; porque alli estão os verdadeiros exemplos: alli está o que agrada a Deus, e o que o desagrada; alli as batalhas; alli o confiar em Deus; alli as advertencias do Sabio; alli os oraculos dos Prophetas. [2]

---

[1] *Isai.*, XXXVIII, 12.
[2] *Vide Mendoça de Sacra Scriptura.* Cornelio, etc.

Para os muros de Lisboa *Pigmei*, etc. porque pigmeus sobre os muros são gigantes; etc.

In civitate munita, etc. [1]

Benigne fac Domine in bona voluntate tua Sion, ut ædificentur muri Hierusalem. Tunc acceptabis sacrificium justitiæ, oblationes, et holocausta: [2] porque Deus quer orações, e sacrificios, e muros, etc.

§

Erat autem terra labii unius, etc. [3] para a impossibilidade. Era impossivel; e se todos fallarem pela mesma linguagem, logo se fará.

§

Só para que não saiam os de dentro para fóra, são bons os muros.

Sicut Domino placuit, ita factum est.

Grão caso, que consentisse Deus a morte de um tal principe! Se a sua morte se puzera em votos, nenhum homem, ainda os inimigos, que o conhecessem, etc.

Mais: as orações, os sacrificios, as procissões, os votos de não peccar mortalmente, etc. Pois nada disto dobrou a Deus: apezar de tudo isto, etc.

Antes isto mesmo foi a causa de que o principe morresse, de que os decretos divinos se executassem. Sabeis de que doença morreu o nosso principe? De muito amado. Deus chama-se *Zelotes:* Deus dos ciumes; e nenhuma coisa sente mais Deus, que amarmos mais, ou poder-se cuidar, que amamos mais a outrem que a elle.

Tolle filium, quem diligis Isaac. [4] Que culpas teve

[1] *Psalm.* XXX, 22.
[2] *Ibid.*, L, 20 e 21.
[3] *Genes.*, XI, 1.
[4] *Ibid.*, XXII, 2.

Isaac? Que culpas: *Quem diligis?* O ser muito amado. Se Abrahão o amára menos, não havia elle de ser sacrificado: e senão, veja-se em Ismaël, que tambem era filho. Não por filho, senão por muito amado, teve ciumes Deus do muito amôr que Abrahão tinha a Isaac; pois morra Isaac, e ame Abrahão a quem ha de amar.

Vêde-o claramente. *Non extendas manum super puerum.* Quando o manda sacrificar, chama-lhe amado; e quando diz que lhe perdoe, menino? Sim: porque o que Deus queria matar naquelle sacrificio, não era o menino, era o amado; não era a vida de Isaac, era o amôr de Abrahão. Notae: em Isaac havia duas coisas: havia de ser um menino como os outros, e havia ser o filho amado: tudo isto estava para ser sacrificado. Em quanto menino, estava sobre a lenha do altar; em quanto filho amado, estava sobre o coração do pae. Ora vêde: a espada de Abrahão tinha dois tempos; um em quanto se tirou da bainha por cima do peito; outro em que havia de descarregar o golpe em Isaac: no primeiro tempo cortou o filho amado, que estava no peito; e tanto que o amado esteve morto, não quiz Deus que se matasse o menino; porque elle não o havia pela vida de Isaac, havia-o pelo amôr de Abrahão. Prova. Sim, o Texto. *Quia fecisti rem hanc, et non pepercisti unigenito tuo propter me:* Por amôr de mim: aqui estava o ponto; que queria Deus que o amasse Abrahão, mais que ao primogenito. Pois não lhe perdoou? Não. Perdoou ao menino, que estava na fogueira: *Ne extendas manum tuam super puerum;* mas ao primogenito não lhe perdoou, porque o amado primogenito estava no peito, e esse cortou Abrahão no primeiro tempo da espada.

§

Sit nomen Domini benedictum.

Finalmente, demos graças a Deus, não só por conformidade, senão ainda por razão.

El-rei D. João o II na morte do principe D. Affonso consolava-se, porque ainda que era tão grande prin-

cipe, entendia que não havia de ser grande rei. Quasi o mesmo vos digo, e o disse ainda em sua vida. Foi mui grande principe; não sei se seria tão grande rei. Pois que? Faltava-lhe alguma parte? Não, sobejavam-lhe duas: era muito sabio, e era demasiadamente bom. Os reis não hão de ter tanta sciencia, nem tanta bondade. Os maiores reis foram o primeiro, e segundo Adão: o primeiro perdeu o mundo por muita sciencia: *Eritis sicut dii, scientes bonum, et malum;* [1] o segundo, dando-lhe o titulo de bondade, não o quiz consentir: *Nemo bonus, nisi unus Deus.* [2] Os porquês disto pedem mais tempo e outro logar.

[1] *Gen.*, III, 5.
[2] *Marc.*, X, 18.

SERMÃO

DAS

EXEQUIAS D'EL-REI D. JOÃO IV

o animoso, o invicto Pae da Patria, de immortal memoria *

Inveni David servum meum: oleo sancto meo unxi eum. Manus enim mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum. [1]

Grande é a minha ingratidão (sacra, e real, e defunta magestade). Grande é a minha ingratidão, que a quero confessar assim, por não dizer, que é grande a minha fé. Devo á memoria do senhor rei D. João o IV maiores obrigações que as de rei, porque lhe devi muitas vezes nos olhos de sua magestade todas as piedades de pae. Mas sou tão ingrato (sem estar nem poder estar esquecido) que nem a nova da não esperada morte de sua magestade me póde entristecer, nem esta mesma representação funeral, que ainda em casos ordinarios costuma entristecer os animos por sympathia da natureza, me póde causar sentimento.

Por mais que procuro encontrar com esta morte d'El-rei, sempre dou de rosto com a vida. A primeira vez que fallei em publico neste caso, dispôz a forçosa occasião que fosse no mesmo dia, e na mesma tarde do nascimento de sua magestade. A segunda vez, que

---

* Este Sermão appareceu como o anterior em papeis avulsos depois da morte do genial orador e faz parte dos que o padre André de Barros publicou no volume de titulo *Vozes Saudosas*. Tem muitas faltas e lacunas sobre as quaes Vieira nunca pôde passar a ultima lima.

[1] *Psalm.* LXXXVIII, 21 e 22.

é esta, por mais que a minha apprehensão a considerava e dispunha para outros dias, o dia assignalado e o mudado, ambos vieram a ser dia de resurreição. O' rei ainda depois da morte prodigioso; que quando vos busco morto, sempre me appareceis vivo!

Supposto, pois, que o meu rei e senhor D. João se me não quer representar morto, senão vivo, préguem-lhe outros as exequias de defunto, que eu não quero nem posso. O que só farei hoje será uma narração panegyrica das reaes acções de sua vida. Toda está admiravelmente recopilada nas palavras que propuz, que são do Psalmo oitenta e oito. Vamol-as explicando, ou applicando cada uma de per si, que todas têm mysterio.

I

Inveni David servum meum: oleo sancto meo unxi eum. Manus enim mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum.

Inveni: Achei. Foi El-rei D. João um rei buscado e achado por Deus. Ha reis que parece que os fez a fortuna a olhos fechados, sem buscar nem achar, senão acaso. Destes estão cheias as historias, como estiveram vasias as corôas. El-rei D. João não só foi buscado e achado, senão buscado e achado por Deus. Mas onde o buscou Deus e o achou? O que Deus buscou era um principe que pudesse ser rei e restaurador de Portugal: buscou-o entre os principes pertensores do reino, e achou-o na casa de Bragança: buscou-o entre os principes da casa de Bragança, e achou-o na pessoa d'El-rei D. João. Os principes pertensores á corôa de Portugal foram cinco: Hespanha, França, Saboya, Parma, Bragança; e assim como Deus buscou a David entre todas as tribus, e o achou na real de Judá, assim buscando um rei restaurador de Portugal, entre todos os que tinham ou podiam ter algum direito a elle, só na real casa de Bragança o achou: *Inveni.* E porque o achou na real casa de Bragança, e em nenhuma outra, nem das estranhas, nem ainda das naturaes do reino? Ora vêde.

As acções de restaurar reinos, que são gratuitas, porque as dá Deus a quem é servido, muitas vezes são hereditarias e vinculadas, porque as concedeu e vinculou Deus a certas familias, negando esta gloriosa prerogativa a outras. Quiz Deus libertar o reino de Judá do poder d'El-rei Anthioco, que o tyrannizava, e encommendou esta empreza á geração dos Macchabeus, os quaes nesta restauração do reino se oppuzeram ás armas de Anthioco, e as venceram com forças mais que humanas, porque muitas vezes foram ajudados das do céu com milagres manifestos. Quizeram outros principes tomar tambem por sua conta a mesma empreza, e perderam-se nella, como tambem se perdeu na de Portugal o prior do Crato o sénhor D. Antonio, assistido das armas de Inglaterra. Dá o Texto a razão de se perderem, e de não conseguirem a empreza, e diz assim: *Ipsi autem non erant de semine virorum illorum, per quos salus facta est in Israel:* [1] Não conseguiram a empreza estes principes, porque não eram da geração daquelles varões, os quaes Deus escolheu para restauradores de Israël. De maneira que pertendendo Deus restaurar o reino de Israël, vinculou, como em morgado, esta prerogativa de restauradores do reino á famosa casa dos Macchabeus, a Matathias e a seus descendentes. Tal foi em Portugal a real casa de Bragança.

Duzentos annos antes dos tempos em que hoje estamos, esteve o reino de Portugal quasi todo debaixo do poder de Castella. Sahiu á defeza delle o mestre de Aviz El-rei D. João o I, e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que restauraram o reino, e o conservaram na sua liberdade: e como Deus então tomou estas duas grandes cabeças e estes dois grandes braços por restauradores do reino de Portugal, quiz deixar nelles como hereditaria e de juro para seus descendentes, esta singular prerogativa de restauradores do reino, e assim foi. Fundou-se a casa de Bragança em um filho d'El-rei D. João o I, e em uma filha do conde D. Nuno Alvares, que foram os dois primeiros duques, e nelles e seus successores se foi conservando a geração dos restauradores: *De semine virorum illo-*

[1] *1.º Machab.*, v, 62.

rum, per quos salus facta est in Israel; e por este singular privilegio daquella Casa, buscando Deus restaurador para o reino de Portugal, não o achou senão nos duques de Bragança: *Inveni.*

E que buscando-o entre todos os duques e descendentes daquella Casa, achasse a pessoa do duque D. João o II, não é pequena gloria sua. Quando Deus houve de ungir a David em rei, mandou ao propheta Samuel, que fosse a casa de Isaï, e de entre seus filhos ungiria o que elle lhe mostrasse. Veiu primeiro de todos Eliab, moço de alta estatura, gentil-homem e bizarro: perguntou Samuel a Deus, se era aquelle, porque lhe pareceu que tinha bom talhe de rei; e respondeu-lhe Deus, que não, accrescentando que não se governasse pelas apparencias de fóra; porque os homens juigam pelos rostos, e Deus pelos corações. Veiu o filho segundo, Abinadab; veiu o terceiro, Sama; vieram todos, a todos reprovou Deus, até que veiu David, a quem elegeu e mandou ungir: *Et unxit eum Samuel in medio fratrum ejus:* [1] E o ungiu Samuel em meio de seus irmãos. Pergunto: Não fôra mais corrente e mais facil dizer Deus a Samuel que fosse direitamente ungir a David? Para que era esta roda ou esta cerimonia de virem primeiro todos os irmãos á presença de Samuel, e depois de regeitar um por um a todos, escolher e eleger a David? Foi grande gloria de David esta, diz S..... para que vendo Samuel quão grandes eram os homens que Deus deixava, entendesse quão grande devia ser o que Deus escolhia. Deus escolhe a David, deixando todos estes, grande coisa deve de ser David.

Quereis saber quão grande pessoa foi El-rei D. João o IV? Ponde-o *in medio fratrum suorum*, ponde-o no meio dos outros descendentes da casa de Bragança, a quem Deus deixou, quando a elle escolheu, e a quem Deus não quiz achar, quando a elle o achou: *Inveni*, e conhecereis, pelos deixados, quão grande devia ser o eleito. Os filhos de Isaï, d'entre os quaes foi escolhido David, foram oito; e oito foram tambem os principes que a casa de Bragança teve depois da sugeição de Portugal a Castella. O duque D. João o I, avô de sua

[1] *I.º Livr. dos Reis*, XVI, 13.

magestade, o duque D. Theodosio II, seu pae, o senhor D. Duarte e o senhor D. Alexandre, seus tios, o infante D. Duarte e o senhor D. Alexandre, seus irmãos, o principe D. Theodosio, seu filho. E que deixe Deus o duque D. João tão valoroso, que deixe o duque D. Theodosio tão prudente, que deixe o senhor D. Duarte tão politico, que deixe o senhor D. Alexandre tão religioso, que deixe o infante D. Duarte tão soldado, que deixe o senhor D. Alexandre tão amado, que deixe o principe D. Theodosio tão sabio, tão santo e tão digno de imperio, e que d'entre todos escolha para rei e restaurador de Portugal o duque D. João o II, depois rei D. João o IV, grande gloria deste rei, e grande argumento de sua grandeza! Muito achou Deus nelle, quando buscando rei entre tantos principes, deixando a todos, só a elle elegeu, e só a elle achou: *Inveni*.

II

David. David se chama El-rei D. João nestas palavras que lhe applicamos: mas com que propriedade? Porventura pela excellencia da musica, a que ambos estes reis foram affeiçoados? Porventura por serem ambos domadores de feras? Porventura por ter um e outro David um filho Salomão? Porventura pela prudencia, pela vigilancia, pela piedade, pela justiça, pelo soffrimento de trabalhos, em que ambos foram insignes? Porventura, finalmente, por um e outro saberem ajuntar a humildade com a magestade, virtudes raras nos reis, e pela qual David foi tão favorecido de Deus? Grande sentimento tenho de não poder fazer sobre todas estas propriedades um particular discurso. Em todas se pareceu o nosso bom rei com David; mas bastava-lhe, para ser David por antonomasia, o desafio e batalha com que elle só se atreveu a sahir em campo com o Gigante, e vencel-o. Quem póde negar que a desproporção que se via entre David e o Gigante, era a mesma que se via entre a monarchia de Hespanha, medida com o reino de Portugal? O natural desejo da honra e da liberdade sollicitava os animos dos portuguezes para que emprehendessem esta grande façanha; mas era ella de qualidade, que

não só a desaconselhava a desesperação, senão ainda a esperança: não só no mau successo, senão ainda na mesma victoria promettia ruina. Os pequenos, se pelejam com os grandes, ainda quando vençam, ficam debaixo. Eliazaro, irmão de Judas Macchabeu, foi tão valente e atrevido, que elle só investiu com um elephante armado; metteu-lhe a espada pelo peito, cahiu o elephante, e ficou debaixo delle Eliazaro, donde disse Santo Ambrosio: *Suo est sepultus triumpho:* Que ficou sepultado debaixo do seu triumpho. Triumphante, mas morto; vencedor, mas sepultado: que quando os pequenos pelejam com os grandes, ou vençam ou sejam vencidos, sempre ficam debaixo.

Não desanimou esta consideração ao nosso valente David: sahiu em campanha contra o Gigante, em tudo como David; não só menor contra maior, senão desarmado contra armado. O gigante Golias estava todo coberto de ferro, e armado de ponto em branco, como o descreve a Escriptura; e David, com um baculo e uma funda, se poz em campo contra elle: tal era o estado em que estava Portugal e Castella naquelle tempo. Castella com um florentissimo exercito de vinte mil infantes e cinco mil cavallos nos campos de Catalunha, que só com voltar as bandeiras podia entrar por Portugal: e Portugal sem armas, sem munições, sem artilheria, sem navios, sem alliados, sem Conquistas, sem gente de guerra, mais que a dos presidios, que todos eram castelhanos, e accrescentavam mais a difficuldade da empreza. Por tudo rompeu o nosso animoso David, e contra a esperança e opinião de todos sahiu com a victoria. David deu uma pedrada na cabeça do Gigante, e nós podemos dizer que Portugal a deu nas cabeças de todos os politicos; porque nenhum houve, assim dentro como fóra de Portugal, que não errasse no juizo desta empreza. O exemplo com que se animavam, o de melhor esperança, era o de Hollanda: mas esse antes accrescentava a desesperação, como accrescentou depois a gloria. Hollanda prevaleceu contra o mesmo Gigante; mas foi de longe, com França e Flandres em meio, em distancia de quatrocentas leguas: mas Portugal estando cercado de Hespanha por todas as partes, dentro em seus braços lhe resistiu e a venceu, que é muito maior victoria.

Notae. David fez tiro com a funda ao Gigante, e derrubou-o: correu logo a elle, e com a sua mesma espada lhe cortou a cabeça. Recolheu-se a Jérusalem, e dedica a espada no Templo. Pergunto: Porque não pendurou David no Templo a funda, senão a espada? A funda é a que derrubou o Gigante, á funda é que se deve a victoria: cortar-lhe a cabeça depois de derrubado, não foi grande façanha; chegar a o derrubar, sendo uma torre armada, essa foi a acção famosa: pois se tudo isto se deve á funda, porque não consagra David ao Templo a funda, senão a espada? Porque a funda é arma de longe, e a espada é arma de perto; e como o vencer de perto é muito mais glorioso que o vencer de longe, por isso David pendurou a espada, e não a funda; porque se prezou mais do golpe, que do tiro. Tal foi a victoria de Portugal comparada com a de Hollanda: ambos prevaleceram contra o Gigante; mas Hollanda de longe com a funda, e Portugal de perto com a espada: onde se deve muito notar, que na batalha contra o Gigante philisteu, o tiro da funda deu a victoria á espada; mas na batalha contra o gigante castelhano, o golpe da espada é o que deu a victoria á funda. Depois que Portugal prevaleceu contra Hespanha, então se rendeu Hespanha aos partidos de Hollanda. Portugal armou-se contra Hespanha no anno de 40, e Hespanha fez pazes com Hollanda no anno de 48. Vêde se merece El-rei D. João o IV o nome de David: *Inveni David.*

III

Servum meum: Meu servo. O em que David principalmente se mostrou servo de Deus, foi na pureza e augmento da fé, destruindo idolos: na reverencia e ordem do sacerdocio; na musica e cerimonias ecclesiasticas; no serviço e decoro do culto divino; e em elle diante da Magestade Divina se esquecer totalmente da sua. Em todas estas circumstancias de religião e piedade, foi admiravel o zelo do senhor rei D. João. Quanto ao augmento da fé, elle foi o primeiro de todos os reis de Portugal, e ainda dos de Hespanha e de toda Europa, que em seu reino levantou tribunal

e conselho proprio da propagação da fé: elle instituiu renda particular para viaticos de missionarios de todas as Conquistas: e augmentou as missões da India, as da China, as de Guiné, as de Congo, as de Angola, e esta do Maranhão; renovando as que estavam esquecidas, augmentando as que continuavam, e fundando outras de novo. David tomou o oiro do idolo Melchon, e desfel-o, e do oiro fez uma corôa para si: porque desfazer idolos é fazer corôas: e porque fez o rei corôa deste oiro, e não de outro? Porque a corôa do outro oiro dava-lhe o titulo de rei de Israël: a corôa deste oiro dava-lhe o titulo de propagador da fé; e este titulo é mais para desejar e estimar, que o outro: a outra corôa faz a-o rei, esta corôa sustentava-lhe o reino. Cada alma é uma pedra preciosa: ó que rica corôa tem El-rei D. João de tantas almas: *Gaudium meum, et corona mea.* [1]

Na reverencia á Igreja, e á suprema Cabeça della, deu sua magestade o maior exemplo, porque teve as maiores occasiões. Viveu em tempo de tres pontifices: Urbano VIII, Innocencio X, Alexandre VII: a todos mandou embaixadores, em seu nome, no do reino, e no do clero: e posto que de nenhum delles foi recebido como pae, sempre se portou como filho obedientissimo da Igreja, titulo hereditario dos reis portuguezes, depois que Pio V o deú a El-rei D. Sebastião. Teve sua magestade muitos Doutores de todas as nações catholicas, que lhe asseguravam e aconselhavam que podia fazer bispos em Portugal, sem recurso á Sé Apostolica: era o principal argumento este, a quem ninguem respondia: Os preceitos ecclesiasticos não obrigam em caso de extrema ou grave necessidade; o preceito de serem os bispos confirmados pela Sé Apostolica é ecclesiastico, como consta largamente das historias da mesma Igreja: logo sendo a necessidade que as Igrejas do reino e Conquistas de Portugal padecem, ou extrema ou quasi extrema, podem-se fazer os bispos sem confirmação do Summo Pontifice, em quanto elle os não quer confirmar. Por este e por outros argumentos, havia quem aconselhava a sua magestade que seguisse esta opinião, ou, quando menos,

[1] *Ad Filip.*, IV, 1.

mostrasse no exterior que a queria seguir: mas nem uma nem outra coisa se póde acabar nunca com seu religiosissimo animo.

Disse o Filho Prodigo, depois de conhecido do seu erro: *Pater, peccavi in cœlum, et coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus.* [1] Repara S. Pedro Chrysologo. Os nomes de pae e filho são correlativos, que ou hão de permanecer ambos, ou perder-se ambos: se se perde a relação de pae, logo tambem se perde a relação de filho; se se perde a relação de filho, logo tambem se perde a relação de pae. Pois se da parte do Prodigo se tinha perdido a relação e denominação de filho: *Jam non sum dignus vocari filius tuus;* como da parte do pae se não perde a relação de pae? *Pater, peccavi.* A razão é, diz o Santo, porque este Pae era Deus. Entre os homens, em se perdendo a relação de pae ou de filho, perdem-se ambas: em Deus não é assim; ainda que se perca a relação de filho, sempre fica a relação de pae. Perdeu-se da parte do Prodigo a relação de filho: *Non sum dignus vocari filius tuus;* mas da parte do pae não se perdeu a relação de pae: *Pater, peccavi.* Tal foi El-rei D. João com todos os Summos Pontifices, se bem com os termos trocados: elles perderam a relação de pae, não querendo reconhecer a El-rei; El-rei não perdeu a relação de filho, reconhecendo-os sempre a todos por paes: elles faltaram á egualdade de pae; não faltou elle nunca á obediencia e reconhecimento de filho.

Aos preceitos da Igreja era obedientissimo. Para o achaque, de que Deus o levou, lhe receitaram os medicos que comesse carne pela Quaresma; mas nunca o puderam acabar com sua magestade. Eu lhe ouvi dizer que não sabia como se tinham por christãos, os que na Quaresma comiam carne. Nos jejuns da Quaresma, e em todos os do anno, era observantissimo: e jejuava as sextas-feiras da Quaresma a pão e agua, e outros muitos dias. Nunca faltava á Missa todos os dias. E por grandes occupações que tivesse, nunca perdeu sermão na capella, nem deixou de ouvir Missa e Vesperas cantadas em todos os dias santos. De Quinta-Feira Maior até á manhã da Resurreição, de

[1] *Luc.*, xv, 21.

dia e de noite, estava sempre acompanhando o Senhor, e não se assentava senão no chão. Em todas as procissões do Santissimo Sacramento, a que se achava, levava sempre uma vara do pálio; e na irmandade do Santissimo Sacramento de S. Julião, que é a freguezia do paço, aceitou sua magestade ser nomeado por juiz: e no dia da procissão levou a vara que costumam levar os juizes; parecendo melhor esta vara naquella mão real, que o mesmo sceptro. Não faltou quem aconselhasse a sua magestade, que no maior aperto das guerras se valesse das pratas das igrejas: mas não admittiu tal pensamento; antes no mesmo tempo deu rendas a muitos conventos de Religiosos, e lhes restituiu outras que lhes estavam tiradas. Edificou a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; o convento magnifico de Santa Clara de Coimbra; e ultimamente estava ideando de novo a Capella Real: mas não é coisa nova em David impedir-lhe Deus a edificação de templos.

Na musica, a que sua magestade era tão conhecidamente inclinado, foi coisa muito advertida e reparada, que toda era ordenada ao culto divino. Até hoje não houve no mundo livraria de musica, como a que sua magestade tinha ajuntado de todo elle, e de todos os famosos mestres de todas as edades. Mas que continha toda esta livraria? Missas, Vesperas, Psalmos, poesias e versos divinos; em fim, musica ecclesiastica. A musica de David lançava os demonios fóra dos corpos: ha outra musica que mette os demonios na alma. Toda a musica de sua magestade era verdadeiramente musica de David, nem podia ouvir outra. Tendo tantos musicos, e gastando tanto com elles, não tinha sua magestade musicos de camara, senão só de capella. Quando queria ouvir musica, não mandava cantar um tono, que é o gosto ordinario dos principes, e dos que o não são; mandava cantar um Psalmo, ou uma Magnificat, ou outra coisa sagrada, com admiração de todos. Muitos dos Psalmos de David teem por titulo: *Ipsi David:* Para o mesmo David. Lêde estes Psalmos, e achareis que todos continham louvores de Deus: de sorte que a musica que era para David, era juntamente para Deus; e a musica que era para Deus, era juntamente para David. Cá os reis do mundo teem musica de camara, e musicos

de capella: musica para si, e musica para Deus. David e El-rei D. João não eram assim: os seus ouvidos eram como o seu coração, feitos pela medida dos ouvidos de Deus; e só o que nos ouvidos de Deus fazia consonancia, tinha tambem harmonia nos seus ouvidos.

IV

Oleo sancto meo unxi eum. Ungi-o a elle com o meu oleo santo: *Oleo sancto.* Foi El-rei D. João ungido com oleo santo. Muitos reis são ungidos com oleo peccador: *Oleum autem peccatoris non impinguet caput meum*, dizia David: [1] Senhor, livrae-me que o oleo peccador me unja a minha cabeça. São ungidos com oleo peccador aquelles reis que se introduzem nos reinos com peccado, com injustiça, e com violencia. Tal foi o primeiro rei que houve no mundo, Nembroth, e todos os imperios delle: o dos Assyrios, o dos Persas, o dos Gregos, o dos Romanos, todos se introduziram com peccado, seguindo todos aquella maxima infernal: *Si jus violandum est, propter regnum violandum est:* Que se por alguma coisa se deve quebrar a justiça é por reinar. Vêde quão santo foi o oleo com que Deus ungiu a El-rei D. João. Declarou El-rei em seu testamento, que por escrupulo aceitára a corôa muito contra o seu natural: e assim era; porque a nenhuma coisa tinha maior repugnancia a inclinação natural d'El-rei D. João, que a ser rei. Eu lhe ouvi dizer que Deus para o fazer rei, fôra necessario trabalhar com ambas as mãos: *Com uma tapou-me os olhos, com outra troure-me pelos cabellos.* Olhae a differença deste rei aos outros reis. Os outros reis entram a reinar por appetite, e sem escrupulo; El-rei entrou a reinar por escrupulo, e contra o appetite. Os outros reis que faz Deus, ao menos concorrem para a corôa com o desejo; El-rei D. João foi tão puramente ungido por Deus, que nem com o desejo concorreu para a sua coroação: todo o oleo com que foi ungido em rei, foi oleo santo: *Oleo sancto.* E

[1] *Psalm.* CXL, 5.

todo foi de Deus: *Oleo sancto meo.* Nem concorreu para esse oleo com a ambição, nem com a negociação, nem com o desejo, nem com a inclinação: o mais que fez foi não recusar: nos outros reis é a corôa materia de ambição, em El-rei foi materia de paciencia.

Pouco antes de sua magestade ser acclamado, teve uma doença, de que esteve a morte, e nella disse sua magestade a Deus estas palavras, como eu lhe ouvi repetir: *Domine, si populo tuo sum necessarius, non recuso laborem.* Senhor, se sou necessario para o vosso povo, não recuso o trabalho. Notae: era sua magestade, tão desinclinado a ser rei, que para Deus o reduzir a que não recusasse, foi necessario pôl-o ás portas da morte; e ainda nesse passo tão apertado, que disse? *Si populo tuo sum necessarius.* Que seria rei pela necessidade do povo, e não por vontade propria. E que mais? *Non recuso laborem.* Não disse que acceitava a dignidade, senão que não recusava o trabalho. No ser rei são duas coisas muito distinctas, a dignidade e o trabalho: a dignidade é muito para appetecer, o trabalho é muito para recear; por isso os reis ordinariamente a dignidade tomam-na para si, o trabalho encommendam-no a outros. Não assim El-rei: offereceu-se a Deus para o trabalho, e não para a dignidade da corôa: *Non recuso laborem.* O' rei verdadeiramente ungido com o oleo de Deus! *Oleo meo.* Foi Samuel ungir Saul em rei; e porque Saúl chegou tarde, mandou lhe o Propheta pôr a meza, e nella o hombro direito de uma rez, dizendo: *Comede, quia de indusiva servatum est tibi.* [1] Tinha-lh'o guardado de industria; porque o vinha ungir em rei. Pois porque o vinha ungir em rei, parece que lhe havia pôr diante a cabeça, e não o hombro. Não; porque Samuel vinha ungir a Saul com o oleo de Deus; e os reis ungidos com o oleo de Deus cerôam os hombros, e não a cabeça; porque o hombro é o logar do trabalho, e a cabeça é o logar da dignidade. Tal foi sua magestade: não recusou a corôa; mas quando a não recusou, não offereceu a cabeça á dignidade, offereceu o hombro ao trabalho: *Non recuso laborem.* Isto foi ser o oleo de Deus: *Oleo sancto meo.*

---

[1] *I.º Livr. dos Reis*, IX, 24.

V

Unxi eum: Ungi-o a elle. Aos outros reis no dia da sua coroação não os ungem a elles, ungem aos seus criados e aos seus validos; porque elles teem a corôa, e os validos teem o poder. Fallando da prosapia de David, diz o propheta Jeremias: *Regnabit rex, et sapiens erit:* Reinará o rei e saberá. Ha reis que nem reinam, nem sabem: elles são os reis, e os seus validos são os que reinam; porque os validos são os que põem e os que dispõem, e os que fazem o que querem: e assim como não reinam, tambem não sabem: porque nem sabem a quem se dão os premios, nem sabem porque merecimentos: nem sabem a quem se dão os castigos, nem sabem porque culpas. Não foi assim El-rei D. João: sabia tudo, e reinava sobre todos. Quando entrou sua magestade a reinar, reinava em França Luiz XIII: mas quem tinha o governo era o cardeal Richelieu. Reinava em Hespanha Filippe IV: mas quem tinha o governo era o conde duque. Só em Portugal reinava El-rei: *Regnabit rex;* e assim como reinava sobre todos, tambem sabia tudo; assignava os papeis por sua mão, e em nenhum lançou a sua firma, como eu lhe vi e ouvi por muitas vezes, que, ou elle o não lêsse ou ouvisse lêr por pessoa de quem se fiava: e para ter noticia de todos os negocios mandava despachar os de mais importancia em sua presença; e para isso repartiu os conselhos pelos dias: á segunda feira o conselho de estado, á terça o da fazenda, á quinta o despacho das mercês, á sexta a Meza do Paço, ao sabbado o da Consciencia. Pelas manhãs dava audiencias publicas e secretas, e despachava com os secretarios, não lhe ficando uma só hora de vago, nem havendo jámais rei que tanto trabalhasse. Diziam que gastava tempo com a musica, e assim era: mas as horas da musica tirava-as á pessoa e não á corôa: tirava-as a si, em quanto homem, e não a si em quanto rei: era uma á hora da sesta, outra á da madrugada, que ainda aos jornaleiros são foras: elle era o ungido, e elle o que luctava com os negocios: *Unxi eum.*

VI

Manus enim mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum: a minha mão o ajudará, e o meu braço o esforçará. Este verso não ha mister commento, basta a memoria. Bem sabemos todos que no dia da acclamação de sua magestade, defronte da igreja de Santo Antonio, despregou a mão, e estendeu o braço a imagem de Christo Crucificado: *Manus mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum.*

Manus mea auxiliabitur ei. O primeiro soccorro da mão de Deus, que experimentou El-rei D. João, não foi desbaratar Deus os exercitos de Castella: mas cegal-os, para que não obrassem logo o que puderam: este foi o primeiro golpe daquella mão omnipotente, como pediu Eliseu: *Percute gentem hanc cæcitate.* [1] Obrigados do grande exercito que estava naquelle tempo sobre Catalunha, offereciam os Catalães sujeição. Votou o conde de Onhate, que se aceitassse o offerecimento de Catalunha, e o exercito marchasse logo a Portugal, em quanto estava desapercebido: e não ha duvida que este conselho era o que convinha a Castella, e o que nos podia ser de ruina naquelles principios do reino: mas não é coisa nova em Deus, que os conselhos de Achitofel não prevaleçam contra elle. Foi este soccorro da mão de Deus, como o da espada de S. Pedro na defensão do Horto. Mette S. Pedro mão á espada e investe com Malco. Pois, S. Pedro, com a lanterna o haveis? Não será melhor investir com as espadas e com as lanças: *Cum gladiis, et fustibus?* [2] Não: em similhantes casos importa muito mais o deslumbrar, que o ferir. No golpe que atirou á cabeça cortou a orelha a um: no golpe que tirou á lanterna, feriu os olhos a todos, porque os deixou cegos sem luz: assim se portou a mão de Deus em nosso favor. O Onhate allumiava bem: mas Deus, porque amava a David, infatuou o conselho de Achitofel. De

---

[1] *4.º Livr. dos Reis*, VI, 18.
[2] *Math.*, XXVI, 47.

S. João Baptista se diz: *Etenim manus Domini erat cum illo:* [1] Que estava a mão de Deus com elle; e o mesmo se podia dizer d'El-rei D. João: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Vistes já em um painel a S. João apontando com o dedo, e a Deus Padre com a mão estendida? Se houvera de retratar os successos d'El-rei D. João, não se pudéra buscar pintura mais propria. João apontando com o dedo, e Deus assistindo e executando com a mão: *Manus enim mea auxiliabitur ei.*

Primeiro que tudo. Apontou El-rei D. João para Lisboa; poz Deus a mão, e veiu Lisboa, sem haver quem tirasse uma espada, todos dizendo: *Viva.* Estava o castello presidiado de castelhanos, e com os canhões sobre a cidade: apontou El-rei ao castello; poz Deus a mão, e rendeu-se o castello no mesmo dia. Apontou El-rei para os galeões de Castella, que estavam no rio de Lisboa com gente, mantimentos e velas mettidas, e se puderam quando menos sahir pela barra, cujas forças ainda se sustentavam por Castella; poz Deus a mão, e renderam-se os galeões. Apontou El-rei para a fortaleza de S. Gião, da qual dizia... que se se perdesse Hespanha, por ella se podia restaurar; poz Deus a mão, e veiu a fortaleza de S. Gião. Apontou para todas as fortalezas do reino, presidiadas por sessenta annos de Castella; poz Deus a mão, e renderam-se todas. Apontou El-rei para todas as povoações e comarcas do reino; poz Deus a mão, e vieram todas, sem ficar uma aldeia, nem uma casa, nem uma..... por Castella. Apontou El-rei ao Brazil, e primeiro á cabeça, onde estavam dois terços de infanteria castelhana, e um de napolitanos, com um vice-rei tão beneficiado de Castella; poz Deus a mão, veiu a cabeça do Brazil, e apoz ella todos os membros. Apontou El-rei para a India, e com estar tão remota, poz Deus a mão, e veiu a India; e houve homens que vieram de Macáu só a vêr rei portuguez. Apontou El-rei para Angola e S. Thomé; poz Deus a mão, veiu S. Thomé e Angola. Apontou para Tanger e Mazagão; veiu Mazagão e Tanger. Apontou para todas as ilhas; vieram as ilhas todas. Só restava o fortissimo e inexpugnavel castello da Terceira, governado e presidiado

[1] *Luc.*, I, 66.

de castelhanos, e quatro vezes soccorrido de Castella; applicou Deus a mão, e rendeu-se o castello; não a sitio de capitães e soldados pagos, senão ao que por mar, e por terra lhes fizeram os moradores e lavradores, com assombro do mundo: no principio do sitio não tinham mais que um barco, e no cabo delle defendiam as entradas do mar com nove navios de guerra, tomados todos aos castelhanos. Isto fez Deus com a mão: *Manus enim mea auxiliabitur ei.*

VII

Com o braço, como maior empenho, ainda fez Deus mais: *Et brachium meum confortabit eum.* O que fez o braço de Deus, foi fortalecer o coração d'El-rei, o qual coração verdadeiramente foi entre tantos milagres o maior milagre. Acclamado El-rei em Lisboa, parte-se de Villa Viçosa em um coche, acompanhado só de dois fidalgos, com a mesma segurança com que o pudéra fazer El-rei D. Diniz ou El-rei D. Manuel na mais alta paz do reino. Costumam os principes em similhantes casos andarem armados: e o peito de prova que vestia El-rei, era um gibão de tafetá singelo. Costumam os principes multiplicar as guardas: e El-rei não accrescentou um soldado á guarda ordinaria do reino; nem ás portas do paço havia mais que os porteiros ordinarios da Cana; podendo-se dizer d'El-rei D. João o IV, o que se cantou ao terceiro: *Com duas canas diante his armado, e his temido.* Costumam os principes recolher-se a alguma cidadella, ou logar forte: El-rei não só vivia nos paços da Ribeira, deixando os do Castello, senão que até de Lisboa se sahia, passando os verões em Alcantara, e os invernos em Almeirim. Estava o Tejo fervendo em navios e chalupas estrangeiras de todas as nações; e El-rei mettia-se em uma gondola só pelo rio abaixo, quando fôra muito facil sahir dos navios quem o levasse pela barra fóra. Na caça, quantas vezes se apartava dos monteiros e dos fidalgos que o seguiam, e andava só pelos bosques, e pelos campos, como se com se levar a si levasse toda a sua guarda comsigo: e assim era;

porque levava o braço de Deus, que o esforçava: *Et brachium meum confortabit eum.*

Todos estes excessos de valor destemido fazia aquelle grande coração, constando-lhe das grandes diligencias que Castella fazia, por lhe tirar a vida nas acções e nos logares mais sagrados. Ah, que se me perde aqui a minha similhança de David! Mas eu a dou por bem perdida. David, vendo-se perseguido de Saül: *Ascenderunt ad tutiora loca*, [1] buscava os logares mais seguros; mas o nosso David mettia-se pelos mais arriscados, não desprezando os perigos, mas sabendo que não periga quem é defendido do braço de Deus. Parecia-lhe a todos os estrangeiros de Italia, França, Inglaterra, Allemanha, com muitos dos quaes fallei nestes tempos, que seria grande o desvelo e continuo sobresalto de um principe, que dentro em sua propria terra tinha tomado um reino a um monarcha por sobrenome o Grande: cuidavam, que não poderia dormir, nem aquietar, nem ter um momento de gosto ou de socego; e quando ouviam dizer que El-rei de Portugal tinha todas as semanas um dia de caça, e todos os dias duas horas de musica, pasmavam e ficavam assombrados. Das fronteiras de Badajoz veiu prisioneiro um Titulo de Flandres, general da cavalleria, o qual disse que sentia menos a sua prisão, só por poder vêr um homem que tendo tomado um reino a El-rei de Hespanha, dentro em Hespanha tinha animo para caçar e cantar. Naquelle fatal dia de 19 de agosto de 41, em que no Rocio de Lisboa se cortaram juntas as maiores cabeças que em muitos seculos se viram cortar em Hespanha, estando ainda o reino tão em mantilhas; e estando empenhadas na conjuração tantas casas grandes, por não dar audiencias e evitar rogativas, deitou-se El-rei na cama. Tão desassustado estava o seu coração, e tão sem cuidado nem receio. Isto foi mui advertido de todos; mas eu notei muito mais, que dois dias antes tinha sua magestade mandado sahir as duas armadas de França e Portugal em demanda de Cadiz; parecendo a El-rei, e mostrando a todo o mundo que era e estava tão rei de Portugal, que para cortar as maiores cabeças delle não tinha

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXIV, 23.

necessidade de soccorros de armas estranhas, nem ainda da assistencia das suas: mas que muito, se estava assistido do braço de Deus? *Et brachium meum confortabit eum*.....

Esta oração é, como atrás se notou, das que se acharam na cella do padre Vieira depois da sua morte. Infelizmente tem apenas a primeira parte, e essa mesma com varias lacunas. Sahiu impressa pelo padre André de Barros que lhe juntou o epitaphio seguinte que se encontrou entre os papeis de Vieira, e de sua propria lettra:

Post assertam patriæ libertatem
(Maiore felicitate, an fortitudine, incertum)
Avito sceptro liberis relicto,
JOANNES QUARTUS
Hic Victor quiescit.
Vixit in imperio annos sexdecim:
Sibi satis, hostibus nimium, nobis parum.

SERMÃO

DAS

EXEQUIAS DO CONDE DE UNHÃO *

D. FERNÃO TELLES DE MENEZES

DE FELIZ MEMORIA

Prégado na villa de Santarem, no Anno de 1651

Enoch vixit sexaginta quinque annis, et genuit Mathusalem, et ambulavit Enoch cum Deo, et genuit filios, et filias, ambulavitque cum Deo, et non apparuit, quia tulit eum Deus. [1]

Tarde venho á consolação (dizia em similhante caso S. Jeronymo a Pamachio), e depois que o tempo e a razão tem já curado as feridas, temo que será renovar a dôr trazel-as do silencio á memoria: *Ego serus consolator vereor... ne attrectans vulnus pectoris tui, quod tempore, et ratione curatum est, commemoratione erulcerem.* [2] Para entrar neste logar com o mesmo receio, tinha eu as mesmas causas; mas venho muito livre delle: não vem a minha oração a renovar dôres, nem a acompanhar a impropriedade destes lutos, vem a emendal-os. Baste o chorado já, baste o sentido; contente-se a natureza com setenta dias de dôr, que

* É, tambem, este um dos Sermões que o padre André de Barros recompoz do seu primitivo original, encontrado em folhas avulsas, delidas e apagadas, que se encontraram no quarto onde falleceu o grande prégador. O Sermão presente, commenta Honorati, é menos pathetico e emphatico do que os precedentes. E' de notar que o Conde, cujas exequias do septuagesimo dia Vieira prégava, era o seu padrinho de Baptismo.

[1] *Gen.*, v, 21.

[2] S. Hieron. ad Pamach. Consol. super ob. Paulinæ uxoris.

nem á morte de Jacob deram mais as lagrimas do Egypto, choradas sem fé da immortalidade: *Flevit eum Ægyptus septuaginta diebus.* [1] Justo é que se falle da morte em similhantes casos, sim; mas quando se prége da morte daquelles que nos não deixaram outro exemplo, nem outro desengano, que o de morrerem. Celebramos hoje as memorias de Fernão Telles de Menezes, cujo nome é o maior elogio, por isso o refiro desacompanhado de todos. Memorias disse, e não memorias funebres; porque não hei de prégar de morto senão de vivo. Sermão de honras me encommendaram; e não seriam honras, senão injurias da virtude e da razão, buscar ao vivo entre os mortos: *Quid quæritis viventem cum mortuis?* [2]

Tempos havia que a milagrosa Santarem faltava ao mundo com prodigios: deu em nossos dias este milagre de virtude, milagre de exemplo, milagre de religião, milagre de santidade; para que vissem os homens (já que parece que o não crêem) que a nobreza não é privilegio, senão maior obrigação ás leis de Deus: que o vicio não está nas riquezas, senão no abuso dellas: que se póde ajuntar o regalo com a penitencia, a côrte com o retiro, a familia com o socego, o poder com o não querer: e que não é impossivel estar o sangue sem carne, a grandeza sem inchação, e o céu com a terra juntamente. Este é o milagre que temos presente, e não o contradizem nem aquelles epitaphios, nem aquella sepultura: que tambem sobre os milagres tem jurisdição a morte. Annos foram, que neste mesmo logar se abriu milagrosamente o Tejo como o Jordão, para dar passo ao sepulchro de Santa Iria; e já hoje correm suas aguas, como corriam d'antes: até milagres acabam! Mas o milagre deste milagre, foi que acabou sem morrer.

Para poder fallar delle com alguma propriedade, busquei parallelo: mas nem o achei no mundo, nem em nossos tempos. Como se havia de achar parallelo, nem no mundo, nem em nossos tempos, para quem não foi deste tempo, nem deste mundo? Um morto vivo (ou um vivo que nunca morreu) um vivo trasla-

[1] *Gen.*, L, 3.
[2] *Luc.*, XXIV, 5.

dado, um homem do outro mundo, um Enoch no paraizo será o fundamento da minha oração. De todos os outros homens daquelle tempo diz a Escriptura: *Mortuus est;* só a Enoch pôz por epitaphio: *Vixit: Enoch vixit sexaginta quinque annis.* Sessenta e cinco annos viveu o nosso Enoch; e outros tantos eram necessarios para referir os exemplos da sua vida, quanto mais para os ponderar. Em seguimento das palavras que propuz, irei dizendo o pouco que couber em tanta limitação de tempo, o demais perguntal-o-hão os vossos ouvidos aos vossos olhos. Para as memorias, de quem tanto do coração a serviu, não póde a Mãe de Deus negar-nos a muita graça que havemos mister; digamos a *Ave Maria.*

I

Enoch vixit sexaginta annis: Enoch viveu sessenta e cinco annos. A primeira maravilha que considero no nosso Enoch, é, que morrendo de sessenta e cinco annos, viveu sessenta e cinco annos: *Vixit Enoch sexaginta quinque annis.* Que morresse de sessenta e cinco annos, outros alcançaram maiores edades: mas que morresse de sessenta e cinco annos, e vivesse sessenta e cinco annos! Bem sei que estranhaes a novidade do reparo; mas não tem que estranhar. Morrer de muitos annos, e viver muitos annos, não é a mesma coisa. Ordinariamente os homens morrem de muitos annos, e vivem poucos. Porque? Porque nem todos os annos que se passam, se vivem: uma coisa é contar os annos, outra vivel-os; uma coisa é viver, outra durar. Tambem os cadaveres debaixo da terra; tambem os ossos nas sepulturas acompanham os cursos dos tempos, e ninguem dirá que vivem. As nossas acções são os nossos dias; por ellas se contam os annos, por elles se mede a vida: em quanto obramos racionalmente, vivemos; o demais tempo duramos.

Não é esta philosophia tão nova, que a não alcançasse até um gentio, Seneca. Fallava elle de um que morrera de oitenta annos, e dizia assim: *Quid illum octoginta anni juvant per inertiam exacti?* Que lhe aproveitam oitenta annos passados em ocio? *Non vixit iste, sed in vita moratus est:* este, diz Seneca, não

viveu, deteve-se na vida. Se uma náu fosse á India em seis mezes, e outra ao Cabo da Esperança em vinte e quatro, qual dirieis que navegou mais? Não ha duvida, que a primeira; aquella navegou, esta deteve-se. O mesmo passa nas vidas. Mais vivem uns em poucos annos, que outros em muitos; uns vivem, outros deteem-se: todo o tempo que não obramos racionalmente, correm os annos, e pára a vida. No Cap. 65.º traz Isaias uma prophecia notavel: *Puer centum annorum morietur:* [1] Sabeis o que ha de acontecer, diz Isaias? Hão de morrer meninos de cem annos. Morrer de cem annos, e meninos, escura prophecia. Se meninos, como hão de morrer de cem annos; e se morrem de cem annos, como são meninos? Porque morrer de cem annos, e ser de menos annos, não é a mesma coisa. Os annos medem-se pela duração, a edade computa-se pela vida: bem podem logo morrer de cem annos, e ser meninos; porque cada um não é dos annos que dura, é dos annos que viveu. Com um exemplo ficará esta verdade mais clara.

Nabucodonosor condemnou-o Deus a pascer nos campos de Babylonia, como bruto entre as feras; e assim andou sete annos. Agora pergunto: e se a Nabucodonosor se lhe houvessem de contar pontualmente os annos da vida, não se lhe haviam de diminuir estes sete? Claro está, que sim: porque os annos de bruto não pertencem á vida de homem. Ah, senhores! Se se houver de fazer este computo em cada um de nós, se se houverem de abater e descontar do tempo de nossas vidas todos aquelles dias que passamos conforme o appetite, e não conforme a razão, como é certo que na hora da morte havemos de achar as contas muito deseguaes: os annos de que morremos, muitos; os dias que vivemos, poucos. Não assim o nosso Enoch: morreu de sessenta e cinco annos, e viveu sessenta e cinco annos: *Virit sexaginta quinque annis.* Todos os annos, de que morreu, viveu; porque todos viveu medidos com a razão e com a Lei de Christo: todos os dias de sua vida foram de vida sua; porque lh'os não roubaram os appetites. Foi moço, foi varão, foi velho; mas nem lhe levaram os annos de moço os

[1] *Isai.*, LXV. 20.

galanteios, nem os de varão as ambições, nem os de velho os descuidos. Em moço viveu como quem se não fiava da vida; em varão, como quem a queria aproveitar; em velho, como quem a acabava: e por isso toda a sua vida viveu; por isso viveu sessenta e cinco annos: *Vixit sexaginta quinque annis.*

A vida humana naturalmente considerada, compõe-se de tres vidas, A vida vegetativa, com que nos alimentamos; a vida sensitiva, com que sentimos; a vida racional, com que entendemos. A estas tres vidas naturaes correspondem no espiritual outras tres, as quaes se conservam nas tres mais encommendadas virtudes que temos na Escriptura. As virtudes que mais nos encommenda Deus em ambos os testamentos, são estas tres: jejum, esmola, oração. O jejum responde á vida vegetativa; porque com ella nos alimentamos: a esmola responde á vida sensitiva; porque com ella nos compadecemos: a oração responde á vida racional; porque com ella tratamos com Deus. Estas são as vidas que tão altamente nos ensinou S. Paulo naquelles seus tres adverbios: *Sobriè, et justè, et piè vivamus.* [1] Com a primeira vida vivemos para nós, com a segunda para o proximo, com a terceira para Deus. Com a primeira vivemos para nós: *Sobriè;* e isso por meio do jejum mortificando-nos: com a segunda vivemos para os proximos: *Justè;* e isso por meio da esmola soccorrendo-os: com a terceira vivemos para Deus: *Piè;* e isso por meio da oração, venerando-o. Todas estas viveu o nosso Enoch em toda a sua vida: *Vixit.*

II

Vixit: Sobriè. O jejum do conde era tão extremado, que mais se póde dizer que vivia do que jejuava, que do que comia. O outro philosopho disse arrogantemente de si: *Non ut edam vivo, sed ut vivam edo:* Eu cômo para viver, não vivo para comer. Do nosso Enoch ainda o podemos dizer melhor: o philosopho comia para viver; elle comia para não morrer: só por

[1] *Ad Tit.*, II, 12.

estes termos se póde explicar o extremo da sua abstinencia. Deixou-nos nesta materia um dos exemplos maiores que se veneram no mundo; e porque o guardo para depois, não o quero offender agora: *Sobrié.*

Justè. Quão estreito foi no sustento de sua pessoa, tão largo era em acudir ao dos pobres. Desta virtude são menos publicos os seus exemplos; mas assim havia de ser para serem esmolas. Sustentar a vida, e tirar a honra, não é esmola, é injuria. Eram muitas as pessoas particulares a quem o conde sustentava a vida com suas esmolas; e a honra, com lh'as fazer secretamente. Fazia as obras de misericordia com justiça: *Justè.* Reparo é este em que não repara, antes frequentemente tropeça a caridade ou liberalidade dos grandes: dão aos pobres, e não pagam aos criados; dão o que não teem, e não pagam o que devem. O conde nenhuma coisa devia: a ninguem retardou nunca a paga, antes costumava dizer, que não sabia como havia quem pudesse ir á cama sobre dever o alheio. Tão sujeita e tão medida com as leis da justiça era a caridade do nosso Enoch! Mas nem por ser tão justa, era menos liberal: pagava o que devia, e dava como se devesse. Os pobres eram os seus acredores: aos outros pedem, a elle executavam; mas assim havia de ser, onde a misericordia era justiça: *Justè.*

Piè. Sendo tão grandes os exemplos que o conde nos deixou de todas as virtudes christãs, o da sua oração foi o maior de todos. Ainda nos Egyptos e nas Thebaidas se acham difficultosamente memorias de oração tão continuada. Levantava-se o conde cedo, verão e inverno; punha-se logo em oração, que só se interrompia ou se accrescentava com a Missa; e assim estava orando, até que lhe davam recado para comer. Da meza tornava para o oratorio, onde continuava toda a tarde, e as primeiras horas da noite; nem sahia, senão obrigado da cortezia a tomar alguma visita, o que era poucas vezes; porque os validos de Deus são menos importunados que os dos principes. Depois da cêa vollava para a oração, da qual ordinariamente se não recolhia menos da meia noite, e muitas vezes depois. Todo este tempo gastava este Enoch orando, sem mais variedade que passar da oração mental á vocal: a postura do corpo sempre de joelhos, a almo-

fada uma cortiça. Tão simples, tão penitente, tão alheia de todo o fausto era a devoção deste illustre anacoreta! Só no altar se mostrava sua grandeza e riqueza, porque era um thesouro: mas que muito, se nelle tinha o coração! Uma das notaveis advertencias que Christo deu a seus Discipulos, foi: *Oportet semper orare:* [1] Que é necessario orar sempre. Para este preceito ou conselho ser de alguma maneira praticavel, são infinitas as interpretações que lhe dão os Expositores: só o conde soube interpretar este Texto, e elle mostrou ao mundo que não era impossivel o guardar-se, assim como sôa. Sem metaphora, e sem nenhum encarecimento se póde dizer que sempre orava: nenhum dia houve que descesse a sua oração de oito e dez horas, muitos que passou de quatorze. De um Hilarião e de um Macario fôra admiravel exemplo este: que será em um conde de Unhão, casado, rico, illustre, e em muita parte da vida moço, e com os cuidados de tão grande casa! Aprendam aqui os que tomam por escusa de se darem menos a Deus as attenções da casa e do estado: nenhum governou a sua melhor que o conde, e sobravam-lhe tantas horas para Deus. Que grandes são os dias que se gastam bem! Tão vivos como isto gastou todos os seus o nosso Enoch: vêde se posso dizer com verdade que os viveu todos: *Vixit Enoch sexaginta quinque annis.*

Só me podem arguir os mais escrupulosamente doutos, que esta similhança da edade deste Enoch, ainda que vem tão medida e tão pontual nesta parte, no demais não guarda proporção: porque Enoch, como diz o mesmo Texto, viveu na terra não só aquelles sessenta e cinco annos, mas outros muitos. Facilmente pudéra socegar o escrupulo com os privilegios das similhanças, que não teem obrigação de ser em tudo correspondidas e eguaes; mas esta que parece desegualdade e differença, foi a maior propriedade, e a maior energia da nossa similhança.

Não viveu o conde mais que sessenta e cinco annos; mas nesses sessenta e cinco, egualou todos os mais annos de Enoch. E porque? Porque cada dia da vida do conde não foi um só dia, foram muitos:

[1] *Luc.*, XVIII, 1.

Benedictus Dominus die quotidie, [1] dizia o Propheta Rei: bemdito seja o Senhor no dia cada dia. Se dissera no dia cada hora, bem estava; se dissera cada dia no anno, cada dia no mez, cada dia na semana, tambem; mas no dia cada dia: *Die quotidie?* Sim; porque os dias que se occupam, como o conde os occupava em louvar a Deus: *Benedictus Dominus*, não são dias como os dias que se compõem de horas; são dias como os annos, que se compõem de dias. O tempo diante de Deus corre de outro modo: os annos no céu diante de Deus são como dias: *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies.* [2] Na terra diante de Deus os dias são como annos: *Die quotidie*. Lá são os annos como dias, pelo muito que se gosa; cá são os dias como annos, pelo muito que se merece. Taes foram os do nosso conde; e assim não é muito que nos seus sessenta e cinco egualasse estes, e todos os de Enoch: *Enoch vixit sexaginta quinque annis.*

III

Et genuit Mathusalem. Uma coisa teve singular Enoch entre todos os homens, e foi que aos sessenta e cinco annos de sua edade lhe deu Deus um successor, que foi Mathusalém, no qual se perpetuou sua casa por tão comprida successão de annos, que nem antes nem depois delle houve quem chegasse a tantos. Este é o premio com que Deus paga ainda neste mundo aos grandes delle: que a virtude dos progenitores seja a segurança da successão, e a perpetuidade das casas. Por isso vêmos tantas, ou cortadas no meio da sua duração, ou abortadas em seu nascimento, e primeiro cahidas que levantadas. As casas podem-nas fazer os reis; a successão só a póde dar Deus, e dá-a só a quem é servido: e serve-se de a dar aos que o servem. Esta grande ventura se póde prometter desde hoje á sua illustrissima casa de Unhão, nos merecimentos do seu primeiro conde: foi como Enoch sua vida, será como Mathusalém sua successão.

---

[1] *Psalm.* LXVII, 20.
[2] *Ibid.*, LXXXIX, 4.

Começa a contar S. Matheus a genealogia de Christo, e descendencia da casa de Jacob, e diz assim: *Liber generationis Jesu Christi Filii David, Filii Abraham:* [1] Livro da geração de Jesus Christo, Filho de David, Filho de Abrahão. Abrahão foi primeiro que David, não menos que quatorze gerações; pois porque se não diz em primeiro logar, Filho de Abrahão, senão Filho de David? Duas razões entre outras dão os Expositores. Primeira; porque ainda que Abrahão foi o que fundou a casa, David foi o primeiro que metteu nella o titulo: *Jesse autem genuit David regem: David autem rex genuit Salomonem.* [2] E porque David foi o primeiro que metteu na casa o titulo, deu-lhe o Evangelista o primeiro logar, ainda antes do mesmo fundador, porque esse é o que se lhe deve. E para que nem esta prerogativa lhe faltasse ao nosso conde, foi elle o primeiro que metteu na casa o titulo; e assim se chamará d'aqui por diante o primeiro de Unhão. Esta razão é de Ruperto: mas a que a mim mais me serve, e mais fundada na Historia Sagrada, é esta. Antepõe-se David a Abrahão na genealogia de Christo: porque ainda que o merecimento de Abrahão a fundou, a virtude de David a estabeleceu: Abrahão deu-lhe o fundamento, David deu-lhe a perpetuidade. Mil vezes havia Deus de acabar com a casa de Jacob: no tempo de Salomão, no tempo de Roboão, no tempo de outros descendentes della, menos lembrados de seus avós, e de suas obrigações; mas sempre teve mão nella a memoria de David: *Et propter David servum meum.* [3] Os alicerces da casa de Jacob foram os ossos de David. Depois que assentou sobre elles sua successão, sempre esteve firme, e o ha de estar até o fim do mundo. Ditosa casa, a que hoje se vê fundada sobre os ossos de um David tão servo de Deus! Aquelle sepulchro são as bases de sua firmeza; e por esta prerogativa se lhe deve, e se lhe deverá sempre o primeiro logar, não só sobre todos os que lhe succederem depois, mas acima de todos, os que foram antes: *Filii David, Filii Abraham.*

---

[1] *Math.*, I, 1.
[2] *Ibid.*, 5 e 6.
[3] *4.º Livr. dos Reis*, XX, 6.

Mas porque merecimentos? Todos os do conde nos podem fundar a esperança desta seguridade; mas teve alguns particulares, a que singularmente é devida. Uma das obras em que luzia a christandade e piedade do conde, era o zelo e cuidado que tinha do culto divino na fabrica e ornato dos templos. Nas suas commendas e logares de que era senhor, reparou muitas Igrejas que estavam arruinadas: ornou e proveu outras que estavam menos decentemente servidas; e algumas levantou e edificou desde seus fundamentos. A quem tão solicito era em edificar casas a Deus, como lhe póde faltar Deus em estabelecer sua casa? Cada pedra que poz na casa de Deus, é uma columna que accrescentou á sua: *Sapientia ædificavit sibi domum, excidit columnas septem.* [1] A Sabedoria, diz Salomão, que edificára casa para si, fundada sobre muitas columnas. Esta casa, como logo se segue no Texto, era templo; porque diz que se fizeram nella os sacrificios: *Immolavit victimas suas.* Pois se a casa era templo, porque não diz que sabios edificaram templo para Deus, senão que edificaram para si? Porque assim era. Ninguem melhor edifica casa para si, que quem levanta templos para Deus. Na mesma metaphora me parece que o quiz Deus mostrar nesta vida ao conde. Não conto nem qualifico milagres: falio no que agora direi, como em tudo o mais, pelos documentos que me foram dados.

Indo o conde para Ourique no anno de 1638, sobreveiu-lhe a noite no campo, escura e chuvosa, de maneira que elle e os que o acompanhavam perderam o caminho. No meio desta perplexidade descobriram ao longe uma luz: seguiram-na, chegaram, apearam-se: acharam uma casa com a porta aberta; nella uma candeia acceza, lenha, pão, vinho, e algumas d'aquellas verduras do Egypto, porque suspiravam os filhos de Israël, com tudo o que era necessario para se guizarem. Mas nem então, nem em todo o tempo que alli estiveram, appareceu pessoa alguma. Comeram os criados, e descançaram: o conde tambem comeu, e descançou; porque passou toda a noite em oração, que era o seu manjar, e o seu descanço. Amanheceu,

[1] *Prov.*, IX, 1.

reconheceram a casa, e acharam que era uma ermida de Santo Antonio. Sahiram, cerraram uma porta sobre a outra, puzeram-se a caminho; mas a ermida não appareceu mais até o dia de hoje. Voltou o conde a buscal-a pelos mesmos passos, fizeram-se diligencias pelos logares visinhos, e ninguem houve que visse tal ermida, nem tivesse noticia della. Eis aqui quão segura tem a correspondencia, quem tem cuidado das casas de Deus. Aos filhos de Israël no deserto, deu-lhes Deus luz: *Per noctem in columna ignis;* [1] e deu-lhes de comer: *Pavit eos Manu;* [2] mas casa não lh'a deu, dormiam no campo: ao nosso conde deu-lhe Deus no deserto luz, deu-lhe de comer, e deu-lhe casa: e não outra casa senão a sua, uma Igreja. David dizia: *In terra deserta, et invia, et inaquosa sic in sancto apparui tibi.* [3] Eu, Senhor, orava no deserto como no templo. O mesmo fazia o nosso David; mas experimentou maiores favores na correspondencia. David orava no deserto e no Templo; mas Deus não lhe levava o Templo ao deserto: esta fineza estava guardada para o nosso David. Vêde se lhe conservará a casa, quem lhe dava a sua. Seguramente se póde prometter á casa e successão do conde, os annos de Mathusalém: *Et genuit Mathusalem.*

IV

Et ambulavit Enoch cum Deo. Andou Enoch com Deus. Se todos pudéram comprehender o fundo destas palavras, eu me dera por mui contente com dizer que encheu o nosso Enoch o sentido dellas. Que quer dizer: *Ambulavit cum Deo?* Andou com Deus? Não se póde isto explicar, senão pelo seu contrario. Os que andaes com o mundo, que fazeis? Todos os vossos passos, todos os vossos cuidados, todos os vossos pensamentos, todas as vossas diligencias, são do mundo, e para com o mundo. Trocae agora o mundo em

---

1 *Exod.*, XIII, 21.
2 Verba ex sensu Scripturæ, sed non formalia.
3 *Psalm.* LXII, 3.

Deus: tal era o nosso Enoch: *Ambulavit Enoch cum Deo.* Todo de Deus, todo para Deus, todo em Deus, todo com Deus. Quem buscou nunca o conde de Unhão, que o não achasse com Deus? Que faz o conde? Está no oratorio. Em toda a sua casa, esta era a sua casa: alli estava, porque alli estava Deus; e quando d'alli sahia, ou quando d'alli o tiravam, que nunca era senão forçado, mudava o logar, mas não mudava a companhia: *Ambulavit cum Deo.* Se caminhava, andava com Deus; se conversava, fallava com Deus; se obrava, fazia-o por Deus; se padecia, referia-o a Deus; se alegre, com Deus se alegrava; se triste, com Deus se entristecia; se alliviado, com Deus se consolava. Em todo o logar, em todo o tempo, em todo o estado com Deus. Com Deus de dia, com Deus de noite; com Deus em casa, com Deus na côrte, e com Deus no monte. Com Deus no trabalho, e com Deus na prosperidade; com Deus na saude, e com Deus na enfermidade; com Deus na vida, e com Deus na morte: sempre com Deus, e todo com Deus. A memoria com Deus; porque só de Deus eram as suas lembranças: o entendimento com Deus; porque só de Deus eram os seus pensamentos: a vontade com Deus; porque só de Deus eram os seus affectos. Enoch quer dizer *dedicado:* os outros homens emprestam-se a Deus; o conde dedicou-se a Deus: *Ambulavit Enoch cum Deo.*

Deste andar com Deus do nosso conde, côlho eu que teve no céu o mesmo titulo que teve na terra; ou, para melhor dizer, que tinha na terra o exercicio do titulo que tinha no céu. Na côrte do céu tambem ha titulos de condes. Não é modo de fallar, senão verdade revelada nas Escripturas. Diz S. João no Apocalypse, que viu no céu uns homens com titulos: *Habentes scriptum in frontibus;* [1] e que o officio destes titulos era acompanharem a Christo para qualquer parte que fosse: *Et sequuntur Agnum, quocumque ierit.* Bem sabeis que o titulo e officio de condes em sua primeira instituição era acompanharem os reis; por isso se chamam *comites*, que quer dizer *companheiros.* Pois assim como na terra ha titulos de condes para andarem com os reis, e os acompanharem;

[1] *Apoc.*, XIV, 1.

assim no céu ha titulos tambem de condes, que teem a proeminencia de acompanharem e andarem sempre com Christo: *Hi sequuntur Agnum, quocumque ierit.* [1] Nesta conformidade fallam todos os Doutores, principalmente modernos, na exposição deste logar do Apocalypse.

Que o nosso conde tivesse este titulo no céu, o mesmo Evangelista o diz, declarando que titulares eram aquelles: *Hi sunt, qui cum mulieribus non sunt coinquinati.* Estes titulos e estes condes do céu, sabeis quem são? São os castos. Foi tão casto o nosso conde em sua vida, que casando de mais de quarenta e cinco annos de edade, e morrendo de sessenta e cinco, nem antes das bodas manchou a castidade, nem depois dellas a continencia. E que á consideração de outros, qual foi maior victoria, se chegar casto ás bodas, se continente á sepultura. Eu só digo, que entre os gloriosos tropheus, com que tantos famosos varões desta illustrissima casa a engrandeceram, este é o que mais a illustrou, e o de que mais se deve honrar.

Cortou Judith a cabeça a Holofernes com sua propria espada, e tirando o pavilhão da cama em que jazia, diz a Escriptura Sagrada, que o dedicou no Templo: *Conopeum in anathema oblivionis.* [2] Isto que fez Judith com Holofernes, fez David com o Gigante, cortando-lhe com sua propria espada a cabeça; mas David dedicou a espada no Templo. Pois se David dedica a espada no Templo, porque matou o Gigante com suas proprias armas; Judith porque não dedica no Templo a espada, senão o pavilhão? Porque o pavilhão era tropheu da pureza, e a espada era tropheu do valor; e são muito mais gloriosos os tropheus da pureza, que os da espada. Não houve mais gloriosa victoria no mundo, que a de Judith: libertar uma cidade, pôr em fugida um exercito, uma só mulher, com um golpe de espada, e espada do mesmo inimigo, é o mais a que póde chegar a imaginação: e no meio de todas estas circumstancias de valor e ventura, pendura no Templo o pavilhão de Holofernes, e não a espada; porque teve Judith por maior victoria o sahir

[1] *Apoc.*, XIV, 4.
[2] *Judith*, XVI, 23.

casta, que o sahir vencedora. Considero eu esta illustrissima casa carregada de tropheus, como o templo de Jérusalem, e como o de Babylonia; mas se lêrmos os nomes dos famosos heroes que os trouxeram a ella, acharemos que todos foram grandes, mas este maior que todos os outros: os outros penduraram as armas de Golias, este o pavilhão de Holofernes.

Por esta victoria tão grande e tão rara, mereceu o nosso Enoch o titulo de conde no céu: *Hi sequuntur Agnum, quocumque ierit.* E se alguem me disser, que este titulo não se concede a qualquer castidade, senão á virginal, a qual se perde pelo matrimonio: *Hi sunt, qui cum mulieribus non sunt coinquinati, virgines enim sunt;* respondo, que a continencia conjugal, que succede á pureza virginal, perde o nome, mas não perde os privilegios. Não tenho menos fiador, que Santo Agostinho: *Non est impar meritum continentiæ in Joanne, qui nullas expertus est nuptias, et in Abraham, qui filios generavit;* e quando esta excepção de Santo Agostinho não fôra verdadeira nos outros homens, fôra-o no nosso caso por Enoch. O merecimento porque Elias se conserva vivo no Paraiso, foi pela pureza virginal, que guardou sempre inviolavel: assim o dizem os Santos, e mui particularmente Santo Ambrosio. Mas temos a instancia na mão. Enoch não observou outra castidade, mais que a conjugal: *Genuit filios, et filias;* e está tambem no paraiso. Pois se o paraiso se dá a Elias pelo merecimento da pureza virginal, como se concede o mesmo paraiso a Enoch, que a perdeu pelo matrimonio? Porque a continencia conjugal de Enoch é privilegiada, como a pureza virginal de Elias. Antes das bodas tinha o nosso Enoch o titulo de conde pela natureza da virginal castidade, depois das bodas conservou-se nella pelo privilegio da continencia: e como no céu teve o titulo, não é muito que na terra tivesse o exercicio: *Ambulavit Enoch cum Deo.*

V

O que eu acho de muito nesta materia, é que não só acompanhou o nosso Enoch a Deus na presença, senão nas ausencias. Quando o Sacramento estava

exposto, testemunhas são os olhos de todo Portugal, da pontualidade com que o conde o acompanhava, não por uma hora, mas por muitas, e por dias inteiros sempre de joelhos, sem se assentar jámais, nem ainda no tempo do sermão. Grande exemplo de christandade, e muito mais na devassidão de nossos tempos; mas afim isto era acompanhar a Deus na presença. Porém que chegasse o espirito do nosso Enoch a acompanhar a Deus tambem nas ausencias, isto é o mais admiravel, e o que parece impossivel. Para prova desta fineza nos deixou o conde um exemplo tão raro e extraordinario, que poucos Santos se acharão, de que se lêa maior, nem ainda similhante. Succedeu em Portugal no anno de 1614 o caso vulgarmente chamado do Porto, quando naquella cidade desappareceu de um sacrario o Santissimo Sacramento, com circumstancias de violencia e rapto. Sentiu-se no reino a desgraça, como era razão; e o conde que então era de vinte e sete annos (quem tal cuidára de tal edade!) desde aquelle dia se condemnou, não a jejuar, mas a não comer totalmente desde a sexta feira até o domingo, passando dois dias naturaes, sexta e sabbado, sem mantimento algum em todas as semanas, e assim o guardou por todo o resto da vida, que foram trinta e oito annos. Só este caso, quando a vida do conde não tivera tantos, bastára para o fazer immortal nos annaes da piedade christã.

O Real Propheta David, em cujo espirito e o do nosso Enoch acho grande similhança, tambem se condemnava a jejum nas ausencias de Deus: *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes, dum dicitur mihi quotidie: Ubi est Deus tuus?* [1] Quando me dizem: Onde está teu Deus? As minhas lagrimas são o meu pão, e não cômo outro. Grandes palavras, e mais proprias no nosso caso, que no de David. Pergunto: Que proporção tem não apparecer Deus com jejuar David? Mais claro. Que proporção tem desapparecer Deus sacramentado, e condemnar-se o conde a tão estreito jejum? Ainda não acabo de apertar bem a duvida: agora o farei. Este jejum de David, não foi jejum, foi fome. O comer pouco é jejum, o não comer nada

[1] *Psalm.* XLI, 4.

é fome: *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes:* As minhas lagrimas foram o meu pão. O mais estreito jejum, é o de pão e agua; mas aquelle jejum em que a agua dos olhos vem a ser pão, ainda que mais estreito e mais rigoroso jejum, não é jejum, é fome. Pois porque se condemna o nosso David á fome, quando lhe desapparece Deus sacramentado? Porque só desta maneira o podia acompanhar na ausencia. Os ausentes só se podem acompanhar com as saudades; e onde o ausente é comida, as saudades são fome. Condemnou a vida á fome, para poder acompanhar o Pão da vida. Seguia a Deus sacramentado nesta ausencia, como segue a fome ao pão: em quanto ausente, saudoso; em quanto manjar, faminto: *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes.* Não sei se reparaes, em que sahiu o nosso David com saudades sacramentadas: saudades que na substancia eram lagrimas, e nos accidentes eram pão: *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes.* Sacramentou as saudades para acompanhar as ausencias do Sacramento. Deus para ausente acompanhar aos homens, sacramentou seu corpo; o nosso David para ausente acompanhar a Deus, sacramentou suas saudades: o Corpo de Deus sacramentado debaixo das especies de pão; as saudades de David debaixo das especies de pão. Vêde se fariam boa companhia as saudades a Deus, pois Deus e as saudades andavam debaixo das mesmas especies. Oh finezas (se se póde dizer) competidoras! Pão transubstanciado em Deus, lagrimas sacramentadas em pão: mal podia Deus escapar ao correr destas lagrimas, por mais que nos fugisse. Não ha duvida que lhe fez companhia o nosso Enoch ainda nas ausencias: *Ambulavit Enoch cum Deo.*

VI

E por quanto tempo? David padecia. David jejuava pela ausencia mas sómente em quanto lhe fallavam nella: *Dum dicitur mihi: Ubi est Deus tuus?* Que o nosso David fizesse estas demonstrações em quanto se fallava naquelle caso, em quanto estava fresca a memoria daquella desgraça, fizera o que fizeram as Igrejas, o que fizeram as Religiões, o que fize-

ram as almas mais piedosas deste reino: mas que continuasse em um rigor tão extraordinario trinta e oito annos inteiros? Grande resolução. Apérto ainda mais o caso. O Corpo de Deus sacramentado não persevera debaixo das especies de pão, senão em quanto ellas se conservam incorruptas. D'aqui se segue, que ainda que o sacrilego póde fazer o roubo, não o póde conservar por muito tempo; porque, segundo as experiencias da philosophia, em menos de um anno se corrompem naturalmente as especies em quantidade tão subtil, como a de uma hostia. Ora vêde quão pontual foi o nosso Enoch em acompanhar a Deus na ausencia. A ausencia de Deus durou um anno, a companhia que lhe fez o conde, durou trinta e oito. O tempo póde acabar a presença sacramental, porque dependia dos accidentes de pão, que são corruptiveis; mas o sentimento do coração do conde não o póde acabar nem diminuir o tempo, porque dependia do seu amôr, que era immortal. No Sacramento acabou-se a offensa, porque se acabaram as especies; no coração do conde não se acabou a dôr, porque se não acabou a memoria da offensa. No Sacramento já o conde não tinha que acompanhar, porque já Deus não estava alli; mas o seu amôr era tão fino, que depois de não ter que acompanhar, ainda fazia companhia. Só o amôr da Magdalena chegou aqui. Acompanhou o Corpo de Christo até á sepultura, e depois que o Corpo do Senhor não estava alli, ainda o acompanhou. Fazia o conde companhia a Christo na sua memoria porque ainda que Christo no Sacramento já não estava offendido, na sua memoria sempre o estava. Por isso Christo quando se sacramentou, pediu a memoria aos homens: *In mei memoriam facietis*, fiando mais da nossa memoria que da sua presença, porque na sua presença ficava dependente dos accidentes de pão, que são corruptiveis; na nossa memoria ficava dependente de accidentes da alma, que são immortaes. Immortalmente acompanhou o nosso Enoch a Deus; pois os rigores de seu corpo..... [1] Como na lembrança do conde sempre estava Deus offendido, por isso em seu corpo nunca deixou de ser aquella offensa castigada.

[1] Ha aqui uma lacuna no original.

Diz o Espirito Santo no Ecclesiastico, que Deus conservou a Enoch para prégar penitencia no mundo: *Ut det gentibus pœnitentiam;* [1] assim entendo que quiz Deus dar em nossos tempos o conde para prégador da penitencia. Castiga um conde santo um peccado alheio em si com trinta e oito annos de penitencia, jejuando dois dias em cada semana sem comer; que deve fazer cada um pelos peccados proprios! Aquelle roubo do Santissimo Sacramento, ou se póde considerar como peccado, ou como desgraça: se como peccado, era do sacrilego que o commetteu; se como desgraça, era commum de todo o reino: e que pague um homem o peccado alheio, como se fôra delicto proprio; que faça penitencia pela desgraça commum, como se fôra culpa particular! Grande pensão. Dizia El-rei David a Deus: *Ab alienis parce servo tuo:* [2] Senhor, perdoae-me os peccados alheios. Pedir perdão pelos peccados alheios, escrupulo é mui bem fundado em um rei; mas fazer penitencia pelos peccados alheios, aqui não chegou David. E que razão póde haver para que uma alma faça penitencia pelos peccados alheios? A mais fina razão de todas. Porque o peccado alheio, ainda que não é culpa minha, é offensa de Deus; e para me doer muito o peccado, não é necessario que seja eu o culpado, basta que seja Deus offendido. Este era o motivo da penitencia do conde; puramente por ser offendido Deus. Os outros homens na penitencia que fazem, sempre levam o interesse do perdão; o conde tinha sentimentos de penitente sem os interesses de perdoado. Se tiveramos verdadeiro amôr a Deus, qualquer peccado commum havia de ser para nós peccado original. O peccado original foi peccado de um, e pagam-no todos. Assim o fez o conde neste caso. Pagou o furto da arvore da vida, como pagamos o furto da arvore da sciencia. Adão furtou da arvore da sciencia, e paga-o todo o genero humano; o sacrilego furtou da arvore da vida, e pagou-o o conde, como se fosse para elle peccado original: *Quæ non rapui, tunc exolvebam.* [3] Quando Adão

[1] *Eccles.*, XLIV, 16.
[2] *Psalm.* XVIII, 14.
[3] *Ibid.*, LXVIII, 5.

roubou a arvore da sciencia, quiz Deus que se lhe satisfizesse aquelle peccado, e para isso escolheu seu Filho: da mesma maneira, quando aquelle sacrilego roubou a arvore da vida, quiz Deus que se lhe satisfizesse o peccado, e para isso escolheu o conde. Parece que não achou em Portugal quem fosse mais filho seu. Apartemo-nos já d'aqui, que não sei sahir deste passo.

VII

Et genuit filios, et filias, ambulavitque cum Deo: Teve Enoch filhos e filhas, e andou com Deus. Reparou advertidamente o cardeal Caetano, e já antigamente tinha feito o mesmo reparo S. João Chrysostomo, que repete o Texto duas vezes, que andára Enoch com Deus: *Ambulavit Enoch cum Deo, et genuit filios, et filias, ambulavitque cum Deo.* Pois não bastava dizer uma só vez, que andára Enoch com Deus? Não: porque falla o Texto de Enoch em differentes estados: um antes de ter filhos e filhas; outro depois de os ter: e como os homens ordinariamente com a mudança de estado mudam tambem os costumes, repete a Escriptura em grande louvor de Enoch, que antes e depois andou com Deus, para que entendessemos, que era tão egual e constante a virtude daquelle grande varão, que em todo o tempo e em todo o estado foi sempre o mesmo: antes com Deus; e depois tambem com Deus. Das virtudes do conde de Unhão podemos dizer o que disse S. Jeronymo das de Nepociano no seu epitaphio: *Ita in singulis virtutibus eminebat, quasi cæteras non haberet.* Cada uma era tão grande, como se não tivesse outra: todas eram maiores: mas na minha opinião ainda era maior que as maiores uma que se compunha de todas ellas. E qual era esta? Aquelle theor de vida, aquella uniformidade de costumes, aquella consonancia e egualdade de acções em todo o tempo, em todo o estado, e por tantos annos sempre a mesma. Esta era a maior excellencia do nosso segundo Enoch, ou do nosso Enoch sem segundo.

Dizia Seneca (que o soube muito bem dizer, mas não o soube obrar, porque é mais difficultoso) dizia,

que as acções do homem haviam de ter tal consonancia, que toda a sua vida fosse de uma côr: *Ut ipsa vita unius sine actionum dissentione coloris sit.* Os homens, como somos camaleões da vaidade, mudamos a côr a cada mudança de vento: quantos são os ventos de que nos sustentamos, tantas são as côres de que nos vestimos: *Magnam rem puta unum hominem agere:* A maior coisa que póde fazer o homem, é ser um. Cada homem ordinariamente é tantos homens, quantas são as differenças da edade, ou as mudanças da fortuna, a que o leva o tempo: *Effice, ut possis laudari, sin minus agnosci:* Portae-vos de tal maneira, sendo sempre o mesmo, que vos possam todos louvar, ao menos que vos possam conhecer. Discretamente dito, e verdadeiramente porque somos os homens tão pouco parecidos na vida, não já uns com os outros, senão cada um comsigo mesmo, que se nos houveram de conhecer pelas acções, como pelas feições, de um dia para o outro não houvera quem nos conhecera: *De aliquo, quem vidisti heri, meritò dici potest: Hic quis est?* De um homem, que vistes hontem, podeis hoje perguntar com muita razão: *Hic quis est?* Este quem é? Porque já hoje não é o que hontem era. Ainda as vidas dos que tratavam de sua salvação, bem se sabe os altibaixos que padeceram, e as tempestades em que se viram: *Ascendunt usque ad cœlos, et descendunt usque ad abyssos:* [1] Umas vezes tão altos, que parece estavam no céu; outras tão baixos, que lhes faltava pouco para cahirem no inferno. Não assim o nosso Enoch. Santo na mocidade, santo na edade maior, e na velhice santo.

Homens ha, e grandes homens, que se lhes cotejarmos a mocidade com a velhice, parecem duas ametades de vidas differentes. Saül na mocidade innocente, e na velhice vicioso. Manassés na mocidade peccador, e na velhice justo. Se da mocidade de Manassés, e da velhice de Saül, se fizera um homem pessimo; da mocidade de Saül, e da velhice de Manassés, fizera-se um homem santo: mas estas ametades ajuntam-se difficultosamente em um Enoch.

D'aqui infiro eu uma não vulgar consequencia em

[1] *Psalm.* cvi, 26.

honra da boa memoria do nosso conde, e é, que não se salvou uma só vez, como os outros homens, mas muitas. Para intelligencia deste pensamento, supponho com Plinio e outros philosophos, que os homens, principalmente de edades largas, morrem muitas vezes; porque uma edade é morte da outra. A adolescencia é morte da puericia; porque acabamos de ser meninos: a juventude é morte da adolescencia; porque acabamos de ser moços: a edade varonil é morte da juventude: porque acabamos de ser mancebos: e assim vamos morrendo a todas as edades. E quem ha neste mundo que em todas estas mortes se salvasse? Esta é uma grande excellencia do nosso conde, que se salvou em todas: não só salvou a alma na morte, salvou todas as edades na vida. Salvou a puericia; porque em menino foi um anjo: salvou a adolescencia; porque em moço não teve mocidade: salvou a juventude; porque mancebo era velho na madureza: salvou a edade varonil; porque varão, foi varão perfeito: salvou finalmente a velhice; porque nella pôz a corôa a todas as edades. Nós contentamo-nos com uma salvação; o conde foi tão ambicioso de se salvar, que se não satisfez senão com muitas salvações, e alcançou de Deus tanta graça, que lhe concedeu todas: *Protector salvationum Christi sui est.* [1] Notae que não diz salvação, senão *salvações: Salvationum;* porque aquelles de quem Deus tem especial protecção: *Protector;* aquelles a quem Deus fortalece com abundantes unções de sua graça: *Christi sui,* não lhes concede uma só salvação, senão muitas salvações: *Protector salvationum Christi sui est.* Vêde o estylo que Deus guarda na salvação ordinaria dos homens: *Deus noster, Deus salvos faciendi, et Domini, Domini exitus mortis.* [2] O officio de Deus é salvar: *Deus noster, Deus salvos faciendi;* e no tempo em que Deus salva, é lá na hora da morte: *Et Domini, Domini exitus mortis.* Isto é quando Deus salva ordinariamente; mas quando salva com privilegios particulares aos que muito ama, não lhes dá uma só salvação, senão muitas salvações; não os salva só na morte, salva-os em toda a vida. Oh di-

[1] *Psalm.* XXVII. 8.
[2] *Ibid.*, LXVII, 21.

losos os que assim se salvam! Quem se contenta a se salvar uma só vez, muito se arrisca a não se salvar nenhuma: querer-se salvar na morte, é temer o inferno: salvar-se em toda a vida, isso é amar a Deus. Quem se salva só na morte, quando muito, foge para Deus: quem se salva em toda a vida, esse é só o que anda com Deus: *Ambulavitque cum Deo.*

VIII

Et non apparuit. Nestas palavras temos a acção do maior valor que o conde fez em sua vida: *Non apparuit.* Não appareceu. Ninguem pudéra apparecer mais, nem melhor no reino onde nasceu, que o conde de Unhão, por qualidade, por riqueza, por grandeza, por parentes, por valias, por tudo. E que tivesse animo para viver retirado, que tivesse valor para não querer apparecer! E' esta acção tão sobre os homens, que só Deus a póde ponderar como ella merece: *Ubi eras, cum me laudarent astra matutina?* [1] Onde estavas quando me louvavam as estrellas da manhã, dizia Deus a Job? E' certo que todas as estrellas louvam a Deus: *Laudate eum omnes stellæ, et lumen;* [2] e se algumas entre as demais se avantajam nos louvores, parece que são as estrellas da noite, e não as da manhã. Quando a noite é mais escura, então se fazem as estrellas linguas tremulas, que desde o céu e do mar, onde se retratam, estão louvando a Deus a córos. Pois porque celebra Deus tanto, não os louvores que lhe dão as estrellas da noite, senão as estrellas da manhã? Porque? Por isso mesmo. Porque as estrellas da noite louvam a Deus luzindo: as estrellas da manhã louvam a Deus desapparecendo: e louvores de estrellas que desapparecem e se escondem, estas são as que louvam a Deus, e as que Deus louva. Oh estrella eclipsada, que tendo tantos raios para luzir, tiveste valor para desapparecer! Bem se acredita quão visinha estavas do sol, e quão ausentes

[1] *Job.*, XXXVIII, 4 e 7.
[2] *Psalm.* CXLVIII, 3.

andam delle esssas estrellas errantes, que tão pouco te imitam. Bem sei que ha de ter o nosso Enoch mais invejosos depois da morte, que imitadores na vida; mas por isso Enoch se salva, e tantos se perdem.

Questão curiosa é, e não tratada, onde se salvou Enoch no tempo do diluvio? O paraiso terreal estava no mundo, o diluvio o alagou todo: pois donde, ou como se salvou Enoch? Donde, ou como se salvou, não se sabe; só se sabe que desappareceu, e que se salvou. Sabeis porque se perdem tantos no diluvio deste mundo? *In diluvio aquarum multarum ad eum non approximabunt:* [1] Porque ninguem se quer salvar desapparecendo, todos se querem salvar sahindo. Que fizeram os homens quando se alagou o mundo com o diluvio? Nos primeiros dias passaram-se dos quartos baixos para os altos: iam crescendo mais as aguas, subiam-se dos altos aos telhados; alagavam-se tambem os telhados, subiam-se ás torres; alagavam-se as torres, passavam-se os que podiam ás montanhas; sossobravam finalmente as montanhas, subiam-se ás arvores; e aqui não havia já para onde subir, e aqui se afogavam. Estar o céu chovendo diluvios, e todos a afogar-se, sabeis porque? Porque todos se querem salvar a subir, ninguem se quer salvar a desapparecer. Por isso o conde se salvou, como Enoch, porque desappareceu: *Et non apparuit.* Que pouco afogado se havia de achar na hora da morte; que pouco embaraçada sua consciencia: não lhe haviam de causar escrupulo, nem os criados, a quem pagou com o serviço d'El-rei; nem os parentes que despachou, só por serem parentes; nem os amigos que grangeou, e a que aproveitou, só por serem amigos; nada disto. Tratou só de ser presidente de suas potencias, governador de sua alma, vice-rei de suas paixões, que sempre teve sujeitas. O seu cuidado era segurar bem o vêr a Deus, e não tratar de ser bem visto dos reis. Mas nem isto lhe faltou: antes alcançou com o seu retiro, o que todos com as suas negociações. Quando deram a sua magestade a noticia da morte do conde, não só disse grandes coisas do muito que o estimava por seu sangue e virtudes, mas vi-

[1] *Psalm.* XXXI, 6.

ram-se-lhe a sua magestade correr as lagrimas. Outros chegaram a ser bem vistos dos reis: mais é chegar a ser bem chorado. Os olhos teem dois officios, vêr e chorar; mas nos reis teem pouco exercicio estes dois officios dos olhos: o vêr a poucos; o chorar por ninguem. O nosso conde não procurou na vida a lisonja de ser bem visto, e alcançou na morte a fineza de ser bem chorado do rei. De ninguem julgaram os homens publicamente, que era amado de Christo, senão de Lazaro: *Ecce quomodo amabat eum.* [1] Pedro foi bem visto: *Respexit Petrum;* [2] mas Lazaro foi bem chorado: *Lacrymatus est Jesus,* [3] que é maior testemunho de amôr. Muito foi ser bem visto Pedro, depois de cahido da graça; mas nos olhos do principe vae muito do vêr ao chorar: o vêr em Christo foi piedade; o chorar não póde ser senão amôr: *Ecce quomodo amabat eum.* Assim merece quem assim desapparece: *Et non apparuit.*

IX

Quia tulit eum Deus. Porque o levou Deus. Uma coisa singular teve Enoch, que não acontece aos outros homens; e foi que o levou Deus antes da morte. Aos outros homens leva-os Deus quando morrem: a Enoch levou-o Deus antes de morrer. As mais das coisas que atégora tenho dito do nosso conde, são dignas de admiração: a que agora direi é dignissima de imitação, e quizera que todos a imitaramos: e qual foi? Ser tão discreto, que soube acabar a vida antes de morrer. Enoch ainda não morreu, e já acabou a vida. Assim foi o conde. Soube acabar a vida antes de morrer. Oito annos antes de morrer fez seu testamento, compoz todas suas coisas, confessou-se geralmente uma e muitas vezes, como se o tiveram avisado! Oh que grande discrição esta! Para isto não é necessario ser christão; basta ser discreto. Seneca

---

1 *Joan.*, XI, 36.
2 *Luc.*, XXII, 61.
3 *Joan.*, XI, 35.

não era christão, e só porque era discreto, o conheceu assim. Escrevia elle a seu amigo Lucillo, e dizia-lhe: *Considera, quam pulchra res sit consummare vitam ante mortem, et postea expectare securum:* [1] Considera, amigo, que resolução tão prudente, e que coisa tão formosa é acabar a vida antes da morte, e depois esperar por ella seguro. Seneca o disse, e o nosso conde o obrou; e por isso foi mais discreto que Seneca. Não se referem nas conversações os versos do conde, nem nas academias se allegam os seus discursos politicos; mas eu o tenho por um dos discretos juizos que deu Portugal na nossa edade. Os outros teem o entendimento na lingua, o conde teve o entendimento nas mãos: *In intellectibus manuum suarum deduxit eos:* [2] Levou-os pelo entendimento de suas mãos. Não se presou o conde de ser discreto de lingua, mas tratou de ser entendido de mãos; e por isso foi mais discreto e mais entendido que todos.

Ora, christãos, seja o fructo deste sermão passarmos o entendimento ás mãos, virmos ás mãos com o nosso entendimento. *Considera, quam pulchra res sit consummare vitam ante mortem:* Acabar antes de morrer. O morrer é apartar-se a alma do corpo: o acabar a vida, é o preparar a alma em quanto está no corpo. Se agora nos tomára o pulso, etc. que haviamos de fazer? Não ha duvida, que nos haviamos de confessar muito exactamente só por nossas..... [3] pois porque não faremos por prudencia o que haviamos de fazer por força? Porque ha de poder mais comnosco a enfermidade que a razão? De maneira, que porque Deus nos faz mercê da vida, deixamos o que haviamos de fazer, se elle nól-a tirára? E' possivel não ha de poder nada comnosco a fé de duas eternidades; uma de bens, outra de males? E' possivel, que tanto nos hão de arrastar os corações as esperanças dos enganos deste mundo, que só se sentem, quando teem passado? Olhae para alli: vêdes honras, grandezas, vaidades; tudo alli pára: *Tulit eum Deus:* e elle que levou comsigo? Nada: tudo cá fi-

---

[1] Senec. Ep. 32.
[2] *Psalm.* LXXVII, 72.
[3] Ha aqui falta no original.

cou. Pois se tudo ha de ficar, e tudo acaba; porque não acabaremos com o mundo, antes que elle acabe comnosco? Porque não iremos a Deus, antes que elle nos leve?

Ora, christãos, seja assim: procuremos viver de maneira que todos os annos de que morrermos, sejam de vida: *Vixit Enoch sexaginta quinque annis.* Procuremos andar com Deus de maneira que não percamos o passo no caminho de sua Lei: *Ambulavit cum Deo.* Procuremos desapparecer dos olhos do mundo, e de tudo o que a elle nos póde prender e arrastar: *Et non apparuit*..... [1]

[1] O resto dosermão, que são pouquissimas palavras, não se póde divisar no original, explica André de Barros.

PALAVRA DE DEUS

EMPENHADA

NO

SERMÃO DAS EXEQUIAS

DA

RAINHA D. MARIA FRANC'SCA ISABEL DE SABOYA

Prégado na Misericordia da Bahia, em 11 de Setembro de 1684 *

Mortua est ibi Maria, et sepulta in eodem loco. Cumque indigeret aqua populus; cumque elevasset Moyses manum, percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ. [1]

I

Eu fui aquelle (muito alta e muito poderosa rainha e senhora nossa, hoje tanto mais alta e tanto mais poderosa, quanto vae da terra ao céu; do corpo, que se resolve em cinzas, ao espirito; deste desterro á verdadeira patria; e do reino e corôa mortal á immortal e eterna): Eu fui aquelle que préguei os primeiros

* As tres obrigações da oração funebre que são sentir, louvar e consolar são desempenhadas n'este discurso com toda a força da eloquencia vieirense, commenta Honorati a proposito d'este Sermão.

1 *Num.*, 20.

annos do reinado de vossa magestade, não em voz, mas em papel, porque m'o não permittiu então a enfermidade. Eu sou o mesmo (grande lastima é, que vivam mais os vassallos que os reis) e eu sou o mesmo que torno a prégar hoje o fim dos mesmos annos, mal ouvido tambem, e quasi sem voz, porque a levou a edade. Em uma acção mudo, em outra pouco menos: dignas por certo ambas de se declararem melhor com o silencio; aquella pela grandeza da materia, esta pelo excesso da dôr. Supprirá, porém, ó alma por tantos titulos gloriosa, o muito que no céu cantam á vossa magestade os Anjos, o pouco que eu na terra posso dizer aos homens.

Mortua est ibi Maria, et sepulta in eodem loco. Falla este Texto de Maria [1] irmã de Moysés, nome singular e unico desde o principio do mundo até á reparação delle; porque em espaço de quatro mil annos, nem nos dois mil da lei natural, nem nos dois mil da lei escripta, houve outra que se chamasse Maria. Tal é, com mais soberana antonomasia, a serenissima Maria, rainha que foi e será sempre nossa. Tão unica entre as que coroou o merecimento, ou fortuna, que nem o natural, nem o escripto, nem os dotes de que as enriqueceu a natureza, nem as côres com que as retrataram as historias, lhe poderam tirar jámais a singularidade de phenix. Mas como não basta o ser phenix para escapar da morte, *Mortua est Maria.* [2]

Mortua est ibi. Morreu alli. E onde? *Ibi:* ás portas da Terra de Promissão, que é o passo onde a morte espera e costuma tomar os predestinados. *Ibi:* no deserto de Sin, não na cidade, senão no campo. [3] *Ibi:* em um logar chamado Cadéz, que quer dizer *mutata.* Estas foram as duas mudanças que fez primeiro a doença, e depois a morte. A doença mudou a casa, a morte mudou tudo.

Et sepulta in eodem loco. E foi sepultada Maria no mesmo logar. Um só logar bastou para dar sepultura á maior princeza de Israël: mas uma rainha da monarchia de Portugal não cabe em um só sepulchro.

1 Nome da Rainha nossa senhora.
2 Sua morte.
3 Logar onde morreu, que foi em uma casa de campo.

Já se lhe multiplicaram mausoleus na Europa; agora com o que temos presente se continúam na America; depois se seguirão os da Africa; e porque não tem mais partes o mundo, serão os da Asia os ultimos. [1] Diga-se daquella Maria: *Sepulta est in eodem loco:* e nós digamos com verdade, o que já se disse por lisonja: *Jacere uno non poterat tanta ruina loco.*

Vae por diante o Texto, e crescem as maravilhas. *Cumque indigeret aqua populus.* Morta e sepultada Maria, faltou a agua ao povo. Porque no mesmo ponto se seccaram e sumiram as fontes, como se sepultassem com ella. O maior milagre que se viu na peregrinação dos filhos de Israël, foi que os seguia uma penha, da qual manavam fontes perennes, de que todos bebiam: *Bibebant de consequente eos petra:* [2] e estas foram as fontes que agora pararam e se sumiram. Mas porque não antes, nem depois, senão agora? Respondem os Interpretes mais antigos, segundo as tradições daquelle tempo, que esta agua milagrosa foi concedida no deserto pelos merecimentos e orações de Maria. E quiz Deus que na sua morte faltasse a mesma agua, e padecesse sêde o povo: *Cumque indigeret aqua populus;* para que todos conhecessem a quem deviam tão singular beneficio. Oh se Deus revelasse a Portugal os beneficios que lhe fez, e os males de que o livrou pelos merecimentos e orações de quem alli está sepultada! E' certo, que se foram grandes os sentimentos na sua morte, muito maiores seriam as saudades da sua vida. Notavel caso foi, que áquelles mesmos homens a quem o Manná causava fastio, a morte de Maria causasse sêde! Mas esta é a ingrata condição do natural humano, sentir mais o que perde, do que estimar o que logra. Por isso permittiu Deus que perdessemos o bem que tinhamos, para que o conhecessemos melhor na falta delle.

Esta falta, porém, e esta perda tão grande, teve por ventura naquelle caso, e poderá ter no nosso, algum remedio ou reparo? Sim: muito prompto, e

---

[1] Sua sepultura com mausoleu em todas as partes do mundo.

[2] *1.ª Epist. ad Cor.*, x, 4.

egualmente milagroso: *Cumque elevasset Moyses manum, percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.* Assim como a morte com o mesmo golpe com que tirou a vida a Maria, seccou as fontes; assim a vara de Moysés, dando dois golpes em uma pedra, fez que brotassem outra vez com maior abundancia. De sorte que tão fóra esteve a perda de ser irreparavel, que antes se restaurou e melhorou com grandes vantagens. E para que fosse maior a maravilha, e maior a propriedade do nosso caso, consistiu todo o remedio de uma e outra perda... em que? Em se dobrarem e se repetirem os golpes: lá (como diz o Texto) em uma pedra; cá (como depois veremos) em um Pedro: *Percutiens virga bis silicem. egressæ sunt aquæ largissimæ.*

Esta foi a grande falta que padeceu o povo com a morte de Maria: este foi o grande remedio com que se restaurou depois da sua morte: e esta será a grande materia do presente discurso, dividido tambem em duas partes. Na primeira parte veremos as grandes causas que tem a nossa dôr na morte de sua magestade, para a chorar, como devemos. Na segunda, os grandes effeitos que deixou a mesma morte á nossa consolação, para enxugar as lagrimas. Lá primeiro se seccaram as fontes, e depois se abriram: cá primeiro se abriram, e depois as seccaremos. Deus nosso Senhor, que permittindo a perda, dispoz juntamente a consolação della, se sirva de me dar a graça e alento necessario para poder ser ouvido em uma e outra: *Ave Maria.*

II

Mortua est Maria, et sepulta. Querendo Jeremias chorar as perdas da sua patria, pede á sua cabeça, que désse lagrimas a seus olhos: *Quis dabit capiti meo aquam, et oculis meis fontem lacrymarum?* [1] E de que fonte melhor, pergunto eu, de que fonte melhor podem tomar a corrente as nossas lagrimas,

[1] *Jer.*, IX, 1.

que começando tambem da nossa cabeça? Só imitando a nossa dôr a de sua magestade, que muitos annos viva, podemos chorar dignamente tamanha perda. O *mortua est Maria*, pertence só á rainha que está no céu; o *sepulta*, tanto se póde applicar a uma magestade, como a outra; porque ambas viu a nossa côrte sepultarem-se no mesmo dia. Não ha sepultura mais cerrada, mais triste e mais escura, que o aposento do paço, a que El-rei se recolheu com a sua dôr, sem permittir nem um resquicio ao menor raio do sol. A rainha sepultada morta, o rei sepultado vivo. Quando Sára passou desta vida, pediu Abrahão ao senhor da terra em que vivia peregrino, lhe quizesse dar uma sepultura com duas covas para enterrar a sua defunta: *Ut det mihi speluncam duplicem, ut sepeliam mortuum meum.* [1] Pois se a morta era uma só, *mortuum meum*, porque pede Abrahão não uma, senão duas covas, não uma, senão duas sepulturas, *speluncam duplicem?* Porque Abrahão amava com grande extremo a Sára sua esposa: e como a viu morta, pedia uma sepultura par ella, outra para si. A morta era uma, e as sepulturas haviam de ser duas, porque os sepultados tambem haviam de ser dois. Sára sepultada como morta, e Abrahão sem Sára tambem sepultado como vivo, mas sem vida. E se Abrahão vivia sem Sára, morta Sára, como podia deixar de se sepultar Abrahão? A morte abriu a primeira cova, o amôr abriu a segunda, *speluncam duplicem;* uma para se enterrar Sára morta, outra para Abrahão se sepultar vivo. Que pouco disse quem chamou ao amôr tão forte como a morte: *Fortis ut mors dilectio!* A morte sepulta os que matou, o amôr sepulta sem matar, que é genero de morrer mais forte, mais duro, mais triste.

Nesta forçosa e não forçada sepultura (a que o amôr, se é amôr, sem respeitar sceptros nem corôas, condemna os vivos) notaveis foram os extremos da dôr de sua magestade, que Deus guarde, e não só notaveis, mas notados. Quer o cerimonial dos politicos modernos, que não sejam licitas aos reis em similhantes casos mais que as lagrimas surdas, sem que

[1] *Gen.*, XXIII, 8 e 9.

a dôr se oiça em voz, como excesso menos decoroso á magestade ou serenidade real. E como as paredes de palacio são de vidro, esta nota, por mais que fosse interior, se viu lá e passou o mar em algumas cartas. Mas se a mesma censura viesse á Bahia por appellação, eu prometto que iria de cá mais bem sentenciada. Os Textos são de tal auctoridade, que os não poderá negar nenhum jurista christão, nem politico, se o fôr.

Seja o primeiro o do mesmo Abrahão, cujo sentimento ou fineza não acabamos de ponderar. Sepultada Sára, diz a Historia Sagrada, que Abrahão se foi metter na sua segunda cova, para chorar e prantear de mais perto, o vivo a morta, e o sepultado a sepultada: *Venit Abraham ut plangeret, et fleret eam.* [1] Note-se muito a differença das palavras, e a distincção dos affectos. O *plangeret*, é prantear, e significa vozes: o *fleret*, é chorar, e significa lagrimas: e primeiro foram as vozes que as lagrimas, *ut plangeret, et fleret;* porque a bocca está mais perto do coração, que os olhos. Pela bocca começou a respirar a dôr, depois subiu aos olhos a se desafogar. Era tão heroico o valor, e tão valente o coração deste grande homem, que não duvidou tirar a vida com a propria espada, e ao proprio filho, com os olhos enxutos. E se a mesma Escriptura, depois de contar esta prodigiosa façanha do amôr natural, achou que os dois affectos do prantear e chorar na morte de Sára, nem enfraqueceram a fama do valor de Abrahão, nem fizeram dissonancia ás suas cãs; com que justiça, se não fôr deshumanidade, se podem notar ou estranhar os mesmos affectos, sendo a causa egual em tão menores annos?

Dirão os politicos, que posto que Abrahão fosse tão grande homem, não era rei. Mas para confutar e confundir a vaidade desta resposta, oiçam outra vez (se creem nella) a mesma Escriptura. O rei mais valoroso que houve no mundo, e o mais parecido ao nosso, foi David. Não o podemos provar com os gigantes, porque já os não ha; prova-se porém (como o mesmo David o provou) com o desprezo e arrojamento ás féras mais bravas, ou no corro, ou no bos-

[1] *Gen.*, XXIII, 2.

que. E que fez David na morte de Abner? Não póde haver melhor Texto: *Levav't rex David vocem suam, et flevit.* Levantou El-rei David a voz, e chorou. O rei de maior coração foi David, e o maior coração de rei foi o seu, porque foi similhante ao coração de Deus: *Inveni virum secundum cor meum.* Pois se no rei de maior coração, e de maior valor, foram decentes e decorosas as lagrimas, não só choradas, mas ouvidas: *Levavit rex vocem, et flevit:* se isto fez o maior rei, sendo a causa tanto menor; que devia fazer o nosso na maior de todas? Quem lhe quizer buscar escusas á dôr, tome as medidas á causa.

Uma só causa foi muito para notar nos extremos desta dôr, e é a que eu agora notarei. Noto, que durando seis mezes a doença da rainha, sempre com o desengano de que era mortal, não bastasse tanto tempo para que a dôr d'El-rei se fosse digerindo pouco a pouco, como costuma, antes no fim estivesse tão crua e tão viva, que rompesse em tão notaveis extremos. A' primeira morte que houve no mundo, que foi a de Abel, chamou sentenciosamente S. Basilio de Seleucia: *Indigestam mortem*, morte indigesta. E porque foi indigesta a morte de Abel? Porque no mesmo dia o viram seus paes sãos, e morto. E nos taes casos não é muito que a dôr subita e não prevenida cause extraordinarios effeitos. Porém, quando o tempo, que é a Hema de todas as dôres, a não digere, não póde haver maior, nem mais provado argumento, tanto da grandeza da dôr, como da grandeza do coração, que a não digeriu. Grande dôr em grande coração, não a digere o tempo.

Quando o golpe da lança abriu o coração de Christo, sahiu delle sangue e agua: *Exivit sanguis, et aqua.* [1] Esta agua, está definido de fé que não foi algum outro humor da mesma côr, senão verdadeira agua elemental, como a que chove das nuvens e corre das fontes. Mas d'onde lhe veiu ao coração de Christo esta agua, quando entrou lá, ou que agua foi esta? Os que mais exquisitamente allegorisam o mysterio, dizem que foi a agua do diluvio. [2] Porque sentiu tanto Deus

[1] *Joan.*, XIX, 34.
[2] Barth. Escob. de Testam, et Codicillo Christi.

aquella perda do genero humano, como se a mesma agua que alagava o mundo e afogava os homens lhe penetrasse o coração. Assim o diz expressamente o Texto Sagrado, fallando do mesmo diluvio e do mesmo coração: *Tactus dolore cordis intrinsecus:* que foi tal então a dôr de Deus, que não só lhe chegou ao coração, mas ao mais interior, ao mais intimo, e ao mais intrinseco delle: *Dolore cordis intrinsecus.* [1] E esta é a razão porque o sangue sahiu primeiro, e a agua depois (correspondendo admiravelmente um Texto a outro): o sangue primeiro, porque estava na parte superior do coração; a agua depois, porque estava no fundo, e na parte mais intrinseca: *Intrinsecus.* Agora saibamos quanto tempo passou, ou quantos tempos passaram entre a perdição do mundo, que foi no diluvio, e a reparação do mesmo mundo, que foi na cruz. Segundo a mais verdadeira e certa chronologia, entre o diluvio e a cruz, passaram pontualmente dois mil e trezentos e oitenta annos, e em todo este tempo, nem aquella agua no coração de Christo se sumiu, ou seccou, ou se diminuiu, porque se conservou toda: nem se congelou, porque correu liquida: nem se alterou na côr ou substancia, porque sahiu tão clara, que se pôde vêr e distinguir que era verdadeira agua. Pois se os annos e os seculos que tinham passado eram tantos, que se contavam a mais de milhares; como estava a agua tão fresca, e tão viva; como estava tão inteira, e em seu ser, sem se alterar um ponto, nem se digerir? Porque a agua era a causa, e representava a dôr: e a dôr era daquelle coração que ella penetrou até o mais interior, e mais intimo: *Tactus dolore cordis intrinsecus.* Era dôr de Deus em coração grande, e dôr grande em coração grande, nenhum tempo a digere.

Assim se não digeriu no grande coração do nosso monarcha a sua grande dôr, antes esteve tão fóra de se digerir ou diminuir com o tempo, que tendo andado tão fino em todo o tempo da doença, na morte foi muito maior a sua fineza. Ainda estamos no Calvario. Mostraram grande sentimento na morte de Christo, o sol, e tambem as pedras: mas qual ou

[1] *Gen.*, VI, 6.

quaes com maior fineza, as pedras, ou o sol? Não ha duvida que as pedras. Porque o sol começou a se eclipsar, quando pregaram a Christo na cruz, e no ponto em que espirou, cessou o eclipse: porém as pedras, quando o Senhor espirou, então é que se quebraram. Pois esta foi maior fineza? Sim; porque o sol mostrou a sua dôr em quanto Christo padecia; as pedras, quando já não podia padecer. E muito maior fineza é padecer com o impassivel, que padecer com quem padece. No primeiro caso repartiu-se a dôr entre Christo e o sol: no segundo não se repartia, toda era inteiramente das pedras, e toda sómente sua. Tal foi a segunda dôr de sua magestade, a qual aonde havia de acabar, alli se dobrou. Padecia com quem já não podia padecer, e quando parece que havia de ser meeiro na impassibilidade da sua morte, o amôr o fez herdeiro universal das penas que acabaram com a mesma vida, padecendo as herdadas, e mais as suas. Grande é aquelle sentimento, que só póde achar similhanças no insensivel. A dôr das pedras toda foi sua, a d'El-rei toda sua, e toda como sua; como propria do seu coração, como propria do seu juizo, como propria do seu amôr, como propria da sua mesma pessoa, e de quem sua magestade é. No sentimento similhante ao sol, portou-se El-rei como rei: na fineza similhante ás pedras, portou-se El-rei como Pedro: *Et petræ scissæ sunt.* [1]

III

Temos posto diante dos olhos á nossa dôr o exemplar soberano que devemos imitar; nelle egual a causa, em quanto esposa; em nós tambem sem egual, em quanto rainha. E certo que para assumpto tão alto, tomára eu estar melhor instruido de noticias particulares, como quem se acha tão longe. Mas valer-me-hei do testemunho de quem só as podia ter mais certas, mais interiores, e de mais perto. Muitas vezes ouvi ao confessor da rainha nossa senhora estas palavras formaes, bem sabidas e repetidas em toda a côrte:

[1] *Math.*, XXVII, 51.

Não sabe Portugal qual é a rainha que Deus lhe deu: deu-lhe uma rainha santissima, deu-lhe uma rainha prudentissima. O throno dos reis tem o seu assento entre Deus e os homens; acima dos homens, de quem são superiores, e abaixo de Deus, de quem são subditos. Para servir e agradar a Deus, o que mais lhes importa, é a santidade: para reger e governar os homens, o que mais hão mister, é a prudencia. E estas duas prerogativas tão singulares, uma natural, outra sobrenatural, não só estavam juntas naquelle capacissimo espirito, mas sublimadas uma e outra a tal eminencia de perfeição, que as não sabia declarar, quem só as podia conhecer, com menor encarecimento, que o do grau superlativo - santissima, prudentissima.

Começando pela santidade, o logar mais santo e mais sagrado do Templo de Salomão, era o chamado *Sancta Sanctorum*. Alli estava a Arca do Testamento, alli as Taboas da Lei, alli a Vara de Moysés, alli a Urna do Manná, alli sobre as azas de Cherubins o Propiciatorio em que Deus assistia e fallava: tudo santo, tudo angelico, tudo divino. E estas coisas tão mysteriosas e tão sagradas via-as o povo? Nem o povo, nem os mesmos ministros do Templo as podiam vêr: porque o *Sancta Sanctorum* estava coberto, e cerrado com um véu espesso, dentro do qual só podia entrar o Summo Sacerdote. No dia, porém, em que morreu o Senhor do mesmo Templo: *Velum Templi scissum est in duas partes à summo usque deorsum:* rasgou-se o véu do Templo de alto a baixo em duas partes: e todas aquellas coisas tão santas e tão secretas, que ninguem via, então ficaram patentes e manifestas a todos. Tal foi, ou tal succedeu á santidade da nossa rainha. Como o primeiro attributo da virtude é encobrir-se e occultar-se, na vida foram menos conhecidas as perfeições da sua santidade: porque só o sacerdote entrava no *Sancta Sanctorum*, só o confessor penetrava os segredos e sabia os interiores della. Porém tanto que a morte rompeu o véu, e se viu o que não se via, todos a conheceram, todos a acclamaram, todos a canonisaram por santa.

Padecem as virtudes debaixo dos apparatos e resplandores da magestade o mesmo que as estrellas debaixo dos raios do sol: de dia estão encobertas, e não se vêem: mas tanto que o sol se metteu em o Occaso,

então se vê e se observa com admiração e sem numero, o que d'antes não se via, nem se contava. Estes são os effeitos da morte. Lá disse o Poeta: *Mors sola fatetur quantula sint hominum corpuscula.* [1] O que cobre a terra, mostra quão pequenos são os corpos; o que descobre o céu, quão grandes são as almas. Assim o mostrou o prodigioso testamento de sua magestade, de que cá nos chegaram os echos, em que tantas são as virtudes que resplandecem, quantas as clausulas que se leem. Escreveu alli a morte o que tinha historiado a vida, e o que recopilou o testamento no fim, foi o indice de todas as suas obras. Os testamentos, que são as ultimas vontades dos que morrem, ordinariamente são pios, mas nem por isso arguem grande virtude, porque são voluntarios por força. Nos que viveram mal, e querem morrer bem, são retratações da vida; nos que sempre viveram bem, são retratos della. Os testamentos dos ricos mostram os thesouros que adquiriram; os dos justos, as virtudes que exercitaram. Tal foi o testamento de sua magestade, cheio de religião, cheio de piedade, cheio de misericordia: o qual será eterno na memoria dos vindouros, como nas lagrimas de todos que tal procuradora perderam. Choraram os pobres, choraram as viuvas, choraram os orphãos, choraram os miseraveis e necessitados de todo o genero; e até os templos e os altares enriquecidos poderam chorar, se estas lamentações para elles não foram alleluias. Tudo isto exercitava em seus dias a santa e piedosa rainha secretamente, sem saber a mão esquerda o que fazia a direita, sendo o seu quarto de Palacio em Lisboa a primeira Casa da Misericordia, e a que tem este nome a segunda.

Desta maneira foi santa para com Deus e para com o proximo aquella grande e heroica alma. Mas o que eu sobretudo admiro, é quão superiormente foi santa em si, e para comsigo. Um dos maiores casos que tem visto o mundo em muitas edades, foi na nossa o successo de Saboya. Mas ainda foi maior, e mais digna de admiração e assombro, a constancia e egualdade de animo com que sua magestade se

[1] *Juvenal, Sat.* x.

portou nelle depois de tantos empenhos. Falla David não menos que de Deus, e diz que a sua magnificencia e a sua virtude se ostenta nas nuvens: *Magnificentia ejus, et virtus ejus in nubibus.* [1] Pois nas nuvens a sua magnificencia e a sua virtude? Nas nuvens, e não no céu, e na terra? Nas nuvens, e não no mesmo, e nos outros elementos povoados de tanta multidão e variedade de creaturas? Nas nuvens, e não nos homens, nem nos anjos? Sim. Porque todas as outras coisas fel-as Deus para que durem e permaneçam; as nuvens fel-as por meio do sol, para que se desfaçam em um momento. Levanta o sol os vapores da terra, condensa-os em nuvens, e que é o que vêmos? Tudo o que a imaginação de cada um póde fingir, e ainda mais. Castellos, torres, cavalleiros, gigantes, navios, armadas, arcos de desmedida grandeza, e tudo isto não só relevado, mas doirado, porque o mesmo sol com seus raios, de horisonte a horisonte, tudo cobre e veste de oiro. Mas assim como estas portentosas e formosissimas machinas se desvanecem e resolvem em nada, assim se desvaneceram e desfizeram todos aquelles reparos e prevenções tão extraordinarias e tão custosas, com que se haviam de celebrar as esperadas bodas. No caso de Phaetonte, diz Ovidio, que as areias do Tejo se derreteram, e que o rio em logar de levar aguas ao mar, levava correntes de oiro: *Quodque suo Tagus amne vehit, fluit ignibus aurum.* [2] E isto que antigamente foi fabula, viram os olhos em nossos dias. Sahiu do Tejo a armada querenada de oiro, matizando com assombro os mares: sahiu do Tejo carregada de diamantes e perolas, como se sahira do Indo e Ganges: mas com o mesmo vento que a levou tão cheia, e a trouxe tão vazia, tudo se desfez em vento. Neste vento, porém, e neste nada, em que se desfez tudo, assim como tinha ostentado os extremos da sua magnificencia, assim descobriu os quilates da sua virtude aquelle soberano espirito, tão excelso no divino, como no humano. Na grandeza de animo com que fez tudo, mostrou a sua magnificencia como rainha: na egualdade de animo com que viu tudo desfeito, mostrou a sua

[1] *Psalm.* LXVII. 35.
[2] Ovid. *Metamorph.*, Libr. II.

virtude como santa: *Magnificentia ejus, et virtus ejus in nubibus.*

Mas se a virtude de sua magestade se qualificou de santa no que aquelle successo desfez por fóra, muito mais a canonisou no que desfez por dentro. Por fóra desbaratou as suas prevenções, por dentro os seus pensamentos. O mais santo homem que houve na sua edade, foi Job, e vendo em um momento perdido e desbaratado quanto tinha, nenhum abalo fizeram em seu animo todas aquellas perdas. Tudo soffreu, não só com paciencia e constancia, mas com acção de graças a Deus: *Dominus dedit, Dominus abstulit: sit nomen Domini benedictum.* [1] E houve alguma coisa em que Job se conformasse menos com a vontade divina, e que mais lhe doesse e ferisse o coração? Uma só e admiravel. *Cogitationes meæ dissipatæ sunt torquentes cor meum:* [2] O que me afflige, o que me atormenta, o que me quebra e rompe o coração, é vêr dissipados meus pensamentos, e quanto tinha fabricado e pintado nelles. Assim o declara elegantissimamente o Chaldeu, vertendo em logar de *cogitationes meæ, tabulæ meæ;* [3] as minhas pinturas, as minhas idéas, as minhas fabricas, os meus desenhos. Quaes fossem os pensamentos de sua magestade sobre um negocio tão grande, concluido tanto a seu prazer e contentamento, mais se póde considerar que exprimir. Tinha empenhado o desejo, tinha empenhado o amôr, tinha empenhado o sangue: na alliança dos parentescos, na união dos estados, na presença e communicação das pessoas, na coroação de uma casa real, e successão de ambas; sobretudo nas consequencias e esperanças tão bem fundadas de grandes felicidades, e no gosto e gostos de a vêr e lograr longamente. E que desarmando em vão todas estas fabricas, e apagando-se ou tingindo-se de negro todas estas pinturas de seus pensamentos, as fabricas as recebesse cahidas com tanta egualdade de animo, e as pinturas as visse despintadas com tanta serenidade de olhos: e que os tormentos e tormentas que se levantaram no

[1] *Job.*, I, 21.
[2] *Ibid*, XVII, 11.
[3] Chald. apud Pinedam ibi.

coração de Job, não fizessem no seu o menor movimento, esta foi a maior, esta foi a mais fina, esta foi a mais alta prova da constantissima e inexpugnavel virtude daquelle soberano espirito, mais soberano por santo, que por real.

E se buscarmos as raizes a um exemplo tão raro, e tão heroico, acharemos que tinha sua magestade, dentro do seu mesmo coração, outra officina onde estas mesmas fabricas se tornavam a fundir, e recebiam nova fórma, que era a oração mental. No meio do ruido da côrte, e dos concursos do paço, recolhia-se sua magestade por muitas horas ao seu oratorio como a um deserto e alli, levantando o espirito sobre todas as coisas cá de baixo, ouvia da bocca de Deus, no silencio da contemplação, aquelles altissimos desenganos, e via, no espelho da eternidade, aquellas clarissimas luzes, em que o tudo e o nada são da mesma côr: em que o tudo e o nada têm a mesma conta: em que o tudo e o nada têm o mesmo pezo: em que o tudo e o nada têm as mesmas medidas: e por isso nenhuma mudança ou variedade das coisas humanas lhe alteravam o coração, tendo-o sempre unido com a vontade divina. E como nesta união da vontade humana com a divina consiste a summa da santidade, e a santidade summa, aqui se fundava o subidissimo conceito que da perfeição de sua magestade tinha seu confessor, venerando-a, não só como rainha santa, mas em grau superlativo, como santissima.

IV

O outro elogio de prudentissima não necessita de prova nem ponderação, porque foi bem conhecido e admirado de todos. Mas como pôde a rainha nossa senhora, chegar a tão subido grau de prudencia no curso de tão poucos annos? A prudencia é filha do tempo e da razão: da razão pelo discurso, do tempo pela experiencia. Na nossa rainha foi filha da razão sómente. Filha de mãe sem pae, como a sabedoria divina, quando se fez humana. Mas como podia isto ser?

Eu acho que teve a rainha nossa senhora duas es-

colas, em que estudou a prudencia, até se graduar de prudentissima: uma natural, outra sobrenatural. A primeira escóla, sobre seu subtilissimo engenho, foi a companhia, o trato e a communicação de El-rei, que Deus guarde. O proverbio antigo dizia. *Nube pari:* e não houve par tão similhante (sendo de França, e Portugal) como este, que ajuntou a vida, e dividiu a morte. Na agudeza do entendimento, na presteza do discurso, na madureza do juizo, na comprehensão dos negocios, no acerto das resoluções, na eleição dos meios e fins, e em todas as partes da perfeição e consummada prudencia, não pareciam El-rei e a rainha duas almas, senão uma só. Mais tinham. Sendo duas, como verdadeiramente eram, sem recorrer á transmigração de Pitagoras, parece que talvez trocavam os sugeitos, e por communicação reciproca se infundiam uma na outra. Aquella discrição, aquella elegancia, aquelle agrado, e aquelle feitiço de palavras, com que todos se levantavam dos reaes pés de sua magestade, não só consolados, mas captivos, parecia em El-rei participado da alma da rainha. Pelo contrario, aquelle valor, aquella resolução, aquelles espiritos varonis e generosos para emprehender grandes acções, e levar ao cabo quanto emprehendia, pareciam na rainha participados e infundidos da alma d'El-rei. E sendo tal em uma e outra magestade a similhança dos genios, e a communicação reciproca de ambas as almas, ambas grandes, ambas excellentes, ambas de alto e vivissimo engenho, naturalmente cresceram de sorte, e fizeram taes progressos no exercicio e pratica de toda a prudencia real, que El-rei sahiu prudentissimo, como é, e a rainha prudentissima, como foi.

Esta foi a primeira escóla. A segunda e mais alta era a que frequentava David, estudando pelos mandamentos divinos: *Prudentem me fecisti mandato tuo.* [1] Da prudencia de David em tudo o que obrava, ainda sendo muito moço, estão cheias as Escripturas. E diz este grande rei, que toda a sua prudencia a aprendeu pelos Mandamentos. Mas de que modo? A observancia dos Mandamentos é muito boa para não of-

[1] *Psalm.* CXVIII, 98.

fender a Deus, para alcançar sua graça, e para ir ao céu: mas para ser prudente nas coisas desta vida? Sim. E dá a razão o mesmo David *à priori*, e formalissima. Porque eu (diz elle) estudando pelos Mandamentos, soube mais que os Doutores, e mais que os velhos. Mais que os Doutores: *Super omnes docentes me intellexi, quia testimonia tua meditatio mea est.* [1] Mais que os velhos: *Super senes intellexi, quia mandata tua quæsivi.* Não se pudera declarar, nem provar melhor. A prudencia compõe-se de sciencia e experiencia: a sciencia está nos Doutores, que a estudam pelos livros: a experiencia está nos velhos, que a aprendem pelos annos. E porque eu (diz David) sem annos e sem livros, estudando só pelos mandamentos, soube mais que os Doutores, e mais que os velhos, esta foi a arte com que me fiz, ou Deus me fez prudente: *Prudentem me fecisti mandato tuo.* Assim, e nada menos a nossa prudentissima rainha: como toda a sua applicação, todo o seu estado, e todo o seu cuidado se empregava na observancia perfeitissima de Lei Divina, esta foi a segunda e melhor escóla, em que, sem annos e sem livros (sem annos, porque tinha tão poucos, e sem livros, porque só lia os espirituaes e não os politicos) pôde chegar a tão subido grau de prudencia. Por isso santa, e por isso tambem prudentissima.

Uma só mulher lêmos em toda a Escriptura, laureada com o titulo de prudentissima, que foi Abigaïl: *Eratque mulier prudentissima.* [2] E com que prova a Escriptura esta singular prudencia de Abigaïl? Parece que a prova foi feita mais para a prudencia da nossa rainha, que para a sua. Prova a Escriptura ser Abigaïl prudentissima, só com dizer que David (cuja mulher foi) fazia tanto caso de seus conselhos, que em certa occasião, em que estava mui empenhado, só porque Abigaïl lhe aconselhou o contrario, e lhe metteu a materia em escrupulo: *Non erit tibi hoc in singultum, et in scrupulum cordis:* [3] David cedera do seu intento, e de todos os que o seguiam, e seguira o con-

---

[1] *Psalm.* CXIX, 100.
[2] *Livr. dos Reis*, XXV, 3.
[3] *Ibid.*, 31.

selho de Abigaïl. E mulher, de cujo conselho fazia tanto caso um rei tão prudente como David, que o antepunha ao parecer seu, e de todos os seus, achou a mesma Escriptura divina, que não eram necessarios outros exemplos, nem outros documentos, para prova de ser prudentissima: *Eratque mulier illa prudentissima.*

Quanto El-rei nosso senhor estimasse os conselhos da rainha, que está no céu, e os antepuzesse a todos, todos o sabemos. E certo que não sei qual é o maior argumento de prudencia neste caso: se da prudencia do rei, que tanto estimava os conselhos da rainha; se da prudencia da rainha, que tão prudentes conselhos dava a El-rei. Mas deixando indeciso este grande problema; como não havia sua magestade de antepôr a todos os outros conselhos, o conselho de quem primeiro se aconselhava com Deus, examinando tão escrupulosamente diante delle, o que havia de aconselhar? O imprudente aconselha-se com os homens, o prudentissimo aconselha-se com Deus. Assim o fazia a prudentissima rainha: só boa conselheira, porque só bem aconselhada. Adão perdeu-se, porque se aconselhou com sua mulher aconselhada pela serpente. E El-rei esteve sempre seguro de similhante perigo, porque se aconselhava com a sua aconselhada por Deus. Por isso em todas as materias grandes tomava as ultimas resoluções com o seu conselho. Os dos outros conselheiros nestes casos eram para as consultas, o da rainha para os decretos.

Diz S. Paulo, que Deus não tem conselheiro: *Quis enim consiliarius ejus fuit?* [1] E' dito notavel; porque consta da Escriptura, que Deus chamou muitas vezes a conselho os Anjos. Pois se Deus admittia os Anjos aos seus conselhos, como diz S. Paulo, que Deus não tem conselheiro? Porque falla o Apostolo dos conselhos de Deus, em que ultimamente se decreta o que ha de ser. E os conselhos de Deus, em que se tomam as ultimas resoluções, só se fazem entre as Pessoas Divinas. Assim se compunha das pessoas soberanas sómente, o supremo e secreto conselho dos nossos principes, em que as ultimas deliberações se assentavam: ambos conferindo, a rainha aconselhando,

[1] *Rom.*, XI, 34.

El-rei resolvendo. Nenhum rei de Portugal teve tal conselheiro da Puridade.

E' famosa questão entre os politicos, se os reis devem ter valido, ou não? E ambas as partes se defendem com fortissimos argumentos. Só sua magestade, que Deus guarde, com seu singular juizo soube compôr e conciliar esta controversia. Seguiu a parte negativa, porque não teve valido: e seguiu juntamente a affirmativa, porque teve valida. Os validos chamam-se primeiros ministros, e porque são ministros, não devem ser validos. A rainha sim; porque é a primeira, e não é ministro. O ministro aconselha como inferior, a rainha como egual: o ministro como quem serve, a rainha como quem ama: o ministro como quem depende, a rainha sem dependencia: o ministro como quem póde ter interesses particulares, a rainha como quem tem um só interesse commum, que é o do rei, e o do reino. Que havia de ser do reino e povo todo de Israël, e da mesma monarchia dos Persas e Medos, se depois de firmados os decretos d'El-rei Assuero, não acudisse a rainha Esther? Mas porque acudiu tão confiada e opportunamente, Aman, que era o traidor, foi crucificado; Mardocheu, que era o leal, foi exaltado; e o povo, que estava innocente, ficou livre. Que seria outra vez do mesmo povo, quando Adonias, por força de armas, quiz invadir a corôa que ainda era das doze tribus, se a rainha Bersabé, na mesma hora da conjuração, não atalhára aquella ruina? Mas foi tal a sua prudencia e industria, que excluido sem golpe de espada Adonias, foi coroado Salomão, o mais sabio de todos os reis, e de mui feliz governo. Talvez póde faltar ao rei o calor, como a David nos ultimos annos; e talvez póde tambem sobejar, como ao mesmo David, na vingança intentada de Nabal Carmelo: se falta o calor, fomenta-o a rainha Abisay: se sobeja, modera-o a rainha Abigail. E de que lhe prestou tambem a rainha Michol? Ella foi a que por arte lhe salvou a vida das mãos de seu pae Saul: e quando ao rei lhe não podia valer seu grande valor, lhe valeu a prudencia da rainha. Finalmente, a prudencia pinta-se com um espelho na mão: e que espelho mais puro, mais claro, e mais fiel que aquelle

em que o mesmo rei parece dois, e é um: *Erunt duo in carne una?* [1]

Como espelhos dos reis, e das rainhas, poz Deus no ceu um rei, que é o sol, e uma rainha, que é a lua. Assim o dizem todas as lettras sagradas e profanas. E a que fim? Para que os reis na terra imitem aquelles exemplares no ceu. E quando a rainha é tão prudente como a nossa, quer Deus que nas materias grandes, e de importancia, nenhuma coisa resolva ou faça o rei (como não resolvia, nem fazia o nosso) sem consenso e approvação da rainha. Declare-nos esta politica celestial quem melhor que todos a entende. Para Josuë proseguir a victoria contra os Gabaonitas, não só pediu ao sol que parasse, senão tambem á lua: *Sol contra Gabaon ne movearis, et luna contra vallem Aialon.* [2] Mas se a Josuë para estender o dia lhe era só necessaria a luz do sol, para que faz a mesma petição e requerimento á lua? Porque entendeu o grande capitão dos exercitos de Deus, que uma acção tão grande, e tão nova como aquella, não a faria o rei dos planetas sem consenso e approvação da rainha. Ao sol pediu a luz para que lh'a désse, á lua para que o approvasse, e não impedisse. E isto que só parece moralidade, é fundado em razão muito verdadeira e solida. Porque se a lua tambem não parasse, confundir-se-hia totalmente a harmonia dos orbes celestes, e a ordem e governo do universo pereceria. Tanto importa para o bem universal o consenso e união dos dois supremos planetas, e tanto entendeu Josuë, que lhe não bastava ter só ao sol, se lhe faltasse a lua.

Quem quizer (para que concluamos este discurso) quem quizer avaliar e pesar bem a perda de Portugal, na falta da sua tão prudente e tão santa rainha, considere o que seria do mundo se a lua lhe faltasse: *Luminare majus, ut præesset diei, luminare minus, ut præesset nocti.* [3] O sol fel-o Deus para o dia, a lua para a noite: e se faltando a lua, a noite fosse totalmente escura, triste e medonha, como se havia viver esta ametade da vida? A lua é o lume das trevas,

---

[1] *Gen.*, II, 24.
[2] *Josuë*, X, 12.
[3] *Gen.*, I, 16.

a lua é o allivio das tristezas, a lua o refugio dos temores, a lua a consolação e remedio de tudo o que o sol divertido a outro hemisphcrio não póde remediar, nem supprir. Oh quantos trabalhos grandes, não só universaes mas particulares, não só publicos mas secretos, tiveram allivio, consolação e remedio por meio da luz, e benignas influencias daquelle segundo planeta eclipsado, que já nos não ha de allumiar: *Et Luna non dabit lumen suum!* [1] O mesmo Deus que fez o dia e a noite, ao tribunal de sua justiça accrescentou o da sua misericordia, para que as causas dos miseraveis e afflictos tivessem appellação e recurso. Assim o tiveram sempre todos (mas já o não podem ter) na misericordia, na piedade, na clemencia, e na industria tão efficaz e tão viva de quem alli está morta.

Vejam agora, se teem bastantes causas de sentir e chorar os que tal rainha ou tal mãe perderam. Lá diz a Escriptura que em Debora deu Deus uma mãe ao seu povo: *Donec surgeret Debora, surgeret mater in Israel.* [2] Os reis de Portugal, por confissão do mundo, não só são reis, mas paes dos seus vassallos. E posto que a Providencia e Bondade divina nos deixou um tão bom pae, que por muitos annos nos conserve, quem haverá que não chore a falta de tão prudente e piedosa mãe, digna por tudo de eterna memoria, de eternas saudades, e de eternas lagrimas? Chore, pois, Portugal, chore o Brazil, chore em ambos os mundos toda a monarchia. E quem haverá de nós, se tem uso de razão, que não chore olhando para aquella sepultura; vendo cortada em flôr aquella vida que puderamos lograr muitos annos; vendo debaixo da terra aquella poderosa intercessora, que nos alcançava os favores do céu; vendo aquelle augustissimo nome, que trazíamos gravado nos corações, escripto em epitaphios, vendo emfim a serenissima Maria de Portugal morta alli e sepultada? *Mortua est ibi Maria, et sepulta.*

[1] *Math.*, XXIV, 20.
[2] *Judic.*, V, 7.

V

Temos visto na morte de sua magestade as grandes causas que tem a nossa dôr de chorar, posto que não ponderadas com aquella efficacia de razões, nem com aquella energia de affectos, nem com a profundidade de sentimento que merecia tamanha perda. Segue-se neste segundo discurso, ou nesta segunda parte delle, vêr os effeitos, tambem grandes, que deixou a mesma morte á nossa consolação para enxugar as lagrimas. Agora quizera eu que em todo este theatro se voltára a scena: que os lutos trocassem as côres, que as caveiras se revestissem de vida, que os cyprestes se reproduzissem em palmas, que os epitaphios se convertessem em panegyricos, e que as luzes funestas dessa pyramide se mudassem em luminarias de acção de graças; porque os que até aqui foram estragos e despojos, agora serão tropheus e triumphos, não de outra causa, senão da mesma morte. Corramos a cortina aos secretos da Providencia divina, descubra-se o que estava encoberto, e vejamos no que vimos, o que não viamos.

Desde o dia em que a rainha nossa senhora entrou em Portugal, até o dia em que partiu para o céu, as coisas de maior vulto que succederam em todo aquelle tempo, foram tres matrimonios notaveis. Um matrimonio declarado por nullo, um matrimonio contractado, um matrimonio consummado. O matrimonio nullo, foi o do senhor rei D. Affonso, que está em gloria: o matrimonio contractado, foi o da alteza real de Saboya, que não teve effeito; o matrimonio consummado, foi o d'El-rei nosso senhor, que muitos annos viva. No primeiro esteve o reino enganado, no segundo esteve arriscado, no terceiro esteve desconfiado. E Deus que tanto ama a Portugal, como desfez este engano, como acudiu a este perigo, e como confiou esta desconfiança? Bemdita seja para sempre sua bondade. Assim como os matrimonios foram tres, assim os remediou com tres divorcios. O primeiro divorcio no matrimonio nullo, fel-o o desengano; o segundo divorcio no matrimonio contractado, fel-o a enfermidade: o terceiro divorcio no matrimonio consum-

mado, fel-o a morte. E que bens ou utilidades para Portugal tirou a Providencia Divina destes tres divorcios? Os tres maiores bens, e as tres maiores utilidades que podiamos desejar, e as que mais haviamos mister, e agora se conhecem. O primeiro divorcio deu-nos uma princeza herdeira do reino: o segundo divorcio livrou-nos de principes estrangeiros: o terceiro divorcio habilitou-nos para ter principes naturaes na baronia dos reis portuguezes. Vejam agora a nossa dôr, e as nossas lagrimas se teem grandes motivos para se enxugarem.

VI

O fructo do primeiro divorcio, que foi a princeza herdeira do reino, e tal princeza; assim é tambem o primeiro e mais vivo motivo da nossa consolação. Porque? Porque em sua alteza temos outra vez viva a rainha nossa senhora, não como resuscitada, mas como não morta. A proposição parece paradoxa; mas não é menos que do mesmo Auctor da vida e da morte: *Mortuus est pater ejus, et quasi non est mortuus; similem enim reliquit sibi post se.* [1] Morreu o pae, e quasi não é morto, porque deixou depois de si outro similhante. De maneira que quando o filho que succede ao pae é similhante a elle, entre a vida do pae morto, e a vida do filho vivo, não ha differença mais que um quasi: *Et quasi non est mortuus.* Se quando a rainha nossa senhora se foi para o céu, nos deixára ou se não deixára em sua alteza, verdadeiramente seria morta. Mas como nos deixou, e se deixou em um original tão vivo de si mesma, a sua morte não foi morte, senão quasi morte: *Et quasi non est mortua;* porque vive na filha similhante a si, que nos deixou depois de si: *Similem enim sibi reliquit post se.*

E' tão certa esta consequencia, que se nesta segunda vida de sua magestade pudéra haver alguma duvida, não estava a difficuldade na vida da mãe, senão na similhança da filha. A excepção parece es-

[1] *Eccl.*, XXX, 4.

cura, mas a razão é muito clara. Porque o que é unico, não tem primeiro antes de si, nem segundo depois de si. E sendo a rainha nossa senhora um sugeito soberano, tão singular e unico em tudo; segue-se, que quem não teve similhante a si, não podia deixar similhante depois de si: *Similem sibi post se.* Assim é, ou assim havia de ser, se Deus não renovára em Portugal uma maravilha, que só fez no principio do mundo. No principio do mundo, antes de haver Eva, Adão não tinha similhante a si: *Non inveniebatur similis ejus.* [1] E que fez Deus para que Adão, que não tinha similhante a si, tivesse similhante? Dividiu o mesmo Adão em duas partes, ou em duas pessoas, e tirando-lhe do lado, e de suas proprias entranhas a Eva, por este modo maravilhoso fez, que o que não tinha similhante a si, tivesse similhante a si: *Faciamus ei similem sibi.* [2]

D'aqui se infere em singular excellencia de Eva, que se Adão não tinha similhante entre todas as creaturas, tambem Eva entre todas ellas não tinha similhante. E assim foi. Naquelle tempo já estavam creadas no mundo todas aquellas elegancias da natureza, que não só são as similhanças da formosura, senão os encarecimentos della. Nos prados já havia as rosas e açucenas: nas minas já havia os rubins e os diamantes: nas conchas já havia as perolas e os aljofares: no céu já havia o sol e as estrellas. Não são estes os maiores encarecimentos da formosura? Sim. Pois assim como entre todas estas bellissimas creaturas, nem juntas, nem divididas, se achava similhante a Adão, assim entre todas ellas se não podia achar similhante a Eva. A conclusão é manifesta; porque Eva foi feita para ser similhante a quem não tinha similhante: e quem é similhante a quem não tem similhante, não póde ter similhante. Tal é hoje em Portugal a filha unica daquella mãe tambem unica. Tão unica, e sem similhante uma e outra, que quando para todas as outras formosuras sobejavam os encarecimentos, só para a sua se não achavam as similhanças: *Non inveniebatur similis ejus.* Olhe lá de cima a

[1] *Gen.*, II, 20.
[2] *Ibid.*, 18.

unica mãe, e não achará em toda a terra outra similhante a si, senão a unica filha que deixou depois de si: e por isso tão viva nella depois da morte, como se não morrêra.

Querendo José que Benjamim ficasse no Egypto, replicaram os irmãos pedindo que o deixasse tornar: e allegaram para isso, que era filho unico, e que sua mãe não tinha outro: *Ipsum solum habet mater sua.* [1] A mãe de Benjamim era Rachel, e Rachel havia muitos annos que era morta. Pois se era morta, como suppõem os irmãos, e dizem que era viva? Porque ainda que era morta em si, vivia no mesmo filho, que morrendo deixára depois de si. Era Rachel mãe, e era morta: como mãe tinha em Benjamim o filho; e como morta conservava em Benjamim a vida. Assim se conserva viva na unica Isabel a unica Maria. Viva na pessoa, viva na gentileza, viva na magestade, viva no juizo, viva na discrição, viva na piedade para com Deus, viva no agrado para com os vassallos, viva, emfim, em todas as perfeições e virtudes verdadeiramente reaes. Havendo pois Deus feito tão grande mercê a Portugal, que nos deu a nossa mesma rainha em duas vidas, antes temos razão de nos alegrar, que de nos entristecer. E se a sua morte não foi morte, senão quasi morte. *Et quasi non est mortua*, responda quando muito ao quasi da morte um quasi da tristeza: *Quasi tristes, semper autem gaudentes.* [2]

VII

O segundo motivo da nossa consolação fundado no segundo divorcio, foi livrar-nos Deus por este meio de principes estrangeiros. Um principe estrangeiro de tão soberanas qualidades como o desposado, bem pudéra ser nosso rei; mas vae grande differença de ser nosso rei, ou ser rei nosso. Aquelle povo a quem Deus chamava seu, e amava sobre todos, deu-lhe por lei, que não pudesse fazer rei, homem que não fosse da sua nação: *Non poteris alterius gentis hominem re-*

1 *Gen.*, XLVI, 20.
2 *2.ª Epist. ad Cor.*, VI, 10.

gem facere, qui non sit frater tuus. E não só poz Deus esta lei ao povo, senão tambem a si mesmo, promettendo-lhe que não elegeria rei de outra nação, senão da sua: *Quem Dominus Deus tuus elegerit de numero fratrum tuorum.* Assim o fez na eleição de Saül, de David, de Jehu, e de todos os que mandou ungir por reis. E' verdade que talvez o principe estranho póde ser dotado de melhores partes, e de maiores virtudes que o proprio; mas ainda no tal caso antes querem os homens o proprio menos bom, que o estranho melhor. Ouvi o maior exemplo, ou o maior encarecimento, que nem imaginar se podia nesta materia.

Antes de o povo de Israël ter reis, Deus era o rei que os governava: *Tu es ipse Rex meus, et Deus meus, qui mandas salutes Jacob.* [1] E neste mesmo tempo que resolveram entre si aquelles homens? Duas coisas, não só notaveis, mas estupendas. A primeira, que não queriam a Deus por rei: *Non te abjecerunt, sed me, ut regnem super eos.* A segunda, que pediram rei, homem da sua nação, como tinham as demais: *Constitue nobis regem, sicut universæ habent nationes.* Pois um povo que tem a Deus por rei, antes quer um rei homem, que um rei Deus? Com tanto que fosse da sua nação, sim: que tal é o impeto natural do desejo humano. Antes quizeram um rei homem, com tanto que fosse da sua nação, que um rei que não era da sua nação, ainda que fosse Deus. E que fez Deus neste caso? Maior maravilha? Não me querem por rei sendo Deus? Pois eu me farei homem da sua nação: e como eu fôr Rei da sua mesma nação, *Natus Rex Judæorum*, todos os que então me conhecerem, darão o sangue e a vida por mim: e quando no fim me conhecerem os demais, farão o mesmo. Assim foi, e assim ha de ser. Finalmente, signalando Deus ao mesmo povo o tempo em que se havia de acabar o seu reino, o signal que lhe deu, foi, que então se acabaria, quando o sceptro de Israël passasse ás mãos de principe estrangeiro.

Pois se isto é assim, e provado com tantos documentos humanos e divinos, como se resolveu Portugal a admittir principe estrangeiro? E' certo que a reso-

---

[1] *Psalm.* XLIII, 5.

lução foi tomada com grande juizo e prudentissimo conselho, porque não foi voluntaria, senão forçosa. Não elegemos a sujeição de principe estrangeiro como melhor, nem como bem, senão como mal necessario. O bem e o melhor era ter principe herdeiro varão. Esses foram sempre os desejos e ancias da mesma rainha, e a esse fim se ordenavam tantas orações, tantos sacrificios, tantas esmolas, tantas romarias, tantas novenas, e tantos votos seus e de todo o reino. Mas como Deus nos não ouvisse, e a desesperação de filho se confirmasse, foi força acudir ao remedio da successão real, não como queriamos, senão como era possivel, muito ao nosso pezar.

Nem encontram a verdade deste pezar as demonstrações de alegria tão extraordinarias que vimos; porque se por fóra eram alegres, por dentro eram tristes e lastimosas. Não havia coração verdadeiramente portuguez, que no secreto não chorasse, e no publico não engulisse as lagrimas, lamentando todos com Jeremias: *Hæreditas nostra versa est ad alienos, domus nostra ad extraneos.* [1] Aquellas festas, aquelles repiques, aquellas luminarias, aquellas procissões com que Portugal solemnisou os desposorios: aquellas galas, aquelles theatros, aquellas fabricas triumphaes que estávam prevenidas para o recebimento, que cuidaes os de perto e os de longe que eram? Considerada a soberana grandeza de um e outro desposado, apenas egualavam a dignidade das bodas: e para os extremos de amôr com que Portugal estima, venera e quasi idolatra a sua princeza, ainda lhe pareciam muito menos. Considerado porém isto mesmo como reparo da corôa na substituição de principe estrangeiro, tudo era o contrario do que parecia. As galas eram lutos, as fabricas eram ruinas, os theatros eram tumulos, os repiques eram signaes, as procissões e as luminarias eram enterros: porque o tronco e a baronia dos reis portuguezes, continuada por tantos seculos, alli se sepultava para sempre.

Mas em quanto os conselhos da terra se accommodavam a este mal necessario, nos conselhos do céu se estava decretando, que não fosse necessario, nem

[1] *Thr.*, v, 2.

fosse mal, senão o bem e maior bem do reino. Como os annos da rainha promettiam larga vida, e Deus tinha decretado de a cortar no meio delles; a supposição da sua vida por uma parte, e a previsão da sua morte por outra, eram as duas causas encontradas, porque os conselhos do céu se não conformavam com os da terra. Os da terra insistiam em effeituar o casamento, os do céu só tratavam de o estorvar e desfazer. E que seria de nós se se não desfizera? Que seria de nós, torno a dizer, se se não desfizera? Consideremos o que seria de Portugal no estado presente com um principe estrangeiro jurado, e um rei natural coroado, ambos na mesma côrte. Irmãos eram Jacob e Esaü, e não couberam no ventre da mesma mãe: irmãos eram Romulo e Remo, e não couberam na mesma cidade: irmãos eram Caïn e Abel, e não couberam em todo o mundo: e como haviam de caber em Lisboa, e se haviam de conservar em paz, um principe estrangeiro, e um rei natural sogro, que são os parentescos mais perigosos, e em que menos se conserva a união?

Deixo os exemplos da Escriptura, porque são em sugeitos de inferior gerarchia; mas veja-se Lisboa em Roma como em espelho, e no successo e parentesco de Cesar com Pompeu reconheça o seu perigo. Pompeu Magno era genro de Julio Cesar, e Cesar sogro de Pompeu: e quaes foram as dissensões destas duas grandes cabeças, e porque causas? Lucano o disse, e ponderou excellentemente: *Nec quemquam jam ferre potest Cæsar ve priorem. Pompeus ve parem.* [1] Cesar, que affectava o imperio, não podia soffrer vêr-se menor que Pompeu: *Cæsar ve priorem:* Pompeu, que o sustentava, não podia soffrer que Cesar lhe fosse egual: *Pompeus ve parem.* E desta mal soffrida desegualdade se originaram os desgostos, dos desgostos nasceram as discordias, das discordias as parcialidades, das parcialidades a divisão de Roma, e da divisão as guerras mais que civis: *Bella per Emathios plusquam civilia campos.* Estes são os perigos de que Deus nos livrou por meio do divorcio do matrimonio contractado, dando juntamente justas causas ao mesmo divorcio por meio da enfermidade não conhecida nem

[1] Lucan. Lib. I.

esperada. E bem se viu que a enfermidade foi traçada pela Divina Providencia só a fim de desfazer o matrimonio, porque tanto que esteve desfeito, logo o principe sarou, e teve saude. Para que demos as graças e a gloria a Deus, e digamos daquella enfermidade, o que Christo disse da de Lazaro: *Infirmitas hæc non est ad mortem, sed pro gloria Dei, ut glorietur per eam.*

VIII

O terceiro e ultimo motivo da consolação de Portugal, é a esperança de principes naturaes, morta na vida, e resuscitada na morte da rainha nossa senhora por meio do terceiro divorcio. No tempo antigo, em que era licita a polygamia, bem podia o marido ter filhos legitimos, vivendo a legitima mulher infecunda. Assim os teve Abrahão em Agar, vivendo Sára: e assim os teve Jacob em Lia, vivendo Rachel. Mas depois que Christo Nosso Senhor, como Supremo Legislador, revogou esta dispensação, e reduziu o matrimonio á unidade primeva e natural, só a morte póde remediar este defeito, supprindo as segundas bodas a infecundidade das primeiras. E este é o logar que a desesperação passada deixou á esperança presente, passando-se do thalamo real ao tumulo.

Naquella pedra, que ferida da vara restaurou a esterilidade das fontes, deixamos allegorisado a El-rei D. Pedro nosso senhor. E como os golpes foram dois, vejamos a propriedade, e os effeitos com que os dobrou e repetiu a morte: *Percutiens virga bis silicem.* O primeiro golpe foi a morte d'El-rei D. Affonso: o segundo golpe foi a morte da rainha nossa senhora, ambos tão sentidos de sua magestade, e com tão particulares demonstrações, como o pedia o parentesco e o amôr. Mas quaes foram os effeitos destes dois golpes da morte na mesma pedra, ou no mesmo rei D. Pedro a quem feriram? O primeiro golpe, que foi a morte de El-rei, deu-lhe a corôa; o segundo golpe, que foi a morte da rainha, ha-lhe de dar a successão.

Quanto ao primeiro golpe, quem imaginou nunca, que a corôa gloriosissima d'El-rei D. João o IV, tendo tres filhos varões, se viesse assentar na cabeça do ul-

timo? Mas os primogenitos não só os faz a geração, senão tambem a morte. A geração faz os primogenitos, dando-lhes o primeiro logar entre os vivos: a morte faz os primogenitos, matando os primeiros, e deixando vivos os ultimos. Com muita razão lhe compete a sua magestade o titulo de *Primogenitus mortuorum*, primogenito dos mortos; [1] porque foi necessario que morresse o principe D. Theodosio, e que morresse El-rei D. Affonso, para que elle fosse o primogenito, e herdeiro da corôa. Mas para sua magestade herdar a corôa, tanto importava que a morte d'El-rei D. Affonso fosse o primeiro golpe, como o segundo; tanto importava que morresse antes, como depois da rainha. E porque ordenou a Providencia Divina, que El-rei (e tão inesperadamente) morresse antes? Para que por este meio lhe fosse restituido á rainha nossa senhora o primeiro titulo, do qual por amôr de nós com tão heroica generosidade se tinha privado. A maior fineza que fez por nós aquelle incomparavel espirito, para desengano e remedio do reino, foi descer-se da magestade á alteza, e humanar-se ao segundo logar de princeza, a que no throno e na corôa era rainha. Porém Deus, que ainda nesta vida quiz premiar condignamente uma acção tão heroica, ordenou que a morte d'El-rei se antecipasse á sua; para que reposta no solio da primitiva magestade, assim como tinha entrado em Portugal rainha, sahisse do mundo rainha. Menos era que o primeiro golpe da morte désse a El-rei nosso senhor a corôa, se lh'a não déra tambem a tempo em que pudesse coroar a quem tanto lh'o merecia.

Este foi o effeito do primeiro golpe na morte d'El-rei: o segundo golpe, que foi a morte da rainha, que fez? Fez que cortado este impedimento, possa e haja de ter sua magestade a feliz successão que havemos mister, e não successão de qualquer modo, senão de filhos varões. E para que nos alegremos com a certeza desta esperança, que ainda parece duvidosa, digo que é tão certa e infallivel, como fundada na palavra e promessa do mesmo Deus. No juramento d'El-rei D. Affonso Henriques lhe revelou Deus uma

[1] *Apoc.*, I, 5.

desgraça, e lhe prometteu uma felicidade. A desgraça revelada foi, que na decima sexta geração se attenuaria a prole: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles.* A felicidade promettida é, que nessa mesma prole attenuada, elle olhará e verá: *Et in ipsa sic attenuata ego respiciam, et videbo.* A decima sexta geração d'El-rei D. Affonso o I, todos sabemos que foi El-rei D. João o IV. A prole d'El-rei D. João o IV, attenuada, todos estamos vendo que é El-rei D. Pedro nosso senhor, depois de mortos seus irmãos; porque nelle está a prole em um só filho, e em um só fio. Logo agora é o tempo em que Deus ha de olhar e vêr: *Et in ipsa sic attenuata ego respiciam et videbo?* E que é em Deus o olhar e o vêr? Não digo que me agradeçaes a explicação e a prova, mas que deis graças a Deus por ella. O olhar e vêr em Deus, segundo a phrase do mesmo Deus e da Escriptura, é dar successão não só de um, senão de muitos filhos varões. Ora vêde.

Estava muito desconsolada Anna, que depois foi mãe de Samuel, por se vêr esteril e sem filhos, e disse assim a Deus: (notae as palavras) *Si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ, dederisque servæ tuæ sexum virilem:* [1] Se vós, Senhor, olhando virdes a esterilidade de vossa serva, e me derdes filho varão. E que fez Deus? Olhou, e viu como lhe pedia Anna: *Si respiciens videris:* e porque olhou e viu, não só lhe deu um filho varão, senão muitos: *Donec sterilis peperit plurimos.* De sorte que o olhar e vêr de Deus, é dar não só um, senão muitos filhos varões. E se Deus assim o fez, quando só ouviu a quem lhe disse, *si respiciens videris*, muito maior razão e obrigação tem de fazer o mesmo, quando elle é o mesmo que diz: *Ego respiciam et videbo.* Deste modo remediará Deus a nossa necessidade e a nossa sêde: *Cumque indigeret aqua populus.* E deste modo supprirá a fecundidade da pedra a esterilidade das fontes: *Percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.*

[1] *1.º Livr. dos Reis*, 1, 11.

IX

Tenho acabado o sermão, e dou graças a Deus de o poder levar ao cabo. A peroração dos prégadores em similhantes casos é exhortar aos desenganos da morte: eu á vista desta morte só quizera aconselhar as imitações da vida. Imitemos a vida e as virtudes de uma tão pia e santa rainha: e imitemos, sobre tudo, o que sobre tudo importa, que é a pureza e resguardo da consciencia, em que foi vigilantissimamente insigne. Estando o coração de sua magestade muito anciado com a força das dôres, rompeu uma vez em dois ais, e logo fez chamar o seu confessor, para se confessar daquella que lhe pareceu menos paciencia. O gemer nas dôres não é imperfeição, mas é maior perfeição não gemer. Assim o ensinou David quando disse, que os seus gemidos lhe davam grande trabalho: *Laboravi in gemitu meo.* [1] Os gemidos e os ais fel-os a natureza para allivio: que trabalho era logo este, que davam a David os seus gemidos? Era o trabalho que elle punha em os afogar no peito e os reprimir: *Laboravi in gemitu meo. Comprimendo, ne foras exeat*, commenta Santo Efrem. E uma consciencia tão delicada, que disto fazia escrupulo e se confessava logo: um espirito tão puro e tão purificado com seis mezes de purgatorio, vêde se voaria direito ao céu.

As mesmas confianças nos deixou devotamente fundadas a ultima circumstancia da morte de sua magestade, morrendo quando Christo nasceu. Muito venturosa foi Rachel em morrer em Belem, porque era grande signal da salvação morrer naquelle logar, em que havia de nascer o Salvador. Reparou porém muito Jacob em que morresse Rachel no tempo da primavera: *Eratque vernum tempus.* [2] E que importava ou fazia ao caso, morrer mais na primavera que em outro tempo? No conceito de Jacob importava muito: porque Christo havia de nascer em Belem, e havia de nascer no inverno. E assim como a morte de Rachel

[1] *Psalm.* VI, 7.
[2] *Gen.*, XLVIII, 7.

imitou o nascimento de Christo na circumstancia do logar, quizera elle que tambem o imitasse na circumstancia do tempo. Mas esta circumstancia ou prerogativa estava guardada para a nossa Rachel. Sahiu a nossa Rachel do mundo, quando Christo entrou no mundo. Christo nasceu em dezembro, a nossa Rachel morreu em dezembro: Christo aos vinte e cinco, a nossa Rachel aos vinte e sete; dia em que foi recebida aquella ditosa alma, e collocada no throno da gloria.

Assim o crêmos piamente, soberana rainha e senhora nossa; e assim como vos obedecemos e servimos na terra, assim vos veneramos com a mesma piedade no céu. Gosae, gosae para sempre, não a corôa que deixastes, senão a que merecestes com as vossas esclarecidas e exemplares virtudes: com a modestia nas grandezas, com a moderação nas riquezas, com a temperança nas delicias, com a constancia nas variedades do mundo, com a piedade e compaixão nos trabalhos alheios, e com a paciencia nos proprios, de que até os reis se não livram nesta miseravel vida. As vidas de sua magestade e alteza, que são o nosso maior cuidado, pouca urbanidade seria a minha, se eu as recommendasse, senhora, ao vosso amôr, sendo as duas ametades da mesma alma, que lá as levou juntamente, e tem comsigo. O que vos pedimos, rainha e senhora nossa, é, que vos lembreis do vosso reino de Portugal, e daquelles leaes vassallos, que tanto vos souberam merecer a memoria. Lembrae-vos das orações, dos sacrificios, das penitencias, dos votos, das procissões, das intercessões e reliquias dos Santos trazidas até de reinos estranhos, para vos impetrar a vida. Ouviu-nos Deus melhor, porque a commutou com a eterna. Este Brazil, parte tão consideravel da monarchia (tão carregada sempre, como util, e tão util como digna de ser lembrada e favorecida) depois que vos tem no céu, já começou a experimentar as assistencias do vosso patrocinio, na paz, na justiça, e na suavidade efficaz do estado presente, com que se promette grandes felicidades. As que eu lhe desejo (desejando-lhe todo o bem) não são aquellas a que o mundo dá este nome: que todas se mudam com o tempo, todas acabam com a vida, e todas vêm a parar no

que estamos vendo. Alcançae-nos de Deus querer só ao mesmo Deus, querer só sua graça, querer só sua vista, querer só o que vós sobre tudo quizestes e procurastes. Porque deste modo (e só por este modo) vos imitaremos na vida, vos seguiremos na morte, e vos acompanharemos na eternidade. Amen.

SERMÃO

NAS EXEQUIAS

DE

D. MARIA DE ATHAÍDE

FILHA DOS CONDES DE ATOUGUIA, DAMA DE PALACIO

Prégado no Convento de S. Francisco de Xabregas no Anno de 1649

Maria optimam partem elegit. [1]

I

Estas palavras (que são de Christo por S. Lucas) cantava solemnemente a Igreja em vinte e dois de agosto, que foi o dia (entre tantos funestos deste anno) a cuja memoria, a cujo sentimento e a cujo allivio se dedica o religioso e o humano desta piedosa acção. O mesmo dia que nos levou o assumpto nos deixou o thema. Era a oitava gloriosa da Assumpção da Mãe de Deus: feliz dia para deixar a terra, formoso dia para entrar no céu. O dia da morte chama-se nas Escripturas temerosamente dia do Senhor: *Veniet dies Domini ut fur.* [2] Ditosa alma a quem cahiu o dia do Senhor no dia da Senhora. Concorrer um dia tão temeroso com um dia tão privilegiado, grande argumento foi de felicidade! E' opinião de doutores, piedosa e bem rece-

---

* A belleza do assumpto e do estylo d'esta lindissima oração funebre parece retratar ao vivo, commenta Honorati, o sugeito de que falla; ainda que brilha mais por elegancia que por affecto.

[1] *Luc.*, x.

[2] *2.° Petr.*, III, 10.

bida, que em todos os dias consagrados a alguma festa da Senhora, estão mais franqueadas as portas do céu. Mas que este privilegio seja particularmente concedido á maior festa de todas, que é a da Assumpção gloriosa, não tem só a probabilidade de opinião, mas é coisa certa. Affirma-o S. Pedro Damião, e o confirma com graves exemplos. Até nesta circumstancia soube escolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.* [1]

Principes houve, que decretando sentenças capitaes, deram a escolher o genero de morte, como Nero a Seneca. Se Deus, quando decreta a morte, dera a escolher o dia, todo o mundo se guardára para morrer neste. Que dia se póde desejar mais fausto para acommetter a perigosa jornada da outra vida, que em seguimento dos passos daquella Senhora, que para guiar é estrella, para subir é escada, para entrar é porta: Estrella da manhã, Escada de Jacob, Porta do Céu, lhe chama a Igreja. Quando os filhos de Israël caminhavam do Egypto para a Terra de Promissão, a ordem com que marchavam, era esta: Ia diante a Arca do Testamento em distancia de dois mil passos: seguia-se logo o corpo de todo o exercito, repartido e ordenado em esquadrões: por fim, (que este é o logar que lhe dão os Expositores) eram levados em um tumulo portatil os ossos de José. Este caminho dos Israelitas (que quer dizer os que veem a Deus) era figura da jornada que fazem as almas do Egypto deste mundo, para a Terra de Promissão da Gloria. Mas em nenhuma occasião com tanta propriedade, como nesta. Foi diante a verdadeira Arca do Testamento, a Virgem Maria, no dia de sua triumphante Assumpção, que em tal dia nomeadamente lhe chamou Arca do Testamento David: *Surge, Domine, in requiem tuam, tu, et arca sanctificationis tuæ.* [2] Seguiu-se logo em proporcionada distancia, quanto vae do dia á oitava, não o corpo do exercito, mas o exercito da alma. Uma alma armada com todos os sacramentos da Igreja, assistida dos Anjos, acompanhada das boas obras, seguida de tantos suffragios e sacrificios, que outra

[1] *Luc.*, x, 42.
[2] *Psalm.* cxxxi, 8.

coisa é senão um exercito ordenado e terrivel? Assim lhe chamam, não sem admiração, aquelles espiritos sentinellas do céu, que desde suas ameias estão vendo subir uma alma: *Quæ est ista, quæ ascendit terribilis ut castrorum acies ordinata?* [1] Por fim de tudo (que tal é o fim de tudo) remata-se hoje esta pompa gloriosa e invisivel no que só vêm, e no que só podem vêr nossos olhos, em umas cinzas e um tumulo. Tambem aquelle tumulo e aquellas cinzas vão caminhando, mas com passo tão vagaroso, com movimento tão tardo, que não chegarão ao céu, donde já descança a alma, senão no dia da resurreição universal. Cedo as perderemos de vista, para nunca mais. Agora são só presentes a nossos olhos para nova commiseração, para ultimo desengano, para perpetuo exemplo. A' mesma Senhora, que já tem dado a gloria ao bemaventurado assumpto de nossa oração, peçamos nos queira tambem dar a graça que havemos mister para fallar delle: *Ave Maria.*

II

Maria optimam partem elegit.

Deu occasião a esta sentença de Christo uma queixa piedosa, mas tão atrevida, que chegou a lhe tocar ao Senhor, não menos que no attributo de sua providencia: *Domine, non est tibi curæ?* Senhor, não tendes cuidado? Casos succedem no mundo que parece se descuida Deus do governo delle e se alguns são á nossa admiração maiores motivos, são os da vida e da morte. Esta admiração introduziu no juizo dos homens o erro de fados e de fortuna, que se bem entre nós perderam a divindade, ainda conservam os nomes. Se repararmos com attenção, quem vive neste mundo e quem morre, é necessaria muita fé para crêr que ha providencia. Todo o motivo desta queixa de Martha, foi vêr que a deixára Maria, e que estava

[1] *Cant.*, III e VI, 6 e 3.

com Deus. Tal é o motivo que temos presente, mas com maiores circumstancias de dôr (não sei se diga de sem razão) e assim havemos de ouvir hoje mais queixas.

Em fim, Maria está com Deus: *Sedens secus pedes Domini:* desatou-se dos cuidados e das obrigações do mundo, rompeu os laços da humanidade, deixou em soledade o sangue, o amôr e a mesma vida: *Reliquit me solam.* [1] Contra este não esperado apartamento, temos tres queixosas a modo de Martha, e não queixosas de Maria, porque o executa, senão de Deus, porque o permitte: *Domine, non est tibi curæ?* E que queixosas são estas? A primeira é a edade, a segunda a gentileza, a terceira a discrição. Pararam todas (como Martha: *Quæ stetit, et ait.)* E que conformemente se queixam! Corpo, alma, e união, é toda a fabrica do composto humano. Por parte da união queixa-se a edade cortada; por parte da alma queixa-se a discrição emmudecida; por parte do corpo queixa-se a gentileza eclipsada. Chora a edade o golpe, chora a discrição o silencio, chora a gentileza o eclipse, porque não lhe valeram contra a morte, nem á edade o mais florente, nem á gentileza o mais florido, nem á discrição o mais flórido. Vamos ouvindo estas queixosas, depois responderemos a ellas.

III

Primeiramente queixa-se a edade contra a morte: e que justificada se queixa! David pasmava de vêr quão estreitamente lhe medira Deus a vida: *Ecce mensurabiles posuisti dies meos:* [2] e viveu oitenta annos David. Jacob chamava a seus dias, poucos e máus: *Dies peregrinationis meæ parvi, et mali:* [3] e viveu cento e quarenta e sete annos Jacob. Job assombrava-se da brevidade com que se via caminhar á sepultura: *Dies mei breviabuntur, et solum superest se-*

1 *Luc.*, x, 40.
2 *Psalm.* xxxviii, 6.
3 *Gen.*, xlvii, 9.

pulchrum: [1] e viveu duzentos e setenta annos Job. Pois se a Job, se ao espelho da paciencia, sendo tão largos seus dias, lhe parecem breves: se a David, se á columna da fortaleza lhe parecem mal medidos: se a Jacob, se ao exemplo da constancia lhe parecem poucos e maus; que razão não terá para queixar-se uma edade tanto mais curtamente medida, tanto mais brevemente contada, tanto mais apoucada nos dias, tanto mais em flôr cortada? Se se queixam os oitenta, se se queixam os cento e quarenta, se se queixam os duzentos e setenta annos, como se não hão de queixar vinte e quatro? Oh morte cruel, que enganados vivem comtigo os que dizem que és egual com todos!

Tem-se acreditado a morte com o vulgo de muito egual, pelo despeito com que piza egualmente os palacios dos reis e as cabanas dos pastores: *Æquo pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres.* Que os palacios dos reis, por mais cercados que estejam de guardas, não possam resistir ás execuções da morte, bem o experimentou esta vida. Justo era que aquellas portas que tão cerradas costumam estar ás verdades, lhe deixasse ao menos a natureza aberto este postigo aos desenganos. Mas nesta mesma egualdade commette grandes desegualdades a morte. E' egual, porque não faz excepção de pessoas; é desegual, porque não faz differença de edades, nem de merecimentos. Matar a todos sem perdoar a ninguem, egualdade é; mas tirar a vida a uns tão tarde, e a outros tão cedo: deixar os que são embaraço do mundo, e levar os que eram o ornato delle, que desegualdade maior? Todos se queixam da pressa com que corre a vida; eu não me queixo senão da desegualdade com que caminha a morte. Notae.

Appareceu uma vez a morte ao propheta Habacuc, e viu que ia andando no triumpho de Christo: *Ante faciem ejus ibit mors.* [2] Appareceu outra vez a morte a S. João no Apocalypse, e viu que vinha pizando sobre um cavallo: *Et ecce equus, et qui sedebat super eum, nomen illi mors.* [3] Appareceu terceira vez a

---

1 *Job.*, XVII, 1.
2 *Habac*, III, 5.
3 *Apoc.*, VI, 8.

morte ao propheta Zacharias, e viu uma foice com azas: *Vidi, et ecce falx volans.* [1] De maneira que temos a morte a pé, morte a cavallo, e morte com azas. A vida sempre caminha ao mesmo passo, porque segue o curso do tempo; a morte nenhuma ordem guarda no caminhar, nem ainda no ser. Umas vezes é uma anatomia de ossos que anda; outras um cavalleiro que corre; outras uma foice que vôa. Para estes vem andando, para aquelles correndo, para os outros voando. Se a morte ou para todos andára, ou para todos corrêra, ou para todos voára, era egual a morte. Mas andar para uns, para outros correr, e para mim voar? Oh morte, quem te cortára as azas! Mas bem é que bata as azas, para que nós abatamos as rodas. Pinta-se a morte com uma foice segadora na mão direita, e um relogio com azas na mão esquerda. Se alguma hora foi assim a morte, troque-se d'aqui por diante a pintura, que já não é assim: *Ecce falx volans.* Tirou a morte as azas do relogio da mão esquerda, e passou-as á foice da mão direita; porque é mais apressada a foice da morte em cortar, que o relogio da vida em correr. Ainda quando a morte não vôa, corre mais que a vida. Aquelle cavallo em que S. João viu a morte, diz o Texto na versão de Tertulliano, que era verde: *Et equus viridis.* Quem viu jámais cavallo verde? Mas era o cavallo da morte. Veste-se este animal indomito da côr dos annos que corta, arrea-se das esperanças que piza, pinta-se das primaveras que atropela. Todos os annos estão sujeitos á morte, mas nenhuns mais que os que pareciam mais seguros, os verdes.

Mostrou Deus uma visão ao propheta Amós (que era homem do campo) e perguntou-lhe que via: *Quid vides tu Amos?* [2] Respondeu o Propheta: Senhor, *Uncinum pomorum:* o que vejo é uma vara comprida e farpada com que os rusticos alcançamos a fructa, e a colhemos das arvores. Pois essa vara que vês, diz Deus, é a morte. Todo este mappa do mundo é um pomar: as arvores, umas altas, outras baixas, são as diversas gerações e familias: os fructos, uns mais maduros, outros menos, são os homens: a vara que al-

[1] *Zach.*, v, 1.
[2] *Amos*, VIII, 2.

cança ainda os ramos mais levantados, é a morte; colhe uns, e deixa outros. Ah Senhor! que essa é a morte como havia de ser, e não como é. Quem entra a colher em um pomar, passa pelos pomos verdes, e colhe os maduros; mas a morte não faz assim: vemos que deixa os máduros, e colhe os verdes. E já se colhera só os fructos verdes, colhera fructos: mas a queixa minha é, que deixa de colher os fructos, e colhe as flôres: *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* [1] Appareceram as flôres na nossa terra, não lhes aguardou mais tempo a morte: appareceram, desappareceram. A'lerta, flôres, que a primavera da vida é o outomno da morte. A foice segadora que traz na mão, instrumento é do agosto, e não do abril; mas arma-se assim com ardilosa impropriedade a morte, ameaça ás espigas, para que se desacautelem as flôres. Ha tal crueldade! Ha tal engano! Não me queixo do golpe, senão do tempo: *Flores apparuerunt, tempus putationis!* Que haja tempo de florescer e tempo de cortar, é natureza; mas que o tempo de florescer e o de cortar seja o mesmo! Que a edade mais florida seja a mais mortal! Que a vida mais digna de viver seja a mais sujeita á morte! E que haja imperio superior que domine este tyranno! Que haja providencia no mundo que o governe! *Domine, non est tibi curæ?*

IV

A estas queixas tão justificadas da edade, se seguem as da gentileza, não menos lastimosa, mas mais par lastimar. Por isso lá Jeremias no pranto de Belem, as lagrimas que houveram de ser de Lia, trasladou-as aos olhos de Rachel: não porque houvessem de ser mais sentidamente choradas, mas porque haviam de ser mais lastimosamente ouvidas. Queixa-se a gentileza contra a morte, por conceder a tanto luzimento tão breves dias, a tanta representação tão pouco theatro. E pois as queixas da bocca de Rachel são me-

1 *Cant.*, II, 12.

lhor ouvidas, seja Rachel a primeira allegoria destas queixas. Muito tenho reparado em quão desegualmente se houveram com Rachel, quem lhe deu o ser, e quem lh'o tirou: Labão e a morte. Pedia Jacob a Labão o premio dos primeiros sete annos que servira, e deu-lhe Labão a Lia em logar de Rachel, allegando que Lia era a filha primeira, e que havia de preceder. Teve paciencia Jacob, serviu outros sete annos, e em uma jornada que depois fez de Bethel a Belem, morreu Rachel, e ficou sepultada no caminho; e Lia depois deste successo viveu ainda muitos annos. Não sei se notaes a desegualdade. De maneira que Labão quando houve de dar casa a uma das filhas, reparou na prerogativa dos annos, e precedeu Lia: e a morte quando houve de dar sepultura a uma das irmãs, não reparou nos privilegios da edade, e precedeu Rachel. Pois se se ha de dar primeiro casa a Lia que a Rachel, porque tem mais annos Lia; porque se ha de dar primeiro sepultura a Rachel que a Lia, se tem menos annos Rachel? E' possivel que para a casa ha de Rachel ser a ultima, e para a sepultura a primeira? Sim, que isso é ser Rachel. Nas leis de Labão tem precedencia para a casa a maior edade; nas leis da morte tem precedencia para a sepultura a maior belleza.

Desde a terra até o céu está estabelecida esta lei. Na terra a rosa, rainha das flôres, é ephemera de um dia; toda aquella pompa branca, toda aquella ambição encarnada de que se veste, pela manhã são mantilhas, ao meio dia galas, á noite mortalhas. No céu a lua, rainha das estrellas, quem a viu cheia, retrato da formosura, que logo a não visse minguante, depois da mudança? Quando resplandece com toda a roda, então se eclipsa, quando faz opposições ao sol, então a encobre a terra. Ajunte-se a formosura da terra com a do céu, e na união de ambas veremos o mesmo exemplo. Transfigurou-se Christo no Thabôr, appareceram logo no mesmo monte com o Senhor Moysés e Elias: *Et loquebantur de excessu, quem completurus erat in Hierusalem.* [1] Ha tal pratica em tal occasião! Uma vez que a formosura de Christo quiz fazer ostentação de suas galas, que logo os Prophetas

[1] *Luc.*, IX, 31.

lhe hajam de cortar os lutos? Sim, e muito a seu tempo; porque a mesma formosura que viam, era prophecia da morte em que fallavam: *Loquebantur de excessu:* de um excesso arguiam o outro, que quem excedia tanto na formosura, não podia durar muito na vida. Quanto se disse no Thabôr foram pregões deste desengano. No Thabôr fallaram os dois Prophetas, e fallou S. Pedro. S. Pedro fallou como nescio, porque cuidou que formosura tão grande não podia permanecer muito nesta vida: *Bonum est nos hic esse.* Os Prophetas fallaram como discretos, porque tanto que viram o extremo da formosura, logo deram por infallivel o excesso da morte: *Loquebantur de excessu.* Antes se bem repararmos, a mesma formosura de Christo na Thabôr, foi a maior confirmação de sua pouca dura. Dizem os Evangelistas: *Resplenduit facies ejus sicut sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* [1] Que o rosto de Christo ficou resplandecente como o sol, e suas vestiduras brancas como a neve: formosura de neve e sol, é grande, mas de dias breves. Quando o sol se vê junto com a neve, são breves os dias do sol; quando a neve se vê junta com o sol, são poucas as horas de neve. Bem se viu: tanta neve e tanto sol, que duração tiveram? Sabe-se que foi de um só dia, não se sabe de quantas horas.

Oh neve derretida a raios do sol! Oh sol sepultado em occasos de neve! Que larga materia de afinar a queixa offereceis neste passo á minha oração, se eu tivera, não digo já eloquencia, mas a confiança de um Jeronymo! Os que leram a S. Jeronymo, ou na consolação de Juliano, sobre a morte de Faustina, ou no epitaphio de Paula a Eustochio, ou nas memorias funebres de Marcella e de Fabiola, sei que hão de culpar o humilde do estylo, o encolhido do encarecimento, o tibio ou o timido dos affectos com que fallo neste caso. Mas como naquellas (posto que não maiores) era outra a pessoa que fallava, e em outra lingua e a outros ouvidos; obriga-me a mim a discrição a que remetta ao silencio o enternecido destas queixas, para que oiçamos o ponderoso das suas.

---

[1] *Math.*, XVII, 2.

V

Queixa-se finalmente a discrição (que sempre a discrição é a ultima em queixar-se) e tomára eu que ella tivera melhor interprete para declarar com quanto fundamento se queixa. O maior inimigo da vida quem vos parece que será? O maior inimigo da vida é o entendimento. Tão madrasta se houve com o homem a natureza, que produzindo tantos antidotos nas entranhas dos animaes, dentro na alma do homem lhe creou o maior veneno. Se buscarmos a primeira origem da morte, na arvore da sciencia poz Deus o fructo da mortalidade: por onde os homens quizeram ser mais entendidos, por alli começaram a ser mortaes. Até no mesmo Deus teve logar esta terrivel consequencia. Houve de encarnar e morrer uma das Pessoas Divinas; e porque mais o Filho, que alguma das outras? A verdadeira razão sabe-a Deus. Eu só sei que á Pessoa do Filho se attribue o entendimento, e que á Pessoa do Filho se uniu a mortalidade. Como o verbo *ab æterno* procedeu por entendimento, *ab æterno* propendeu para mortal. Se isto foi em Deus, que será nos homens? Todos os homens são mortaes: mas o mais entendido, mais mortal que todos. Naquella parabola das dez virgens as bodas significam a morte; e é muito de notar que sendo cinco as entendidas, e cinco as nescias, todas as cinco entendidas morreram primeiro. Entender muito e viver muito, ou no entendimento é engano, ou na vida milagre. A razão disto a meu juizo deve ser; porque cada um sente como entende. Quem entende muito, não póde sentir pouco, e quem sente muito, não póde viver muito. O homem é vivente, sensitivo e racional: o racional apura o sensitivo, e o sensitivo apurado destroe o vivente.

Mas como os homens egualmente amam a vida, e se prezam do entendimento, d'aqui vem que se persuadem difficultosamente a esta triste philosophia. Dizia David a Deus: *Da mihi intellectum et vivam:* [1] Se-

[1] *Psalm.* CXVIII, 144.

nhor, dae-me entendimento, e viverei. Ah David, e como, não sabeis o que pedis, se quereis morrer, pedi embora a Deus que vos dê entendimento: mas se quereis viver, pedi-lhe que vos tire o entendimento que tendes. Não havemos de ir buscar a prova a outra parte. Vae depois disto David á côrte d'El-rei Achis, tem noticia que o querem matar, e faz-se doido. E bem David, não ereis vós o que dizieis a Deus que vos désse entendimento para viver, pois como agora para viver vos desfazeis do entendimento? D'antes governava-se David pelo discurso, e agora pela experiencia. Pelo discurso parecia-lhe a David que não havia coisa para viver como ser entendido; mas a experiencia mostrou depois a David, que era necessario ser desentendido para viver. E senão diga-o aquelle entendimento grande, do qual se temia mais David, que dos exercitos de Absalão. O maior entendimento de todo o reino de Israël naquelle tempo, era Achitophel: e de que lhe aproveitou a Achitophel o seu entendimento? De se matar com suas proprias mãos, por não querer seguir Absalão a verdade de seus conselhos. De sorte que é tal a opposição que teem entre si a vida e o entendimento (principalmente nas côrtes) que ninguem os póde conservar ambos juntos. Ou haveis de deixar o entendimento, ou haveis de deixar a vida: ou endoudecer como David, ou matar-vos como Achitophel. Se amaes mais a vida que o entendimento, como David endoideceis; se amaes mais o entendimento que a vida, como Achitophel mataes-vos: Não ha remedio.

Já demos a razão disto em quanto natureza, dêmol-a agora em quanto sem razão. Seja por um exemplo. Entraram pelo Horto os soldados que vinham prender a Christo: mette mão á espada S. Pedro, investe a Malcho, e fere-o. Sempre reparei muito nesta investida e neste golpe. Se Pedro quer defender a seu Mestre, avance aos esquadrões armados, envista e mate-se com elles: mas a Malcho? A Malcho que não trazia na mão mais que uma lanterna com que allumiava? Eis-ahi como trata o mundo as luzes. Em apparecendo a luz todos os golpes a ella. Em vez de arremetter aos que traziam as armas, arremette ao que trazia a luz, porque de nenhuma coisa se dão os homens por mais offendidos, que da luz alheia. Se

vierdes com exercitos armados: *Cum gladiis, et fustibus*, ter-vos-hão quando muito por inimigo, mas não vos farão mal; porém se vos coube em sorte a lanterna, se Deus vos deu uma pouca de luz (ainda que não seja para luzir, senão para allumiar) fostes mofino, apparelhae a cabeça, que ha-de vir S. Pedro sobre vós. Grande miseria! Que nos offendam mais as luzes que as lanças, e que queiramos antes ser feridos que allumiados? Grande miseria outra vez! Que nos mostremos valentes contra uma luz desarmada, e que em vez de tratarmos de resistir a quem se arma, só nos armemos contra quem allumia! Oh desgraçadas luzes, em tempo que tanto reinam as trevas.

Mas no meio desta desgraça tão grande acho eu á luz duas razões muito maiores, com que se consolar. Os golpes que se atiraram á luz, foram reprehendidos por Christo, e foram atirados por Pedro. Por Pedro, que antes desta acção tinha dormido tres vezes, e depois della negou outras tres. Sabeis, luzes, quem vos persegue? Quem dorme antes, e quem ha de negar depois: quem antes falta ao cuidado, e depois ha de faltar á fé. Cantará o gallo, e vêr-se-ha certa a prophecia de Christo. De tudo o dito se colhe, que quando vêmos faltar ante tempo as luzes, ou porque morrem, ou porque as matam, ou porque se matam, não temos materia de espanto, posto que a tenhamos grande de queixa: de espanto não, porque este é o mundo: de queixa sim, porque o governa Deus: *Domine, non est tibi cura?* E' possivel, Senhor, que tendes providencia, e que hão de viver as trevas e morrer as luzes? O nescio sepultado nas trevas da ignorancia ha de ter pazes com a morte, e o entendido allumiado com as luzes da razão ha de andar em guerra com a vida? Ameaçando David os poderosos com o inevitavel da morte, diz que os nescios e os entendidos todos haviam de morrer juntamente: *Cum viderit sapientes morientes, simul insipiens, et stultus peribunt.* [1] Se assim fôra, ainda era desegualdade; mas que a morte apressada seja tributo do entendimento, e a vida larga attributo da ignorancia? Não lhe bastava aos nescios um attributo? Não lhe

[1] *Psalm.* XLVIII, 11.

bastava serem infinitos no numero, senão tambem eternos na duração? Que no paraiso dê fructos de morte a arvore da sciencia, e que no mundo a ignorancia seja arvore da vida! Que dentro de nós seja enfermidade mortal o entendimento, e que fóra de nós seja delicto mortal o uso da razão! Que sendo o racional natureza, ninguem possa ser racional sob pena da vida! E que estas injustiças da morte sejam disposições da Providencia: *Domine, non est tibi cura?*

VI

Temos ouvido contra as semrazões da morte as tres queixosas, que no principio lhe oppuzemos. Mas vejo reparar a todos, que entre estas queixas, sendo tão naturaes, se não oiçam as do maior affecto da natureza, as do amôr materno. Digno é de reparo este silencio, mas mais digna de admiração e memoria a causa delle. Não se ouvem, nem se ouviram nesta occasião as queixas do amôr materno; porque se portou nas mais apertadas circumstancias delia, tão fino que pareceu cruel; tão generoso que não pareceu amôr. Faltou ás dividas da natureza, por não faltar ás obrigações do officio, e assistiu com tanta pontualidade onde servia, que pareceu que aborrecia onde amava. Oh raro exemplo de servir a principes! Servir aos principes como Deus quer ser servido, não se póde chegar a mais. Diz Christo no Evangelho: Os paes que não aborrecem a seus filhos não me podem servir a mim. E' tão encarecida esta doutrina que tem necessidade de explicação. Não quer dizer Christo absolutamente que os paes aborreçam aos filhos, porque os documentos divinos não encontram os preceitos naturaes; mas quer dizer, que quando se encontrar o amôr dos filhos com o serviço de Deus, de tal maneira se ha de acudir ao serviço de Deus, como se se aborreceram os filhos. Este é o mais alto ponto a que Deus subiu a fineza com que deseja ser servido. E tal foi neste caso a com que vimos servidos os nossos principes. Chegou com a obra no servir, onde Deus chegou com o desejo em querer ser servido. Oh espirito generoso, e na maior desgraça feliz! Não sei se

diga que pudéra estimar a occasião, só por lograr a fineza. O certo é que se póde pôr em duvida, se foi mais digna de inveja pelo que obrou, ou de lastima pelo que perdeu. Não se lê mais em similhantes casos, nem das Livias e das Rutilias, nem das Paulas e das Melanias, que tanto honraram com seu valor uma e outra Roma: a gentilica e a christã. Mas se as matronas romanas tiraram ás portuguezas o serem as primeiras, grande gloria é de nossa nação, que tirem as portuguezas ás romanas o serem singulares.

Oh como se havia de perder neste caso o juizo de Salomão, se nelle déra sentença! Na demanda das duas mães sobre os dois filhos, morto e vivo, julgou Salomão que a que mais amava, era verdadeira mãe; e acertou. Nesta controversia tambem havia de julgar que o mais amado era o verdadeiro filho, mas enganara-se; porque sendo um o assistido, e outro o deixado, o deixado era o filho, e o assistido não. Salvo se dissermos que ambos eram verdadeiros filhos; mas mais filho (e por isso mais amado) aquelle a quem se dá o ensino, que aquelle a quem se déra o ser. Lembra-me que pedindo um filho a Christo licença para ir enterrar a seu pae, o Senhor lh'a negou, porque estava em seu serviço. Grande moralidade acho na desproporção destes dois casos. No primeiro pede um filho licença ao rei para assistir á sepultura de seu pae, e nega-lh'a o rei; no segundo offerece licença o rei á mãe para assistir á morte de sua filha (e tal filha) e não a acceita a mãe: mas tudo bem merecido. No primeiro caso a imperfeição com que a licença se pediu, mereceu o rigor de se negar: no segundo caso a benignidade com que a licença se offereceu, mereceu a fineza de se não admittir! Oh que grande usura é nos principes a benignidade! Sejam os principes liberaes do que não custa nada, e serão os vassallos agradecidos no que talvez dá muito. Em fim viram-se aqui emendadas as queixas de Martha. Lá antepunha-se a soledade ao ministerio, aqui antepõe-se o ministerio á soledade: *Reliquit me solam ministrare.*

VII

Mas acudamos já pela Providencia Divina, e respondamos ás nossas tres queixosas, que é tempo. A todas tres satisfaz Christo com a mesma resposta: *Maria optimam partem elegit.* Não se queixe a edade por cortada, nem a discrição por emmudecida, nem a gentileza por eclipsada, que para todos escolheu Maria a melhor parte. E' verdade que morreu, mas por meio da morte eternisou a edade, melhorou a gentileza, canonisou a discrição. Vêde se têm razão de estarem queixosas ou agradecidas.

Primeiramente eternisou a edade, porque cortal-a foi artificio de a eternisar. Dizia Job: *In nidulo meo moriar, et sicut phœnix multiplicabo dies meos:* [1] Morrerei e multiplicarei meus dias. Notavel modo de fallar! Parece que havia de dizer Job: Morrerei e acabarei meus dias, mas morrerei e multiplicarei meus dias: *Moriar et multiplicabo dies meos!* Como póde ser isso? O mesmo Job disse como: *Sicut phœnix.* Reparo, diz Job, que eu não fallo como homem, fallo como phenix: o homem diz: morrerei e acabarei meus dias, porque com a morte acaba; a phenix pelo contrario diz: morrerei e multiplicarei meus dias; porque na phenix o cortar a vida é artificio de multiplicar a edade. Cale-se logo a edade queixosa, que não merece queixas quem morre phenix. Entre todas as mortes só uma ha no mundo que não seja digna de sentimento, é a da phenix. Se a phenix morrêra para acabar, fôra sua morte mais lastimosa e mais digna de sentimento que todas, porque é unica; mas como a phenix morre para renascer, como a phenix diminue a vida para multiplicar a edade, não é digna de lagrimas a sua morte, senão de applausos. Mas contra estes applausos póde replicar algum que a nossa phenix, se bem se considera, não multiplicou os dias; porque perder os dias em uma parte, para os lograr em outra, é mudal-os, não é multiplical-os. Que bem accudiu a esta replica o mesmo Job com a differença dos

[1] *Job.*, XXIX, 18.

dias: *Multiplicabo dies meos.* Notae que não diz, multiplicarei os meus dias, senão emphaticamente, os dias meus. Os dias desta vida não são dias nossos. Se foram nossos, tiveramol-os em nosso poder, e estivera em nossa mão logral-os. Mas estão em poder de tantos tyrannos, quantas são as miserias da vida: só os dias da eternidade são dias nossos, porque ninguem nol-os póde tirar. Bem diz logo Job, que este modo de morrer, é artificio de multiplicar: porque perder os dias que são alheios, para multiplicar os dias que são meus, é verdadeiramente accrescentar os dias: *Multiplicabo dies meos.*

Sendo porém estes dias, dias da eternidade, parece com nova instancia, que de nenhum modo se podiam multiplicar, porque a eternidade não admitte multiplicação nem augmento. Mas este foi o impossivel que venceu o engenho da nossa phenix: cortar o passo á vida, para accrescentar espaços á eternidade. A eternidade de Deus não póde crescer, a dos homens sim. A eternidade de Deus não póde crescer, porque é eternidade sem principio e sem fim. A eternidade dos homens póde crescer, porque ainda que não tem fim, tem principio. Não póde crescer á parte posta da parte d'além, mas póde crescer á parte ante da parte d'aquem. E assim quanto se corta á vida, tanto se accrescenta á eternidade. Quiz tambem uma hora o propheta Micheas dar augmento á eternidade, mas, com licença sua, não acertou: *Ambulabimus in viis Domini in æternum, et ultra.* [1] Adoraremos e serviremos a Deus por toda a eternidade, e ainda mais além. Acertou o Propheta com o accrescentamento, mas não acertou com a parte, que esse acerto ficou para a eleição de Maria: *Mar'a optimam partem elegit.* O Propheta quiz accrescentar a eternidade pela parte d'além, e foi accrescentamento imaginario: Maria accrescentou a eternidade pela parte d'áquem, e foi accrescentamento verdadeiro. O Propheta quiz accrescentar a eternidade e guardar a vida; Maria cortou pela vida por accrescentar a eternidade. Só desta maneira podia pagar a Deus. O amôr de Deus para comnosco, fallando neste sentido, tem duas eternidades: porque nos

[1] *Mich.*, IV, 5.

amou sem principio, e nos ha de amar sem fim. O nosso amòr para com Deus, tem uma só eternidade, porque ainda que o havemos de amar sem fim, amamol-o com principio. E como Maria não podia pagar a Deus duas eternidades de amòr com outras duas eternidades, deu-lhe uma, mas essa accrescentada: accrescentou á eternidade toda a parte que tirou á vida: *Optimam partem elegit.*

VIII

Tambem a gentileza não tem razão nas suas queixas. O morrer não foi perder, foi melhorar a formosura. Oh se a cegueira do mundo tivera olhos para vèr esta verdade, que menos idolatradas foram suas apparencias! Appareceu um Anjo a S. João no Apocalypse, e com ser aguia S. João, cegaram-no tanto os raios daquella formosura, que se lançou por terra para o adorar. Notavel caso! S. João não tinha visto a Christo na Transfiguração? Não o tinha visto subir ao céu com tanta gloria e magestade? Pois se a vista gloriosa de Christo não causou estes effeitos em S. João, como a vista de um Anjo o cega quasi a idolatra de sua formosura? Aqui vereis quanta vantagem faz a formosura do espirito á formosura do corpo. A formosura de Christo, ainda que celestial, ainda que gloriosa, era formosura do corpo: a formosura do Anjo era formosura de espirito, e com a formosura de um espirito nenhuma comparação tem a maior formosura do corpo. Virá tempo, e será depois da resurreição universal, quando a natureza humana restituida á sua natureza poderá gosar juntamente ambas estas formosuras, e supposto que antes de chegar áquelle termo não se póde gosar mais que uma só, despir-se da formosura do corpo, por se revestir da formosura da alma, foi escolher das duas a melhor parte: *Optimam partem elegit.* Oh que admiraveis transformações de formosura faz invisivelmente a morte debaixo da terra! Os chimicos não acharam até agora a pedra philosophal, porque não fizeram ensaio nas pedras de uma sepultura. Fallando Deus

a Abrahão na gloriosa descendencia de seus filhos, umas vezes comparou-os a pó, e outras a estrellas, para ensinar (diz Philo) que o caminho de se fazerem estrellas, era desfazerem-se em pó. Que cuidaes que é uma sepultura, senão uma officina de estrellas? Ainda a mesma natureza produz maiores quilates de formosura em baixo que em cima da terra. As flôres, formosura breve, criam-se na superficie; as pedras preciosas, formosura permanente, no centro. Julgue agora a enganada gentileza, se foi injuriosa a Rachel a sepultura, ou se soube escolher Maria a melhor parte. Enterrou-se flôr, para se congelar diamante: defez-se em cinzas, para se formar em estrella.

Mas quando por meio da morte não alcançára a gentileza a melhoria da transformação, pergunto: e fôra pequeno beneficio livrar-se por esta via dos damnos da mudança? Este engano apparente, a que os homens chamam formosura, ainda tem mais inimigos que a vida, com ser tão fragil. A vida tem contra si a morte, a formosura ainda antes da morte tem contra si a mesma vida: *Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos, fit minor.* Os primeiros tyrannos da formosura são os annos, e a sua primeira morte é o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba, debaixo da tyrannia do tempo muda-se: e se alguem perguntára á formosura, qual lhe está melhor, se a morte ou a mudança, não ha duvida que havia de responder, antes morta que mudada. A formosura morta sustenta-se na memoria do que foi, a formosura mudada affronta-se no testemunho do que é. A victoria que da formosura alcança a morte, é um rendimento secreto; cobre-o a terra; a victoria que da formosura alcança o tempo, é um triumpho publico; todos a vêem: e trazer o epitaphio no rosto, ou tel-o na sepultura, vae muito a dizer. Parece esta razão demasiadamente humana, mas Deus a fez divina. A maior formosura do mundo (sem ser affronta em um homem) foi a de Moysés; tão grande que era necessario cobrir o rosto com um véu, para que não cegassem os olhos que o viam. Morre Moysés, sepulta-o Deus com suas proprias mãos: *Et non cognovit homo sepulchrum ejus.* [1] E ninguem soube até hoje onde está a sua

[1] *Deut.*, XXXIV, 6.

sepultura. Pois porque não quiz Deus que tivessem os homens noticia da sepultura de Moysés? A razão não é menos que de Santo Agostinho: *Ne faciem, quæ radiaverat, supressam videreret;* porque aquelle rosto em que se tinham visto tantos resplandores, não se visse mudado. De maneira que occultou Deus o sepulchro de Moysés, não porque os homens o não vissem morto, mas porque não vissem a sua formosura mudada: morta sim, mudada não, ninguem a ha de vêr. Assim trata Deus a formosura a que quer fazer o maior favor; e tão certo é o juizo do mesmo Deus, que lhe está melhor á formosura a morte que a mudança. Chegada pois a gentileza humana áquellle termo preciso de sua perfeição, em que o parar é vedado, o crescer impossivel, e o diminuir forçoso, fazer treguas com a morte por não se sujeitar á tyrannia do tempo, se não foi eleger a melhor parte, foi ao menos acceitar o melhor partido: *Maria optimam partem elegit.*

IX

Finalmente a discrição não tem razão de queixar-se, porque se a morte a emmudeceu, a morte a canonisou. A discrição verdadeira não consiste em saber dizer, consiste em saber morrer. Até á morte ninguem se póde chamar com certeza nescio ou discreto. O ultimo acerto ou o ultimo erro é o que dá nome ao juizo de toda a vida. Por isso Deus no principio do mundo approvando todas as creaturas, só ao homem não approvou, porque a approvação do homem está sempre dependendo do fim. *Non in exordio, sed in fine laudatur homo*, disse Santo Ambrosio: não se póde seguramente louvar o homem nem quando começa, nem quando é, senão quando acaba de ser. Em quanto não chegou o dia ultimo, estava em opiniões a prudencia das dez virgens; assentou-se a morte na suprema cadeira, definiu quaes eram as nescias e quaes as prudentes. Em nenhuma coisa se vê tanto o acerto da eleição, como naquillo que acertado uma vez, não póde ter mudança, ou errado uma vez, não póde ter emenda. E' a eleição de que depende tudo, e uma

parte; que encerra em si o todo, e por isso a melhor parte: *Optimam partem elegit.*

Para prova desta ultima verdade, quero acudir a um escrupulo com que vejo me estão ouvindo desde o principio, ainda os ouvintes de menos delicada consciencia. A morte de que fallamos, foi caso, não foi eleição: logo impropriamente parece lhe applicamos as palavras: *Maria optimam partem elegit.* Primeiramente digo, que o ser caso não impede ser eleição. No mesmo Texto o temos. Onde a Vulgata lê: *Optimam partem elegit*, escolheu a melhor parte, o original grego tem: *Optimam sortem elegit:* escolheu a melhor sorte. Sorte é caso, e comtudo chama-lhe o Texto eleição: *elegit;* porque não implica ser a mesma coisa caso, e ser eleição. Mas ha respostas que são mais faceis de provar que de entender. Como póde ser eleição o que é caso? Ponhamos a questão em termos mais christãos. O que vulgarmente chamamos caso, é providencia; providencia nenhuma outra coisa é que aquella disposição ordenada dos decretos divinos: como póde logo ser eleição nossa o que é disposição de Deus? Respondo que por virtude da conformidade. Todas as vezes que nos conformamos com as ordens de Deus, fazemos que a eleição, que é sua, seja tambem nossa. Neste sentido dizia David: *Mandata tua elegi:* [1] Senhor, eu elegi os vossos preceitos. Nos preceitos elege quem manda, e não quem obedece: David obedecia, Deus mandava: logo a eleição era de Deus. Pois se a eleição era de Deus, como diz David que é sua: *Mandata tua elegi?* Porque David obedecendo conformava-se com a vontade de Deus, e por virtude da conformidade, a que era eleição de Deus, era tambem eleição de David. Tal foi a eleição neste caso, ella voluntariamente forçosa, como elle felizmente adverso. *Maria optimam partem elegit:* Foi eleição de Deus, e foi eleição de Maria. Em Deus foi eleição por providencia, em Maria foi eleição por conformidade; e em ambos foi eleição do melhor; em Deus porque escolheu para si a Maria, em Maria porque se foi para Deus: *Optimam partem elegit.*

Só poderá cuidar alguem que eleger por conformi-

[1] *Psalm.* CXVIII, 173.

dade será algum imperfeito modo de eleição. Digo e acabo, que mais perfeito modo de eleição é eleger por conformidade, que eleger por deliberação; porque quando elegemos por deliberação, queremos pela vontade propria, quando elegemos por conformidade, queremos pela vontade divina. Quando eu elejo, faço a minha vontade, quando me conformo, faço minha a vontade de Deus. E não póde haver mais perfeito acto que aquelle em que Deus e eu queremos pela mesma vontade. Não ha acção mais parecida ás de Christo. As acções de Christo eram divinas e humanas, pela união das naturezas: esta acção é humana e divina pela transformação das vontades. Philosophia notavel! Que se accrescente o meritorio onde parece que se diminue o voluntario! O sacrificio mais voluntario que houve no mundo foi o da morte de Christo: *Oblatus est quia ipse voluit.* [1] Comtudo, é muito para notar que se não attribue á morte de Christo principalmente a caridade, senão a obediencia: *Factus obediens usque ad mortem.* [2] Pois porque mais a obediencia que a caridade? Porque a caridade segue os impulsos da vontade propria, a obediencia segue a eleição da vontade alheia. E não era tão generoso acto em Christo sacrificar-se á morte, por satisfazer á sua vontade, quanto por se conformar com a divina: *Non mea, sed tua voluntas fiat.* [3] Todas aquellas repugnancias do Horto foram encaminhadas, não a escusar a morte, senão a apurar a conformidade. Oh que generoso conformar! Oh que discreto morrer! Pareceu caso, e foi eleição: pareceu força, e foi vontade. E se alguma coisa teve de repugnante ou de violento, foi para dar circumstancia ao merito, e essencia ao sacrificio. Mude logo a discrição a linguagem, e dê graças á morte em vez de queixas, pois só na morte ficou qualificada e consummada a discrição, quando naquelle ponto em que acaba tudo, e de que depende tudo, entre o voluntario e preciso, soube escolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

---

1 *Isai.*, LIII, 7.
2 *Philip.*, II, 8.
3 *Luc.*, XXII, 42.

X

Tenho acabado e satisfeito, se me não engano, ás nossas tres queixosas. Mas se ellas tiveram tempo para se queixar de novo, e eu forças para dizer, e vós paciencia para ouvir, é certo que as queixas que se fizeram tanto sem razão contra esta morte, se haviam de converter todas, e com muita razão, contra nossas vidas. Oh edades cegas! Oh gentilezas enganadas! Oh discrições mal entendidas! Vive a edade, como se não houvera morte. Vive a gentileza, como se não passára o tempo. Vive a discrição, como se não temèra o juizo. Oh acabemos já algum dia de ser cegos. Ponhamos diante dos olhos estas imagens funestas, retratos de nós mesmos, que não sem particular providencia nos mette Deus em casa tão repetidamente. Apenas ha casa illustre em Portugal, que se não visse coberta de lutos este anno, e ainda não é acabado! Já que os parentes morrem para si e para Deus, morram tambem para nós. Deixem-nos por herdeiros de seus desenganos. Consideremos que foram o que somos. Que havemos de ser o que são. Que alli vae a parar tudo. E que tudo o que alli não aproveita é nada. Se nos dá confianças a edade, reparemos quão fragil é, e quão sujeita ao menor accidente. Se a gentileza nos engana, desengane-nos uma caveira, que é o que só tem duravel a maior formosura. Se a discrição finalmente nos desvanece, saibamos ser discretos, que é saber salvar-nos. Já que tanta vida se tem dado ao mundo e á vaidade, demos sequer a Deus essa ultima parte que nos resta, que sempre será a melhor. E desta maneira ficaremos escolhendo com Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

SERMÃO

DA

AGONIA DO SENHOR

NO HORTO*

Cœpit contristari, et mœstus esse. [1]

Quien en aquella noche ultima y terrible, de la qual escriviò S. Matheo estas palabras, guiado de los ecos lastimozos, que sonavam en el valle de Gethsemani, y respondian en el vesino monte Olivete, entrasse animozo por los horrores de las sombras a descubrir da causa de aquellas vozes; oh que trágico espectáculo se le ofreceria a los ojos, a los oidos, al discurso, y, si tuviesse piedad, a toda el alma! A la entrada del Huerto hallaria ocho hombres durmiendo, sin atender a lo que passava: más adentro retirados otros tres, tambien entregues al sueño; que todo en los hombres es descuido de lo que Dios piensa y padece. Estavan estos tres mas cerca, y aqui divisaria claramente, lo que dezian las vozes: *Pater, si possibile est, transeat à me calix iste.* [2] Padre (dizia): De quien será Hijo? En cáliz habla: si acaso le quererá dar veneno su Padre por algun delicto grande? Llegaria alfin, si le bastasse el animo, y veria cahido en tierra un bellissimo Joven con los brazos tendidos, con los ojos

---

* É este um pequeno Sermão, em castelhano, publicado n'uma segunda edição dos Sermões de Vieira.

[1] *Math.*, XXVI, 37.

[2] *Ibid.*, XXVI, 39.

levantados al cielo, temblando, anelando, agonizando, bañado todo, y vertiendo sangue, la cabeza, el rostro, las manos, los piés, los vestidos, y hasta la tierra bañada. Y que os parece, señores, serian los affectos deste Hombre en la estrañeza de un tal caso? Yò creo, que aunque fuesse un samaritano medio barbaro de aquellas montañas, movido a compassion, se romperia las ropas para atarle las heridas. Pelo hallando, que la sangre era sudor, causado de sola la afflicion, y congoxa, sin golpe, sin herida, sin llaga, aqui seria mayor su admiracion, el dolor, el assombro, el pasmo. Esto haria la piedad sola, aun desacompañada de la fé, y sin conocer, quien era el que padecia, y por quien padecia. Pero se supiera, que aquel Hombre tan lastimado era juntamente Dios, y Dios el Padre, a quien suplicava, sin ser oido; y que la causa de aquel sudor, y de aquella sangre era el mismo, que la estava mirando, y suyas las culpas, por las quales padecia el innocente, yò nò sè ponderar, ni comprehender, qual devria ser entonces mayor dolor, mayor pena, si la del Señor, que padecia tanto, ò del hombre, que le veia padecer por su causa. Y si esto es, lo que deviò hazer, y lo que hizo un samaritano sin fé: los sacerdotes y levitas fieles, y obligados a mayor piedad, seria bien que se passassen de largo, sin compassion, sin dolor, sin atencion, ni a los gemidos, ni a la sangre, ni a la persona, ni à la causa, ni a si mismos? Oh pensamientos y cuidados de Christo! Oh pensamientos, y cuidados de los hombres! Estos pensamientos, y estos cuidados, tan atentos unos, y tan desatendidos otros, será lo que yò pretendo ponderar en este discurso, entrando un poco en el alma de Christo, para que nos otros entremos tambien en las nuestras.

I

Cœpit contristari, et mœstus esse.

En esta passion, ó propassion de tristeza repetida, en esta tristeza sobre tristeza: *Tristari, et mœstus esse*, comprehendiò S. Matheo todos los tormentos y penas

que puede (ó nó puede) padecer um corazon affligido. S. Marcos dixo: *Cœpit pavere, et tædere;* [1] el Syriaco: *Cœpit commoveri, et vehementer angi;* y el mismo Christo: *Tristis est anima mea usque ad mortem;* [2] dolores mortales, temores, tédios, desabrimientos, aflicciones, penas, angustias, congoxas, ansias, agonias, tales, que bastáran a qu lar la vida; y tales, que bastáran a sacar arroyos de sangre de las venas a un hombre, que juntamente era Dios: todo esto quiere decir: *Cœpit contristari, et mœstus esse.*

Pero porque el Evangelista dice: *Cœpit*, justo será, que sepamos primero, quando empezaron estas tristezas y afanes en el corazon de Christo. El sentir comun, ó vulgar es, que empezaron en aquella hora, en que el Señor entrò a orar en el Huerto, y quanto a las señales exteriores, y manifiestas a los discipulos, assi fué. Pero si atentamente se considera, y mas recondidamente penetrarmos el interior del alma de Christo, siguiendo hacia atrás este hilo de su dolor, de sus cuidados, y de sus pensamientos, tristes y congoxozos, hallaremos, que fueron continuados y perpetuos en toda su vida; y que empezaron desde el primer instante de su concepcion. S. Pablo en el cap. 10. *ad Hebr*, alegando y comentando el Psalmo 39: *Ideo ingrediens mundum, dixit: Hostiam et oblationem noluisti, corpus autem aptasti mihi:* [3] En el mismo punto, en que la humanidad de Christo fué unida al Verbo, y entró en este mundo: *Ingrediens mundum:* assi como luego, y al mismo instante conoció, y aceptó el precepto de morir por los hombres con todas las circunstancias de su passion, y cruz; assi desde entonces empezó a tener y traher siempre viva en la memoria la misma cruz, y la misma muerte, mucho más cerca aun de lo que en esta hora la tenia; porque la tenia y trahia dentro de si mismo: *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam: Deus meus volui, et legem tuam in medio cordis mei.* [4] Todo quanto está escrito por los Profetas, y represen-

---

1 *Marc.*, XIV, 33.
2 *Ibid.*, 34.
3 *Ad Hebr*, X, 5.
4 *Psalm.* XXXIX, 8 e 9.

tado en figura por los Patriarcas, que havia de padecer Christo, vió, y conoció perfectissimamente en aquel instante, y desde el mismo instante clavó el precepto, y la cruz en el medio de su corazon: *In medio cordis mei.* Nó á parte, sinó *In medio;* porque nó puzo á parte ni el precepto, ni la voluntad, ni el cuidado, como deixandolo para su tiempo, quando se huviesse de executar; sinó, que desde entonces lo tuvo siempre fixo, y clavado en lo más interior y intimo del corazon: *In medio cordis mei;* caminando desde aquel punto siempre a la cruz, y a la muerte: *Tunc dixit: Ecce venio. Tunc?* [1] Quando? Quando entró en el mundo: *Ingrediens mundum, tunc dixi: Ecce venio.* La palabra hebrea: *Ecce venio* (como lo notó Lurino) abraça todos los tiempos: *Veni, venio, veniam;* porque fué un venir, y caminar siempre continuado, desde el principio de la vida hasta el fin della. Ciertamente que assi lo estava viendo Isaias, quando dixo: *Parvulus natus est nobis, et Filius datus est nobis, et factus est principatus ejus super humerum ejus.* [2] Hijo pequeño en el nacimiento; hijo, y mucho mas pequeñito en la concepcion; pero yá desde entonces con la cruz sobre los tiernos hombros; porque desde aquel punto la empezó a llevar acuestas, y a venir adonde llegará mañana: *Tunc dixi: Ecce venio.*

Juntemos este *ecce* con aquello del Psalmo: *Quoniam ego in flagella paratus sum, et dolor meus in conspectu meo semper.* [3] En el mismo punto, en que el Verbo Niño y Hombre perfecto tuvo hombros para la cruz, y espaldas para los açotes, luego en las mismas entrañas de su Madre, postrado delante del Padre se ofreció a ellos: *Ego in flagella peratus sum.* El modo, la forma, la postura, y el sitio del cuerpo, con que Christo oy orô en el Huerto, fué: *Procidit in faciem suam;* [4] con las rodillas en tierra, y el cuerpo inclinado, y doblado sobre las mismas rodillas: y assi estava el recien-encarnado Christo en el instante de su concepcion; porque este es el sitio, como enseña

---

1 *Psalm.* XXXIX, 8.
2 *Isai.*, IX, 6.
3 *Psalm.* XXXVII, 18.
4 *Math.*, XXVI, 39.

Aristoteles, con que las criaturillas estan en el vientre de las madres: poresso en aquel mismo punto, en que entró en el mundo: *Ingrediens mundum:* dixo: *Corpus autem aptasti mihi;* porque su cuerpo assi inclinado, y pegado el rostro con las rodillas, era el sitio apto, proporcionado, y mas decente, y reverente, con que bueltas, y prostradas a su Padre las espaldas, las sacrificava, y ofrecia a todos los açotes y golpes de su Passion: *Quoniam ego in flagella paratus sum.* El Texto original tiene; *Corpus autem perforasti mihi;* porque aunque en el Huerto saliò, y rebentò la sangre por todo el cuerpo, dexó los aujeros, por onde salió essa misma sangre, yá estavan hechos, y huradados desde el instante de su concepcion: *Corpus autem perforasti mihi;* desde entonces estava yá aujerado el cuerpo, y luego entonces saliera la sangre, si la Providencia nò tapára los aujeros, y el deseo de derramar más sangre nò la detuviera. Pero aunque se comprimiò la sangre, nó se embargó el dolor: *Et dolor meus in conspectu meo semper.* Porque desde aquel primer momento de la vida hasta el ultimo de la misma vida tuvo, y truxo siempre Christo delante de los ojos, esto es, una continua, y vivissima aprehension, y una consideracion jámas interrupta, y un pensamiento siempre fixo, y presente de su dolor, y su muerte: *Et dolor meus in conspectu meo semper.*

II

Fuè este pensamiento, y esta aprehension continua y dolorosa, una durissima y agudissima corona de espinas, que nè solo se clavava y heria las sienes a Christo, pero lo penetrava y trespassava continuamente hasta el más hondo del corazon. S. Bernardo, S. Gregorio y otras almas grandes, a quien Christo admitia a los secretos de la suya, lo entendieron, y dixeron assi: y tales almas eran aquellas, a las quales Salomon llamava, quando dixo: *Egredimini filiæ Sion, et videte regem Salomonem in diademate, quo coronavit eum Mater sua in die desponsationis illius.* [1]

[1] *Cant.*, III, 11.

La Madre, que coronò a Christo de espinas, fuè la sinagoga: el dia de los desposorios de Christo fuè el dia de la Encarnacion, en que el Verbo se desposó con la naturaleza humana. Pues si la corona se puso a Christo en el dia de su passion, como dize Salomon, que fuè en el dia de sus desposorios: *In die desponsationis suæ?* Porque la corona exterior fuè treinta e tres años despues; la interior en aquel mismo dia. En aquel mismo dia de la Encarnacion se le puzo, y clavò en la cabeza de Christo la corona de espinas interiores, que fueron las tristezas y congoxas, que en esta hora manifestò a sus discipulos; y esta corona jamas la quitó um punto de la cabeza, hasta que expirò en la cruz: *Tristis est anima mea usque ad mortem.* [1] La corona exterior de fuera entrava y penetrava adentro: la interior de adentro entrava, y penetrava mas adentro; y por esso nò se veia, ni se manifestò, sinó en esta hora.

S. Dionisio Areopagita llamò profundamente al utero virginal de Maria: *Thronus cherubicus, et cruciformis:* un throno, como el de los querubines, fabricado en forma de cruz. Assi como los santos explican a los prophetas, es necessario aora un profeta para declarar al santo. Aquellos querubines, que viò Isaias delante del throno de Dios, hacian dos cosas: *Volabant, et velabant;* [2] y formavan juntamente uma cruz, y un vélo: con las álas del medio, con que bolaban, formavan una cruz, y las otras quatro que cruzavan, formavan, ò texian un vélo: y tal fué el throno, en que Dios baxando del cielo fuè recibido en el sagrario del vientre virginal de su Madre. Alli, y desde alli, tuvo siempre delante de los ojos la cruz: pero velado y encubierto a nuestros ojos, el rostro siempre atento y los ojos siempre desvelados, con que se estava mirando, hasta que en esta hora corriò la cortina y quitò el velo, para que los tres de su seno supiessen, lo que passava en su alma: *Assumpto Petro, Jacobo, et Joanne, cœpit contristari, et mœstus esse.* [3] Estos mismos tres, que havia retirado al monte Ta-

1 *Math.*, XXVI, 38.
2 *Isai.*, VI, 2.
3 *Math.*, XXVI, 37.

bor, retiró consigo al valle de Gethsemani, para que assi como allá havian sido testigos de sus glorias, aqui lo fuessen de sus penas: y assi como allá les manifestó las glorias, de que havia privado a su cuerpo; assi aqui conociessen las penas que trahia encubiertas y escondidas en el alma. Pero acordemonos, pues que hablamos en el Tabor, de lo que entonces hablo el Señor. Si en algun dia Christo deviô dispensar con los pensamientos tristes de su passion, era en el dia que transfigurado dava muestras de su gloria; pero hasta en aquel dia, y en aquel acto: *Dicebant de excessu, quem completurus erat in Hierusalem;* [1] para que entendiesemos, quan indispensabiemente eran estos los pensamientos de todo los dias de su vida; pues aun en tal dia, y en tal ocasion esto era, lo que de la abundancia del corazon le rebozava en los labios.

III

Oh cuidados y pensamientos de Christo! Oh cuidados y pensamientos de los hombres! Los de Christo tristes y tristissimos: *Contristari, et mœstus esse;* pero los nuestros mucho más tristes, porque nó son tristes, y porque nó son tristes con aquella tristeza, que devieron. Piensa Christo, cuida Christo, desvela-se Christo, afflige-se, congoxa-se y entristece-se mortalmente por su morte, y por mi salud; y yò ni me entristesco, ni me congoxo, ni me affligo, ni me desvélo, ni alomenos pienso em mi salud, ni en su muerte, ni en la mia. Nò pensar en su muerte padecida por mi, y con tantas circunstancias de atrocidad y amòr, es ingratitud indignissima; pero nò pensar alomenos en mi salud, y en mi muerte, si nò merece nombre ageno de la fé ciertamente es ageno de toda razon, de todo juicio, y aun de todo aquel imperfectissimo amor, que antes de fé, y sin ella, acompaña la naturaleza, aun de las criaturas irracionales, y quasi de las insensibles. Christo porque prevê, que de alli a treinta y tres años ha de morir, entristece-se naturalmente,

[1] *Luc.*, IX, 31.

aflige-se y congoxa-se; y yò, que sabiendo de cierto, que hê de morir, nò sè se será este año, en este mez, y en este dia nò me entristesco, ni pienso en ello! Quando Dios fulminó la sentencia de muerte contra Adan y sus descendientes, dixo: *Donec revertatis in terram, de qua sumptus es;* [1] nò señalando termino, ni tiempo de año, ni dia, ni hora, para que aquel *donec* suspenso, y indeterminado, como notò Ruperto, tuviesse siempre al hombre solicito, en cuidado, y en véla; y que mis cuidados, y mis desvélos todos se empleen en la vida, y para la vida! Christo, que tiene el cielo seguro, como Señor y Dueño: *Sciens, quia à Deo exivit, et ad Deum vadit;* [2] nò teniendo, que dudar, ò cuidar de su salud, cuida toda a vida en la mia! Y yò, que tantos años hê vivido olvidado della, si quiera una hora cada dia nò cuidarè en mi salud; sabiendo cierto, que hê merecido el infierno, y que quanto menos cuido en ello, tanto tengo el cielo más dudoso! Si me causan tédio y horror estos pensamientos, porque son tristes, y temerosos, mucho más triste, y mucho más temerosa cosa es nò pensar en ello. Oh si Christo derramára sobre mi, ò una gota de aquella sangre, que suda, y corre hasta la tierra; ò una estila de aquella tristeza, que assi le hace sudar!

Pero consideremos, lo que más admirable hace esta tristeza: *Cœpit contristari, et mœstus esse.* Para Christo entristecer: *Contristari*, tenia tan urgente y tan poderosas causas, quantos eran los tormentos, los dolores, y las afrontas de su muerte, y las ingratitudes con que los hombres nò solo nò se havian de querer aprovechar della, pero ni aun pensarla. Con todo, para nò entristecer-se, ni aun estar triste, tenia aun mayores causas, y nò solo las repugnancias del afecto, sinò aun de la misma naturaleza, y sobre ella. Esta misma alma, que dice: *Tristis est anima mea*, fuè bienaventurada desde el instante mismo de la Encarnacion; y como bienaventurada nò solo llena de aquellos gustos y alegrias inefables, que resultan de la vista y possession del Sumo Bien, pero aun incapaz naturalmente de toda tristeza, de toda penalidad,

[1] *Gen.*, III, 19.
[2] *Joan.*, XIII, 3.

de todo dolor. Y con todo en el punto, en que tuvo Christo delante de los ojos su muerte, y nuestra salud, pudiendo suspender libremente este pensamiento, y este cuidado, nò lo quizo suspender; y pudiendo, antes deviendo naturalmente, junto con el mismo pensamiento y cuidado, nò recibir dolor, ni concebir tristeza, y gozar-se enteramente los gustos y delicias de bienaventurado; juzgò empero, que su muerte, y nuestra salud eran unas causas tan graves, y tan relevantes, que para pensar y cuidar en ellas como convenia, nò bastava solo pensarlas y cuidarlas con temores, con aficiones, con intimo dolor, y congoxa: y para esso usar de toda su omnipotencia, y hacer el más estupendo milagro, que jamás se há visto, partiendo, y como divid'endo la misma alma indivisible de medio a medio; de suerte, que la parte superior en el mismo tiempo estuviesse gloriosa, y la inferior atormentada y triste: *Contristari, et mœstus esse.*

Super montes stabunt aquæ, dize David: [1] Las agoas estaran paradas y suspensas sobre los montes. Las agoas naturalmente decendem de los montes a los valles: y estar paradas y suspensas en los montes contra el peso natural, nò puede ser sin milagro; mayor aun que aquel, en que se suspendiaron las aguas del Jordan, quanto es mayór el declive de un monte a un valle: y este fuè el milagro, que se viò en el alma de Christo, y en aquel rio de deleites, nò del paraiso terrestre, sinò del celestial: *Fluminus impetus lætificat civitatem Dei.* [2] Los montes eran la parte superior del alma de Christo, el entend'imiento y la voluntad: los valles eran las potencias inferiores: y la misma voluntad, y el mismo entendimiento; porque nò solo padecieron aquella tristeza las potencias del cuerpo, sinò tambien las del alma: *Tristis est anima mea;* y todas aquellas corrientes de gloria, que naturalmente havian de redundar y alagar la parte inferior del alma, milagrosamente quedaron suspensas, pesando para la parte inferior, mas nò passando. Tan grande fuè el milagro, como el peso: *Æternum gloria pondus*, [3] dize

---

1 *Psalm.* CIII, 6.
2 *Ibid.*, XLV, 5.
3 *2.ª Epist. ad Cor.*, IV, 17.

S. Pablo: y todo este peso, eterno y immenso, se suspendió, nò eternamente, mas por todo el tiempo de la vida de Christo hasta sua muerte: *Tristis est anima mea usque ad mortem: sequestrata delectatione immortalitatis æternæ, tædio nostræ mortalitatis afficitur.* Sequestrada (dice Ambrosio docta y propriamente) porque el sequestro nò priva para siempre de los bienes sequestrados, mas suspende el uso dellos. Y assi estava el alma de Christo, padeciendo el sequestro de su gloria, embargada por los cuidados de su muerte, y de nuestra salud; y sucediendo en lugar de los gustos las afliciones, en lugar de las alegrias las tristezas, en lugar de las glorias las penas.

De Caleb, padre de Axa, dice el Texto sagrado: *Dedit ei irriguum superius, et irriguum inferius:* [1] Que le dió su Padre el riego superior, y el inferior. Assi el alma de Christo su Eterno Padre. Dióle el riego de las delicias y glorias del cielo, todo para que las gozasse abundantissimamente la parte superior de su alma beatissima, como la parte inferior della: pero él con un perpetuo milagro, regada immensamente, y toda empapada en glorias la parte superior, hizo un reparo milagroso, y mas fuerte, que toda la naturaleza, para que las corrientes del rego superior nò passassen a regar la parte inferior de su alma, quedando esta seca, esterilizada, y tristissima, para que solo naciessen en ella las espinas agudas, las cañas afrontozas, y la cruz terrible, que en un perpetuo paresceve la estuviessen por toda la vida pungiendo y atormentando. Aqui se viò renovada, ò verdadeiramente interpretada, aquella primera y famosa division (mucho mas admirable, que da del mar Bermego) de la qual se dize en el primero Capitulo del Genesis: *Dixit Deus: Fiat firmamentum in medio aquarum, et dividat aquas ab aquis:* [2] Haga-se un firmamento tan fuerte, que totalmente divida unas agoas de otras agoas, y suspenda y detenga las de encima, para que nò se junten con las de abaxo: *Fecitque Deus firmamentum, et divisit aquas, quæ erant sub firmamento ab his, quæ erant super firmamentum, vocavitque fir-*

[1] *Jos.*, XV, 19.
[2] *Gen.*, I, 6.

mamentum cœlum. [1] Assi tambien Christo con una sola circunstancia differente: que aquel firmamento fuè hecho por Dios al segundo dia de la creacion del mundo. Pero estotro fuè hecho por Christo, nò al segundo dia, ni a la segunda hora, sinò al primer instante de su concepcion; *Divisit aquas ab aquis:* Dividiò unas aguas de otras; y quales de quales: *Quæ erant sub firmamento ab his, quæ erant super firmamentum.* Dividiò las agoas, que estavan de la parte superior, que eran aquel torriente de glorias, de gustos, de deleites, de que dize el Profeta: *Torrente voluptatis tuæ potabis eos;* [2] de aquellas aguas tristes, obscuras y temerozas, de las quales, por boca del mismo profeta, dixo el mismo Christo: *Salvum me fac Deus, quoniam intraverunt aquæ usque ad animam meam:* [3] pudiendo nosotros dizir del firmamento, con que se dividian en el alma de Christo unas, y otras aguas: *Et vocavit firmamentum cœlum.* Porque era aquel reparo aquella estrada, ò muralla de diamante, un cielo de dos facies prodigiosamente contrarias. De la parte superior un cielo sereno, resplandeciente, y glorioso: de la parte inferior un cielo obscuro, temeroso, funesto, triste, airado, cargado de nubes espessas, y tenieblas horrendas, tronando horriblemente, y lloviendo rayos. Assi estava el alma de Christo en aquella perpetua noche, en que jamás le amaneciò un dia claro; y viendo-se miracolosamente en ella gloriosa, y dolorosa juntamente, lo que se vè (ò nò vê) en la luna en el punto de su ultimo defecto. En aquel punto del ultimo defecto de la luna tiene el dos como facies tan diversas y contrarias, que por la parte, que mira al cielo, toda está alumbrada sin la menor linea de sombra: y por la parte de la tierra, toda está tenebrosa y obscura, sin la menor aparencia, ò rastro de luz. Tal la alma de Christo; en la parte superior toda gloriosa, en la inferior toda triste.

Pues si la muerte propia, nò solo cercana, sinò lexos, solo porque es muerte cierta, aunque futura: y

---

1 *Gen.*, 7 e 8.
2 *Psalm.* XXXV, 9.
3 *Ibid.*, LXVIII, 1.

si la salud nò propia, sinò agena, solo porque es salud de una alma immortal, y eterna, es merecedora de tal atencion y cuidado, que cause tristezas, congoxas, y agonias de toda la vida, y haga sudar sangre: y que un hombre Dios, y una alma bienaventurada, incapaz naturalmente de padecer, haga milagros para poder penar, y temer, y entristecer-se hasta la muerte; que devemos (otra vez) hacer, los que sabemos con la misma certeza, que havemos de morir; y que de morir bien, ó nó, depende la salud eterna, nò agena, sinò propria? Y que seria, si como el cuidado de Christo hizo milagros para entristecer-se, nuestro descuido y desatencion haga milagros para nò entristecer-se, y para divertir y olvidar-se desses cuidados? Habla Dios con Babylonia, cercada por los Medos y Persas, por dos potentissimos reys, Dario y Cyro, y admirado dizia: *Babylon dilecta mea posita est mihi in miraculum:* [1] Babylonia, a quien yò amo tanto, es un milagro para mi con ser Dios. Y que milagro era este de Babylonia? Sigue el Profèta: *Comedentes, et bibentes: surgite principes, arripite clypeos.* [2] En el mismo tiempo de un cerco tan apretado, y tan fuerte, y en la misma noche en que Babylonia fuè cativa, y destruida, estava el rey Balthasar y sus principes haziendo banquetes, alegrando-se, quando tanto tenian, por que entristecer-se; holgando-se, quando tanto tenian, porque temer; y todos entregues al olvido, y al descuido, quando tanto tenian en que pensar. Oh Babylonias del mundo! Oh Balthasares! Oh principes! Estamos cercados y sitiados de dos tyranos tan poderosos, la muerte, y el demonio: uno, que nos combate por la muralla tan flaca de la vida: y otro por la de salud tan poco segura: y nosotros, *Comedentes, et bibentes*, sin cuidado, sin atencion, sin memoria, quanto más tristeza.

Nò por esto nos livramos de tristezas, de congoxas, de afliciones. Tristes si, afligidos si, congoxados si; mas por que congoxados, por que afligidos, por que tristes? Oh miseria! La maior miseria del mundo es considerar, se entristecen los hombres, y porque nò

[1] *Isai.*, XXI, 4.
[2] *Ibid.*, 5.

se entristecen: *Doluit Jonas, et contristatus est super hederam, quia exaruit.* [1] Ved de la que se entristecia Jonas, y de lo que nò se entristecia. Entristecia-se, porque se le secô la hiedra; y nò se entristecia, porque se havia de soverter Ninive, y perecer tantas almas. La salud de tantas almas nò le entristece, y un poco de más ó menos comodidad le causa tanta tristeza, que dizia: *Benè ego irascor usque ad mortem.* [2]

Oh señores! Alomenos nò sean nuestras tristezas tan mal empleadas. Si es fuerça haver tristezas, sean dignas de un christiano: *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus,* [3] dezia David. El enimigo, que le afligia, era el rey Saul que quitava a David la corona, y con infinitas máquinas de astucia y poder tratava de quitarle la vida: y con todo pareciale a aquel generoso corazon, que eran indignas estas tristezas, de quien tenia fé para conocer, y pecados para lorar, y otra vida, y otro reino, que más importava: *Quare tristis incedo?*

1 Verba sunt sacri Textus, non formalia.
2 *Jon.*, IV, 9.
3 *Psalm.* XLII, 2.

CARTA

DO

Rev.mo P.e JOÃO PAULO OLIVA

Geral da Companhia, prégador de quatro Summos Pontifices, escripta ao Padre Antonio Vieira em resposta de outra que o dito Padre lhe escreveu, em occasião em que sahiram á luz os seus Sermões

---

Muito Rev. em Christo Padre:

Nesta carta de V. Reverencia escripta em oito de julho, egualmente enriquecida de amôr filial para commigo que sou seu pae já decrepito, que empenhado na defeza de meus pueris commentarios, bem declara V. Reverencia a sua protecção para uma obra, que ao mesmo tempo, em que eu tratava no sepulchro, que já me tem aberto os annos, resuscitei á nova luz nas estampas de França, não depois de quatro dias, mas passados trinta annos de sepultura. Continue V. Reverencia a sua acreditada diligencia no amparo de umas tão mediocres obras: não pela estimação que eu posso ter, porque a não mereço; mas por que a pobreza de meus pensamentos não descaeça na Companhia o esplendor de apostolica e sabia, que V. Reverencia lhe deu. Este unico escrupulo, que o meu verdadeiro conhecimento me tem impresso no coração, de que esta obra possa servir de descredito a uma Religião tão douta, me inquieta o espirito, e me faz arrepender da fé que dei ás persuações, com que a lingua de V. Reverencia tentou dar fórma ás minhas obras com os reflexos das suas, sendo incommunicavel a excellencia delias; porque Deus dotou a V. Reverencia de um entendimento tão fecundo nas reflexões prodigiosas, como esteril de imitadores e sequazes. Com

que sendo V. Reverencia reputado por Phenix no conceito de quem prega e de quem escreve, nas mesmas chammas, em que V. Reverencia immortaliza os seus livros, reduz a cinza os meus, que aos de V. Reverencia são tão dessemelhantes; uma só nuvem póde encobrir os seus resplandores, e é, que tendo V. Reverencia concebido uma infinidade de nobres idéas, communica tão poucas aos leitores, que devoram quanto V. Reverencia imprime, e estão lamentando o pouco que V. Reverencia divulga. Faz crescer V. Reverencia o appetite com o que dá, e atormenta os famintos com o que nega. Como corresponderá V. Reverencia ao Eterno Juiz na restituição dos talentos, se tendo recebido tantos, apenas vemos um multiplicado? Não queira V. Reverencia parecer um Joseph, que sendo senhor de copiosissimas searas, reparte só poucas espigas, enchendo de fome a Palestina, quando o mesmo Joseph, em que V. Reverencia se representa, satisfez á de todo o Egypto. Não ha quem não aspire ao escolhido pão de seus elevadissimos conceitos; e todos aqui me arguem o não violentar a V. Reverencia, a que alimente as almas e a que eleve os espiritos com aquelle manná, em que se acham todos os sabores mais dignos do gosto dos Anjos, que dos homens; e é impossivel fermentar-se por quem não fôr Archanjo na intelligencia e Serafim no amôr. Livre-se V. Reverencia de tão ruidosas queixas, com dar ao mundo não só volumes, mas livrarias daquellas subtilezas que não nascem nem se acham em outra parte senão em V. Reverencia.

Que dirá agora V. Reverencia, vendo que eu de novo em nome da Rainha de Suecia o convido para voltar a Roma, em ordem a ouvir as confissões de sua magestade, e ser o seu unico conductor para aquelle reino, porque esta famosissima princeza deixou tantos? Agora mais que nunca, é V. Reverencia desejado de uma senhora, que por servir a Christo, não quiz reinar, e que não tem em todo o mundo quem a exceda no sacrificio, que fez a Deus, só para crêr nelle perfeitamente e santamente o adorar. Quando V. Reverencia verdadeiramente se não possa expôr aos incommodos de tão larga navegação, é V. Reverencia obrigado a significar em carta, que se possa mostrar, quanto estima uma ordem tão gloriosa; e quanto se

magôa de não poder ter a fortuna de obedecer-lhe, assim pelo que padece, como pelo que padeceria na viagem, com evidente perigo de sua vida, entregando-se em um navio ás furias do vento e tormentas do mar, quando dentro em um cubiculo sufficientemente accommodado não póde resistir ás suas enfermidades. Lembre-se V. Reverencia de mim nos seus santos sacrificios. Roma 12 de Setembro de 1680.

De vossa Reverencia servo em Christo,

JOÃO PAULO OLIVA.

CARTA DO MESMO PADRE GERAL, ESCRIPTA AO PADRE ANTONIO VIEIRA na occasião em que em Roma, na Igreja do Noviciado de Santo André, prégou de tarde o sermão do Beato Estanislau, tendo prégado de manhã o auctor d'esta carta; em que tambem louva o Panegyrico das lagrimas de Heraclito.

Ainda que fio do Padre Domingos de Marini, que tenha expressado a V. Reverencia perfeitamente as admirações, com que ouvi o sermão, que V. Reverencia prégou em louvor do Beato Estanislau, com tudo acho-me obrigado a declarar-lh'as melhor, representando-as neste papel. Eu admirei a V. Reverencia quando o ouvi, ainda que percebi pouco, por m'o impedirem as columnas do altar. Agora que com todo o vagar li e tornei a lêr a sua oração, quasi que fiquei extatico pelo assombro que qualquer dos seus paragraphos tem causado na minha alma, e que tambem se deixarão conhecer no meu rosto. Fallo sinceramente a um filho, a quem tanto amo e a quem tão altamente estimo. Este panegyrico de V. Reverencia não cede a outro algum dos seus discursos, exceptuando o das lagrimas, em que V. Reverencia venceu não só a todos seus companheiros, mas tambem a si mesmo, impossibilitando-se a sahir á luz com outro parto egual. O meu panegyrico é um vidro liso e não de todo mal figurado, nem de desagradavel apparencia. O panegyrico de V. Reverencia, pelo contrario, é um crystal de rocha, enriquecido de formosas figuras inexplicavelmente magestosas. A minha composição deu sómente as

folhas da vida do Beato Estanislau ao entendimento de V. Reverencia, que imitando o artificio de Baccho, as transformou em finissima seda, para adornar o tabernaculo do adorado deposito. As tres filiações que V. Reverencia reconhece no nosso Beato, fazem retirar da Academia as graças, e formam um perpetuo eclipse a toda a arte dos oradores christãos. As tres mães, que V. Reverencia lhe dá, multiplicando ao Beato Estanislau os nascimentos, foram pela penna de V. Reverencia esculpidas em diamantes com tanto primor, que cada uma das suas reflexões é um milagre da eloquencia e da sabedoria. A diminuição da edade moral, que principia na varonil e passa á adolescencia, para acabar na infancia, seria a Phenix da mais sublime especulação, se a não excedessem as duas vontades do Verbo encarnado, quasi excedidas pela identidade de infinitas vontades, reduzidas a uma só vontade divina no seio da obediencia. Assim V. Reverencia no fim do panegyrico dá principio aos principios do seu discurso com a cabeça do Santo, que se desfez para immortalizar-se, e que omittiu um milagre, para multiplicar infinitos. Em summa, aquellas considerações, que quando as ouvi me pareceram relampagos, quando as vi escriptas se transformaram em planetas, mas todos semelhantes ao sol, que se não podiam vêr pela vehemencia da luz, e mal se podiam medir pelo excesso da altura. Dou graças a Deus por ter dado á Companhia um homem, que póde fallar tão divinamente, e que sabe proferir o seu conceito, e que todos confessam que é egualmente maravilhoso, assim no que entendemos, como no que não penetramos, mas egualmente veneramos nas suas intelligencias. Isso sirva a V. Reverencia para explicar-lhe a duplicada obrigação que tem de amar com todo o excesso a Deus, que tanto o exaltou sobre os outros; e de communicar ao mundo, por meio da estampa, o que Deus tem communicado ao entendimento de V. Reverencia. Lembre-se V. Reverencia de mim em seus santos sacrificios. Santo André, 13 de Março de 1675.

De Vossa Reverencia servo em Christo,

João Paulo Oliva.

NA ACADEMIA QUE HAVIA EM ROMA, E NO PAlacio da serenissima rainha de Succia Christina Alexandra, com a assistencia de muitos Cardeaes e Monsenhores se propoz um problema no anno de 1674 cujo argumento foi este: Se o mundo era mais digno de riso, ou de lagrimas: e qual dos dois gentios andára mais prudente, se Democrito, que ria sempre; ou Heraclito, que sempre chorava. E encarregando-se estes dois pontos aos padres Antonio Vieira e Jeronymo Cataneo, ambos da Companhia de JESUS, para cada um defender a parte que escolhesse, deu o padre Antonio Vieira a eleição ao padre Cataneo, o qual tomou para si o riso de Democrito, e ficando ao padre Vieira a causa das lagrimas de Heraclito, a defendeu engenhosa e elegantemente em lingua italiana, que depois se traduziu na hespanhola e agora na portugueza, tirada do original italiano por D. Francisco Xavier Joseph de Menezes, Conde da Ericeira, do Conselho de sua magestade, sargento General de batalha dos seus exercitos, e Deputado da Junta dos tres Estados.

Lagrimas de Heraclito defendidas em Roma pelo Padre Antonio Vieira contra o riso de Democrito

Em seu logar appareceu o pranto, porque segue e vem depois do riso. Se fosse o riso como Jano, *Qui sua terga videt*, choraria o mesmo riso. Não desconfia o pranto, não, da sua causa, inveja só ao riso a sua fortuna. Se o pranto e o riso apparecessem neste grande theatro no traje da verdade, sempre nua) sem duvida seria a victoria do pranto. Mas vestido, ornado e armado de uma tão superior eloquencia, que o riso se ria do pranto, não é merecimento, foi sorte. De tudo quanto ri sahiu vestido, ornado e armado o riso: riem-se os prados, e sahiu vestido de flôres: ri-se a aurora, e sahiu ornada de luzes: e se aos relampagos e raios chamou a Antiguidade *Risus Vestæ, et Vulcani*, entre tantos relampagos, trovões e raios de eloquencia, quem não julgará ao miseravel pranto cego, aloito e fulminado? Tal é a fortuna, ou a natureza

destes dois contrarios. Por isso nasce o riso na bocca, como eloquente, e o pranto nos olhos, como mudo. Mas se *Interdum lacrymæ pondera vocis habent;* assim mudo, e com lagrimas, assim triste, e vestido de luto (como costumavam os reus no senado da antiga Roma) se apresenta hoje o pranto diante da magestade do solio real, e tribunal rectissimo dos seus eminentissimos juizes; não presumindo que ha de alcançar victoria ou applauso, mas esperando a piedade e commiseração, que nunca negáram, aos miseraveis e afflictos, os espiritos generosos e magnanimos.

Entrando pois na questão, se o mundo é mais digno de riso ou de pranto; e se á vista do mesmo mundo tem mais razão quem ri, como ria Democrito, ou quem chora, como chorava Heraclito: eu, para defender, como sou obrigado, a parte do pranto, confessarei uma cousa e direi outra. Confesso, que a primeira propriedade do racional é o risivel: e digo, que a maior impropriedade da razão é o riso. O riso é o final do racional, o pranto é o uso da razão. Para confirmação desta, que julgo evidencia, não quero mais prova que o mesmo mundo, nem menor prova que o mundo todo. Quem conhece verdadeiramente o mundo, precisamente ha de chorar; e quem ri, ou não chora, não o conhece.

Que é este mundo, senão um mappa universal de miserias, de trabalhos, de perigos, de desgraças, de mortes? E á vista de um theatro immenso, tão tragico, tão funesto, tão lamentavel, aonde cada reino, cada cidade e cada casa continuamente mudam a scena, aonde cada sol que nasce é um cometa, cada dia que passa um estrago, cada hora e cada instante mil infortunios; que homem haverá (se acaso é homem) que não chore? Se não chora, mostra que não é racional; e se ri, mostra que tambem são risiveis as feras.

Mas se Democrito era um homem tão grande entre os homens e um philosopho tão sabio e se não só via este mundo, mas tantos mundos, como ria? Poderá dizer-se que elle ria, não deste nosso mundo, mas daquelles seus mundos.

E com razão; porque a materia de que eram compostos os seus mundos imaginados, toda era de riso. E' certo porém, que elle ria neste mundo e que se

ria deste mundo. Como pois se ria ou podia rir-se Democrito do mesmo mundo e das mesmas cousas, que via e chorava Heraclito? A mim, senhores, me parece, que Democrito não ria, mas que Democrito e Heraclito ambos choravam, cada um ao seu modo.

Que Democrito não risse, eu o provo, Democrito ria sempre: logo nunca ria. A consequencia parece difficil e é evidente. O riso, como dizem todos os philosophos, nasce da novidade e da admiração e cessando a novidade ou a admiração, cessa tambem o riso; e como Democrito se ria dos ordinarios desconcertos do mundo, e o que é ordinario e se vê sempre não póde causar admiração nem novidade; segue-se que nunca ria, rindo sempre, pois não havia materia que motivasse o riso.

Nem se póde dizer que Democrito se incitava a rir de alguma cousa que visse ou encontrasse de novo: porque sempre e em todo o logar ria, e quando sahia de casa já sahia rindo: logo ria do que já sabia, logo ria sem novidade nem admiração: logo o que nelle parecia riso não era riso.

Confirma-se mais esta verdade com o motivo e intenção de Democrito; porque não póde haver riso que senão origine de causa que agrade: tudo o de que Democrito se ria, não só lhe desagradava muito, mas queria mostrar que lhe desagradava: logo não se ria; e se não ria, que era o que fazia, a que todos chamavam riso? Já disse que era pranto e que Democrito chorava, mas por outro modo. Ora vêde.

Ha chorar com lagrimas, chorar sem lagrimas e chorar com riso: chorar com lagrimas é signal de dôr moderada; chorar sem lagrimas é signal de maior dôr; e chorar com riso é signal de dôr summa e excessiva. Para prova da primeira e segunda differença de chorar com lagrimas, ou sem ellas, é notavel o exemplo, que refere Herodoto de Psamnito, rei do Egypto.

Perdendo Psamnito o reino, viu em primeiro logar suas filhas vestidas como escravas e não chorou, viu depois seu filho primogenito descalço e carregado de ferros com as mãos atadas e um freio na bocca e não chorou; e vendo este mesmo Psamnito e com o mesmo coração, que um seu antigo criado pedia esmola, derramou infinitas lagrimas. Oh grande rei e grande interprete da natureza! Chora com lagrimas a miseria

do criado e sem lagrimas a desgraça dos filhos; assim respondeu elle á pergunta de Cambises: *Domestica mala graviora sunt, quam ut lacrymas recipiant.* Com o mesmo pensamento, não menos regio, nem menos varonil, Hecuba, com a corôa perdida e a patria abrazada, prohibiu as lagrimas ás damas de Troya, dizendo-lhes assim:

Quid effuso genas fletu rigatis?
Levita perpessæ sumus, si flenda patimur. [1]

A dôr moderada solta as lagrimas, a grande as enxuga, as congela e as sécca. Dôr que póde sahir pelos olhos, não é grande dôr; por isso não chorava Democrito; e como era pequena demonstração da sua dôr não só chorar com lagrimas, mas ainda sem ellas, para declarar-se com o signal maior, sempre se ria.

Nada digo que seja contrario aos principios da verdadeira philosophia e da experiencia. A mesma causa, quando é moderada e quando é excessiva, produz effeitos contrarios: a luz moderada faz vêr, a excessiva faz cegar; a dôr, que não é excessiva, rompe em vozes, a excessiva emmudece. Desta sorte a tristeza, se é moderada, faz chorar: se é excessiva, póde fazer rir: no seu contrario temos o exemplo: a alegria excessiva faz chorar e não só destilla as lagrimas dos corações delicados e brandos, mas ainda dos fortes e duros. Quando Minucio, livre do captiveiro, appareceu ao seu exercito, que era o romano: *In lætitiam tota castra effusa sunt, ut prægaudio militibus omnibus lacrymæ manarent* [2] diz Plutarco. Pois se a excessiva alegria é causa do pranto, a excessiva tristeza porque não será causa do riso? A ironia tem contraria significação do que sôa: o riso de Democrito era ironia do pranto: ria, mas ironicamente, porque o seu riso era nascido de tristeza, e tambem a significava; eram lagrimas transformadas em riso por metamorphoses da dôr: era riso, mas com lagrimas, como aquelle de quem disse Estacio:

Lacrymosos impia risus audiit.

[1] Senec. in Troad.
[2] Plutarch. in Fab.

Na guerra morrem muitos soldados rindo; e a razão é, diz Aristoteles, porque são feridos no diafragma. Não ria Democrito como contente, ria como ferido: recebia dentro do peito todos os golpes do mundo e tão mal ferido ria.

Os olhos com injustiça se poderão queixar desta minha philosophia: o pranto chamava-se assim, porque se batiam as mãos uma com a outra, quando se chorava; porque para chorar não são precisos os olhos, e não seria próvida a natureza se, havendo sido a origem de tantos pezares, lhes désse um só desafogo; e se choram as mãos, a bocca porque não ha de chorar? Heraclito chorava com os olhos, Democrito chorava com a bocca; o pranto dos olhos é mais fino, o da bocca é mais mordaz; e este era o pranto de Democrito. De sorte, que na minha consideração, não só Heraclito, mas Democrito chorava, só com a differença, de que o pranto de Heraclito era mais natural, o pranto de Democrito mais exquisito; e tudo merece este mundo, digno de novos e exquisitos prantos, para ser bastantemente chorado.

Mas porque esta minha supposição me separa do problema e póde parecer, que, como muitas vezes succede, me aparte da opinião commum para fugir da difficuldade: seja embora o riso de Democrito verdadeiro e proprio riso, appareçam em juizo um e outro philosopho, para que ouvidos ambos, se veja claramente a razão de cada um, e confio do merecimento da causa que será tão justa a sentença, que Democrito saia chorando, e Heraclito rindo.

Seneca, no livro *De Tranquillitate*, fallando destes dois philosophos, dá a razão porque sempre ria um e chorava outro, com estas judiciosas palavras: *Hic, quoties in publicum processerat, flebat, ille ridebat: huic omnia, quæ agimus, miseriæ, illi ineptiæ videbantur.* Democrito ria, porque todas as coisas humanas lhe pareciam ignorancias; Heraclito chorava, porque todas lhe pareciam miserias: logo maior razão tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; porque neste mundo ha muitas miserias que não são ignorancias, e não ha ignorancia que não seja miseria.

As miserias e os trabalhos que padecem os mortaes, ou por obrigação da natureza, ou por remedio da fortuna, ou por sustento da vida, ou por conservação

do estado particular e publico, são miserias, mas não são ignorancias, porque as governa a prudencia, por necessidade, por conveniencia, por honra e por decoro.

Pelo contrario, todas as ignorancias que se commettem no mundo, as que se fazem, as que se dizem, as que se cuidam, todas são miserias, porque todas se commettem, ou por erro do entendimento, ou por desordem da vontade; e este erro e esta desordem, não só é miseria, mas a maior miseria, porque direitamente se oppõem á luz e ao imperio da razão, na qual consiste toda a nobreza e felicidade do homem. Aquellas miserias causam ao homem dôres e trabalhos, estas o fazem verdadeiramente miseravel e infeliz; e supposto que umas e outras sejam dignas de lagrimas, e as lagrimas das ignorancias são lagrimas de peor côr; estas fazem córar o rosto, aquellas não. Foi esta distinção achada com alta philosophia pelo engenho de Ovidio nas lagrimas de Penteu.

Essemus miseri sine crimine, sorsque querenda,
Non celanda foret: lacrymæque pudore carerent. [1]

E como nem todas as miserias são ignorancias, e todas as ignorancias são miserias, e as maiores miserias, muito maior materia e muito maior razão tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; antes digo, que só Heraclito tinha toda a razão e Democrito nenhuma. Todas as miserias humanas eram o assumpto de Heraclito, e o de Democrito só uma parte dellas; e como toda a miseria é causa da dôr, e nenhuma dôr póde ser causa do riso, o riso de Democrito não tinha causa nem motivo algum que o justificasse.

Póde ser que me responda algum metaphysico que Democrito distinguia nas ignorancias, aquillo que é ignorancia, daquillo que é miseria: e que se ria das miserias, não como miserias, mas como ignorancias. Porém esta distinção, de mais de ser indigna de um philosopho moral, é falsa e impossivel, por ser contra a natureza e essencia do riso. O ridiculo, ou o objecto do riso, como define Aristoteles: *Est turpe sine*

[1] Ovid. *Metamorph.*, Livr. 3.º.

dolore, é uma tal deformidade, que exclue todo o motivo de dôr; e como a ignorancia precisamente está sempre unida com o motivo da dôr, que é a miseria, por isso nem é, nem póde ser materia do riso.

Esta é a verdadeira e solida razão, porque no juizo de todos os philosophos se inventou a comedia. Viram os Sabios das republicas, que para desafogo, divertimento e alegria dos povos, era necessaria alguma materia de riso; e porque o riso não podia nascer da deformidade, ou vicio verdadeiro, pela união natural que tem com a dôr; que fizeram? Inventaram sabiamente as ficções da comedia, para que o ridiculo da imitação, como supposto e não verdadeiro, ficasse separado da dôr. Um aleijado com um pé de pau, uma velha decrepita e trémula, um pobre remendado e enfermo, um cego e um frenetico, um insensato, no theatro fazem rir; e porque? Porque áquelles defeitos são suppostos e não verdadeiros; que se fossem verdadeiros, seriam motivo da commiseração e não de riso; e como os defeitos e vicios de que ria Democrito, eram verdadeiros defeitos e verdadeiros vicios, não tinha o seu riso algum motivo; mas se não tinha motivo, como ria? Ria-se por abuso intoleravel do motivo opposto, collocando o riso sobre o motivo do pranto; ria-se das verdadeiras miserias e do verdadeiro motivo da dôr: philosophia inhumana e contraria a toda a razão e praticada unicamente na escola da inveja, da qual diz o Poeta:

Risus abest, nisi quem visi movere dolores. [1]

E se o fim destes dois philosophos (como verdadeiramente era) foi manifestar ao mundo o desconcerto do seu estado e persuadir aos homens o erro dos seus juizos, a desordem dos seus desejos e a vaidade das suas fadigas: tambem para este fim tinha muito maior razão Heraclito de chorar, que Democrito de rir.

A primeira introducção e disposição de quem quer persuadir, ensinada e usada de todos os oradores, é conciliar a benevolencia do theatro: esta conciliava Heraclito e não Democrito; porque quem chora, lasti-

[1] Ovid. *Metamorph.*

ma; e quem ri, despreza; e a compaixão concilia amôr, o desprezo odio e aborrecimento; quem ri, exaspera; quem chora, enternece; e quem quer imprimir os seus affectos e a sua doutrina nos corações, não deve endurecel-os, deve abrandal-os. O agricultor, para colher os fructos, rega as plantas; o impressor, para imprimir as lettras, molha o papel; e assim o deve fazer com as lagrimas, quem quer imprimir os seus affectos e colher o fructo das suas persuações.

Ulysses, naquella sua famosa oração contra Ayace na contenda das armas de Achilles, podendo fiar-se tanto da sua copiosa eloquencia, adornou o seu exordio com lagrimas; e porque não as tinha verdadeiras, chorava-as fingidas.

Manuque simul veluti lacrymantia tersit
Lumina. [1]

Não de outra sorte devia fazer Democrito, ainda que fosse contra o jocoso do seu genio. Devia aproveitar-se da bocca, não para rir, mas para humedecer os olhos e fingir as lagrimas; assim o ensina com a sua natural agudeza aquelle mestre que professou em Roma a arte de conciliar o amôr e de abrandar os corações:

Si lacrymæ (neque enim veniunt in tempore semper)
Deficiant, uncta lumina tinge manu.

Quanto á força e efficacia de persuadir, muito mais fortemente apertava e persuadia Heraclito chorando, que Democrito rindo; porque quem ri, attenua e allivia os males; quem chora, os accrescenta e faz mais sensiveis e pezados; quem ri, mostra que são dignos de zombaria; quem chora, prova que são dignos de lastima; quem ri por exemplo e por sympathia, move a rir; quem chora por exemplo e com razão, ensina a chorar; porque se os meus males são taes, que movem a contínuas lagrimas nos outros, quanto mais os devo eu chorar, pois os padeço?

Finalmente Democrito ria sempre; e Heraclito sempre chorava; e este *sempre* tambem era por parte de

---

[1] Ovid. *Metamorph.*, L. XV

Heraclito e contra Democrito: por parte de Heraclito, porque ser o seu pranto contínuo o fazia mais efficaz: contra Democrito, porque ser o seu riso contínuo o fazia ridiculo. Não é minha a censura, nem é nova, mas apotegma antiquissimo do philosopho Plistarco: O riso, dizia elle, se é pouco, passa: se é muito, offende. Cicero, como se vê nas suas Orações, respondia muitas vezes rindo aos argumentos da parte contraria; que é solução muito facil, quando os argumentos são difficeis; mas que louvores deram a Cicero deste seu riso? Disse-o Plutarco. Sendo Cicero Consul e defendendo Murena, ria muito, como costumava, da doutrina dos Estoicos e não podendo soffrel-o Catão, lhe disse publicamente: *Dii boni, quam ridiculum habemus consulem!* [1] Com muita mais causa Democrito, porque ria sempre, se fazia ridiculo, e zombando do juizo dos outros, expunha o seu á zombaria.

Os meninos riem-se muito facilmente e os doidos sempre se riem: e diz Aristoteles, que os meninos se riem porque têm pouco sizo, e os loucos, porque de todo o não têm; e eu creio verdadeiramente que não faço grande offensa a Democrito, porque um homem, que de um mundo via muitos mundos, era signal que tinha perturbadas as especies e enferma a phantasia; e quem se havia de mover a um tal riso?

Não assim o pranto de Heraclito, que por ser contínuo, se fazia mais forte e efficaz: *Lacryma citò siccatur, præsertim in alienis malis*, diz Tullio. E sendo o pranto de Heraclito pelos males alheios, sem que nunca se seccassem as suas lagrimas; que coração haveria tão duro e obstinado, que se não abrandasse e rendesse a um tal pranto? Eram as lagrimas de Heraclito, como a agua, que cahindo pouco a pouco, vai limando suavemente os marmores e em fim os rompe. Não digo eu sómente as marmores;

Lacrymis adamantia movebis,

diz atrevida, mas verdadeiramente Ovidio. As lagrimas, como lhe chamou o melhor philosopho da Grecia, são sangue da alma; e este (não o outro fabuloso) é o

[1] Cicer. de Partit. 31.

que lavra os diamantes. O coração mais diamantino, como tantas vezes se queixava Agamenon, foi o de Achilles; e com tudo confiava e presumia Briscidi, que sem dizer uma só palavra, (como fazia Heraclito) com as suas lagrimas sómente o despedaçaria e o desfaria em pó; assim o diz ella na discreta carta escripta ao mesmo Achilles.

Sis licet immitis, marisque ferocior undis,
Ut taceam lacrymis comminuere meis. [1]

Tal era a efficacia invencivel do pranto de Heraclito e tal a debilidade ridicula do riso de Democrito.

Não quero com tudo que seja minha a sentença entre estes dois philosophos, seja de outro philosopho que os eguale em auctoridade e sciencia. O grande philosopho Dion, como refere Estobeu, fallando do pranto e do riso, conclue assim: *Mihi sanè facies magis videtur ornari lacrymis, quam risu: lacrymis enim ut plurimum bona aliqua doctrina conjungitur; risui verò lascivia, et flendo quidem nemo sibi conciliavit authorem contumeliæ, ridendo autem spem dedecoris auxit.* [2] Esta é a sentença.

Mas deixando já o riso de Democrito afogado no pranto de Heraclito, para acabar o meu primeiro argumento, busco outra vez a prova universal do mundo. Que esperança, que logar póde ter neste mundo o riso, se todo o mundo chora e ensina a chorar? Choram os homens como racionaes e sensitivos, e ainda as cousas sem razão e sem sentido choram: estas são as lagrimas que o Principe dos Poetas chamou profundamente lagrimas de todas as coisas:

Sunt lacrymæ rerum, et mentem mortalia tangunt. [3]

Não residem as lagrimas só nos olhos, que vêm os objectos, mas nos mesmos objectos, que são vistos; alli nascem as lagrimas, aqui correm; e se as mesmas cousas que não vêm, choram, quanto mais razão tem

---

1 Ovid. Ep. Briscil. ad Achil.
2 Stob. Ser. 72.
3 Eneida, I.

o homem que vê e se vê? Não quero o testemunho dos miseraveis, não, só quero o dos mais ditosos.

Quem ha neste mundo tão favorecido, ou tão divinisado pela sua fortuna, que possa presumir de não ter que chorar? Aquelles mesmos, que mais se riem por fóra, mais choram por dentro. Aqui tinhamos antigamente em Roma um cortezão chamado Héros, o qual chorava sempre, não tanto os males proprios, quanto os bens alheios; e diz assim Marcial:

Quam multi faciunt, quod Heros, sed lumine sicco!
Pars maior lacrymas videt, et intus habet.

Oh se este *intus* se visse! São as lagrimas como as aguas do rio Alfeu: este rio, umas vezes caminha descoberto, outras se occulta por debaixo da terra, mas sempre corre: as lagrimas plebeas deixam-se vêr; as lagrimas equestres, senatoriaes e consulares, são invisiveis, mas lagrimas. Das lagrimas que se derramaram nas exequias de Germanico, dizia Tacito: *Periisse Germanicum nulli jactantius mœrent, quam qui maximè lætantur.* [1] O contrario é mais commum e mais verdadeiro: *Qui jactantius lætantur, maximè mœrent.* Mas quando ninguem chorasse, nem por fóra, nem por dentro; quando este mundo e todos os homens rissem, então todo o mundo e todos os homens seriam mais dignos de commiseração e de lagrimas: *Quid enim miserius misero, non miserente seipsum?*

E se tudo isto não basta, senhores, para que a causa do pranto tenha merecido a seu favor os vossos votos, em nome do mesmo pranto appellarei eu da sentença para aquelle justissimo tribunal, para quem appellou Apelles. Vencido Apelles em um concurso de pintores: *Appello* (disse) *ad tribunal naturæ.* E porque os animaes vivos se enganavam com os que elle havia pintado e as aves com os fructos, a natureza fez a Apelles a justiça que lhe tinham negado os homens; assim o faço eu, senão venceu o pranto. *Appello ad tribunal naturæ.* Seja meu interprete o historiador da mesma natureza. *Flens animal cæteris imperaturum à suppliciis vitam auspicatur, unam tantum ob*

[1] Annal.

culpam, quia natus est. [1] Nasce o homem, diz Plinio, já chorando, e sem outra culpa mais que haver nascido, fica condemnado a perpetuo pranto, começa a vida e o pranto juntamente: para que saiba, que se vem a este mundo vem para chorar. O mais aprenderá depois, porque é arte; para o pranto nasce já ensinado, porque é natureza: *Non aliud naturæ sponte, quam flere.* Esta é a sentença irrefragavel da natureza, e esta a natureza dos mortaes: é o homem risivel, mas nascido para chorar; porque se a primeira propriedade é o risivel, o exercicio proprio do mesmo racional e o uso da razão é o pranto.

E se alguem me replicar, que se o homem não risse, ficaria ociosa a potencia do rir contra o fim da mesma natureza: a uma instancia tão forte não posso responder só como philosopho natural, (como observei em todo este discurso) mas responderei como philosopho christão. Respondo e pergunto: Se o homem, pela transgressão, não tivesse perdida a felicidade em que foi creado, choraria, ou não? E' certo, que nunca chorariam os homens, se fossem conservados naquelle estado, e as lagrimas, que agora ha, não as haveria então: logo, se na felicidade daquelle tempo estaria ociosa a potencia do chorar, na miseria deste tempo esteja ociosa a potencia do rir, etc.

INDICE

Sermão gratulatorio e panegyrico 5
Discurso apologetico 33
Sermão de acção de graças... 97
Sermão gratulatorio a S. Francisco Xavier 121
Sermão do felicissimo nascimento da infanta Theresa Francisca Josepha 145
Sermão de acção de graças... 165

ORAÇÕES FUNEBRES

Sermão nas exequias do serenissimo infante de Portugal Dom Duarte 199
Sermão nas exequias do serenissimo principe de Portugal D. Theodosio 261
Sermão nas exequias d'El-Rei D. João IV... 281
Sermão nas exequias do conde de Unhão... 299
Palavra de Deus empenhada no Sermão das exequias da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya... 325
Sermão nas exequias de D. Maria de Athaide... 359
Sermão da agonia do Senhor no Horto 381
Cartas do Rev.mo P.e João Paulo Oliva ... ... 394 e 396
Lagrimas de Heraclito defendidas em Roma pelo Padre Antonio Vieira contra o riso de Democrito... 398

[1] Plin. in Præs. Libr. 7.º

Indice geral dos Sermões contidos n'esta edição

VOLUME I

Sermão da Sexagesima 1
Sermão da Primeira Dominga do Advento. . . 35
Sermão da Primeira Dominga do Advento . . 61
Sermão da Primeira Dominga do Advento . . 101
Sermão da Segunda Dominga do Advento . . 147
Sermão da Terceira Dominga do Advento . . 173
Sermão da Terceira Dominga do Advento. . 201
Sermão da Quarta Dominga do Advento . . . 227
Sermão do Nascimento do Menino Deus . . . 257
Sermão Domestico na vespera da Circumcisão do Senhor 273
Sermão dos Bons Annos 291

VOLUME II

Sermão da Epiphania 5
Sermão de dia de Reis 59
Sermão da Terceira Dominga (Post Epiphaniam) 93
Sermão das Quarenta Horas 123
1.º Sermão de Quarta Feira de Cinza 151
2.º Sermão de Quarta Feira de Cinza 173
3.º Sermão de Quarta Feira de Cinza 205
Commento ou Homilia sobre o Evangelho da Segunda Feira da Primeira Semana da Quaresma 233
1.º Sermão da Primeira Sexta Feira da Quaresma. 255
2.º Sermão da Primeira Sexta Feira da Quaresma. 281
3.º Sermão da Primeira Sexta Feira da Quaresma. 315
1.º Sermão da Primeira Dominga da Quaresma . 349
2.º Sermão da Primeira Dominga da Quaresma . 379

VOLUME III

Sermão da Primeira Dominga da Quaresma . . 5
1.º Sermão da Segunda Dominga da Quaresma . 25
2.º Sermão da Segunda Dominga da Quaresma . 53
Sermão da Segunda Feira depois da Segunda Dominga da Quaresma 87
Sermão da Segunda Quarta Feira da Quaresma . 131

Sermão da Terceira Dominga da Quaresma . . 161
1.º Sermão da Terceira Quarta Feira da Quaresma 203
2.º Sermão da Terceira Quarta Feira da Quaresma 233
3.º Sermão da Terceira Quarta Feira da Quaresma 259
Sermão do Demonio Mudo 295
Sermão do Quarto Sabbado da Quaresma . . . 327
Sermão do Sabbado Quarto da Quaresma . . . 367

VOLUME IV

1.º Sermão da Quarta Dominga da Quaresma . 1
2.º Sermão da Quarta Dominga da Quaresma . 17
3.º Sermão da Quarta Dominga da Quaresma . 49
Sermão da Quinta Terça Feira da Quaresma . . 71
Sermão da Quinta Quarta Feira da Quaresma . 83
1.º Sermão da Quinta Dominga da Quaresma . 115
2.º Sermão da Quinta Dominga da Quaresma . 143
3.º Sermão da Quinta Dominga da Quaresma . 167
Sermão da Sexta Feira da Quaresma 197
Sermão do Sabbado antes da Dominga de Ramos 221
Sermão de Dia de Ramos 241
1.º Sermão do Mandato 265
2.º Sermão do Mandato 297
3.º Sermão do Mandato 327
4.º Sermão do Mandato 361
5.º Sermão do Mandato 397

VOLUME V

Sermão do Mandato 5
Sermão das Dôres da Sacratissima Virgem Maria 29
Prat ca Espiritual da Crucifixão do Senhor . . 39
Sermão do Bom Ladrão 55
Sermão das Lagrimas de S. Pedro 89
Sermão da Madrugada da Resurreição 111
Sermão da Resurreição de Christo Senhor Nosso 125
Sermão da Resurreição de Christo 163
1.º Sermão da Primeira Oitava da Paschoa . . 181
2.º Sermão da Primeira Oitava da Paschoa . . 203
Sermão da Segunda Oitava da Paschoa . . . 237
Sermão da Quarta Dominga da Paschoa . . . 265
Sermão da Ascenção de Christo Senhor Nosso . 303
Exhortação Primeira em Vespera do Espirito Santo 343

1.º Sermão do Espirito Santo 361
Sermão do Santissimo Sacramento 395

VOLUME VI

1.º Sermão do Santissimo Sacramento (Em dia do Corpo de Deus) 5
2.º Sermão do Santissimo Sacramento . . . 45
3.º Sermão do Santissimo Sacramento 65
4.º Sermão do Santissimo Sacramento . . . 83
5.º Sermão do Santissimo Sacramento 117
Sermão da Dominga Decima Sexta (Post Pentecosten) 147
Sermão da Dominga Decima Nona (Depois do Pentecostes) 181
1.º Sermão da Dominga Vigesima Segunda (Post Pentecosten) 213
2.º Sermão da Dominga Vigesima Segunda (Post Pentecosten) 241
Sermão de S. Gonçalo 273
Sermão de S. Sebastião 313
Sermão de S. Pedro Nolasco 327
Sermão do Esposo da Mãe de Deus S. José . . 355
Sermão do Gloriosissimo Patriarcha S. José . . 379
Sermão de S. José 405

VOLUME VII

Sermão da Santa Cruz 5
1.º Sermão de Santo Antonio 27
2.º Sermão de Santo Antonio 55
3.º Sermão de Santo Antonio 75
4.º Sermão de Santo Antonio 109
5.º Sermão de Santo Antonio 133
6.º Sermão de Santo Antonio 157
7.º Sermão de Santo Antonio 201
8.º Sermão de Santo Antonio 223
9.º Sermão de Santo Antonio 255
Sermão de S. João Baptista 287
Sermão de S. Pedro 319
Sermão da Rainha Santa Isabel 351
Sermão de Santo Ignacio 375

VOLUME VIII

Sermão das Cadèas de S. Pedro 5
1.º Sermão de S. Roque 31
2.º Sermão de S. Roque 55
3.º Sermão de S. Roque 81
4.º Sermão de S. Roque 111
Sermão para o dia de S. Bartholomeu 145
Sermão de Santo Agostinho 169
Sermão na Degollação de S. João Baptista . . 213
Sermão da Exaltação da Santa Cruz 237
1.º Sermão das Chagas de S. Francisco . . . 257
2.º Sermão das Chagas de S. Francisco . . . 277
Sermão de Santa Thereza e do Santissimo Sacramento 295
Sermão de Santa Thereza 333
Sermão do Evangelista S. Lucas 371

VOLUME IX

Sermão de Santa Iria 5
Sermão de Todos os Santos 31
Sermão do Beato Estanislau Kostka 71
1.º Sermão de Santa Catharina 97
2.º Sermão de Santa Catharina 133
Sermão de Santa Barbara 167
Sermão de S. João Evangelista 199
Sermão de Santo Estevão 221
Sermão do Nascimento da Mãe de Deus . . . 235
Sermão do Nascimento da Virgem Maria . . . 261
Exhortação Domestica em Vespera da Visitação . 289
1.º Sermão da Visitação de Nossa Senhora . . 303
2.º Sermão da Visitação de Nossa Senhora . . 327
Sermão de Nossa Senhora do Carmo 357
Sermão da Gloria de Maria 393

VOLUME X

Sermão de Nossa Senhora da Graça 5
Sermão de Nossa Senhora de Penha de França . 37
Sermão do Santissimo Nome de Maria . . . 63
Sermão da Conceição Immaculada da Virgem Maria N. S. 109

Sermão da Conceição da Virgem Senhora Nossa . 137
Sermão de Nossa Senhora da Graça 155
Sermão de Nossa Senhora do O' 189
Sermão de Nossa Senhora da Conceição . . . 217

Sermões do Rosario

Sermão 1.º 239
Sermão 2.º 271
Sermão 3.º 315
Sermão 4.º 353
Sermão 5.º 377

VOLUME XI

Sermão 6.º 5
Sermão 7.º 43
Sermão 8.º 71
Sermão 9.º 95
Sermão 10.º 125
Sermão 11.º 151
Sermão 12.º 191
Sermão 13.º 229
Sermão 14.º 255
Sermão 15.º 287
Sermão 16.º 315
Sermão 17.º 352

VOLUME XII

Sermão 18.º 5
Sermão 19.º 37
Sermão 20.º 75
Sermão 21.º 109
Sermão 22.º 139
Sermão 23.º 169
Sermão 24.º 199
Sermão 25.º 239
Sermão 26.º 271
Sermão 27.º 301
Sermão 28.º 335
Sermão 29.º 363

VOLUME XIII

Sermão 30.º 5

Sermões consagrados á glorificação de S. Francisco Xavier

Xavier dormindo 35
Sonho primeiro 45
Sonho segundo 73
Sonho terceiro 109
Conclusão aos sonhos de Xavier dormindo . . 145
Prefacção aos desvelos de Xavier acordado . . 147
Sermão primeiro — ANJO. 151
Sermão segundo — NADA 175
Sermão terceiro — CONFIANÇA 199
Sermão quarto — PERTENDENTES 223
Sermão quinto — JOGO 243
Sermão sexto — ASSEGURADOR 261
Sermão setimo — DOIDICES 277
Sermão oitavo — FINEZAS 299
Sermão nono — BRAÇO 325
Sermão decimo da sua canonisação 355

VOLUME XIV

Sermão undecimo do seu dia 5
Sermão duodecimo da sua protecção 37

Sermões d'assumptos varios

Sermão das Obras de Misericordia 63
Sermão ao Enterro dos Ossos dos Enforcados . 91
Sermão da Publicação do Jubileu 115
Sermão da Bulla da Santa Cruzada 143

As cinco Pedras da Funda de David

Noticia previa 171
Exordio 172
Discurso primeiro 175
Discurso segundo 193
Discurso terceiro 213
Discurso quarto 233
Discurso quinto 257

Sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda 279
Sermão pelo bom successo de nossas armas . . 307
Sermão historico e panegyrico nos annos da serenissima Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya 335

VOLUME XV

Sermão gratulatorio e panegyrico 5
Discurso apologetico 33
Sermão de acção de graças 97
Sermão gratulatorio a S. Francisco Xavier . . 121
Sermão pelo felicissimo nascimento da infanta Thereza Francisca Josepha 145
Sermão de acção de graças 165

Orações funebres

Sermão nas exequias do serenissimo infante de Portugal Dom Duarte 199
Sermão nas exequias do serenissimo principe de Portugal D. Theodosio 261
Sermão nas exequias d'El-rei D. João IV . . . 281
Sermão nas exequias do conde de Unhão . . 299
Palavra de Deus empenhada no Sermão das exequias da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya 325
Sermão nas exequias de D. Maria de Athaíde . 359
Sermão da agonia do Senhor no Horto 381
Cartas do Rev.mo P.e João Paulo Oliva . 394 e 396
Lagrimas de Heraclito defendidas em Roma pelo Padre Antonio Vieira contra o riso de Democrito 398

252
V 673
9117
AUTHOR VIEIRA, ANTONIUS
TITLE Sermoes, XV
DATE LOANED
BORROWER'S NAME
STORAGE - CBPL
ROOM NUMBER

9117